

FRANCISCO MARTINS DOS SANTOS



História de Santos



Impresso na Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes"
Rua Xavier de Toledo, 72 — S. Paulo

HISTORIA DE SANTOS

1532 - 1936

FRANCISCO MARTINS DOS SANTOS

HISTORIA DE SANTOS

“Santos, nas afirmações do seu patriotismo e na cooperação para as reformas sociaes e politicas do paiz, jamais foi excedida por qualquer outro nucleo de população brasileira; e, muitas vezes, nas agitações prodromicas dessas reformas, como na questão abolicionista, desde a sua primeira etapa, e na do movimento de protesto contra o terceiro reinado, foi sem contraste, a cidade “leader” da opinião publica, no Brasil.

Ao nobre concurso civico prestado nos grandes acontecimentos nacionaes, junta a terra eleita de Braz Cubas os mais bellos exemplos de fraternidade social e de altruismo, nos momentos de angustia e de luto publicos, e nas calamidades meteóricas como seccas, inundações, etc., que têm por vezes flagellado outros centros de população brasileira ou regiões inteiras do nosso território.”

(Dr. Xavier da Silveira Junior — 1902).

1532 - 1936

VOLUME II

1937

EMPRESA GRAPHICA DA «REVISTA DOS TRIBUNAES»

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72 — SÃO PAULO

INDICE

	PAGS.
XXIII — ABOLIÇÃO E REPUBLICA	1 a 82
Historico dos dois Movimentos em Santos. Suas origens, seus vultos e seus factos principais.	
XXIV — HISTORICO DA IMPRENSA SANTISTA . . .	83 a 100
Seu desenvolvimento e seus vultos principais, de 1848 a 1936.	
XXV — TOPONYMIA SANTISTA	101 a 137
Origem e significação dos nomes brasílicos e portuguezes applicados aos logares e bairros mais conhecidos da cidade e do município.	
XXVI — A REVOLUÇÃO PAULISTA DE 1932	138 a 167
A participação de Santos na grande pagina civica. Factos, aspectos e manifestações locais.	
XXVII — A SANTOS DE HOJE	168 a 184
O porto. Aspectos demographicos, economicos e sociaes. Pormenóres descriptos. Distribuição de actividades. Organização e intensidade do ensino publico, municipal, estadual e particular. Mentalidade, cultura e religião. Monumentação publica e critério architectonico.	
XXVIII — GALERIA BIOGRAPHICA SANTISTA. “DE VIRIS ILLUSTRIBUS URBIS SANTOS” — DE 1573 a 1903	185 a 452
APPENDICE — ALGUNS DOCUMENTOS	453 a 462

CAPITULO XXIII

Abolição e Republica

Histórico dos dois movimentos em Santos. Seus vultos e seus factos principaes

Este assumpto dos dois movimentos nacionaes que o Destino irmanou formando uma pagina bífrente da História brasileira, tem sido tratado em varias obras e por varios autores de capacidade vária, mas de um módo geral, debattido e esmiuçado sob os seus aspectos geraes, nacionaes; nunca teve, porem, quem o tratasse como expressão popular em seu aspecto isoladamente santista, “intra-muros” da cidade que foi o berço do ideal de igualdade e o baluarte do ideal de refórma. Eis o que vamos fazer subsidia-dos inestimavelmente, pelo concurso de muitos espectadores e participantes dos dois mais bellos espectáculos cívicos proporcionados á Historia pela cidade de Santos e pelo Estado de São Paulo.

A Abolição não sómente afastando da civilização brasileira a nódoa moral do captiveiro, mas principalmente restringindo a fôrte contribuição do sangue retrógrado na formação das novas gerações nacionaes, permittiu a penetração definitiva do progresso no Brasil e a renovação das suas Sociedades, representados pelo braço livre, pela actividade, pela intelligencia e pelo bom sangue europeus, canalizados para a Patria com as correntes immigratórias promovidas em substituição ao regime execrando. Por sua vez a Republica, afastando do paiz a estagnação agricola e industrial em que o Império o mantivera, apesar do esforço particular em vencel-a em São Paulo, libertando os municipios do acorrentamento politico-administrativo em que vegetavam, beneficiando-se com os fructos de certas sementes plantadas,

na vigencia do antigo regime e creando n6vos fructos de suas innova66es, construiu o novo Brasil, confundindo-se com o movimento humanitario na distribui66o dos merecimentos, fazendo dos annos de 1888 e 1889 os marcos de uma Patria renascida e annos depois inteiramente n6va.

O Brasil de ag6ra, 6, pois, uma consequencia dessas duas campanhas, sendo justo que lhes demos o merecido relevo, rendendo preito a S6o Paulo dentro do Brasil e a Santos dentro de S6o Paulo.

N6o podemos deixar de incluir num mesmo capitulo, o hist6rico dos dois movimentos genuinamente irm6os, porqu6, de facto, destacada da ac66o propriamente pol6tica e popular da segunda phase abolicionista a reac66o simplesmente agricola da primeira phase, verificada na Provincia de 1827 a 1870, como veremos, o movimento de repulsa ao elemento servil, deste ultimo anno em diante, processou-se em common com o movimento republicano, creando corpo atrav6z dos mesmos homens, caracterisando-se pelos mesmos passos, at6 os remates felizes de 88 e 89.

Quiz o Destino que a Santos coub6sse, propheticamente, por interm6dio de um seu filho illustre, a primeira demonstra66o publica de sentimento abolicionista em forma de protesto parlamentar. Coube a Jos6 Bonifacio de Andrada e Silva, no anno de 1823, entregar 6 considera66o da mentalidade brasileira, altamente representada na Assembl6a Constituinte do Imp6rio, realizada naquella anno, a sua famosa "Representa66o sobre a escravatura", p66a magnifica e altiloquente, onde a capacidade de um homem revelava toda a mis6ria social j6 produzida pela escravid6o e todas as desgra6as qu6 ella devia ainda produzir para o novo paiz em forma66o, suggerindo os meios de extingui-la sem ch6que para a economia particular.

Para a elabora66o daquelle monumento de cultura, patriotismo e humanidade, par6ce ter-se inspirado Jos6 Bonifacio no exemplo vivo da sua propria terra, pequena villa ent6o, de 4700 habitantes apenas, dos quaes 2000 eram escravos e 2700 livres, que j6 soffria as consequencias do mal combatido, pagando-o com a apresenta66o rigorosamente demographica, de 1400 mesti6os, mulatos, cafusos e caboclos entre as duas popula66es, quasi a ter6a parte de ambas, motivo indiscutivel do seu atrazo material de ent6o.

Apezar de n6o combater s6mente o estado social brasileiro, estagnado e m6rbido, decadente pela mesti6agem avulvente, m6s de apresentar tambem as medidas de previdencia

e applicação necessarias á extincção do escravismo sem chόque immediato para o capital, seu projecto cahiu diante da barreira intransponivel do systema arraigado e dos interesses em jogo. Elle vencera a politica de dois reinos, por assim dizer, fazendo uma nação, mas não poudo vencer o egoismo de uma sociedade que commerciava os seus semelhantes, tresandava a sangue e degradava o Brasil.

Isso talvez, mais do que outro qualquér factor, concorreu para sua quéda e desprestigio. Receiaram que as "idéas malucas" do homem que fizéa a independencia de um povo, fizessem tambem a independencia de uma raça, e a desgraça da plutocracia brasileira.

As palavras do grande santista (1), entretanto, não haveriam de cahir sómente no campo sáfaro da Cόrte, synthese do escravismo de todo o Império. Estava escripto que ellas, como sementes nóvas e generósas, deveriam encontrar o chão amigo e fértil de sua Provincia, onde germinariam para honra da Nação em principios e enaltecimento de São Paulo. Assim, desde ahi, a substituição do braço escravo pelo braço livre entrou a constituir um problema paulista, sempre sob estudo e applicação.

Falle a História por nós. Em Fevereiro de 1827 chegavam a Santos os primeiros colonos allemães, a bordo da "Maria", uma galéra hollandeza. Em Fevereiro de 1829 constituia-se a Colonia "Santo Amaro", junto á Capital; e, alguns annos depois, formava-se a Colonia de Ibicaba, em continuação ás tentativas de Vergueiro, o notavel Nicolau Vergueiro, iniciador e propulsor da immigração particular em São Paulo; demonstração flagrante e legitima de abolicionismo pacifico e prova evidente da mentalidade paulista.

A importação do homem branco e livre continuou em grande escala. Em 1847 fundava-se a "Colonia Vergueiro"; em 1852 organizavam-se as de "Sete Quédas" e "Tapéra" em Campinas, a de "Morro Grande" em Jundiahy; as de "Bery" e "Boa Vista" em Rio Claro, as de "São Jeronymo e Santa Barbara" e "Morro Azul" em Limeira; em 1853 as de "São Lourenço" e "Santo Antonio" em Constituição, a de "Novaes" em Lorena, a de "Varador" em Santa Isabel, a de "Lagôa Nóva" em Limeira, a de "São Joaquim" em Jundiahy, a de "Lagôa" em Ubatuba e a de "Morro Grande" em Rio Claro. De 1854 a 1857 fundavam-se mais, as de "Bôa

(1) Veja-se na biographia de José Bonifacio, a transcrição de alguns trechos da famosa "Representação".

Vista, "Santo Antonio", "São José", "Tatú", "Dores", "Cresciumal", "Cauvitinga", "Florence", "Nova Granada", "Getubá", "Independencia", "Pouso Alegre", "Angélica", "Bôa Esperança", "Laranjal", "Capitão Diniz", "Nova Louzã" e outras muitas em todos os pontos cardeaes da Provincia, sommando um total de 60.000 colonos europeus trazidos em dez annos, sangue novo injectado ás arterias esvahidas do espectro Provincial, que começou a crear o Estado de hoje.

Reagiram assim os verdadeiros paulistas da lavoura contra o regimen deshumano do trabalho forçado a que ridiculamente, tentou dar remédio a póbree Lei de 7 de Novembro de 1831, nada conseguindo senão salvar as apparencias.

Nenhuma lei no mundo foi mesmo tão ridicularisada como essa do governo brasileiro, que extinguiu o tráfico, substituida mais tarde por outra do mesmo valor, bastando para isso, que se diga, que nos quinze annos seguintes á sua decretação, entraram em todo o Brasil, nada menos de 300 mil escravos africanos, contrabandeados. (1)

A reacção popular, o movimento abolicionista propriamente dito, só teve inicio em Santos e São Paulo, apóz a terminação da Guerra do Paraguay, em 1870.

Desde que se fundára em São Paulo, em 1868, o Partido Liberal-Radical, onde se enfileiravam inicialmente, Rangel Pestana, Limpo de Abreu, Xavier da Silveira, os dois Ottoni, Felicio dos Santos e outros abolicionistas-republicanos, precedendo a Campos Salles, Prudente de Moraes, Bernardino de Campos, Francisco Glycério e tantos mais que a elle se filiariam depois, e cuja vóz transmittia-se ao publico pela "Opinião Liberal" cumprindo o seu programma de acção, onde constava, debaixo da mascara pacifica a campanha por todos os meios em pról da substituição do braço escravo pelo braço livre, appareceram os primeiros symptoms de reacção popular.

(1) Pelo relatorio do Ministerio da Agricultura, de 1884, existiam na Provincia de São Paulo naquelle anno, 173.267 escravos. Em 1888, quando se extinguiu a escravatura pela Lei de 13 de Maio, haviam na mesma Provincia, apenas 40.000 captivos. Vê-se ahi a grande obra abolicionista de S. Paulo precedendo a decretação das leis. Em quatro annos haviam sido libertados 133.000 infelizes.

Antes disso, porem, em consequencia da immigração particular, acima descripta, desde 1830 a 1884, tinham os paulistas dado liberdade a mais de 300.000 negros, substituindo-os pelos brancos importados e livres.

Em Santos appareciam os precursores da Abolição. D.^a Francisca Amalia de Assis Faria iniciára o custodeamento dos primeiros negros fugidos; o quintal da sua casa tornára-se para logo um pequeno quilombo, e, della partiram os primeiros convites a outras damas santistas para que fizessem o mesmo. Dentro em pouco orçavam por centenas as reclamações feitas ás autoridades pelos donos de escravos, contra o acoutamento dos fujões realizado pelas melhores familias da cidade, o que, exactamente, difficultava as providencias já de si lentas e quasi apparentes das mesmas autoridades. Assim se subtrahiram os primeiros escravos ás ignominias do captiveiro.

O coração da mulhér, é preciso que se diga, foi o primeiro a gritar o inicio da phase de acção, a proclamar com o seu exemplo, a necessidade da luta pela extinctão do barbaro e retrógrado regimen.

Naquelle mesmo anno de 1870, outra santista fundava em São Paulo a primeira sociedade libertadora, uma sociedade feminina, destinada a promover alforrias de captivos; éra D.^a Anna Bemvinda Bueno de Andrada, esposa do Conlheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, o santista que por acaso nascera em Mussidan na França, filha de Antonio Manoel da Silva Bueno, illustre filho de Santos, que tivéra assento nas Côrtes constituintes de Lisbôa em 1821 e que se refugiára na Inglaterra com os demais deputados brasileiros, cuja assignatura fôra negada á ignominiôsa Constituição dos portuguezes.

D.^a Anna Bemvinda Bueno de Andrada foi a fundadora e Presidente d' "A Emancipadora", sociedade especialisada na "libertação de escravas moças", e, um dos cobradores das mensalidades sociaes, foi seu filho, o então menino e depois illustre politico-republicano Dr. Bueno de Andrada.

No inicio dessa segunda phase, apenas alguns vultos de Santos appareciam como forças activas e organisadoras da corrente idealista, solidificando o grande ideal de solidariedade humana: Xaviér da Silveira, Francisco Martins dos Santos, Dr. Alexandre Martins Rodrigues Joaquim Xaviér Pinheiro, e João Octavio dos Santos.

Xaviér da Silveira pontificava na Capital, como precursôr de Luiz Gama e Antonio Bento, onde zurzia os escravocratas com a candencia do seu verbo poderoso e a elegancia da sua protecção ao captivo. Foi elle quem primeiro aconselhou, precedendo a todos os apóstolos da idéa, a fuga dos negros em massa dos nucleos de soffrimento, le-

vando seu enthusiasmo ao ponto de autorizar-lhes a reacção physica contra os senhores, defendendo-os depois perante o jury, das violencias commettidas, justificando-as perante o Direito. Contaram-se por centenas os casos entrêgues ao seu cuidado e as liberdades conseguidas por elle atravez de scenas muitas vezes dramáticas. (Veja-se a sua biographia). O proprio Luiz Gama concretizou a acção de Xavier da Silveira, annos depois, nestas palavras: — “Emquanto Xavier da Silveira viveu, a luz vinha de Santos, porque elle éra o



Xavier da Silveira

porta-bandeira da Abolição na provincia de S. Paulo, e nós todos esperavamos sempre a palavra de ordem, que vinha d'elle”. (Sic). Como em Santos o sentimento popular apresentava melhór tendencia em favor dos escravizados, Silveira encaminhava-os aos seus amigos e parentes daqui, pedindo-lhes que os conservassem em custódia por algum tempo, até que obtivessem as respectivas liberdades; e foi tal a dedicação do grande tribuno e poeta pela raça opprimida, que, ao primeiro fracasso havido no jury paulistano em defesa dos seus constituintes gratuitos, elle abandonou-o para nunca mais voltar ás suas barras, e o seu arrebatamento desse instante, ficou na história com as palavras ditas ao negro condemnado e aos jurados julgadores:

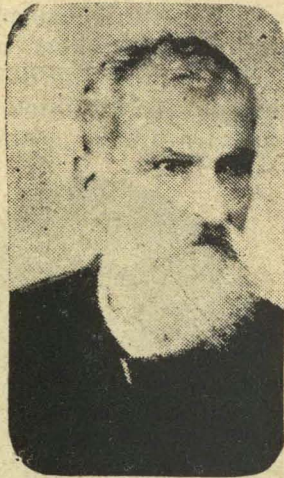
“Sê infeliz! Cumpre o teu destino angustioso e funesto, paria desherdado de toda protecção social! Sê infeliz! A tua defesa foi feita: — se houve n'ella sombras foram devidas á immensa noite de minha propria nihilidade intellectual; se houve luzes, foram devidas ás chammas da caridade em que me abraço! Senhores jurados! (disse num immenso grito, voltando-se para os julgadores) Eu nunca mais voltarei ao jury de São Paulo!”

E, de facto, elle não mais tornou ao tribunal popular da Capital; voltou definitivamente para Santos, sua terra, onde

fundou o matutino "A Imprensa" naquella anno de 1871, com capital de José Ignacio da Glória, e ahi, durante tres annos, os ultimos que lhe restavam de vida, foi o precursor do abolicionismo brasileiro, pugnando pela liberdade do negro que na guerra do Paraguay se nivelára ao branco, vivendo as mesmas horas tragicas, dignificando-se dentro dos mesmos heroismos, conquistando a um tal preço os direitos sagrados das criaturas. Silveira e "A Imprensa" formáram um só bloco, tornando-se ambos, a base angular da grande campanha paulista que devia vencer em 88. Sua grande voz clamou desde então pela igualdade dos homens como clamára pela liberdade de consciencia na famosa questão Ganganelli surgida contemporaneamente, como semente nova que devia germinar pelo tempo adeante, dando origem á futura mentalidade social de sua pátria.

Francisco Martins dos Santos era o chefe da intellectualidade santista de então; cidadão prestante, de grande cultura, escriptôr vigoroso, cabeça de numerosa familia ligada ao ramo Andrada, chefe de todas as iniciativas locais, membro principal de varias organizações religiosas e um dos grãos superiores da Maçonaria. Nessa qualidade, secundou elle as iniciativas de Xavier da Silveira, aconselhando o abolicionismo como fórmula evolucionária e necessidade social mais do que como devêr de humanidade, acoutando em sua chácara e nas casas e sitios de seus amigos e parentes, innumerados escravos, tentando generalisar o movimento popular em favôr da raça oprimida.

Por seu intermédio, toda a corrente cathólica local se encaminhou para o campo da Abolição, tornando possivel a unanimidade verificada mais tarde entre todas as camadas sociaes da cidade e a propria victória que corôou o movimento em Santos, antes mesmo que a Abolição official se fizesse em todo o Império. A sua qualidade de administrador da Recebedoria de Rendas da Provincia dava-lhe um realce de autoridade, capaz de influir no animo dos mais timoratos, induzindo-os a trabalhar pela libertação, adherindo á corrente libertadora.



Francisco Martins
dos Santos

O Dr. Alexandre Martins Rodrigues fôra juiz municipal durante muitos annos em Santos, ao tempo da guerra do Paraguay, e era chefe tambem de numerosa e illustre familia a cuja sombra se desenvolveram os primeiros passos redemptores da sociedade santista. Presidente da Camara de 1877 a 1880, homem extremamente culto e de alta mentalidade, jurisconsulto, liberal por principios, foi um dos bons organizadores dos primeiros planos, acobertando-os com a sua respeitabilidade e com o seu conceito, apoiando-se para principio da propaganda, num outro santista não menos respeitavel, o Dr. Luiz Ernesto Xavier, que occupára o juizado municipal em sua substituição, como elle fervoroso adepto da liberdade dos captivos. Quando veio para Santos o Dr. Garcia Redondo mandado pelo Governo Imperial para fiscalisar e superintender os serviços de reforma e reconstrução da Alfandega em 1876, Alexandre Rodrigues a elle se juntou, tornando-se no "Diario de Santos" e no "Commercio de Santos" um dos pontos eminentes da campanha ainda considerada em inicio. Foi nessa época que os seus esforços encontraram a grande cooperação de Augusto Fomm e



Dr. Alexandre Martins Rodrigues

do grupo idealista formado por Hyppólito da Silva, Padre Francisco Gonçalves Barroso, Sacramento Macuco e Antonio Manoel Fernandes, grupo este que em 1877, fundou "O Raio", o impetuoso órgão de combate que tanto influiu na preparação do espirito popular, naquelles primeiros annos da propaganda.

O Dr. Alexandre Martins Rodrigues, que já fôra uma vez despojado do cargo de juiz por suas idéas, chegou depois a ter tambem sua pösse no cargo de vereador municipal, impedida pelo Governo Provincial, que, contrariando o desejo do eleitorado livre, ordenou á situação conservadora santista a utilização de um processo politico anterior, de formas a evitar que elle fizésse parte da Camara, o que não

impediu entretanto, que elle, por seu grande conceito, fosse eleito e feito Presidente da mesma Camara, de 1877 a 1880.

Joaquim Xavier Pinheiro era o opulento proprietario da caieira do Paquetá, ao extremo da rua dos Quartéis, chefe liberal de largo acatamento, camarista a contar da legislatura de 1877 para deante. Alem do acoutamento proporcionado inicialmente aos negros em seus sitios do Quilombo, tornou-se depois, na quadra final da campanha, um dos seus maiores cooperadores, financiando com outros companheiros, diversos empreendimentos e o reducto livre de Jabaquára. Houve, porem, a lamentar na ultima phase do seu trabalho, o aproveitamento tirado por elle dos numerosos escravos confiados ao seu asylo, empregando-os nos rudes trabalhos do sitio distante, apenas a troco do esconderijo e comida, nada lhes pagando contra as combinações feitas entre os chefes abolicionistas, naturalmente com o fito de resarcir-se dos prejuizos verificados com a sua colaboração nas despesas da campanha, como viagens, alimentação dos refugiados de Jabaquára, compra de alforrias, custeio de acções judiciaes e outras de apparecimento constante. Isso, porem, não lhe tira todo o mérito da acção e não impede que a História o aponte como um dos responsaveis pela Abolição na Provincia de São Paulo.

João Octavio dos Santos era o abastado santista, um dos chefes liberâes, camarista desde 1866, que devia ser Presidente da Camara em 1883, bemfeitôr da cidade e finalmente creador do Instituto Escolastica Rosa, já em principios deste século, ao qual legou quasi toda a sua fortuna, e que, nesta campanha dispendeu apreciaveis quantias para libertação de captivos.



João Octavio dos Santos

Esses foram os precursores. A mocidade violenta da ultima quadra estava ainda em embrião.

Em 1874 desaparecia trágicamente, devorado pela varíola, o campeão Xavier da Silveira. Morria em sua casa dos Quartéis, o bairro que se tornara famoso nas luctas sanguinolentas contra o Vallongo; e, com o seu desaparecimento, parecia periclitár a grande causa provincial, parecia ficar na orphandade toda uma raça soffredora. Surgiu então em plena evidencia, o vulto generoso de Luiz Gama, que, vendido como escravo na Bahia pelo proprio pae, chegára um dia a Santos subindo para São Paulo, onde ao fim de algum tempo poudé assentar praça, passando tempos depois a escrivão da policia, a typógrapho, a estudante de Direito e finalmente a advogado eminente, companheiro de banca do jurisconsulto santista Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada (o II'), tornando-se afamado tribuno, poéta, jornalista e novo campeão da causa em favor da sua gente,



Luiz Gama

substituindo a Xavier da Silveira. Luiz Gama fez ainda com mais violencia talvez, o que fizera o "Silveirinha", mantendo a chama viva do entusiasmo entre as hostes cada vez mais numerosas do abolicionismo, mas, não teve também o prazer de assistir o triumpho da causa, e de ver que, ainda depois de 1882 até final da campanha, "a palavra de ordem" a que se referira fallando do tribuno santista desaparecido antes d'elle, continuara a partir de Santos, porquê Santos era o alicerce de todo o novo edificio social e moral em construcção, porquê nella foi que se fez o Jabaquára, ex-

pressão maxima de abolicionismo no Brasil, e porquê ella era a propria Liberdade para toda a raça condemnada e soffredôra.

Contam-se cousas formidáveis, já bastante divulgadas, a respeito do illustre advogado negro, mas, um dos factos marcantes da sua vida, foi o que occorreu em Santos, por

ocasião do barulhento inventario do millionário portuguez, o Commendador Ferreira Netto, o homem que construiu o grande prédio da Prefeitura actual, exageradamente grande para a época, na esperança de ver nelle installado o governo da Provincia. No inventário daquelle homem constavam mais de cem escravos negros deixados como herança aos seus descendentes, e ahi, tomando a defesa dos infelizes tomados como objectos ou propriedade vã, Luiz Gama, contendendo na tribuna do jury com o renomado orador que era José Bonifacio, á força de argumentos juridicos conseguiu vencel-o, tornando livres a todos os seus gratuitos constituintes, apesar de ser o eminente paulista um dos maiores tribunos parlamentares e juristas do Império e de pesár sobre os seus protegidos, prevenções e interesses facilmente comprehensíveis. (1)

Veio de casos assim e de outros de identica solução, a sua grande fama de apóstolo, fundando-se o seu renóme de profissional em sua real capacidade de jurista e orador.

Fazendo de Santos o seu ponto de apoio, Luiz Gama foi em São Paulo o grande alento da causa, prestes a entrar em sua phase decisiva sob um enthusiasmo cada vez maiór do povo.

O movimento abolicionista continuou na mesma marcha durante alguns annos, assistindo-se aqui e alli o repontar de uma força nóva, uma adhesão, um jornal, um facto alvicaireiro e a continuação da fé inabalavel dos homens que haviam jurado levar ao fim o trabalho proposto.

Cerca de 1880 appareceram as primeiras forças jovens reforçando as vélhas, reavivando o movimento e accentuando a victória.

Um conspiradôr destemeroso surgira entre os nóvos elementos, como uma das melhores esperanças da luta contra o captiveiro; era Americo Martins dos Santos (a nossa suspeição está perfeitamente resalvada pelo testemunho da época, pelo depoimento pessoal do citado e pela verdade dos factos). Moço de 28 annos, ex-cadete da Escola Militar, descendente de importante e tradicional familia santista, e decidido a todas as situações, integrou-se Americo Martins na corrente de que participava toda a sua gente, congregando desde logo os moços da sua idade para um movimento mais accentuado, de effeitos mais rapidos e palpaveis. E'

(1) Evaristo de Moraes — "A Campanha Abolicionista" — Pag. 259.

ahi que apparece a forte legião da mocidade abolicionista de Santos. Por sua iniciativa e de Xavier Pinheiro, realizou-se no anno de 1882 uma grande reunião em que tomaram parte Guilherme Souto Geraldo Leite, Julio Backeuser, Santos Pereira (o "Santos Garrafão"), Ricardo Pinto de Oliveira, Julio Mauricio, Constantino de Mesquita, Joaquim Fernandes Pacheco, Theóphilo de Arruda Mendes, José Ignacio da Glória, Affonso Veridiano, Antonio Augusto Bastos, Luiz de Mattos e outros entusiastas. Tornou-se célebre essa reunião, porque nella foi resolvida a creação de um reducto para os negros, espécie de quilombo onde se reunissem todos os escravos subtraídos á escravidão, como refugio geral e unico, ao envez de se occultarem nos quintaes e porões das casas amigas, na impossibilidade de serem collocados nos sitios visinhos.



O "capitão do Matto"
Symbolo odioso do captiveiro

trapoeirabas, para onde se ia ainda pelo caminho que existia ao lado da Santa Casa, subindo a lombada do morro, passando pela casa de Benjamin Fontana, e a seguir, pelo sitio de Geraldo Leite da Fonseca, (1) que ficava

Feita a collecta inicial entre os participantes da reunião completou-se o total ahi apurado com as importancias subscriptas pelos demais adeptos que o desejaram, e depois, afastado esse primeiro óbice, procedeu-se á escolha do lugar onde devia ser creado o reducto que tão respeitavel lugar occuparia na história da Abolição.

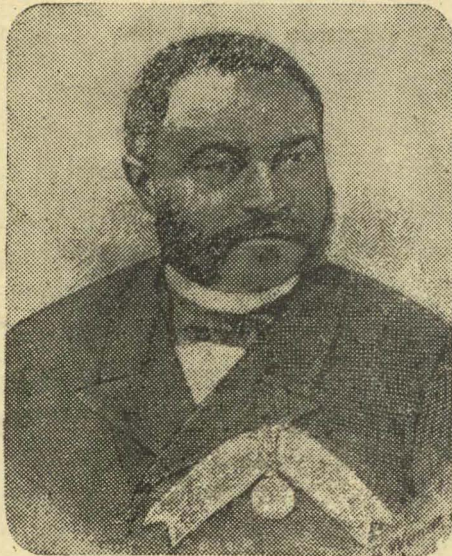
Atraz das terras de Mathias Cósta, ainda em estado primitivo, cobertas de mattos e cortadas de riachos, havia uma extensão de várzea trançada apenas de caaquéras, cambarás e

(1) A chacara de Geraldo Leite, assim chamada, era de propriedade de Manéco Forjaz, seu parente, e nella haviam varias negras velhas, alli custodiadas pelo grande abolicionista. Alem dessa chacara, possuia Geraldo Leite, o sitio do Icanhema, na ilha Santo Amaro, fronteiro á Ponta da Praia, onde occultava tambem muitos negros e os sustentava.

ao alto, cahindo então para a varzea do Jabaquára. Era o unico caminho para lá. Ahi se collocáram, no possivel segredo, todos os negros até então occultos nas casas particulares e os que appareciam, até que formaram um núcleo numeroso e respeitavel. Precisavam agóra de um chéfe na altura da responsabilidade, que os mantivésse em ordem e arrefecesse os seus impetos naturaes e comprehensíveis, porquê approximava-se a phase heróica do movimento e tornava-se necessária uma acção pensada, conjuncta e definitiva. Americo Martins lembrou um nóme: Quintino de Lacérda! Todos apoiaram a lembrança. Elle conhecia Quintino da casa dos republicanos Antonio e Joaquim de Lacerda Franco, e promptificou-se a ir pedir a estes o concurso do seu ex-cosinheiro e hómem de confiança. No dia seguinte, Quintino, orgulhoso da sua nóva missão e satisfeito por ter de enfrentar perigos, como era da sua indole, tornava-se o commandante do reducto livre de Jabaquára.

Num abrir e fechar d'ólhos, estavam armados duzentos homens no quilombo santista. Ao cabo de um anno contava o Jabaquára mais de quinhentos individuos, vigiado pela atalaia do morro, onde se levantava o posto avançado e sempre alérta de Geraldo Leite, o ardoroso despachante da Alfandega local.

Os generaes eram os chéfes activos do movimento, mas o commandante era Quintino de Lacérda. As reuniões mais secrétas a respeito do "quilombo" santista eram realizadas óra na fabrica de cal de Xavier Pinheiro, no extremo do Paquetá, mais ou menos proximo do actual Escriptorio da Cia. Docas, óra na pharmacia de Theóphilo Mendes, óra na chacara de Geraldo Leite, ao alto do morro, e algumas vezes no proprio Jabaquára.



Quintino de Lacerda

A 24 de Agosto do mesmo anno de 1882, uma grave noticia abalava os arraiões abolicionistas, uma repetição da fatalidade de 1874; morrera Luiz Gama, o successor de Xavier da Silveira, o marechal da victória que se vinha pronunciando. Ficaria faltando desde então, o chefe agitador, a força realizadora do advogado paladino, mas estava escripto que assim não devia ser, e ahi, como um milagre do exemplo e determinação da Providencia, surgiu a figura de Antonio Bento, advogado tambem, ex-conservador, ex-promotor e juiz municipal em São Paulo.



Dr. Antonio Bento de Souza e Castro

Antonio Bento convertera-se inesperadamente, para felicidade da campanha. Acompanhára elle, silenciosamente, no dia 25 de Agosto, o enterro do collega, mas, no instante da despedida, quando o sacerdote murmurava as ultimas rézas perante a multidão presente á necropole, Antonio Bento sentiu no fundo da alma, viva revolta contra a sua propria attitude; ouviu a voz daquelles milhares de infelizes cujo sangue empapava as terras generosas de São Paulo, enchendo de horror todos os recantos da Provincia, onde o "bacalhau", o "viramundo" e a "gargalheira" eram os symbolos maximos da perversi-

dade humana na exploração de uma casta. Compreendeu num segundo o heroismo daquella vida que findava assim, sem ter quem a continuasse, deixando uma raça inteira na orphandade, e ahi, ante o espanto dos circumstantes, estendeu a mão sobre o corpo do apóstolo negro, jurando solememente, que "a campanha abolicionista, deveria proseguir até a victoria final; que ella não podia findar com aquella morte, e que, dalli por diante, elle seria o seu portabandeira" (2).

(2) "São Paulo e a sua evolução" — Pag. 34 — Conferencia pelo Dr. Alexandre Marcondes Filho — 1927.

Santos exultou com a noticia sobre o novo chefe da acção, e não se enganou, porquê, desde ahi, a victória pronunciou-se cada vez mais nitida, levada pela mão firme e segura, tenaz, do seu terceiro chefe.

Mezes depois, visitava Antonio Bento a cidade de Santos, percorrendo as casas dos chefes locais e o reducto fortificado do Jabaquára, convencendo-se, então, de que "se achava deante do ponto alto e confiante da campanha". (1)

Combinou-se nessa occasião, que, opportunamente, alguns homens de Quintino de Lacérda fossem acampar na raiz da serra, junto ao Cubatão, e no alto, perto de São Bernardo, junto á antiga fazenda do "Ponto Alto", no lugar chamado Zanzalá, afim de receber os negros fugidos através das mattas, e disputar, se tanto fosse preciso, aos capitães de matto, a posse dos seus perseguidos. Tal providencia visava completar o trabalho dos "caiphazes" do proprio Antonio Bento, que, conseguindo a fuga em massa das fazendas do interior, encaminhavam os fugitivos para a Serra do Mar, para o ponto onde os guias de Santos, deviam conduzi-los a salvo, para a liberdade da terra santista.

Quintino exultou com a perspectiva da lucta, e, algumas semanas depois, já seguia elle, pelas primeiras vezes, com um grupo regular de negros decididos para os pontos determinados da serra do Cubatão, deixando em Santos a outra parte da gente necessaria á guarda do reducto. Dahi, pelo tempo adiante, surgia de vez em vez, pela estrada ou em canoas pelo lagamar de Caneú uma escolta do chefe negro, trazendo déz, vinte e até mais escravos famintos e seminús, recebidos junto á raiz da serra ou junto ás mattas do Zanzalá. Contavam-se, então, a respeito de Quintino, varias e verdadeiras façanhas, que elle sómente confirmava com um riso rasgado e sem palavras. Pae Felipe, um preto experiente e sacudido, era o seu braço direito no "quilombo". Quando começou a descida maior de escravos de serra-acima, o governo mandava, uma vez ou outra, guarnecer com escolta a ponte do Casqueiro, impedindo o caminho, mas, nem sempre os soldados se desincumbiam de sua missão, porquê muitos dos sargentos destacados para tal serviço fingiam não vêr os fugitivos, desculpando assim o seu acto amigo. De outras vezes, avisados a tempo os homens descia-

(1) Palavras de Antonio Bento a alguns chefes abolicionistas de Santos.

dos da serra, embarcavam-se todos em canôas no Cubatão, vindo ter a Santos por agua, contornando a difficuldade. (1)

Abrâmos aqui um parenthesis para ouvir algumas palavras de Carlos Victorino, em suas "Reminiscencias" — pags. 64/67:

(1) CASTAN, em "Scenas da Abolição", 1921, refêre uma passagem caracteristica da campanha na Provincia de São Paulo, em que figuram como personagens principaes, um sargento mandado a guarnecer a ponte do Casqueiro contra a passagem dos fujões de serra-acima e o negro Adão, "pae Adão" como o chamáram sempre nos circulos do Jabaquára, que foi no refugio santista outro grande assistente de Quintino de Lacérda na chefia dos quilombólas. Essa passagem, elle a termina com as seguintes palavras:

"Depois de longos dias de penosa marcha por pessimos e interminos caminhos, homens, mulhéres, velhos e creanças, famintos, cançados, enfraquecidos, esfarrapados, esses miseros componentes da misera caravana, descida a serra Paranapia-caba, tendo á frente o Adão, qual outro Moysés, caminhava pela estrada que margeia a linha férrea e se approximava da Ponte do Casqueiro, braço de mar que precisava atravessar, para chegar a Santos, a cidade abolicionista por excellencia, e dahi ao Jabaquara, bairro da mesma cidade, refugio de fugitivos onde descansaria, para depois tomar cada um seu rumo.

Ora, a ponte estava guardada por uma força de policia, com ordens terminantes para os não deixar passar, para os prender mesmo e os recambiar para os ergastulos dos fazendeiros.

Commandava a força um ex-sargento do exército, correcto e bravo militar.

Disfarçados em pescadores, havia ali no rio Casqueiro, gente vinda de Santos em uma flotilha abolicionista composta de embarcações miudas de diversas espécies, gente prompta para offerecer seus serviços aos pacificos retirantes.

O commandante dos soldados deixou que os negros se approximassem da ponte.

Então, a toque de corneta, formou a tropa, fez calar baionetas, e bradou, fórte, aos timidos, apavorados fugitivos:

— Façam alto! Por que por esta ponte não passa nenhum negro fugido!! As ordens que tenho serão cumpridas!!

O Adão julgou tudo perdido...

Notou, todavia, que o commandante continuou a falar, de modo extranho, como quem falava comsigo mesmo, mas de maneira a poder ser ouvido pelos seus commandados e por toda a gente, dizendo! "Ali no rio estão muitos bôtes e canôas nos quaes pôde passar todo o mundo que quizer".

O resto não é preciso ser narrado".

De facto, pela ponte não passára ninguem, conforme a ordem recebida pelo Sargento, passáram todos por baixo della, e, nessa mesma noite, o reducto livre de Jabaquára contava mais duzentos ou tresentos negros arrancados ao *eito*.

E scenas como esta, eram communs então.

“Num dos recantos da Villa Mathias existia o “quilombo” chefiado por pae Felipe, um preto já velho, mas de um tino aguçado, commandando com muita prudencia o “seu povo”. Nesse “quilombo”, embrenhado numa porção de matto e habilmente encoberto de vistas perseguidoras, fizêra Felipe o acampamento da sua gente que trabalhava no córte de madeira para lenha e construcção, e na industria de chapéos de palha.



As casas de Quintino de Lacerda (restos do “Jabaquára”), onde viveram por muitos annos, Quintino e Pae Felipe, os chefes do “quilombo” santista, até que as demoliram em principios deste século.

Pae Felipe, aos domingos, franqueava o seu “quilombo” aos rapazes e homens conhecidos como abolicionistas, tratando-os com esmerada cortezia e contando das fazendas cousas do arco da velha, cousas de fazer arrepiar os cabellos!”

“Emquanto elle fazia narrações, a “sua gente” dançava o samba no terreiro, ao som do “tambaque”, pandeiro e chocalho, a cuja cadencia, mulatinhas ainda novas e creoulos robustos, bamboleavam o corpo, meneavam as cadeiras, picavam com o pé, fazendo um circulo vagaroso até encontrarem-se os pares que se esbarra-

vam numa proposital umbigada certa, cheia, fazendo o corpo dar meia volta.”

“Esta dança selvagem, era acompanhada de canticos nos quaes a ultima syllaba da rima prolongava-se muito, repercutindo nas mattas.

Parava de subito o “tambaque”; cessava a dança, e, com permissão de pae Felippe, era distribuido o “quentão”. Descançavam um momento para começar a dança, com os mesmos jogos, com as mesmas cantigas, prolongando-se esse divertimento até á noite, mormente se havia luar.

Então era sublime, quando as pessoas que procuravam a distração naquelle ponto da cidade, ouviam, logo ao entrar na villa, o echo sonoro dessas cantigas, vindo do fundo das mattas, semelhando o gemido duma dôr que mais tarde se reverteria em jubilo, pois tudo isso, toda essa agitação em prôl dos opprimidos não era mais que o labor dum parto que deveria dar á luz a Lei Aurea, entregando ao Brasil não um ente — mas todos os entes completamente libertos e que até o dia 12 de Maio de 1888, estorceram-se na oppressão terrivel da escravidão”.

“Não era só na Villa Mathias que existiam refugiados esses homens escravos: numa dependencia do Monte Serrate, tinhamos o Jabaquara, logar protegido por Quintino de Lacerda que tambem fora escravo e agora liberto dava conforto áquelles que eram ainda o que elle foi em passados tempos.

Pois bem, pae Felippe em seu “quilombo”, Quintino no Jabaquara, e Santos Pereira na cidade, eram os baluartes protectores dos foragidos das violencias do tronco e outros instrumentos de martyrio usados nas fazendas de café.”

“Por sua vez esses homens tinham ao seu lado a protecção de Santos em peso, que não se cançava de promover tudo quanto fosse em proveito da propaganda abolicionista; tanto que altos personagens do abolicionismo, vendo na terra dos Andradas o acolhimento que deram á causa, protegiam os santenses, como José do Patrocinio que honra Santos com a sua visita, realizando no Theatro Guarany uma conferencia na qual distribuiu a diversos escravos as cartas de liberdade, e isto debaixo duma das mais retumbantes ovações que

já se presenciou, tal era o entusiasmo por tão sublime causa, e admiração ao nobre orador.

O espectáculo, o grande espectáculo social, ou por outra, a grande lição aos escravocratas dada por José do Patrocínio em pleno tablado do Guarany, diante de innumeros espectadores, deu mais impulso, agitou mais violentamente a guerra travada contra o escravismo.

Diante pois, destes espectadores, José do Patrocínio, depois de falar por espaço de uma hora e meia, chamava, prevenido duma lista, pelos nomes daquelles que deveriam receber a carta de liberdade.

Ao chamado, apparecia, sahindo dum "bastidor", uma creoula, de cabeça baixa, envergonhada ante a multidão e ante o seu papel na Sociedade — o de escrava!

José do Patrocínio, com fraternal amor, orgulhoso do seu nobre encargo, entregava á creoula a carta e não admittia que ella se curvasse para beijar-lhe a mão; abraçava-a de leve e apertava-lhe a mão na mais viva expressão de igualdade. Esta scena era coberta de applausos prolongados, que coroavam o acto.

A liberta, equivocava, não sabia si ficava no tablado ou si tornava aos "bastidores"; esperava uma ordem; julgava-se ainda escrava!

Seguia-se outro chamado; apparecia outro escravo, repetindo-se a mesma scena. E, assim, montou a dez o numero de libertos nessa noite, ante mil olhares, retumbantes applausos e jubilo geral.

José do Patrocínio, victoriado, retirou-se do theatro ás 11 horas da noite, hora em que terminava parte da grande obra pelo qual seu coração puramente democrata sempre pulsou: a Liberdade.

Apóz Patrocínio, Santos recebeu o illustre Dr. Candido Barata Ribeiro, que no mesmo theatro Guarany, tambem realizou uma conferencia sobre dois themas, ao mesmo tempo: Abolição e Republica."

Dois portuguezes surgiram nessa época, desempenhando um grande papel na campanha santista, Luiz de Mattos, um nome ligado á vida da cidade, onde residiu talvez 30 annos: espirito liberal que prestou a esta campanha como á da republica serviços inestimaveis, assistindo tambem a instituições ou movimentos humanitários, ao progresso, á litteratura, á arte e á sciencia locais, collaborando activamente

na "Cidade de Santos" e no "Diario de Santos", ao lado de Arthur Bastos, Vicente de Carvalho, Léo D'Affonseca, Julio Ribeiro, Sylverio Fontes, Alberto Souza, o dedicado Ferreira de Menezes e outros paladinos mentaes do momento e José Theodoro dos Santos Pereira, vulgarmente chamado o "Santos Garrafão" por ser grande e bojudo, em contraste com seu irmão; portuguez que, tomado de verdadeiro fervôr pela causa dos negros, desvelou-se em attenção á gente de Jabaquára, fornecendo-lhe comida, roupas, medicamentos



Luiz de Mattos

e soccorros de toda a ordem, obtidos por elle das casas e das familias que amparavam a grande causa. "Santos Garrafão" afieçoou-se grandemente a Quintino de Lacerda, admirando a bravura do preto sergipano, levando essa admiração aos maiores sacrificios, demonstrados em trabalho activo, em dinheiro e tudo que se fazia mister conseguir para os escravos que chegavam á "chanaan" santista. Elle foi o grande personificador da alma popular, synthese do proletariado integrado na santidade da causa redemptora, figura central do movimento, tornando-se célebres os bilhetes que en-

viava aos abolicionistas financiadores da campanha, para obtenção de recursos urgentes, e que começavam quasi sempre com estas palavras:

"Amigo fulano. Tenho tantos "rôlos de fumo" para seguir, etc.."

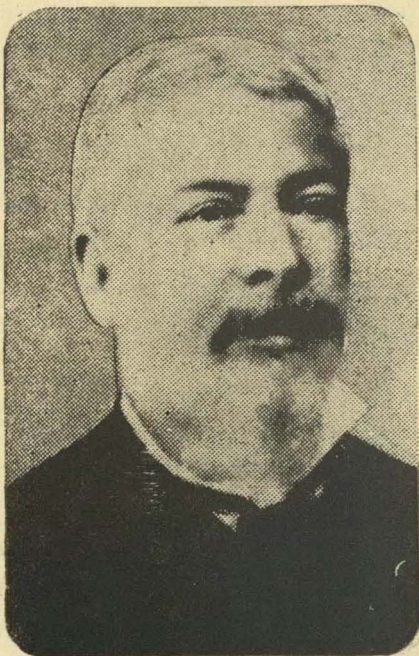
Esses "rôlos de fumo" eram os negros arrancados aos potentados, recém-chegados a Santos, os quaes convinha serem remettidos para outras Provincias ou mesmo para o estrangeiro, afim de escaparem definitivamente á procura dos senhores. "Garrafão" vivia maritalmente com uma

preta, a Brandina, figura extremamente popular, afamada cosinheira, que possuía uma pensão na Rua Septemtrional, e que foi uma verdadeira mãe para os seus irmãos de côr, assistindo-os em todas as necessidades, secundando efficientemente o grande trabalho do português.

Dos abolicionistas de São Paulo, recebia Santos Pereira, muito a miude, telegrammas aparentemente inintelligíveis e cartas disfarçadas onde lhe communicavam a descida de algum escravo ou de alguma léva numerosa para Santos, partindo quasi sempre d'elle a communicação aos chéfes do movimento para as necessarias providencias.

Fazia tambem um anno que se fundára a "Bohemia Abolicionista" valente aggremação da juventude local, organizada por Francisco Bastos, Antonio Augusto Bastos, Guilherme Mello, Pedro Mello, Antonio Couto, Arthur Andrade, Anthero Cintra, Luciano Pupo e Eugenio Wansuit, aos quaes se juntaram depois, Paulo Eduardo, José Vaz Pinto de Mello Junior, Basilio Monteiro, Joaquim Montenegro e outros. Com ella surgira a publicidade violenta abolicionista-republicana, primeiro d'"O Embryão", d'"O Porvir" e d'"O Pirata" órgãos revolucionarios manuscriptos, cuja typographia era Jacob Schallap, um menino de Santa Catharina, de letra muito

bonita, dedicadissimo á causa, e depois, das folhas de combate já então impressas: "O Alvôr", "O Piratiny", "O Patriota" e "A Idéa Nôva", as duas primeiras redigidas por Guilherme Mello, Antonio Augusto Bastos e Arthur Andrade, "O Patrióta" por Felix Carneiro, e "A Idéa Nôva" por Constantino Mesquita com a collaboração de Candido de Carvalho e Alberto Souza.



José Theodoro dos Santos Pereira
(O "Santos Garraão")

A "Bohemia Abolicionista" reunia toda a mocidade de Santos e existiu durante oito annos, desde 1881 até 1888, quando extinguiu-se com a realisação do ideal que a gerára. Nunca teve uma organização regular para não perder talvez o character de rapaziada. Às vezes tinha directoria pelo espaço de mezes, outras vezes funcionava sem ella tempos inteiros; as suas reuniões porem, eram diárias e se realizavam óras nos bancos dos jardins, óras no prédio onde hoje funciona o cinema "Paramount", na esquina do velho Largo do Rosario, residencia naquella época, dos paes de Guilherme e Pedro de Mello, integrantes principaes do gremio, e por isso mesmo muitas vezes impedido pela policia, por ordem da chefia de S. Paulo. Essa organização foi um dos mais bellos aspectos da grande campanha santista.

No quarto desses rapazes ou nos alludidos bancos, por impedimento daquelle ponto de reunião, se debatiam as mais graves questões politicas e sociaes dessa época. Eram discussões acaloradas sobre abolicionismo, politica, e religião, travadas como em plenário da Camara, com debates e interrupções.



Vicente de Carvalho

Dentre esses moços idealistas, sobresahia um, mais velho que os demais, com trinta e alguns annos, mas com apparencia de vinte e poucos, pernambucano, quasi preto, que falava muito, em toda a parte, sem o menor rebuço ou respeito às conveniencias, fazendo um comicio em cada ponto onde parava, em continuo e absoluto desprezo á vida, não deixando escravocrata em paz, fosse de posição elevada ou fosse da classe média — era Eugenio Wansuit. Fôra Imperial Marinheiro da Armada, na guerra do Paraguay, com a idade de 18 annos, e por isso talvez, perdera a noção do perigo.

Foi ahi, entre essa mocidade brilhante, que appareceu Vicente de Carvalho. Póde-se mesmo affirmar, que foi naquelles jornaes que elle escreveu os seus primeiros artigos, e, o seu trabalho foi sempre na altura do seu nome, dedicado e efficiente, tão exaltado como Rubim Cesar, advogado como elle, orador official da "Bohemia Abolicionista", que

com arrebatada eloquencia e cada vez mais exaltada convicção, concitava a mocidade a exigir a abolição immediata aconselhando-a á protecção do escravo e a levar aos infelizes captivos do interior da região littoranea, a ordem de fuga para o reducto livre de Jabaquára ou para as serras de Santos.

Na imprensa, a voz que melhor se ouvia era a de Vicente de Carvalho, mas nos comícios, nas ruas, onde houvesse povo para escutar um grito de rebeldia, Rubim Cesar estadeava a sua verbosidade.

Emquanto isso, a propria "Bohemia Abolicionista" organisava espectáculos artisticos e literarios para com o seu producto libertar escravos. José André do Sacramento Macuco escrevia dramas que os rapazes representavam com aquelle fim, havendo sempre grande affluencia ás sessões, demonstrando o apoio da Sociedade á obra humanitária dos moços santistas. Taes péças éram sátyras vivas e vergastadas solemnes ás autoridades escravocratas e aos donos de carne humana que se negavam a apoiar a obra de redempção.



Sacramento Macuco



Dr. Rubim Cesar

"A sombra da cabana" foi a ultima péça que Sacramento Macuco escreveu para a aggremação, marcando sua estréa a libertação de um escravo mulato, quasi branco, cujo preço fôra reputado pelo valor da renda total do espectáculo.

A carta de liberdade foi entregue ao pobre homem, em scena abérta no "Theatro Guarany", e, nessa occasião, enquanto Sacramento Macuco e os rapazes abolicionistas recebiam delirante ovação, o Dr. Rubim Cesar pronunciava uma das suas mais bellas, patéticas e violentas orações.

Emquanto isso se dava com os moços, os chamados "mais velhos" trabalhavam tambem, denodadamente para o mes-

mo fim, e, como signal evidente dessa actividade, quasi na mesma occasião, Americo Martins dos Santos e Ricardo Pinto de Oliveira descobriram amarrada ao mastro de um patacho que passava do sul, uma escrava branca, que ia para



Affonso Veridiano

ser vendida na Côrte. Descobril-a e compral-a foram actos seguidos, cabendo a varios abolicionistas em quotas proporcionaes a despesa de..... 600\$000, preço, altissimo então, cobrado pelo seu resgate. Essa mulher teve depois um marido arranjado pelos idealistas de Santos e entre seus proprios companheiros, que, por seu fallecimento, deixou-a rica. Ella existe ainda hoje, no estado de viúva do segundo marido, e senhóra de algumas propriedades.

Nesta altura, como acontecia em São Paulo com a Pharmacia de João Candido Martins e Antonio Bento, tambem em Santos uma pharmacia éra o ponto natural de reunião dos próceres abolicionistas e republicanos — a de propriedade de Theóphilo de Arruda Mendes, um dos bons elementos das duas campanhas — onde se combinavam principalmente as medidas que se relacionavam com o porto, junto ao qual ella ficava.

Vélhos e moços porfiavam em dedicação aos miseros soffredores das senzalas, distinguindo-se entre elles alguns médicos que prestavam a attenção profissional aos que chegavam doentes ou adoeciam aqui, como o Dr. Lobo Vianna, Dr. Manoel Maria Tourinho e Dr. Sylvério Fontes, tambem illustre jornalista da campanha, Dr. Sóter de Araujo, inescutível philantropo, Dr. Manoel Homem de Bittencourt, e Henrique da Cunha Moreira, os mesmos que tantos serviços prestariam á população em 1889, na grande e desastrosa



Joaquim Fernandes Pacheco

epidemia de fêbre amarella que devastou a cidade, alem de outros beneméritos cidadãos, secundando a grande óbra dos batalhadores da causa, em que não podem ser esquecidos tambem, Henrique Porchat, grande figura das duas cam-

panhas e futuro chefe da politica republicana santista; José Antonio do Amaral Rocha; o ardoroso e inolvidavel Julio Mauricio; Silva Jardim, paladino da abolição e apóstolo da Republica, morto nas entranhas do Vesuvio, no anno de 1891; Francisco Martins dos Santos Junior, o distincto continuador da obra de seu pae; Julio Backeuser; Guilherme Alves Souto, João Octavio dos Santos o commerciante rico de tantos e tão valiosos serviços, um dos beneméritos da cidade, José Torres Rosmann; Julio Ribeiro, o mineiro illustre, philólogo eminente, jornalista vivaz e destemeroso das duas campanhas; Carlos Escobar, o denodado professor, que estava sempre em toda a parte onde fosse necessario o seu auxilio, Santos, São Paulo, Campinas, ou Mogy-Mirim, a serviço da causa commum; Martim Francisco o Andrada sincero e respeitado, cuja palavra fina e sempre satyrica era o vergaste vivo e permanente sobre os erros sociaes e administrativos da Provincia, o jornalista eminente das duas jornadas; Affonso Francisco Veridiano, o batalhador persistente e quasi anonymo, pela modestia de que revestia a sua acção valiosa e fecunda; Joaquim Fernandes Pacheco; João Guerra; José Ignacio da Gloria, este como um dos chefes do abolicionismo vicentino com o Coronel José Lopes; e finalmente José Leite da Fonseca (Juca Leite) o ardoroso irmão de Geraldo Leite, como este um dos mais brilhantes elementos da grande pagina santista, passagem marcante da Historia nacional.

Entre os jovens santistas, dois sobresahiam não só pela actividade e desassombro com que agiam como pela idade, quasi nascidos no mesmo anno; eram Arthur Andrade e Gastão Bousquet, dois meninos de quinze annos, cuja voz exaltada todo o povo ouvia com prazer e respeito. Ao primeiro chamavam "o fundibulário imberbe". Simples empregado no commercio e dedicado ás letras, escrevia elle vibrantes artigos abolicionistas na imprensa local de combate, no "Diario de Santos" e no "Jornal da Tarde".

A 5 de Outubro de 1884, no "Alvôr", o vibrante organ da "Bohemia Abolicionista" terminava elle um dos seus costumeiros artigos desta forma:

"OU VENCEREMOS PELO DIREITO, OU VENCEREMOS PELA FORÇA!"

A morte roubou-o, porem, ao convivio santista, dois annos antes da victoria, no anno de 1886, victimado pela febre amarella.

Coube a Gastão Bousquet continuar o trabalho do amigo e companheiro de jornada, subcrevendo os mesmos artigos violentos que elle publicava diáriamente.

A 14 de Março de 1886, o "Piratinny" publicava um sentido artigo sobre a morte do nóbre menino, reputando-a uma perda irreparavel para a sociedade santista e um motivo de luto para a campanha em que a sua figura juvenil e entusiásta, conquistava nóbres adeptos para ella a cada dia que passava. E' que o povo apreciava os barulhos armados por elle e Bousquet, quando viviam ás turras com as autoridades, apupando nas ruas os escravocratas, ridicularisando-os ante as senhoras que passavam e ante toda a sociedade do tempo, realisando por todas as formas e cada vez mais, o prestigio da idéa renovadora, cuja victoria, entretanto, o Destino não quiz que elle assistisse.



Gastão Bousquet

Gastão Bousquet num dos seus discursos, como num dos seus artigos do "Diario de Santos" de Janeiro de 1886, disse que o Brasil seria, infelizmente, o ultimo paiz do mundo a abolir definitivamente a vergonha do tráfico humano, e, que, naquelle anno, de todos os paizes civilisados, sómente a pequena Cuba, alem do proprio Brasil, conservava aquella nódoa em sua história.

Nós sabemos que a Lei Saraiva, de 1885, fôra uma quasi inutilidade e uma espécie de "embromação" a juntar-se ás muitas atiradas como favor e a custo ao espirito humanitário do brasileiro, e sabemos que Cuba, em 1886, no mesmo anno portanto em que fallára Bousquet, viu abolida a escravidão em seu território, e assim, a predição do pequeno santista realizou-se quasi "in totum" em nosso paiz; quasi, dizemos, porque Santos e São Vicente constituíram as brillantissimas excepções, estabelecendo ambas tambem nesse anno, a 27 de Fevereiro, a extincção complêta do elemento servil dentro das suas fronteiras, como havemos de ver adeante.

O movimento abolicionista santista, tinha aspectos bellissimos nessa altura.

Todos os jornaes publicavam artigos assignados e de redacção, que eram verdadeiros libellos contra a escravidão e contra o governo que a mantinha contra todos os preceitos

do Direito. São do "Jornal da Tarde" de 9 de Janeiro de 1885, por exemplo, estas palavras, que rematavam brilhante artigo da redacção:

"Como José do Patrocínio, julgamos que o Império só subsistirá, se tiver como Carlos Magno, uma corôa de ferro, e ésta só lhe pôde ser fornecida pelos grilhões quebrados nos pulsos de um milhão de desgraçados."

Cérta vez haviam descido do interior disfarçados dentro de pipas, como se fôra vinho destinado a Santos, cêrca de déz negros de importantissima familia campineira, (é inutil dizer que nas Estradas de Ferro, quasi todos os conferentes, escripturarios e chéfes de trens, eram abolicionistas).

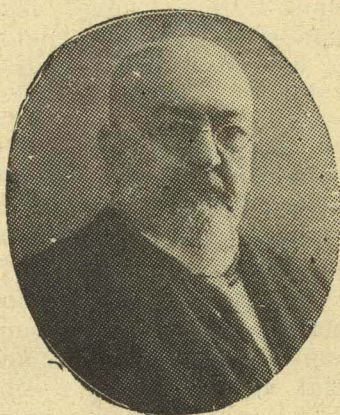
Em busca desses negros, que se achavam escondidos na casa de Geraldo Leite da Fonseca, no Paquetá, chegaram inesperadamente a Santos, dois capitães do matto, acompanhados de numerosa força policial, autorizada até á violencia pelo chéfes de Policia de São Paulo. Por denuncia de alguém, soubéram elles, do local em que se escondiam os fujões, imprevidentemente conservados fôra do reducto de Jabaquára, por se destinarem a um sitio dos arredóres, e, para lá se dirigiram, surprehendendo Geraldo Leite e capturando os escravos buscados.

Na impossibilidade de uma reacção a bala, que seria duplamente criminósa, formou-se immediatamente, entre os abolicionistas acorridos, um plano de fuga para os negros, e, quando a pequena carróça que conduzia os escravos chegou ás proximidades da Estação da Estrada de Ferro, já cerca de quinhentos populares aguardavam a sua passagem. Surgiu então um motim popular, e o cidadão Fontes distincto santista e excellente capoeira, repentinamente derrubou em rasteiras os soldados da captura, enquanto o povo entre brados confundia-se com elles e Geraldo Leite saltava para cima da carróça tocando os animaes a galópe para junto da agua, onde uma embarcação já preparada recebia rapidamente os negros, carregando-os a força de remos para um dos navios francezes, fundeados ao largo, navio, que, dias depois levava-os para o Nôrte do paiz, para a liberdade, sob a protecção da bandeira da França!!

Em consequencia desta e de outras evasões proporcionadas por Geraldo Leite em vapores francezes, a Companhia de Navegação que sua firma representava chegou a receber

do Governo, sévêras reclamações, sempre inúteis apesar das promessas sempre feitas de próximas e certas providencias.

Foi nessa occasião mais ou menos, que o cidadão V. L., escravocrata de triste memória, que vendia negros pelas estradas do interior, tangendo-os em varas bem guardadas, como se faz ainda hoje com os perús, ao receber um carregamento clandestino de escravos, na côsta superior da ilha de Santo Amaro, viu-se perseguido a tiros por uma corveta ingleza que vigiava o contrabando humano naquella altura, descendo os marinheiros inglezes em terra para perseguil-o até bem longe e libertar os negros dos quaes elle já se apossára. Nessa occasião, aterrorizado, aquelle cidadão foi refugiar-se na vélha chacara de Hygino Botelho de Carvalho, pae de Vicente de Carvalho, que ficava no "Guarujá-



Americo Martins dos Santos

Guassú", apóz correr cerca de uma légua, e quasi morto de cansaço. O mais notavel nisto, é que a invasão de territorio brasileiro pelos inglezes, só pelo fim foi justificada e applaudida então.

De outra feita, em busca de alguns escravos da familia Penteado, fugidos de São Paulo, desceu o Dr. Lopes dos Anjos, então Delegado da Capital, chegando a Santos pelo trem das déz horas, acompanhado de quatro ou cinco policiaes. Uma multidão de populares abolicionistas, esperava-os porém, e, quando a autoridade paulistana pretendeu descer do vagão em que viêra, uma enórme assuada fez-se ouvir, compôsta de xingações e assovios fortissimos. Formava o povo uma parede, dentro da Estação, e quasi todos estavam armados de páus e de pedras, promptos a uma aggressão caso o Delegado insistisse em descer. A decepção e o abatimento do Dr. Lopes dos Anjos foi tamanha, que voltou para dentro do carro,



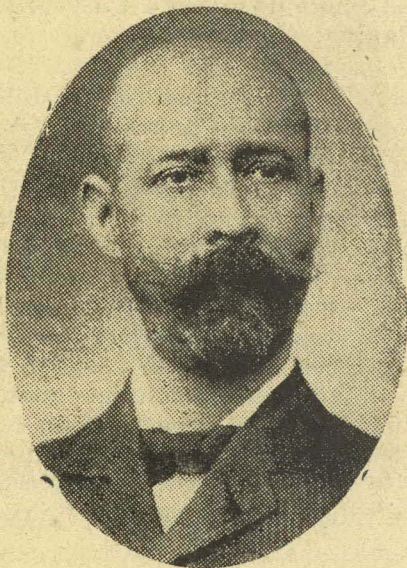
João Guerra

esperando pelo trem das duas horas, com o qual tornou a São Paulo, acabrunhado e sem ter podido cumprir a sua missão.

Tal éra o espirito abolicionista dos santistas, contra os escravizadores e os mercadores de póbres homens que tinham apenas contra si, a fatalidade da côr e da raça, e que chegavam ao ponto de serem offerecidos por certos individuos desnaturados, entre os quaes, o que já citámos, como bandos de perús para córte, tangidos por elles e guardados por trópas de capitães de matto, pagas para isso.

Refére Castan (1), que um dia chegou a Santos um Capitão de Matto, em busca de um negro reputado precioso pelo seu senhor; o Capitão chamava-se João do Carmo, e o negro, Terencio. O escravo, achava-se porem, ao abrigo do reduto do Jabaquára, e o unico recurso do Capitão foi tratar dois carroceiros que encontrou, e que conheciam o Terencio, para attrahil-o a um botequim da Encruzilhada, onde elles mesmos o amarrariam recebendo por

isso gorda retribuição. Tudo assente, na noite combinada, estava o Capitão João do Carmo semi-oculto no matto vizinho e viu entrarem na locanda fronteira, o Terencio e mais os dois portuguezes carroceiros, dirigindo-se então para o botequim. Assim que elle entrou, o negro Terencio fitou-o com altivez, e os dois portuguezes ao envez de agarrarem o escravo, agarraram-no a elle, Capitão, atando-o de pés e mãos a um páu roliço que já alli estava guardado; aos gritos e palavrões deste. E lá se foi o Capitão do Matto parar no Jabaquára, tangido pelo proprio Terencio, ouvindo dos dois carroceiros estas palavras :



Geraldo Leite da Fonseca

(1) "Scenas da Abolição" — S. Paulo" — 1921 — Pags. 27/86.

— Estamos chegando ao Jabaquara. Se quizer, póde gritar á vontade. Aqui, os que não são negros fugidos, são abolicionistas, como nós que o estamos carregando.

João do Carmo passou uns dias no Jabaquára tomando algumas sóvas, nem de longe semelhantes áquellas que elle costumava applicar aos seus capturados, mas sufficientes para que, nenhum capitão de matto se abalançasse mais a vir a Santos atraz de negros fugidos.

São do mesmo Castan, obra referida, as seguintes palavras: (1)

“— O bairro do Jabaquára, situado por detrás do morro da Santa Casa, era o refugio dos miseros negros escapos ás fazendas. Elles trabalhavam na cidade, como carroceiros, ensaccadores de café, etc., etc.... sendo protegidos até por alguns filhos de fazendeiros, escravocratas, que, influenciados pelo meio, vivendo em Santos como caixeiros no grande commercio de café, se tornavam abolicionistas.

No Jabaquara era chefe o negro Quintino de Lacerda, filho do Ceará (aqui há engano de Castan, Quintino era sergipano como já dissémos), ex-escravo da familia Lacerda Franco, da qual, parece, tomou o sobrenome, e que, nos primeiros tempos da Republica, quando o voto ainda era respeitado, foi pelos brancos eleito vereador da Camara Municipal de Santos.”

Voltemos porem, aos acontecimentos.

Tres elementos se distinguiam bastante nas providencias da Abolição, Joaquim Fernandes Pacheco, Affonso Veridiano e Julio Conceição, quér trabalhando pela collocação dos nóvos negros chegados, quér provendo suas necessidades ou concorrendo para os resgates amiudados que se effectuavam, sendo que Julio Conceição, depois Presidente da ultima Camara do Império e grande benemérito da cidade por occasião da epidemia de fébre amarella de 1889, fazia parte da famosa Confraria de N. S. dos Remédios, a suprema instituição abolicionista de Antonio Bento, de que restam hoje, guardados como reliquias pelos poucos possuidores, os diplomas conferidos e assignados pelo chéfé supremo do movimento a todas as suas figuras eminentes.

(1) “Scenas da Abolição” — S. Paulo. — 1921 — Pags. 70/71.

Xaviér Pinheiro, o rico proprietario da fabrica de cal do Paquetá, continuava a figurar entre os grandes abolicionistas, mas, o seu trabalho, exactamente nesta phase da campanha, maculou-se como dissémos, pelo fundo interesseiro de que se revestiu. A sua protecção aos negros, todavia, éra acceita por estes porque pelo menos livrava-os dos horrores do eito, do chicóte, da gargalheira, da roda d'agua, do tronco e do viramundo, os phantasmas principaes do captivo, contando-nos vélho e insuspeito chefe abolicionista que, por sua vez, os idealistas de Santos não se revoltavam contra os processos do companheiro para não perderem o seu apoio, que, de alguma fórma, significava o abrigo e o refugio para mais de uma centena de captivos, alem de constituir grande estímulo a outros liberaes e conservadores.

Estabelecera-se em Santos a subscrição permanente para o fundo de resgate, em character de instituição publica expontanea. Todos queriam concorrer para a compra das alforrias. Havia ainda um cértio numero de senhores renitentes, apegados á idéa do prejuizo, á quem convinha indemnisar de alguma fórma, para que não difficultassem o desenvolvimento da acção idealista e não provocassem casos graves de policia mas, os acontecimentos se precipitavam. As queixas e os conflictos, em consequencia, pululavam, sem éco, porem, visto que as proprias autoridades policiaes em Santos, éram abolicionistas.

Apellaram os poucos escravocrátas para São Paulo e para o Rio de Janeiro. São Paulo, entretanto, já estava completamente minado pela corrente republicana, de tendencia francamente abolicionista, a braços com o trabalho fecundo de Antonio Bento e seus "caiphazes" e o famoso Clube dos Abolicionistas do Braz, não podendo por isso prestar attenção ás lamurias dos prejudicados santistas; mas, o Rio de Janeiro mandou para Santos uma importante força militar, como propaganda do cambaleante prestigio imperial, sob o commando do Majór Dom Joaquim Balthazar da Silveira, afim de punir os violadores do direito alheio e garantir a escravidão. Deu-se ahi um facto commovente. Ricardo Pinto de Oliveira, despachante da Alfandega, santista de distincta estirpe e Americo Martins dos Santos foram esperar a chegada da força, como espiões da corrente, afim de estudarem os meios de evitar o chόque e contornar o perigo.

O navio encostou á ponte do Belmacio, para deante do Trem, mas, antes que se operasse o desembarque, protegidos

pela autoridade do porto, já os dois santistas estavam dentro da embarcação tentando descobrir o commandante da tropa imperial. Esforçavam-se por lobrigal-o, quando alguém deu uma palmada no hombro de Américo Martins, num alegre e amigo Olá! Voltando-se, o abolicionista-republicano viu-se, com muito susto, em frente do procurado commandante sem reconhecê-lo immediatamente, mas, acabando por reconhecer nelle, com alegre surpresa, um ex-companheiro da Escola Militar, de 15 annos passados, o antigo cadete Balthazar da Silveira.



Ricardo Pinto de Oliveira

Santos do resto da Provincia, tornou-se mais um grande e decisivo factor para a victoria da causa santa.

Este facto echoou bastante na sociedade da época tanto em S. Paulo como no Rio, lançando o desespero ao espirito dos escravocratas.

Fôra, indiscutivelmente, o dedo da Providencia, que encaminhára aquelle homem para o mais forte reducto da Abolição.

A 27 de Fevereiro de 1886, apóz uma reunião antecipada, havida nas vésperas, em casa de um dos santistas em evidencia na Campanha, realizava-se no Forum, em audiencia especial do Dr. Ledo Vega, Juiz de Direito da Comarca, a cerimonia da declaração da Lei Saraiva, que declarava livres os escravizados de mais de 60 annos. Nessa occasião,

Sellou-se alli, na simplicidade da scena quasi despercebida e na estreiteza de algumas palavras, o compromisso de honra de um homem e nobreza de um militar, pelo qual, Dom Joaquim Balthazar da Silveira, não só não faria mal aos abolicionistas de Santos, como até os favoreceria no recolhimento dos escravos ao Jabaquára. O glorioso exercito brasileiro não mentira ás suas tradições e Balthazar da Silveira ao nome que arrastava a responsabilidade moral de seus illustres e fidalgos antepassados; e assim, a tropa que viéra matar a liberdade em seu berço, isolando

diversos proprietarios de escravos da cidade de Santos, declararam livres todos os seus escravos, não só de sessenta annos como de todas as idades, entre os applausos da multidão que se comprimia no recinto da sala das audiencias e fóra, na rua. Assentada ahi, a idéa da fundação de uma sociedade destinada a redimir todos os captivos do municipio, que porventura ainda existissem foi resolvido dar-se á mesma a denominação de "27 de Fevereiro" em homenagem á data da libertação dos sexagenários.

A 2 de Março, no salão do Jury e sob a presidencia do Major Xavier Pinheiro, éra installada a Sociedade, orando entre outros o Dr. Ledo Vega, o Dr. Heitor Peixoto, o joven poéta Gastão Bousquet, e o poéta e jornalista João Guerra, que recitou uma poesia abolicionista de sua lavra. A inauguração da "27 de Fevereiro" teve lugar, solemnemente, a 14 de Março do mesmo anno, no "Theatro Guarany", perante uma assistencia de cerca de 2000 pessoas, como remate glorioso de uma jornada sem simile na historia dos paizes, sendo eleitos: Xavier Pinheiro para Presidente, Joaquim Fernandes Pacheco, para primeiro secretario, e Antonio Augusto Bastos, para segundo dito, ficando os demais presentes á primeira reunião, alguns por desistencia de cargos directivos, como vogáes da nóbre e notavel organização. Nessa ocasião foram libertos diversos escravizados, os ultimos talvez existentes dentro do municipio de Santos.

Desta forma, a extincção da escravatura verificou-se em Santos e São Vicente, não a 13 de Maio de 1888, quando ella foi estabelecida no Brasil, mas de 27 de Fevereiro a 14 de Março de 1886, numa demonstração brilhantissima de que, para Santos, esta e outras leis, de pouco ou de nada valeram, porque ella caminhou sempre adeante das iniciativas governamentaes, vivendo mais do espirito patriótico e humanitário dos seus filhos do que da vaidade e da estulticie de cértos gabinetes considerados beneméritos.

Santos lavava as mãos, por assim dizer, do que se passava ainda em todo o Brasil, onde apenas o Ceará apresentava um aspecto semelhante de humanidade; assistindo no resto do paiz, os ultimos estertores do regimen negregando, applaudindo e animando os feitos de Quintino de Lacérda, a cujos cuidados ficavam, a cada semana que passava, nówos grupos de captivos descidos do interior para a "chanaan" santista, para o reducto de Jabaquára, que, em 1888 continha alguns milhares de negros, desde muito libértos.

Dahi por deante, todo o trabalho dos abolicionistas de Santos, consistiu em receber e proteger os refugiados de serra-acima, dando-lhes collocação nas casas commerciaes, nas emprezas de transito, no porto e nos sitios ou remettendo-os para fóra em navios nacionaes e estrangeiros, cujas Companhias favoreciam a sua evasão, garantindo passagens gratuitas a quatro e cinco escravos de cada vez, levando-os para outras Provincias, onde ficavam livres, e até mesmo para outros paizes quando solicitado pelos protectores de Santos. E tal importancia assumiu a actuação santista coroadando a obra abolicionista de toda a Provincia, que deixaria de existir sem a sua collaboração, que em princípios de 1887, telegraphava o Governador da Provincia ao Governo imperial no Rio de Janeiro, dizendo-lhe “não ser mais possível conter a evasão dos escravos da Provincia, porquê os soldados haviam feito causa commum com os abolicionistas, favorecendo a passagem dos fugitivos para a cidade de Santos”, significando com isso, que Santos era a propria liberdade, e que era preciso tomar uma providencia para evitar a desmoralisação do Governo com a applicação de um golpe de sympathia que rehabilitasse o prestigio do Império periclitante perante o espirito publico.

Esta é a verdade dos factos, mas, esse golpe de sympathia e rehabilitação que veio a 13 de Maio do mesmo anno de 1888, já veio tardio e de fórma desastrada, precipitando, contra as previsões monarchistas, a victória da obra republicana, porquê atirou tambem contra o proprio Império a revólta dos escravocratas, que viram naquelle gesto da Princeza, apenas o recuo para elles innominavel da monarchia ante a pressão de uma corrente cuja força cada vez mais augmentava, sem a menor consideração aos seus interesses profundamente lesados. (1)

Confirmando o que dissémos, existe na Historia brasileira a prophetica passagem de Cotegipe, partidario da Abolição por phases gradativas, durante a recepção offerecida no Paço do Rio de Janeiro, em commemoração á Lei Au-

(1) Affirmavam isto mesmo todos os republicanos paulistas, e o Dr. Hyppolito da Silva, que foi um dos vultos da campanha em Santos e São Paulo, disse em artigo publicado na “A PATRIA”, de S. Paulo, a 25 de Maio de 1889: “Removida a pedra que nos obstruia o caminho para a liberdade politica, o espirito do povo expandiu-se e grandes eleitorados que apoiavam a monarchia porque esta baseava-se na escravidão, declararam-se republicanos”.

rea. Entrava a Princeza Izabel no grande salão de festas, e, ao defrontar o ex-chéfe de Gabinete dizia-lhe com um sorriso:

— Senhor Barão, libertei uma raça!

ao que o eminente estadista do segundo Império respondera com outro sorriso:

— Mas derrubastes um throno, Augusta Princeza!

E, de facto, a Lei Aurea, pela precipitação com que foi decretada, deu aos militares e aos civis o elemento que faltava para a realização da obra republicana.

Em Santos, a decretação da Princeza foi recebida com festas e manifestações populares, salientando-se as visitas em massa ás casas dos principaes vultos abolicionistas da cidade, principalmente á do Barão de São Domingos, juiz em Santos, que como o fallecido Ledo Vega, tanto auxiliára a acção dos propagandistas santistas, e á do cidadão Francisco Martins dos Santos, na Praça José Bonifacio, o illustre santista que fôra um dos precursôres da campanha, onde fallou o ardoroso Silva Jardim, que, radiante nem reparava mais nas proprias attitudes; rompendo todos os negros em côro uma cantiga rûde, sobre motivo e vêrsos do proprio Silva Jardim, que começava pelo estribilho:

— Viva o Santo Antonio Bento

— Viva o “Santos Garrafão”

espectaculo que nunca sahiu da memória de quantos participaram delle.

Vejâmos como uma das testemunhas presenciasaes dos factos santistas de 13 de Maio e dias subsequentes, os descreve: (Carlos Victorino — “Reminiscencias” — Pags. 73/76):

“A data de 13 de Maio de 1888, foi recebida com a maior pompa possivel. De cada casa, soltavam ao ar centenas de foguetes. Os navios surtos no porto embandeiravam os mastros, musicas percorriam as ruas; o povo entusiasmado dava vivas á Lei Aurea; da Villa Mathias, lá do quilombo de pae Felipe, os libertos vinham ao Largo do Carmo, munidos de “adufos e tambaques” dançar o samba, no qual os rapazes entravam tambem, dançando com os pretos, na mais intima cordialidade; saudava-se a imprensa; de cada janella surgia um e discursava sobre o facto; Silva Jardim, fez nada mais nada menos do que uns 40 discursos e cada qual mais sublime.”

Em Santos, haviam-se organizado desde o dia 11, innumeras commissões, cada uma incumbida da illuminação e ornamentação de uma rua ou praça, estabelecendo-se uma commemoração de oito ou dez dias seguidos, considerados feriados para todo o povo.

“A’ noite, illuminação provisória em todas as casas, até a mais pobre, constando essa illuminação de tijellinhas e lanternas de papel; “marche-aux-flambeaux”; discursos feitos por Martim Francisco e outros.

“O commercio concorria ajudando nas despesas; a loja “Flor de Maio” deu á commissão organisadora da grande festa, muita fazenda para bandeirólas, que que se estendiam em fios de barbante, desde a Rua de Santo Antonio até o largo da Matriz, continuando pela rua da Alfandega, entrando na General Camara, cercando as do Rosario e Amador Bueno e terminando na de São Francisco.

“Em Santos, nas lojas de fazendas, não havia mais ganga, sendo necessario recorrer-se ás lojas da capital, pois faltavam ainda muitas ruas para serem embandeiradas.

A Companhia do gaz preparava arcos para illuminar todas as ruas. O “Correio de Santos” ornamentou a frente do seu edificio com tijellinhas verde-amarello e azul e branco. Ouviase musica por todos os lados. O “Diario” apresentou uma illuminação luxuósa; no largo da Matriz foi levantado por Benedicto Calixto um soberbo arco-triumphal, tendo na frente os retratos do Visconde do Rio Branco e Luiz Gama.

Os postes que serviam de amparo aos fios para os galhardetes, tinham escudos nos quaes se liam os nomes dos grandes abolicionistas.”

Isto tudo realizou-se nos dois primeiros dias subsequentes ao 13 de Maio. Depois viêram os outros.

“No 3.º dia, festas populares de todos os generos se realizaram; no 4.º rezou-se, em pleno Largo da Matriz, junto ao arco triumphal, a missa campal celebrada pelo conego Luiz Alves da Silva. A praça estava apinhada, não havia mais um lugar, e alli, deante do altar soberbamente adornado, credulos e incredulos, impellidos todos pelo mesmo jubilo, curvavam os joelhos que se apoiavam sobre debeis petalas de rosas que atapetavam os parallelepipedos.

Não se distinguiam classes, tanto se hombreava o nobre com o plebeu; não existiam mais rixas de imprensa; os seus representantes estavam todos juntos. Fizeram-se representar nesse acto, todos os consules, todas as escolas de ambos os sexos. Finda a missa campal, o Dr. Eboli, duma das janellas do Grande Hotel de Roma, de propriedade de Elias Caiafa, falou, em eloquente discurso, felicitando o Brasil por esse alto acontecimento. A' tarde desse dia, na mesma praça, lançou-se diante de innumerados assistentes, a primeira pedra para a erecção do monumento que deveria perpetuar a memoria do Visconde do Rio Branco".

(Esse monumento, porem, ficou apenas no enthusiasmo do momento).

No 5.º dia, todas as escolas e populares, foram ao Convento do Carmo, em visita ao tumulo de José Bonifacio, o patriarcha."

Alli fez o discurso chronologico, o eloquente tribuno Silva Jardim, e pela Escola do sexo feminino, regida pela Snra. D. Maria Isabel Silvado, falou a menina Anna Constança Ferreira.

No 6.º dia, Quintino de Lacerda, o homem que fechou a Camara de Santos, foi condecorado, á noite, numa das salas dum sobrado da Rua Xavier da Silveira, junto ao antigo Asylo de Orphãos. Recebeu Quintino de Lacerda essa homenagem por occasião de uma reunião promovida pela commissão dos festejos, para dar a Quintino o premio que lhe cabia como um abolicionista fervoroso.

O peito de Quintino foi condecorado pelas mãos angelicas da menina Carula Martins, filha do conceituado despachante geral, Americo Martins dos Santos. (Medalha que é a que se vê na photographia de Quintino, estampada neste capitulo). Quintino, commovido, quasi sem poder fallar, agradeceu em breves palavras "as tamanhas honras de que não era merecedô".

No 7.º dia, foi collocada na casa onde nasceu José Bonifacio, a lapide commemorativa, entre as janellas do centro e junto á cimalha.

Fronteiro ao edificio a multidão esperava romper-se a gaze que encobria a inscripção historica.

Depois de alguns discursos pronunciados por diversos oradores e que foram cobertos de freneticos applausos, duas gentis mocinhas, puxaram os cordões da

gaze, que, numa queda morosa, bipartindo-se vagarosamente, deixava ler em letras de ouro gravadas sobre finissimo marmore, a inscripção. que todos conhecem: "Esta é a casa onde nasceu e morreu o patriarcha da Independencia — José Bonifacio de Andrada e Silva. Nasceu aos 13 de Junho de 1763. Falleceu a 6 de Abril de 1838".

No 8.º dia, sahiu á rua um prestito, com carros allegoricos, nos quaes figuravam senhoras e cavalheiros da alta roda santense, dando-se durante o seu percurso a imponente batalha de flores. A' noite fallou o Dr. Antonio Bento de Souza e Castro.

Quem não se preveniu de flores, recorria aos papéis de diversas cores, cortados em pedacinhos, e com elles, com um punhado desses improvisados confettis, sarapintavam as cabeças loiras das gentis senhoras, os "clacks" dos cavalheiros e o estrado dos carros luxuosamente adornados.

Deram-se outros festejos menos importantes, e, o povo cansado de divertimentos, por fim procurava o trabalho quasi que em geral interrompido por oito a dez dias."

Ficou célebre tambem um discurso de Martim Francisco Filho, de fundo separatista, solemnizando a entréga de mimos a Quintino de Lacerda e "Santos Garraão", adquiridos por subscripção publica.

Nesse discurso até hoje recordado e há bem pouco tempo reimpresso em São Paulo, disse o illustre Andrada aos homenageados e entre outras considerações, o seguinte:

"Soldados da liberdade humana, defensores da igualdade do Direito, Quintino de Lacerda e Santos Pereira, sub-chefes da recente cruzada que transpoz as muralhas que cercavam e asylavam a escravidão!

Quando, ha poucos mezes, as levas de escravos, como rochedos soltos, vertiginosamente rolavam por sobre esses contrafortes que amparam a serra do Mar, e soffriam caça como animaes danninhos; quando — e os dias vão bem perto! — os ministros, os capitães do matto, os presidentes de provincia, os commandantes de batalhão, os delegados e chefes de Policia — tantos santos de variadas categorias, recém-vindos da libertadora Damasco! — mámente se orgulhavam dos tiro-

teios de Santo Amaro e da espionagem de Cubatão; quando treze mil libertos eram reescravizados em Campos; era nos vossos braços que a desventura encontrava conforto e allivio; era nas vossas casas que se abrigava a captiva trazendo dependurada ás tetas seccas a criancinha que chorava; era com a parcella de vossas economias que comprava o pão para o negro esfaimado, cujo corpo, coberto de cicatrizes, atestava a passagem do chicóte e a visita do viramundo!

O governo queria matar, e matava; queria perseguir e perseguia, Santos Pereira e Quintino de Lacerda queriam libertar, libertavam; queriam salvar e salvavam. Cada um, portanto, desempenhava a sua missão natural!

Cessou, porem, a lucta. Chegou o dia inevitavel da victoria. E o povo santista resolve preceder o futuro no preparo da vossa apothese, assim como precedeu o Brasil inteiro na efficacia da campanha abolicionista. (1)

Elle, por meu intermédio, vos manda entregar estes modestos presentes. Acceitae-os pela intenção que os acompanha; sabendo quanto é doida a injustiça dos homens, quanto tem de teimósa a falsificação da historia, o povo santista protestou arrancar-vos do anonymato assim como arrancastes ao latego vibrante o escravo que gemia.

Quintino de Lacerda, recébe este relógio. Possa elle marcar tantas horas quantas próvas de actividade déste para alcançar a autonomia de tua raça. Elle traz por inscrição a data da Lei pela qual trabalhaste mais do que aquelles que a referendaram.

Soletrando-a, poderão os teus descendentes repetir mais tarde: Meu pae foi um negro que alvejou o pavilhão nacional, apagando de suas dóbras a mais nojenta das manchas.

Santos Pereira, portuguez, recebe este relógio. Possa elle marcar tantos minutos quantos foram os teus actos em pról da libertação dos escravos! Elle traz inscripta a data da lei que diz que não ha mais captivos em terra aonde se fala a lingua de Camões!...

.....

(1) "A Campanha Abolicionista" — 1879/1888 — Pags. 264, 265, 273, 274, 275 e outras.

O triumpho a que assistis, e onde vos compéte notavel papel, não é, não ha de ser o unico conquistado pela vossa resolução. O futuro é intermino e as grandes aptidões são tambem grandes compromissos. (Martim Francisco prophetisava aqui, o advento republicano, como fructo da Abolição em reforço da propaganda politica feita até então).

Lembrae-vos de que estaes em Santos, centro productor de luminósas conquistas. Aqui nasceu Bartholomeu Lourenço que devassava os ares, aqui nasceu José Bonifacio que orientou a Independencia; aqui nasceu a Provincia...

Em S. Paulo e no Rio de Janeiro, não faltou quem se lembrasse do grande papel desempenhado pela cidade de Santos, nas luctas da Abolição, e varias individualidades como alguns jornaes se expressaram elogiósamente a seu respeito. Dispensamo-nos porem, de reproduzir taes elogios, fazendo-o sómente das palavras publicadas pelo "Diario de Noticias" de S. Paulo, em seu numero de 15 de Maio de 1888, o orgam da imprensa paulistana, que tão de perto acompanhára as actividades abolicionistas da cidade de Santos. Eil-as:

"Entendemos cumprir um grato dever de patrotismo, hoje que, com todo o paiz, solemnizamos o advento da Abolição da escravatura no Brasil, proclamada pela Aurea Lei de 13 de Maio de 1888, saudar com todo o enthusiasmo e effusão de alma a patriótica cidade de Santos.

A imponente capital maritima da Provincia de São Paulo, o berço dos Andradas, bafejada pelas brizas do oceano, que tambem lhe beija os pés, é digna de menção e de saudação especiaes no grande dia em que solemnisa-se a liberdade da patria.

Santos foi o primeiro municipio da Provincia de São Paulo, que proclamou a sua emancipação do trabalho escravo, assim como foi alli, que as primeiras turmas de escravos que abandonavam em massa os seus presidios, foram encontrar um generoso acolhimento, conforto, agasalho e trabalho remunerado.

A inclita cidade de Santos, fortificada por Deus com essa muralha que se chama Serra do Mar, foi a praça

forte do abolicionismo onde primeiro tremulou o pavilhão da liberdade dos escravos na Provincia de S. Paulo!

Assim, pois, o “Diario de Noticias” saúda com jubilo a cidade de Santos, a sua população, ao seu denodado Partido Abolicionista e á imprensa local, pelo grande facto que a enobréce e enche de entusiasmo o povo brasileiro — a abolição geral da escravidão!

Viva a cidade de Santos!”

Vamos agóra dar a palavra a alguns depoentes da grande passagem nacional, para que se complete de forma brilhante, o histórico desta pagina memoravel do passado santista.

Principiaremos por Evaristo de Moraes, em sua famosa obra sobre a Abolição no Brasil:

“Ao movimento abolicionista em S. Paulo está intimamente ligada a existencia do famoso QUILOMBO DO JABAQUARA, na cidade de Santos, para onde em regra, convergiam todos os evadidos das senzalas das visinhanças.

Antes porem, de dedicarmos algumas linhas áquella verdadeira “instituição abolicionista”, cumpre não esquecer a Serra do Cubatão, a cavalleiro de Santos, caminho, mais ou menos seguro, para transito dos que demandavam o citado quilombo.

Celebrisou-se o Cubatão, nos ultimos annos da luta, porque era impenetravel á policia paulista, sempre receiosa de possíveis surpresas e emboscadas dos “quilombólas”.

Durante as presidencias do barão da Parnahyba e do conselheiro Rodrigues Alves surgiram pretensões de cercar a Serra e capturar os escravos, que ali se haviam refugiado; mas nunca se chegou a tentar essa arriscada empreza.

A proposito do Cubatão, occórre-nos uma especie de visão prophética de Castro Alves.

Quando elle, em S. Paulo, suppunha terminar o poema “Os Escravos” communicava ao seu amigo e cunhado Augusto Guimarães, na Bahia:

“Devo dizer-te que os meus ESCRAVOS estão promptos. Sabes como acaba o poema? Devo a

S. Paulo esta inspiração. Acabam no alto da Serra do Cubatão, ao romper da alvorada sobre a América. E' um canto do futuro, o canto da esperança". (1)

No começo de 1888, desciam os "quilombólas" do Cubatão, quasi francamente a Santos, uns voltando para a Serra, outros dirigindo-se definitivamente para Jabaquára.

O numero total delles subia, talvez, a déz mil.

Em Santos, a população lhes era acolhedora, e em geral, as autoridades não se preocupavam com a sua existencia, mesmo no seio da cidade, facto observado pelo proprio chefe de policia provincial e transmittido ao presidente. Efeitos inevitaveis da contemporanea vira-volta de Antonio Prado e da attitude consequente da maioria dos proprietarios ruraes...

Era figura central do movimento um preto sergi-pano, ex-escravo da firma Lacerda & Irmãos, por nome Quintino.

Tomára o nome dos seus ex-senhores, que, aliás, o tiveram em grande estima: ficára sendo Quintino de Lacérda.

Muito haveria, si nos sobrasse espaço, para recordar acerca deste destemido e generoso chefe do quilombo de Jabaquára, de quem Gastão Bousquet — um dos bons trabalhadores em Santos, pela causa dos escravos — disse que era "um heróe abençoado".

Effectivamente, elle exprimia o traço de união entre a cidade hospitaleira e os fugidos do eito.

Sua sympathia, sua dignidade pessoal, sua coragem davam-lhe o sufficiente prestigio para manter no respeito e no trabalho, aquellas centenas de creaturas, cheias de justificados ódios, de insoffridas ambições, de anceios de toda ordem.

Chegou a ser, na expressão de Silva Jardim, que bem o conheceu, "uma garantia da ordem para a cidade", pois exercia o cargo de inspector do seu quartirão. (Era Quintino, por seu turno, grande admirador de Silva Jardim, cujo nome escolheu para titulo de um batalhão patriótico, por occasião da Revolta).

(1) A serra do Cubatão éra o caminho de Santos, justificativa do seu uso pelos "fujões" e "canhembóras".

Auxiliar valoroso de Quintino foi o portuguez Santos Garraão, intermediário do Quilombo e da praça de Santos, onde o commercio éra todo pelos escravos. (Seria imperdoavel esquecer, aqui, o nome de Julio Conceição, que ao movimento abolicionista em Santos, prestou serviços de destaque, merecendo por isto mesmo, homenagens da Confederação Abolicionista, a competente aferidora das actividades uteis ao mesmo movimento).

Prestimosa testemunha de todo o movimento popular abolicionista de S. Paulo, nos ultimos tempos, (testemunha que nelle exerceu salientissimo papel) forneceu-nos as notas que se séguem, alem de outras, já por nós utilizadas.

“Onde, porem, o abolicionismo dominou todas as consciencias, numa impressionante unanimidade de opiniões, foi na cidade de Santos. Desde que um escravo conseguia pizar as ruas daquelle porto, éra de facto, homem livre, e, de mais a mais, encontrava emprego remunerador para seus braços..

“Na cidade de Santos guiavam o movimento popular *Quintino de Lacerda* e *Santos Garraão*, fundadores do “quilombo de Jabaquara”, (1) *Julio Mauricio* e *Vanssuiem*, antigo sargento do Exército (2). Nos grupos proletarios estes eram figuras estimadissimas.

Henrique Porchat, rico proprietario e industrial, nunca mediu seus esforços para libertar captivos. Tornou-se elle, posteriormente, a mais preponderante influencia republicana daquelle cidade.

Xavier Pinheiro, intransigente adversario da Republica, foi sempre um abolicionista intemerato e util. Dono de caieiras, lá acoitou muitos fugitivos.

Dois influentes republicanos da propaganda, levaram todo o seu partido em Santos para o abolicionismo: *Americo Martins dos Santos* e *Guilherme Souto*.

(1) Quintino de Lacerda e Santos Garraão não foram os fundadores do Jabaquára. Seus fundadores e financiadores já ficaram indicados neste capitulo.

(2) Wansuit, como já referimos, fôra Imperial Marinheiro da Armada Brasileira, tendo tomado parte na guerra do Paraguay, e não sargento do exército.

O poeta *Vicente de Carvalho*, desde mocinho, se entusiasmou pela santa causa.

Formado em direito, abriu sua banca de advocacia na cidade de seu berço, ao mesmo tempo que negociava em saccos de aniagem. Na officina de sua industria asylou perseguidos. Sua enorme intelligencia constituia o elemento intellectual de maior fulgor que o abolicionismo contava em Santos.

Citei, apenas, os nomes que, de prompto, me occorrem. Lembrar todos seria fazer o resenseamento da população, porque seria impossivel descobrir entre os santistas um escravocrata.

E' São Bernardo uma villa situada nas abas da Serra do Mar, entre Santos e S. Paulo, ponto de passagem quasi obrigatório para os que do interior demandavam o solo livre de Santos. Os companheiros que ahi favoreceram nossas emprezas foram o Dr. Luiz Flaker, o professor normalista Lindolpho e o coronel João Teco."

Servindo-nos dos jornaes da época, da tradição oral e dos dois relatórios, façamos succinta narração das occorrencias, que tamanhos sobresaltos motivaram.

Os escravos, sem haver commettido qualquer attentado pessoal ou contra a propriedade, sahiam de Capivary, e, como se dirigissem para Santos, tiveram de atravessar Itú. Seu numero passava já de 100.

No emtanto, fôra, ao seu encontro uma pequena força policial, fiada, provavelmente, na antiga passividade dos escravos.

Sem embargo da intervenção da força, os "retirantes" sempre com rumo a Santos, seguiam pela estrada velha, quando, proximo á Villa de Santo Amaro, nas visinhanças de S. Paulo, se deu o embate com outra força (esta de cavallaria) que o governo mandára no seu encalço. Succedeu que os soldados tinham inutilisadas as clavinhas em razão da chuva.

Atacaram, pois, os pretos a arma branca e patas de cavallo.

O encontro foi muito sério. Morreram um soldado e um preto. (Factos posteriores vieram demonstrar dois

equivocos do jornal paulista: os escravos não eram sómente de uma fazenda e o seu numero era superior.)

O governo paulista, apavorado, ao mesmo tempo que pedia ao governo central auxilio de tropa de linha, expedia ao encontro dos "retirantes" uma força de 60 praças, sob o commando do tenente-coronel (capitão do Exercito) Canto e Mello. O chefe de policia, em pessoa, acompanhava a força.

Já então, se sabia, em S. Paulo que os pretos reagiam contra os soldados, gritando:

"Liberdade ou móрте! Viva a liberdade! Aqui ninguém se rende. Preferimos morrer!"

Afinal, as autoridades desistiram da offensiva. Adoptaram novo plano: cercar os "retirantes" na fralda do Cubatão, caminho de Santos, tomando, ali posição defensiva.

Não logrou exito a estrategia. Pelos mattos, sorrateiramente, os escapos ao captiveiro lograram attingir á que era, sua almejada "Chanaan — o alto daquella serra, de onde, a pouco e pouco, desceram, em grande numero, para SANTOS."

Estas são as palavras do eminente Evaristo de Moraes (obra citada) que julgamos nosso dever transportar para aqui. Ellas constituem um resumo de tudo quanto dissémos, com a vantagem de serem ditas por quem são. A epopéa da Serra do Cubatão, immortalisada nos versos de Vicente de Carvalho, tem nessas palavras, descripto um dos seus episódios, e alguns dos grandes abolicionistas de Santos têm nellas mesmas, o seu titulo de glória e perpetuação.

Vão depôr agóra, alguns participantes da gloriósa pagina santista.

DEPOIMENTO DE ANTONIO AUGUSTO BASTOS: (1)

"A historia do abolicionismo em Santos ainda está por fazer. Os verdadeiros heróes dessa campanha

(1) "O Estado de São Paulo" — "Inquérito histórico" sobre a Abolição entre os abolicionistas vivos. 1926?

ainda são desconhecidos desta geração. Quem é que hoje sabe quem foram Santos Garrafão, Eugenio Wansuit, Quintino de Lacerda e Major Xavier Pinheiro?

Entretanto, esses obscuros homens do povo eram a alma da grande cruzada da libertação dos escravos em São Paulo; Santos Garrafão sacrificou tudo o que possuía. Os generos de sua casa de negócio sustentaram por muito tempo os escravos fugidos, acoutados no Jabaquara, acabando elle por sahir pelas ruas da cidade angariando generos alimenticios e roupas para essa gente.

Quintino de Lacerda, ex-cosinheiro do actual senador Lacerda Franco — o Totó Lacerda, já nesse tempo um dos chefes republicanos, era o encarregado de governar o quilombo do Jabaquara e o fazia de formas a manter perfeitamente a disciplina em seus dominios. No Jabaquara se acoutavam alguns milhares de foragidos. A policia e os celebres capitães do matto, nunca se atreveram a transpôr os dominios de Quintino de Lacerda para de lá arrancar os foragidos.

Eugenio Wansuit era um mulato pernostico, falando muito, fazendo a propaganda no seio do povo com muito proveito.

Em uma conferencia que Campos Salles fez no Theatro Rink, Eugenio Wansuit lembrou-se de advertir ao fogaoso orador republicano, que precisava ser coherente, que um republicano não podia ser senhor de escravos. Silva Jardim, tomando a palavra, secundou a Wansuit, o que deu em resultado Campos Salles tomar o compromisso de libertar os escravos, recebendo uma grande ovação, uma verdadeira apothese.

Eram assim os abolicionistas de Santos, convictos e abnegados.

O Major Xavier Pinheiro não era um homem do povo, era mesmo um dos chefes do Partido liberal, mas vivia com os moços, era o chefe revolucionario dos abolicionistas de Santos. Por iniciativa do major Pinheiro fundou-se a sociedade abolicionista, a "27 de Fevereiro".

Da sua directoria faziam parte o Major Pinheiro, Joaquim Fernandes Pacheco e Antonio Augusto Bastos, presidente, 1.º e 2.º secretarios.

No Paquetá, na residencia do presidente, se faziam reuniões diarias, onde discutiam com enthusiasmo o problema da abolição. Em um sotão de um sobrado do largo do Carmo se reuniam os revolucionarios para combinarem a fuga de escravos e o seu transporte para outras Provincias e para o estrangeiro. Todas as Companhias nacionaes e estrangeiras se prestavam a dar passagens gratuitas aos escravos, que eram enviados para as Provincias e algumas vezes para o estrangeiro.



Antonio Augusto Bastos

Antonio Rosa, escravo da familia Xavier de Moraes foi enviado para os Estados Unidos, e de lá, mezes depois, escreveu aos senhores amavel cartão, pondo os seus prestimos á sua disposição.

A "27 de Fevereiro" manteve-se sempre em actividade, durante a campanha abolicionista, prestando grandes serviços ao movimento, de accordo com Antonio Bento, o organisador da fuga em massa dos escravos das fazendas, que se dirigiam para Santos em busca do Jabaquara.

A tragedia da serra do Cubatão entre uma leva de escravos fugidos e a policia, cantada nos bellos versos de Vicente de Carvalho, é um dos episodios extraordinarios do abolicionismo e precipitou o desfecho do problema que terminou com esse 13 de Maio, uma das mais bellas paginas da nossa historia.

A imprensa de Santos, era toda abolicionista e com o "Diario de Santos", não davam treguas aos escravocratas. A mocidade desse tempo mantinha jornaes e sociedades abolicionistas, salientando-se o "Piratiny", dirigido por Guilherme Mello e Antonio Augusto Bastos. Era o orgam dos vermelhos, sendo um dos collaboradores, Vicente de Carvalho; "A Evolução" de Sylverio Fontes, "A Procelária" de Julio Ribeiro, "A Idéa Nova" de Constantino Mesquita e outros, batiam-se pela libertação immediata dos escravos.

Santos, enfim, era a Chanaan dos escravos e aqui elles encontravam a liberdade mesmo contra os senhores e os governos”.

DEPOIMENTO DE AMERICO MARTINS DOS SANTOS: (1)

“Quintino de Lacerda foi um negro valente, o dominador do Jabaquara. Preso-me de o ter descoberto, de lhe ter dado a mão, e hoje, de venerar a sua memória. Orgulho-me de ter sido um dos contribuintes, o maior e mais devotado, para a manutenção do Jabaquara e o meu amor por aquelle reducto de liberdade era comprehendido pelos quilombólas defendidos por Quintino de Lacerda, que sentiam por mim a maiór sympathia.

Quintino de Lacerda possuia um cavallo branco e nelle subia a serra, á noite, para encontrar partidas de negros fugidos, que vinham em demanda do Quilombo do Jabaquara. Ás vezes, sem que eu esperasse, elle apparecia em minha casa, altas horas da noite, em busca de recursos para depois subir a serra e socorrer os fugitivos, que chegavam quasi nús e famintos. (2)

Muitas vezes elle com sua gente enfrentou na estrada de São Paulo os capitães de matto que pretendiam prender os fugitivos, e Quintino, que era valente como as armas, os fazia fugir, para não serem trucidados.

As informações sobre a chegada de levas de fugitivos nós as tinhamos dos valentes abolicionistas de São Paulo, nossos amigos, Antonio Bento e João Candido Martins, socios que eram, donos da Drogaria Baruel, á Rua de São Bento, centro de todo o movimento da Abolição.

Uma vez o governo mandou para aqui um batalhão de engenheiros chefiado pelo major Dom Joaquim Bal-

(1) “O Estado de São Paulo” — Inquerito Historico. Collecção de 1926.

(2) Américo Martins comprometteu grande parte da fortuna que então possuia, chegando mesmo a difficuldades commerciaes depois, em consequencia dos sacrificios a que se impoz nas duas campanhas, mas principalmente nessa.

thazar da Silveira, engenheiro, e que veio com o proposito de arrazar o Jabaquára, por occasião da descida de grandes levas de escravos que abandonavam as fazendas para se refugiarem em Santos.

Seríamos destruidos daquella vez! Mas o major Joaquim Balthazar da Silveira tinha sido meu collega na Escola Militar e eu fui logo para bordo com a idéa de dissuadil-o de tal intento. Fui bem succedido. Dom Joaquim, que só então soube do que vinha fazer, reconheceu-me e resolveu não só deixar de arrazar o Jabaquára, mas ainda proteger os quilombólas, dizendo que nós podíamos ficar descansados, contando com elle.

Assim, o Jabaquára ficou em paz; o refugio dos escravos, que usavam a palavra Santos como synonimo de liberdade continuou amparado por Quintino de Lacerda e pelos demais abolicionistas que eram muitos, entre elles figuras interessantes como o Santos Garrafão e cavalheiros da sociedade daquelle tempo, como Ricardo Pinto de Oliveira, Theophilo de Arruda Mendes, Manuel Francisco de Araujo Vianna, Xavier Pí-nheiro e tantos outros.

Uns contribuiam com dinheiro proprio, outros angariavam donativos e generos, e outros ainda recolhiam os pretos em suas casas e sitios, dando-lhes trabalho e renda.

Tenho a satisfação de lembrar agóra, que fui eu a comprar um trem de carroças, pela quantia de 14 contos, que offereci a Quintino de Lacerda, para que elle pudesse trabalhar, ganhar algum dinheiro e continuar sendo util á causa, contribuindo para a manutenção do Jabaquára.

Dom Joaquim Balthazar da Silveira é um nome que ainda há de ser um generoso symbolo”.

DEPOIMENTO DE JOÃO SALERMO :

“A proposito da propaganda abolicionista recordo-me d'entre outros dos abolicionistas João José Teixeira, proprietario do “Diario de Santos”, Aprigio Carlos de Macedo jornalista e professor publico (que com sua esposa Da. Joanna Machado, tambem professora,

inauguraram as escolas no predio construido pelos então Viscondes de Embaré e Vergueiro, á Rua 2 de Dezembro, em que fuccionava até pouco tempo o Grupo Escolar Olavo Bilac), Dr. Antonio da Silva Jardim, Dr. João Galeão Carvalhal, Dr. Martin Francisco, João Guerra, alem dos republicanos Henrique Porchat, João Bernardino de Lima, Joaquim Manoel Alves Lima, Guilherme Souto, Americo Martins dos Santos, Francisco Martins dos Santos (este Liberal), e na rapaziada, Gastão Bousquet, Alberto Souza, Constantino Mesquita, Antonio Augusto Bastos, Leopoldo de Freitas, Joaquim Montenegro e tantos outros.

Existia uma associação de abolicionistas sob a denominação de "27 de Fevereiro", data esta, em que, em 1886, foram libertados os ultimos escravos existentes em Santos; e, em homenagem ao facto, foi dada a denominação a uma via publica, hoje substituida por "Conselheiro Saraiva", autor da lei que libertava os sexagenarios.

O caminho para o Jabaquara, éra por traz da Santa Casa, encontrando-se á subida da montanha a chacara de Benjamin Fontana e á esquerda do morro o caminho para o Monte Serrate, e, no proseguimento do caminho, a estrada era estreita e tortuôsa com destino ao Jabaquara, Chanaan dos escravos acolhidos por Quintino de Lacerda. Antes de lá chegar existia um sitio de propriedade de Geraldo Leite da Fonseca, despachante da Alfandega, trabalhando na casa Augusto, Leubá & Cia."

DEPOIMENTO DE JULIO CONCEIÇÃO :

Quando se fallar em Abolição no Brasil, não se poderá deixar de dizer, que ella foi obra exclusivamente popular e principalmente paulista.

Quem assistiu o espectaculo soberbo do abolicionismo em São Paulo e Santos, não poderá pensar de modo differente porquê jamais esquecerá as scenas desenroladas, os trabalhos desenvolvidos, as luctas maravilhosas em torno do ideal de libertação.

Ninguém deve esquecer, que, em principios de 1887, o Presidente da Provincia, Queiróz Telles, traduzindo a importancia da obra libertadora dos paulistas e a desmoralisação em que se achava o Poder Publico perante a Sociedade, por incapaz de reprimir a desobediencia geral á Lei em toda a Provincia, mas, especialmente em São Paulo e Santos, telegraphava para o Governo do Rio de Janeiro, "QUE NÃO ERA MAIS POSSIVEL CONTER A EVASÃO DOS ESCRAVOS NA PROVINCIA, PORQUÊ, OS SOLDADOS HAVIAM FEITO CAUSA COMMUN COM OS ABOLICIONITAS, FAVORECENDO A PASSAGEM DOS FUGITIVOS PARA A CIDADE DE SANTOS". Tal comunicação, causou extraordinario alarme ao Governo inspirando á Princeza D. Izabel a decretação da liberdade geral dos captivos. Este é um facto rigorosamente histórico, que diz bem claro onde nasceu verdadeiramente a Abolição.



Julio Conceição

Participante que fui da gloriôsa campanha, orgulho-me de haver concorrido com serviços materiaes e Moraes e auxilios pecuniários, para a victoria do ideal commum, ao lado de inolvidaveis trabalhadores da causa, ao lado de "Santos Garrafão", o portuguez José Theodoro dos Santos Pereira, grande e destemido elemento da Abolição em Santos, o qual tinha seu pequeno escriptório em espaço que lhe cedi em meu proprio escriptório commercial, na Rua de Santo Antonio, então sob a razão social de Julio Conceição & Mello, sendo por isso testemunha das grandes acções do valente paladino da liberdade dos captivos. "Santos Gar-



Exemplar raro dos Diplomas conferidos pela "Confraria de N. S. dos Remedios" de S. Paulo, a notavel organisação de Antonio Bento, aos seus membros abolicionistas. Este é o de Julio Conceição

ração" foi um benemérito, dedicando-se inteiramente áquelle ideal, como se dedicou também, um anno depois, á salvação publica, na calamidade do anno seguinte, a fêbre amarella de 1889. Elle vivia maritalmente com a preta Brandina, afamada cosinheira que dirigia uma casa de pasto de propriedade de ambos, onde hoje é a Praça da Republica, na antiga Rua Septentrional, muito procurada por toda gente daqui e de fóra, a qual tornou-se o braço direito de "Garrafão" e de todos os "cabos" abolicionistas, no soccorro aos negros, aos quaes fornecia comida, fumo e remédios, olhada por todos elles como uma verdadeira mãe.

Nessa occasião, privei com muitos vultos da campanha memoravel, entre os quaes reputo necessario salientar as figuras principaes de Quintino de Lacerda, o commandante de Jabaquára, Geraldo Leite da Fonseca, despachante de Augusto Leubá & Cia, e parece que sócio dessa firma, que representava uma companhia franceza de vapores, um brávo na accepção do vocábulo; Americo Martins dos Santos, um batalhador dedicado desta campanha e da campanha da Republica; Ricardo Pinto de Oliveira, professor e despachante da Alfandega; Guilherme Souto, honradissimo negociante que até foi á fallencia, entregando a propria cama em que dormia para pagamento de sua divida; o illustre Martim Francisco, Julio Ribeiro o philólogo, ambos jornalistas das duas campanhas, Carlos Escobar, Affonso Veridiano, José Ignacio da Gloria, com grandes serviços em São Vicente, o Cel. José Lopes, Dr. Manoel Homem de Bittencourt, Dr. Lobo Viana, Dr. Silvério Fontes, Dr. Sóter de Araujo, Julio Backeuser, Juca Leite (irmão de Geraldo Leite), Vicente de Carvalho, Antonio Augusto Bastos, José André do Sacramento Macuco, Antonio Carlos da Silva Telles, Henrique Porchat, Theóphilo de Arruda Mendes, José Antonio do Amaral Rocha, João Guerra, Joaquim Fernandes Pacheco, Francisco Martins dos Santos Junior, e os eminentes Silva Jardim e Rubim Cezar, como outros ainda, que seria longo enumerar.

Todos nós trabalhavamos de accordo e em conjugação de esforços com Antonio Bento, Feliciano Bicudo e outros chéfes abolicionistas de São Paulo, os quaes encaminhavam para Santos todos os escravos subtraídos ás chacaras e fazendas da Capital e do interior,

obra entrégue aos famosos “caiphazes” cujo trabalho ninguém poderá esquecer na distribuição dos merecimentos dessa phase histórica do Brasil, grandes trabalhadores, como foram, nas cidades e nos sertões, que, trabalhando óras desassombradamente, óras sob mil artificios, vencendo prejuizos e cansaços, ajudaram a libertar em alguns annos de lucta e com grande antecipação da Lei Aurea, mais de 200.000 escravos da Provincia a ponto de se poder e dever dizer, como já disse, que a Abolição não foi obra da Princeza Izabel nem dos seus titulares do Rio de Janeiro, como ingratamente se commemóra, e sim do povo abnegado de algumas Provincias, mas especialmente do povo de São Paulo.

Que outros contem os pormenóres do grande movimento em Santos, e terá a Historia, a confirmação das minhas palavras.

Santos foi o baluarte maximo da Abolição, o eixo de todo o movimento popular que venceu policias e governos, e tem sido esquecida por quantos têm escripto sobre Abolição no Brasil, não recebendo pelo menos o destaque a que tem direito, na distribuição aos merecimentos da memoravel campanha, e, na minha opinião, nella, os negros de todo o actual Estado de São Paulo e em sua falta os governos, deviam levantar, no chão sagrado do Jabaquára, um monumento de glorificação a “SANTOS A LIBERTADORA”.

DEPOIMENTO DO CEL. FELICIANO BICUDO :

Não fui propriamente um abolicionista santista, porque, sahindo de Santos no anno de 1875, passei em São Paulo quasi todo o tempo da grande e generosa campanha, entregando-me inteiramente a ella, mas sempre apoiado no baluarte libertador que era para todos nós esta importante cidade littorânea, expressão legitima de abolicionismo generalizado, denodado, persistente e victorioso. Santos era o rúmo dos infelizes que nós conseguíamos arrancar ao captiveiro, conquistando-os nas cidades, nos sitios ou nas fazendas, de qualquér maneira e contra qualquér risco. Ficavamos satisfeitos quando os punhamos a caminho de Jabaquára, o famoso reducto santista, e, quando sabíamos

que os escravos subtraídos tocavam as raías do municipio do litoral, deixavamos de pensar nelles, para pensarmos em nóvos infelizes, porque aquelles já estavam então entréguas á propria liberdade, synthetizada pela terra santista.

Em São Paulo, na generosa e grande São Paulo de José Bonifacio (o Moço), Dr. Fernandes Coelho, Candido de Carvalho, Antonio de Paiva, Luiz Gama, Antonio Bento, Antonio Paciencia, Manoel da Rosa Silveira,, Vicente Eboly, Carlos Garcia, Antonio Baptista Ebekem, João Joaquim do Nascimento, Roque de Carvalho, Roberto Nelsen, Hypolito da Silva e tantos grandes abolicionistas, cujos nomes não deviam morrer na gratidão do povo, fui o fundador e Presidente do famoso Clube dos

Abolicionistas do Braz, que tantas estrepolias fez em São Paulo e tantos escravos libertou em situações as mais diversas e muitas vezes dramaticas.

Companheiro de João Ferreira Granja e José Villa Maria, vultos de muito nóme no São Paulo Abolicionista daquelle tempo, fui com elles, victima da mesma prisão, em consequencia de um furto de escravos que fizemos numa importantissima chácara da Capital, quando se achava a familia entretida com uma festa intima, se me não falha a memória. Nessa occasião, deixamos a importante familia sem um criado siquer para servil-a, porquê todos eram escravos e nós os encaminhamos para Santos sob mil artificios. Fomos, por isso, presos e processados. Villa Maria e Granja conseguiram depois de algum tempo, escapar ao processo e deixar a prisão. Eu, porem, só consegui desvencilhar-me da policia, apóz uma série de circums-



Feliciano Bicudo

tancias, em que, disfarçado de tropeiro, até, tive que refugiar-me em Santos, e apóz ter, algum tempo depois, respondido a jury, no qual fui unanimemente absolvido. Tive ahi o offerecimento profissional de innumeros advogados de São Paulo, mas só me utilizei dos eminentes Dr. Fernandes Coelho e Dr. Joaquim José Vieira de Carvalho, conhecidos jurisconsultos, sendo este ultimo santista.

Lembro-me tambem, de que um dia, recebi de Santos um telegramma sem assignatura e sómente com estas palavras:

“Encommenda ségue hoje trem 10 horas espére estação”.

Surprehendido, mas desconfiado de que algo de anormal seria, convidei um meu visinho, grande e decidido abolicionista, membro do Club do Braz, em cujo bairro moravamos, e fomos ambos para a pequena estação.

Á chegada do trem, tive a felicidade de ver, junto a um latagão hespanhól, conhecidissima preta de Santos, e percebi immediatamente, que a “encommenda” éra aquella.

Tomámos ambos o mesmo vagão em que viajavam o senhor e a escrava, e, ao chegar na Luz, enquanto o meu companheiro, homem fórte tambem, fingia um tropeção cahindo sobre o hespanhól e atrapalhando-o por momentos, eu tomava a preta pela mão e sahia com ella, rapidamente, vagão a fóra, passando entre dois policiaes que guarneciam a sahida da estação e que nos ficáram a olhar, aturdidamente, sem poderem comprehender a scena de primeira vista. Num ápice metti a escrava num dos carros da Luz, sendo justo que diga de passagem que todos os cocheiros de São Paulo éram abolicionistas e exerceram na campanha relevantissimo papél, e, duas hóras depois, já a tinha escondida num pequeno subterraneo que fizéra em minha casa para esse fim, cuja entrada ficava por baixo de uma grande arca onde guardavamos cousas vélhas e objectos da familia.

Antonio Bento soube desse facto mais tarde e gabou muito a habilidade do raptôr, mas só soube que fôra eu esse raptôr no primeiro encontro que tivémos.

Pela preta subtrahida, foi que eu soube, que o telegramma recebido éra de "Santos Garrafão", a grande figura popular da cidade de Santos, que a avisára do que ia fazer, aconselhando-a a se fazer vista por mim na estação do Braz e a obedecer a todos os meus signaes ou actos em seu favôr.

Assim como eu, muito trabalharam centenas de abolicionistas em São Paulo, sendo justo lembrar os "caiphazes" e os "cometas" os chamados caixeiros viajantes, que, no interior, simulando visitas commerciaes, approximavam-se dos escravos pertencentes aos commerciantes visados, com sacrificio dos seus proprios interesses, combinando com elles, a fuga em massa para Santos.

Tal foi a actividade dos paulistas numa época em que éra crime a protecção ao captivo, e, assim, Santos e São Paulo foram os realizadores da Abolição, e nenhum Governo, como nenhuma Lei ou policia seria capaz de impedir o grande trabalho libertador das duas cidades, que precipitaram a decretação da Lei Aurea, sob pena de breve e absoluta desmoralisação do Governo Provincial e consequentemente Imperial, nessa questão importantissima.

Como o Tratado de 1750 veio dar ao Brasil os limites já dados ao paiz pelos Bandeirantes, ractificando o que já fôra feito, a Lei de 13 de Maio de 1888 apenas fez isso tambem, ractificou o què já estava e o que vinha sendo feito contra todas as Leis e Disposições do Governo, e, assim como ninguem póde tirar aos Bandeirantes a glória de realizadores da expansão territorial brasileira, ninguem poderá roubar tambem aos abolicionistas, especialmente aos da antiga Provincia de São Paulo, a gloria da Abolição no Brasil.

DEPOIMENTO DO PROFESSOR CARLOS ESCOBAR :

Para mim é fóra de duvida que os factores da abolição foram as idéas proprias aos tempos modernos, a prohibição do trafico negro, a Lei do ventre-livre, o fundo de emancipação, a desorganisação do trabalho agricola, o apostolado popular, a recusa dó exército em pegar negros fugidos.

A Princeza, não obstante o respeito que nos mereceu, como o gabinete João Alfredo, entrou nessa cousa qual Pilatos no Credo. O Snr. Teixeira Mendes, o maior philosopho brasileiro e o coração mais puro que conheci até agora, provou que a Abolição foi conquistada popular, como a Independencia tinha sido antes obra de José Bonifacio, explorando a vaidade de D. Pedro I.

Recordo-me perfeitamente, que o meu eminente amigo Snr. Julio Conceição, poz ao serviço do movimento abolicionista a sua mocidade vigorosa, a sua intelligencia esclarecida, a sua bolsa caridosa. Quantas vezes ao lado de Quintino de Lacerda, de Santos Garraão e de outros abolicionistas fomos receber os seus ponderosos conselhos.

Assisti, na Capital, ás prisões de Bicudo e de José Maria. Fui ao consistório da Igreja dos Remédios, na Typographia da "Redempção", nessa tarde sombria, por ordem do Dr. Antonio Bento, compôr o protesto contra essas prisões injustas, o qual foi profusamente distribuido á noitinha. Nesse consistório realisei diversas conferencias presididas pelo venerando chefe abolicionista.

Estive em Mogy-Mirim, onde realisei uma conferencia abolicionista promovida pelos Drs. José Oscar de Araujo Cintra e Alexandre Coelho, no salão da Camara Municipal, quando o Conde de Parnahyba enviou para aquella cidade um forte contingente destinado a deter a marcha de escravos que abandonavam as fazendas.

Em Campinas, assiduo collaborador do jornal de Henrique Barcellos, valente abolicionista, assisti á intervenção do Capitão Collatino, parece-me que hoje general, mandando espaldeirar os abolicionistas. Estive no meio do povo na celebre noite do "quebra-lampeões", em que resistimos á tropa desse Capitão, dispersa no seio da massa, para nos espancar.

Vi senhores embarcando escravos na estação daquelle cidade e empregados da Paulista dando agasalho aos fugitivos até nos vagões de carga.

Antonio Bento tinha partidarios por toda a parte. Eram humildes trabalhadores e opulentos proprietarios. As mulheres, os velhos, os jovens, enriqueciam as hostes abolicionistas.

Mas a pagina brilhante da Abolição foi escripta em Santos, onde era um crime ser escravocrata, e toda a população rejubilava-se de proteger os fugitivos, com Julio Conceição á frente.

E uma nota de que nos devemos lembrar. Muito antes do Dr. Antonio Bento, numa reunião de libertos e de estudantes, na qual tomei parte, ficou deliberada a desorganisação do trabalho agricola, pela fuga dos escravos. Mas, só o grande Dr. Antonio Bento teve a subida honra de executar esse programma, pelo menos dois annos depois dessa reunião.

Collaborei na "Redempção" até os seus ultimos dias e conheço toda a trama para o assassinato do grande chefe abolicionista. Procurava-se com todo afinco o escriptor da secção "DE CASACA E SEM CASACA, COM CHAPÉU E SEM CHAPÉU".

Na libertação dos escravos do Ceará, foi Santos que concorreu com o maiór obulo para abrigar os fugitivos que já se tinham desviado para a Provincia de São Paulo, e, devem existir nos archivos de Quintino de Lacerda as provas desse facto.

—:—

Encerramos com este depoimento precioso, o histórico do movimento em Santos, resumido sufficientemente para que pudesse caber dentro da historia geral da cidade, como um dos seus mais brilhantes capitulos, cértos porem de que um dia, há de apparecer quem escreva com detalhes e abundancia de próvas a historia da Abolição na Provincia de São Paulo.

A Campanha Republicana

Quando em 1870 surgiu em São Paulo a corrente republicana, consequencia talvez da fundação anterior do Partido Liberal-Radical, verificada em 1868, em que haviam figurado desde logo muitos dos nomes tornados grandes depois, surgiram tambem em Santos os primeiros republicanos.

Não éra de extranhar essa immediata repercussão, porquê, cincoenta e poucos annos antes, já um santista, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, tentára com os idealistas pernambucanos a malaventurada revolu-

ção de 1817, para implantação da Republica naquella região da terra brasileira, um dos mais bellos movimentos idealistas do paiz, processado numa época em que talvez não estivessem os espiritos preparados para tão importante transição politica, e, a impressão pois, éra de que a nova aspiração descendia em linha recta daquella primeira e de que despertavam só então no espirito social e politico de São Paulo, os sentimentos andradinos adormecidos por meio século. Houvesse naquella época adherido São Paulo ao movimento pernambucano e elle teria, certamente, vencido, porque sempre se viu que a adhesão dos paulistas a qualquer idéa nacional constituia a certeza antecipada da victória.

O apparecimento do republicanismo em S. Paulo não podia, portanto, deixar de projectar-se sobre Santos, mesmo porquê elle proprio parecia inspirar-se na figura máscula do santista Xavier da Silveira, que, violentamente, vinha combatendo os erros governamentaes em S. Paulo, encabeçando sósinho e por conta propria a reacção em nome dos perseguidos e oprimidos de Santos e São Paulo, convocando comícios e fazendo representações publicas contra a situação conservadora inaugurada na Provincia em 1868, sob a Presidencia do Visconde de Itaúna, que tão negro futuro parecia estar cavando para a Provincia em suas mãos.

Joaquim Xavier da Silveira éra naquella occasião a figura convergente das duas Sociedades, e, num dos seus arrojados convocára certa vez para os vastos armazens de J. Elias, na antiga Rua de S. José (hoje Libero Badaró) uma reunião publica, desde logo prohibida pela policia. Tomadas as portas do citado estabelecimento por praças embaladas e espalhadas as prévias noticias da violencia a empregar-se, poucos acreditavam na realisação do comicio. Á hora aprazada, porem, surgiu Xavier da Silveira seguido de muito povo, e, dirigindo-se para os dois guardas que haviam cruzado as bayonetas deante da pórtia, mediu-os sobranceiramente, sem dizer uma palavra, levantou os braços num gesto largo que descruzava as armas policiaes, e penetrou no edificio seguido dos companheiros que deviam secundalo na tribuna determinada.

A energia desenvolvida por Xavier da Silveira nessa phase agitada da sua vida publica, exaltou-o por tal forma aos olhos dos seus adversarios, que elles lhe enviaram um dos chéfes do Partido Conservador, promettendo-lhe um logar de Deputado, caso adherisse á situação.

A resposta do illustre santista, dada nessa occasião ao chefe Conservador, foi dessas que marcam uma época e estereotypam um caracter:

“— Agradeço-lhe muito, Conselheiro, a sua manifestação de sympathia e de confiança, mas, sou altivo demais para sujeitar-me ás exigencias de um compromisso partidário, e, se algum dia for deputado, desejo achar-me preso apenas pela delegação directa do electorado paulista, sem outros entraves á minha acção, que não sejam os derivados das minhas relações politicas com a opinião publica da minha Provincia.” (Veja-se a biographia deste santista.)

Mal acabava a guerra com o Paraguay, e, a 3 de Dezembro de 1870 apparecia em publico o primeiro manifesto republicano, tornado famoso por ser assignado por muitos homens de valor, entre os quaes alguns que tinham tido a responsabilidade de altos cargos na administração e na legislatura, e que se mostravam de todo desilludidos. (1)

A genese do republicanismo paulista foi essa, a que não ficou alheia a cidade de Santos, e, depois, nos quatro annos seguintes, assistiu-se ao avultar do movimento com a realisação de um pequeno congresso em casa de Américo Brasiliense, a 17 de Janeiro de 1872, primeira reunião propriamente partidária e em seguida com a realisação da famosa Convenção de Itú, a 18 de Abril de 1873, reunidos representantes de 17 cidades paulistas; com a convocação do 1.º Congresso Republicano em São Paulo, a 1.º de Julho de 1873, presentes representantes de 29 cidades da Provincia, no qual se elegeu uma commissão permanente, incumbida de redigir um Projecto de Constituição Republicana, e, finalmente, com a realisação do segundo Congresso Republicano, a 5 de Abril do anno seguinte de 1874, presentes representantes de 24 cidades.

Santos foi parte de todas as preliminares do movimento idealista reformador.

Nesse anno de 1874, fallecia Xavier da Silveira em sua casa dos Quartéis, cercado do respeito de todo o quartearão eminentemente conservador, victimado pela variola. Apóz sua morte reaccenderam-se as antigas rivalidades entre a

(1) ROCHA POMBO — “Historia de São Paulo” — Resumo didactico — Pag. 115.

gente dos Quartéis e a gente do Vallongo, realizando a pagina violenta da chronica santista — Quarteleiros e Vallongueiros.

Desde muitos annos detestavam os conservadores dos Quartéis aos liberaes do Vallongo. Este era o districto mais importante da cidade, apresentando os melhóres prédios e os mais ricos cidadãos, representando a segunda phase de expansão que succedeu a estagnação dos primeiros tempos de que o districto dos Quartéis era o remanescente. A principio as rivalidades traduziam-se apenas em satyras de seresteiros, versos e cantigas de debique e remóque, pululando os versejadores de improviso e amiudando-se as serenatas que terminavam em correrias por descambarem aos poucos para o terreno da provocação. Depois surgiram os desafios de capoeiras e jogadores de pau, aferindo as superioridades do povo dos dois bairros, e, por fim, os assaltos nocturnos de um quarteirão a outro, a pedradas, cacetadas, canivetadas e tiros de garrucha. A phase mais violenta pronunciou-se depois da mórte de Xavier da Silveira, mantendo os dois bairros, sentinellas avançadas á noite, que impedissem uma surpresa dos desaffectedos. A policia tinha trabalho para impor ordem aos elementos dos dois quarteirões, e, as suas providencias variavam segundo a situação dominante na Provincia.

Por muito tempo ainda durou essa rivalidade que foi se extinguindo com a penetração do sentimento republicano na massa popular e com o progresso do bairro dos Quartéis. O povo dos Quartéis, composto em sua maioria de proletários adheriu com mais rapidez á idéa da republica, e, o Vallongo aos poucos foi passando tambem para as hóstes novas, a ponto de se irmanarem sem ódios ou differenças por occasião da phase violenta e definitiva da Abolição e da Republica, de 1885 a 1890.

Emquanto se formava em São Paulo a corrente republicana; no Rio de Janeiro, um santista tambem, Augusto Fomm (veja-se a sua biographia) tornava-se um dos fundadores do Partido Republicano do Rio de Janeiro, fechado violentamente pela policia imperial em 1871, e um dos subsidiarios e collaboradores do jornal "A Republica", primeiro orgam ostensivo da propaganda em todo o paiz. Apóz o apedrejamento e empastelamento desse jornal, pelos monarchistas inspirados na propria autoridade, tornava-se Augusto Fomm um dos financiadores da sua reorganisação, e, nessa occasião, alliado a seu illustre cunhado, o paulista

Dr. Miranda Azevedo (1) fundava elle em sua propria casa do Cattete, que era o maior fóco de republicanismo do Brasil, o 2.º Club Republicano, mais tarde Club Federal, do qual foi Presidente até morrer.

Augusto Fomm não gosou das glorias do triumpho e do bafejo da fama, porque falleceu dois annos antes de 89, deixando o seu lugar, talvez, para os idealistas de ultima hõra, quando a corrente já era considerada vencedora, e cujos nômes hoje apparecem no endeusamento só devido aos verdadeiros autores do triumpho. (2)

E elle não se limitára ao Rio de Janeiro, porquê, fôra um dos organisadores dos dois movimentos em Santos, para onde vinha em successivas viagens.

Nos primeiros annos, empolgada como estava Santos pelo sentimento abolicionista em seu coração tradicionalmente caridoso quasi não havia lugar para outro cuidado, e por isso limitaram-se os republicanos locais á propagação das idéas, popularizando a reforma que se pretendia adoptar, a par da campanha libertadora em pleno periodo de acção.

(1) Annos mais tarde, emquanto Silva Jardim, sahindo de Santos onde mantinha o externato "José Bonifácio" e onde exercia todas as suas actividades, como uma sombra, acompanhava S. Alteza o Conde d'Eu em sua excursão politica ás Provincias brasileiras, realizando um discurso republicano onde quer que o Principe pronunciasse um discurso monarchista, na mais brilhante das propagandas em favor do novo regime, o Dr. Miranda Azevedo produzia conferencias scientificas e campanhas, provando á luz da sciencia, a incapacidade physica de D. Pedro para continuação do Reinado, desafiando os seus proprios médicos particulares a que provassem o contrario. Ninguem contradictou-o porem, porque fundavam-se as suas palavras na verdade scientifica.

(2) Não foi outra a admiração de Martim Francisco, manifestada em seu discurso de Maio de 1888, por occasião da entréga de mimos populares a Quintino de Lacerda e Santos Garrafão, dizendo com relação ao abolicionismo local:

"— Foi só então, que eu vi, quantos, e delirantes, e incontaveis quasi, eram os autores da grandiosa refórma! Indivíduos que, até a vespera, não haviam entrado com um tostão para libertar meia escrava, fervorosos, arrebatados, apresentavam-se responsaveis pelo triumpho!"

Um dos grandes factores do desenvolvimento do ideal republicano em Santos foi o apparecimento do "RAIO", orgam de combate e propaganda, inflammado como o nome que trazia, cerca de 1878, fundado e mantido pelo padre



Cel. Antonio da Silva
Telles

Francisco Gonçalves Barroso. por Antonio Manoel Fernandes (veja-se a biographia), Sacramento Macuco e o Dr. Hyppólito da Silva, uma quadra de valor e prestigio na Sociedade santista, tornada assim, precursora da acção jornalística de Santos em favor das duas campanhas. O papel desempenhado por estes homens relativamente ao desenvolvimento dos dois ideaes, foi notavel pelo desassombro e pela fé com que previam a transformação do regime ainda tão distante.

Nesta altura e entre os annos de 1878 e 1879 é que se fundava em Santos o "Nucleo Republicano"

(1) com Garcia Redondo, Henrique Porchat, Victorino Porchat, Antonio Carlos da Silva Telles, Américo Martins dos Santos, Alexandre Martins Rodrigues e outros propagandistas á frente, cabendo a Garcia Redondo, Victorino Porchat e Henrique Porchat as suas primeiras presidências.

Sómente de 1883 em diante, porém é que Santos apresentou um volume apreciavel de adeptos da Republica na massa popular, e só ahi pudéram os seus representantes paladinos penetrar os cargos de eleição. Assim é que, na legislatura municipal de 1881 a 1883, apenas um republicano foi eleito, o vereador Francisco Emilio de Sá, que, por occasião da proclamação da Republica, tendo adoptado a corrente favoravel a Bernardino de Campos, devia fazer parte do primeiro Conselho de Intendencia nomeado directamente pelo Presidente do Estado.

Na seguinte legislatura, de 1883 a 1886, já appareciam dois representantes da corrente anti-monárchica, os vereadores Joaquim Manoel Alves de Lima e Francisco de Paula Ribeiro, e, finalmente, na legislatura iniciada em 1887, que

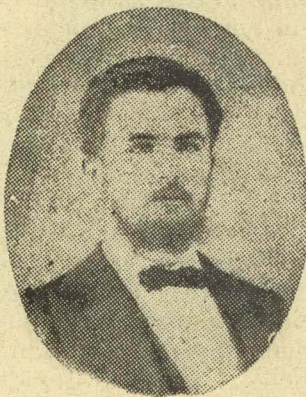
(1) DR. MIRANDA AZEVEDO — "Biographia do Dr. Garcia Redondo".

durou até 1889, o seu numero dobrou, sendo eleitos Américo Martins dos Santos, Guilherme José Alves Souto, o Padre Francisco Gonçalves Barroso (o fundador do "Raio", que mantinha um collégio de bôa fama) e Antonio Carlos da Silva Télles, aos quaes coube o mais decidido papel da ultima phase idealista, quando não só os dois movimentos como as fêbres e epidemias que grassavam, lhes dêram juntamente com o chefe conservador Julio Conceição, Presidente da Camara, o direito á veneração da posteridade.

A ultima phase da propaganda republicana em Santos nos ultimos tres annos, foi simplesmente brilhante e agitada, apparecendo em remarcado destaque os nomes de Silva Jardim, lidimo arauto da Republica, o Antonio Bento desta campanha, cuja palavra arrebatava as multidões e cuja figura simples illuminava a alma popular

arrastando-a para a refôrma, Rubim Cesar o orador magnifico e exaltado, Vicente de Carvalho o poeta inspirado e o jornalista destemeroso, ardente e devotado da propaganda, Henrique Porchat, A. Lacerda Franco, Victorino Porchat, Américo Martins dos Santos, Padre Francisco Gonçalves Barroso, Antonio Manoel Fernandes, Manoel Franco de Araujo Vianna, Antonio Carlos da Silva Telles, Guilherme Souto, Martim Francisco, Julio Ribeiro, Galeão Carvalhal, Gastão Bousquet, Joaquim Montenegro, José Alves Souto, Antonio Augusto Bastos, João Guerra e tantos outros vultos primaciaes da campanha.

O ambiente em favor da abolição e da Republica em Santos éra naturalmente inflammado, e, certa vez, numa grande sessão publica realizada no Theatro Rink em favor da Republica, quando fallava Campos Salles, Eugenio Wansuit, figura essencialmente popular de Santos e grande elemento local das duas campanhas, interrompeu-o com alguma severidade, dizendo-lhe que elle devia ser coherente, que um republicano não podia ser senhor de escravos, e que, no entretanto, elle Campos Salles o éra ainda. Confundido então pelo mulato idealista e pela palavra sincera de Silva



Henrique Porchat

Jardim que o secundára, alli mesmo fez Campos Salles a sua retractação promettendo libertal-os assim que chegasse a São Paulo.

Neste duplo sentido eram communs os comicios em Santos e os gestos locaes ecoavam sempre nos meios abolicionistas-republicanos de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde varios santistas se incumbiam de tornal-os conhecidos em conversas e pela imprensa de combate.

A mocidade era a mesma da jornada abolicionista acalmada desde 1886 com a libertação total dos escravos de Santos e São Vicente, animada pela ardencia natural da idade e pelo exemplo civico de Silva Jardim e outros patriotas principaes da jornada.

"O Piratiny", "O Alvor", "O Patrióta", "A Idéa Nôva", "A Procellária", "A Evolução", o "Diario de Santos" e a "Cidade de Santos" eram os arautos da Republica e seus defensores como haviam sido da Abolição, e nelles pontificavam os mesmos propagandistas da causa histórica accidentalmente irmã, Guilherme Mello, Antonio Augusto Bastos, Felix Carneiro, Constantino Mesquita, Candido de Carvalho, Alberto Souza, Julio Ribeiro, Sylverio Fontes, Aprigio de Macedo, Martim Francisco, João Guerra e outros jornalistas.

O primeiro orgam republicano santista "O Raio", substituto do "Pyrilampo" simplesmente noticioso, já não existia desde muito, mas, os seus antigos dirigentes e fundadores continuavam sendo figuras proeminentes e principaes do movimento em Santos; sómente Hyppolito da Silva achava-se então em São Paulo, para onde se transferira e onde tornou-se depois, um dos grandes nómes do Estado.

"Estava tudo pois, animado, e continuava-se na propaganda da Republica e propaganda aberta, desasombrada, pois o "Club Republicano", em sua séde, aos domingos, hasteava a sua bandeira tambem verde e amarella como a do Imperio, mas, as duas cores eram dispostas em listas intercaladas, e, o estandarte, acompanhando o estylo da bandeira, tinha no centro depois do distico, o tradicional barrete phrygio, encobrendo parte da lamina de um sabre.

Nesse "Club", Silva Jardim e Martim Francisco, empenhados na lucta pela liberdade de um povo, no louvavel emprehendimento de esphacelar o jugo monarchico, realizaram importantes conferências.

Silva Jardim, quasi que despreoccupado dos interesses do seu externato, viajava pelo interior, realisando conferencias, propagando com ardor a forma re-



Joaquim Montenegro



Cel. Antonio Lacerda Franco

publicana, e não contente com isso, acompanhava o Conde d'Eu, onde quer que este fosse, custasse o que custasse, mostrando ao Conde, que elle, Silva Jardim, numa sala, num theatro, ou debruçado num peitoril de janella para a praça publica, fallava bem alto e da mesma forma, em favor da acção republicana. Pouco importavam a Silva Jardim as consequencias da sua persistencia na propaganda; pouco se importou elle com o apedrejamento de que fora victima quando em conferencias no interior, tanto assim, que, ao ameaçarem a sua pessoa, elle, grande na coragem e maior ainda no talento e no ardor civico, abriu a sobrecasaca, e, offerecendo o peito ás balas, disse resolutio:

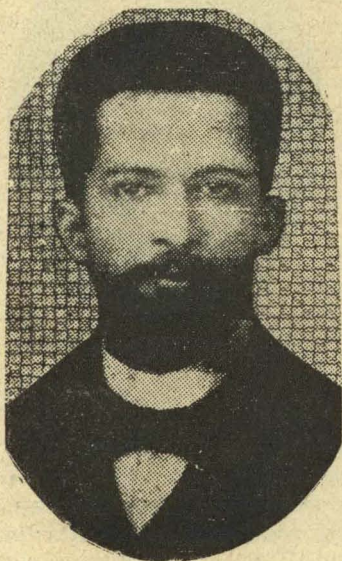
— Atirem! A morte para mim é um accidente da vida!

Neste movimento de propaganda republicana, tivemos um dia o prazer de ouvir dos labios de Martim Francisco, de uma das janellas do "Club Republicano", na rua Direita, uma das suas phrases energicas.

Estava-se em palestra no "Club", quando ouviu-se musica ao longe, e correu, não sei como, a noticia de

que vinha uma manifestação e que não era de bom character para nós, os republicanos; que o "Club" se prevenisse, porque era uma chusma de monarchistas, e que haveria o diabo!

Eugenio Wansuit, acerrimo republicano, retira-se da sala e vae para um quarto onde estavam os livros, com o fim de carregar o revólver. As musicas e os vivas approximavam-se; Eugenio com as pressas, em



Silva Jardim

lida com a arma, detonou uma capsula, indo a bala alojar-se no peitoril da janella fronteira ao quarto. Houve um reboço e um sobresalto. Corremos, accudindo ao local. Nada tinha havido. Apenas disparára o revólver.

A manifestação, entretanto, parára defronte do "Club", e, muito ao contrario do que se dizia e esperava, ella cumprimentou o "Club Republicano", saudou Silva Jardim, Martim Francisco e outros vultos da campanha santista.

Foi nessa occasião que ouvimos, entre outras phrases, Martim Francisco dizer, em tom firme, demonstrando a sua fé e o seu destemor de republicano:

— Quéro que a terra que me serviu de berço, me sirva tambem de mortalha!" (1)

Vicente de Carvalho tornára-se com Martim Francisco Filho o chefe do jornalismo republicano em sua terra. Publicava artigos em todos os jornaes, e, no "Piratinny" que mais usava das liberdades de expressão tomadas a contra gosto da policia contra a continuação do Império, publicou elle os mais violentos artigos de propaganda e combate.

O seu primeiro trabalho de critica politica fez época na Sociedade santista de então e nunca fôra esquecido por toda a gente; era um artigo sahido no "Piratinny" intitulado "UM TRANSFUGA", artigo vibrante de indignação contra o Dr.

(1) Carlos Victorino — "Reminiscencias" — Pags. 80/81.

Randolpho Fabrino, republicano que, depois de formado, se bandeára para o Partido Conservador, sendo premiado com um gordo emprego publico.

Assim terminava o referido artigo:

“Abandonem o Partido Republicano os que não têm a coragem de suas convicções; vendam-se aqueles cuja honestidade tem preço! Deixando á margem essas podridões que a maculam, a corrente republicana engrossa dia a dia. O futuro é nosso!”

Eram assim os republicanos santistas.

O republicanismo em São Paulo era um sentimento tão generalizado, e tão integradas estavam as suas mais importantes cidades na campanha contra o terceiro império, que, a 24 de Novembro de 1888, por ocasião do levante do 17.º Batalhão de linha, provocado pelo Chefe de Policia de São Paulo, “se os chefes radicães o quizessem, S. Paulo seria republica nessa noite!” (1) Faltou apenas o arrojo de alguns responsaveis para que a proclamação politica e militar do novo regime fosse feita neste Estado (então Provincia), como já fôra feito nelle todo o movimento preparatório. Sabe-se que, removendo com intelligencia o perigo surgido, apressou-se o Governo a mandar demittir o Chefe de Policia, enquanto o povo e a imprensa acclamavam delirantemente o 17.º Batalhão.



Martim Francisco (O III)

Em principios de 1889, um acontecimento luctuoso passou sobre a cidade, mas, como se viu depois, a tristeza desse facto influira bastante no movimento final que devia vencer em Novembro, repercutindo como um tóque de trombêta nos dois maiores centros brasileiros, Rio de Janeiro e São Paulo. Com o revolvimento do lodo putrefacto accumulado

(1) Sacramento Macuco — “O 15 de Novembro” — 1889 — Santos. — Pag. 5.

no antigo Porto do Bispo, por effeito das obras do cães que se iniciavam, logar onde o producto da falta de exgotos e de hygiene publica todos os residuos da cidade éram atirados pelo mar, e onde por isso mesmo bandos enórmes de urubús faziam pasto ou coincidindo com esse revolvimento, irrompeu uma calamitosa epidemia de fêbre amarella (a péste negra), a maior e a mais funesta de quantas assolaram Santos.

Elevaram-se os clamores da população angustiada e sem recursos para fugir á propagação do terrível morbus. Em Março já se elevavam as victimas da péste a 360. A Camara Municipal, então presidida pelo benemerito conservador Julio Conceição, tomou as providencias ao seu alcance e possiveis ás suas pobres e desfalcadas finanças, secundada por toda a imprensa local e pelo Partido Republicano Municipal que se desvelou em soccorros custeados particularmente por seus membros mais abastados, sob o apoio da imprensa da Capital da Provincia, onde se destacavam o "Diario Popular", a "Gazeta do Povo", "O Rebate" (semanario pamphletario) e "A Provincia de São Paulo", a importante folha paulistana, então sob a redacção de Rangel Pestana, mas influenciada por Julio de Mesquita, já seu redactor-secretario.

"Vieram do Rio algumas irmãs de caridade que se internaram numa dependencia do Convento do Carmo e no Mosteiro de São Bento transformado em hospital. O "Rink" era hospital; a Beneficencia Portuguesa abriu suas portas ás victimas da febre amarella; as redacções dos jornaes transformaram-se em postos de informações e mesmo postos medicos para acudir de prompto a qualquer chamado; pelas ruas da cidade, uma corporação intitulada "Cruz Vermelha", soccorria os domicilios e pessoas que de chofre cahiam por terra atacadas de epidemia; os carrinhos que conduziã cada-veres dos hospitaes, faziam esses transportes, ás pressas, dia e noite; o cemiterio permanecia aberto durante a noite, tendo no cimo do portão uma lanterna cuja luz era vermelha, illuminando frouxamente, tremula e sinistra, a lugubre entrada que dava passagem para o interior da morada eterna!

A população diminuia, porque os mais abastados emigravam, e os que ficavam iam sendo victimados.

Santos ficou deserta. O aspecto da cidade, ás 6 horas da tarde e dahi para diante, era triste: nas ruas, de espaço a espaço ardiam barricas com alcatrão, colorindo extranhamente as paredes, desprendendo columnas de fumo negro, que se iam desfazer no ar, junto ás nuvens illuminadas ás vezes por um merencóreo reflexo de lua..." (1)

Por iniciativa de Julio de Mesquita, "A Provincia de São Paulo" abriu uma subscrição na Capital, em favor dos flagellados de Santos, enquanto o Governo Imperial, de situação conservadora, Gabinete presidido pelo Conselheiro João Alfredo, em represalia politica á attitude dos santistas nesse terreno, não ouvia as reclamações e os appellos do povo angustiado e exposto a um completo desbarato, traduzindo desta forma e num momento infeliz a ogerisa aos elementos de opposição colligados naquelle movimento de salvação publica, orientado pelos republicanos.

O que se fazia em Santos, por iniciativa simplesmente particular, mostrava definitivamente aos olhos do paiz, o que éra em verdade aquelle résto de monarchia a se debater nos ultimos estertores, entregue a gabinetes mal orientados, desfazendo as illusões dos que ainda as tinham.

A Côte mantinha-se indifferente aos soffrimentos de Santos.

Nessa altura, o Governador da Provincia, num acto de "excelsa generosidade e commiserção" enviou para Santos, do seu proprio bolso, ao que parece, a quantia de UM CONTO DE REIS "para auxilio aos attingidos pela péste". Os republicanos se offenderam com a dadiva, e Julio Conceição, conservador, solidarizado com os seus companheiros de Camara, sem distincção de crêdo politico, traduzindo o pensamento commum, nóbremente recusou o auxilio.



Dr. João Galeão Carvalhal

(1) Idem — Obra citada — Pag. 78.

Este facto teve immediata repercussão tanto em São Paulo como no Rio do Janeiro, fazendo redobrar de violencia a campanha que então agitava os dois grandes centros.

Crearam-se as enfermarias particulares do Mosteiro de São Bento, a da Chacara da Philosophia, a cargo dos Drs. João Eboli e Alves de Moraes, a do Theatro Rink (chamada o Lazareto da Cruz Branca), ao cuidado dos Drs. Miranda Azevedo e Galvão Bueno, e outras, além das que haviam superlotadas na Santa Casa e no Hospital da Beneficencia Portuguesa, dirigida pelos Drs. Lobo Vianna e Cunha Moreira, auxiliados pelos estudantes de medicina do Rio de Janeiro, vindos expontaneamente e por conta propria em auxilio da população da cidade, os futuros médicos Carvalho Leite, Hollanda de Lima, Oliveira Magioli e Nascimento Bittencourt, que prestaram relevantes serviços.

Só nesta altura, depois de tudo feito com o concurso do povo e principalmente dos republicanos, o Governo do Snr. João Alfredo resolveu providenciar algumas medidas de urgencia, enviando para Santos, commissões de médicos, pharmaceuticos, enfermeiros, abundantes recursos, material para installação de enfermarias de emergencia, material para desinfecção dos focos de epidemia, coroadas com a vinda pessoal de S. A. Real o Conde d'Eu, como reparação aos factos anteriores, mas, verdadeiramente como propaganda á salvação do throno vacillante, do qual, sua esposa, a Princeza Izabel, era a herdeira presumptiva. Não escapou isso aos republicanos de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, e era o que se dizia aos apologistas do terceiro Reinado, como resposta aos gabos de que se encheram deante desses géstos que já não enganavam a mais ninguem, porque foram tardios e não eram sincéros.

A calamidade já tinha produzido os estragos que devia produzir e a hecatombe que se teria evitado, se da parte do Governo Imperial ou do Provincial, reflexo daquelle, (1) houvessem sido attendidos os appellos da população, e a grita da imprensa de São Paulo, logo no inicio da peste.

Aquelles tenebrózos successos, tiveram, porem, a vantagem de pôr em grande relevo e definitiva evidencia, a be-

(1) Sómente a 5 de Maio convocava-se extraordinariamente a Assembléa Provincial, para estudar os casos de Santos e Campinas, as duas cidades republicanas, a braços com o flagello da peste; depois de feitas 700 victimas só em Santos e de estar quasi extincto o surto epidemico decrescido naquelle mez para 33 casos, apenas.

nemerencia de tantos homens, verdadeiros apóstolos servi-dôres da causa publica, que, em todos os sentidos e de todas as formas, no fornecimento de quantias, nas providencias pessoas, no enterramento dos pestosos, na assistencia aos pobres e desamparados, haviam soccorrido a população; e, esses homens, em sua maioria, eram republicanos.

Nas notas que possuímos sobre estes acontecimentos e sobre as quaes realizamos parte deste histórico, fornecidas por um participante das duas campanhas, o distincto paulista Snr. Antonio de Arruda Mendes, filho de Theóphilo de Arruda Mendes, o grande abolicionista a quem, por diversas vezes, nos referimos, diz este depoente, que, entre os grandes abnegados da época, completamente entrêgues ás multiphas e arriscadissimas acções em pròl da salvação publica, que nem mesmo olhavam o sacrificio das suas vidas, contavam-se todos os componentes da ultima legislatura municipal, com Julio Conceição á frente, Lucas Alves Fortunato, José Theodoro dos Santos Pereira, Candido Carvalho, Vicente de Carvalho, os médicos e estudantes citados e outros muitos cidadãos.

Em Maio de 1889, a calamitosa epidemia já era considerada extincta, mas, os rescaldos do terrivel sinistro colectivo, ainda perduravam e perduraram, constituindo motivo palpitante de commentários acrimoniózos e fundamento de ataques aos considerados responsaveis por toda a tragédia epidemica, como de justas homenagens aos beneméritos cidadãos revelados na tristeza daquelles momentos.

Fructo desse transe, é nesse momento que apparece a Associação Protectora da Infancia Desvalida, para manutenção do Asylo de Orphãos, fundada sob inspiração de Nogueira da Gama e do Conde d'Eu., com o concurso dos abnegados de Santos, e cujos primeiros recolhidos, foram os filhos das victimas da recente catástrophe.

Em principios de Junho do mesmo anno, cahia o ministério João Alfredo e com elle a situação conservadora, subindo ao Poder o Partido Liberal com o Gabinete Ministerial presidido pelo Visconde de Ouro Preto.

O Gabinete Ouro Preto como liberal que era, não tinha maioria na Camara, e então, com a acquiescencia de D. Pedro, effectuou a dissolução parlamentar, fazendo convocar o eleitorado do paiz para que se pronunciasse sobre a

escolha dos n6vos representantes, em elei66es geraes que se realizaram em fins de Agosto, e que foram as ultimas do Imp6rio.

Para essas elei66es concorreram os partidos politicos em actividade, o Conservador, que havia deixado o poder, o Liberal, que acabava de subir, e o Republicano, ainda em minoria, mas em franco progresso e em marcha cada vez mais accentuada.

Santos 6ra, ent6o, cabe6a do 6.º districto eleitoral, e, nas elei66es anteriores, por algumas vezes conseguira eleger seus candidatos republicanos.

Nessa occasi6o, ap6z os sucessos da epidemia e ainda sob seu influxo, um numerozo grupo de republicanos, que j6 apoi6ra em anteriores oportunidades, o n6me de Bernardino de Campos para Deputado pelo Partido, resolveu desta vez e por um dever de gratid6o e reconhecimento apoiar o n6me do Dr. Julio de Mesquita, posto em relevo nos luctuosos acontecimentos da epidemia, ao envez de Bernardino de Campos, o candidato effectivo da grande corrente.

Proposto o "caso", apaixonaram-se as duas fac66es formadas repentinamente dentro do Partido Republicano, dando logar a uma grande reuni6o do eleitorado do mesmo Partido, em que, como v6to final, ficou estabelecida a adop66o da candidatura anterior — Bernardino de Campos.

N6o se contentaram, porem, com semelhante resultado os partid6rios da candidatura de gratid6o, e resolveram continuar a dissentir, sustentando na pr6xima elei66o o seu candidato declarado.

Pela primeira vez na vida do Partido, e em toda a Provincia, verificava-se um tal caso, concorrendo republicanos 6 mesma elei66o, sob a mesma bandeira, mas sob duas correntes e com dois candidatos, triumphando afinal, como 6 facil presumir, o candidato geral — Bernardino de Campos.

Veio por fim o 15 de Novembro; a Republica 6 proclamada no Rio de Janeiro. Em S6o Paulo, um santista exaltado, Alfredo Porchat, chefiando um grupo de republicanos, invade o palacio do Governo antes mesmo de positivar-se a primeira noticia, e hasteia diante do povo, entre vivas entusiasticos, a bandeira da Republica.

Houve muita f6sta em Santos pelos ultimos acontecimentos, nas ruas e nos lares, c6mmemora66es de varios aspectos e categorias.

Em Santos, logo apóz a proclamação da Republica, foi aclamado um governo provisório, o qual, no mesmo dia, lançou ao povo o seguinte manifesto:

“O Governo Provisorio da cidade de Santos, organizado por indicação popular, dirige-se ao povo santista e garante-lhe que empregará todos os esforços compatíveis com o seu dever, com a honra e com o civismo para que seja mantida a ordem publica em Santos e estabelecendo em solidas bases a fórmula republicana na direcção do paiz.

Recebida entre festas e aclamações populares a Republica manter-se-á trazendo comsigo a paz e o progresso.

Dispostos a viver em um regimen, mais adiantado do que o decahido ha poucas horas; dispostos a todos os sacrificios inherentes ao encargo que acceitaram da vontade do povo, os membros do Governo Provisorio firmam sob juramento a promessa de que não duvidarão arriscar pelo futuro democratico da Patria a sua vida, o seu sangue, a sua tranquillidade e bem estar.

Povo santista! Ordem e Liberdade! Viva a Patria!

Antonio Lacerda Franco.

Antonio Carlos da Silva Telles.

Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

José Azurem Costa Junior.

Ernesto Candido Gomes.

Leão Luiz Ribeiro.

Walter Wright.

Guilherme José Alves Souto.

Henrique Porchat.

Manoel Franco de Araujo Vianna.”

Nomeado o triumvirato que assumiu o Governo de São Paulo sob a chefia de Prudente de Moraes, que se tornou depois o Governador effectivo, tratou-se mais tarde das administrações municipaes. O Governo do Estado adoptou o critério de consultas prévias aos dirigentes republicanos de cada localidade. De Santos subiram duas listas para apreciação do Governo, reflectindo a opinião de cada um dos grupos politicos formados pela scisão anterior.

O Governo do Estado optou pela lista compósta dos elementos que apoiavam a corrente Bernardino de Campos,

e, sob esse critério, considerando que a tutela administrativa exercida durante mais de meio século sobre os municípios só havia produzido o entorpecimento e a penúria na sua vida económica, etc., decretou elle, que o poder, ou governo municipal fosse exercido por Conselhos de Intendencia Municipal, nomeados pelo Governador. Foi desta forma nomeado o primeiro Conselho santista, que ficou assim constituido:

Presidente — Dr. José Xavier Carvalho de Mendonça.

Vice-Presidente — Ernesto Candido Gomes.

Intendentes: Luiz José dos Santos Dias, Francisco Emilio de Sá, Martinho Leal Ferreira, José Serafim Cardoso, Dr. José da Silva Vergueiro (que não acceitou), José Azurem Costa Junior, Manoel Franco de Araujo Vianna e Dr. Lino Cassiano Jardim, Conselho esse que funcionou de 21 de Fevereiro de 1890 a 18 de Fevereiro de 1891.

A ala dos dissidentes rompeu em opposição ao nascente Governo do Estado organisando o seu Club á parte, o Centro Republicano, e deu inicio á actividade politico-partidária, inteiramente desligada da outra facção.

O antigo Partido Republicano de Santos, onde durante alguns annos todos se haviam unido, soffreu a dissolução, mas, os elementos que apoiavam a maioria da sua Directoria e a Intendencia Municipal nomeada pelo Governo, tomaram a iniciativa da fundação do CLUB NACIONAL, encetando tambem sua acção politico-partidária, de apoio ao Governo Central.

A vida republicana em Santos começára, pois, com a divisão dos republicanos em dois grupos, com o mesmo ideal, a mesma bandeira, mas em campos oppostos.

Sob iniciativa de elementos do CENTRO REPUBLICANO, organizou-se logo depois uma sociedade anonyma e fundou-se o "DIARIO DA MANHÃ", cabendo sua direcção ao eminente propagandista Dr. Vicente de Carvalho, que escolheu para seus redactores auxiliares, Candido de Carvalho, Alberto Souza, Julio Riedel e para administrador ou gerente do jornal, Miguel Ribeiro, que viéra d'"O Estado de São Paulo" (antiga "Provincia de São Paulo"), tendo como repórter Juvenal Pacheco, rapaz muito apreciado nas rodas bohemias da cidade.

Por sua vez os elementos do Club Nacional, que até então se serviam das columnas do antigo "Diario de Santos",

resolveram fundar tambem um orgam proprio, e assim appareceu "O NACIONAL", por aquisição de todo o material do "Correio de Santos", orgam popular mantido pelo Gremio Portuguez, de cuja direcção tomou conta Horacio de Carvalho, auxiliado pelo Dr. Estacio Corrêa e outros elementos vindos de São Paulo.

Nessas verdadeiras tribunas populares se ostentou durante muito tempo toda a ideologia desses precursores da Republica, que se fundiram mais tarde, para continuação pacifica da obra republicana.

Entre os elementos dos dois Clubes republicanos de Santos, podemos hoje distinguir pela informação dos contemporâneos, os seguintes cidadãos:

CENTRO REPUBLICANO

Henrique Porchat
Dr. Vicente de Carvalho
Americo Martins dos Santos
Ricardo Pinto de Oliveira
Guilherme Souto
Dr. José Cesario da Silva Bastos
Augusto Teixeira de Carvalho
José Moreira de Sampaio
Dr. Martim Francisco Filho
Dr. Manoel Maria Tourinho
Joaquim Montenegro
José Domingues Martins
Narciso de Andrade
Antonio Bento de Amorim
Luiz Ayres da Gama Bastos

Augusto Mesquita
Antonio Augusto do Couto
Guilherme de Mello
Pedro de Mello
Candido de Carvalho
Benedicto Pinheiro
Alexandre Mello
Francisco Antonio de Souza Junior
João Vicente Marcondes
Virgilio Gomes Marcondes
Gabriel Soares
Leonardo de Castro
Elisario de Arruda Castanho e outros.

CLUBE NACIONAL

Antonio de Lacerda Franco
Antonio Carlos da Silva Telles
Manoel Franco de Araujo Viana
Dr. Carvalho de Mendonça
Cel. Gil Alves de Araujo
Martinho Leal Ferreira
Theophilo de Arruda Mendes
Ernesto Candido Gomes
Antonio Augusto Bastos
João Guerra
Theodorico de Almeida
Paulino Ratto
Frederico Junqueira

Dr. Segadas Vianna
Jacob Itapura de Miranda
Antonio Iguatemy Martins
Dr. Raymundo Sotter de Araujo
Francisco Ribeiro Ratto
Francisco Cruz
José Bernardo de Araujo
Antonio José Malheiros Junior
José Bonifacio de Andrada Netto
Dr. Heitor Peixoto
Ascendino da Natividade Moutinho
Alberto Costa
Eduardo Weismann e outros.

Um documento existe, que nos mostra hoje, o destemôr, o desassombro com que agiam os republicanos de Santos, não recusando assignar em publico e raso a prôva da sua "traição ao regimen monarchico"; é um grande album de 33 folhas em papelão assetinado, dourado e pautado, com uma riquissima capa em ardozia grossa e bronze cinzelado, o barrete da republica ao centro sobre armas tambem de bronze, e a sub capa em couro legitimo chapeada do mesmo metal, offerecido a um dos grandes companheiros de jornada.

A 15 de Agosto de 1888, um anno e quatro mezes antes do advento republicano, os idealistas de Santos offereceram-no ao apóstolo da campanha contra o terceiro reinado, o ardoroso Silva Jardim, como estímulo e admiração á sua coragem civica, com a seguinte dedicatória:

OS REPUBLICANOS DE SANTOS
AO DEMOCRATA
DR. ANTONIO DA SILVA JARDIM
1888

Abre a homenagem a proclamação a seguir, subscripta por todos os adeptos da causa republicana:

"CIDADÃO.

O Partido Republicano de Santos, cumpre um dever civico, assignalando nestas paginas um testemunho do muito que vos déve a nossa causa commum. Elle falla em nome da Patria e em nome da Idéa Republicana.

Em constantês conferencias, e ultimamente em excursão de propaganda, abandonastes interesses, bem estar; arrostando perigos, desprezando preconceitos, tudo fizestes em beneficio da Patria, em beneficio da causa Republicana.

Coração patriótico, tudo por ella esqueceste; espirito superior, fizestes vibrar na alma do Povo o amor da Liberdade.

Os republicanos de Santos vos saudão como apostolo da Republica. Elles julgão antecipar assim o juiso da Historia. A vossa palavra fecundará o sólo da Patria. E um dia, o Futuro bemdirá o vosso nome, como nós vos applaudimos hoje.

Santos, 15 de Agosto de 1888."

Antonio de Lacerda Franco
Henrique Porchat
Martin Francisco Ribeiro de Andrada Sobrinho
Guilherme P. A. Souto
L. Luiz Ribeiro
Joaquim Dias da Silva
Ricardo Pinto de Oliveira
Andreilino A. Silva
Francisco Cruz
Gil de Souza Rodrigues
Theophilo Aguiar
Luciano Pupo Nogueira
N. O. Silveira Martins
Sebastião José dos Santos
Julio Backeuser
Virgilio Gomes Marcondes
Gabriel de Lima
J. F. de Barros
Guilherme de Mello
Leoncio A. Carneiro
Augusto Teixeira de Carvalho
João Vicente Gomes Marcondes
Francisco Antonio Bastos
Americo de Campos Moura
Pedro Borges de Sães
P. H. Freitas
Eugenio Silveira da Mota
Joaquim Feliciano da Silva
Joaquim Silvêrio dos Reis Montenegro
João Bernardino de Lima Junior
Norberto Lobo Vianna
José Lopes dos Santos
Vicente de Carvalho
Francisco Feliciano da Silva
Antonio Eugenio Wansuit
Jeronymo Santos Moura.
João dos Santos Moura.
J. M. Alves Lima.
Antonio Carlos da S. Filho
Luiz Suplicy
José Manoel de Vasconcellos
Joaquim Bueno da Veiga
Henry E. Bidoulac.
B. S. Mursa.
Constantino de Mesquita.
Paulino J. Ribeiro Ratto.
José Ferraz Arruda Campos.
João de Freitas
Fernando Monteiro da Silva.
B. S. Carneiro.
Leal Ferreira Junior
João Guerra

Rodrigo Augusto Martins
Affonso Adelino de Aguiar
Antonio Ferreira Duarte
Augusto Filgueiras
J. S. Vergueiro
Pedro Prado
Hermano Backeuser
João Antonio da Cunha Junior
A. L. França
Mathias Roiz da Nova
Theophilo de Arruda Mendes
Antonio M. Moura
Francisco de Toledo Carneiro
Antonio Martins Vieira
Felicio dos Santos Moura
Pedro de Mello
José Caetano Munhoz
Antonio Bonifacio de Arruda
Americo Martins dos Santos
Angelo Napoleão de Souza
José Izidoro Bueno
Manoel Evaristo Bueno
Antonio Guedes de Freitas Vasconcellos
Manoel Pereira de Simas
J. F. Rangel
A. Mesquita
Gastão Bousquet
Joaquim Mariano C. Moura Junior
Joaquim Gonçalves Neves
Dr. Brasilino Americano Freire
José Carneiro Bastos
Luiz de Castro Camargo
Affonso Lopes dos Santos
José Pinto da Silva Novaes
José Rodrigues Caldeira
José Octaviano Machado
Francisco de Paula Machado Junior
Paulo Ribeiro
Antonio Augusto Bastos
Roberto Bicudo
Cecilio Manoel de Oliveira
José da Rocha Camargo Mello Junior
José Moreira Sampaio
Bento Teixeira da Silva
Joaquim José de Toledo
Joaquim d'Oliveira Mello
Luiz Galvão Corrêa
Astolpho Ribeiro de Noronha
Joaquim Cordeiro
José Bernardes de Oliveira

Francisco Corrêa de Almeida
Moraes
S. A. de Paula Martins
Antonio Francisco Pereira,
Antonio Teixeira da Silva
José da Silva Guimarães
José Evangelista de Lima
Felix Vianna Junior
Dr. Raymundo Soter de Araujo
Manoel Franco de Araujo
Vianna
João Netto
José Bonifácio de Andrada e
Silva Netto
Joaquim Duarte da Silva
Francisco Manoel Fernandes
Antonio José Malheiros Delta
João Pontes.
Avelino Brasiliense Carvalho
Pedro Cunha
João Xavier da Silveira
José Martins dos Santos
Pedro da Silva Mendes
Pedro Xavier de Moraes
Fernando Martins Bonilha Ju-
nior.
J. de Abreu e Silva
J. A. da Silva Gordo.
Horacio Guayer.
A. Nicolau de Sá Junior
L. José dos Santos Dias.
Ernesto Candido Gomes.
Francisco de Lima Nogueira

Manoel Azurem Costa
Francisco Vianna d'Araujo Lins
da Fonseca
Tito Alberto de Paula Martins
Oscar R. Ribeiro
Walter Wright
Geraldo Leite da Fonseca
Melchior do Amaral Mello Bo-
nilha
José de Quadros Pacheco,
Luiz Ayres da Gama Bastos
Jeronymo Alvares Lobo
Pedro Vaz de Mello
Julio de Albuquerque,
Arthur Aguiar
João Candido de Carvalho
José Ferreira de Oliveira
Carlos Victorino Ferreira
João Salermo Coelho
Augusto Carvalho
Leonardo Antonio de Castro
Gilberto Pedro Franco
A. Sá de Affonseca
George Americano Freire
Argêo Silveira
Martiniano Lopes de Souza
Francisco Augusto S. da Silveira
João E....
Fabio Uchôa
Julio Doneux Junior
Leon Doneux
Manuel Corrêa de Freitas.

Após estas assignaturas, o referido Album contem a co-
meçar de 27 de Maio de 1889, conceitos e orações assigna-
dos por propagandistas e republicanos do Rio de Janeiro e
de Santos, sendo o primeiro conceito da série, emitido por
Assis Brasil:

“TUDO PELA PATRIA, QUER DIZER: —
PELA REPUBLICA!

Rio, 27 de Maio de 1889

ASSIS, BRASIL.”

continuando depois, os de Sampaio Ferraz, Magalhães Cas-
tro, A. Varela, Enrique Corrêa Lemos, Annibal Falcão, Julio
Diniz, Generino dos Santos, Silva Jardim, Padre João Ma-
noel, Joaquim Xavier da Silveira Junior, Bueno de Andrada,

Duarte Huet de Bacellar, Pinto Guedes, Josefino Felicio dos Santos, Carlos Falcão, Augusto M. de Moraes, J. S. Martins Junior e Elisa Martins, Olga H. Busch Varella, A. M. A. Jardim, Martim Francisco, Dr. Cosme Moreira de Almeida, J. A. Pedreira Franco, Carvalho Lobo, Ed. B. Varella, Milcides Mario de Sá Freire, Camillo Vieira, Fonseca Hermes, Dr. Urbano Marcondes, Homem de Mello, Oscar d'Araujo, Herculano Inglez de Souza, R. de Sá Valle, Teixeira de Souza, Augusto Tasso Fragoso, Servilio Gonçalves, Sampaio Ferraz, José Bevilacqua, Oscar d'Araujo, José Leoncio da Costa, Chagas Lobato, Rodolpho Abreu, Carlos Chagas, Aristides Maia, José J. F. Rabello e T. Mineiro.

Este Album acha-se hoje na Bibliotheca da Sociedade Humanitaria dos Empregados do Commercio, em Santos, como um attestado vivo da fé dos que não temiam os effeitos de uma confissão publica, verificada em pleno Império, das suas convicções republicanas, servindo ao mesmo tempo para trazer sempre aos olhos do povo, muitos daquelles cujos nomes, de outra fórma, desappareceriam sob o pó do tempo, alheitados do merecimento da campanha vencida e do ideal pátrio realizado, o que não seria justo.

Os republicanos santistas e a sua imprensa, foram os grandes secundadores da obra de transformação politica do Brasil, como parte do republicanismo de São Paulo que deu ao republicanismo brasileiro a garantia do triumpho na campanha contra o terceiro reinado, collocando Santos em situação relevantissima nessa phase evolutiva da pátria commun, que nos permittiu a rapida carreira ascencional na escala do progresso, cujos resultados hoje disfructamos.

Não fecharemos porem este Capitulo, sem transcrever as linhas de um esparso encontrado, de jornal muito vélho, cujo nome porem e cuja data não conseguimos apurar, sobre a figura de Silva Jardim o apóstolo da Republica, desapparecido tragicamente nas entranhas do Vesuvio, no anno de 1891:

“Feita a Abolição, a propaganda republicana tomou um incremento extraordinario, graças a Silva Jardim.

A maneira pela qual a Republica procedeu com esse grande, com esse estupendo propagandista, é uma pagina infame nos seus anais.

A Constituição Federal chama Benjamin Constant — o “Fundador da Republica”. E', de facto, provavel que, sem elle, no dia 15 de Novembro, a Republica

não tivesse sido feita. Só provavel. Mas é certo, absolutamente certo, para todos os que viveram no Rio de Janeiro em 1888 e 1889, que, sem Silva Jardim, ninguém pensaria sequer nessa solução.

Quem, sem o conhecer, visse surgir no palco de qualquer theatro aquelle gafanhotozinho, não daria nada por essa figura insignificante. Mas assim que começava a falar, havia um deslumbramento. Discutia e comovia. Nada de retórico palavroso: era um homem instruído, um argumentador poderoso.”

Quando Silva Jardim no dia 2 de Julho de 1891, desapareceu na cratera do Vesúvio, a noticia do desastre foi um verdadeiro lucto em Santos, e, seja dito de passagem, para todo o Brasil que o conhecera, como homem, como literato, como abolicionista e como republicano. O governo federal mandou então que se desse o seu nome a um transporte de guerra, e as duas cidades, de Santos e Rio de Janeiro, apuzéram seu nome a uma placa de rua.

* * *

Os ultimos factos occorridos em Santos e ainda directamente ligados á proclamação da Republica, foram os que tiveram origem nos boatos de revolução no Rio de Janeiro para restauração da monarchia, mostrando as convicções de todo o povo. Augusto de Carvalho, um dos membros da directoria do “Club Republicano” organisou com a mocidade santista, um batalhão patriótico para defender a obra de 15 de Novembro, cousa que conseguiu em bréves dias, realizando-se os exercicios no “Theatro Rink”, tendo como instructor o major Constantino Xavier, ex-graduado do exercito, e que depois foi Delegado de Policia em Santos.

Do “Rink” passaram os exercicios a serem feitos no arsenal dos Aprendizes Marinheiros, situado então na Rua Xavier da Silveira.

Pouco tempo depois, com a recusa dos poderes competentes em mobilisar a força voluntaria santista, e com a verificação de sua desnecessidade, Augusto de Carvalho reuniu na sala do “Club Republicano” todos os seus alistados, e, depois de agradecer aos rapazes os esforços empregados e o acolhimento dispensado á sua idéa, queimou na chamma de um phosphoro, a lista em que todos haviam assignado como soldados defensores da Republica, dissolvendo o batalhão.

CAPITULO XXIV

Historico da Imprensa Santista 1848/1936

Santos occupa, sem contestação, na historia da imprensa brasileira, parallelamente á sua propria importancia na historia geral do Brasil, lugar de marcado relevo.

Os quasi cem annos decorridos sobre o apparecimento do seu primeiro jornal impresso, foram uma esplendida successão de folhas e revistas, em cujas columnas, as mais authenticas mentalidades appareceram, as mais brilhantes intelligencias se manifestaram e as mais vigorosas culturas se expandiram, formando esse passado jornalístico que é um patrimonio, e de que os santistas podem se orgulhar.

A' imprensa, coube sempre um grande papel na vida dos paizes. Já como elemento divulgador, já como elemento reivindicador, ella tornou possível aos povos o conhecimento das idéas, das coisas, e dos ideaes collectivos e permittiu a esses mesmos povos uma rapida organização social, uma coordenação de forças e de programmas, a realização enfim do progresso com as conquistas de toda ordem. Permittindo a creação do primeiro jornal, a "Acta Diurna", no anno 168 da nossa éra, sem o suppôr talvez, Marco Aurelio, a nosso ver, entregou aos homens a verdadeira alavanca que um dia lhes permittiria levantar o mundo, não esquecendo aqui, o que seria injusto, o humilde obreiro allemão João Gutenberg, que, com a sua invenção de 1440, permittiu o apparecimento dos jornaes impressos. Um simples olhar para o passado das cidades e das nações, nos demonstrará o quanto devem todas ellas á imprensa, a essas folhas minusculas de papel, cuja força existe apenas em espirito, e que, de mão em mão e de casa em casa, modesta e quasi sempre incomprehendidamente, vão preparando como já prepararam outróra o caminho do futuro aberto ao passo das novas gerações.

O Rio de Janeiro era uma sociedade informe antes do apparecimento da sua primeira imprensa, a 10 de Setembro de 1808, com a "Gazeta do Rio de Janeiro", e S. Paulo só padronizou sua mentalidade e coordenou seus surtos, depois que a 7 de fevereiro de 1827 appareceu em seu seio, a sua primeira imprensa, o "Pharól Paulistano".

Que diremos de Santos ? Quando a sociedade santista estudar a historia da sua terra nestes oitenta annos verá o grande papel que nella desempenhou essa mesma imprensa, verá o quanto lhe deve a cidade progressista, rica e mentalizada que hoje ahi está entregue ao seu goso; porque, quando se fala em imprensa em Santos, fala-se, podemos dizer, em todos os grandes vultos da terra, em todos os abnegados dos seus varios problemas, sempre defendidos na tribuna da imprensa, nesses homens que gastaram sua fortuna, sua intelligencia e sua propria vida, muitas vezes, na elaboração dessas verdadeiras pastilhas de vida da sociedade actual, e cujo premio, foi, invariavelmente, o esquecimento.

O primeiro jornal impresso que circulou em Santos foi o chamado "Revista Commercial", jornal existente em character manuscripto, ao que consta, desde 1845 mas cujo primeiro numero typographado circulou somente a 2 de setembro de 1848, com character literario, politico e noticioso, sendo seu fundador e redactor o Dr. Guilherme Délius. Esse jornal, em 1857 passou á propriedade do dr. Antonio Pereira dos Santos, santista illustre, que o manteve até pouco depois da guerra do Paraguay, sempre com o mesmo feitio de organ noticioso e conservador, vendendo-o em 1872 ao Dr. José Emilio Ribeiro Campos, que o transformou no novo organ de publicidade, o famoso "Diario de Santos", aproveitando daquelle primeiro apenas as officinas.

O dr. Antonio Pereira dos Santos éra homem de illustração e cultura, tendo figurado em diversas legislaturas municipaes do segundo imperio. Em 1856, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, fundava "O Commercio", entregando sua direcção a seu irmão, o escriptor Roberto Maria de Azevedo Marques.

Em 1859 apparecia a primeira Revista local conhecida — "O Itororó" — politica, literaria, scientifica e artistica, como dizia o seu cabeçalho, trazendo como fundador e redactor principal, ainda o dr. Antonio Pereira dos Santos, com optima collaboração.

A 29 de Setembro de 1868, apparecia a primeira "Cidade de Santos", não nos constando o nome do seu fundador.

Em 1871 surgia "O Pyrilampo", jornal noticioso e filiado mais ou menos ás idéas do então recente Partido Liberal-Radical de S. Paulo. Fundára-se elle da junção da quadra representada pelo padre Francisco Gonçalves Barroso, José do Sacramento Macuco, dr. Hyppolito da Silva e Antonio Manoel Fernandes, figuras eminentes da sociedade santista, o primeiro, religioso de muita competencia e actividade, que mantinha um collegio para os pobres; o segundo — chefe de importante familia, conhecido dramaturgo, homem de grande intelligencia, que seria depois uma das figuras principaes dos dois movimentos da Abolição e da Republica, vereador municipal em varias legislaturas e signatario da Constituição Santista de 1894; o terceiro, advogado pela Academia de São Paulo, que tanto nome adquiriria mais tarde na Capital para onde se transferiu em 1880, e o ultimo, santista de notoriedade, que abandonára o Curso de Direito já em seu terceiro anno, escriptor, abolicionista e republicano, vereador de varias legislaturas mais tarde e por fim tambem signatario da Constituição Municipal de 1894.

Nesse mesmo anno de 1871, apparecia "A Imprensa", fundada com capital de José Ignacio da Gloria, o amigo abnegado de Santos e de São Vicente, sob a direcção forte de Xavier da Silveira, formando com "O Pyrilampo" a primeira imprensa liberal-radical da cidade. Xavier da Silveira, era a figura do verdadeiro campeão do liberalismo desenvolvido após a guerra, o tribuno maximo de São Paulo, que, na expressão de José Bonifacio (O Moço) "quando fallava não era um orador, era um phenomeno".

"A Imprensa" durou tres annos, os tres ultimos que restavam á mocidade de Xavier da Silveira, desapparecendo officialmente com elle. Este jornal, entretanto, teve uma segunda phase, porque, pouco depois, a 8 de Outubro de 1874, voltava a circular como propriedade da Empreza Typographica Imparcial, e sob a direcção do mesmo José Ignacio da Gloria ex-socio de Silveira.

Em 1872, a 10 de Outubro, apparecia o primeiro numero do notavel "Diario de Santos". Fundado pelo dr. José Emilio Ribeiro Campos pela compra de todo o material da velha "Revista Commercial", á qual succedeu, esse jornal foi por muito annos o arauto das liberdades e o grande ba-

talhador das conquistas liberaes da cidade, como do seu progresso em todos os sentidos. Pela direcção e pela redacção desse orgam importantissimo, passaram com o tempo, os vultos respeitaveis de João José Teixeira, do dr. Alexandre Martins Rodrigues, Carlos



Dr. Isidoro Campos

Affonseca, Isidoro Campos, filho do fundadôr e santista de muito merecimento, Navarro de Andrade, Arthur Bastos, Eduardo Salomonde, Manoel da Rocha, Rubim Cesar, Galeão Carvalhal, Oliveira Braga Filho, Inglez de Souza, Heitor Peixoto, Alberto Veiga, Nogueira de Carvalho, Vicente de Carvalho, Gastão Bousquet, Cunha e Costa, Emilio Ruéde, João Phóca, e por fim o dr. Tito Brasil e Valentin de Moraes, contando sempre com rutilantes pennas, como Martin Francisco, Rubim Cesar, Silva Jardim, Julio Ribeiro, João Luso e tantos outros titulares da cultura brasileira. Foi neste jornal que Martins Fontes, jovem ainda, publicou os seus primeiros versos.

A ultima phase do "Diario de Santos" verificou-se em 1917/1918, quando pertencia elle ao Dr. José Carlos de Macedo Soares, o ultimo Ministro das Relações Exteriores, figurando em sua direcção o Dr. Cezar Vergueiro e Christovam Prates da Fonseca, alem de outros.

Em 1875 era o "Commercio de Santos" que surgia, sob a orientação do santista eminente que foi o dr. Alexandre Martins Rodrigues, de velha e illustre estirpe, jurisconsulto e homem de grande talento, a quem se unia logo no anno seguinte, a competencia de Garcia Redondo, escriptor e poéta, engenheiro de nomeada, que para Santos viera por ordem do Governo Imperial, afim de superintender as obras de reconstrucção da Alfandega de Santos em 1876. Tambem Augusto Fomm, santista illustre, parente de ambos, literato, organizador e polyglotta, embora residente no Rio de Janeiro, com elles collaborava na redacção do jornal, formando com Francisco Martins dos Santos, Xavier Pinheiro, João Octavio e alguns vultos já citados, o blóco iniciador do abolicionismo santista e brasileiro.

Nesse mesmo anno de 1876 apparecia a “Gazeta de Santos”, organ noticioso, de uma firma Andrade & Cia., da qual fazia parte Francisco de Paula Coelho, figurando á testa de sua redacção Tiburtino Mondin Pestana, o excellente professor, dono de uma das melhóres escólas da cidade, Alvaro Fontes e Elias Pimenta, mais tarde solicitador junto á banca de Martim Francisco. Pouco depois, e tambem nesse anno, apparecia “A Teseoura”, peródico faceto, critico e noticioso, com typographia á rua da Alfandega, a Empreza Imparcial.



Emilio Ruêde

Em 1877 surgia “O Raio”, organ de combate, violento como o nóme, fructo ainda dos esforços dos fundadores d’“O Pyrilampo” — o padre Francisco Gonçalves Barroso, o dr. Hyppolito da Silva, José do Sacramento Macuco e Antonio Manoel Fernandes. Desapparecia então o antigo “Pyrilampo” com a sua feição moderada, para dar lugar ao inflammado organ santista que iniciaria a phase heroica da cidade, commentando e apoiando a grande acção de Luiz Gama no scenario paulistano.

Nesse mesmo anno de 1877, os juriconsultos Inglez de Souza e Antonio Carlos (o II) lançavam a publico a excelente “Revista Nacional” — de Sciencias, Artes e Letras — sahindo o seu primeiro numero em Julho, cuja collaboração éra a melhór e mais brilhante possível.

Cerca de 1878 apparecia “O Domingo”, de um grupo de literatos e jornalistas santistas, entre os quaes Hyppolito da Silva, José André do Sacramento Macuco, e Candido de Carvalho. Os recórtes que possuimos deste jornal, são de 1879. A 1.º de Março de 1881, começava a circular a revista “A Comédia”, com Silva Jardim, Valentim Magalhães, Gustavo Julio Pinto Pacca e Adolpho Carneiro á testa, sendo redactores os dois primeiros.

De 1881 a 1883, inicio da verdadeira phase de acção dos abolicionistas de Santos e São Paulo, com a fundação da “Bohemia Abolicionista”, a extraordinaria aggremação, da juventude santista, cujo titulo explicava os fins, organizada por Guilherme e Pedro de Mello, Francisco Bastos, Antonio Augusto Bastos. Antonio Couto, Arthur Andrade, Anthero

Cintra, Luciano Pupo e Eugenio Wansuit, aos quaes se juntaram depois, Paulo Eduardo, José Vaz Pinto de Mello Junior, Brasílio Monteiro, Joaquim Montenegro, e outros, surgiram tres orgams revolucionarios manuscriptos, "O Embryão", "O Porvir" e "O Pirata", cuja typographia era Jacob Schalap, um menino de Santa Catharina, de letra muito bonita e dedicadissimo á causa, e logo depois os jornaes impressos "O Alvor" e "O Piratiny" ambos de Guilherme de Mello, folhas nunca esquecidas, de combate e propaganda, redigidas por elle, Arthur Andrade "o fundibulário imberbe" como chamavam a esse jornalista de 16 annos, e Vicente de Carvalho, e mais, "O Patrióta", sob a direcção de Felix Carneiro, e "A Idéa Nova", de Constantino Mesquita, ambos com a collaboração de Candido de Carvalho, Alberto Souza, Rubim Cesar, Augusto Fomm, Francisco Martins dos Santos Junior, Theophilo de Arruda Mendes, Gastão Bousquet e Vicente de Carvalho, que, incansavelmente trabalhava para todas as folhas locaes, zurzindo monarchistas e escravocratas.



Dr. Alexandre Martins
Rodrigues

E' dessa occasião, idéa gerada nos debates dessa imprensa violenta e inflammada e amadurecida no coração dos grandes cabos abolicionistas, a fundação do famoso quilombo de "Jabaquára", gloria da historia brasileira, onde Quintino de Lacerda immortalizou-se e onde Santos Garrafão illustrou o proletariado portuguez de Santos, immortalizando-se tambem.

Pouco depois surgia "A Procellária" com Julio Ribeiro á testa, secundando a brilhante obra civica e moral dos companheiros; Julio Ribeiro, era o grammático, o philólogo, o escriptor, o abolicionista-republicano que nascido em Minas illustrou a terra santista e descansou em seu seio.

Em fins do anno de 1883 apparecia ainda "O Popular" com Antonio Manoel Fernandes em sua direcção, o cidadão prestantissimo cuja actividade jamais esmorecia e não ficaria ahi.

Faltam-nos elementos para precisar o anno, mas, cerca de 1883, circulava o "Diario do Commercio", sob a direcção e redacção de Vicente de Carvalho e José André do Sacramento Macuco. Possuimos deste jornal apenas recórtres, que nos impedem uma citação completa a respeito deste orgam.

Logo em seguida, a 2 de Julho de 1884 surgia "O Correio de Santos", fundado e dirigido por J. Guelfreire, auxiliado por Juvenal Pacheco, o melhór reporter de então. Algum tempo depois retirou-se Guelfreire de Santos, passando o jornal á propriedade do Gremio Portuguez, que o entregou á direcção de Julio Ribeiro, que nessa mesma época abrira em Santos o seu extêrnato para meninos. Abandonando-o mais tarde Julio Ribeiro, passou o jornal á chefia de Alfredo Costa, auxiliado por João Barreto de Castro um dos melhóres elementos do gremio dramatico "Carlos Ferreira" que synthetisava a arte local.

Este jornal foi empastelado pelo povo em fins de 1889, por occasião da "grande naturalisação", decreto brasileiro que elle combateu como orgam portuguez que éra, mas com excessos de linguagem.

Ainda em Outubro do mesmo anno de 1884, surgia o "Jornal da Tarde, com Vicente de Carvalho e Alberto Souza, como fundadores e redactores.

Em 1885 fundava-se "O Lyrio", rotulo sarcastico do novo jornal de Antonio Manoel Fernandes, com que o seu fundador vingava-se symbolicamente do abandono em que o Governo Provincial deixava sua terra importantissima, significando, que, "dos lodos paulistas do littoral surgia apezar dos pezares, o grande nucleo moral, intellectual e civico de Santos".

Um anno depois, a 15 de Agosto de 1886, apparecia o primeiro numero d'"A Gazetinha", orgam da mocidade, com a collaboração de varios idealistas jovens.

Em 1886 ainda apparecia "A Evolução", de Sylvério Fontes, o livre pensador que tanta popularidade adquiriria mais tarde, nortista ligado a importante familia local, contando com a collaboração de Aprigio de Macedo, Martim Francisco, João Guerra e Candido de Carvalho. Nelle, enquanto Sylvério Fontes lançava as suas primeiras idéas socialistas, os seus collaboradores atiravam a publico artigos violentos sobre as duas campanhas que deviam vencer em 88 e 89.

No anno seguinte, em 1887, nóvamente Antonio Manoel Fernandes, o semeador de jornaes, apparecia com o "Jor-

nal da Tarde”, com a cooperação de Alberto Souza, João Guerra e Vicente de Carvalho, os tres poetas santistas, de tão caracterizada acção em favor dos dois ideaes collectivos, a libertação do negro e a reforma politica do Brasil.

Nesse mesmo anno Alberto Souza e Gastão Bousquet lançavam em sua terra, “A Revista”, folha literaria e republicana.

Logo em seguida, no anno historico de 1888, em Janeiro ainda, surgia a notavel “Cidade de Santos”, a segunda desse nome, da firma Marques & Cia., cujo sócio principal era Brazilio Marques, sob a direcção de Martim Francisco, o illustre pensador, tribuno, escriptor e incorrigivel humorista. Ahi, nessa verdadeira tribuna, deveriam succedel-o com o tempo, Cesario Bastos, Alberto Souza, Antonio Augusto Bastos, Sebastião de Faria, Eurico Saldanha, Dr. Paulo Passalacqua e por fim, já em 1911, Francisco Pereira. Neste jornal como no “Diario de Santos”, as duas mais fortes columnas da sociedade santista durante muitos annos, brilharam os melhores espiritos e as mais invejaveis intelligencias, citando-se alem de outros, Carlos Escobar e Emilio Ruéde o excellente pintôr e homem de cultura que tão importante papel teria depois na imprensa do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo anno de 1888, que coroou a obra dos abolicionistas da Provincia de S. Paulo, apparecia tambem o “Diario de Noticias”, sob a direcção e a redacção de João Guerra, o impetuoso poeta republicano, a tempo de reforçar a corrente de opinião, o movimento geral promovido em favor dos grandes ideaes vencedores, surgindo ainda no mez de Novembro desse anno, o “Diario da Tarde”, organ noticioso, de uma firma Machado Cabral & Cia.

Foram os tres ultimos jornaes fundados antes de 1890.

Começava então uma nova phase do jornalismo santista. Desapparecidos quasi todos os organs de propaganda com a realisação dos ideaes que os originára, logo em Março de 1890 apparecia “O Diario da Manhã”, entregue á direcção de Vicente de Carvalho, o qual por sua vez escolhia para auxiliares, Candido de Carvalho, Alberto Souza, Julio Riedel, Miguel Ribeiro, e Juvenal Pacheco o reporter bohemio, conhecidissimo e estimado em todas as rodas da cidade. Este jornal teve phases agitadas, como organ de opposição republicana que foi desde o seu inicio, que culminaram com os acontecimentos verificados na deposição do Dr. Americo Brasiliense, occasião em que Vicente de Carvalho, o futuro Secretario do Interior dos Governos Cerqueira Cesar

e Bernardino de Campos, nelle estabeleceu o quartel general dos revolucionarios santistas.

A 1.º de Novembro desse mesmo anno de 1890, apparecia "O Nacional", orgam official do Partido Republicano, sob a direcção de Horacio de Carvalho. O apparecimento destes dois jornaes, foi fructo da scisão verificada na politica republicana da cidade, e que a dividiu em dois campos distinctos e francamente adversos, embóra do mesmo crêdo, e então, "O Nacional" ficou sendo o orgam official da parte que apoiára a candidatura do Dr. Bernardino de Campos á deputação estadual, esposada pelo Governo, emquanto a parte dissidente, que continha sem duvida alguma os melhores elementos e os de mais serviços á causa da Republica em Santos, e que apoiára a candidatura de Julio de Mesquita, como resgate á divida de gratidão popular, pela attitude do grande jornalista durante a epidemia da fêbre amarella, mantinha como seu orgam official o "Diario da Manhã", para esse fim fundado em Março.

Em 1890 circulava uma "Revista Illustrada", muito bem servida e montada, em cujas paginas appareciam varios nômes em evidencia no meio literario santista. Acreditamos que essa Revista tenha sido fundada nesse mesmo anno ou pouca cousa antes.

Ainda deste anno parêcem ser os periodicos "O Caixeiro", "O Domingo", e a "Sempre Viva", redigidos pelo literato e abolicionista santense Alfredo Ramires Esquivel, como deprehendemos de umas notas jornalisticas de 16 de Janeiro de 1896 deixadas por José André do Sacramento Macuco.

Em 1892 apparecia "A Acção Social" fundada por Sylverio Fontes, o illustre sociólogo e livre pensador, primeiro orgam doutrinario talvez do Estado de S. Paulo, com a cooperação do Dr. Raymundo Sóter de Araujo e Carlos Escobar, folha essa que durou dois annos.



Sylverio Fontes

Em 1894 surgia o "Santos Commercial", sob a direcção de Eurico Saldanha, e, logo a seguir, no mesmo anno ao que parêce, entrava a circular "O Jornal", sob a direcção e redacção de Alberto Souza.

Em principios desse anno de 1894, mantinha o santista Deocleciano Augusto Fernandes, em Santos, um pequeno organ semanal, denominado "A Tribuninha". Nessa occasião surgiu em Santos Olympio Lima vindo do Pará para o Rio de Janeiro e dahi para Santos. Trazia elle uma carta de José do Patrocinio para o Director da "Platéa", em S. Paulo, o Dr. Cesar Ribeiro se não nos enganamos. O ambiente politico de Santos, estava então revolucionado, ainda em consequencia dos acontecimentos de 1893, dividindo-se os anti-florianistas, em dois grupos poderosos, um sob a chefia do Dr. José Maria Tourinho, e outro sob a direcção de Americo Martins dos Santos e Ricardo Pinto de Oliveira. Olympio Lima mal começára a trabalhar numa firma industrial da cidade. O acaso fez ahi, com que um nortista de Santos o reconhecesse na rua, e pouco depois, este, que mal tinha com que se manter alguns dias e que por isso já projectava seguir immediatamente para S. Paulo, ficasse em Santos, sob a protecção do grupo do Dr. Tourinho, acabando por chamar a si "A Tribuninha", o pequeno jornal de Deocleciano Augusto Fernandes, funda-



Olympio Lima

do a 26 de Março de 1894, que passou a ser então "A Tribuna do Povo", a qual pouco depois era suspensa pelas autoridades, sendo perseguido o seu redactor. Olympio Lima não esmoreceu porem, e logo em Agosto do mesmo anno editava o "Correio da Semana", de que sahiram alguns numeros, até que a 10 de Setembro seguinte, recommençava em 2.^a época a mesma "Tribuna do Povo", hebdomadária, depois bi-semanal e por fim diária.

Alguns annos depois, Olympio Lima, vendeu ou entregou a "Tribuna do Povo" por dividas, a um capitalista que a transmittiu a Gastão Bousquet, que chamando para companheiro de redacção a Vieira de Almeida, moço intelligente, funcionario da Alfandega e jornalista nas horas vagas, manteve o jornal durante algum tempo, até que tambem por dividas no valor de mais de dez contos, foi obrigado a entregar tudo ao cidadão João Constantino Janacópulos, seu credôr, o qual, por sua vez, procurando Henrique Porchat de Assis, fez-lhe entrega de todo o acervo do jornal com a

condição deste empregar o material no "Diario de Santos", do qual era então um dos dirigentes. (1)

Pouco depois, o "Diario de Santos" installava na Rua 15 de Novembro (antiga Direita) todo o aparelhamento superior da "Tribuna do Povo" iniciando uma nova phase do velho orgam do Dr. Ribeiro Campos.

Assim, só em 1900 foi que Olympio Lima novamente se metteu na lida da imprensa, e ahi não podendo installar jornal com o antigo nome de "Tribuna do Povo", dado o facto da sua venda a Gastão Bousquet e a subsequente insolvabilidade deste, installou então "A Tribuna", continuadora moral da antiga "Tribuninha", e da "Tribuna do Povo". Na "A Tribuna" desde a sua installação em principios de 1900 e em sua phase anterior, collaboraram com Olympio Lima, jornalistas de todas as temperas, como Francisco Pereira, Secundino Arantes, Alfredo Pinto, Fernando de Magalhães, Manoel Marinho, Gastão Bousquet, Aprigio de Macedo, Angelo Souza, Hugo Silva, Deoclecio de Oliveira, Frederico Rhossard, e nos ultimos tempos de sua vida, Arthur Peixoto, Urbano Neves, Manoel Pompilio dos Santos, Alberto Veiga, Valentim de Moraes e alguns outros. Morrendo em 1907 Olympio Lima, assumiu a administração do jornal, como seu testamenteiro, José de Paiva Magalhães, que o dirigiu até 1909, occupando a redacção d'elle durante esses dois annos de transição, o Dr. Urbano Neves, Tito Livio Brasil, Pires Domingues e Aquilino do Amaral.

Em 1909, de accordo com a Lei, o acervo da "A Tribuna" foi levado a hasta publica, sendo ahi arrematado por M. Nascimento Junior e Rossio Egydio de Souza Aranha, tendo este ultimo se retirado da sociedade em 1910, deixando só aquelle primeiro arrematante, em cujas mãos continúa o velho orgam até hoje, tornado agora um dos grandes jornaes do Brasil.

Desde 1909, passaram pela redacção da "A Tribuna", Brenno Silveira, Argemiro Acayaba, Luiz Paes, Euclides de Andrade, Rubens do Amaral, Miranda Rosa, Mario Neves da Costa, Antonio Stockler de Araujo, Elyseu Cesar, Menotti Del Picchia, S. Galeão Coutinho, Albertino Moreira, José Maria Gonçalves, R. Molina Cintra, Octavio Veiga e Moacyr Chagas, nella apparecendo como collaboradores bri-

(1) Estas notas e informações nos foram fornecidas pelo proprio Henrique Porchat de Assis, mercê de sua excellente memória e de suas annotações de antigo jornalista militante.

lhantes nomes do jornalismo e da literatura nacionaes, como Medeiros Albuquerque, Viriato Corrêa, Benjamin Constallat, Carlos Maul, Alberto Souza, Veiga Miranda, Rubens do Amaral, Costa Rego, Jayme de Barros, Galeão Coutinho, Alvaro Augusto Lopes, Affonso Schmidt, Moacyr Chagas, e tantos outros.

Um anno depois do apparecimento da "Tribuninha"; em 1895, apparecia "A FOLHA", fundada e redigida por Alberto Veiga.



Alberto Veiga

Mais ou menos nesta época, Angelo Souza, fundava diversos jornaesinhos, de pouca duração, cujos nomes e datas certas nos escapam.

Em 1896, Martins Fontes, então em plenos arroubos de uma juventude irrequieta, lançava entre a sociedade local que apreciava muito a sua precocidade, os seus orgams manuscriptos: "A Metralha" (para explosão aos Domingos), e "O Democrata", de parceria com Carvalho Filho, logo depois; ambos de ephemera duração.

Nesse mesmo anno de 1896 apparecia "A Arte", orgam do "Gremio Dramatico Arthur Azevedo", fundado por José Moreira Sampaio Junior, "O Juquinha" como o conheciam nas rodas artisticas e literarias de então, e Antonio de Arruda Mendes, o "Quincas Mendes". Valia este jornaesinho pelo nucleo de valores que representava, onde appareciam os nomes de Baptista Coelho o "João Phóca", Vieira de Almeida, Carlito Affonseca, Damasceno Vieira, Aprigio Macedo, Quincas Mendes, Carlos Behn, Henrique Jayme de Mello, Armando Souza, Alfeu Silva, João Luso, Arnaldo Barreto, e outros.

Em 1898, Alberto Souza fundava a "Cidade de Santos" terceira desse nome, orgam official do Partido Republicano Santista.

Em 1902, a 4 de Dezembro apparecia o primeiro numero da "Vanguarda Portuguesa", orgam da colonia, sob a direcção de Paulo Cunha.

Em 1903, a 1.º de Janeiro surgia o "Santos Illustrado", semanario, typo revista (de arte, literatura, critica e humorismo), sob a direcção de Anatolio Valladares, com Cicerio Valladares e Wladimir Alfaya na redacção, os dois

distinctos e apurados artistas do lapis e do pincél, este ultimo filho de Santos.

Cerca de 1904, sem que possamos precisar exactamente a data, apparecia uma nova revista artistica, literaria, e social, — “Cri-Cri” — da qual tambem não sabemos quem foi o fundador, porquê della só conhecemos recórtés imprecisos.

Em 1905, apparecia “O Jornal”, segundo desse nome, fundado e redigido por Vicente de Carvalho, o ultimo organ a que se dedicou directamente, em sua vida fecunda e inteiramente devotada ao bem publico.

Nesse mesmo anno, apparecia tambem “O Mercantil” (propagadora, literaria, noticiosa, humoristica e... buliçosa, como rezava o seu expediente), com Lucio Brasil e Leovigildo Trindade em sua direcção. Era a segunda phase desse jornal, cujo primeiro apparecimento se dera algum tempo antes, com pouca duração.

Em 1906 fundava-se “A Fita”, revista humoristica, literaria e illustrada, sob a direcção de Bento de Andrade e Pompilio dos Santos.

Em 1907 começava a circular “A Vanguarda”, sob a direcção e a orientação do Dr. Silvino Martins, organ que existiu durante seis ou sete annos.

Entre 1907 e 1908, apparecia “O Verso”, interessante jornal, todo em versos, até mesmo os annuncios, criação de um punhado de poetas, onde appareciam Fabio Montenegro, Gonçalves Leite, Custódio de Carvalho e Terencio Porto, folha essa que durou alguns tres annos.

Em 1911, apparecia “O Dia”, com grande apparatus e importante material, mas de pouca duração, com Nereu Rangel Pestana, Paulo Filgueiras, Eugenio Roso e outros na direcção.

Ainda nesse anno de 1911, surgia “A Republica” (folha da noite) sob a direcção de Raphael Henriques.

No anno seguinte, de 1912, Fabio Montenegro, o suavissimo poeta santista, fundava “A Via Lactea”, a excellente revista literaria que existiu durante algum tempo sob sua direcção.

Neste anno ainda, fundava-se “A Noticia”, sob a direcção de Antonio Stockler de Araujo e Carvalhal Filho, que existiu durante quatro annos, desapparecendo em 1916, por occasião do movimento popular verificado durante a Grande Guerra, quando a multidão revoltada pela attitude fran-

camente germanóphila desse jornal, destruiu-o ao mesmo tempo do "Club Germania".

Em 1918 o Dr. Cyrillo Freire, coadjuvado por Marianno Scarpini fundava a "Gazeta do Povo", lutando sempre, para entregal-a em 1924 a Alberto de Carvalho e Francisco Sá, iniciando-se ahí a sua segunda phase. Em 1930, victoriosa a Revolução do Sul, entre os jornaes sacrificados pelo povo sympathico á causa revolucionaria, figurou esse jornal, iniciando-se por fim, no anno seguinte de 1931, a sua terceira phase, sob o nome actual de "Gazeta Popular", com Amazonas Duarte á testa.

A 23 de Janeiro de 1919 apparecia o primeiro numero d'"A Nota" a excellente revista literaria e social, fundada por Alberto de Carvalho. "A Nota" em 1921 passou á propriedade do Dr. Cyrillo Freire e Marianno Scarpini, desaparecendo logo depois.

Em 1920 surgia o "Commercio de Santos", resultado da iniciativa de uma commandita em que appareciam: Nilo Costa, Dr. De Jorge, Lincoln Feliciano, Virgilio dos Santos Magano, e Christovam Prates da Fonseca. O Dr. Nilo Costa era então advogado da Municipalidade e não podia figurar na direcção do jornal, occupando-a pois, Simões Coelho em seus primeiros tempos. Pouco mais tarde assumia a direcção do jornal o Dr. Nilo Costa, figurando como Secretario o poeta Paulo Gonçalves. Em 1922, apparecia como redactor-secretario o Dr. Bruno Barbósa, e em seguida, successivamente, Ayres dos Reis, Alvaro Augusto Lopes e José do Patrocínio Filho, até 1926, quando assumiu a direcção do jornal o escriptôr e poeta Affonso Schmidt. Em 1927, ficava o "Commercio" entrégue á responsabilidade de Gomes dos Santos Netto, até 1928, quando passou o jornal, por arrendamento, á celebre Limitada, dirigindo-o o Dr. Daniel Ribeiro de Moraes e Silva e Martinho Camargo, figurando como redactor-secretario o Dr. Nicanor Ortiz, que em 1929 passava o cargo ao Dr. Julio Barata, tornado tambem Director, até 1930, quando os factos da Revolução e as correrias populares de 24 de Outubro daquelle anno, fizeram cessar as actividades da Empreza arrendatária, que representava o Partido dominante, então deposto, apparecendo o jornal, no dia seguinte, novamente sob a direcção do Dr. Nilo Costa, secretariado pelo Dr. Julio Barata e auxiliado por Gomes dos Santos Netto, mas com o nome de "Diario de Santos", durando até 1932, quando desapareceu com a insolvabilidade do seu proprietario.

Em 1920, a 2 de Junho, apparecia o "Jornal da Noite", fundado pelo Dr. José Rodrigues Bastos Coelho, hoje Major Médico do Exército, Miguel Cardoso de Souza Filho, hoje Tenente Coronel de Engenharia, Dr. Tennyson de Oliveira Ribeiro, Antonio José Neves, commissario de café, Luiz Corrêa Paes, ainda ha pouco Inspector da Alfandega de Pelotas e o então Tenente Mario Amazonas, despachante aduaneiro. Desde o seu apparecimento em 1920, foram seus redactores, Tennyson Ribeiro, Miguel Cardoso de Souza Filho, Affonso Schmidt e Amazonas Duarte successivamente. Em 1925, passou o jornal á propriedade e direcção exclusiva de Mario Amazonas, situação em que se encontra, victoriosamente até hoje.

A 21 de Fevereiro de 1921 circulava o primeiro numero da "Flamma", excellente revista literaria e social, fundada por Norberto de Paiva Magalhães e Galeão Coutinho, provocando logo no mez seguinte o desaparecimento d'"A Nota". Annos depois, em 1929, esta revista passou, por arrendamento, á direcção de Pedro Neves, e em 1931, á de Gomes dos Santos Netto e Dr. Julio Barata. Hoje "Flamma" está sob a direcção de Gomes dos Santos Netto e Dr. Nicanor Ortiz, e se apresenta como uma Revista de categoria.

Em 1923 surgia a "Praça de Santos", jornal valente e de muita força, fundado por Antonio de Araujo Cunha e Raphael Corrêa de Oliveira, redactoriado por este, com o concurso ainda de Reis Perdigão e Ayrès dos Reis, jornalistas que secundaram o trabalho brilhante de Raphael Corrêa, e por fim Brasil Gerson. Realisou esse jornal uma das mais violentas e destemerósas campanhas politicas que Santos assistiu nos ultimos trinta annos, arrostando Leis de Imprensa e outros arrochos e medidas de compressão adoptadas e creadas pelo governo Bernardes sob a repulsa geral do povo brasileiro.

Nesse mesmo anno de 1923 apparecia "O Balneario", folha de arte e literatura, tri-mensal, fundado por Francisco Egydio Martins, com collaboração de Galeão Coutinho, Martins Fontes, Dr. Alberto Assumpção, Dom Carlos Maria de Vallejo, Benedicto Calixto e tantos outros valores artisticos e literarios da cidade. Esse jornal teve pouca duração porém.

A 1.º de Julho de 1924 apparecia o primeiro numero d'"A Farpa", de actualidades, humorismo e literatura, trazendo como fundador e redactor Indalécio Alves, com officina

própria, transformada mais tarde em typographia e papelaria.

Em 1926 editava-se “Terra Santista”, uma revista illustrada e literaria, sob a direcção de Cid Silveira e Antonio de Freitas Guimarães.

Em 1927 apparecia a “Folha de Santos”, jornal fundado por Francisco Paino, Perillo Prado, Molina Cintra, José da Silva Figueira e Antonio Luiz de Oliveira; cujo primeiro numero circulou a 24 de Outubro. A esses nomes se juntou mais tarde, em 1929, Jayme Franco Junot, como redactor. Em 1930, por occasião das correrias do dia 24 de Outubro,



Jornaes e Revistas actualmente circulando em Santos. Faltam aqui, apenas o “Guarujá Jornal» e a Revista “Letras”

decorrentes das primeiras noticias sobre a victoria da Revolução, e precisamente na data em que o jornal completava tres annos de existencia, o povo amotinado empastellou-o, nada deixando dentro do prédio da rua do Rosario.

Em Janeiro de 1931 fundava-se o “Diario da Manhã”, com o Dr. Antonio Luiz de Alvarenga na direcção, secretariado por Santos Junior e mais tarde por Pedro Neves. Este

jornal, em sua segunda phase passou á direcção de Ramiro Calheiros, sob a qual ainda se encontra agóra, redactoriado por Floriano Cruz.

Nesse mesmo anno, apparece a revista "O Balneario", sob a direcção e redacção de Cyro Lacerda e Armando Rosas, e logo a seguir, entre 1932 e 1933, o mesmo Cyro Lacerda editava nova revista, a "Éva", bem feita mas de pouca duração.

A 8 de Janeiro de 1933 fundava-se "O Estudante", organ da classe, bem orientado e redigido, sob a direcção de alguns estudantes das nossas escolas superiores, mantido ainda hoje, e logo depois, no mesmo anno apparecia "O Bandeirante", excellentemente iniciado por Modesto Roma, por em de breve duração por falta de recursos, figurando nelle collaboração de Martins Fontes, Valdomiro Silveira, Molina Cintra e outros conhecidos homens de letras locais.

Em Dezembro de 1933 apparecia "O Idealista", jornal-revista, fundado e redigido por Adolpho Coutinho, e em 1934, tambem em Dezembro, apparecia em seu lugar, como uma continuação, a revista "Estrella Azul", illustrada e litteraria, sob a direcção de J. Bento e Manoel da Silva Lima, organ dos funcionarios da Companhia Docas de Santos, que ainda existe, sahindo regularmente.

A 11 de Outubro de 1935 apparecia o "Guarujá Jornal", sob a direcção de Jorge Moura, circulando até agora.

A 6 de Janeiro de 1936, começava a circular "O Diario", propriedade de uma sociedade anonyma denominada "Diario Commercial", em que figuravam cerca de trinta casas commissarias de café desta cidade, grande organ, de cerca de 18 paginas diárias, sob a redacção e direcção jornalística de Octavio Veiga, sahido de igual cargo na "A Tribuna" para esse fim, jornal moderno, de grande circulação e que acaba de ser adquirido pelos "Diarios Associados".

Em Fevereiro deste mesmo anno apparecia a "Revista Aduaneira", sendo seus fundadores Catão Peixoto Lopes, Joaquim de Mattos, e Augusto Victor dos Santos, funcionarios da Alfandega local. Em Maio retiraram-se os dois primeiros ficando na direcção da Revista o ultimo delles, auxiliado desde então pelo novo Redactor-chefe E. V. Lopes de Mendonça, que a vão tornando uma das melhores publicações do genero em todo o paiz.

Pela altura de Junho deste anno de 1936, apparecia o "Correio de Santos" pequena folha de combate de sahida irregular, sob a direcção de A. Tabarelli, e finalmente, em

Dezembro, Mario Amazonas, proprietario e Director do "Jornal da Noite", lançava, num esforço real e aventureiro, a excellente e patriótica Revista "Letras", editada em castelhano, versões a cargo do redactor hespanhol da mesma, Snr. Pascoal Nuñez Arca, destinada á propaganda da literatura brasileira nos paizes ibero-americanos e mesmo nos Estados Unidos. Do seu primeiro numero foram vendidos só em Buenos Aires, 1500 exemplares, tendo elle merecido de varios embaixadores á Conferencia Pan-Americana, reunida naquella Capital, cartas honrosas para seu director proprietario, sem duvida alguma merecidas.

Além de todos os jornaes e revistas aqui citados neste esboço historico da imprensa local, houve tambem em Santos, varias publicações que, não podendo denominar-se imprensa, não deixaram comtudo de ser seus elementos subsidiarios, como por exemplo os velhos "Indicador Santista", o "Almanach do "Diario de Santos", redigidos a cada anno e durante alguns lustros pelas mais brilhantes pennas santistas, e mais recentemente, entre 1911 e 1914, a "Polyanthéa" do Lyceu Feminino Santista, resumo e consequencia dos famosos Jogos Floraes de Santos, de agradavel lembrança, verdadeiros certamens de intelligencia e intellectualidade, mantidos e alimentados pelo Dr. Adolpho Porchat de Assis, santista de saudósa memória.

CAPITULO XXV

Toponymia Santista

Origem e significação dos nomes brasílicos e portugueses applicados aos logares e bairros mais conhecidos da cidade e do municipio de Santos

Conserva o território santista como uma lembrança daquelles que foram os seus antigos senhores, varias e vélhissimas denominações gentílicas que constituem detalhes pittorescos da sua geographia, da sua história e da sua tradição, sonorizando em nossos ouvidos os ecos mil vezes repetidos de séculos cada vez mais distantes.

Fizéram aqui os nossos primitivos tupys, o que individuos da mesma e de outras castas americanas fizeram em todas as latitudes e longitudes do território patrio. Marcaram o chão conhecido, com a determinação do seu principal característico, para que os logares assim denominados, servissem desde então, de pontos de referencia geographica, para orientação dos seus dominadores, escolhendo para esse effeito, nomes descriptivos do aspecto, da virtude, da tradição, dos phenómenos particulares ou da situação desses mesmos logares.

Depois delles viéram os primeiros povoadores europeus, e, desde ahi, verificou-se a deturpação lenta, gradual, das denominações existentes, ao passo que outros nomes christãos substituíam alguns dos antigos nomes gentílicos ou enfileiravam-se ao lado dos que resistiram ao contacto da civilisação, determinando todos, pelo tempo a fóra e até nossos dias, os pontos da região attingidos pela presença dos individuos das duas raças.

Houve época, a época inicial da terra brasileira em sua phase de colonisação, em que, os habitantes em geral, conhe-

ciam os verdadeiros significados dos nomes encontrados pelos precursores, mas, volvidos os annos, apresentaram-se as novas gerações absolutamente ignorantes do que elles representavam e diziam em sua linguagem barbara e pittoresca. Hoje, essa ignorancia é geral, e chega a ser desoladora. As nossas denominações territoriaes ou simplesmente urbanas, quasi todas tão brasileiras e em grande parte multiseculares, permanecem deante das nossas populações, como exóticas e desdenhadas legendas, cujo sentido não lhes interessa comprehender, mas cujo uso forçado e constante deixa mal deante da sociedade culta e deante da propria razão, a todos os que as pronunciam assim, reduzindo-os a pobres papagaios.

Para o incola brasileiro, o problema da denominação dos logares, mereceu sempre os acúros de uma applicação rigorosa e completa, em contraste com o critério portuguez herdado por nós, individuos de 1900, com raras excepções. Para o brasileiro primitivo, era aquelle problema, uma questão verdadeiramente scientifica e alguma cousa religiosa, porquê fundava-se na tradição das tribus conservada immemorialmente, possuia intuitos verdadeiramente geographicos e era respeitada como um rytho. Neste particular, conta o Padre Ivo D'Evreux, em sua preciosa obra "Viagem ao Norte do Brasil nos annos de 1613 a 1614", como factos conhecidos seus e presenciados algumas vezes, que os indigenas costumavam dar nomes com som identico ou quasi identico, a logares vários e muitas vezes na mesma região, significando porém, differentemente, e "QUE ERAM MUITO SABIOS NA FORMAÇÃO DOS NOMES LOCAES, POIS QUE ESTES DEVERIAM DESIGNAR OS CARACTERISTICOS PHYSICOS DA COUSA NOMEADA" "E NÃO ERAM DEFINITIVAMENTE ACCEITOS SENÃO APÓZ DE-LIBERAÇÃO EM ASSEMBLÉAS NOCTURNAS".

Isto posto, confunde-nos a nós, descendentes de europeus, contemplar em nossa nomenclatura geographica, denominações como estas da região santista, para não citar outras de todo o paiz, algumas ainda muito mais aggravadas em seu disparate: "Ilha do negro morto" — "Ilha do bagrinho" — "Rio do soldado" — "Morro da Paciencia" — "Rio da Diana" — "Ilha das cabras" e quejandas prendas denominatórias, que, embóra em portuguez, nada significam effectivamente, e ninguem as entende, reveladoras que são de uma profunda pobreza de espirito, em contraste chocante com a opulência do espirito brasilico, que certos escriptores

ousáram deprimir e negar, demonstrada em todas ou quasi todas as suas manifestações. E confundindo-nos esses confronto, admira-nos tambem a liberdade de traducção, a facilidade mesmo, com que certos autores mais ou menos acatados e havidos como doutos na lingua geral brasileira, atiraram ao nosso povo como exactas expressões etymológicas significações verdadeiramente disparatadas, attribuidas ás denominações tupys da nossa nomenclatura geographica, despidas do menór estudo grammatical dos vocábulos pretensamente traduzidos, sem a consideração dos elementos glotticos que entraram e entram em sua composição, isoladamente e em grupo, fazendo assim da lingua tupy, uma lingua sem segredos e sem jogo, paupérrima e ao alcance de qualquer entediado, o que não é verdadeiro.

Dahi a deturpação dos significados, dahi a falsa interpretação e dahi a officialisação pelo povo, sempre mais disposto ás facilidades e confiante nas versões publicadas, dos horribéis resultados etymológicos arrancados á belleza da lingua brasilica, cousas que, felizmente, vão sendo desfeitas aos poucos, como é o caso de “Enguaguassú”, de “Jurubatuba”, de “Bertióga”, de “Paquéta”, e de outras denominações do littoral, como “Itanhaen”, que inferiorisam a nossa raça primitiva e offendem a nossa tradição, comprometendo a nossa bellissima linguagem geographica.

Affirmamos cathegóricamente; a observação nos tem convencido de que, não basta fallar uma lingua para que alguém se arrógue o direito de traduzir vocábulos, pelo menos em se tratando de uma lingua mórtá ou bárbara e de casos que envolvem assumpto scientifico ou observação realizada centenas de annos atraz. Em nosso caso, é preciso conhecer-se profundamente o segredo do idioma, sendo preferível até, que se falle menos e que se entenda mais.

Foi por isso, que, entre os varios autores de obras tupys, dictionarios, tratados ou obras de erudição, preferimos para effeito de traducção e explicação dos nómes santistas, o venerando Dr. João Mendes de Almeida, que, em sua obra importantissima, o “Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo”, a par de algumas falsas interpretações e mesmo exageros, apresenta um acervo precioso de traducções, verdadeiro elucidário dos nómes locaes, demonstrando estudo aprofundado no ponto em que nos interessa o seu trabalho, capacidade e vontade sincéra e decidida de ser útil á sua Provincia adoptiva. Consultámos, é verdade, outros e varios autores, cuja opinião adoptámos tambem para tra-

ducção de alguns nomes, mas, necessario é dizer, que nos valemos principalmente do trabalho e do autôr apontados, como de periodos inteiros das suas notas historico-etymológicas, onde encontrámos superioridade sobre todas as demais, para realisação deste indice toponymico, certos de serem estas e não outras, as verdadeiras significações das denominações da nossa terra.

Com o auxilio dos nossos estudos históricos, da tradição e do testemunho de velhos moradores locais sobre as denominações portuguezas mais ou menos recentes, pudémos aperfeiçoar e ampliar os elementos fornecidos pelo venerando jurisconsulto e historiador maranhense, completando este trabalho, que nos parece desfazer os segredos denominatórios da cidade e do municipio de Santos.

GOHAYÓ, GUAIAHÓ, GOAYÓ OU GUAÍÓ

Este é o nome primitivo, brasilico, da ilha de S. Vicente onde assenta a cidade de Santos, como se vê na escriptura das primeiras terras doadas a Pero de Góes, em 1532. Gohayó é corruptéla de GU-AÍ-ÓG “cortada, despegada”; de GU — reciproco — AÍ — “despegar, abrir, separar”, e ÓG — “cortar, arrancar”, sendo que os verbos AÍ e ÓG apparecem unidos para exprimirem separação por força. Allusivo a ter sido a ilha, separada do continente pela força e pressão das aguas ou por algum phenómeno sismico occorrido no correr dos séculos.

Deste nome sahiu a denominação GUAIANAZES havida pelos indigenas originarios da região, os famosos GUAIANÁ das cartas de Anchieta, que tão marcante papel tiveram em toda a antiga Capitania de São Vicente.

O nome São Vicente, como já demonstrámos no Capitulo proprio, foi dado á mesma ilha, em 1502, a 22 de Janeiro desse anno, por Americo Vespuccio, o célebre florentino, cosmógrapho da Expedição official de André Gonçalves, quando elle denominou o actual estuário santista, de “Rio de São Vicente”.

ENGUAGUASSÚ OU YGUAGUASSÚ

Objecto de tantas controvérsias e versões, algumas delleas verdadeiramente disparatadas, este nome éra attribuido á ilha de São Vicente, quando em verdade não passava da

denominação immemorial do lagamar santista, formado na sahida do rio de Bertióga, em frente á Alfandega da cidade e dahi extendido para a direita e para a esquerda, abrangendo de um lado o Caneú e de outro o Paquetá. Em consequencia da visinhança desse lagamar com o lugar onde se edificou a cidade de Santos, tomou este o nóme do primeiro, por necessidade de distincção entre outras regiões da ilha, a ponto de ter sido dado ao primeiro povoado surgido á sua margem, o nóme de “Povoado de Enguaguassú” que depois passou a “Porto de São Vicente” e mais tarde a “Porto de Santos”, como já demonstrámos tambem em capitulos anteriores.

O proprio Hans Staden, descrevendo as villas existentes na Ilha de São Vicente em 1549, diz em sua preciosa obra “Viagem ao Brasil” tão conhecida de toda gente: “Nesta ilha existem dois lugares, um chamado Morpion (Villa de São Vicente) e outro Enguaguassú (villa de Santos)”, desprezando, como se vê, extranhamente, os nomes christãos São Vicente e Santos, já existentes desde bastante tempo, mas fixando devidamente este ponto aparentemente controverso da nossa história, em complemento ao que se apprendeu na referencia feita á ilha pela Escriptura de 1532, citada no histórico do nóme precedente.

Enguaguassú jamais significou “Pilão Grande” ou “Ingá-grande” ou quejandas invencionices de alguns autores, repetidas inadvertidamente por outros e pelo povo em geral (consultem-se as obras de Rocha Pombo, Theodóro Sampaio e Dr. João Mendes de Almeida), pois que, sendo a determinação das referidas aguas santistas, ella significa apenas: lagamar, enseada maior da sahida, enseada grande, etc...

Trata-se de uma corruptéla de HÊ-N-GUAA-GUAÇÚ — “Enseada maior da sahida” — de HÊ-N “sahida” — GUAA “enseada”, e GUAÇÚ “grande, maior” — allusivo a ser a maior extensão de aguas interiores e a ficar na sahida do rio da Bertióga. Ainda como YGUAGUASSÚ, sua significação seria: Seio de agua grande, lagamar, bahia dilatada ou maior, composto de Y “agua” — GUAA “enseada”, e GUAÇÚ “grande, maior”, nada havendo que justifique as lendas e falsas versões creadas em seu redór.

Frei Gaspar em suas “Memórias para a historia da Capitania de S. Vicente” 3.^a Edição, pag. 204, determina bem este ponto, com estas palavras: “Derão o nóme de Engua-

guaçu á parte da Ilha de S. Vicente que vai correndo dos Outeirinhos até o principio da bahia Caneú pouco mais ou menos”.

EMBARÉ

Nóme da praia de Santos, desde a chamada “Ponta da Praia” até o “José Menino” actual, onde passa a chamar-se PRAIA DE ITARARÉ, dando inicio ao municipio de São Vicente. Hoje, a praia de Embaré está dividida em quatro bairros, cujos nomes prevalecem tambem para sua propria denominação local: Ponta da Praia — Boqueirão — Gonzaga e José Menino. E’ de nosso dever, porem, conservar a tradição, mantendo a primitiva denominação geral EMBARÉ para a praia histórica onde desceu Martim Affonso em 1532

Este nóme é corruptéla de MBARAA-HÊ — “Commodo para enfermidades” — de MBARAA “enfermidade, molestia” e HÊ “commodidade, conforto”, — por contracção: MBAR’-HÉ, que se pronuncia como hoje pronunciamos na linguagem corrente: EMBARÉ.

Refére-se este nóme á propriedade dos banhos de mar tomados nesta praia, para a cura de varias molestias. Esta revelação proporcionada á sciencia e aos estudiosos pelo nóme indigena, tem sido confirmada pelos factos. São innumeros os casos conhecidos de curas realizadas pelas aguas de EMBARÉ, alguns verdadeiramente surprehendentes e do nosso conhecimento, entre os quaes o de um paralytico, o de um hemiplégico e o de uma senhora que apresentava um “bocio”, a deformação vulgarmente chamada “papo”, desde a sua infancia. Este ultimo caso é muito interessante verdadeiramente, pela circumstancia de que se revêste. A referida senhora residia no Rio de Janeiro e lá, com um médico de certo renóme, realisou um tratamento electrico local. Terminado esse tratamento, disse-lhe o médico que viésse tomar uns banhos de mar na praia de Embaré em Santos, o que a surprehendeu bastante, visto possuir o Rio de Janeiro, bellas e boas praias de banho. O profissional em apreço, porem, insistiu neste ponto, exigindo que taes banhos fossem tomados na praia de Embaré. Em conclusão: a paciente, pessoa da familia do autôr desta obra, veio para Santos, banhou-se nas aguas do Gonzaga, e, ao fim de pouco tempo, estava completamente livre do “bocio”.

Em todo o littoral de São Paulo, apenas mais uma praia possue identica denominação, revelando assim possuir as

mesmas virtudes therapeuticas da praia santista; é a de Barékessaba (“pouso, cama ou leito dos enfermos”), próxima a São Sebastião; e isso, entre mais de cem praias que enfeitam a cósta paulista.

A denominação EMBARÉ, mostra, portanto, uma nóva face do critério denominatório dos nossos tupys, attendido como se vê, o aspecto scientifico do logar, ou a sua grande virtude.

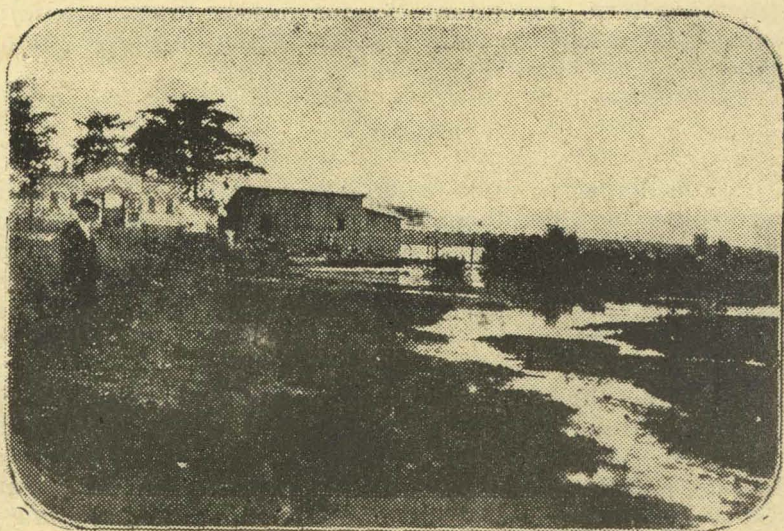
PAQUETA

Nóme do bairro mais oriental da cidade. O vulgo, sempre disposto ás etymologias simplificadas e desorientado pela intervenção de traductores fáceis, attribúe a este nóme a origem :PACA-ETÁ — com a significação de “logar ou viveiro das pacas”, versão essa, que, para o bom observador ou para quem quér que, sem conhecer um pouco da lingua brasilica, conheça, entretanto, ou pratique, a arte venatória, não passa de engano muito commum neste assumpto, visto que, antes de mais nada, as pacas, esses graciosos roedores brasileiros, não frequentam os logares paludózos e cobertos de aguas salôbras, como éra outr’óra o chão do Paquetá santista, a extender-se da Ponta do Camarão onde entrava o riacho dos Soldados ou do Caldereiro, até a actual Villa Nôva, seguindo para alem, até proximo aos Outeirinhos (desmanchados pela Docas para aterro dos logares que occupou com seus armazens). Os roedores em apreço, dos quaes pretenderam fazer derivar a denominação PAQUETA, frequentam apenas as aguas doces e limpas dos rios, lagos e cachoeiras, situadas junto ás mattas onde mantêm suas tócas.

A verdadeira etymologia da palavra PAQUETÁ, é: PAÃ-IQUÊ-TÁ, por contracção: PÃ-QUE-TÁ, que, com o tempo e por evolução, se tornou PA-QUE-TÁ, a exemplo de tantas outras denominações da mesma origem: de PAÃ- — “atolar” — IQUÊ — “lado, costado” — e TÁ — apócope usual de TATÁ — “duro, fórte” — significando: Logar de atoleiro fórte, mais fórte do que em outros logares da ilha habitavel.

Os velhos santistas ainda se lembram do pantano do Paquetá e são testemunhas, principalmente, do que ficava na região do actual Mercado e dahi para cima, junto ao antigo cemitério dos Inglezes, que éra, verdadeiramente, um pantanal fórte e extremamente pegajoso.

Nada, pois, de lendas ou supposições. Outros lugares haverá em que o mesmo nome possa ter a significação de "lugar das pacas ou viveiro dellas", não porem neste caso, legitimamente resolvido assim.



O "rio do Soldado", parte do Paquetá onde hoje fica o Mercado Municipal, com a sua bacia. Ao fundo vê-se o Cemitério Protestante ou dos Inglezes, obra de 1840. Aqui estão bem patentes os lamaças salobros que outróra formavam o Paquetá santista

Como possuímos a reprodução photographica do local apontado, antes de ser feita a bacia do Mercado santista, estampamol-a aqui, para melhor demonstração do que dissemos.

JABAQUARA

Nóme do bairro santista que fica para alem da Villa Mathias, tirado ao pequeno rio que havia outróra na mesma região da ilha, sahindo dos fundos dos morros actualmente chamados: do Fontana, de São Bento e Nóva Cintra, correndo toda a várzea visinha de Marapé e indo desaguar na praia de Embaré, na região do Gonzaga e do José Menino.

Ahi existiu tambem, por detraz do morrinho da Santa Casa, ramificação do Monte Serrate, entre os annos de 1882

e 1888, o famoso quilombo de JABAQUARA, a mais alta expressão de abolicionismo no Brasil, cantado no grande poema de Vicente de Carvalho : “Fugindo ao Captiveiro”.

JABAQUARA é corruptéla de YAB-A-QUARA (o buramento) pela melhor etymologia, ou ainda de Y-A-BAQUARA, contrahido em YA-BAQUARA — “o corredor, o ligeiro” (curso de rio) allusivo em qualquer dos casos, aos ca-



O bairro de Jabaquára em 1900. Ao fundo vêem-se os actuaes e bellos bairros do Marapé, Campo Grande, Villa Belmiro, José Menino e Gonzaga em seus aspectos daquelle anno.

racteristicos do antigo riosinho santista, canalizado e enxuto pelo Saneamento. De nossa parte preferimos a primeira interpretação.

E' preciso não confundir ésta denominação com JABAQUARA — de JABÁ — fujão — e QUARA — paradeiro, refugio, abrigo, significando refugio de fujões, extremo a que poderá ser levada a posteridade deante do facto já então muito distante, de ter existido nesse lugar o “Quilombo” citado. Tal etymologia, applicavel a denominações identicas de outros logares, não se applica absolutamente a este caso, porquê JABAQUARA é uma denominação multi-secular e determinava, como dissémos, o antigo riosinho da região.

ITORORÓ

Nóme da fonte histórica junto á qual se estabeleceram Paschoal Fernandes e Domingos Pires, os dois principaes fundadores da cidade, logo apóz a chegada de Martim Affonso de Souza. Ficava como fica ainda hoje, na encósta do Morro de São Jerónymo, nóme depois trocado pelo de Monte Serrate, desde que se construiu entre os annos de 1603 e 1605, a ermida de N.^a S.^a dessa invocação.

Dahi, da fonte de Itororó sahia um riacho, primitivamente também chamado “de Itororó”, e depois denominado “Ribeirão do Carmo”, que ia desaguar no estuário, quasi em frente á actual Rua Martim Affonso, canalizado no século anterior.

Itororó apparece nas mais antigas escripturas como TORORÓ, e é corruptéla de “XORORÓ” simplesmente, ou de “I-XORORÓ” — corrente” ou “olho d’agua”, “manancial”, “agua corrente”.

Itororó marca para todos, a subida do Monte Serrate, constituindo um ponto rigorosamente histórico da terra santista, e até principios do século passado, chamava-se “campos de Itororó” todo o espaço hoje occupado pelas ruas São Francisco, Amador Bueno, Rosario e General Camara, entre as ruas D. Pedro II e Senador Feijó.

MARAPÉ

Nóme do bairro santista que fica junto ao morro do mesmo nóme, entre o bairro de Campo Grande e a praia do José Menino, freguezia de Nossa Senhora da Pompéia.

MARAPÉ é a evolução de PERAPÉ (depois PARAPÉ como figura em escripturas antigas e depois ainda, MARAPÉ) de PÉRÁ — “mar” e PÉ — “caminho”, significando: “caminho do mar”. Allusão ao primitivo caminho dos indigenas, unico que existiu durante alguns séculos, communicando a parte da ilha que deita para o estuário com a parte que deita para o mar grosso. Sabido que os nossos aborígenes, como os primitivos colonisadores portuguezes, chamavam o nosso estuário de “rio” (aliás, o famoso “rio de São Vicente” dos mais antigos documentos, desde 1502) bem justificada nos parece essa denominação brasilica.

O caminho do Marapé ou do Parapé, era o mesmo tão citado em todos os compendios e obras históricas, como sendo o caminho aberto por Pascoal Fernandes e Domingos Pires, fundadores de Santos, os quaes, entretanto, nada mais fizeram que melhorar o que já existia, para que por elle se fizessem as communicações com a villa de São Vicente. Esse caminho partia de junto do porto, região da Alfandega actual, passava junto a Itororó, fraldejava o morro de São Jerónimo, ou Monte Serrate, galgava a lombada existente junto ao actual hospital da Santa Casa da Misericórdia, descia depois para a varzea de Jabaquára e dahi, sempre costeando os morros, passava pelo actual Marapé, sahindo por fim, na praia, junto ao morro do Cutupé, cujo nome está em intima ligação com esse facto, como mostraremos adeante.

Com a abertura do caminho do Saboó pelo Norte da ilha, atravessando os banhados de São Vicente levando á antiga Villa, durante o século dezeséte, este caminho foi cahindo em desuso, permanecendo apenas na tradição ao cabo de alguns lustros.

Consagrando o critério denominatório dos aborígenes brasileiros, vemos hoje, que, de facto numa época em que toda a ilha era coberta de florestas e brejaes, o unico caminho possivel para S. Vicente, seria esse, por ficar todo elle em terras enxutas de encosta, levando o pedestre até as areias de Embaré em curta travessia, constituindo-se pois, com muita justeza, no verdadeiro "Caminho do Mar".

SABOÓ

Bairro de Santos, onde existe o Cemitério da Philosophia, hoje chamado simplesmente "do Saboó", vindo o nome Philosophia, por sua vez, da antiga Chacara desse nome, existente naquelle logar, propriedade de Roberto Maria de Azevedo Marques, illustre poeta e literato, autôr de uma preciosa obra "O lenço de Luiz XIV", que nella realisava esplendidas reuniões intellectuaes durante a segunda metade do século passado, e a que o povo denominou "Chacara da Philosophia".

Sempre attreito á lei do menor esforço, o povo em geral adoptou a primeira significação attribuida a este nome, como corruptéla de "ÇAPOÓ" — raizes, allusivo ás chamadas "sapopemas" formadas pelas figueiras brancas possivelmente abundantes na região. Parece-nos porem, que essa

etymologia não é a verdadeira, constituindo apenas uma hypothese autorisada pelas subtilezas e difficuldades do idioma brasilico. Todos os homens antigos com quem conversamos, alguns conhecedores do logar por si e por seus parentes mais vèlhos, nos garantiram jamais terem visto "sapopemas" ou amontoados de grossas raizes ou figueiras brancas com taes caracteristicos, naquelle logar.

A verdade é a que expõe o erudito Dr. João Mendes de Almeida. Prende-se essa denominação, ao morro local, chamado "DO SABOÓ", de construcção inteiramente granitica e por isso mesmo de pouca ou rala vegetação, a que os indigenas assim denominaram para significar que elle éra "pellado" em relação aos outros morros, visinhos ou não, cuja formação permittia-lhes a apresentação de boas mattas e de grossos especimens vegetaes.

Assim pois, SABOÓ, é corruptéla de ÇAB-OÓG — de ÇAB, o mesmo que HÁB — "pello, cabello, penna, vegetação", e ÓG — "tirar, arrancar", precedido de O, como reciproco, para exprimir que é a acção da cousa em si mesma, natural, e não porque a vegetação tenha sido arrancada artificialmente ou por mão do homem, determinando o morro mais caracteristico do local, despido como sempre foi elle, de mattos apreciáveis pelo motivo exposto.

Justificando essa denominação brasilica e identificando-a no caso em estudo, encontramos em nosso proprio Estado, para não recorrermos a outros, morros igualmente denominados, alguns já com os primitivos nomes adulterados pelos novos povoadores. Temos o "Morro Pellado" de São Bernardo, onde nasce o ribeirão Aricanduva; temos o de Louveira, o de Itaquery, o de Iporanga, e temos ainda com o mesmo nome de SABOÓ um em São Roque e outro em Guarulhos. este porem, deturpado para "Morro do Sabão". Trata-se pois de um ponto de referencia geographica creado pelos nossos primitivos tupys, estabelecido sobre as characteristics principaes do ponto determinado.

URUBŪQUIÇABA OU ILHA DAS COBRAS

Ilhóta junto á praia de Santos, no logar hoje chamado José Menino. O seu nome provem de: URUBŪ-QUÊ-ÇABA — pouso de urubús.

Esta pequena ilha santista, quando éra mais coberta de vegetação e mais isolada do movimento urbano, recebia de

facto, ao cahir das tardes, bandos enórmes, verdadeiras revoadas de còrvos ou “urubús” (nóme que significa por sua vez: urú negro — ou gallinha negra) que alli se recolhiam até o amanhecer.

Os nossos vélhos ainda se lembram dessa preferencia corvina, que, aos poucos, foi se transferindo para outros morros e mattos mais retirados e fóra do bulicio humano, principalmente para pértio do Matadouro, onde ficavam e ficam mais proximos da carniça diária, e onde, da parte nórté, ainda existem florestas bastas e conservadas, propicias até mesmo para a nidificação. Ficaram no antigo pouso da ilhóta santista, apenas alguns casaes mais “conservadores”, que, á hóra do crepusculo, para lá se dirigem. O nóme portuguez “Ilha das Cobras”, paréce vir do meio do século passado, allusivo aos muitos ophidios lá existentes.

CUTUPÉ

Morro alto, que marca o extremo do território santista, confinando com o vicentino. Cutupé éra o nóme primitivo dado a esse morro, para indicar que éra junto a elle que sahia o caminho bom para o mar, o caminho do MARAPÉ, já descripto anteriormente, communicando o porto com o mar.

CUTUPÉ é a forma evoluida de CATÚ-PÊ: de CATÚ — bom, e PÊ — caminho — significando portanto: “Morro do bom caminho”.

Esse morro tradicional, um dos mais altos ou talvez o mais alto do pequeno systema orographico santista, cujas encostas foram perlustradas pelos passos illustres de Martin Affonso, Pero e Luiz de Góes, José e Francisco Adorno, Pascoal Fernandes, Braz Cubas e tantos outros nóbres da colonisação em possiveis reconhecimentos locaes, passou há tempos para a propriedade de Francisco Loureiro, capitalista local, que nelle construiu uma igreja sob a invocação de Santa Theresinha do Menino Jesus, bem ao alto, projectando formar sobre elle um bairro de verão, a “Suissa santista”, assim chamada por alguns. Por esse facto, vae agóra o povo chamando o morro tradicional, de “Morro do Loureiro”, nóme que, constituindo como se vê, um baptismo popular, provavelmente o denominará definitivamente em futuro próximo. Convem, todavia, que os estudiósos e as cha-

madas “camadas superiores” resistam a essa mudança, conservando o n me brasilico multi-secular desse monumento natural da cidade, quér na linguagem escripta, quér na linguagem fallada, para que se não perca a tradição.

N VA-CINTRA (ANTIGO “TACHINHO”)

Denominação portugueza do arrabalde santista, situado sobre os morros do Oeste da ilha, onde há alguma população dividida por pequenos sítios e por algumas casas. Este bairro-arrabalde  ra outróra servido por um elevad r h dr ulico, até cerca de 1922, occas o em que ocorreu um grave desastre com elle, desastre que deu origem a um pleito judicial não resolvido até hoje ao que par ce, privando a cidade dessa pittoresca e util conducção que permittia a visita constante de curiosos locaes e de f ra, ao aprazivel recanto do municipio. Esta denominação foi-lhe dada durante a segunda metade do século passado, substituindo a anterior “TACHINHO”, por alguns portuguezes que l  estabeleceram as primeiras chácaras regulares, levados pela idéa do chão onde talvez houv essem nascido, no seu Portugal distante.

TACHINHO, primitivo n me deste logar,  ra a corruptéla portugueza do n me brasilico do morro, permittida principalmente pela conformação do local onde fica o chamado “lago da saudade”, autorisando a consonancia, por parecer de facto, um tacho da natureza, formado pelos morros em red r, com o lago ao fundo. A extranha coincidência do som da palavra brasilica “TACHY” que denominava o logar, com o seu aspecto topographico, provocou a confusão, precipitando a deturpação havida — de “TACHY”, para “TACHINHO”.

O verdadeiro n me da N va-Cintra, foi, portanto, TACHY”, que significa : “resvaladio, escorregadio” — de T. — relativo, e ACHY — o mesmo que cy —; allusivo, naturalmente,   diffiuldade de escalação pelo lado da cidade actual, onde o morro apresenta uma rampa fortissima e escorregadia, tanto assim que a entrada para o pittoresco arrabalde foi feita pelo ponto mais accessivel, do mesmo morro.

VILLA MATHIAS

Nóme do bairro mais central da cidade, situado ao sopé do Monte Serrate, ao lado do bairro de Jabaquára.

Seu nóme provem de Mathias Cósta, portuguez, proprietario de todas as suas terras, que, dividindo-as em lotes, cerca de 1889-1890, doou á Municipalidade os terrenos necessarios á abertura das varias ruas que hoje a compoem, e entre ellas : a Avenida Anna Costa, a rua Julio Conceição, a Rua Rangél Pestana, a Rua Commendador Martins, a Julio de Mesquita e a Lucas Fortunato.

Em homenagem a esse portuguez, foi dada á principal Avenida da cidade actual, o nóme de sua mulhér, Dona Anna Costa, permanecendo seu nóme, por força do baptismo popular, sobre todo o bairro formado em suas antigas terras.

Mathias Cósta foi assassinado em Santos, por um Lima, por questão de terras e desavenças dahi surgidas.

GONZAGA

Este é o nome do bairro actualmente mais importante da cidade, em seu aspecto residencial e que passou a determinar até mesmo o trecho correspondente da praia do Embaré que lhe fica fronteira, constituindo o ponto mais conhecido e popular de Santos.

Tal nóme procéde de Antonio Luiz Gonzaga, o "Gonzaga" como o chamavam, homem gordo, de estatura média, santista de nascimento, que possuia um pequeno negócio de seccos e molhados junto ao antigo Caminho do Encanamento (hoje Rua Marcilio Dias), no mesmo local onde está o prédio do Clube XV (Ex-Jockey Club). Antonio Gonzaga, possuira alli, anteriormente, uma chacara, com cerca de cem metros de frente, que vendeu por necessidade assim como outras propriedades, antes de 1890. Junto á sua venda ficava a sahida para o mar para os que vinham da cidade, visto que a sahida actual da Avenida Anna Costa estava fechada ao transitado por achar-se em questão a área necessaria á sua abertura até a praia, sendo por isso passagem do "bondinho" de burros que seguia para o José Menino e o lugar mais importante de toda a praia de oeste. Antonio Luiz Gonzaga foi então, nesse ponto e nessa época, o iniciador das chamadas "cabins de banho" de aluguel.

Gonzaga falleceu em Santos, a 16 de Julho de 1916, com 62 annos de idade, sendo enterrado na Ordem Terceira do Carmo, no Cemitério do Paquetá.

Este foi um dos baptismos populares que força nenhuma conseguiu anullar e que permanecerá, certamente, através dos séculos, lembrando o nome do modesto negociante santista.

JOSÉ MENINO

Este é o nome de outro, também popularissimo bairro da cidade, celebrado principalmente pela excellente praia que lhe fica fronteira, e que já agora participa da mesma denominação, fazendo limite de um lado com o municipio de São Vicente, e de outro com o bairro do Gonzaga.

Provem de José Honório Bueno, o "José Menino" como o chamavam, despachante da Alfandega local, homem de grande estatura e corpulencia, assim chamado pelos amigos por antinomia, habito mantido ainda hoje pelo povo, porem muito em voga antigamente. José Honório Bueno era dono de todas as terras que comprehendem hoje o bairro do "José Menino", descendo em faixa obliqua até encontrar-se com a actual Avenida Anna Costa, seguindo dahi em recta até á antiga Rua Octaviana, hoje Avenida Conselheiro Nébias. Dahi vem a attribuição do seu apellido ás suas terras e ao bairro actual, desde o ultimo quartel do século passado. José Honório Bueno era de origem nobre, descendendo em linha recta de Amador Bueno da Ribeira, como filho de Bernardo Bueno e de D.^a Anna Francisca Leite, filha do Mestre de Campo Fernando Leite Guimarães, que foi Capitão da Praça de Santos, tendo nascido mais ou menos pelos annos de 1818/1820. Alguns confundem esta verdade com a historia do negro africano, também chamado pelo povo, de "José Menino", negro muito franzino e baixo, com apparencia mesmo de menino, que morava de favor nas terras de José Honório Bueno, lá possuindo uma pequena chácara, junto á cachoeira cujas aguas eram captadas para serventia publica, pela Companhia que ainda hoje explora essa concessão.

Cerca de 1897, o pobre preto africano, recolheu-se á casa do seu bemfeitor Antonio Luiz Gonzaga, o "Gonzaga" do tópico anterior, e ahi, quasi centenário e quasi cego, morreu. Gonzaga morava então numa casa vizinha ao actual "Palace Hotel", e, o corpo do pobre "José Menino" africano,

veio para o Cemitério da Philosophia (Saboó), num pequeno "bonde" de carga, puxado a burros, da companhia Viação Paulista.

Contam também, ingenuamente, algumas pessoas, que o "José Menino" era um ladrão, que se escondia nas chamadas "Pedras dos Ladrões" tão conhecidas e pouco além daquellas terras, mas tudo isso não passa de comprometedora ficção que deslustra a memória de José Honório Bueno, o verdadeiro "José Menino", e até mesmo a do póbrego preto africano, tão bemquisto dos santistas antigos, que o conheceram em sua pacatez e em sua honesta humildade.

VILLA BELMIRO

E' o bairro visinho do Marapé, denominação da parte central do chamado bairro de "Campo Grande". E' um dos nomes mais recentes da nomenclatura popular da cidade. Vem de Belmiro Ribeiro de Moraes e Silva, importante figura da politica santista durante quinze annos e do seu commercio de café, que foi Prefeito da cidade durante alguns dez annos, a contar de 1910.

O bairro do Campo Grande era logo á entrada deste século, um vasto lençol de mattas e brejaes, onde refugiava-se a gente da peior espécie existente na cidade e onde a propria policia tinha receios de penetrar para casos de captura. Belmiro Ribeiro comprou então todo o centro daquella região, assim como outras glébas mais próximas á Villa Mathias, mandando aterrar grande parte da sua propriedade, abrindo ruas e vendendo lotes com o correr do tempo, fazendo mais tarde, com que a Companhia City para lá enca-minhasse seus vehiculos electricos. Aconteceu então alli, o que acontecera já com a Villa Macuco e com a propria Villa Mathias, denominações populares que consagraram seus patronos; o povo todo começou a chamar o novo bairro pelo nome do seu proprietário, procedendo por assim dizer, involuntária e desapercibidamente, á consagração desse novo titular do progresso urbano local. Belmiro Ribeiro de Moraes e Silva é vivo ainda e reside em São Paulo.

BOQUEIRÃO

Este é nome do bairro que tem a Avenida Conselheiro Nébias, em seu extremo, como eixo, conservando o bairro do Gonzaga á direita e o de Embaré á esquerda.

A palavra Boqueirão refére-se á circumstancia de ter sido alli, antes da abertura da Avenida Anna Costa, e de pronunciar-se para aquelle lado da cidade o affluxo de toda gente, a unica sahida existente para a praia da Barra, formando o "boqueirão", ou "abérta" para a mesma praia, denominação que procéde do século passado (1840/1845), quando a construcção das primeiras chacaras da barra provocou a utilização constante daquella passagem pelos seus proprietarios, visitantes e fornecedores, quando se fez o chamado "Caminho Velho" ou "Caminho Velho da Barra", o primitivo carreiro que tendo inicio na actual rua Braz Cubas, proximidades da Villa Mathias, seguia o traçado da rua Luiz de Camões, atravessava a actual Avenida Conselheiro Nébias, formando a conhecida "Encruzilhada", assim chamada até hoje, (esquina da Avenida Rodrigues Alves), seguindo então por dentro do matto, até o Boqueirão, pelo traçado da actual Rua Oswaldo Cruz.

Depois que abriram o primeiro traçado da Avenida Anna Costa, isto pela altura de 1890, o "BOQUEIRÃO" decahiu de sua antiga importancia, e hoje, que tantas vias de comunicação existem para as nossas praias, a verdadeira significação desse nóme constitue uma tradição, quasi uma reminiscencia, na história do desenvolvimento da cidade.

VALLONGO

Este nóme determina hoje, pelo uso popular, o bairro que coméça no estuário, junto á Estação da Estrada de Ferro, á Prefeitura Municipal e á Igreja de Santo Antonio. Encontrámos esta palavra, nos papéis antigos do municipio, apenas a contar do principio do século passado, e não depáramos a favor de sua explicação sinão a etymologia natural do povo, conservada por alguns homens antigos. Prende-se esta denominação, segundo elles, á adulteração realizada pelos povoadores dos séculos dezeséte e dezoito, das palavras VAE AO LONGO, com que os primeiros portugueses determinavam o caminho ou rua tosca que servia a antiga villa, seguindo "ao longo" das aguas do estuário, vindo da região do outeiro de Santa Catharina para a região da actual Igreja de Santo António, caminho que um dia devia se transformar na antiga "Rua da praia". De accordo com essa versão, o caminho nos primeiros tempos chamado de "VAE AO LONGO" por falta de um nóme official, foi-se

transformando na linguagem popular, em "VALLONGO" e restringindo-se ao canto da cidade onde assenta a Estação da Estrada de Ferro Ingleza. Este processo de formação de palavras, é muito commum para quem estuda a nossa história geographica, verificando-se principalmente com relação aos nômes brasilicos.

E' possivel entretanto, e nésta hypóthese pomos a nossa preferencia, que, tendo sido senhor destes logares, desde os primeiros annos da colonisação, até cerca de 1603, o nóbre genovez José Adorno, que alli fundou com seu irmão, o não menos nóbre Francisco Adorno, o famoso ENGENHO DE SÃO JOÃO, venha delle a denominação que deu origem ao nôme actual. LA STRADA CHE "VA AL LUNGO" DEL MARE ou simplesmente "LA STRADA CHE "VA AL LUNGO" ou "IL CAMINO CHE VA AL LUNGO" seria a expressão de José Adorno e de ambos os Adornos ao se referirem ao caminho tratado, que servia, pelo lado de fóra, aos primeiros sitios-coloniaes formados na povoação que depois tornou-se Santos, onde os cannaviaes de Braz Cubas, Domingos Pires, Paschoal Fernandes e Luiz de Góes eram as maiores propriedades alimentadoras do grande Engenho dois dois irmãos genovezes. Há nésta hypóthese, que é uma confirmação da primeira, a vantagem de cogitar da figura de José Adorno, residente junto ao proprio lugar que hoje se denomina VALLONGO e de tornar mais simples e mais possivel a transformação soffrida pela denominação primitiva, pois que, permanecendo das palavras antigas apenas o final "VA AL LUNGO" facilima teria sido ao povo a assimilação, fundindo-as em "VALLONGO" e transformando-as depois, por euphonia, em VALLONGO.

E' a logica e a tradição que recommendam estas versões, e, a nosso ver, a segunda é a mais verdadeira, por ter uma origem histórica.

VILLA MACUCO

Bairro da cidade, iniciado a contar de 1886, entre a Rua D.^a Luiza Macuco, a Avenida Conselheiro Nêbias e o estuário de Santos, onde reside grande parte do operariado e do proletariado santista.

Prende-se a sua historia á tradicional familia Macuco, possuidora desde tempos remotos, de quasi todas as terras onde se formou todo o bairro.

A antiga chacara dos Macucos começava na actual rua Braz Cubas, junto ao Canal da Avenida Campos Salles, seguindo dahi até á região da Encruzilhada, actual Avenida Rodrigues Alves, abrangendo o antigo Caminho Velho até aquelle ponto, e dalli avançando até as aguas do porto.

Por morte do Tenente José Apolinario da Silva, marido de D.^a Luiza Macuco, e dono da meia, uma boa parte da chacara em questão, antes mesmo da morte de sua mulher já havia sido dividida e passada ás mãos de terceiros, restando a parte mais proxima da cidade que continuava em poder de D.^a Luiza. Fallecendo esta em 22 de Novembro de 1884, foram as terras da antiga chacara dividida entre seus herdeiros, os quaes cederam á Prefeitura da cidade as áreas necessarias á abertura de varias ruas, procedendo em seguida á venda dos terrenos em lotes e quadras, motivo porquê foram dados varios nomes da familia a ruas situadas naquelle perimetro, como Rua João Macuco, Rua João Guerra, Rua Borges, e Rua D.^a Luiza Macuco. Toda aquella região que ficava junto á actual Avenida Conselheiro Nébias, de ambos os lados, denominava-se popularmente "Pasto do Macuco", pelos muitos capinzaes que nella havia e por ficar dentro da propriedade daquela familia, como acontecia tambem com a outra região próxima á Villa Mathias, junto á Avenida Anna Costa, chamada "Pasto das Vigarias" por pertencer desde tempos remotos a trez irmãs muito religiosas que o povo assim denominava, "pasto" que dava fundos para o pequeno morro tambem denominado "das Vigarias", depois "do Lima" e hoje sob demolição e em vespas de completo desapareciemnto.

O nome Macuco é originario de Francisco Manoel do Sacramento, nascido cerca do anno de 1770 em Portugal, que transferindo-se para Santos adquiriu a chacara em questão, e como gostava da caça, realizava caçadas dos conhecidos gallinaceos brasileiros, nas mattas do bairro do Macuco actual, onde elles eram abundantes, e, como elle se limitasse a caçar dessas aves, ao cabo de algum tempo, os seus conhecidos e o povo em geral, começára a chamal-o de Francisco Sacramento "O Macuco", como allusão ao seu habito e especialidade venatória. Assim, depois de alguns annos, elle que apenas se chamava Francisco Manoel do Sacramento, começou a ser chamado "Macuco", nome que acabou por adoptar, passando-o aos seus descendentes. Este facto, conservado como tradição na familia, não constitue novidade, porquê outros casos há, muito semelhantes, aqui, como em

outros logares. Interessante é ver-se, pois, que o nome passado de uma ave da terra ao povoador portuguez, delle voltou para a propria terra, perpetuando-se em toda uma extensa região da cidade, assim baptisada pelo povo.

MONTE SERRATE (ANTIGO SÃO JERONYMO E MORRO DO VIGIA) E TAMBEM MORRO DE BRAZ CUBAS

O pittoresco morro santista, tão procurado pelos turistas e forasteiros, onde há hoje um Casino de danças e diversoes, teve como primeira denominação, o nome "São Jeronymo", baptismo a elle dado pelos primeiros povoadores da região santista e vicentina, a gente do "bacharel" Mestre Cosme Fernandes, que anticipara Martim Affonso e seus colonisadores de alguns vinte annos. Esse nome persistiu até meados do século dezesete, quando pelo facto de terem construido a Capella de Nossa Senhora do Monte Serrate ao tope do mesmo morro, nos annos de 1602/1605, passou elle a chamar-se "Monte Serrate". Apesar disso, como sempre foi esse morro uma atalaia natural da cidade, tambem o chamaram os antigos, durante muitos annos, "outeiro ou morro do Vigia", como se nota em papeis, publicações e actos officiaes de todo o século passado.

Pouco tempo depois da chegada de Martim Affonso, pelo facto de terem sido nelle, as primeiras terras cultivadas por Braz Cubas, passou o povo a chamar este morro — "Morro de Braz Cubas", como demonstrou Frei Gaspar e como demonstrámos em nosso Capitulo VII.

ALLEMÔA — ALLAMÔA

Este extranho nome determina o pequeno e pittoresco arrabalde onde se localisavam alguns armazens industriaes, uma villa operária e o Depósito de Inflammaveis e Corrosivos. Fica entre o leito da Estrada de Ferro Inglesa e as aguas do estuário, insulado quasi entre os mangues da região, proximo ao lagamar de Caneú, onde vae ter uma linha de ferro da Companhia Docas. No século passado, quando os primeiros immigrants allemães mandados vir por Nicolau Vergueiro, o eminente vulto do primeiro Império, se localisaram em Santo Amaro, deante do fracasso da primeira tentativa immigratória alguns delles desceram

para Santos e regiões do littoral, indo um casal estabelecer-se nessa região isolada do municipio santista, servida por igarapés, trabalhando ao que parece, nas "ostreiras" do Casqueiro, os "sambaquis" que outróra forneciam cal para as construcções da cidade. Mais tarde, desaparecido o companheiro, ficou apenas a mulhér, vivendo como melhór podia e por muitos annos ainda, solitariamente, a ponto de chamar a attenção dos sitiantes visinhos, homens rúdes, em geral portuguezes, que se referiam á velha remanescente allemã — á sua móda, ainda hoje commum entre os portuguezes ilhéos, homens rudes dos bananaes santistas: "A ALLAMÔA". Conhecida por toda gente como "a Allamôa", a póbre immigrante alli viveu muitos annos de facto, desaparecendo já pelas proximidades de 1890, deixando a palavra ALLEMÔA ou ALLAMÔA como determinação do lugar onde por tantos annos residiu.

Isto é o que contam antigos moradores santistas, com todos os visos de verdade.

JURUBATÚBA (ANTIGAMENTE JARABATYBA OU GERIBATYBA)

Nóme do rio e do conhecido recanto santista, ponto histórico do municipio, doado por Martim Affonso de Souza logo após sua chegada a esta região, ao pratico da sua expedição, Henrique Montes, no anno de 1532, e mais tarde, por ter sido Henrique Montes assassinado, a Braz Cubas, por escriptura de 25 de Setembro de 1536. A serra de Jurubatúba éra a séde da tribu de Cayubi, o grande chéfe guaianáz que foi um dos grandes apoios da catechése e da colonisação, depois de 1549.

Há duas versões etymológicas a respeito deste nóme, uma mais popular e outra mais scientifica; a primeira indicando-o como corruptéla de GERIVÁ ou JARUVÁ-TUBA — de GERIVÁ-palmeira e TYBA ou TUBA-muito, que não merece o nosso apoio, pois que as palmeiras jaruvás ou jerivás existem em grande quantidade por toda a serra do mar, fornecendo bons palmitos ás populações littoraneas, deixando de constituir por isso, caracteristico especial desse lugar. Os que insistem em negar aos aborigenes brasileiros o poder de observação e o critério scientifico na questão denominatória é que têm propalado estas etymologias faceis, em desaccor-

do com a verdade e com o depoimento dos antigos indianistas.

A segunda versão, para nós a verdadeira, dá o nome JURUBATÚBA, como corruptela de YERÉ-ABATY-BAE, contrahindo em YÈRE'BÁ-TY-BAE ou YER'ABÁ-TY-BAE, significando "ATADO E DE MUITAS VOLTAS" — de "YERÉ" volta, ABÁ-muitas-TY-atar, prender, com a particula "BAE" (Brève) para formar participio, significando "o que", allusivo ao facto de correr este rio, entre encostas altas de morros que o espremem, fazendo muitas sinuosidades, circumstancias incommum entre os innumerous rios e ribeirões desta região, que em geral correm pelos varjões, motivo porquê teria servido ao critério denominatório dos nossos aborígenes primitivos.

Procurando reproduzir em caracteres portuguezes o som ouvido dos nossos guayanazes quinhentistas na pronuncia deste nome, os antigos colonisadores lançaram mão da forma "JARABATYBA" e até "JARAYGBATYBA", como consta em documentos antigos e na propria escriptura de 25 de Setembro de 1536.

NEVES

Ponto historico do municipio. Arrabalde pittoresco pouco para cima da entrada do rio Jurubatúba; onde Pedro de Góes construiu em 1532 o primeiro Engenho de assucar da colonização, com Capella ao lado, ambós sob a invocação de "MADRE DE DEUS". No século dezoito, de tudo quanto existira alli (uma verdadeira villa, como se vê em mappas e documentos antigos) só havia a pequena Igreja, então propriedade da familia Menezes e Souza, antepassados do Barão de Paranapiacaba, e ahi, a devoção dos escravos africanos mudou a primitiva invocação do século dezeses para a de "Nossa Senhora das Neves" nome que permanece até hoje no logar. A velhissima e tradicional igreja soffreu um incendio no século passado e desde ahi foi se desfazendo cada vez mais em ruinas.

CUBATÃO

Nome do arraial ao sopé da serra e á margem do rio do mesmo nome, rio formado na serra a cavalleiro e de onde provem esse nome.

Os primeiros senhores destas terras foram: Ruy Pinto, Francisco Pinto e Antonio Rodrigues de Almeida, nobres portuguezes, que alli possuiram cannaviaes para alimento dos Engenhos santistas ou vicentinos, sendo o nome Cubatão muito anterior á vinda de Martim Affonso de Souza, de época portanto imprecisa. O arraial de Cubatão era independente do municipio de Santos, sob o nome de Barreira do Cubatão, e foi annexado a Santos, sómente em 1841. A barreira arrecadadora que alli existiu só foi extincta na segunda metade do século passado, pouco antes da Republica.

Sempre attribuiram ao nome Cubatão, a significação de pequeno porto para canôas, mas, a verdade é que, embora se chamassem "cubatões" aos pequenos remansos fundos de alguns rios, esta denominação, notada em escripturas e papéis de 1540, 1552 e 1557, é uma simples corruptela do tupy: CUI-PÁI-TA-Ã contrahido em CUI-PÁI-T'Ã, e transformado por assimilação portuguesa, em CUBATÃO. Vem de CUI-cahir-PÁi-dependurar — com o suffixo TA (brève) para formar supino e Ã-empinar — allusivo á formação do rio, que cae do alto, primeiro em catadupa e depois em pequenas cascatas, encachoeirado, até distender-se na várzea; afim de differencal-o dos outros da mesma região. Quem conhece este rio desde as nascentes, como nós conhecemos, pôde reconhecer melhor a veracidade desta etymologia, que obedece aliás ao rigoroso critério denominatório dos primeiros senhores da terra paulista e aos seus processos já expostos no preambulo deste estudo toponymico. Cubatão é tambem um ponto marcantemente histórico do território santista, por ter sido desde 1553 indicado como ponto de passagem official, do novo caminho de Piratininga, o chamado caminho do "Padre José", onde aportaram as canôas e outras embarcações que faziam o transporte de gente e mercadorias de Santos para S. Paulo e vice-versa até o dia em que se inaugurou a estrada de terra do Cubatão até Santos, que foi a 7 de Fevereiro de 1827.

PIASSAGUÉRA

Conhecido lugar ao sopé da serra de Ururay, onde passa a Estrada Inglesa e onde há uma estação dessa Estrada. Arraial que alli existe. Ponto rigorosamente histórico não só do municipio como do Estado de São Paulo. Esse nome foi dado ao lugar pelos guayanazes, pela altura

de 1553 e dahi por deante, quando foi abérto e officialisado pelas autoridades coloniaes o novo caminho de Santos para Piratininga, o chamado "Caminho do Padre José" que passava junto á cachoeira do Perequê, e prohibida a utilização do caminho velho de Ururay, denominado "Caminho de Paranaupiacaba", que é por onde hoje passa a linha velha da S. Paulo Railway, aliás, o mais facil e o mais natural de todos os caminhos para o planalto.

Nesse lugar vinha sahir o caminho de Piratininga de existencia immemorial, por onde subiu Martim Affonso de Souza ao planalto, em 1532/33, mas, infestado como se tornou elle pelo gentio de Ururay, como dizem, ou trançado de abysmos e barrocaes difficeis de passar como réza a carta de D. Duarte da Costa ao Rei a 3 de Abril de 1555, foi esse caminho abandonado, passando toda a ligação entre o littoral e os campos de serra acima, a ser feita pelo novo caminho do Cubatão, cujo histórico já encontramos num dos capitulos desta obra.

Dahi, desse abandono surgiu então o nóme PIASSAGUÉRA, corruptéla de PE-HAÇA-GUÉRA — de PÊ — "caminho" — HAÇA — "passagem" por ser infinitivo sem caso, e GUÉRA — o mesmo que CUÉRA, verbal de pretérito, significando "o que foi, o que existiu", com a significação portanto para todo o nóme, de : PASSAGEM DO CAMINHO ANTIGO ou PASSAGEM DO CAMINHO QUE EXISTIU, traducção fiél do que acontecera, como ficou dito acima, e testemunho de que o primeiro caminho para Piratininga vinha sahir nesse ponto do território santista.

"Caminho do Porto antigo" é tambem um dos significados attribuidos ao nóme Piassaguéra, que, como se vê, não fica muito distante da traducção que adoptámos.

PAECARÁ

Bairro e região da Ilha de Santo Amaro, fronteiro ao Paquetá de Santos, começando junto ao Itapema e á estação dos trens electricos da Companhia Guarujá, e extendendo-se para o lado do rio de Santo Amaro.

É corruptéla de PO-ACURAA, que os portuguezes interpretaram por PAECARÁ, ou que se transformou com o correr dos tempos, e significa: "Enseada extensa" — de "PO" — para exprimir superlativo neste caso, e "ACURAA" "enseada". Allusivo a ser uma várzea muito grande e rasa, cor-

tada de mangues baixos e pequenos, riachos e furados, que se alaga communmente nas grandes marés, semelhando então uma vasta enseada. De facto, tendo de uma banda o rio de Santo Amaro, facilmente transbordavel, com as suas gambôas e seus igarapés, e de outra banda o estuário santista, a varzea do PAECARÁ em grande extensão é absolutamente inaproveitavel devido á circumstancia do alagamento constante, comprovando-se desta forma o poder de observação dos nossos primitivos aborigenes, na denominação dos seus antigos dominios. Actualmente as suas terras do fundo, vão sendo aproveitadas para bananaes, pelo systema natural de enxugo, as grandes valas em quadras e talhões que permittem o plantio da banana.

ICANHEMA

Pequeno rio e recanto da Ilha de Santo Amaro, abrangendo um morro local, proximo á antiga Fortaleza da Barra Grande, fronteiro á nossa Ponta da Praia. Este nóme é corruptéla de YCAÊ-MA-: de Y-relativo-CAÊ-M “seccar, enxugar” com a accrescimo de A (brève) por acabar em consoante, e é allusivo á pouca agua deste riosinho que seccava em parte, em certas épocas do anno, e que ainda hoje, diminue muito nessas mesmas épocas, deixando o leito superior quasi a secco, só não se generalisando este phenómeno porquê as aguas do estuário santista penétram por elle, dominando-o em grande parte do pequeno curso. ICANHEMA, quér, pois, dizer: “Aquelle que sécca, ou: rio que sécca, periódicamente”.

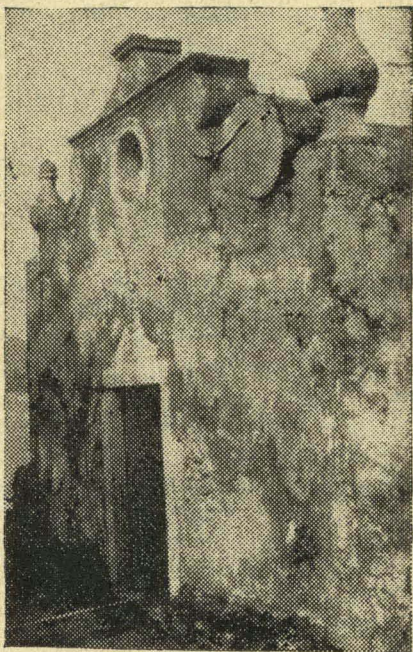
PRAIA DO GÓES

Pittoresca prainha de cerca de duzentos metros de extensão, na ilha de Santo Amaro, proxima á antiga Fortaleza da Barra Grande e fronteira á Ponta da Praia. Recanto histórico, o nóme desta praia prende-se á chegada da Armada de Martim Affonso de Souza que a ella aportou no dia 21 de Janeiro de 1532, e na qual vinham os notaveis fidalgos, Pedro, Luiz, Gabriel e Scipião de Góes, de quem procede o referido nóme por algum motivo particular que nos foge. Isso dizemos, porquê a denominação “Praia do Góes” é antiquissima, como se vê na carta de D. Luiz Antonio de Souza ao Vice-Rei do Brasil, de 1767. Esta praia

é a mesma “praia da Ilha do Sol” a que refere o “Diario da Navegação” de Pedro Lopes de Souza, e nella existem ainda as ruínas do antigo ‘Forte da Praia do Góes’.

ILHA DE SANTO AMARO (ANTIGA GUAIBE)

Santo Amaro é o nome christão da ilha fronteira a Santos, onde ficam situados os bairros de Guarujá (actualmente Prefeitura Sanitária), Bocaina, Itapema e Paecará. Este



A Capella de Santo Amaro fundada em 1540 por José Adorno reconstruida em 1742, tal como estava em 1934. Agóra está em completa ruína. Fica ao lado da Fortaleza da Barra Grande.

nóme foi dado á ilha, pela versão mais certa, em consequencia da capella que José Adorno levantou na mesma ilha, sob a invocação desse Santo, pela altura de 1540. Parece tambem, e dizem alguns, por illação, que esse baptismo deve ter partido do proprio Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso, que o escolheira para denominação da sua Capitania, da qual a ilha em apreço ficara sendo cabeça. O certo porem, é que o nome Santo Amaro só começa a apparecer nos documentos do século dezeses, depois do anno de 1545. No “Yslario” de Alonso de Santa Cruz (1526/1530) esta ilha é denominada de “ISLA ORIENTAL” tomado como ponto de referencia o actual estuário de Santos, naquella época “RIO E PORTO DE SÃO VICENTE”. Na relação

apócrifha da viagem de Martim Affonso, o famoso “Diario da Navegação” de Pero Lopes, esta ilha é chamada “ILHA DO SOL”, nome que coincide com o de “ISLA ORIENTAL” usado por Santa Cruz, tres ou quatro annos antes de 1532.

O verdadeiro nome, porem, desta conhecidissima ilha santista, é o brasilico “GUAYBE” ou “GUAHYBE”, que em

alguns documentos antigos apparece tambem como "GAY-BE". Alguns autores mais ou menos modernos, deturparam-no para GUAIMBÊ, para ligal-o ao corriqueiro cipó "guaimbê", vulgarisando desta forma a sua origem, mas erroneamente, porquê a denominação em apreço nada tem de "guaimbê", nem tem relação alguma com o mencionado cipó, que existe em grande abundancia por todo o nosso litoral, ao lado de outras variedades de lianas.

GUAYBE traduz um phenomeno geológico, imaginário ou real, conservado na tradição das tribus tupys que primitivamente a dominavam, e allúde simplesmente a isto, como corruptéla que é, de QUAÍ-Í-MB-É, que, na ortoépia indigena apresentava aos civilisados, que por sua vez nol-a transmitiram, quasi o mesmo som de GUAYBE ou do GUAHIBE conservados.

QUAÍ-Í-MB-É — significa: "separada por ter sido cortada", e é allusivo á idéa dos nossos aborigenes, de que o mar em tempos idos, forçara a terra, valendo-se talvez de pequenos cursos d'agua existentes no actual leito do rio Bertióga, abrindo esse canal que a separa da terra firme. Deante da composição das terras marginaes e da estreiteza que o rio Bertióga apresenta em certos trechos, é possível que se tenha verificado em épocas distantes, o phenomeno indicado pela denominação brasileira.

Há muitos outros nomes da mesma origem e de mesma significação applicados ao território brasileiro, justificando tal etymologia, e, para não citarmos vários, lembramos apenas o da ilha de São Vicente, já tratado no inicio deste capitulo: GOHAYÓ. A lei do menor esforço deturpou Guaibe como deturpara Enguaguassú, Itanhaen e simplificára Jurubatúba e Guarujá, vulgarisando, banalisando a sua etymologia.

GUARUJA

Nóme do conhecido recanto santista, onde existe o pittoresco arraial ou estancia balneária, hoje Prefeitura Sanitária, ponto de recreio de veranistas e turistas nacionaes e estrangeiros que, aliás, são unanimes em declarar que alli estão as mais bellas praias do mundo. Fica situado na parte sul da ilha de Santo Amaro, deitando para o mar grosso.

Correu sempre a respeito deste nóme uma versão erronea, segundo a qual, elle significaria: "Viveiro de Guarús"

ou “barrigudinhos” — uma casta de pequenos peixes; entretanto, verdadeiramente, Guarujá descreve um aspecto desaparecido da natureza local, aspecto em parte desfeito pela mão do homem, há trinta annos.

GUARUJÁ é corruptéla de GU-ÁR-YYÁ — “abertura de um lado a outro” — de GU-reciproco — ÁR-“ladear”, YÁ-“abrir, gretar, rachar”, precedido de Y-relativo. Os verbos ÁR e YÁ, estando no infinitivo sem caso, significam a acção geral, “lado” e “abertura”. Esta denominação brasilica é allusiva á existencia naquelle logar, antigamente, de uma ponta de rochas que se prolongava até o mar (onde hoje está o “Recreio da Pédras” com uma passagem cortando a lombada baixa do morro), ponta essa que prejudicava a comunicação de uma praia para outra aos carros de passeio e fornecimento, obrigando-os ao trajecto difficil da subida citada. Eram uns pedrouços altos, seccionados ao meio por uma passagem estreita, que naturalmente em época mais remóta foi cobérta pela sobreposição de outras rochas, desfeitas aos poucos pela acção dos elementos, apresentando então, o aspecto de uma arcada natural. Identificando essa etymologia do nóme Guarujá, encontramos alli mesmo, perto, segundo o recenseamento dos sitios e fazendas santistas, feito em 1817, o nome Guarujá-Guassú (ou Guarujá grande) determinando outra apertadissima passagem, dilatada pela mão do homem ao fim do século passado quando se fundou a villa balneária, e onde hoje passa o tremzinho electrico entre duas pontas de morro muito proximas e altas.

Vê-se pois, ahi, a confirmação do significado da palavra Guarujá e do critério denominatório dos nossos antigos tupys. Há cerca de trinta annos atraz essa curiosidade local ainda existia, bastante prejudicada porem em sua forma primitiva, até 1907, occasião em que a Prefeitura de Santos, mandou desfazer a dynamite, irreverentemente mas em nóme do progresso e das exigencias do século, o que restava daquelle ponto de tradição que vinha de séculos e que déra nóme ao proprio logar.

Na sala grande da Prefeitura Municipal de Santos, existe uma grande tēla de Wladimyr Alfaya, notavel pintor santista, que reproduz essas rochas do Guarujá, como se apresentavam ainda naquella visinhança de 1907.

Existe em nosso littoral, outro nóme conhecidissimo que allúde tambem a um aspecto da natureza; é Itanhaen, denominação que não significa nada de “panella de ferro” “pa-

nella de pedra” e quejandas preciosidades consignadas por alguns autores que desconhecem o logar e sim: “PEDRA QUE RONCA”, como vemos em Von Martius, em sua “GLOSS. LING. BRASILIENSIS”, e que de facto determina uma grande lage granítica situada perto do chamado “Poço de Anchieta”, lage cavada em baixo e furada em cima, que, ao entrar da maré na cava inferior, emite um forte ronco pelo orificio superior, seguido de um jacto de agua, ambos produzidos pela pressão do ar, que só encontra por ocasião da entrada dos grandes volumes de agua, aquella pequena sahida. E’ essa, a curiosidade principal daquelle ponto do littoral paulista, tão ligado á nossa historia inicial, que ainda hoje póde ser observada por qualquér pessoa. Este facto demonstra a importancia que os nossos aborígenes dávam aos aspectos da natureza, em seus casos denominatórios, (aspectos rigorosamente particulares) justificando o que dissemos sobre o nosso Guarujá.

Outro caso semelhante, e este aqui bem próximo de nós, é o que se verifica com a chamada praia de ITARARÉ, nome que significa: “Pedra cavada, pedra concava, ou ainda: lapa de pedra”, alludindo ás conhecidas “Pedras dos ladrões” e ao morro fronteiro, chamado “de Itararé, onde se vê ainda hoje uma bonita lapa granítica; monumentos naturaes que deram o nome á famosa praia, e tradição que devemos conservar carinhosamente, não deixando que com elles se repita o attentado do Guarujá.

ITAPEMA

Região visinha á Bocaina, na face occidental da ilha de Santo Amaro, fronteira á cidade de Santos. Pequeno morro pedregoso, isolado e tripartido que dá nome a essa região, á margem do estuario santista.

Este nome provem de: YTA-pedra-PÊ-quebrar, torcer, dobrar” e o suffixo MA (brève) para formar supino (YTA-PÊ-MA), allusivo a ser aquella morrôte local, como pedaços de morro, quebrados e atirados na immensidade raza da varzea, situado á distancia de alguns kilómetros do morro e serra mais próximos. Ahi, fronteiro a esse pequeno morro, junto ao estuário existiu o Forte de Vera Cruz de Itape-ma, cujas muralhas ainda lá estão, aproveitadas para o Posto Fiscal, e, o primeiro senhor de seus logares foi Jorge Fer-

reira, fidalgo português vindo com Martim Affonso, tornado depois genro de João Ramalho, que nelles cultivou canna de assucar em grande escala.

BOCAINA

Nóme aparentemente portuguez do bairro situado a Léste de Santos, na várzea da ilha de Santo Amaro, visinho ao Itapema. Não encontrámos este nóme em documento algum dos primeiros séculos, entretanto é denominação muito antiga e prende-se á sua situação junto á desembocadura larga do rio da Bertióga e ao facto de ficar na direcção da abérta que faz a barra do mesmo Bertióga, de Léste para Oéste, abrindo em "bocaina" na direcção de Santos. Observando-se a região, nota-se que, realmente, entre a serra do mar á esquerda e a serra de Guarararú, á direita, (espinhaço central da ilha de Santo Amaro), forma-se uma bocaina, espécie de funil apertado na barra da Bertióga e abérto nas proximidades de Santos.

Por uma curiosa coincidencia, tanto BOCAINA, de origem tupy, como BOCAINA, de origem portugueza, significam a mesma cousa, de formas a não podermos hoje, por falta de elemento documental, precisar a verdadeira origem da denominação. Somos, porem, de opinião, com alguma base, que a nossa BOCAINA é determinação indigena, assimilada pelos povoadores e usada sempre sem preocupações etymológicas exactamente por sua identificação com o nosso proprio idioma. Dizemos isto, porquê existe ao Norte do Estado, entre os municipios de Cunha, S. José do Barreiro, Arêas e Silveiras, um ramo da serra do Mar, tambem denominado SERRA DA BOCAINA, denominação brasilica allusiva á grande depressão que se verifica naquella serra, tornando-a o caminho mais facil e aconselhado para o littoral, buscando o porto maritimo de Mambucaba (que é o do rio do mesmo nóme no Estado do Rio de Janeiro).

BOCAINA, é derivado de BÓCA-AÎNA, por contracção: "BÓC'AÎNA" — abertura desbaratada, rasa, e, no caso san-tista significa: "abertura rasa para o mar, passagem raza de um ponto a outro", como aconteçe tambem no caso apontado da serra paulista.

BERTIÓGA

Logar profundamente histórico do municipio, onde fica a famosa barra, outróra defendida pelas duas fortalezas de S. Felipe e São Thiago, palco de tantas justas e de tantos actos heróicos em favor da colonisação vicentina e da pujança actual, crescente, de São Paulo. Neste ponto do território santista, terminavam e faziam limites, primitivamente, as duas donatarias, de São Vicente e Santo Amaro, chamando-se então á barra local: "Barra norte do rio de São Vicente".

A história da Bertióga, proporcionou-nos o conhecimento nominal dos primeiros santistas, os famosos irmãos Braga, que fortificados junto á barra do rio, trancavam o caminho ás escaladas tamoyas que faziam periclitarem constantemente a grande obra colonisadora de Portugal, ameaçando de destruição as villas de Santos e São Vicente, desde os annos de 1547/1548.

O nóme Bertióga, objecto de algumas versões, segundo uma escriptura de 1580 passada em favor de Domingos Garrocho, éra a denominação do pequeno morro local, situado na terra firme, chamado pelos indigenas de BURIQUIÓCA do qual aquelle é corruptéla. Hans Staden, que neste logar viveu alguns annos e que foi o primeiro artilheiro do forte local, em 1552, escreveu "BRIKIÓKA" procurando reproduzir, naturalmente, o som que ouvia da bocca dos proprios nativos, e isso próva ainda mais a veracidade do que affirma essa escriptura citada, deitando por terra as versões diffundidas, segundo as quaes o vocabulo Bertióga derivava de "PARATY-ÓCA" do qual evoluiu para BARATY-ÓCA — BARTY-ÓCA e finalmente BERTI-ÓGA, com a significação de "casa das tainhas".

BERTIÓGA, é pois, corruptéla de BURIQUI-ÓCA — de "BURIQUI-macaco, variedade de simios brasileiros — e ÓCA — casa, moradia, significando desta forma: "Casa ou morada ou ainda refugio dos macacos buriquis", nóme do pequeno morro que lá existe até hoje, á esquerda de quem vae de Santos, e onde se abrigariam primitivamente muitos macacos daquella espécie, pelo facto de ser o unico ponto elevado daquella várzea de muitos kilómetros de extensão.

CANEÚ ou CANIÚ

Nóme do lagamar fronteiro ao Vallongo de Santos, iniciado logo após a chamada ilha Barnabé, cujas aguas apresentam uma largura de alguns kilómetros, onde vêm sahir todos os rios, cachoeiras, gambôas, furados e ribeirões formados na serra de paranapiacaba, desde Jurubatuba até São Vicente, ou formados nos morros centraes da ilha de São Vicente.

Há sobre esta denominação, tres versões, uma defendida por Theodóro Sampaio: CANEÚ — de CANEÓ — cansaço (como allusivo á grande extensão do lagamar, que causaria ao canoeiro indigena um cansaço accentuado para sua travessia). Esta observação, como se vê, não póde ser verdadeira, como não deve ser verdadeira portanto, a interpretação etymológica do eminente méstré. O indigena brasileiro remava horas inteiras e atravessava distancias de muitas léguas de remo, sem notar o esforço gasto nas travessias, descendo mesmo constantemente, de Ubatuba até Santos e São Vicente, e assim, não iria attribuir a esse lagamar santista, a virtude de cansal-o.

Outra versão, é a defendida pelo Dr. João Mendes de Almeida, que o dá como corruptéla de: CANÁ-I-HU — “torvelinho incessante” — de CANÁ — meneiar-se, dar voltas — I-posposição para exprimir perseverança — e HÚ — revolução, turbacção interior. — Por contracção: CAN’I-HU’, versão essa que nos parece ficar desde logo fóra de consideração, por ser extremamente forçada e sem relação evidente com o aspecto real do lagamar em apreço, quasi sempre pacifico como um lago e apenas turbado nos dias de mau tempo.

A terceira versão, é que deve merecer o nosso acatamento porque corresponde exactamente á feição natural do objecto denominado, verificavel á primeira vista e mais de accordo com o critério denominatório do incola brasileiro. Defende essa versão Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu “GLOSSARIO DE PALAVRAS INDIGENAS” embóra sem detalhes etymológicos, dizendo que “CANEÚ” significa: ONDE AS AGUAS SE REÚNEM. Não nos consta que Frei Francisco tenha visitado em alguma época a região santista, e isso ainda mais valôr communica á sua traducção de profundo conhecedor da lingua geral brasileira, porque indica, que elle não teve tal opinião influen-

ciado pelo aspecto do lagamar em trato e sim apenas pelos seus conhecimentos glotticos.

Como já dissémos, no lagamar do Caneú vêm ter e desaguar todos os rios, riachos, esteiros, ribeirões, furados, gambôas e cachoeiras nascidos na serra de Paranapiacaba e na ilha de São Vicente, desde Jurubatuba, a Léste, até São Vicente, a Oéste, em numero consideravel, de modo que, a significação preconizada por Frei Francisco dos Prazeres, coincide perfeitamente com esse facto, descrevendo com muita exactidão e quasi photographicamente essa circumstancia hydrográfica local.

CANEÚ, quér dizer, portanto: LOGAR ONDE AS AGUAS SE REUNEM ou simplesmente: REUNIÃO DAS AGUAS.

ILHA BARNABÉ

Pequena ilha imperfeita, fronteira ao Vallongo de Santos, junto aos dois lagamares santistas, de Enguaguassú e Caneú, na desembocadura do rio da Bertióga, e que constitue um ponto histórico do território paulista.

O seu nóme actual, o ultimo que recebeu e que conserva ainda hoje, provem do seu ultimo dono: BARNABÉ FRANCISCO VAZ DE CARVALHAES, importante figura da cidade durante o primeiro império e uma parte do segundo, senhor de cabedaes e occupante de varios cargos de evidencia local. Éra negociante rico e agricultôr, possuindo uma casa de morada na ilha em apreço, espécie de solar onde alguns vélhos de hoje ainda alcançaram reuniões, e cujas ruinas quasi destruidas pelo tempo ainda existem em parte, no alto do outeiro que forma a parte aproveitavel da ilha. A Companhia Docas de Santos paréce ter adquirido a pequena ilha santista, nella installando um optimo caes e os depósitos de inflammaveis e corrosivos, outróra existentes na Allemôa.

Esta ilha, historicamente considerada, foi um dos primeiros pontos do nosso território, onde pisou o civilisado e onde elle criou os primeiros animâes europeus trazidos para o Brasil meridional, muitos annos antes de Martim Affonso de Souza descer para estas paragens. Alonso de Santa Cruz, official de Sebastião Caboto, conta em sua relação da viagem de 1527 a 1530, que quando os seus navios estiveram fundeados no actual estuário santista naquelles annos, os portuguezes criavam porcos e gallinhas de Espanha em seu

espaço aproveitavel, e para que não houvesse confusão entre a posteridade, elle reproduziu-a num mappa hoje famoso e constante desta nossa "Historia" — o Mappa XIV do seu "YSLARIO", cuja primeira edição foi publicada em Paris, no anno de 1532.

A posse desta ilha parece ter gerado, na solidão das suas paragens, naquella época remótissima, uma pagina dramática, iniciada num rasgo de ambição e terminada num homicidio vingadôr, como já relatámos em nosso Capitulo IV.

Henrique Montes, pratico da região, vindo como guia na Expedição de Martim Affonso, um dos remanescentes da expedição de João Dias de Sólis, o descobridor do Rio da Prata, parece ter ambicionado para si a posse desta ilha, então chamada pelos portuguezes: ILHA PEQUENA, e com esta idéa seguiu para Portugal em 1530, voltando para esta região na Expedição de Dezembro desse mesmo anno, em companhia de Martim Affonso. Ahi, logo após a chegada, em 1532, conseguiu elle do chefe da Expedição e futuro Donatário da Capitania vicentina, a doação da ilha ambicionada e das terras visinhas, de Jurubatuba, apossando-se então do que antes pertencera por direitos de precedencia aos homens do "bacharel", que, segundo Alonso de Santa Cruz, nella criavam porcos e gallinhas de Espanha, tornando-se desta fórma o primeiro dono documental da pequena ilha santista e terras visinhas de Jurubatuba.

Em 1534, com a guerra havida entre a gente de Iguape, onde moravam então os portuguezes que haviam sido seus senhores e que haviam acompanhado o "bacharel" em sua retirada ordenada pelo Rei, e os colonisadores de São Vicente, aquelles, como desforço natural á attitude traidora de Henrique Montes, invadiram a região vicentina, matando-o, e encerrando assim a primeira parte da história da São Vicente civilisada.

Dois annos depois, ou pouco menos, Braz Cubas, cujas terras cultivaveis se resumiam na pequena área formada ao pé do actual Monte Serrate, seguia por sua vez para Lisbôa, e lá, no dia 25 de Setembro de 1536, obtinha de Martim Affonso, por intermedio de sua mulhêr e procuradora, D^a Anna Pimentel, a doação da mesma ILHA PEQUENA e mais as terras de Jurubatuba, que mandou occupar logo em seguida por seu pae, João Pires Cubas, e que elle mesmo veio depois occupar em 1540.

Desapparecendo Braz Cubas, passou a ilhóta santista á propriedade de seu filho Pedro e depois á dos padres carmelitas, e, ahi, ella que já havia perdido a denominação de ILHA PEQUENA, em favor da denominação ILHA DE BRAZ CUBAS, perdeu tambem esta, passando a denominar-se: ILHA DOS PADRES, que conservou até meados do século passado, quando por pertencer a Barnabé Francisco Vaz de Carvalhães, que parece tel-a comprado ao Coronel Antonio Vieira de Carvalho, seu dono em 1817 e adjacencias, passou a chamar-se: ILHA BARNABÉ.

E' provavel porem, que seguindo a mesma régra, passe elle a chamar-se futuramente: ILHA DA DOCAS ou cousa semelhante, para continuação do seu fadário denominatório e por força do prestigio dos seus nóvos e actuaes proprietarios. O que ella nunca deixará porem, é de ser um pedaço histórico de Santos, e um trecho brilhante da nossa tradição.

PARANAPIACABA

Nome dado á serra do mar, cujo ápice, em grande extensão faz o limite do nosso municipio com os de São Bernardo e Mogy das Cruzes.

Sempre attribuiram a este nóme, a significação de "LOGAR DE ONDE SE VÊ O MAR", o que não é verdadeiro, porque, origináriamente elle não se referia a toda a cordilheira e sim apenas ao pedaço della onde passava o caminho que do planalto trazia ao mar.

PARANAPIACABA, que em vélhissimos documentos apparece sob a forma de PARANAMPIACABA" etc., é corruptéla de "PÊRANÁIPIÁQUABA" -: de PÊRÁ-"mar" NÁI "porto" — PIÁ-"caminho" e QUÃB-"passar", que, com o accrescimo de A (brève) fórma o infinitivo, o qual não tendo caso, significa a acção do vérbo em geral "passagem" (acção de passar) segundo a licção do Padre Luiz Figueira em sua "Arte de Grammatica da Lingua Brasilica", significando portanto: PASSAGEM DO CAMINHO DO PORTO DE MAR, expressão como se vê, que traduzia bem a serventia do antigo caminho de Piratininga, já tratado nesta óbra, do qual se utilisou Martim Affonso de Souza em sua chegada para visitar os campos do planalto em companhia de João Ramalho, alludindo ao mesmo tempo á relação em que estava a serra com o mesmo caminho e vice-vérta e querendo assim

determinarem os nossos antigos tupys, que a serra que tinha o caminho para o mar, éra aquella do centro e não outra.

O CAMINHO DE "PARANAMPIACABA" ficava junto ao valle de Ururay, onde hoje vemos a antiga linha da Estrada Inglesa, e é de todos os caminhos existentes ainda agóra para S. Paulo, o melhor, o mais brève e o mais suave, demonstrando ao século XX, quanto éra pratico e intelligente o homem da nossa raça primitiva, contrariamente ao que affirmaram muitos dos seus modernos detractores.

Sómente depois da primeira phase da colonisação, quando extinguiram o famoso caminho e já bem na segunda metade do século XVI é que a nossa serra do Mar, com todas as suas sub-denominações, de Cubatão, Maroré, Ururay, Taperovira, etc., passou a chamar-se "DE PARANAPIACABA", nóme, que, como dissémos, se referira outróra apenas áquella serra central onde passava o caminho do mar.

CAPITULO XXVI

A Revolução Paulista de 1932

A participação de Santos na grande pagina civica Factos e aspectos locais

Não cabe aqui neste pequeno Capitulo da historia da cidade a apreciação do grande movimento politico-popular-constitucionalista, que, tendo as suas raizes no 23 de Maio de 1932, deflagrou na Capital de S. Paulo ao dealbar do dia 10 de Julho desse anno, visto que o nosso intuito é apenas descrever o ambiente santista durante os tres mezes heróicos e fixar a acção das classes sociaes da cidade nesse periodo, debaixo do ponto de vista social, moral, civico e militar.

O momento ainda não permite uma apreciação sincera de certos factos e circumstancias, a analyse franca e clara dos homens e dos partidos em collaboração na importante passagem histórica de S. Paulo, porquê a revelação philosophica dos acontecimentos iria mexer em chagas ainda vivas e chamar sobre o seu autôr, odiosidades immerecidas e despeitos naturaes, provocando revoltas e até reacções dos atingidos pela frieza do exame sem fantasias, porquê é sabido, que em todas as grandes acções collectivas da humanidade, hyenas e chacaes têm se misturado ás ovelhas e cordeiros, vestindo a mesma pelle, para ao fim da marcha commum, e só então, arrancarem os disfarces, aproveitando os melhores logares do pouso ante o espanto dos companheiros, que só tarde os reconhecem e se afastam porque não visavam taes logares senão apenas a felicidade da jornada.

Não podia pois o movimento paulista, fugir a esse fatalismo, e um dia alguém há de descrevel-o com essas minucias de observação.

Na mocidade, no proletariado, no elemento commercial e industrial, na parte apolitica do povo, emfim, residiu a grande belleza deste movimento, e do seu seio sahiram todos os heróes e todos os grandes abnegados que o presente commemóra e a posteridade há de commemorar tambem, enca-deiando ao brilhante passado de S. Paulo as aurifulgencias desta subversão revestida de todos os aspectos legaes, em que o commercio, a mocidade e a mulher santista esculpiram o seu proprio monumento.

Pela madrugada do dia 10 de Julho de 1932, annunciava "A Tribuna", em corpo grande e negrito:

REVOLTOU-SE NA CAPITAL, A GUARNIÇÃO FEDERAL. O MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE AO GENERAL BERTHOLDO KLINGER VISA A DEPOSIÇÃO VOLUNTARIA OU PELA FORÇA, DO GOVERNO FEDERAL.

AS TROPAS INSURRECTAS CONTAM COM A ADHESÃO DE TODAS AS FORÇAS DO ESTADO DE S. PAULO, DE MATTO GROSSO E DO PARANÁ E COM O APOIO DE SANTA CATHARINA E DO RIO GRANDE DO SUL. (1)

O GENERAL ISIDORO LOPES FOI ACCLAMADO GENERALISSIMO DAS FORÇAS SUBLEVADAS. (2)

MANIFESTO AO POVO PAULISTA. CASO O GOVERNO CENTRAL RECUSE DEMITTIR-SE COLLECTIVAMENTE, OS REVOLUCIONARIOS MARCHARÃO PARA O RIO DE JANEIRO, SOB O COMMANDO DO GENERAL BERTHOLDO KLINGER. (3) DISTRIBUIÇÃO DE MUNIÇÕES AOS CIVIS."

(1) Viu-se depois, que S. Paulo, bem ou mal, estava sósinho e que do proprio Estado de Matto Grosso, apenas uma pequena força de duas ou tres centenas de soldados (aquelles que chegaram a S. Paulo com o General Klinger) apoiava a acção paulista, ou pelo menos a attitude do seu chefe militar.

(2) Extranhamente, mais tarde e sem uma satisfação ao povo, os poderes politicos da revolução afastaram da direcção militar do movimento, o venerando Isidoro Lopes, patrióta e technico notavel, collocando em seu lugar o general Klinger, o que, em grande parte foi causa do insucesso material do sacrificio paulista.

(3) A marcha sobre o Rio de Janeiro parecia fazer parte dos planos do general Isidoro, e isso seria, na opinião unanime do povo, a propria victoria, visto que a retenção das forças paulistas no territorio do Estado, em attitude defensiva, á espera de dezenove Estados, foi por assim dizer, a propria derrota.

Nesse primeiro dia de novidade, conversas e controvérsias, agrupamentos e commentarios, tudo girando em torno do acontecimento e das primeiras noticias, nos lares, nas portas, nas praças e nas ruas, foi comtudo, de calma o ambiente da cidade. Na policia, reuniam-se ainda, e desde a noite do dia 9, todos os delegados e sub-delegados, commissarios e mais pessoal das delegacias, attentos e obedientes ás instrucções do Dr. Climaco Pereira, Delegado Regional. Innumeradas pessoas de representação social e politica de Santos, alli permaneciam, acompanhando com interesse as noticias que chegavam a cada momento.

O policiamento da cidade já estava entregue aos soldados da Força Publica, de armas embaladas.

Na véspera, á noite, a Companhia do 6.^o Regimento de Infantaria do Exercito, que se achava aquartelada á Rua da Constituição, no antigo predio João Octavio, recebera ordens de embarcar para a Capital, mas, cerca de meia noite, chegára uma contra ordem, de sorte que a tropa, que já se achava a caminho da Estação da Ingleza, onde embarcaria ás 2 da madrugada, regressou ao quartel referido.

Pela manhã do dia 10, chegava de S. Paulo um official do Exercito, enviado pelo General Isidoro Lopes, afim de parlamentar com a força, e ésta, depois de conhecer a attitude das demais unidades destacadas em S. Paulo, adheriu ao movimento, com excepção de 2 officiaes, que se consideraram presos, seguindo escoltados para S. Paulo. A' vista disso, a 6.^a Companhia dirigiu-se para o quartel de policia, á Rua Visconde de S. Leopoldo, transferindo para alli, toda a munição de que dispunha e commungando com a força estadual.

Nesse mesmo dia, em consequencia do trabalho de elementos civis de S. Paulo, desenvolvido nas cidades principaes do Estado desde alguns dias, organisava-se a Milicia Civica Santista, ramificação da "Milicia Civica de S. Paulo", contando logo de inicio com cerca de trescentos homens, entre moços do alto commercio local, advogados, médicos, engenheiros, estudantes e jornalistas, com instructores e comandantes tirados da officialidade da Força Publica. Esses inscriptos, que se destinavam á guarda da cidade, dirigiram-se á tarde ao quartel de Policia, da Rua Visc. de S. Leopoldo, onde lhes foi fornecido armamento e munição.

Na Estrada, os trens corriam normalmente, mas não aceitavam, por ordem superior, passageiros e encomendas para além da Capital.

Os Correios e Telegraphos, tinham sido occupados militarmente, e tinham os seus serviços controlados por officiaes do Exercito e da Força Publica, afim de evitar transmissão de noticias compromettedoras e boatos alarmantes.

Nada se sabia de outros Estados e do Rio de Janeiro, porquê as communicacões estavam cortadas, embóra se contasse em geral, com o apoio do povo da Capital Federal, sempre democratico e liberal, e desde muito solidario com as reivindicações politicas e sociaes de S. Paulo.

Não se sabendo a attitude da guarnição do Forte de Itaipú, seguiu para lá uma commissão de civis e militares, acompanhada de uma força mixta de soldados do 6.º Regimento, Força Publica e elementos populares, afim de parlamentar com o Commando daquella Praça de Guerra, a qual conseguiu por fim a adhesão da grande Fortaleza, então sob o Commando do Majór Loretti.

Nesse dia, tudo era ainda confuso em Santos, como um céu, nocturno povoado de nebulósas, permanecendo quasi toda a população em attitude de expectativa.

No dia seguinte, 11, com os manifestos dos dirigentes da Revolução publicados em S. Paulo e reproduzidos pelos jornaes de Santos, já começava a tomar forma o pensamento commum que dictaria as attitudes posteriores.

Nesse dia, a Milicia Civica Santista publicava o seu primeiro manifesto ao povo, assim redigido:

AO POVO DE SANTOS

“Os dirigentes da Milicia Civica, neste momento decisivo para a vida nacional, vêm dirigir um caloroso apello a todos os que amam verdadeiramente esta terra, conclamando-os a formar nas fileiras sagradas, que hão de fazer, definitivamente, a libertação da nossa Patria.

Não há, nesta hora, mais que irmãos. Todos por um e um por todos. Pela liberdade dentro da lei, pela lei como garantia suprema dos nossos destinos.

Fraternizemos todos em volta do pendão das nossas reivindicações cívicas. Todos accorram ao nosso quartel de concentração no Edifício da Imigração, á Rua Silva Jardim, formando no Batalhão da Honra.

A postos patriótas!

Pela Directoria

H. Roberto Caiuby

Secretario.

Neste dia tornou-se conhecida a organização militar da cidade, assignada pelo Generalissimo Isidoro Dias Lopes, chefe da Revolução e commandante em chefe das Forças revolucionarias-constitucionalistas de S. Paulo” no dia anterior:

Governador Militar de Santos — Major Loretto, Commandante do Forte de Itaipú.

Commandante das forças móveis:

Do Exercito: Capitão Caldas Braga.

Da Força Publica; Capitão Othoniel Aranha.

Commandante da Milicia Civica: Major Bernardo Espindola Mendes, official reformado da Força Publica.

Chefe de Ligação entre o Governo da Praça e os Commandantes das unidades e entre o Quartel-General e aquelle governador: Dr. Cyrillo Junior.

Pela “A Tribuna” do mesmo dia 11, publicava o “Partido Republicano Paulista” o seu primeiro apello ao povo santista, com estas palavras:

“A alvorada magnifica de 23 de Maio abriu-se afinal, nas claridades do dia de hontem, para a jornada da definitiva redempção de S. Paulo.

Soou assim, a hora suprema para os nossos destinos, e entre a continuação do captivo e a liberdade não há que hesitar.

Cada paulista e cada brasileiro aqui radicado pelo affecto que decorre da nossa fraternal hospitalidade, deve e há de ser um legionario da grande causa.

Treguas pois aos ressentimentos para a união bem-dita e sagrada de todos pela causa de S. Paulo.

Todos de pé, como um só homem, na exacta comprehensão da magnitude do momento, todos a postos

na trincheira da liberdade contra a opressão e da honra contra o opprobrio.

E' o apello que vimos fazer aos nossos amigos e correligionarios e aos nossos concidadãos em geral, em nome do Partido Republicano Paulista, grande vigilante e fiel das nossas tradições bandeirantes, que agora de novo se accordam nesta arrancada para a victoria e para a glória!"

J. Carvalho Filho

Alberto Cintra

Renato Pinho

J. M. Alfaya Rodrigues

Adelson Nogueira Barreto."

Éra ainda do mesmo numero daquelle jornal, o apello do Commandante do Tiro Naval do Estado de S. Paulo, aos seus corneteiros e tambores, para que se reunissem, iniciando a propaganda da arregimentação da trópa voluntária.

Do Manifesto com que o Dr. Pedro de Toledo explicava a natureza do movimento paulista, transportamos para aqui, por necessarias, as seguintes palavras:

"São Paulo não tem outra aspiração sinão a ordem legal e a paz e trabalho dentro da grande patria brasileira, una e indivisivel, governada pelo voto livre de todos os brasileiros. Não se trata de movimento separatista, como calumniósamente propalam. S. Paulo, nunca cogitou de quebrar a integridade nacional. Está de pé pelo Brasil unido e com o Brasil" (1)

Officialmente, estavam declaradas as finalidades da revolução, os collaboradores que se inspirassem em qualquer motivo!

(1) E' lógico que, se, em verdade o pensamento do homem que acabava de ser aclamado pelo povo e trópa da Capital, Governador de S. Paulo, éra esse, tinha o povo, por si, o direito de pensar de modo vario e differente. Dahi a existencia dos que prestaram serviços e luctaram como separatistas, como constitucionalistas, como paulistas e até como simples entusiastas da aventura e da lucta. Mas, indiscutivelmente o facto de participarem do movimento de S. Paulo, irmanados e identificados com os paulistas, mineiros, bahianos, pernambucanos, parahybanos, cearenses, sergipanos e fluminenses, demonstra á saciedade que, fundamentalmente esse movimento éra constitucionalista.

Notaveis foram desde principio, as diligencias do Prefeito de Santos, Dr. Aristides Bastos Machado para que nada faltasse á população da cidade, o que conseguiu elle durante os tres mezes de guerra e paralysação commercial e industrial, verificando-se ainda, o que éra extraordinário, ao envez de falta de artigos e generos de alimentação, abundancia delles e barateamento sobre os preços das épocas normaes.

Tambem o Partido Democratico de Santos, que tão destacada actuação tivéra durante a Campanha Liberal, que quasi levára o Dr. Getulio Vargas á Presidencia da Nação, publicava na "A Tribuna" de 11, o seu manifesto:

"O Brasil não póde permittir ou tolerar a traição aos ideaes que inspiraram a grande revolução de 3 de Outubro de 1930!

Naquella data a Nação se levantou para reivindicar o direito de ser livre, e de constituir-se em normas democraticas. A revolução foi deflagrada como meio de implantar o imperio do Povo, não como systema de governo. Entretanto, heróes daquelle magnifico evento civico, na vertigem do poder, esqueceram os compromissos sagrados e sellados com a Nação, e querem fazer-se exclusivos directores dos destinos da Revolução e do Brasil.

O Povo que fez a epopéa da Independencia, que em 89 esposou os principios liberaes da Republica, que incentivou com seu applauso a pregação civica do Partido Democratico, que se integrou conscientemente na magnifica campanha da Alliança Liberal, não permitirá o predominio dos escravagistas do ideal, dos fascistas creoulos, do outubrismo empenhado em prolongar indefinidamente a ditadura para garrotear a liberdade, e negar ao paiz o direito á Constituição. (1)

O movimento liderado por S. Paulo é de reivindicação e de liberdade. E' preciso garantir, antes de tudo, a federação com a autonomia dos estados e a ordem

(1) Era bello sem duvida, ver-se então, como defendiam os dois partidos politicos de Santos o direito á Constituição, as liberdades, a moralidade administrativa, e todas as garantias dos cidadãos na vigencia de uma constituição que lhes parecia negar o governo brasileiro de 1932. Mas!...

constitucional, porquê fóra da Constituição aquella não existe.

O paiz está diante deste dilemma. Constituição ou Mórte!

E o Brasil não póde morrer, fragmentando-se ou anemisando-se na desordem que a ditadura instituiu como processo de governo.

O Partido Democratico de Santos está integrado neste movimento reivindicador.

Pelo seu directorio convóca todos os cidadãos para o bom combate, estando sua séde á Rua Martim Affonso N.º 9, aberta para inscripção dos que quizerem bater-se pela liberdade do Brasil.

O DIRECTORIO."

No dia 12 chegava a Santos o 6.º Batalhão da Força Publica, e, no mesmo dia um pelotão do 4.º B. C. de Sant'Anna, que se alojou no quartel da Rua da Constituição, a antiga residencia de João Octavio.

Neste dia evoluíram sobre a cidade quatro grandes hydro-aviões da Marinha, acompanhados pelo olhar attento de toda a população, mas em caracter pacifico.

Em todos os pontos da cidade onde quer que houvesse um aparelho de radio ligado, ouvia-se incessantemente a palavra flammejante dos tribunos da revolução, em brilhante successão oratoria entremeiada de hymnos e marchas militares que estimulavam e accordavam os impetos bellicócos dos mais pacatos cidadãos.

Moços do commercio, estudantes, advogados, engenheiros, médicos, homens de todas as classes, succediam-se nos microphones das estações transmissoras de S. Paulo como da de Santos, produzindo a grande propaganda e a divulgação da idéa revolucionaria.

No dia 13, o Partido Democratico convidava o povo para um grande comicio de propaganda da mobilisação civil, pedindo o seu comparecimento ás 20 horas, na Praça Ruy Barbosa (antigo Largo do Rosario), assignando esse apello, os Snrs. Antonio Teixeira de Assumpção Netto, Leopoldo de Oliveira Figueiredo, Antonio E. Feliciano da Silva, Antonio Manoel da Fonseca, Alberto de Moraes Barros, Francisco de Assis Arantes, Augusto de Medeiros Bulle, Ricardo Pinto de Oliveira, João Lisbôa Wright, Dr. A. Guilherme Gonçalves e Dr. Waldemar Leão. Esse comicio reuniu milhares de cidadãos e innumeradas familias, ouvindo-se nelle a palavra

entusiasta de varios oradores, sob hurrahs e vivas da multidão e gritos das senhoras e senhorinhas presentes.

Nesse mesmo dia, e em consequencia do manifesto lançado na vespera pelo Centro Academico de Santos, organizava-se a "Phalange Academica" composta de elementos do Centro e de fóra d'elle, constituindo-se o seu Estado Maiór da seguinte fórma: Chefes Geraes — Professor Luiz Silva, Dr. Murinho de Souza, e Dr. Gervasio Bonavides; Commandante Chefe — Professor André Freire — Ajudante de ordens, Alfredo Comito.

Tambem nesse dia, resolvia o Tiro de Guerra N.º 11, providenciar a mobilisação dos seus reservistas, iniciando a convocação e a inscripção do voluntariado.



Um dos muitos comícios de preparação popular em Santos

Desde estes primeiros dias, todas as associações de classe, a começar pelo "Centro dos Professores", pelo "Instituto Odontologico" e outros, assim como todas as Associações de Santos, instructivas, recreativas, esportivas e operarias, protestavam solidariedade e apoio incondicional ás autoridades militares, pondo seus prestimos ao inteiro dispôr da revolução e dos seus chefes.

A Cruz Vermelha Brasileira de Santos, reunida dia 12, solidarizára-se tambem com o movimento e mantinha-se em

sessão permanente, por deliberação do seu Conselho, iniciando immediatamente a organização dos serviços de saúde — da Escola de Enfermeiros — de atenção às requisições — de socorro ao povo e de comissões distribuidoras de auxílios. Foi notável a acção desta benemerita instituição durante todo o tempo, e, a distribuição de gêneros, remédios, alimentação e roupas que effectuou, attingiu a varias centenas de contos de reis. Montando cosinhas provisórias pelos bairros da cidade, onde fornecia refeições aos que necessitavam, fornecendo marmitas a famílias inteiras, enviando comissões volantes a percorrer os lares e a verificar a necessidade de todos elles, nos bairros proletarios, mobilisou a Cruz Vermelha, centenas de senhoras, senhorinhas e cavalheiros, que, abnegadamente, offerecendo seu trabalho, seu dinheiro, seus automoveis e a propria gasolina que gastavam, formaram um monumento imperecível de dedicação e auréola esplendida dessa organização eminentemente popular que a cidade jamais poderá esquecer. Ao seu presidente, Dr. Flor Horacio Cyrillo, coube dirigir todo o extraordinario movimento da Associação nos famosos oitenta dias, e tomar as multiplas providencias que o subito desdobramento exigira de sua direcção. Distinguir os seus colaboradores entre as centenas de abnegados que, dia e noite, não tinham outra preocupação que o bem e o conforto publico em nome de S. Paulo, seria impossivel e portanto injusto, porquê, nominalmente, muitos ficariam esquecidos. Basta que a sociedade santista fique pertencendo sempre, em conjuncto, o merecimento dessa pagina brilhante que foi o espectáculo da sua capacidade de acção, de organização, de patriotismo, de altruismo e de devotamento durante o periodo revolucionario de 1932.

No dia 14 seguiam para S. Paulo os primeiros voluntarios santistas, do batalhão organizado pelo Partido Democratico, em numero de 53, destinados ao acantonamento da Escola Normal, transformada em quartel.

Nesse mesmo dia, reuniam-se os reservistas do Tiro Naval, ficando resolvida entre todos, a inscripção geral nas forças em organização de accordo com a communicação do 1.º Sargento commandante.

A exemplo da Cruz Vermelha, tambem á Associação Commercial, a velha instituição dos Viscondes de Vergueiro e de Embaré, coube uma grande parte na conducção do movimento em Santos. No dia 15 annunciava ella ao publico santista, que, de accordo com a consulta que fizera aos

seus associados, todos os voluntarios que se apresentassem ás fileiras, ficariam com os seus empregos garantidos e vencendo ordenados por todó o tempo que durasse a revolução, e essa certeza concorreu muito para decidir o animo dos moços, que, embóra tendo vontade de se apresentarem, receiavam a perda das suas collocações. Póde-se affirmar mesmo, que, emquanto não se pronunciou desta forma a Associação Commercial, a massa dos elementos commerciaes não se movimentára, o que só começou a verificar-se deste dia em diante.

Nessa tarde, ás 14 horas, nos altos do predio N.º 9 da Rua do Commercio (antiga Santo Antonio) sob convocação do Cel. Grimaldo Teixeira Favilla, que seria um dos bons commandantes das forças santistas no sector Sul, reuniram-se os reservistas do Exercito Brasileiro, residentes em Santos, ficando ahi resolvida a creação de um Batalhão para seguir para o "front".

A movimentação de character militar inicia-se então, séria e decididamente em Santos.

Agóra é o Tenente Mario Amazonas, da Reserva, que seguindo instrucções recebidas em S. Paulo, inicia a organização do "Batalhão da Reserva de Santos" valendo-se dos moços do Tiro de Guerra N.º 11 e de alguns elementos avulsos, força que tão destacada acção teria nas frentes de combate e que diversos heróes forneceria á historia.

Appreciam os poétas do movimento, e os jornaes estampavam poesias guerreiras destinadas ao estímulo da mocidade. Agenor Silveira, o mestre, publicava na "A Tribuna" de 15 de Julho, o seguinte soneto:

AVANTE!

*As tropas concentradas em Cruzeiro
Reforçadas de novos batalhões
Vão marchar sobre o Rio de Janeiro,
Que, em peso os cobrirá de acclamações. (1)*

(1) Muitos moços tinham mesmo a idéa de que a revolução paulista, pelo aspecto sympathico de que se revestia, e pelas noticias de solidariedades transmittidas pelos jornaes (tanto em Santos como na Capital e em outras cidades do interior, Santa mentira como se vê) seria mais uma passeata pelas ruas do Rio de Janeiro, porquê, em seu calculo, a avançada immediata sobre a Capital do paiz, projectada de inicio, seria executada e contaria com a adhesão das forças da Villa

*Vão libertar o povo brasileiro
De injustiças, de longas oppressões:
Levam para o salvar do captiveiro,
Fuzis, metralhadoras e canhões.*

*Tremendo de pavor, a ditadura
Sente-se cada vez menos segura,
Como a fêra atacada no covil.*

*Nobres soldados de S. Paulo! Avante!
Deus favorece a causa bandeirante
Para a felicidade do Brasil!*

AGENOR SILVEIRA

Santos, 14/7/1932.

Ainda no dia 15, em consequencia da reunião convocada na véspera, todas as Associações portuguezas de Santos, offerciam seus serviços á cidade e ás autoridades militares, constando entre ellas, a Beneficencia Portuguesa, a Associação Athletica Portuguesa — a Sociedade Musical Colonial Portuguesa, o Centro Republicano Portuguez, o Real Centro Portuguez e a Escola Portuguesa.

Foi notavel a solidariedade dispensada em todos os terrenos á Campanha paulista, pelas colonias estrangeiras, já pelos cidadãos em mais evidencia, já pelas suas melhores e mais poderosas associações, trabalhando todos como os proprios naturaes do paiz, empenhados na Revolução Constitucionalista.

Por mais extranha que parecesse essa intromissão de filhos de outras patrias em cousas que apenas nos diziam respeito, pensamos que lhes assistia a logica e bastante razão,

Militar, onde as sympathias pelos paulistas eram grandes, o que representava a certeza de que, pouco ou nenhum sangue se derramaria, visto que o governo federal naturalmente renunciaria, desde que a cidade do Rio de Janeiro, toda ella, commungava o mesmo ideal de S. Paulo, e apenas estava impossibilitada de se manifestar pela vigilancia de João Alberto. Esses moços repararam depois o engano de sua concepção, e ahi, enquanto, seja dito a bem da verdade, uns procuravam attenuar os riscos, indo servir nos postos de commando, nos transportes de guerra e outros encargos de rectaguarda, a grande maioria assumia corajosamente a responsabilidade do acto, enfrentando a verdade e caminhando bravamente para o heroismo e para a morte. Pena é que não seja possivel ao historiador determinar nome por nome, a legião dos bravos, dando-lhes logar especial na commemoração da posteridade, logar que, com o tempo, será occupado apenas pelos mortos do movimento.

porquê afinal, era em Santos, era no territorio paulista que elles exerciam suas actividades e proviam á sua subsistencia, e, desde que a questão se levantára pelo principio constitucional, elles se punham assim, ao lado dos que defendiam a ordem, a normalisação da vida brasileira e a sua prosperidade, que com o imperio da lei melhor se faria.



Uma parte do "Tiro Naval de Santos" prestes a partir para o "front"

No mesmo dia 15, seguia para S. Paulo, a offerecer seus serviços ás autoridades de guerra, o aviador santista José Daniel de Camargo, brevetado pelo Aereo Club de S. Paulo com as lições recebidas em Santos, do professor de aviação Reynaldo Gonçalves.

Entre os dias 15 e 16 começava o Dr. Aguinaldo de Góes, a organização do "Batalhão Operario", com o concurso de José Ferreira Porto e Eugenio Wansuit, sendo desde logo entregue a parte militar da iniciativa, ao Major Alipio Ferraz, da Força Publica e alguns inferiores.

No dia 16, o Dr. Americo Netto, Secretario do Departamento de Educação Physica do Estado de S. Paulo, secundado pelo cidadão Clarimundo da Rocha Corrêa, apelava para os esportistas de Santos, no sentido de concorrerem financeira e physicamente para a victoria da revolução. Pouco depois, em principios de Agosto, alem de se inscre-

verem nas fileiras paulistas, muitos esportistas, todos ou quasi todos os que possuíam trophéus de victorias passadas, taças e medalhas, effectuavam sua entréga á Campanha do Ouro para a Victoria então instituida pela Associação Commercial, mandando antes photographal-os para que ficasse a recordação dos respectivos triumphos.

Nesse dia, assumia o Commando da Praça Militar de Santos, o Major João Carlos Reis Junior, o qual nessa occasião fez uma visita ao Forte de Itaipú, fallando aos soldados no pateo da grande fortaléza, as seguintes patrióticas palavras:

“Soldados! Aqui estamos a postos para a defesa do mais bello e justo dos deveres de um soldado — a disciplina, que levará o Brasil unido e forte — á Lei!

Não importa morrer, quando os ideaes são puros, e os nossos o são, porque o que nos guia é o proprio Direito.

A postos pois, meus soldados!

Completando o seu circulo de visitas, ainda nessa tarde elle visitou a Milicia Santista, no Grupo Escolar Cesario Bastos, onde pronunciou nova exhortação aos milicianos voluntários.

No dia 17 ficava resolvido entre os reservistas dos Tiros de Guerra Ns. 11, 598 e Naval, que todos os atiradores se congregariam num só bloco para formação do “Batalhão da Reserva de Santos”, convocando-se então um grande comicio para as 17 horas desse dia, assignando a convocação os cidadãos: Armando Erbisti, Carlos Pereira Guimarães, Horacio de Lamare, Carlos de Barros, Raul de Souza Dantas e Luiz Supply Junior.

Nessa occasião resolveram os reservistas do Tiro Naval apresentar ao Commando da Praça, o seguinte PACTO DE HONRA, assignado por todos:

“Os atiradores abaixo assignados, declaram sob palavra de honra, que se compromettem a cerrar fileiras com a maxima disciplina e a defenderem até á morte, a attitude do glorioso Estado de S. Paulo, que, ou vencerá ou luctará até ver tombado o seu ultimo soldado.”

Por S. Paulo. Pelo Brasil!

e elles, os Navaes, como se viu depois, souberam honrar o seu compromisso.

No dia 18 de Julho, às 10 horas da manhã, seguia para S. Paulo o primeiro contingente do "Batalhão da Reserva de Santos", num total de cerca de 400 homens, com grande comparecimento de povo e autoridades, verificando-se scenas commoventes de despedida e orações de entusiasmo, emquanto bandas de musica inflammavam o ambiente com a execução de himnos de guerra e marchas militares. Éra a flor da mocidade santista que partia, alimentando no intimo, idéa vária e differente da sua finalidade e destino, como dos verdadeiros riscos que a esperavam.

O Padre Dr. João Baptista de Carvalho éra uma grande vóz a levantar-se entre o entusiasmo popular, incitando-o e estimulando-o em inspirados sermões e discursos, nos radios, nas ruas e no pulpito, e, indiscutivelmente, embóra a sua missão de sacerdote devesse inspirar-lhe palavras de amor e concórdia, foi um dos elementos evidentes da propagação guerreira e revolucionaria em Santos, empolgado pela idéa de S. Paulo.

No dia 20, éra o Cel. Brásio Taborda, que assumia o Commando Militar de Santos. O Cel. Taborda éra considerado então, um dos precursores do movimento Constitucionalista, e, pouco depois devia prestar seu grande e valioso concurso no commando das forças santistas no Sector Sul.

Nos primeiros dias do movimento, assentára-se como medida de defesa do porto santista, a collocação de minas em toda a extensão da barra, serviço technico de alta responsabilidade, de que foram incumbidos pelo Commando Militar os Engenheiros Drs. Paulo Cesar Martins e Hyppolito Pujol, este como chefe, no posto de Majór, que realisaram notavel serviço na opinião de muitos entendidos, e ao cabo de poucos dias de trabalho e experiencias.

No dia 18 seguia para S. Paulo o Batalhão "Reservistas de Santos", a apresentar-se ao Commando Geral das Forças Revolucionarias, com um total approximado de 200 homens.

No dia 21 assumia o commando Militar da Praça de Santos, o Tenente Coronel Christovam Colombo de Mello Mattos, que exerceu-o até fins da Revolução.

No dia 19 seguia para S. Paulo o terceiro contingente do Partido Democratico de Santos, em caminhões cedidos pelo Snr. Francisco André Avelino, como das vezes anteriores, num total de 50 homens.

E' nesta altura, cousa de tres ou quatro dias antes, que se inicia em Santos a incorporação da "Legião Negra", a exemplo do que se fazia em S. Paulo, seguindo o primeiro contingente nesse mesmo dia 19, incorporado aos voluntarios do Partido Democratico.

Nesse dia realiza-se em Santos um imponente desfile de atiradores dos Tiros 11 e Naval, sob o commando do Sargento Armando Erbisti, tomando parte nelle, 650 atiradores, acompanhados de grande banda marcial e de musica, sob indescriptivel enthusiasmo popular, enchendo as familias as saccadas dos predios da Praça Ruy Barbosa, e Ruas General Camara e do Rosario (João Pessôa) atirando flores sobre a garbosa mocidade, prestes a seguir para o campo da honra.

Ainda neste dia, o primeiro Batalhão organizado pela Milicia Civica Santista recebe a pedido do Dr. Pedro de Toledo, o nome de "Maranhão".

No dia 22, recebia Santos a visita do General Isidoro Dias Lopes, formando o "Tiro Naval de Santos" em sua honra. O illustre militar foi recebido entre ruidósas manifestações de enthusiasmo e apreço, por enórme multidão, composta de gente de todas as classes sociaes.

No dia 23 chegavam a Santos, vindos a pé do Paraná, a custa de grande sacrificio, para servir á causa dos paulistas, os estudantes paranáenses Octavio do Amaral Carvalho, Armando Ribas Virgolino do Brasil, Paulo Fonseca Barros, Kepler Gonçalves Pacheco, Paulo Emilio Gomes dos Reis, Arthur C. Affonso, Aloy dos Santos e Nelson Straube, todos das escolas superiores de Curityba.

No dia 23, um hydroplano do typo Savoia-Marchetti da Marinha brasileira, voava sobre a cidade, naturalmente em reconhecimentos, pelo littoral, que, seja dito de passagem, nessa altura já estava todo guarnecido, desde Conceição de Itanhaen até Bertióga, pelas forças voluntárias da Milicia Civica Santista, Phalange Academica, Reservistas de 1.^a e 2.^a linhas do Exercito e tropas de outros corpos organisados em Santos, bem armados e municiados, com algumas peças de artilharia, e num total de mais de 3.000 homens, que, em todo o tempo, montaram guarda vigilante ao littoral próximo de Santos. Se é verdade que os voluntarios destacados na cósta não arrostraram os perigos do fogo, com excepção apenas de uma ou outra tentativa de escalada, por parte de marinheiros brasileiros contra a ilha de Santo Amaro, não

se pode negar a sua participação valiosa na defesa de S. Paulo, tarefa em que muitos delles adquiriram resfriados que degeneraram em gripes, bronchites e molestias peiores, rheumatismos, maleitas simples e maleitas bravas, e outros males originarios da humidade charcosa dos logares por onde andaram, dos ventos e chuvas excessivos do inverno littoraneo e das alluviões de mosquitos que infestavam as mattas do littoral em que elles se abrigaram. Pode-se mesmo affirmar, que muitos deles, morreram tempos depois, em consequencia destas cousas, sem que a collectividade soubesse (porque a febre patriótica-constitucionalista já então havia passado) que ainda era um tributo pago á campanha paulista. Era de ver-se então, o carinho que dispensavam as senhoras santistas pelos seus innumeros e variados dispensários, a esses moços voluntários, enviando-lhes meias grossas de lã, luvas, camisas de malha e capuzes contra o frio e os mosquitos cercando-os de conforto no desconforto das posições occupadas do humido littoral.

No dia 26, o antigo "Batalhão Reservistas de Santos", por ordem superior, passava a chamar-se 7.º B. C. R., sob cuja denominação deveria seguir para S. Paulo.

Nesse dia 26, terça-feira, seguia para a Capital, o primeiro contingente conjugado, da Milicia Civica de Santos, do Batalhão Operario, da Phalange Academica e do Batalhão da Reserva (Tiros Naval, 11 e 598), num total approximado de 500 homens, acompanhados de um corpo de enfermeiros e medicos da Cruz Vermelha Brasileira de Santos.

No dia 29 dois hydroaviões da Marinha, evoluindo sobre a cidade foram lançar bombas sobre as usinas da Light, junto á raiz da serra, sem consequencias de maior, acompanhados pela curiosidade popular que procurava divisal-os no espaço.

No dia seguinte, sabbado, novo contingente de santistas do "Tiro Naval" da "Phalange Academica" — do "Batalhão da Reserva de Santos" e outros voluntarios, num total de 400 homens seguia para S. Paulo, sob o commando do 1.º Sargento Armando Erbisti e dos sargentos auxiliares Castro Lycurgo e Alberto Muniz.

Nesse dia publicava "A Tribuna" a letra do hymno composto para a "Legião Negra".

*Soldados das hostes negras
Nossa patria é nossa luz!
Ella é a chamma sacrosanta,
Que á nossa frente reluz!
Ella é o cruzeiro que a novo
Guararapes nos conduz!*

*Não receiamos a lucta!
Luctamos pelo Ideal,
Pela impoluta grandeza
Da nossa Patria Natal!
Escravos de toda vida
Da morte somos rival!*

*Paulistas da mesma terra
Dos bravos da Abolição,
Ao lado de Borba Gatto
Conquistamos o sertão!
Paulistas, vamos á lucta
Pela Lei, pela Razão!*

(ESTRIBILHO)

*Soldados de Henrique Dias
A postos pelo Brasil!
São da patria as energias
De nossa alma varonil!*

No dia 31 realizou-se no largo fronteiro á Igreja do Embaré, ás 8 horas, missa campal pela victoria de S. Paulo, officinando um franciscano e pregando ao Evangelho o Padre Dr. João Baptista de Carvalho, acto assistido pelas forças do 6.º Batalhão e demais tropas acantonadas em Santos, autoridades e povo.

Nestes ultimos dias de Julho, os "bonus" emitidos pelo Governo paulista passaram a ter curso forçado na cidade, por haver casas, que se negavam a acceital-os receiando futuros prejuizos.

No dia 1.º de Agosto éra incumbido o Presidente da Associação Commercial de organisar a policia civil de Santos, iniciando-se as inscrições no dia 2.

No dia 3, voltando o Dr. Samuel Baccarat, um dos elementos grandemente dedicados ás forças santistas no sector

Norte do Estado, em entrevista com o "reporter" da "Tribuna", tinha as seguintes palavras sobre os elementos locais:

"Santos vem, assim, cumprindo galhardamente o seu dever, demonstrando mais uma vez a fibra e o heroísmo de seus filhos, em nada inferiores aos mais bravos soldados do exercito revolucionario".

As subscrições publicas em vigôr na cidade, para atenção e soccorro às instituições de caridade, eram muitas, e



A PARTIDA

A alegria dos que partiam e o adeus dos que ficavam

todas, inclusive a subscrição em favor da aquisição dos capacetes de aço para os soldados paulistas, attingiam cifras importantissimas, demonstrando a capacidade de contribuição economica do alto commercio local.

No dia 6 de Agosto seguiam para S. Paulo, 5 ambulancias da Cruz Vermelha, com todo o aparelhamento exigido pelos serviços de guerra, medicos e cirurgicos, levando cerca de quarenta pessoas, entre médicos, pharmaceuticos, dentistas, enfermeiras e ajudantes, serventes, motoristas e ajudantes, acompanhados por tres directores da notavel e benemerita instituição. Completava assim, e de forma inequivoca, a Cruz Vermelha Brasileira de Santos, a sua série de providencias em pról de S. Paulo.

Extraordinario papel representou em todo esse periodo memoravel da historia de S. Paulo, a mulher paulista, que em Santos éra a mesma da Capital e de outras cidades mais vivamente integradas na causa, adivinhando-se a sua presença em todos os actos, em todas as iniciativas e em todos os trabalhos da Revolução, por mais pesados, graves ou repugnantes mesmo que elles fossem, devendo-se á mulher, indiscutivelmente, o grande entusiasmo popular e o conforto e a fartura que existiram sempre entre as classes mais precisadas, que a anormalidade da situação e as difficuldades financeiras geraes poderiam levar á fome e ao desespero.

Até mesmo em S. Paulo, uma santista, Maria José de Lara Campos, em brilhante iniciativa, fundava a "Casa da Formiga", posto de soccorro aos filhos dos soldados paulistas, que distribuia roupas e agasalhos e encaminhava tambem aos necessitados, os soccorros alimentares da Liga das Senhoras Catholicas e M. M. D. C., estabelecidos na Praça da Republica. A "Casa da Formiga" popularisou-se em São Paulo, e, ao fim da Revolução, verificou-se que attendera, só ella, a mais de 20.000 pessoas, num total de centenas de contos de réis de donativos.

No dia 9, instituiu a Associação Commercial de São Paulo a campanha do "Ouro para a Victoria", passando tambem essa campanha a ser immediatamente organizada em Santos, onde, no dia 11 éra nomeada a seguinte commissão angariadora:

Dr. Antonio Teixeira de Assumpção Netto (Lara Netto & Cia.);

Padre Dr. João Baptista de Carvalho (Cura da Cathedral);

Benjamin de Mendonça (Bco. Commercial do Est. de S. Paulo);

Francisco B. de Queiroz Ferreira (Queiroz, Ferreira & Cia. Ltda);

Dr. Valdomiro Silveira;

Pedro Leite Ribeiro;

Alexandre Chasseraux (Banco Commercio e Industria de S. Paulo);

Francisco Rocha Campos (Banco de S. Paulo);

iniciando-se a mesma Campanha no dia seguinte, 12, com grande concorrência e mais de 2.000 doações. Adiantare-

mos que, até o ultimo dia do recolhimento de donativos para esta Campanha, a contribuição santista, operada através de circumstancias muitas vezes interessantes e melo-dramáticas, attingiu um total de cerca de 6 mil contos de réis, culminando com a troca das alianças de casamento pela generalidade dos casaes, até mesmo estrangeiros, pelas alianças de prata, bronze e metal, commemorativas do facto.

Não podemos, na exiguidade deste Capitulo com que pretendemos transmittir á posteridade os acontecimentos revolucionarios da cidade de Santos, descrever as scenas de dedicação, de altruismo, de desprendimento e abnegação desenvolvidas entre o povo nos tres mezes que durou o movimento paulista, que serviram para demonstrar a capacidade da energia e do coração do povo santista e para fazer crer todo esse povo em si mesmo e em seus formóso designios.

No dia 12 seguia para S. Paulo a 1.^a Companhia do Batalhão Operario, sob o commando do Capitão Sebastião da Silva Medeiros, com um effectivo de 150 homens.

A 16, escrevia o correspondente da "A Tribuna" na frente Norte:

"Os santistas, inegavelmente, vêm se portando bravamente nesta arrancada constitucionalista.

Em chronica anterior tivemos oportunidade de referir a acção do 8.^o B. C. R. constituido em maioria, por voluntarios alistados na Milicia Civica de Santos. Aquelle batalhão, depois de receber o seu primeiro baptismo de fogo na Fazenda Moraes, em Engenheiro Bianor, tomou parte activa nos combates de Queluz e agóra está actuando sob o proficiente commando do Major Bernardo Espindola Mendes no Sector de Villa Queimada, onde a resistencia das forças constitucionalistas, se vem accentuando cada dia mais.

"Agóra surge a vez do Batalhão da Reserva Naval de Santos. Não cabe aqui nesta ligeira chronica, uma referencia mais circumstanciada ao papel relevante que os navaes vêm desempenhando. Apenas diremos que o pugillo de santistas que attenderam ao apello de S. Paulo, sabem dignificar o nome da corporação a que pertencem, honrando as tradições gloriosas da terra dos Andradas".

Em seguida, fazia o correspondente, uma descripção dos combates de Silveiras, para retomar da seguinte forma:

“A’ noite, quando o adversario se sentiu impotente para proseguir no cerrado tiroteio, os navaes foram alvo de entusiasticas manifestações de apreço por parte das demais forças e das autoridades de Silveiras, sendo dada a uma via publica daquella pequena cidade, a denominação de “Rua Tiro Naval de Santos”.

Não só as bellas do movimento, porem, devem ser ditas, porquê a historia, não é obra commemorativa mas descriptiva de acontecimentos, e em Santos, como em quasi todas as cidades paulistas, o ambiente civico e social éra respiravel sómente para os adeptos da revolução, considerando-se delicto repugnante o direito de pensar de modo differente, de divergir da opinião geral, e quasi traição negar o apoio ao movimento revolucionário, dahi as delacções, as prisões por derrotismo e a espionagem movida por amigos contra amigos e até por parentes contra parentes, formando a parte feia da phase revolucionaria de S. Paulo, visto que, tratando-se de um movimento constitucionalista, de choque entre irmãos, de luta que envolvia apenas ideaes e pontos de vista de gente da mesma patria, devia ser dado a todos os cidadãos o direito constitucional de pensar com a maioria do paiz ao envez de pensar com a maioria do Estado, punindo-se apenas a actividade contraria, desde que ella existisse e ficasse demonstrada. Fiquem entretanto na consciencia dos que praticaram taes actos, os remorsos de assim terem agido e ás autoridades de então a culpa de terem descido ao apoio e até á punição do delicto de pensamento, creando e estimulando a classe vil dos delactores, contra o Direito dos cidadãos.

Isto, entretanto, como fraqueza popular, não sérvé para desmerecer as grandes paginas da Revolução de 1932.

Nos primeiros dias de Agosto morria na luta o primeiro voluntario santista — João Pinho, no combate de Salto, sob o commando do Coronel Sampaio, combate que foi o baptismo de fogo dos santistas na frente Norte. Éra o inicio da sementeira generosa com que o presente brindava á pátria na elaboração do seu futuro.

Logo a 18 de Agosto fallecia em São Paulo, em consequencia de ferimentos recebidos em combate no sector Norte, nas trincheiras de Pinheiros, outro voluntario santista, Carolino Rodrigues, soldado do 8.º B. C. R.

No dia 19 assignava o Dr. Pedro de Toledo o Decreto 5643, mandando occupar militarmente a Companhia Docas de Santos, nomeando representante do Governo junto á Superintendencia da Companhia, o Engenheiro Francisco Teixeira da Silva Telles, investido de plenos poderes para controlar os serviços da mesma e fazer requisições de serviços ou de materiaes, na forma da Lei.

Logo depois éra Thiago Ferreira, voluntario santista, incorporado ás fileiras do Tiro Naval de Santos, que cahia em combate travado na região de Silveiras, o 12.º combate em que tomava parte a notavel corporação militar da cidade, nos sectores do Valle do Parahyba, sob o commando do Coronel Andrade.

Do Boletim N.º 8, de 15 de Agosto, do Tenente Coronel Lamego, Commandante do Destacamento ao qual estava incorporada a tropa do 8.º B. C. R., extrahimos o seguinte elogio, que reaffirma, officialmente, a actuação brilhante dos soldados e officiaes do 8.º B. C. R. de Santos:

“Soldados da Constituição! — O resultado dos dois combates de hontem e de hoje, da Fazenda Palmeiras, traduz definitivamente, a vossa actuação... Repellis-tes com energia digna de verdadeiros soldados, os ataques do adversario. As suas forças quebraram-se diante do vosso ardor, energia, coragem e convicção do dever, pela vossa causa, que é a da conquista da lei, da ordem e da disciplina. Felicito pois, calorosamente, os Snrs. officiaes commandantes de unidades, os quaes, tornarão extensivas aos seus commandados directos as referencias aqui feitas.”

A 24 de Agosto morria mais um santista, Alfredo Schammas, voluntario do 7.º B. C. R., de Santos, em consequencia de ferimentos recebidos na occupação de Guaréhysinho, na frente Sul, tendo sido sepultado em Avaré, a expensas da Prefeitura local.

Deixando Santos com o Batalhão da Reserva, logo depois o voluntario Schammas éra promovido ao posto de 1.º sargento por actos de bravura, posto em que o colheu a morte.

Honroso ao extremo, é o telegramma que recebeu o Coronel Indio do Brasil, do Major Euclides Machado, sub-chefe do Commando Militar daquella frente de operações:

“N. R. 517 — Transmitto-vos textualmente telegramma hoje recebido do Capitão Belf Camara, chefe Estado Maior Destacamento Carvalho Sobrinho. “Peço avisar familia Sargento Alfredo Schammas, voluntario 7.º B. C. Reserva de Santos, residente naquella cidade, á Rua D. Pedro N.º 41, haver o mesmo hoje fallecido em consequencia ferimento recebido hontem, combate que precedeu nossa occupação Guaréhysinho. Sargento Schammas portou-se com bravura extraordinária, muito honrando Phalange Santista, que hoje combate aqui lado tropas sexto Batalhão nossa invicta Força Publica.”

A 27 de Agosto, a organização de Correios Militares M. M. D. C. que se achava desde o principio da Revolução na Rua Martim Affonso, passou para o predio do Polytheama Rio Branco, cedido gentilmente por sua Empresa, onde foram desdobrados os seus serviços, passando a ser tambem centro de inscripção de voluntários.

A “Casa do Soldado”, installada no predio da Praça José Bonifacio 58, desde meados de Agosto, apresentava agora um movimento desusado, aberta todos os dias, com excepção dos Domingos, das 8 ás 19 horas, e sempre cheia de rapaziada alegre e barulhenta, attendendo a todos com o fornecimento de merendas, de café e até cigarros.

Nesse dia 27, a Associação Commercial de Santos despachou para S. Paulo, um vagão da Estrada de Ferro, carregado com 3 toneladas de objectos de metal, cobre, bronze, latão, ferro e outros mineraes, obtidos pelos donativos populares e destinados ao serviço de Material Bellico, como contribuição da cidade de Santos.

Nos ultimos dias de Agosto, o M. M. D. C., que iniciára desde meados do mez as inscripções de voluntarios, installava seu campo de exercicios no “Miramar”, cedido por seus proprietarios, que ficou sendo a séde do Posto de Preparação Militar.

Nada fallamos ainda do 7.º e do 10.º B. C. R., forças de Santos destacadas na frente Sul. Estas forças achavam-se a 26 de Agosto em Lygiana e Aracassú, á margem do Paranapanema, sob o Commando do Cel. Grimaldo Favilla, que fôra anteriormente, Commandante Militar da Praça de Santos. Vejamos o que dizia o Communicado XV do enviado especial da “A Tribuna” naquelle dia, sobre a acção desta tropa conterranea:

“O dia de hoje, como os de hontem e anté-hontem decorreu calmo. O 155 constitucional bombardeiou repetidamente as posições adversarias.

No dia 15 do corrente, como é notorio, o adversario promoveu a sua grande offensiva em todos os sectores. Cerca de mil granadas de canhão 75 e 105, foram lançadas contra as nossas posições. O adversario, com esse fogo de sua artilharia, protegia o avanço da infantaria

“Depois de trinta e seis horas de cerrado tiroteio, em que o ardor da mocidade paulista foi posto mais uma vez a rude próva, deixamos a estação de Victorino Carmillo, para accuparmos melhór posição na retaguarda, adiante de Aracassú no kilometro 280 da Sorocabana.

“O adversario soffreu 105 baixas entre mortos e feridos, enquanto que as forças constitucionalistas tiveram 2 mortos e 10 feridos.

Do 7.º B. C. R. (de Santos) apenas dois soldados ficaram feridos.”

Em qualquer das frentes, como se vê e como éra notorio entre os combatentes, a gente de Santos brilhava.

Nos ultimos dias de Agosto, o Rotary Clube de Santos tomou a iniciativa de construir um pavilhão para os orphãos dos voluntarios santistas, annexo ao Asylo de Orphãos.

E' inutil dizer que a iniciativa logo tomou vulto. Varias commissões foram organisadas, e, pouco tempo depois reuniam o necessario para a construcção em vista, que foi logo depois realizada, realçando a benemerencia e o patriotismo do povo da cidade e do seu alto commercio, sempre disposto a apoiar as boas causas, sendo notavel o concurso dos estrangeiros aqui residentes, destacando-se as doações da Companhia City, que offereceu a estrutura do telhado e assentamento da mesma, toda a esquadria da obra, serviço de installador electrico, serviço de aparelhamento de agua e transporte electrico, o da Companhia Docas de Santos, que offereceu toda a alvenaria de pédra, pédra britada e areia e o do cidadão Otto Uebele, consul da Allemanha, que offereceu 50.000 tijólos, seguindo-se os outros menóres.

A 29 de Agosto, morria Januario dos Santos, victimado por uma granada, na trincheira onde combatia, ao lado dos moços do Naval e do 8.º B. C. R.

No dia seguinte, 30, era Sebastião Chagas, soldado do 8.º B. C. R., que desaparecia, em consequencia de ferimentos recebidos em combate na mesma zona Norte.

A 31 de Agosto, cahia nos campos de batalha, outro voluntario santista. Desapparecia agora Ivampa Duarte Lisboa, em consequencia dos ferimentos recebidos na zona de Silveiras, no combate da Fazenda Boaventura, quando operava com os seus collegas do Tiro Naval de Santos.

Tambem Alfredo Albertini, voluntario do Tiro Naval de Santos, ferido em combate na região de Silveiras, no dia 30, veio a fallecer a 2 de Setembro, no Posto C. 5, do B. C. P. M.

Já no dia 3, outro heroico santista tombava no campo da honra. Era Durval Amaral, 2.º Tenente da Força Publica Estadual, pertencente ao 5.º B. C. P. com 21 annos de idade, victima de ferimentos, num combate no sector de Silveiras. Santos pagava, de forma accentuada e severa, o seu tributo á constitucionalisação do paiz, e, talvez que um dia, as futuras gerações esquecessem o tamanho desse sacrificio.

As 14,30 horas do dia 5 de Setembro, quatro grandes hydro-aviões da marinha evoluíram sobre a cidade, dirigindo-se para o Forte de Itaipú, despejando sobre elle, cerca de 20 bombas, quasi todas cahidas nas rochas e dentro dagua, destruindo apezar disso, a rêde electrica da fortaleza, que, desta forma ficou sem acção, embóra não fosse isso do conhecimento da população e muito menos talvez do adversário, que, consummado o ataque, desapareceu para o Leste, rumo á base de S. Sebastião.



"Da artilharia dictatorial, que, bombardeando as posições do sub-sector de meu commando procurou inquietar e interditar a reparação de uma estrada, a cargo do valoroso Tiro Naval de Santos. — Major Quintiliano — 16/8/32".

(E' o que consta no cartão que ahi se vê, do Major Quintiliano de Castro e Silva).

Commandava nessa occasião o Forte de Itaipú, o Capitão André de Souza Braga.

O dia 7 de Setembro foi grandemente commemorado em todos os sectores de guerra e em todas as cidades paulistas. Em Santos, a data foi solemnemente commemorada, fazendo-se discursos allusivos e comparativos, sobresahindo pela simplicidade e pela sinceridade, o que o Capitão Braga fez aos seus commandados no Forte de Itaipú.

Nesse dia, tão grato á nacionalidade, pagava seu tributo á morte, mais um santista, o Cabo Eduardo Alves, da "Phalange Academica", incorporado ao 8.º B. C. R. — morto em combate nesse dia, na frente Norte.

O "Diario Popular" de S. Paulo, numero de 13 de Setembro de 1932, trazia as seguintes palavras relativamente aos combatentes de Santos:

"Um official da Força Publica, hoje chegado das linhas de frente, em palestra com um nosso companheiro de trabalho, declarou que as forças do Tiro Naval de Santos, ao lado das quaes está luctando ha mais de um mez em um dos sectores onde mais violentas têm sido as offensivas dictatoriaes, revelaram-se de uma extraordinaria bravura, comportando-se em combate com a mesma tenacidade e efficiencia dos melhores soldados regulares. "A galharda rapaziada do Tiro Naval de Santos", accrescentou o nosso informante, quando occupa uma trincheira, della não arrêda pé, luctando como verdadeiros leões. São optimos soldados, posso assegurar-lhe; sabem aproveitar intelligentemente o terreno; conhecem perfeitamente o serviço de ligação e de reconhecimento como se outra cousa não tivessem feito na vida senão combater.

No sector em que luctei ao lado dos denodados rapazes do Tiro Naval, elles eram commandados por um official, de nome Lemos, que se revelou um optimo conductor de homens na guerra. Terminando, disse o nosso informante:

"Póde divulgar as minhas palavras. Volto das linhas de frente enthusiasmadissimo com a actuação da quella galharda mocidade santense".

Esta entrevista expontanea de um militar, feita a um jornal absolutamente alheio á cidade de Santos, é um dos melhores galardões para os voluntarios santistas da frente

Norte e um dos mais verdadeiros testemunhos da sua bravura.

Tambem a fatalidade não perdoava os voluntarios santistas, e assim, a 12 de Setembro, morria, victima de um desastre de automovel proximo a Itapetininga, o voluntario Antonio Damin, soldado do Tiro de Guerra 598, incorporado ao 7.º B. C. R., quando vinha para Santos revêr a familia apóz largo periodo de luta e canseiras.

A 17 de Setembro, novo voluntario santista, cahia no campo da honra. Cabia a vez agora a Persio de Souza Queiróz Filho, voluntario do Batalhão da Reserva de Santos, o 8.º B. C. R., morto em combate no Sector Norte.

Neste dia, recebia o sargento Erbisti, valente commandante do Tiro Naval de Santos, que vinha se evidenciando em lances arriscados, occupando com sua trópa posições tomadas a adversários ou abandonadas por outras forças paulistas, um telegramma do Estado Maiór, em que o Cel. Euclydes Figueiredo, Chefe do Estado Maiór da II.ª Divisão de Infantaria em Operações, o promovia ao posto de Capitão, promoção essa que encerrava visivelmente, um galardão commum, envolvendo na mesma aura de merecimento, a mocidade de Santos que operava com elle na peiór frente de combate.

Neste mez ainda, desapareciam tambem o Dr. Dagoberto F. de Gascon, do pelotão de Engenheiros da Milicia Civica Santista, victimado por molestia adquirida em campanha, ao cabo de grandes e reaes serviços prestados ás forças em operações, e o voluntario Emilio Ribas, nas mesmas condições.

No dia 23, um facto commovente verificava-se em Santos, Domingos Francisco, de 90 annos de idade, mas ainda apparentando vigor, veio do Cubatão a offerecer seus préstimos como combatente, ás autoridades organisadoras de forças santistas, retirando-se triste porque não quizeram recebê-lo, limitando-se a elogiar e a agradecer o seu ardôr e patriotismo verdadeiramente paulistas.

No dia 24, assistia a cidade, attonita e penalizada, a morte apparatusa e imprevista dos heroicos aviadores de S. Paulo, João Gomes Ribeiro Junior e Mario Bittencourt. O apparelho pilotado pelos dois jovens azes, á vista da praia e por detraz da Ilha de Santo Amaro, incendiou-se no espaço, precipitando-se ao mar, levando os seus tripulantes presos á "nacelle".

Esse desastre parecia um mau prenuncio para a revolução.

De facto, logo a 29 de Setembro, um Manifesto do Governo ao povo paulista, annunciava ao mesmo povo, que estava sendo tratado o armistício com as forças da dictadura, resultado dos telegrammas trocados entre o General Klinger, o Governo Provisório, o General Góes Monteiro e o General Menna Barretto. Era o fim.

No dia 3 de Outubro, o Tenente Coronel Indio do Brasil, Commandante do 6.º B. C. P., acantonado em Santos, publicava este aviso:

AO POVO SANTISTA

Em perfeita concordancia com a Delegacia Regional de Policia (então sob o cuidado do Tenente Augusto Cesar do Nascimento) e attendendo ao actual momento, vem solicitar á laboriosa população santista, que se abstenha de quaesquer manifestações, afim de que não seja alterada a ordem publica nesta cidade.

Qualquer tentativa em contrario, será repellida energicamente."

As palavras eram seccas demais e muito pobres para significar que nada mais restava da pagina heroica de S. Paulo e do sacrificio da cidade de Santos e dos paulistas em geral, mas, não deixava de ser o principio da verdade.

Nesse mesmo dia, "A Tribuna" publicava, em "manchette" como no primeiro dia:

O GOVERNO DO ESTADO CONSIDERA-SE DEPOSTO. O CEL. HERCULANO DE CARVALHO ASSUMIU O GOVERNO MILITAR DA CAPITAL.

Estava encerrada a Revolução sem que houvessem sido alcançados os seus objectivos, que seriam alcançados depois, pelos seus effeitos moraes, mais fortes talvez do que os seus effeitos materiaes de força.

Nesse mesmo dia entravam em Santos, dois navios da Divisão Naval Brasileira, e o tenente Coronel Indio do Brasil assumia o Governo Militar da Praça de Santos, verificando-se nessa tarde a chegada das forças do Tiro Naval de

Santos e do 8.º B. C. R., os denodados representantes do heroismo santista.

O que aconteceu depois, nos dias que succederam ao remate quasi imprevisto da Revolução Constitucionalista, foram consequencias naturaes dos movimentos desta ordem. Apóz se recolherem todas as forças em actividade, a falta de conformação geral, produzia intenso mal-estar, e o povo, deprimido e desapontado, assistia mal humorado as providencias de apóz guerra e a passagem de forças federaes, de outros Estados, que se recolhiam passando por Santos, verificando-se um ou outro attricto nas ruas. Pouco tempo, porem, durou essa anormalidade, porque tudo se foi ajustando, e, reintregue o Estado aos paulistas, desde que Santos nunca deixára de ser governada pelo Dr. Aristides Bastos Machado, amparado pelas classes productoras, a vida local assumiu os seus mesmos aspectos de antes do Movimento, como se nada houvesse perturbado a sua paz de cidade de trabalho e dynamismo.

CAPITULO XXVII

A Santos de hoje

Aspectos demographicos, económicos e sociaes. Pormenóres descriptivos. — Distribuição de actividades. — Organização e intensidade do ensino publico, municipal, estadual e particular. — Mentalidade, cultura e religião. — Monumentação publica e criterio architectonico.

Santos é hoje o grande porto de mar do Estado ,primeiro da Republica por superar em movimento o do Rio de Janeiro, e a sua renda global, produzida durante o anno de 1935, attingiu a cifra extraordinaria de quasi um milhão de contos de réis (renda portuária), o que corresponde a um volume de entradas e sahidas de mercadorias em geral, de cerca de alguns milhões de contos. Occasiões houve, mesmo, em que a affluencia de vapores ao porto foi tamanha, que congestionou a Estrada de Ferro e obrigou muitos delles a uma longa permanencia ao largo por falta de logar em seu longo cáes.

Segundo uma estatistica da Inspectoria da Policia Maritima, o movimento do Porto de Santos, durante o anno de 1935, foi de 443.782 passageiros, entre os que entraram e sahiram e os que passaram em transito, total elevado, se levarmos em conta a paralysação do movimento immigratório estrangeiro, que entrava com elevadas cifras para esta estatistica.

A Alfandega local rendeu em 1935, 460.963:009\$200, ou seja: 56 mil contos mais que a do Rio de Janeiro, e quasi o dobro das restantes Alfandegas do paiz reunidas. Sua organização é modelar, seu prédio magnifico e seu quadro de

primeira ordem. Existe entre os seus funcionarios uma Caixa que é um verdadeiro Banco, para adiantamentos e outras operações internas.

Muitos processos e casos de difficil resolução, são enviados de outras Alfandegas nacionaes, inclusivé da do Rio de Janeiro, segundo nos informaram, para serem estudados e resolvidos pelo quadro da de Santos.

A cidade de Santos, como quasi todos os portos de muito movimento, é cosmopolita, vendo-se nella gente de todas as raças e de todas as partes do mundo, não havendo idioma que não lhe seja familiar; e todos se sentem bem em seu seio, porque o seu povo é liberal, de espirito conservador, tolerante, progressista, patrióta, e sobretudo caridoso e sentimentalista.

Em sua população predomina o nucleo brasileiro, de origem ibérica, principalmente portugueza, porquanto, se a porcentagem de sangue hespanhol é grande, a de sangue portuguez é ainda maior. Entre os estrangeiros, os portuguezes são os mais numerosos, vindo depois os hespanhões, os italianos, os japonezes, os polacos, os inglezes, os alle-mães, os francezes, os syrios e os demais.

Dos filhos do paiz, os mais numerosos são os paulistas do interior, depois os nortistas (sergipanos, pernambucanos, bahianos, parahybanos, maranhenses, paraênses e amazonenses, mais ou menos por ordem), depois os mineiros e fluminenses, depois os paranáenses e catharinenses e por fim os sul-rio-grandenses.

Há muitas familias com traços evidentes da antiga raça indigena brasileira, restos ainda do caldeamento brasilico-portuguêz do littoral, assim como há também innumeras de sobrenóme estrangeiro, revelando as respectivas origens.

A sociedade santista, ainda é respeitavel, ainda se norteia por principios da velha educação portugueza, é culta, nóbre e generósa, sempre prompta a soccorrer os necessitados e a amparar as boas iniciativas, como se demonstra pela vasta obra philanthropica desenvolvida na cidade, obra quasi que exclusivamente sua. Ainda recentemente, por occasião dos grandes festejos com que commemoraram o 1.º centenario da localisação do Hospital da Misericórdia junto ao Monte Serrate, um dos scientistas estrangeiros presentes, chefe do Serviço de Assistencia Social do Uruguay, admirado do que viu em Santos nesse genero, declarou sem rebucos ou favôr, que "com um povo assim, o Brasil faria dentro em pouco a maior obra de assistencia social do mundo".



Aspecto da parte oriental da cidade, mais próxima ao centro, quinta parte talvez da área urbana actual. Ao fundo vêm-se os bairros da Bocaina e Itapema e a embocadura do rio da Bertioga, princípio do famoso lagamar de Enguaguassú.

População autochtóne propriamente, não existe, e afóra os chamados caicáras, raça marabá, que mais de perto conservam a sua origem tamoya, só uma vez ou outra apparecem em seu centro urbano alguns boróros e carijós, de Itanhaen e proximidades de Itariry, restos das antigas colonias que o Império conservava e garantia com o melhor carinho.

Pelo ultimo recenseamento ordenado e realizado pelo governo estadual, em 1935, a cidade de Santos possuia no mesmo anno, uma população de 132.942 individuos, e todo o municipio, do "José Menino", limite sul, ao rio Sahy, limite norte, a população de 142.059 habitantes, o que equivale á distribuição de 9.117 individuos pelas suas zonas, suburbana e rural. Apesar da forma por quê foi effectuado esse recenseamento, achamos fraca a estimativa, não só quanto ao total urbano, mas principalmente quando ao total suburbano e rural, pela extrema difficuldade offerecida por esta ultima zona para um recenseamento perfeito, acreditando de nossa parte e nisso acompanhados por muitos cidadãos cultos e de responsabilidade, que a população municipal de Santos, não possa ser inferior a 180.000 individuos.

Segundo o calculo dos Cartórios de Paz, existem em todo o municipio cerca de 20.000 prédios, comprehendendo os "chalets", dos quaes, 19.000 na cidade.

Económicamente e dada a falta das industrias em seus limites, como ao facto de tudo lhe vir de fóra, com o gravâ-me dos transportes que tudo encarécem no Brasil, verduras, cereaes, generos alimenticios de toda a ordem, e até flores, a vida em Santos é relativamente cara, embóra não o seja como devia e como em outras cidades do Estado e do Paiz, porquê, num balanço geral, verifica-se, que, se uns productos são aqui mais caros, outros são, em compensação, mais baratos, estabelecendo uma média razoavel e ao alcance facil de todas as classes, onde apparece como factor principal a concorrência — tal o volume verdadeiramente brutal do seu commercio de varejo, representado por centenas de estabelecimentos de todo o genero, concentrados no centro urbano ou distribuidos pelos bairros. O conforto por isso é geral, e um certo sentimento de luxo predomina em todas as classes, sendo commum ver-se domésticas trajando tão bem quanto suas patrôas, o que produz, naturalmente, uma respeitavel circulação de moêda, permittindo o desenvolvimento cada vez maiór do pequeno commercio.

Carreado pelo café, principal producto da exportação e do commercio santistas, o dinheiro é abundante na cidade, o que lhe dá um aspecto de evidente riqueza.

Um operario em Santos, com excepção dos municipaes, regula ganhar de 15\$ a 18\$ por dia, em média, e, por excepção alguns recebem 25\$, 30\$ e até mais, como os especializados em artes graphicas e outras. Os empregados no commercio varejista ou atacadista, onde as mulhéres já apparecem em grande numero, esses vencem ordenados mensaes que vão de 100\$000 a 600\$ e poucas vezes attingem esse maximo. Os empregados no alto commercio, comprehendendo café, despachos, etc., vencem mensalmente, de 80\$ e 100\$ (os meninos de recado e protocollo) até 1:500\$000 e 2:000\$000 (os categorisados, procuradores e chéfes de escriptorio) havendo tambem os que recebem 3:000\$, 3:500\$, 5:000\$, e dahi por deante, como alguns classificadores de café, gerentes ,etc., sem contar as gratificações de Balanço e as festas de Natal, que, principalmente na classe do café, salvo muitas excepções, variam entre dois e seis ordenados no primeiro caso e um ordenado no segundo. A média dos ordenados, porem, nessas classes, é de 450\$ a 600\$. Assim, sabendo-se como é elevado o numero dos que trabalham nestas actividades, facil é deduzir-se quão elevada é a importancia posta em giro, todos os mezes, dentro dos limites santistas. Neste particular, québra Santos todas as proporções e tóca o inacreditavel, visto que possuindo casas fortissimas, apresenta casos de gerentes que chegaram a receber em boas épocas, até 1.000 contos de gratificação.

As actividades porem, se repartem entre uma infinidade de profissões, todas as que normalmente caracterizam as grandes cidades. A industria portuaria e o trafego maritimo occupam milhares de trabalhadores, e os serviços publicos algumas centenas delles, comprehendidas ahi, as organizações fiscaes do municipio, do Estado e da União, que dão trabalho a outras centenas de funcionarios de categoria.

A differenciação de classes, não vae em Santos, alem da que a cultura e a fortuna, especialmente aquella, determinam. A gente culta, por seus habitos e preconceitos naturaes, procura bairros adequados para residencia e escolhe pontos de diversão para sua frequencia, emquanto a classe proletária e a classe operaria, ambas por seus motivos, procuram as suas conveniencias, favorecendo a distincção. A massa popular, não é ignorante, e geralmente conhece as primeiras letras e algumas operações de arithmé-

tica, apresentando as escolas nocturnas bastante movimento, notando-se que a maioria dos analphabetos reside entre o operariado portuguez, que, entretanto, em compensação timbra em bem encaminhar seus filhos, afim de tornal-os alguma cousa no futuro.

Todas as classes liberaes, estão grandemente representadas na cidade, contando-se por centenas, os professores, os dentistas, os engenheiros, os advogados e os médicos.

A porcentagem de analphabetos é pequena, mercê da campanha municipal e particular principalmente, que aqui se promove em favor da alphabetisação do povo, em grande parte gratuita, fazendo alguma cousa tambem o Governo Estadual, que só agora parece voltar melhor sua atenção para a segunda cidade do Estado.

Os alugueis, sem contar os "chalets" de madeira, que sêrvem de negócio para os proprietarios dos morros e de grandes glêbas de terra, e que são alugados por 100\$ e 120\$, cada um, afóra os maióres, alugados por 200\$ e 250\$, e pelos inquilinos quasi sempre sublocados a terceiros, a 60\$ e 80\$ por compartimento, variam confôrme o bairro e a proximidade dos melhores pontos da cidade, das Repartições Publicas e das grandes organizações de trabalho. No centro da cidade, por exemplo, onde em regra, só existem predios antigos e de pequeno pórté, para moradia, os alugueis mensaes regulam em 250\$, na Villa Mathias, onde elles já melhoram alguma cousa 300\$, no Paquetá 250\$, no Macuco 250\$, na Ponta da Praia 400\$, no Boqueirão 450\$, no Gonzaga 500\$, 600\$ e 700\$, no José Menino 450\$, no Marapé 200\$ e 250\$, no Campo Grande 200\$ e 300\$, na Villa Belmiro 300\$, e nas Avenidas principaes 400\$ e 500\$ umas pelas outras, comprehendidos ahi, em todos os bairros, principalmente nos chamados bairros aristocraticos, os alugueis minimos de 300\$, e os maximos de 800\$ e até 1:000\$, com excepção dos grandes prédios de hotéis e pensões, que vão de 1:000\$000 até 12:000\$000 e 15:000\$000 mensaes.

A arrecadação municipal de Santos é respeitavel, e, orçada em 1935 num total de 17.382:070\$700, attingiu porem, apenas 15.918:517\$386, verificando-se nesse mesmo anno, a despesa de 10.307:514\$203, embóra orçada antes em 17.382:070\$700, o que, como se vê, produziu um saldo de 5.611:003\$183. Si desse saldo, deduzirmos o remanescente da quota annual do Emprestimo de Consolidação de 1927, ou sejam: 5.484:199\$700, ainda assim verificaremos um saldo liquido de 126:803\$483 em disponibilidade, o que de-

monstra que toda a despesa, embóra enórme, dados os ultimos melhoramentos effectuados na cidade, foi realizada estrictamente dentro da receita fixada, com um saldo de 126:803\$483 e com o depósito de 5.484:199\$700 em Banco, para applicação em obras reproductivas como preceitua o decreto federal N.º 23.829, de 1934, não obstante a differença de 1.463:553\$314 verificada a menos na arrecadação.

O orçamento da Receita Municipal para o Exercício de 1937 attinge 18 mil e muitos contos de réis, sendo a Despesa prevista, inferior áquella em cerca de duzentos e um contos de réis, promettendo assim um pequeno saldo orçamentario.

Segundo os ultimos dados fornecidos pela Prefeitura, existem em Santos, 360 logradouros publicos, assim discriminados: Avenidas, 25 — ruas, 288 — praças, 31 — largos, 7; travessas, 7; viela, 1, e caminho 1, alem de innumeradas ruas projectadas.

Verificou-se durante o anno de 1935 um sensível augmento de construcções, tendo sido edificados nesse anno, 321 prédios novos, contra 208 no anno anterior, dando quasi a média de 1 prédio por dia, média essa que melhorou este anno, dada a fêbre de construcções que se verifica, e a rapida valorisação das cousas que se vem processando.

A cidade possui 2 estações Radio-transmissoras, e 11 cinemas, sendo 2 tambem theatros.

A illuminação da cidade é feita presentemente por cerca de 4.500 lampadas electricas, e 1.339 combustores a gaz.

A cidade é servida por duas Estradas de Ferro — a S. Paulo Railway, que a liga a S. Paulo e a todo o interior — e a Estrada de Ferro Sorocabana (Santos-Juquiá) que a liga com todo o littoral sul do Estado.

Por sua vez, varias emprezas de navegação, particular, ligam a cidade, em viagens regulares de ida e volta, por meio de "cutters" e rebocadores de carga e passageiros, a todo o littoral Norte do Estado, até Ubatuba.

A extensão das linhas de bondes que servem a cidade, attinge um total de 67.562 metros, e o material rodante da Empresa concessionaria, a The City of Santos Improvements Company, compõe-se de 211 vehiculos mais ou menos, sendo 110 carros-motores e 101 carros diversos, reboques, de carga e de bagagens. Durante o anno de 1935, os bondes de passageiros, transportaram 51.776.376 pessoas, o que representa um total de 3.002.776 passageiros a mais que no anno anterior.

Funcionam em Santos tres empresas de autos-omnibus, com tres ou quatro itinerarios e cerca de trinta carros de 20 e 25 passageiros para transporte urbano e Santos-São Vicente; e mais tres empresas do mesmo genero, com cerca de quinze "omnibus" para viagens entre Santos e S. Paulo, e Santos-Cubatão, todos muito frequentados.

A cidade serve-se actualmente, de 4.300 e poucos telephones, em linhas de assignaturas, 1.455 em linhas de extensão e ramaes, 39 mesas de P. B. X. e 22 linhas directas.

Existem cerca de 80 elevadores installados em predios locais, e na cidade circulam 3.122 automoveis, sendo 1.059 particulares, 859 de aluguel, 39 officiaes; 1.165 caminhões e 78 vehiculos motores diversos. Existem mais 896 bicycletas, 39 tricycles, 54 carros-reboques, muitas motocicletas e 1.104 carros diversos á tracção animal.

Os serviços de collecta de lixo e varrição da cidade, foram bastante intensificados, e durante o anno, foram removidos 24.452 carros de lixo domiciliar, feitas 1.115 remoções especiaes e 6.755 remoções de varreduras da cidade.

O serviço de abastecimento de carnes á cidade, feito pela Companhia Frigorifica, arrendatária do Matadouro Municipal, constou durante o anno de 1935, da matança de 42.881 bois, 8.398 porcos, 692 carneiros, 199 vitellas, 104 leitões, 23 caprinos — e para exportação: 1.588 bois e 10 porcos, attingindo as taxas arrecadadas, a importancia de 292:338\$500, com um acrescimo de 12:050\$200 sobre o anno anterior.

Nos cemitérios municipaes foram feitas 2.634 inhumações, sendo 1.431 de adultos e 1.203 de menóres, durante o anno de 1935.

O serviço de apprehensão de animaes nas vias publicas, attingiu o numero de 2.417 cabeças de varias espécies, o de apprehensão a ambulantes clandestinos, a 243 volumes, o de vehiculos a 137, e o de carnes frescas abatidas clandestinamente a 18 casos.

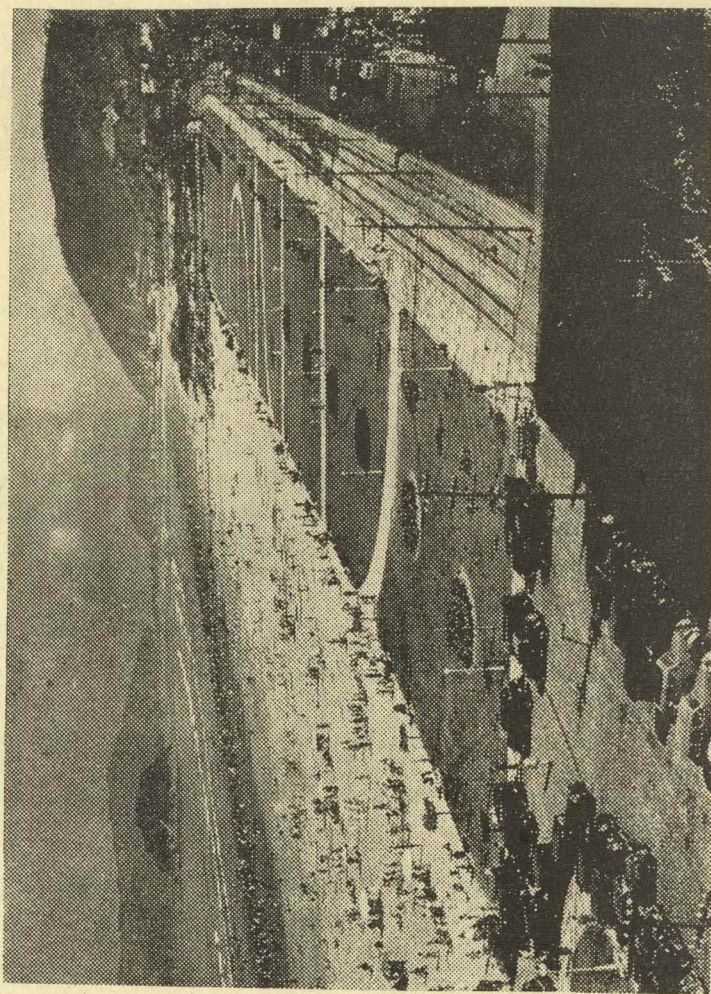
Pelo Corpo Municipal de bombeiros foram prestados soccorros a 20 incendios e pelo Corpo de banhistas municipaes, foram feitos 17 salvamentos na praias.

Nesse mesmo anno, a Banda Musical do Corpo de Bombeiros, effectuou 101 concertos publicos, servindo ainda em mais 55 serviços diversos.

O serviço do Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, accusou durante o anno de 1935, um movimento de 55.722 processos, sendo iniciados nesse anno, 13.658 pro-

cessos novos, attingindo a correspondencia official do Prefeito, um total de 1.119 officios e memorandos.

Em Santos não há miséria, já pela densidade enórme do trabalho, já pela grande rêde de assistencia social que bene-



Uma visão parcial das praias santistas chamadas "do Gonzaga" e "do José Menino" com seus excellentes logradouros.

ficia a sua população póbre, amparando-a e assistindo-a em suas enfermidades e em todas as suas necessidades phisicas e moraes; e a mendicancia que se observa pelas ruas, é em geral compósta de falsos necessitados, de viciados e de ma-

landros, em geral vindos de outros paizes e de outras cidades para explorar o veso da esmóla que caracteriza o povo local.

Existem em Santos, innumeros clubes esportivos e associações de varios generos, esportivas, sociaes, recreativas, beneficentes, religiósas, instructivas e culturaes, que trazem em actividade constante, physica, mental ou espiritual 50 ou 60 % da população.

Segundo o calculo de conhecido editor brasileiro, proporcionalmente, Santos é uma das três cidades onde mais se lê no Brasil, formando ao lado de S. Paulo e Rio de Janeiro. Alem de grande consumidora de jornaes e revistas de S. Paulo, do Rio de Janeiro, de Buenos Aires, de Londres, de Paris, de Roma, de New-York, de Madrid, de Lisbôa, e de outras grandes cidades do mundo, mantem cinco jornaes, dois de grande, um de média, e dois de pequena circulação, e mais tres ou quatro revistas mensaes, alem de outros pequenos organs, sustentando seis ou oito grandes livrarias, de muita frequencia, que distribuem obras de todos os autores conhecidos, de quasi todos os paizes e muitas em seu idioma original, alem de algumas pequenas livrarias dedicadas ao genero escolar. O romance é aqui, como em quasi todas as cidades do mundo, o genero de literatura preferido, principalmente o de aventuras e os de amor, vindo depois, os contos, as obras de história, as narrativas, as chronicas, os versos e as sciencias em geral.

Apezar de existirem algumas bibliothécas, como a Municipal, com cerca de 8.000 volumes, obras algumas de grande valor e utilidade, a da Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio, a maior e a mais frequentada, com cerca de 18.000 volumes, a da Sociedade União Operaria, com cerca de 10.000, a da Irmandade de São Francisco da Penitencia, com cerca de 4.000, timbrando em qualidade e organização, a da Sociedade Beneficente D. Pedro II, com cerca de 3.000, e outras particulares, algumas importantes e numerosas, nota-se cada vez mais a falta de bibliothécas publicas, que permittam ao povo o accesso facil a obras quasi sempre fóra do seu alcance ou ainda raras no mercado bibliographico, e reconhece-se que esse é um dos factores que tem impedido um maior desenvolvimento cultural da população, assim mesmo grande.

Há muitos professores de linguas em toda a cidade, e é commum em Santos, uma moça ou moço, fallar de um a tres idiomas, e lêr ou entender o francez, o castelhano, o ita-

liano, o inglez e o allemão, alem de outras linguas menos communs. O gosto pela leitura, o progresso, o cosmopolitismo da cidade, e a necessidade imposta pela vida, cada vez mais exigente para o homem do século, são os principaes elementos na formação desse aspecto cultural de uma grande parte do povo.

A arte é praticada com intensidade, havendo professores de musica, de canto, de pintura e de esculptura em numero animadôr, contando-se por centenas os seus praticantes e por milhares os seus apreciadores. A mentalidade artistica da cidade, porem, soffre o predominio espirital da vulgaridade, notando-se na aquisição das musicas, dos discos, e nas irradiações das duas Estações transmissoras da cidade, esse mesmo predominio, adaptando-se extranhamente o ambiente musical santista ao paladar da massa, da burguesia e do operariado em geral sem cultura, ao vez de adaptar-se o paladar dessa mesma massa, ao ambiente santista, representado pelos 30 % da sua população culta e bem orientada. Isso, porem, é um detalhe social, que, com o tempo, por certo se modificará, e então a musica fina e a grande arte, que em outros paizes entram como elemento de educação para os povos, tambem aqui será melhor comprehendida.

Tendo evoluido a mentalidade social da cidade, admittem-se hoje, como cousas naturaes, as idéas avançadas, as theorias mais varias no campo religioso ou sociologico, e, as reformas operadas nos costumes, admittindo-se sem repulsa ou censura, o que ainda há quinze annos considerava-se escandalo e mau exemplo ou crime contra a moral commum, começando pelas modas, pelas pernas nús em plena cidade e terminando pelas roupas de banho, que são, no momento, as mais precárias possiveis, acompanhando o exemplo americano transmittido pelo cinema ou pelas revistas de actualidades.

A religião predominante em Santos é a Catholica Romana, que totaliza uns 80 % da população, cabendo 10 % aos protestantes, 5 % a outras religiões, e 5 % aos atheus e livres pensadores. Não há na cidade intolerancia religiosa, fanatismos ou excessos de pratica, e o proprio Cléro, embóra góse de prestigio em seu circulo, não exerce como antigamente o dominio das familias por intermédio dos confesores, e as religiões por isso, vão se tornando praticas naturaes, derivativos espirituaes necessarios, e meios racionaes acceitos com mais verdade, contra a degradação do povo, a québra

definitiva das tradições e a revogação da moral social e dos bons costumes.

Séde de um Bispado há pouco mais de dez annos, conta a cidade actualmente, com cerca de 15 Igrejas cathólicas e umas 6 capellas, tres ou quatro igrejas protestantes, alem de uma lojas theosóphicas, espiritas, maçonicas ou de outras praticas e seitas. Entre as Igrejas e Capellas catholicas, contam-se alguns monumentos antigos, representantes dos primeiros séculos brasileiros, como o Mosteiro de São Bento, a Igreja de Santo Antonio do Vallongo, o Convento do Carmo, a Capella de N.^a S.^a do Monte Serrate e a de Santo Amaro (junto á Fortaleza da Barra Grande) esta em ruinas, alem das demais, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, a Cathedral, a de Nossa Senhora do Rosario, a de S. Francisco de Paula (junto ao hospital da Misericordia), a do Coração de Maria, a de Santo Antonio de Embaré, a de São José (no Macuco), a de Nossa Senhora da Pompeia, a do Coração de Jesus, e as Capellas de Santo Christo (no Cemitério do Paquetá), a de Santa Cruz (na Villa Mathias), a de Santa Therezinha (no alto do morro do Cutupé ou do Loureiro), a de **Santa Cruz dos Navegantes** (na ilha de Santo Amaro), uma no Guarujá, e as particulares dos Collegios "Stella Maris", "São José", "Coração de Maria", e "Asylo de Orphãos", todas com bastante capacidade.

A instrucção, bastante diffundida em Santos, conta com uma grande rêde de escólas primárias, municipaes e estaduais, contando-se entre as municipaes: O Grupo Escolar Olavo Bilac, com 8 classes diurnas e 3 nocturnas, as primeiras, creadas pela Lei 97, de 12 de Maio de 1897, e as segundas pela Lei 320, de 5 de Agosto de 1908; o Grupo Escolar "Auxiliadora da Instrucção", com 2 classes nocturnas e 8 classes diurnas, as primeiras, creadas pela Lei 97, de 12 de Maio de 1897, e as segundas pela Lei de 1 de Agosto de 1914; o Grupo Escolar do Campo Grande, creado pela Lei 181, de 23 de Junho de 1902, cursos masculinos, e cursos femininos creados pela Lei 570, de 29/10/914, e Mixto, pela Lei 550, de 28 do mesmo mez e anno; a Escola de Santa Maria, cursos masculinos creados pela Lei 171, de 12 de Março de 1902, e femininos pela Lei 509, de 31 de Outubro de 1912; a Escola Visconde do Embaré, cursos femininos creados pela Lei 181, de 23 de Junho de 1902, e masculinos, pela Lei 292, de 2 de Janeiro de 1908; a Escola da Enseada da Bertioga, de curso mixto, creada pela Lei 175, de 30 de Abril de 1902; a Escola

da Bertióga, cursos masculino e feminino, creada pela Lei 242, de 14 de Novembro de 1906; a Escola de Jabaquára, curso feminino creado pela Lei 272, de 3 de Julho de 1907, e masculino, creado pela Lei 417, de 12 de Setembro de 1910; Escola de Itutinga, curso mixto, creado pela Lei 272, de 3 de Julho de 1907; Escola de Cubatão, curso mixto, creado pela Lei 290, de 27 de Novembro de 1907; Escola da Raiz da Serra, curso mixto, creada pela Lei 427, de 31 de Outubro de 1910; o Grupo Escolar "D. Lourdes Ortiz", com 6 classes, creado pela Portaria 104 de 11 de Agosto de 1928, e o Grupo Escolar da Villa Macuco, com 8 classes, creado pela Portaria n.º 12 de 27 de Março de 1933, e a Escola Municipal de Cachoeira, na ilha de Santo Amaro, recentemente installada perfazendo um total escolar de 2000 individuos approximadamente.

As Escolas estaduais são diversas, e estão representadas em Santos, por uns oito Grupos officiaes, e cerca de vinte e quatro escolas isoladas, constando entre os primeiros, o "Grupo Escolar Cesario Bastos", a "Escola Barnabé", o "Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo", o "Grupo Escolar Dr. Dino Bueno", o "Grupo Escolar Marcilio Dias", a "Escola Braz Cubas", o "Grupo Vicente de Carvalho", o "Grupo Bartholomeu de Gusmão" e o "Grupo Escolar Azevedo Junior", totalizando grupos e escolas isoladas, uma população escolar de cerca de 8.000 individuos. Além destes, existem agora, mais: o "Gymnasio do Estado", cujo edificio proprio, construido a expensas dos cofres municipaes, déve ser inaugurado em principios de 1937, com elevada matricula, e a "Escola Profissional Escholastica Rosa", com cerca de 1.200 alumnos, além do Instituto de Pesca Profissional, instalado na "Escola de Pesca", com algumas classes de ensino primario e outras dezenas de alumnos.

Mais numerosos são os collegios particulares, de ensino primário e secundário, commercial, gymnasial e preparatórios, contando-se entre elles o grande "Collegio S. José", com varios cursos, gymnasio federal e Escola Normal livre, o "Collegio Stella Maris", dirigido por freiras "des Oiseaux", ambos com internato, semi-internato, externato e pensionato, o velho "Gymnasio Municipal Santista", equiparado, a "Associação Instructiva José Bonifacio", com diversos cursos e tres periodos, equiparado e com Escola Normal annexa, o "Atheneu Santista", o velho "Lyceu Feminino Santista", com curso de professoras municipaes com preferencia nas nomeações dentro da esphera do municipio, a "Casa de Nossa Se-

nhora das Lagrimas", o "Collegio Anglo-Americano", o "Collegio Allemão", o "Collegio do Immaculado Coração de Maria", o "Gymnasio Tarquinio Silva", o "Gymnasio Luso-Brasileiro", todos grandes e de matricula elevada, com varios cursos e periodos categorisados; o "Instituto Educacional", antigo "Instituto Guiomar", o "Lyceu São Paulo", a "Sociedade Amiga da Instrucção" com cinco ou seis escolas gratuitas, incluindo fornecimento de livros; o "Instituto Braz Cubas", a "Escola União Operaria", as tres ou quatro escolas da "Associação Civica Feminina", o "Collegio Catunda", o "Collegio da Immaculada Conceição", o "Educandario Paulista", o "Educandario Santista", o "Curso Nocturno Santo Ignacio" e "Curso Livre de Commercio" da Congregação Marianna", o "Lyceu Coelho Netto", o "Externato Santa Cruz", o "Collegio Anjo da Guarda", o "Instituto Brasil", o "Collegio Nossa Senhora do Carmo", o "Collegio Independencia", o "Collegio Souza Cruz", o "Collegio Santa Cecilia", o "Externato Lameira", o "São Benedicto", a "Escola Santa Luzia", as classes mantidas pela Sociedade Italiana de Beneficencia, pela União Operaria, pelo "Fascio e Dopolavoro" e mais algumas Sociedades coloniaes, e mais alguns collegios perfazendo com os anteriores uma população escolar de 25.000 individuos, alem da "Faculdade de Pharmacia e Odontologia de Santos já reconhecida e officializada.

As organisações de cultura são varias, abrangendo arte e literatura em todas as suas modalidades.

O ambiente cultural da cidade é grande portanto, e conta com figuras altamente expressivas do indice artistico do Estado, como os grandes pintores D.^a Guiomar Fagundes, Marquez Bigio de Gerardenghi, Gentil Garcez, seus alumnos e mais innumerados desenhistas e caricaturistas, muitos compositores e professores de canto e piano, e numerosos literatos, entre os quaes destacamos: Martins Fontes, o glorioso autôr de Verão, e outras sessenta e muitas obras que enriquecem a bibliographia brasileira; Agenor Silveira, renomado escriptor, autôr de "Quatro Contos" ou "Moéda Antiga", de 1912, "Versos de Bom e Mau Humor, de 1918, "Rimas", de 1918; "Ouro de 24" e "Collocação dos Pronomes" de 1927 e 1928; Valdomiro Silveira, irmão do precedente, tambem escriptôr de notoriedade, autôr de "Poetas de Sertão" opusculo publicado em 1912; "Nas Serras e nas Furnas" e "Os caboclos", reputados como obras primas de literatura regional; Freitas Guimarães (Dr.

José de Freitas Guimarães), conhecido escriptôr e poeta, autôr de "Estrophes", "Musa Nova", "Fuga das Horas", "Ainda...", "Trechos do Chantecler" (todos versos), "A Intervenção em Direito Internacional" e "O Realismo Positivista no Direito Publico" (Obras Juridicas) e mais "Discursos e Conferencias" (annunciado para breve). Freitas Guimarães é membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Almeida Garrett, do Porto, do "Collegio Haroldico de Roma", Commendador da Ordem de S. Gregorio Magno, tendo recebido a Cruz Pro-Ecclesia et Pontifice de Pio X; Albertino Moreira, autôr de "Vôo Nupcial", "Terra de Ninguém" e outras; Dr. Ranulpho Prata, médico, radiologista, escriptor de nomeada, autôr de: "O Triunpho", "Dentro da Vida", "A longa estrada", "A jagunça", "O lyrio na torrente" e "Lampeão", quasi todos romances; Edmundo Amaral, autôr de "Rotulas e Mantilhas", contos históricos; Mariano Gomes, autôr de "Suavium", poesias, e brevemente de "Rondeis"; Tito Marcondes, autor de "Naus Errantes", poesias, e brevemente de "Araucaria"; Dr. Alberto Leal, escriptôr; Nicanor Ortiz, autôr de "Primeiro Olhar", contos históricos, e "Marilia de Dirceu", romance histórico; Heitor de Moraes, poeta e conferencista, autôr de "Patria redi-viva", "Ruy Barbosa", "Pagina de Saudade", "Guerra Junqueiro", "O caso de Nissin Reissmann", "Viajando Martim Francisco" (defesa deste paulista desaparecido, das diatribes de Agripino Grieco), e brevemente de "Verso... marulho"; Cid Silveira, poeta, autôr de "Poemas da minha saudade"; Octavio Veiga, jornalista de nome, ex-redactor-chefe d'"A Tribuna" e depois Director-Technico d'"O Dario", sem obras publicadas; Molina Cintra, jornalista e escriptor; Alvaro Augusto Lopes, escriptôr e poeta, critico literario e chronista social d'"A Tribuna"; Manoel Moreira, autôr de "Jardim Sonóro", versos; Dr. Alvaro de Carvalho, professor e escriptôr, autôr de "Revelações do "Eu", "Ensaio de Psychologia sobre Augusto dos Anjos", "Ensaio de critica e esthetica", "Ensaio de critica" e outros; Benedicto Merlin, autôr de "Contos Regionaes", prósa; Delphino Stockler de Lima, Inspector Municipal da Instrução, poeta e escriptôr, autôr de algumas produções em prósa e verso; Dr. Alberto Assumpção, autôr de "Sakountala" e outras óbras em prósa e verso; Jayme Franco Junot, jornalista e escriptôr, autôr de "Terras de Amor" (Impressões de viagem) e brevemente de "Memória histórica da Beneficencia Portuguesa de Santos"; Carvalhal Filho, escriptor e orador; Edmundo de

Queiróz, autôr da "Chorographia do Estado de S. Paulo"; Pedro Neves, autôr de "Modelos para Inqueritos Policiaes"; Lincoln Feliciano, escriptôr e poéta, sem obras publicadas; Gil Rodrigues, autôr de "Caf-Int", jornalista, e escriptôr e mais alguns outros que talvez nos escapem, alem do nucleo numeroso de médicos, engenheiros, advogados, jornalistas e simples funcionarios do commercio, de muita erudição e cultura, collaboradores avulsos dos jornaes locais e paulistanos, figuras marcantes da sociedade local, que timbra, em seguir de perto as sociedades mais cultas da America, formando um ambiente respeitavel.

A monumentação publica de Santos, conta com poucos exemplares, mas todos de bom aspecto e effeito, citando-se o Monumento dos Andradas, na Praça da Independencia; o de Bartholomeu de Gusmão, no antigo Largo do Rosario; o dos fundadores da Cia Docas — Gaffrée e Guinle —, na praça Visconde do Rio Branco; o de Xavier da Silveira, na praça Mauá; o de Braz Cubas, na praça da Republica, e a herma de Fabio Montenegro, na praça dos Andradas, sendo provavel que, em breve, conte tambem com o monumento a Vicente de Carvalho, e com o "dos mortos da Revolução Constitucionalista de 1932".

A edificação da cidade, outróra obediente ao estylo charro e vulgar do fim do século passado, embóra ainda hoje siga os dictames do critério excessivamente commercial dos capitalistas locais, que consiste em gastar pouco e fazer render muito, já vae ganhando fóros de modernista, contando com muitos prédios importantes, de tres a cinco andares, de cimento armado em geral, como o Atlantico Hotel, o novo Parque Balneario, o Santos Hotel, o Palace Hotel, o Hotel Deodóro, o Washington Hotel, os predios de appartamenti das nossas praias, o Palacio da Bolsa, a Alfandega, o grupo "Cesario Bastos", o Asylo de Orphãos, os Collegios "Stella Maris" e "São José", o palacete Julio Vianna, o predio Braz Cubas, o edificio da Casa Allemã, os palacetes Pedro dos Santos, a Associação Commercial, o Banco do Commercio e Industria do Estado de S. Paulo, o Edificio dos Correios e Telegraphos, a Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio, a Beneficencia Portuguesa, os dois hospitaes da Santa Casa da Misericordia, o Moinho Santista, o Moinho Paulista, a nova Caixa Económica Estadual, o Escriptorio da Cia Docas, o Telegrapho Inglez, o novo Gymnasio do Estado e outros, que ao que parece, serão accrescidos em brève, com o novo Palacio da Municipalidade e o Edificio do Fo-

rum, ambos installados agora em predios velhos e quasi im-
prestaveis e mais o Edificio Sulacap, em inicio de construcção.

O mesmo se observa tambem com relação aos prédios residenciaes, que vão surgindo com linhas modernas e architectura apreciavel, em varios estylos, desde o neo-colonial, o colonial portuguez puro, o colonial mexicano, o americano de varios typos, e outros, nas avenidas, ruas principaes dos bairros mais aristocraticos, e nas praias, substituindo as velhas construcções sem estylo algum e sem esthetica.

As praias da cidade, que são como extensos passeios asphaltados, outróra abandonadas e invadidas de feios jundús, estão agora quasi totalmente ajardinadas, formando com a fonte luminósa do Gonzaga um bellissimo conjunto de belleza e esthetica urbanas, de que a photographia que estampamos dá uma pallida e ligeira idéa.

Como cidade de turismo, um vasto campo de curiosidades póde Santos expôr aos seus visitantes, como os panoramas offerecidos pelas duas Estradas de Ferro que a servem, a S. Paulo Railway e a Estrada de Ferro Sorocabana; com os seus recantos naturaes de Cubatão, Bertióga, Jurubatuba, Guarujá, Tartarugas, Monduba, Guayuba, Indayá; com a visão de suas ruinas até hoje abandonadas e dos seus bons aspectos urbanos.

Bem governada e orientada como vem sendo nestes ultimos annos, Santos é a cidade do futuro, porquê suas energias e resérvas moraes. intellectuaes e económicas são immensas e lhe promettem um logar cada vez melhor no concerto das grandes cidades brasileiras, na altura da sua tradição e do seu passado.

CAPITULO XXVIII

“De Viris Illustribus Urbis Santos”

GALERIA BIOGRAPHICA SANTISTA
1573 - 1903

DUAS PALAVRAS

Resolvemos encerrar esta obra com a galeria biographica dos Santistas de todas as épocas, em evidencia civil ou militar, intellectual e moral, cuja citação pudésse de alguma forma, honrar a terra em que elles nasceram. Nenhum remate, acreditámos, seria melhor para a nossa "Historia", e assim, entregamos ao nosso publico e á posteridade este acervo social que, indiscutivelmente representam estes oitenta e poucos nomes, organizados, concatenados, reunidos com a collaboração dos vivos e dos mortos, testemunhas, parentes, collegas, depoentes, biógraphos e historiadores, rebuscados em dezenas de fontes, das melhóres e das mais legitimas.

Alguns nomes possivelmente escaparam ás nossas pesquisas, e de outros não conseguimos notas sufficientes para uma realisação biographica digna de livro, e por isso apenas deixam de figurar entre os nossos biographados. Neste ultimo caso estão os santistas: Dr. João Guerra inspirado poeta, jornalista, vulto da Abolição e da Republica — Dr. Alexandre Martins Rodrigues, jurisconsulto muito citado, jornalista, escriptôr, abolicionista histórico — João Octavio dos Santos, abolicionista histórico, philanthropo, homem publico, animador e fundador de Instituições de assistencia e progresso social, creador do Instituto D.^a Escolastica Rosa — Roberto Maria de Azevedo Marques, poeta, jornalista, autôr de "O Lenço de Luiz XIV" — Oscar Ferreira, o notavel

musico, autôr de tantas preciosidades de composição e entre ellas a tradicional Valsa Club XV Valentim de Moraes, inspirado poeta e jornalista, autôr da famosa e sempre lembrada columna critica da "A Tribuna" "Rabujices do Velho Tinoco", diária e em versos — todos desaparecidos.

Neste caso ainda e alem destes vultos do passado, conta Santos no registro de seus filhos vivos, como cidade irradiadora de valores em varios ramos da actividade humana, com um nucleo de cidadãos cuja naturalidade não deve ficar esquecida, embora produzam em outros ambientes em sua maioria, como por exemplo: Amando Fontes, escriptor em evidencia nos altos meios intellectuaes no Rio de Janeiro, autôr de "Os Corumbas", óbra premiada pela Academia Brasileira de Letras, de "Rua do Siriry" e mais algumas, actualmente Deputado pela Bahia, ao que nos consta — Dr. Fontes Junior, vulto republicano e personalidade politica em evidencia durante muitos annos em S. Paulo — Dr. Eurico Sodré, jurista de notório saber, intellectual de apreço e tribuno de nóme em S. Paulo — Cumba Junior, inspirado poeta — Dr. Edmundo Amaral, escriptôr, autôr de "Rotulas e Mantilhas", contos históricos — Dr. Samuel Ribeiro, engenheiro e organisador, fundador e director da Revista de alta cultura "Intelligencia" em S. Paulo, grande protector das Letras e das Artes paulistas — Dr. Heitor de Moraes, escriptor, poeta e orador, autôr de varias óbras e conferencias — Octavio Veiga, jornalista antigo e de nóme, ex-redactor chefe d'"A Tribuna" e ultimo Director technico de "O Diario" — Dr. Gastão Ayres, acatado cirurgião, fundador da "Casa de Saude de Santos", e esse venerando Candido de Carvalho, residente no Rio de Janeiro, vulto inescuecivel das campanhas da Abolição e da Republica, capacidade encyclopédica e grande character luctador da velha imprensa local — "OPatriota" e "A Idéa Nôva" em 1884 — "O Domingo" em 1878 — "A Evolução" em 1886, o "Diario da Manhã" em 1890, ao lado de Vicente de Carvalho, Silva Jardim, Hyppolito da Silva, Sylberio Fontes, Alberto Souza e tantas outras mentalidades

e assim mais alguns, cujos nomes talvez nos escapem no momento. (1)

Mas, varios nomes existem tambem, que não constam da nossa galeria biographica, embóra constem da nomenclatura urbana santista e figurem como conterraneos na convicção de uma parte do povo local que não póde distinguil-os — e isto — simplesmente porque, apesar de terem desenvolvido toda sua actividade em Santos, toda sua capacidade, todos os seus bons actos e grande parte da sua vida, participando muitos delles dos ultimos tempos históricos e sociaes da cidade — de facto não eram santistas — e entre estes (para orientação da posteridade) temos o dever de citar: o Visconde de Vergueiro, filho de Nicolau Vergueiro, intelligencia vasta e notavel cultura, ambas favorecidas por uma fortuna que lhe permittia viagens por todo o mundo e actos de benemerencia, fundador da Associação Commercial de Santos, vereador e presidente de varias Camaras santistas, a quem a cidade déve tantos beneficios, e a quem São Paulo déve a formação de Benedicto Calixto, porque foi quem sustentou de seu bolso o depois famoso pintôr de Itanhaên, em seus estudos na Európa; Julio Ribeiro, o philólogo notavel; Rubim Cesar, o tribuno eloquente e abolicionista de grande acção; os dois grandes Martin Francisco, Filho e Sobrinho; Silva Jardim, o apóstolo da Republica, paladino da Abolição em Santos, escriptôr emérito, professor e jornalista.— Benedicto Calixto, pintôr famoso e historiador paciente, que illuminou em suas telas, grande parte do passado santista, conservando para a posteridade os velhos aspectos da cidade e os seus velhos prediôs coloniaes que o progresso destruiu; o Dr. Cunha Moreira, scientista e philanthropo; o Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane notavel vulto do 2.º Império; o Dr. Manoel Maria Tourinho, scientista e philanthropo, chefe politico republicano,

(1) Garantiram-nos a ultima hora pessoas de inteira respeitabilidade que o Marechal Caetano de Faria, grande figura militar do Brasil, éra santista. Não sabemos por emquanto, até onde vae a verdade desta affirmativa, limitando-nos portanto a este registo, sob a devida reserva, até opportunas indagações.

vereador e Presidente de varias Camaras santistas; Almeida Moraes, historiographo, presidente de Camaras e prefeito da cidade; Drs. João e Manoel Galeão Carvalhal, Dr. Raymundo Sóter de Araujo, scientista e philanthropo, sociologo, jornalista vereador e nulto da Abolição; Dr. Sylvério Fontes, sociólogo, livre-pensador, abolicionista, jornalista e grande philanthropo; todos desapparecidos, veneráveis e finalmente — Julio Conceição, ainda vivo, benemerito da cidade e do Hospital da Misericordia, figura central da campanha abolicionista de Santos, membro do Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo, fundador da Sociedade Protectora dos Animaes, e autôr de alguns opusculos scientificos e biographicos.

As personalidades por algum titulo illustres do momento, comprehendidas tambem neste caso, integrantes da sociedade santista actual por uma permanencia de quinze, vinte e trinta annos, foram citadas com muita justiça em nosso ultimo capitulo — SANTOS DE HOJE — no ponto em que commentámos a cultura e o ambiente intellectual da cidade neste presente de 1936.

Não há de faltar quem nos censure por havermos incluido nesta Galeria Biographica, cidadãos ainda vivos. Talvez tenha sido isso um erro, mas não nos penitenciamos delle, porquê pensamos de modo differente. A vida não pode ser impecilho á commemoração de merecimentos postos á prova. A virtude e a illustração não são privilégios dos mortos, e a justa e sincera exaltação dos vivos é sobre ser um dever, um estímulo aos valores novos para a corrida do futuro e para o enriquecimento social da patria, por parte de quantos se dediquem ao estudo e ás pesquisas da historia geral ou particular, do paiz ou de seus Estados e Municipios.

O exemplo quasi sempre fructifica, e assim, quizémos tambem incluir neste Capitulo, os ensinamentos contidos na vida dos santistas vivos, entregando o seu conhecimento ao dominio das gerações actuaes, justificando desta forma, a nossa decisão.

VENERAVEL ANDRÉ DE ALMEIDA

André de Almeida foi o Anchieta santista, apóstolo da catechése e da primeira civilização brasileira, gravando-se o seu nome em letras de ouro na história jesuítica do Brasil inicial.

Nasceu André de Almeida na primitiva Villa de Santos, no anno de 1573, como filho legitimo do Fidalgo da Casa Real, Antonio Rodrigues de Almeida, Capitão-mór de São Vicente, residente em Santos, e de Da. Maria Castanho, de alta linhagem lusitana.

Tomou os primeiros ensinamentos no Collégio de Piratininga, onde também aprendeu o latim, tomando a roupeta de jesuita no anno de 1589, com dezesseis annos de idade.

Homem de grande intelligencia e virtudes extraordinarias, conta o Padre Simão de Vasconcellos, o illustre chronista, que foi Provincial da Companhia no Brasil, no Cap. IV do Liv. II, Fls. 26v., da sua "Chronica da Companhia de Jesus", publicada em Lisboa em 1658, o seguinte, a seu respeito.

'Outro varão insigne foi o padre veneravel André de Almeida de mui saudosa memoria em toda esta Provincia, de cujas exemplares virtudes fizêra de boa vontade uma larga relação; porem, como é meu intuito sómente dar breves noticias dos varões que nestas aldêas concorreram, de cujo exemplo o nosso irmão se aproveitou tanto, direi sómente por ora, que foi em tal gráo a santidade deste padre, que o comparam ordinariamente ao mesmo padre João de Almeida, e não é pequeno abono de sua virtude. Foi extremado em todas as virtudes, mas entre ellas floresceu nelle particularmente uma caridade e zelo entranhavel da conversão e salvação dos indios, com o qual 60 annos que esteve na Companhia, quasi todos gastou entre elles, e destes mais de 20 nas aldêas do Espirito Santo. Gastava muitas hórás do dia e da noite na contemplação de Deus. Era notavelmente aus-

téro para comsigo mesmo e sobremaneira affavel com os outros; delle se contam muitos sentimentos de Deus e casos prophéticos. Acabo com dizer que tinha tal conceito de sua santidade o outro Almeida, que trazia um dente seu como reliquia nestes ultimos annos de sua idade e que com elle obrou alguns casos maravilhosos de cura, applicando-o a alguns doentes. De Almeida a Almeida pouca differença vae, e se ambos se confundiram nos nomes, não é muito se não distingam nas virtudes. Faz, porem, muito naquelle varão, o conceito grande que o Padre João de Almeida, quando já velho e tão experimentado em espirito, concebia delle, que chegou a dizer em seus escriptos as palavras seguintes:”

“O padre André de Almeida, unica pedra preciosa e de muita estima de Deus, pelo qual o Senhor tem feito, faz e há de fazer muitos bens de muita gloria sua e honra desta provincia e de toda a Companhia, como Deus Nosso Senhor irá descobrindo algum tempo.”

Onde Anchieta gastou os ultimos dias de sua vida, foi consumir tambem o illustre padre santista, grande parte da sua existencia, entregue aos sacrificios da catechése, soffrendo as agruras daquella vida de devotamento e sacrificio em favor do paiz e da civilização, mais do que da propria Igreja.

O veneravel André de Almeida falleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 22 de Janeiro de 1649, aos 76 annos de idade, sendo sua morte extremamente sentida, ficando enterrado na capella do proprio Collégio local.

PADRE DR. GASPAR GONÇALVES DE ARAUJO

Nasceu em Santos, a 4 de Maio de 1661, como filho legitimo do Capitão Gaspar Gonçalves de Araujo e de Da. Marianna Bueno, sendo seu avô matérno Amadôr Bueno da Ribeira, o Acclamado.

Fez os seus primeiros estudos no collégio dos jesuitas em Santos, passando depois a Coimbra onde ingressou na famosa Universidade, formando-se tempos depois em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Lógo depois de formado voltou ao Rio de Janeiro onde abraçou o estado ecclesiastico, sendo nomeado vigário da sua terra natal, para onde voltou então, apóz uma ausencia de déz annos.

Por delegação do bispo D. Francisco de S. Jeronymo foi nomeado visitador geral das villas do Sul, até o anno de 1706, em que mudou-se para a Bahia, onde dedicou-se á advocacia e soube grangear reputação entre os homens mais illustrados do paiz, pelo que éra frequentemente consultado pelo arcebispo, desembargadores e funcionarios publicos, tornando-se naturalmente o conselheiro geral de quantos possuiam qualqér duvida a resolver.

Convidado pelo bispo do Rio de Janeiro para occupar as varas de provisor e vigario-geral de seu bispado, deixou a Bahia e exerceu aquelles cargos conjunctamente com o de conego thesoureiro-mór da Sé do Rio de Janeiro, para que foi nomeado a 26 de Maio de 1748, servindo tambem com os bispos D. Fr. Antonio de Guadalupe, D. Fr. João da Cruz e D. Fr. Antonio do Desterro, tendo sido dos dois primeiros o procurador que por elles tomou posse, e, por ausencia de ambos ficou governando o bispado.

Suas virtudes, diz Azevedo Marques, bem como a reputação que soube grangear, de talento e erudição, mereceram-lhe honrosa menção na BRASILIA PONTIFICIA, onde é tratado CATHEDRALIS SUÆ DECANO DIGNISSIMO.

Com outros termos semelhantes, recommendou-o tambem á posteridade o magistral José Joaquim Pinheiro, na lembrança que escreveu ao bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, onde, referindo o interesse deste prelado em conhecer por si a idoneidade dos parochos, disse:

“...Entre os quaes foi o sapientissimo Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, varão cértamente digno de século mais attento e gloria perduravel...”

O Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo é citado por todos os chronistas como um notavel brasileiro, uma das grandes luzes intellectuaes do século dezeséte, parte eminente da época gusmoniana na cidade de Santos.

Falleceu este santista na cidade do Rio de Janeiro, a 25 de Outubro de 1754, na idade de noventa e tres annos.

CAPITÃO ANTONIO GONÇALVES FIGUEIRA

Nasceu em Santos pelos annos de 1665 e foi um dos mais eminentes desbravadores de sertões, bandeirante na mais lidima accepção do vocábulo, sendo filho legítimo de Manoel Affonso Gaia e de Da. Maria Gonçalves Figueira, gente de conhecida nobreza.

Diz Azevedo Marques, de quem extrahimos estas notas biográficas, que, pela carta que o mesmo obteve de capitão de infantaria e ordenanças dos moradores do sitio e barra da Bertióga, datada de 5 de Março de 1729, e registrada na Secretaria do Governo de São Paulo — livro 3.^o — sabe-se que:

“Foi das principaes familias da dita Capitania, e que havia servido em praça de soldado e alfêres de infantaria do terço, que se formou em São Paulo no anno de 1689, do qual fôra mestre de Campo Mathias Cardoso de Almeida, e que, por ordem do Governo passára para o sertão do Rio Grande, districto de Pernambuco, a castigar o barbaro gentio pelas mortes e insulto que executavam contra os moradores daquelle vasto sertão, levando 12 arcabuzeiros dos mais destros, seus escravos, e com elles acudio em pessoa em todas as occasiões que se offereceram. Que passando com o seu terço pelo rio Jaguaribe, tendo o mestre de campo noticia de que o gentio era muito numeroso, de sorte que bastava a multidão para se perder a victoria pela total desigualdade do campo do inimigo, estendendo-se até á Capitania do Ceará, que assás gemia opprimida dos mesmos barbaros, querendo a um tempo acudir com limitadas forças onde éra mais evidente o perigo, se vio precisado a dividir, e foi bastante esta necessidade para o gentio inimigo dar um assalto formidavel contra o nosso campo, em que victorioso matou soldados e escravos; porem que com a valorosa resistencia do alferes Antonio Gonçalves Figueira fugio em grande estrago. Que fôra mandado de soccorro ao cabo de tropa João Amaro Maciel Parente (o grande sertanista citado por Southey, que se achava occupado na conquista e dispersão dos indios Guereus, tornando-se um dos grandes desbravadores do sertão do São Francisco) ao Ceará, onde assistio até retirar-se por ordem de seu mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e que, fazendo um assalto ao gentio bravo daquella campanha, a 12 de Novembro de 1693, o

obrigára a recolher-se com grande utilidade das nascentes povoações, e, finalmente, que em toda esta campanha de 1690 a 1694 nella se portou sempre o alféres Antonio Gonçalves Figueira com honra e valor.

“Foi elle quem primeiro levantou engenho naquelle sertão do Rio de São Francisco, chamado Brejo-Grande. Foi de animo tão fôrte que só com 19 pessoas conquistou duas nações de barbaros gentios no sertão do Rio-Pardo, supprindo as poucas forças com astucias e estratagemas, filhos de sua disciplina, em que foi soldado de fama, e tão vigilante que no decurso de cinco annos da campanha, sempre dormiu calçado, para ser o primeiro que se achasse prompto em qualquer rebate.

“Descobrio á sua custa os dois sertões e margens dos rios Verde e Pardo na Capitania de Minas-Geraes. Possuo no Rio Verde as fazendas chamadas do Jahyba, Olho d’Agua e Montes Claros, e abrio caminho do Rio São Francisco para a ribeira, afim de que este sertão ficasse povoado com fazendas de gado em distancia de mais de 60 léguas, tudo á sua custa.

Em Santós servio todos os cargos publicos; foi proprietario da grande fazenda chamada Curuguatibá, hoje conhecida com o nome de Caruarú. Despendeu avultadas quantias na capella da Ordem Terceira do Carmo, e falleceu na mesma villa de Santos, deixando varios filhos, do seu consorcio com Da. Isabel Ribeiro de Aguiar, filha de Manoel Carvalho de Aguiar e de Da. Francisca da Silva Teixeira, segundo nótas de Pedro Taques”.

Pelas poucas nótas constantes da referida Patente, que nos occultam grande parte dos feitos do notavel bandeirante santista, póde-se avaliar de alguma fôrma o que elle foi em pleno periodo setecentista.

BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

(BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO)

Nasceu Bartholomeu na cidade de Santos no anno de 1685, sendo seus paes — o cirurgião-mór do presidio da villa, Francisco Lourenço e sua mulhér, Da. Maria Alvarez.

Fez os seus primeiros estudos no Collegio dos Jesuitas da Villa de Santos sob orientação do notavel jesuita



Bartholomeu de Gusmão

Alexandre de Gusmão, do qual elle e toda a sua familia tomáram o sobrenóme, como próva de gratidão e de estima.

Com a fundação do Collégio de Belem na Bahia pelo mesmo Alexandre de Gusmão, transferiu-se para lá Bartholomeu, e, no seminário do referido collégio deu melhor desenvolvimento á sua cultura e intelligencia.

Bartholomeu foi presbytero secular e não jesuita como alguns erradamente julgaram, e, em Coimbra para onde se dirigiu depois, tomou o gráu de Doutor em Cânones, sendo nomeado pelo tempo adiante — fidalgo capellão da Casa Real, a 16 de

Janeiro de 1722, e Escrivão da Ouvidoria de Ouro-Preto em 1.º de Julho do mesmo anno. Foi encarregado de missões diplomáticas na Côrte de Roma, e foi eleito membro da Academia Real de Historia Portugueza, tendo sido inventor dos balões aerostaticos, do qual obteve privilégio pelo alvará de 19 de Abril de 1709, como de muitas outras novidades mechanicas.

Quando ainda cursava o seminario de Belem inventou uma machina de pressão para fazer subir a agua de uma lagôa em baixo, para o mesmo seminário que ficava no alto da collina, a quatrocentos e sessenta palmos, privilégio que obteve a 12 de Dezembro de 1705, em character local, primeiro, e que mais tarde o governo tornou geral.

Em 19 de Abril de 1709 era-lhe concedido o novo privilégio — o da machina de voar. Já então estava elle em Portugal na Faculdade de Cânones, curso este que abandonou para só se occupar do seu invento, voltando só mais tarde áquelles estudos, até doutoramento.

Em 1710 escreveu Bartholomeu um opusculo sobre **VARIOS MODOS DE ESGOTAR SEM GENTE AS NAUS QUE FAZEM AGUA.**

Foi Bartholomeu quem resolveu em 1719, a histórica contenda da successão da Casa de Aveiro, commissionedo por

D. João V para liquidar importantes negocios ecclesiasticos pendentes do Vaticano, dando instrucções a seu irmão Alexandre, com as quaes, seguindo aquelle para Roma, resolveu-os a contento.

Creada em 1720 a Real Academia Histórica de Portugal, foi Bartholomeu de Gusmão um dos primeiros escolhidos para fazer parte della. A 6 de Agosto de 1721, o padre Bartholomeu obtinha privilégio para fazer carvão de terra artificial.

A primeira experiencia de Bartholomeu com o seu balão, como se sabe não foi muito bem succedida, porque o balão incendiou-se a pequena altura, o que valeu ao inventor uma tremenda assuada dos milhares de curiosos presentes, duvidando todos da possibilidade de uma tal idéa. Bartholomeu chegou a cahir no ridiculo e muitas foram as satyras dos criticos contemporaneos, feitas a elle e á invenção. Entre estas sátyras vamos fazer menção do seguinte soneto conhecido dos antigos belettristas, encontrado entre os papéis do official de Secretaria Manuel Coelho de Lima, e da lavra do poeta humorista Thomaz Pinto Brandão, que, aliás, era amigo de Bartholomeu:

*“Veio na fróta um doente brasileiro
Em trajo clerical, sotaina e c’rôa
Fez crer que pelo ar navega e vôa
Num barco sem piloto e sem remeiro*

*Vae-se ao marquez de Fontes mui ligeiro
Declara-lhe o segredo este o apregôa;
Sae a consulta; pasma-se Lisbôa,
E emtanto esquece a fóme no Terreiro.*

*Bem meréce este doente eterno assento
Na ethérea região; eu já lhe approvo
A diabrura do subtil invento;*

*Pois um milagre fez, que é mais que novo,
Em manter tantas boccas só de vento,
Fazendo um camelão de tanto povo!...*

Hoje, a admiração substitue o ridiculo que o despeito contemporaneo talvez, quiz lançar sobre o grande brasileiro.

Damos a seguir, resumidas, algumas nótas de um dos seus ultimos biographos, extrahidas de um trabalho lido na

conferencia Internacional de Aeronautica realizada em São Paulo.

“A descoberta sensacional do aerostato por Bartholomeu Lourenço de Gusmão, cognominado o “Padre Voador”, foi o pequenino furo na parede formidavel do mystério das leis da natureza.

A sciencia e o engenho humanos, por ahi vararam, até sobrepujal-as, a ponto de tornar-se o homem, senhor dos ares hoje, como já o era dos mares e da terra, avantajando-se aos passaros em velocidade e capacidade manobreira.

E foi a esse “pequenino clérigo da hierarchia ecclesiastica”, foi a esse santista, cujo vulto se projecta tão grande na historia, que se deveu a maior conquista do homem: A CONQUISTA DO AR!

“Durante longos annos se desconheceu este nobre caracter; houve por toda a parte uma conspiração de silencio para inutilizal-o, para fazer, se possivel, desaparecer o seu glorioso nóme de entre os seres humanos, elle, que tornára realidade o mais bello sonho da humanidade! Uns porquê seu saber fazia sombra; outros porque seu nóme se antepunha a pretensas prioridades de patricios; estes por inveja de sua inatacavel glória; aquelles por despeito; todos, por imbecilidade!

“Durante longos annos, se desconheceu por completo a data do nascimento de Bartholomeu de Gusmão; e, se se chegou a tal conhecimento, foi devido ás demoradas pesquisas emprehendidas em Santos de... 1828 a 1841, por um grande santista tambem, o illustre Visconde de São Leopoldo.

“Os resultados destas pesquisas, estão concatenados na memoria por elle apresentada, sob o titudo “Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão” ao Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, de que o Visconde de São Leopoldo foi fundadôr e primeiro Presidente, e um dos documentos apresentados, é o intitulado “Autos do Inventario a que se procedeu pelo Juizo de Orphãos da Villa de Santos, em 4 de Janeiro de 1721, por fallecimento de Francisco Lourenço de Gusmão.”

“No Seminário de Belem da Bahia, teve Bartholomeu desde logo, a oportunidade de mostrar sua grande intelligencia e genio, inventivo, fabricando aos 17

annos, embarcações movidas a rodas de pás e outros inventos que já citamos anteriormente.

“Aos 21 annos seguiu para “Portugal, onde pouco depois foi ordenado clérigo secular, destacando-se logo por sua grande intelligencia, memória invejavel e conhecimentos vastos e profundos.

“Fallava e escrevia com perfeição, não só o portuguez, como o francez, o italiano, o hespanhol, o latim, o grego e o hebraico, tendo sido um dos mais notaveis oradores sacros do seu tempo.

“Membro da Academia Real de Sciencias, quando fallava, a sempre numerosa assistencia se deixava empolgar pelo seu vérbo ardente, pela palavra facil, erudita, cheia de arroubos e de sentenças sábias, tanto como quando discorria sobre temas religiosos.

“Sua predilecção entretanto, éra pelas mathematicas e sciencias physicas, que lhe consumiam a saude nas longas horas de laboratório e vigílias continuas.

“Nos Annâes da Academia Real de Sciencias de Portugal, se encontram varias memórias originaes que elle nos legou sobre diversos inventos seus.

“A “Petição de Privilegio” dirigida por Bartholomeu ao Rei D. João V. de Portugal, foi no dizer do Dr. Domingos de Barros, como é de facto: “a primeira e a mais bella pagina da aeronautica mundial”, tendo sido esse famoso documento, transcripto por varios autores antigos e modérnos.

“Tendo Bartholomeu de Gusmão pedido um premio pelo seu invento. D. João V. encaminhou tal pedido á “Mesa do Desembargo do Paço” como parte da Petição de Privilégio, e a grande camara, despachando-o por unanimidade, apenas um embargo lhe oppoz — “o de que éra mui limitado o premio que elle pedia, e que se devia amplial-o”.

Assim lhe fez mercê D. João “da primeira dignidade que vagasse em suas Collegiadas de Barcellos ou Santarem, e de Lente de Prima de Mathematica na Universidade de Coimbra, com seiscentos mil réis de renda, que criava de novo em vida do supplicante sómente”. Dado em Lisbôa, a 17 de Abril de 1709.

As experiencias feitas setenta annos depois pelos irmãos Montgolfier, não foram sinão a reproducção das já feitas por

Bartholomeu e num aparelho exactamente igual, cujos estudos foram certamente baseados no aparelho de Gusmão. A esses irmãos pretendeu a França outorgar a glória aerostática em detrimento do grande santista, mas, inutilmente.

Bartholomeu de Gusmão falleceu em Toledo, na Hespanha, a 18 de Novembro de 1724, ao que dizem — na miséria — por perseguições do Santo Officio, organização mais politica que religiosa. Nós acreditamos que isso se tenha dado por desgostos havidos, visto que a personalidade de seu irmão Alexandre, ter-lhe-ia certamente valido se outra fosse a circumstancia.

A Municipalidade de Santos dando-lhe o nome a uma das suas principaes avenidas e plantando-lhe a estátua ao centro da praça principal da cidade, idéa e iniciativa do Comm. João Alfaya Rodriguez, chefe politico local, prestou a Bartholomeu tardia mas significativa homenagem.

Alem das muitas obras inéditas e manuscriptos existentes no Brasil e em Portugal, são de sua autoria as seguintes:

1 — “Petição do padre Bartholomeu de Gusmão sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades” — Lisboa — 1709 — Esta Petição foi publicada posthumamente, em 1774, e a publicação consta do requerimento, do desenho da machina gravado em chapa de cobre, da explicação da mesma machina, da resolução tomada sob consulta do desembargo do paço, e de uma nota do editor sobre este escripto. Correm ainda impressas em outras obras esta petição, as differentes peças que a acompanham e as graças obtidas.

2 — “Descrição do novo invento aerostatico ou machina volante, do methodo de produzir o gaz ou vapor com que esta se enche e de algumas particularidades relativas ás experiencias, que com ella se tem feito; com a noticia de um semelhante projecto, formado em Lisboa no principio deste século (XVIII) e peças a elle relativas” — Lisboa — (sem data) — 58 paginas — in — 8.º com uma estampa — O Imperadôr D. Pedro II, possuia esta obra.

3 — “Varios modos de esgotar sem gente os navios que fazem agua, offerecidos ao muito alto e muito poderoso rei de Portugal e dos Algarves, Dom João V, nosso senhor. — Lisboa — 1710 — Neste volume vem uma traducção latina com uma estampa descriptiva no fim.

4 — “Sermão da Virgem Maria, Nossa Senhora, em uma festa que a devoção de S. Magestade lhe dedicou em Salvaterra “Lisboa — 1712.

5 — “Sermão da ultima tarde de triduo, em que os academicos ultramarinos festejam Nossa Senhora do Desterro, pregado na igreja parochial de S. João de Almeida”. — Lisboa — 1718.

6 — “Sermão pregado na festa do Corpo de Deus, na freguezia de S. Nicolau de Lisboa”. — Lisboa — 1721.

7 — “Historia do bispado do Porto” — Escripta em 1720 por occasião da abertura da Academia Real de Historia Portugueza, to-

cando-lhe este ponto na distribuição das matérias feitas por D. João V. Não se publicou separadamente da collecção de documentos e memórias da Academia, onde foi impressa.

8 — “Conta de seus estudos academicos” lida na Academia Real a 16 de Setembro de 1723. — Vem no 3.^o Volume da dita collecção.

ALEXANDRE DE GUSMÃO

Alexandre de Gusmão nasceu em Santos, no anno de 1695, sob um signo talvez mais feliz que o de seu irmão mais velho, o infortunado Bartholomeu. Seus primeiros estudos foram feitos tambem no antigo Collegio dos Jesuitas em sua terra natal, que funcionava no primitivo Conselho, hoje Alfandega local, onde sua educação foi dirigida pelo notavel jesuita Alexandre de Gusmão, director daquelle collegio seiscentista, do qual elle foi afillhado.

Foi filho legitimo do licenciado, cirurgião-mór do presidio da Villa de Santos, Francisco Lourenço, o qual, como de resto toda a familia, tomou tambem o sobrenome Gusmão, como homenagem ao sabio director do Collegio e de D.^a Maria Alves, natural de Santos. Éra irmão de Bartholomeu de Gusmão, dos jesuitas Simão Alves e Ignacio Rodrigues, do franciscano Frei Patricio de Santa Maria e do carmelita João Alves de Santa Maria. Teve alem desses, mais tres irmãs, que foram: D.^a Domingas Gonçalves, casada com Antonio de Seixas; D.^a Joanna Gomes de Gusmão, casada com Antonio Ferreira da Gambôa, e D.^a Maria Gomes, casada com Francisco Valente (conforme se vê das obras “Vida de Alexandre de Gusmão” pelo Visconde de S. Leopoldo, e “Varões Illustres do Brasil” pelo Dr. J. M. Pereira da Silva).



Alexandre de Gusmão

Alexandre de Gusmão foi formado em Direito pela Universidade de Coimbra e em Direito Civil, Romano e Ecclesiastico pela Universidade de Paris. Como elle proprio declara na “Representação a D. João V, começou a sua carreira publica em Lisbôa, desde 1714, indo servir então em Paris como agente de negocios de Portugal. No anno seguinte foi

nomeado Secretario da embaixada que se confiou ao Conde da Ribeira Grande, para complemento da Paz de Utrecht; em 1720 foi escolhido para a representação de Portugal ao Congresso de Cambray, mudado para Soissons, mas deixou de tomar parte em taes assentadas, porquê o soberano luso o mandou para Roma, onde esteve em assignalada actividade diplomatica durante sete annos (1721 a 1728). De regresso ao Reino, alem de escrivão da puridade (secretario particular) de D. João V, esteve com o peso da Secretaria de Estado dos Negocios Extrangeiros desde 1731 e como encarregado dos despachos da Secretaria de Estado para o Brasil, desde 1734 e, finalmente, em 1742, foi nomeado para o Conselho Ultramarino, onde o alcançou a morte. Foi Secretario da Embaixada Portuguesa na Côte de Luiz XIV. Regeitou a dignidade de Principe Romano, offerecida pelo Papa Benedicto VIII, segundo affirmou Miguel Rodrigues de Araujo no elogio histórico de Alexandre de Gusmão, lido na Academia Real de Lisbôa em 1754. A' sua habilitade diplomatica, deve o Brasil, como deveu Portugal, o famoso Tratado de 1750, celebrado entre Portugal e Hespanha a 13 de Janeiro daquelle anno, pelo qual se fixaram os pontos capitaes das linhas divisórias entre as possessões dos dois Estados na America Meridinal, tratado que foi modificado pelo de 12 de Fevereiro de 1761, reconhecido depois como lesivo aos interesses portuguezes, perfeitamente defendidos naquelle. Foi Alexandre de Gusmão, quem na qualidade de Embaixador de Portugal junto á Santa Sé, obteve para D. João V, o titulo de Fidelissimo, assim como a creação do Patriarchado de Lisbôa, favorecendo o antigo Arcebispado. Como Ministro dos Negocios Ultramarinos conseguiu a creação dos bispados de Minas Geraes, de São Paulo e do Pará.

Diplomata, escriptôr, poeta e epistológrapho, este santista foi sempre considerado como um dos maiôres nômes de Portugal do século dezoito.

De Alexandre de Gusmão disse o illuminado e exigente Camillo Castello Branco (Curso de literatura portugueza, II, 165) "Ha escuros segredos a dilucidar na biographia deste estadista, que nas sciencias politicas foi mais arguto que D. Luiz da Cunha, e, na sagacidade e lucidez de fino sentir, foi o mais avançado espirito do seu século".

"De facto, muito deixam a desejar os dados lacunôsos que sobre o immortal filho de Santos fornecem os bibliographos de quem e alem Atlantico (diz Basilio de Magalhães

em trabalho sobre este illustre santista), como Diogo Barbosa Machado, Innocencio Francisco da Silva e Sacramento Blake. Bem pouco trataram dele os seus primeiros biographos, o portuguez Miguel Martins de Araujo e o brasileiro visconde de São Leopoldo, assim como os historiadores patricios, Januario da Cunha Barbosa, Joaquim da Cunha Barbosa, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, J. M. Pereira da Silva e Azevedo Marques, e, sómente em nossos dias d'elle cogitaram mais carinhosamente, ou lhe fizeram referencias mais particularisadas, em discursos e monographias, Oliveira Lima e o Barão do Rio Branco, Helvecio Carlos da Silva e Arthur Pinto da Rocha. O illustre diplomata e historiador pernambucano chegou a consagrar-lhe uma peça theatral, de mais valor historico que literario — “O Secretario d'El-Rey”.

O Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, em um folheto que publicou no Rio de Janeiro no anno de 1845, e que tem por titulo: “BREVES ANOTAÇÕES A' MEMORIA QUE O EXMO. SNR. VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO ESCREVEU SOBRE OS LIMITES NATURAES E NECESSARIOS DO IMPERIO DO BRASIL”, discorrendo sobre o tratado de limites negociado por Alexandre de Gusmão, refêre que, apóz a assignatura do famoso Tratado de 1750, Silva Telles offereceu a Bartholomeu de Gusmão em nome do Embaixador portuguez á Conferencia de Madrid, de onde elle havia resultado, um riquissimo annél, que havia sido apresentado ao referido Embaixadôr, seu irmão, sentindo-se com isso melindrado Alexandre, a ponto de repellir o brinde e até de responder com desabrimento. O Conselheiro Costa e Sá, referiu esse facto, porque, na época não faltou quem dissesse e propalasse largamento, que Alexandre de Gusmão havia sido subornado pela Hespanha na realisação do Tratado. A verdade revelava exactamente o contrario, e o novo Tratado de seis annos depois, veio mostrar que os subornados eram outros, visto que só então foi Portugal prejudicado, em beneficio da Espanha, na primitiva extensão do Brasil de 1750”.

Convencido dos beneficios que traria ao Brasil o tratado de Limites que havia delineado, teve Alexandre a intrepidez de publicar, quando já não tinha apoio e choviam sobre elle, como refêre aquelle autôr, murmurações, escriptos anonymos e ataques pessoaes, ordinarios em mudanças politicas, a sua IMPUGNAÇÃO AO PARECER DO BRIGADEIRO ANTONIO PEDRO DE VASCONCELLOS, obra importantissi-

ma, sem a qual não conheceríamos hoje, as justas razões políticas que regeram a Convenção de Madrid.

Memórias coévas relatam a Gusmão, dotado de uma alma nobre e elevado pelo seu superior merecimento a secretario do gabinete de El-Rei D. João V, em cuja posição soube ver que a nada mais poderia aspirar, tal o claro discernimento que possuía das cousas, e que nunca chegaria a grau político mais elevado, por ter nascido além do Atlantico e ser isso impedimento sufficiente para que um homem pudesse attingir a maiores alturas. O tempo mostrou que elle tinha razão.

Desvelou-se Alexandre em promover o bem geral, dis-correndo e peregrinando e fazendo chegar os beneficios régios ainda ás mais remótas possessões da monarchia, tornando respeitado o nome do Rei entre as Nações estrangeiras, até que, por mórte deste, desceu elle á nullidade com a qual se contentou de viver dahi por deante. A esse espirito de renuncia e comprehensão da vida, deveu Alexandre o não ter sido perseguido pelos nóvos dominadores e favoritos da Côte Portugueza e não "ao alto patrocínio das gentes", como disse o Brigadeiro Vasconcellos. Os desgostos que o levaram á sepultura não procederam de complicações e embates politicos, mas simplesmente de desgraças domésticas.

Alexandre de Gusmão falleceu em Lisbôa, a 31 de Outubro de 1753, e, a seu respeito a melhor obra produzida, das antigas, foi a do grande santista o Visconde de São Leopoldo — "Vida de Alexandre de Gusmão".

São as seguintes, as suas obras conhecidas:

1 — "Relação da entrada publica que fez em Paris aos 18 de Agosto de 1715 o excellentissimo senhor dom Luiz da Camara, Conde da Ribeira, do Conselho d'el-rei de Portugal, seu embaixador extraordinario á côrte de França, reinando nesta monarchia Luiz XIV, em que se acham varias noticias concernentes ao cerimonial desta embaixada — Paris — 1715.

2 — "Pratica com que congratulou a Academia Real em 13 de Março de 1732 por ser eleito seu collega" — Sahiu na collecção de documentos e memorias da mesma academia. Lisbôa 1732, e foi reproduzida no "Patriota" — Rio de Janeiro 1843 — N.º 4.

3 — "Conta de seus estudos academicos, dada a 24 de Junho de 1732" — publicada nas Memorias da Academia Real de Historia portugueza — Tomo 9.º .

4 — "Aventuras de Diophanes" — imitando o sapientissimo Fenelon na sua viagem de Telemaco (Diz Sacramento Blake que, apezar de ter sido publicada sob o pseudonymo de Dorothea Engracia Taveda Dalmira, esta obra é de autoria de Alexandre.) Tres edições

successivas, sendo a ultima em 1790 — vol. de 340 pags. — in — 4.º, todas em Lisboa.

5 — “Tratado de limites das conquistas entre os muito altos e poderosos senhores dom João V, rey de Portugal, e dom Fernando V, rey de Espanha — 1750 — 144 paginas in — 4.º. Reimpresso na régia officina typographica em 1802 e reproduzido em diversas collecções e obras.

6 — “Impugnação ao parecer do brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos” — Lisboa 1751. Reproduzido na Revista do Instituto Historico Brasileiro — Tomo 1.º — Pags. 322 e seguintes.

7 — “Carta critica escripta a Antonio Pedro de Vasconcellos, governador da Colonia do Sacramento por Philoletes”. Lisboa — 1751 — 37 pags. in — 4.º.

8 — “Discurso em que Alexandre de Gusmão mostra os interesses que resultam a sua magestade fidelissima e a seus vassallos da execução do Tratado de Limites da colonia do Sacramento, ajustado com sua Magestade constitucional no anno de 1750” — Foi publicado no “Panorama” — Tomo 7.º — pags. 149 a 151. — 1843. A Bibliotheca Nacional possui cópia deste discurso, dos fins do século 18 ou começo do século 19, com o titulo: “Discurso de Alexandre de Gusmão, ministro de capa e espada do conselho ultramarino, em que faz a apologia do Tratado de limites do anno de 1750”.

9 — “A liberdade de Nise” — Cançoneta de Metastazio — Traducção — publicada no “Patriota” — de Junho de 1813 — e no “Parnaso Brasileiro” do Conego Januario da Cunha Barbosa — Tomo 1.º.

10 — “Calculo sobre a extincção da moeda do reino que Alexandre de Gusmão apresentou ao senhor rei Dom João V no anno de 1748” — publicado no “Patriota” de Junho de 1813.

11 — “Calculo sobre a perda do dinheiro” — Lisboa — 1822 — Sahira antes, no “Investigador Portuguez” e parece ser a mesma obra anterior.

12 — “Panegyrico do senhor rei dom João V dito no paço em 22 de Outubro de 1739”.—

13 — “Representação dirigida a el-rei D. João V expondo-lhe os serviços prestados á corôa, e pedindo remuneração delles” — Publicado no “Panorama” — Tomo 4.º — 1840 — pags. 155 a 157 e 166 a 168 — no “Jornal de Coimbra” N.º 52 — pags. 220 a 230, e finalmente no “Complemento da collecção de inéditos”.

14 — “Collecção de varios escriptos inéditos politicos e literarios de Alexandre de Gusmão” — Porto — 1841.

Manuscriptos:

15 — “Remarques sur la bulle d’Alexandre VI, que commence par ces mots “Alexandre Episcopus” datée du 4 may, 1493, et sur les conférences de Tordesillas du 7 juin, 1494”. Existe uma cópia em poder da Bibliotheca Nacional.

16 — “Notas á critica que o senhor Marquez de Valença fez á tragedia de Cid, composta por monsieur Corneille” — Existe uma

cópia na Bibliotheca Nacional de Lisboa, num volume de miscellaneas com os opusculos do citado Marquez.

17 — “Cartas e outras produções em prosa e em verso de Alexandre de Gusmão, secretario particular do rei dom João V” — Existe no Instituto Historico Brasileiro um volume manuscripto com este titulo, offerecido por J. J. da Gama e Silva.

18 — «Consulta em que satisfez o Conselho ultramarino ao que sua magestade ordena sobre o regimento das casas de fundição das Minas, com o plano do mesmo regimento» — 20 de Fevereiro de 1751 — Copia de 40 fls. com a assignatura de Alexandre de Gusmão e de alguns desembargadores. Figurou na Exposição de Historia patria de 1881, e pertence ao mesmo Instituto.

19 — “Reparos sobre a disposição de lei de 13 de Dezembro de 1750 a respeito do novo methodo da cobrança do Quinto, abolindo o da Capitulação, sobre os quaes assentou a consulta do conselho ultramarino de 22 de Fevereiro de 1751” — Copia de 63 fls. por lettra do doutor Alexandre de Gusmão, pertencente a Da. Joanna T. de Carvalho. Ha outra do referido Instituto. Este manuscripto anda com outros sobre igual assumpto, como o seguinte:

20 — “Parecer de Alexandre de Gusmão sobre a forma de cobrar o premio da conducção de dinheiro para o thesouro da junta dos tres Estados”.

21 — “Cantigas inéditas” — Versos, compostos em 1749 — Ignóra-se o seu paradeiro, embóra saiba-se da sua existencia.

22 — “Collecção de escriptos de Alexandre de Gusmão” — 195 fls. que pertenceu ao Conego Januario da Cunha Barbosa. Termina com o “Elogio” de Alexandre de Gusmão, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, e academico do numero da academia real, lido por Miguel Alves de Araujo, e publicado em Lisboa em 1751.

23 — “Apreciação sobre a Genealogia dos Fidalgos Portuguezes “Que eram tidos por puritanos” (Collecção de inéditos — 1841 — datados de Lisboa — 1750) (Catalogo da Exposição de Historia do Brasil — Pags. 81/85).

24 — “Sobre a relaxação das ordens religiósas” (Idem. Idem. pags. 213 — (sob o pseudonymo de F. D. de Santa Maria, 234).

25 — “Parecer sobre os limites de alguns Bispados da America” (Complemento dos Inéditos” — pags. 66-83) sem data, mas evidentemente posterior a 1746, porque foi a 6 de Dezembro desse anno que Benedicto XIV, pela bulla “Candor lucis eternæ” creou as prelaeias de Goyaz e Matto Grosso.)

26 — “A Liberdade de Nize” — Cançoneta de Metastasio” (Traducção) inserta no “Patriota” (Junho de 1813), no Tomo I (Caderno 2.º), do “Parnaso brasileiro” de Januario da Cunha Barbosa, e no Tomo I (pags. 108-112), do “Parnaso brasileiro” de J. M. Pereira da Silva.

27 — “Egloga” — “a uma pastora tão formósa como ingrata” — estampada primeiramente sem o nome do autôr na “Miscellanea curiosa e proveitosa” (Lisbôa — 1779-1785) de Francisco Rolland, depois no citado “Parnaso brasileiro” de Januario da Cunha Barbosa, II, cad. 6.º, na “Collecção de inéditos de 1841 (pags. 249-251), no “Parnaso bra-

sileiro" de Pereira da Silva (I, 114-116), no "Ensaio biographico — critico sobre os melhores poetas portuguezes" (Lisbôa, 1850-1855) de J. M. da Costa e Silva (IX — 49 — 51) e finalmente no "Parnaso brasileiro" de Mello Moraes Filho (I, 79-81).

28 — "'Tres Sonetos" — "A Jupiter, supremo deus do Olympo" e "A seus dois filhos, persuadindo-lhes o conhecimento proprio" (Collecção de inéditos de 1841 (pags. 246-247).

29 — "Ode" — (no "Parnaso brasileiro" de Pereira da Silva — Tomo I — 112/114).

30 — "O Marido Confundido" Comedia em tres actos (traduzida livremente do francez) — incluída na "Collecção de inéditos de 1841 (Pags. 252/319). Este trabalho, que foi representado em 1737 na capital lusitana (consta que para se comprazer ao embaixador da Inglaterra, Lord Tirawley) precedeu as versões liberrimas que posteriormente Castilho fez de algumas das melhores comedias de Molière, de 1870 a 1872.

Basilio de Magalhães refere-se ainda a outros inéditos do grande santista, desta forma: ("O Espelho" — N.º 5 — Agosto 1935 — Rio — Pag. 30).

"Das muitas e notabilissimas cartas de Alexandre de Gusmão — as mais selectas foram publicadas no "Investigador Portuguez" (Setembro e Outubro de 1811, março de 1812, Fevereiro e Junho de 1813, no "Analysta Portuense" (fevereiro de 1822) e no "Panorama", de 1838 (11, 410-411). A carta a Nuno da Silva Telles, figura no vol. II das "Memorias secretas" deste, conforme assevera o Visconde de S. Leopoldo (ob. cit. nota "D" da 1.^a secção) e a sua resposta a D. Luiz da Cunha (acompanhada da carta deste) acha-se na biographia acima citada (nota "F" da 1.^a secção), no "Panorama" já referido, nos "Varões Illustres do Brasil" de Pereira da Silva, e na "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro" (LXI, 411-412). A "Collecção de inéditos" editada em 1841, encerra 29 missivas cartas e avisos, e o "Complemento dos inéditos", impresso em 1844, incluye mais 6, todas firmadas por Alexandre de Gusmão. Ahi estão, portanto 35 das suas magnificas produções epistolares.

Mas deve haver ainda cartas inéditas de Alexandre de Gusmão, não só em Portugal, como no Brasil. A nossa Bibliotheca Nacional ("Catalogo da Exposição de Historia do Brasil" — (I, 895-898) possui a maior collectanea manuscripta, referente ao insigne brasileiro. Foi organizada por monsenhor Pizarro e das mãos deste passou para as do conego Januario da Cunha Barbosa,

Enganou-se Blake, ao afirmar que J. J. da Gama e Silva offereceu ao Instituto Historico desta capital, em manuscripto "Cartas e outras producções em prosa e verso de Alexandre de Gusmão, secretario particular do Rei D. João V". Mas o benemérito gremio, aqui fundado em 1838, possui diversas collectaneas de manuscriptos, respeitantes ao inclito paulista (latas 12, 15, 123, 41 e 116, mansk. 276, 279, 325, 513, 708 e 2032,) uma das quaes organizada por A. M. Perdigão Malheiro e em parte copiada da que pertenceu a Pizarro e Januario. E em Portugal, por exemplo, encontram-se cartas delle numa collectanea de 1790, constante de um "Catalogo" "organizado por Augusto de Sá da Costa (Lisbôa 1924).

"Quando em nossa patria se cuidar seriamente dos grandes brasileiros, — de certo haverá quem collija e ponha em letra de forma todo esse material disperso e em parte não conhecido.

"Fiquemos á espera de que, (continúa Basilio de Magalhães) — a exemplo do que fez ha pouco o competente e operoso Affonso de Taunay quanto a Bartholomeu de Gusmão, — surja em breve no Brasil quem levante um monumento não menos luminoso a Alexandre de Gusmão, a quem a nossa Patria, além de outros muitos e não despreciandos serviços, deve a primeira delineação das suas fronteiras, homologadoras da formidavel conquista dos sertões, realizadas principalmente pelo bandeirismo paulista".

FREI GASPAR DE MADRE DE DEUS

(GASPAR TEIXEIRA DE AZEVEDO)

Apezar de vulgarmente attribuirem a Frei Gaspar a qualidade de vicentino, temos razões de sobra para pensar com o illustrado Dr. Sacramento Blake em seu importante "Dicionario Bibliographico Brasileiro", e com Pereira da Silva em seu conceituado "Varões Illustres do Brasil", e outros bons e velhos autores, considerando-o santista. Há para isso razões de toda ordem, mas principalmente de sangue, como veremos.

Nasceu Frei Gaspar a 9 de Fevereiro de 1715, na tradicional Fazenda de Santa'Anna, região de S. Vicente confi-

nando com a de Santos, e o seu baptismo como se sabe teve registro na Matriz da Villa santista, o que lhe dá a devida naturalidade. (1)

Alem desta circumstancia, accrésce que foram seus paes Domingos Teixeira de Azevedo, coronel do Regimento das Ordenanças de Santos e São Vicente, com séde em Santos, superintendente das minas de Cataguazes e Provedor da Real Casa da Fundição da Villa de Paranaguá, e Da. Anna de Siqueira e Mendonça, santista de velha estirpe, por sua vez filha do Sargento-Mór José Tavares de Siqueira, de conhecida nobreza e commandante da Fortaleza do Itapema em Santos. Note-se ainda, que toda a parentéla de Frei Gaspar éra de Santos, a começar pela gente de seus paes, onde avultava a estirpe santista dos Siqueira Mendonça e a terminar por seus tios, primos e irmãos: Frei João Baptista da Cruz, beneditino, abbade Provincial do Brasil em 1720 e abbade da Bahia, "homem de letras e de virtudes" que acabou a vida contemplativamente no mosteiro de Santos; Estevam Tavares, jesuita, primeiro do collégio de Santos e depois do de São Paulo; padre Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, santista de fama, "clérigo de grande prestigio no Brasil setecentista, luminar da igreja fluminense, vigário geral e governador do bispado numerózas vezes", varão sapientissimo, certamente digno de século mais attento, a gloria perduravel do cabido fluminense, que coberto de serviços numa longa vida de 93 annos, não obtivéra a investidura episcopal, porque Roma se achava muito longe do Brasil e as diocéses do paiz só cabiam a portuguezes"; Frei Miguel Archânjo, beneditino, Presidente da Ordem em Santos durante seis annos e depois Provincial do Brasil, e Sorôr Izabel Maria da Cruz, religiosa da Ajuda, abbadessa do Convento do Rio de Janeiro.

(1) Na abertura de sua tão celebrada "Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente", declarou o proprio Frei Gaspar, que, embóra nascido na Fazenda Acarahú, seu registro de nascimento foi feito na Matriz de Santos, o que revéla a intenção de seus páes de tornal-o e consideral-o santista, sem o quê, tel-o-iam registrado e baptisado em S. Vicente, mais proxima daquella Fazenda. Não se trata aqui de prioridades, e sim de identificação.

O nascimento de Frei Gaspar em Acarahú foi um simples accidente, visto que a casa de residencia de sua mãe éra em Santos, nos "Quatro cantos". Tambem o Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada nasceu na França durante o exilio de seu pae, e nem por isso deixou de ser paulista.

Logo após a morte de seu marido, Da. Anna de Siqueira se transferira definitivamente para a casa que possuíam em Santos, "excellente morada de casas de sobrado nos "Quatro cantos", no começo da antiga rua Direita, principal artéria da povoação que se estendia do convento dos carmelitas ao Trem Real" (onde hoje encontra-se a rua Quinze de Novembro com a Rua Frei Gaspar) contando então o nosso biographado cerca de doze ou treze annos apenas.

"Em 1731 (1), aos dezeseis annos, havia o jovem Gaspar feito taes progressos, que, obedecendo á vocação ecclesiastica, se achou em condições de apresentar-se postulante ao noviciado benedictino".

"Por Santos passando o abbade provincial do Brasil, Frei Antonio da Trindade, que regressava á Bahia, de sua visita aos mosteiros do sul, a elle se apresentou o moço candidato, seguindo em sua companhia para a Abbadia geral, naquella cidade, de que era, então, prelado, seu tio-avô, Frei João Baptista da Cruz. A 4 de Agosto entrava no noviciado, e, no anno seguinte de 1732, a 15 de Agosto", diz-nos Pedro Taques, "recebia a illustre cógula de seu Santo Patriarcha", fazendo profissão com o nómé de Frei Gaspar da Madre de Deus".

Revelava-se ainda ahi, na denominação religiôsa tomada por Gaspar, a sua attenção ou amor pelas cousas de Santos, desde que ella lembrava o antigo Engenho quinhentista de Pero de Góes, fundado sob a mesma invocação e logo após a chegada de Martim Affonso, nas terras fronteiras ao local da futura villa santista.

"Noviço na Bahia, applicou-se Frei Gaspar com grande ardor ao estudo da Philosophia, da Historia e das sciencias ecclesiasticas. Quando se ordenou presbytero, consideravam-no os seus confrades como uma das bellas esperanças da Ordem, professando pelo seu talento e saber, profundo acatamento".

"Encontrára o jovem Gaspar entre os companheiros de noviciado, edoso monge portuense, que obtivera transferencia da Congregação do Oratorio para a Ordem de São Bento, o Dr. Frei Antonio de São Bernardo, homem de grandes virtudes e conhecimentos, a quem, desde os primeiros dias,

(1) Grande parte das nossas palavras d'aqui por deante são do illustrado Dr. Escragnole Taunay. No Prefacio das "Memorias" Do monge Santista.

muito e muito se affeicou, e de quem recebeu as primeiras lições das sciencias ecclesiasticas”.

De Rocha Pitta, considerado então expoente da mentalidade brasileira e grande historiador, recebeu Frei Gaspar os primeiros ensinamentos de Historia, quando elle fruia os seus ultimos descançados e gloriózos annos na Bahia, entre os galardões de socio extra-numerario da Real Academia de Historia Portugueza e de Fidalgo da Casa Real, presente de D. João V. ao autôr illustre da “America Portuguesa”.

“Deixando o convivio de Rocha Pitta e das notabilidades bahianas, antes de completos os estudos, passou-se o moço benedictino, já então profêssor, para o mosteiro do Rio de Janeiro, a mandado de seus superiores. Alli no severo scenario tão altamente monastico daquella abbadia magestosa, continuou a ser o discipulo querido do propecto professor na Bahia conhecido, Dr. Frei Antonio de São Bernardo”. Sua amizade ahi, extendeu-se ao abbade Frei Matheus da Encarnação Pinna, “cujo espirito de energia, e as contendas em defesa de privilégios abbaciaes com o governador Luiz Vahia Durão, que o chegara a exilar, haviam-no tornado muito conhecido não só no Brasil como no Reino.

“Illustrado e zeloso, muito a peito tomava este prelado a instrucção dos seus religiosos; desvelou-se para que se aproveitassem quanto possivel os recursos e dotes naturaes de Frei Gaspar”.

“Em Agosto de 1740, fazia este os actos ou exames finaes que lhe valeram o titulo de “passante”, o diploma de capacidade para o cargo de substituto e auxiliar do curso de seus mestres, por estes e pelo abbade conferido”.

“Emprehendeu em seguida uma viagem a Portugal, onde se demorou algum tempo, viagem essa, revelada segundo Taunay, pelo “Curso de Philosophia”, de sua autoria.

“Nos seus estudos de Philosophia e Theologia fez tão grandes progressos, diz Pedro Taques, que se constituiu digno para lhe darem a cadeira de mestre no mosteiro da cidade do Rio de Janeiro.”

“Dentro em brêve via o novo e jovem lente, os seus cursos summamente acreditados pelo brilhantismo da exposição, fluencia da phrase, firmeza dos conhecimentos, e, sobretudo pela renovação dos métodos do ensino philosophico. Proferiu em dois annos consecutivos, séries de conferencias, que tiveram larga repercussão.”

“Proseguindo a carreira professoral, onde continuamente adquiria novos louros, pois numerosos eram os moços

alheios ao mosteiro, seculares e ecclesiasticos, que lhe vi-
nham ouvir as aulas, viu-se Frei Gaspar a 10 de Agosto de
1743, aos 28 annos de idade, investido na cathedra de Theo-
logia, que durante longos annos regeu com notavel brilho.
A 18 de Maio de 1749, perante numeroso e selecto auditório,
presidido pelo Capitão-general do Rio de Janeiro, Gomes
Freire de Andrade, o famoso conde de Bobadella, defendia
elle, theses de Theologia e Philosophia ante uma commissão
dos mais doutos theólogos da cidade, sendo estas justas bri-
lhantissimas coroadas pela approvação distincta do defen-
dente, a quem se conferiu a borla de doutor, no meio dos
applausos e felicitações geraes."

"Manteve-se á tésta dos seus cursos de Theologia, "re-
gente" como então se dizia, até que, cansado do magistério,
obtivesse jubilação."

"Orador fluente, estribado no grande conhecimento das
sciencias ecclesiasticas, angariára "pari-passu" a fama de
philosopho e theólogo consummado e a de excellente pre-
gador."

Nas visinhanças de 1750, sua mãe, Da. Anna de Siqueira,
transferiu-se para o Rio de Janeiro, causando com isso gran-
de e intensa alegria ao filho que a venerava.

A 28 de Dezembro de 1752, o Capitulo Geral da Ordem,
elegia Frei Gaspar, abbade de São Paulo, nomeação que elle
recusou delicadamente, allegando não desejar affastar-se de
sua mãe e precisar gerir a sua fortuna pela ausencia dos
outros irmãos.

"Em 1756 foi incumbido pelo Provincial, de defender os
direitos do Mosteiro Benedictino de Santos á posse da capel-
la do Monte Serrate, direitos estes que os carmelitas contes-
tavam. Estudou a fundo a questão, "in-loco", produzindo
ahi a "Dissertação e Explicações" sobre as terras litigiósas,
libello que revela profundo conhecimento da historia terri-
torial quinhentista do littoral de S. Paulo. OCapitulo de
Tibães, em sessão de 4 de Fevereiro de 1756, e em conse-
quencia talvez, eleváva-o a definidor primeiro, collocando-o
no "Conselho de Estado" da Ordem no Brasil, pois aos de-
finidores cabia a confecção dos projectos de refórma a ef-
fectuar, relatar ás queixas e reclamações, suggerir medidas
disciplinares, etc..."

Invocando os mesmos pretextos, pediu dispensa dos
nóvos e honrósos encargos que lhe attribuiam. Elle éra en-
tão, uma das mais salientes figuras intellectuaes do Rio de

Janeiro, e cada vez mais, se lhe firmavam os créditos de philosopho, theólogo, orador sacro e conhecedor profundo da História brasileira.

Inaugurada na Bahia, por essa época, a ephemera "Academia Brasileira dos Renascidos" de que faziam parte todas as notabilidades do Brasil e algumas de Portugal e Hespanha, foi Frei Gaspar eleito seu membro, com o numero 40, attribuindo-se-lhe o qualificativo de "mestre jubilado na sagrada Theologia".

A 2 de Outubro de 1763, assumia Frei Gaspar a instancias de seu mestre e grande amigo Dr. Frei Antonio de São Bernardo, o importante cargo de abbade do Rio de Janeiro.

Sua fama estava então no auge, mercê das multiplas manifestações do seu espirito e das memoráveis orações que produzira naquelles dois ultimos annos, no Te Deum solemne pelo casamento da infanta Da. Maria, a futura Da. Maria I.^a, em 1761; no Te Deum pelo nascimento do Principe da Beira, em 1762, e na morte do grande governador Gomes Freire de Andrada, marquez de Bobadella, que durante vinte e nove annos e meio regera com rectidão e devotamento, a cidade do Rio de Janeiro, amigo particular dos beneditinos e de Frei Antonio de São Bernardo.

A acção de Frei Gaspar na direcção da abbadia do Rio foi simplesmente notavel, constituindo uma verdadeira restauração da velha Ordem em deploravel estado económico. Reformou o convento e seu aparelhamento, creou officinas de encadernação e pintura, construiu e reconstruiu prédios de renda da abadia, renovou as fazendas e plantações, installou engenhos e trapiches, augmentou os rebanhos de toda a especie, reformou e enriqueceu a bibliotheca, salvou a Ordem emfim.

Arcou Frei Gaspar nessa época com a perseguição do Marquez de Pombal, iniciada contra os religiosos em 1759 com a expulsão dos jesuitas de Portugal e do Brasil, com a morte do Padre Malagrida, queimado vivo em 1761 e o rompimento com a Santa Sé em 1762.

Nessa occasião foram tantas as exigencias feitas á Ordem com o intuito de provar o seu dismantello e decretar o confisco dos seus bens em beneficio do Thesouro português, que se não fôra o trabalho anterior e providente de Frei Gaspar, reformando tudo e pondo em ordem o archivo, os papeis e as contas da Ordem, não teria ésta podido escapar á sanha pombalina.

A 19 de Agosto de 1765 reunia-se o Capitulo de Tibães, e, a 9 de Fevereiro de 1766, éra Frei Gaspar elevado ao cargo de Provincial da Ordem no Brasil, abrangendo cinco abbas, tres priorados e seis presidencias, de Santos á Parahyba do Norte. Ahi começaram as suas visitas canonicas, e, de norte ao sul do Brasil, percorreu Frei Gaspar ao mesmo tempo as dependencias da Ordem e os archivos publicos e muitos particulares, livros das Fazendas e Secretarias, cartórios, Camaras, e escaninhos onde sabia poder encontrar algum elemento necessario aos seus trabalhos históricos.

Desde alguns annos já, que Frei Gaspar éra por assim dizer sócio de seu primo o grande linhagista Pedro Taques, nas pesquisas a que ambos se dedicavam, e como Frei Gaspar se dedicava mais á Historia e Pedro Taques á Genealogia, quando um delles encontrava elemento que servia para o outro, apressava-se a envial-o ao companheiro, vindo dessa circumstancia, grandes oportunidades para ambos.

Em 1767 começaram os desgostos do grande benedictino. Sua irmã, superiora do convento da Ajuda, fallecera de grave molestia adquirida em 1764; Pombal prohibira terminantemente a acceitação de noviços nos cenóbios de Portugal e do Brasil, em resposta ao seu aggravo anterior, e Pedro Taques, victima de uma tentação, compromettera-se em avultada importancia, recorrendo ao seu auxilio quando já não havia remedio, a ponto de arruinar-se totalmente, moral e económicamente, para augmento de suas tristezas.

A 20 de Agosto de 1769 realizavam-se as eleições para o triennio de 1769-1772. Não eram de praxe as reeleições na Ordem Benedictina; assim, querendo o Capitulo testemunhar a Frei Gaspar o seu grande apreço e admiração, elegeu-o prelado do Mosteiro Capital da Provincia brasileira, o da Bahia, cuja situação se achava então, precária.

“Foi a noticia recebida com o maior jubilo no Brasil; representava uma prova de apreço e sobretudo, de justiça aos talentos consagrados do administrador.”

“Havendo satisfeito no supremo lugar da Provincia com os maiores acertos de desinteressada conducta a expectação dos que o elegeram, diz o chronista anonymo do “Dietario”, “no fim do seu triennio o escolheram os padres da Junta de 1768 para Abbade do mosteiro da Bahia, collocando-se neste reverendissimo prelado uma bem fundada esperança de restabelecimento daquella casa.”

“Teve por bem, porem, renunciar escolhendo para viver retirado o mosteiro de Santos, sua patria”.

“Com effeito, resolvera Frei Gaspar, de modo inabalavel, pôr termo á sua carreira prelacial. Recusou teminantemente ás novas honras, e em Janeiro de 1769, recolhia-se humildemente ao mosteiro de Santos “para descansar com tranquillidade no retiro de uma cêlla, feito subdito quem desprezava ser prelado” escrevia a este respeito Pedro Taques, commentando tal resolução.”

“Quaes teriam sido as determinantes de semelhante acto? É difficil explica-lo. Quiçá o desgosto do fallecimento recente da Abbadessa da Ajuda, a nostalgia do torrão natal, a attracção vehemente pelos estudos históricos tão sacrificados pelos affazeres e preoccupações dos altos cargos exercidos nos ultimos annos.”

“Fosse como fosse, diz Taunay, cujas palavras vimos reproduzindo a cada passo nesta biographia, em 1769 voltava Frei Gaspar ao seu caro berço, satisfeito de se ver no lindo mosteirinho santista, typicamente architectural em sua simplicidade, amplo, sympathico e acolhedor, situado no dorso do Monte Serrate, em situação felicissima, tendo para a alegria dos olhos, extenso e risonho panorama.” “Fôra Frei Gaspar substituir ao irmão, Frei Miguel Archanjo, que, apóz seis annos de presidencia no cenóbio santista, acabava de ver pelo mesmo Capitulo Geral galardoado os meritos com a investidura da importante abbadia olindense.”

Voltava tambem D.^a Anna de Siqueira, acompanhando o filho querido, a residir em sua casa dos Quatro Cantos, onde diariamente ia ter o ex-provincial, apenas terminados os deveres espirituaes da manhã, occupando as outras horas em visitar os archivos, a coordenar a enorme messe de documentos trazidos do Rio de Janeiro e da Bahia, a traduzil-os e a commental-os.

Data dahi o seu mais prolongado contracto com Pedro Taques, dando ao illustre genealogista perseguido, reduzido a miseria e com a saúde arruinada pelos contratempos, um poderoso conforto moral e material, formando com elle os dois unicos pontos preeminentes na depressão profunda da vida intellectual do São Paulo da época.

Na tarde de 29 de Junho de 1774 partia Pedro Taques para Portugal; pouco antes morrera Frei Antonio de São Bernardo, e, no fim do mesmo anno, fallecia sua veneranda mãe, D.^a Anna de Siqueira, golpes que o levaram a uma vida mais austera no recolhimento santista do Monte Serrate.

“Em principios de 1777 voltava Pedro Taques a Santos, semi-moribundo, apenas alentado com as esperanças vagas das promessas reaes, para fallecer pouco depois, a 3 de Março do mesmo anno. Ahi, á grande amizade que lhe votava Frei Gaspar, deveu a posteridade a conservação do que resta da “Nobiliarchia Paulistana” e das demais obras do chronista das bandeiras, porquê, para ellas, sem se preoccupar com as proprias, chamou a attenção de Diogo Ordonhes, São Leopoldo e Varnhagem. De seu archivo particular passaram ás mãos de São Leopoldo (santista como elle) copias da “Historia da Capitania de S. Vicente” e da “Informação sobre as Minas de S. Paulo,” que, em meados do século passado, o filho de Fernandes Pinheiro offereceu ao Instituto Historico Brasileiro, sem saber identifical-as, attribuindo-as á penna do benedictino.”

“Em todas estas manifestações procedeu Frei Gaspar com a lisura que tanto lhe traduz a rectidão do character. Quanto, sem perigo nem responsabilidade alguma, poderia ter-se aproveitado da obra do amigo illustre e confrade invejado! Quão grande lhe poderia ter sido a tentação de apropriar-se do que lhe estava á mão, abandonado, e tanto admirava!”

““Procedeu, no entanto, sempre com uma escrupulosidade digna de admiração.”

“Fallecendo D. José I a 24 de Fevereiro desse mesmo anno de 1777, decidiu a Camara de Santos, ao saber da noticia, mandar celebrar solemnes exequias pela alma do soberano que — alheio ao que se lhe attribuia, como ao hollandez proverbial — se convencionara appellar “o Reformador”.

A 14 de Julho pronunciava Frei Gaspar o ultimo dos seus grandes sermões, correspondendo assim ao instante e honroso convite da Municipalidade Santista.”

“Não é certamente esta oração funebre uma obra prima, diz Taunay, nem o panegyrico de D. José I assumpto capaz de inspirar um surto oratório de certo vulto. Não podia um espirito como o de Frei Gaspar illudir-se acerca do que na realidade, fôra o titere real, engonçado na mão potente de Pombal, a quasi abulica nullidade coroada, que o terrivel ministro manejava a seu talento”. “O que do pulpito entendeu fazer foi uma demonstração de fidelidade, propria, e em nome dos habitantes de Santos, á corôa lusitana, um preito de lealismo do vassallo reverente ao soberano respeitado com todas as veras do coração. Optimo o ensejo para dar larga aos sentimentos que constituíam a

trama da sua formação de aristocrata e tradicionalista. Assim, pois, esquecendo-se de Pombal e de D. José I, viu Frei Gaspar no morto, apenas El-Rei, e convicto, prestou sincera homenagem de respeito e afeição á memoria de quem, por mercê de Deus e sem o concurso da vontade dos povos de aquem e alem mar, vinte e sete annos governára o Império lusitano ou passára por fazê-lo”.

Coincidira a morte do Rei, com a tomada da Ilha de Santa Catharina pelos Hespanhoes, operada no mesmo dia, e, achando-se o povo de Santos “muito consternado pela vergonhosa entrega” por parte da guarnição portugueza que capitulára sem a menór resistencia, aproveitou Frei Gaspar a oportunidade para fazer vibrar a nótã patriótica no seu sermão, principiando pela comparação entre certa feição da vida do rei defunto e a do santo varão Job, confronto este encarado sob curioso aspecto, embóra bastante forçado, terminando por apontar ao auditório a esperanza de proximo e completo desforço, sob a inspiração da nova soberana “mulher forte, tão illustre quanto a grande Catharina das Russias, escolhida por Deus como Deborah para redemptora de Portugal”.

Pouco tempo depois, ao écho dos seus merecimentos, recebia Frei Gaspar, emanado da cõrte portugueza, um convite para que acceitasse a mitra madeirense, convite espantoso na época em que se operava, por tratar-se de um brasileiro, para cujo paiz, era a lembrança régia a mais rara e honrosa deferencia, tanto quanto para o filho contemplado. Recusou porem tal honraria, allegando nada mais desejar que o recanto quiéto da sua terra; nada mais queria que Santos e os logares da sua saudade, o pedaço de chão em que passára a sua infancia, a fazenda onde nascera e a casa onde cada passo recordava sua mãe.

Mas, estava escripto que elle devia voltar ao Rio de Janeiro. D.^a Maria I reabria o noviciado da Ordem benedictina, fechado havia deseseis annos por Pombal, collocando Frei Gaspar na obrigação de attender ao novo chamado do Capitulo Geral que lhe entregava a posição de preceptor dos jovens monges, que iam reatar a successão das gerações monasticas, pelo que, elle, no cargo de Abbade do Rio de Janeiro tanto se batêra. Voltou pois ao Rio de Janeiro em 1780, mas, quatro annos depois, em 1784, já estava de retorno a Santos, para não mais sahir das terras paulistas.

Nesse anno de 1784, vemol-o a redigir a “Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil”, e, nóve annos depois vemol-o no cargo de visitador commissario dos mosteiros da Capitania.

Com oitenta annos de idade, residia ainda no velho mosteiro do Monte Serrate, fazendo quasi diariamente o penoso caminho de subida e descida do elevado morro santista, onde tinha por companheiro de solidão a Frei Miguel de Santa Catharina Motta, offerecendo ambos um tocante espectaculo de amizade, unidos como pae e filho, um octogenário e outro já dobrando os sessenta.

Assistiu então o historiador santista aos primordios da carreira dos contrraneos illustres, que tanta gloria haveriam de trazer á villa santista. Viu José Bonifacio partir para Portugal, aos 18 annos, levando as esperanças enormes que todos os santistas fundavam em seu futuro, dada a reputação que os precoces talentos lhe angariavam, e poudes ouvir-lhe os écos dos triumphos alem mar. Presenciou ao desabrochar da intelligencia de Antonio Carlos, Martim Francisco e José Feliciano Fernandes Pinheiro (o Visconde de São Leopoldo), e acompanhou-lhes os primeiros passos da carreira illustre.

Cerca de 1795 tomou a si o Dr. Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, ouvidor em Cuyabá e sócio correspondente da Academia Real de Lisbôa a iniciativa de submeter os manuscritos do monge santista a esta Academia, remetendo-os para Portugal, e, a 23 de Fevereiro de 1796 o illustre mathematico Francisco de Borja Garção Stockler, mais tarde barão de Villa da Praia, e então Vice-Secretario da mesma Academia, officiaua a Diogo Ordonhes, que a obra de Frei Gaspar merecera geral applauso de seus examinadores. Declarava-se a Academia portugueza prompta a imprimil-a, “debaixo do seu privilégio”, impondo-lhe apenas, certas modificações. O titulo da obra méstra de Frei Gaspar seria outro: “Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente”, supprimindo o autor o epitheto “novato” dado aos portuguezes recém-chegados ao Brasil, por descortez, a palavra bugre e outros brasileirismos, “por não serem termos geralmente adoptados na lingua portugueza”, ou então, em notas, lhes explicasse a significação, alem de outras pequenas exigencias.

Finalmente, aplainadas estas pequenas difficuldades, foram impressas as “Memorias” “á custa da Academia e debaixo do seu privilegio” segundo se decidiu em sessão de

5 de Abril de 1797 ultimando-se no mesmo anno a confecção do volume, revisto pelo erudito Antonio Caetano do Amaral, secretario interino da sábia instituição.

Em principios de 1798 recebia Frei Gaspar os primeiros volumes de sua obra, embalado por uma grande ventura espiritual que coroava o seu formidavel amor por sua terra.

O recenseamento de 1799 em Santos, ainda accusava a existencia de Frei Gaspar "doutor, padre mestre jubilado, ex-abbade provincial, contando 84 annos de idade" e do seu unico companheiro de claustro, o prior, presidente, Frei Miguel de Santa Catharina Motta, com 63 annos.

Ainda sob a impressão agradável da publicação do seu trabalho pela Academia Portugueza, falleceu Frei Gaspar em sua terra natal, a 28 de Janeiro do anno de 1800.

Frei Gaspar era socio correspondente da Real Academia de Sciencias de Lisboa, e são as seguintes, as suas obras conhecidas:

1 — "Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo" — publicada pela Real Academia de Historia Portugueza.

Lisbôa. 1797-248 pags. in — 4.º — Obra de minuciôsa indagação historica, á vista de documentos colhidos com a maior diligencia e trabalho. Memórias, que, na expressão de Pizarro, honram a religião.

Desta obra houve reimpressão com o mesmo titulo, em 1847, acompanhadas as "Memórias" do "Diário da Navegação da Armada que foi á terra do Brasil em 1530" de Pedro Lopes de Souza, e publicado em Lisboa por Francisco Adolpho de Varnhagem no anno de 1839 — Rio de Janeiro — 1847 — 2 tomos em 1 vol. in — 4.º, Edição custeada pelos cofres da Provincia de São Paulo, até que em 1920, Affonso d'Escragnolle Taunay publicou-a nóvamente em Terceira Edição de 383 paginas, acompanhada da biographia do autôr.

2 — "Continuação das Memórias" de Frei Gaspar da Madre de Deus, — offerecida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar — Vem na Revista do Instituto — Tomo 24.º — 1861 — Pags. 539 a 616. Taunay reputa falsa esta obra, attribuindo-a ao plagiário Manuel Cardoso de Abreu, com razões de sóbra.

3 — "Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil" e das entradas das religiões e suas fundações, etc.. — Copiada de um manuscrito do Archivo do Mosteiro de S. Bento, da cidade de S. Paulo e offerecida ao Instituto pelo Socio correspondente M. J. do Amaral Gurgel — Vem na Revista do Instituto, Tomo 2.º — Pags. 427 a 446. E' datada de 3 de Julho de 1784.

4 — "Historia das Minas da Provincia de São Paulo" — Manuscrito pertencente ao espolio do Visconde de S. Leopoldo, offerecido ao Instituto Historico por seu filho o Dr. J. F. Fernandes Pinheiro em 1862.

5 — “Oração Funebre” nas exequias que pelo serenissimo Senhor D. José I, Rei Fidelissimo de Portugal, mandou celebrar a Camara da villa do Porto de Santos em 14 de Julho de 1777 etc.. — Recitou-a Frei Gaspar como dissemos no texto, muito consternado pela vergonhosa entréga de Santa Catharina. Manuscripto offerecido por J. Pinto de Campos a 13 de Agosto de 1858 ao Instituto Histórico.

6 — “Oração funebre nas exequias á memoria do Bispo de Areopoli, D. João de Seixas” celebradas no Mosteiro do Rio de Janeiro em 1758. Manuscripto existente na Ordem Benedictina e citado pelo Barão de Ramiz Galvão em seus “Apontamentos Historicos” sobre a mesma Ordem.

7 — “Oração funebre” por occasião de dar-se á sepultura o corpo do Governador, Capitão-General Gomes Freire de Andrade, no Convento do desterro em 2 de Janeiro de 1763. Ibidem.

8 — “Oração funebre por occasião das exéquias do mesmo Governador”. Ibidem.

9 — “Oração Panegyrica” do nascimento do Infante D. José, principe da Beira, recitada no convento do Rio de Janeiro, a 7 de Março de 1762, nas festas solemnes, etc.. — Ibidem.

10 — “Sermão” nas festas do casamento da Senhora Princeza, mãe do Principe da Beira, pregado na Sé do Rio de Janeiro. Ibidem.

11 — “Relação do Mosteiro de Nossa Senhora do Monteserrate do Rio de Janeiro” — comprehendendo as casas, residencias, numero dos sacerdótes, coristas e donatos, e suas respectivas rendas, feita por ordem do governo portuguez e ao mesmo governo dirigida em 15 de Outubro de 1764. Ibidem.

12 — “Curso de Philosophia” — 1748 — 2 Tomos — Manuscriptos pertencentes á Bibliotheca da Abbadia Benedictina do Rio de Janeiro, constantes da relação de Taunay.

13 — “Philosophia Platonica” seu “Rationalem, naturalem et transnaturalem philosophiam sive logicam, physicam et metaphysicam complectens — per Fr. Gaspar a Mater Dei — “In hoc benedictino monasterio fluvii januariensis — Die 7 Martii Anno Domini 1748.

BRIGADEIRO JOSÉ PEDRO GALVÃO DE MOURA LACERDA

(MOÇO FIDALGO DA CASA REAL, COM ACCRESCENTAMENTO
DE ESCUDEIRO)

O Brigadeiro José Pedro de Moura Lacérda tronco de uma estirpe de militares, nasceu em Santos no anno de 1746, do legitimo consórcio do Capitão José Galvão de Moura, moço fidalgo da Casa Real, natural de Portugal, e de D.^a Maria Leme de Araujo, natural de Santos, das principaes familias da terra. Sentou praça de cadete a 31 de Março de 1762 no Regimento de Infantaria da sua cidade natal, onde

seu p  e   ra capitão e passou a sargento a 4 de Março de 1765.

Como sargento marchou para o Rio Grande do Sul, a 26 do mesmo mez e anno, de onde voltou em 1761, tendo-se distinguido em campanha por actos de bravura e infatigavel dedicação ao serviço da pátria, constantes do seu assentamento de praça. Passou a ajudante do regimento de auxiliares da marinha com o mesmo soldo de sargento, e por patente do governador e capitão general passou a alf  res do regimento de infantaria da mesma praça de Santos, a 3 de Novembro de 1770. Sendo já capitão, marchou outra vez para a Campanha do Sul, no Estado Oriental a 12 de Julho de 1775, a reunir-se com sua companhia ao exército commandado pelo tenente-general João Henrique Bohm.

Destacou-se do Rio Grande do Sul para Santa Catharina, na occasião em que alli concentrou-se parte do exercito, depois da invasão pelos castelhanos em 1777, e continuando outra vez na Campanha do Sul voltou    praça de Santos em 1789, ap  z muitos annos de luctas e trabalhos nas fronteiras do sul. No posto de sargento-m  r voltou segunda vez ao Rio Grande em 1801, recolhendo-se a Santos em Julho de 1802.

Finalmente, as notas que Azevedo Marques e outros t  veram em mãos, não alcançaram mais a seu respeito, nem data superior áquella,    porem c  rto, diz Azevedo Marques, seu melhor biographo, que percorreu os postos militares até o de brigadeiro reformado (equivalente a General hoje), em que falleceu na cidade de São Paulo, a 19 de Junho de 1822, deixando como continuador dos seus serviços    Nação, seu illustre filho Joaquim Mariano que chegou a tomar parte em combates sob seu commando e attingiu até o elevado posto de Marechal, como veremos.

TENENTE-GENERAL MANOEL MARTINS DO COUTO REIS

Nasceu em Santos este illustre militar, talvez no anno de 1750 como diz Azevedo Marques, oriundo de n  bre familia da antiga villa.

  ra ainda Tenente quando foi mandado a servir no presidio de Iguatemy, no anno de 1774, proseguindo dahi na sua carreira militar.

Serviu em todas as Campanhas do Rio Grande do Sul conquistando promoções em successivos combates e actos de bravura, até o posto de Coronel, reformando-se cerca de 1810 no posto de Tenente-General do Exército.

Em 1804, por determinação do Governador Conde de Rezende examinou a fazenda experimental de Santa Cruz e todos os seus estabelecimentos, informando acerca de seus adiantamentos e atrasos, sendo depois nomeado pelo Governo, administrador da mesma Fazenda-Escóla.

Em 1822, por ocasião da criação dos Conselhos Geraes das Províncias, foi nomeado Conselheiro do Regente pela Provincia de São Paulo, juntamente com o Desembargadôr Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, jurisconsulto notavel e homem de vasta illustração.

Em 1823 foi eleito supplente do deputado Nicolau Vergueiro á Constituinte Brasileira, ao lado de Martim Francisco Ribeiro de Andrada e outros eminentes cidadãos.

Falleceu este illustre santista lógo apóz os factos da independencia, com a idade de 76 annos, e, pelos dados mais certos no anno de 1826, porquê como bem observa o Dr. Sacramento Black em seu "Diccionario Bibliographico Brasileiro", no Almanack de 1825, anda constava o nóme delle entre os vivos.

Deixou o Tenente-General Manoel Martins do Couto Reis, tres óbras conhecidas e publicadas, que são:

1 — "Memoria de Santa Cruz" — Seu estabelecimento e economia primitiva; seus successos mais notaveis, continuados do tempo da extincção dos denominados jesuitas, seus fundadores, até o anno de 1804. — Sahiu publicado na "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro" — Tomo 5º Pags. 154 a 199 da 2.ª edição. 1843, e a Bibliotheca Nacional possue uma copia de 66 folhas, com duas cartas geographicas.

2 — "Memoria" ácerca dos meios de facilitar e ampliar a civilisação dos indigenas que habitam as margens do rio Parahyba do Sul e seus confluentes, e do expediente mais racional para tentar o estabelecimento de uma navegação pelo mesmo rio e do modo mais proprio de arranjar serrarias, córte e fabrico de madeiras a coberto da invasão dos indigenas.

O original de 12 folhas, existe na Bibliotheca Nacional, datado da Fazenda de Santa Cruz, 10 de Fevereiro de 1799.

3 — "Informação" ácerca dos bréjos de S. João Pequeno da real fazenda de Santa Cruz. — O Archivo Militar possue duas cópias, uma de 3 fls. e outra de 5 pag. in-fol, assim como algumas cartas topographicas inéditas do mesmo autor.



José Bonifacio de Andrada

CONSELHEIRO JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA
(O PATRIARCHA)

José Bonifacio nasceu em Santos, a 13 de junho de 1763, do legitimo consórcio do Coronel Bonifacio José de Andrada, e de Da. Maria Barbara da Silva. Seus primeiros estudos foram feitos com seu proprio pae, homem instruido e bom, de grande linhagem e muito conceito em Santos, e com um velho padre D. Manoel da Ressurreição que não perdia as esperanças de encaminhá-lo para o claustro.. Aos 14 annos seguiu para S. Paulo, onde fez o curso de humanidades, seguindo depois para o Rio de Janeiro e de lá para

Portugal, onde, na idade de 20 annos entrou para a Universidade de Coimbra, tomando o gráo de bacharel alguns annos depois. Seguiu então para Lisboa, onde já havia sido precedido pela fama literária adquirida nos bancos da Universidade. Estava formado em Direito Civil e Philosophia, apóz um curso considerado notável por seus collégas e méstres. Chegando a Lisboa foi immediatamente recebido pela Academia Real de Sciencias, da qual ficou fazendo parte, até ser mais tarde seu Secretário Perpétuo.

Em 1790 seguiu José Bonifacio em viagem por toda a Europa, na peregrinação scientifica que devia tornal-o o grande méstre do futuro, acompanhado então de Manoel Ferreira da Camara Bittencourt, tambem brasileiro. Antes de seguir, porem, já havia elle apresentado á Academia Real de Lisboa, a sua primeira e interessante MEMORIA sobre a pesca das balêas.

Durante déz annos viajou e estudou por quasi toda a Europa, sendo alumno do grande Lavoisier em Paris, de Chaptal e Fourcroy e depois de Jussieu e Haüy. Em Freyberg, teve por méstres, Werner em oryctognosia, geognosia e montanistica; Lempe, de mathematica pura e applicada, especialmente á theoria das machinas; Köhler, de direito e legislação das minas; Kjozsch, de ensaios chimicos dos mineraes; Freiesleben, de chimica pratica; Lampadius, de metallurgica; e outros luminares da sciencia contemporanea.

Graças a esses estudos e ao seu grande genio, poudé elle descobrir e descrever quatro nóvas especies mineraes — a petalite, a Spoduméne (posteriormente denominada Triphane por Haüy), a Scapolite e a Kryolithe, uma quasi original, a Ichtyophthalma, e sete variedades, a Wernerite, variedade de Scapolite; a Akanthikone, variedade do Epidoto; a Salite e a Coccolite variedades do Pyroxéne; a Indicolite, variedade azul da Turmalina, considerada por Haüy como uma especie distincta; a Aphrizite, outra variedade de turmalina, e a Allochroite, variedade da Granada.

Da sua commissão de estudos pela Europa, a que o mandou Martinho de Mello Ministro de D. Maria I pelo receio “de que fosse fazer uma revolução no Brasil” como disse Mello Moraes em sua “Historia do Brasil-Reino e Brasil-Imperio” (Tomo I, pag. 193), deixou elle em cada ponto do velho mundo uma lembrança da sua vasta illustração com as diversas Memorias que escreveu sobre variados ramos de conhecimentos humanos, de onde lhe veio o me-

recer honrôsa admissão de sócio em todas as Academias de Sciencias do seu tempo, como demonstramos na parte final desta biographia com a relação complêta das suas obras e dos seus titulos.

Em Setembro de 1800 voltou a Portugal e foi nomeado lente de Metallurgia na Universidade de Coimbra, lugar que exerceu por alguns annos, como tambem os de intendente geral das minas e metaes, superintendente do rio Mondego, das obras publicas de Coimbra, e Desembargadôr do Porto.

Invadido Portugal pelas forças de Napoleão, José Bonifacio deixou por um pouco a sciencia e correu ao campo de batalha, servindo como commandante do corpo academico, onde militou com glória e denôdo. Uma vez livre o território portuguez, foi nomeado intendente de policia da cidade do Porto, e logo depois, em 1812, éra eleito Secretario perpétuo da Academia Real de Sciencias, em seguida á publicação de escriptos de grande e reconhecido mérito.

Durante sua estada em Paris, de 1790 em diante, respirára José Bonifacio o ambiente revolucionario da chamada Capital do mundo, em que desabava a sociedade feudal, ruíam os privilegios dynasticos, proclamava-se a egualdade perante a Lei, e por fim abolia-se a realeza, e temperára o seu espirito entre as declamações de Jean Jacques Rousseau, os gestos heróicos de Rouget de Lisle e Chenier e as proprias doutrinas organicas de Diderot e Condorcet. Regressando a Lisbôa, elle vinha saturado de sabedoria cosmológica, porejando sciencia, reçumando idéas avançadas.

Éra esse homem que parecia convir a Thomaz Antonio da Villa Nova Portugal, o Ministro de D. João VI no Rio de Janeiro, o mesmo que por ocasião da acclamação daquelle Rei lhe fallára claramente, mostrando que a união do Brasil com Portugal não podia durar muito tempo, dizendo-lhe que, se Sua Magestade tinha saudades do berço de seus avós, regressasse a Portugal; mas se queria ter a gloria de fundar um grande e poderoso Imperio, e fazer da nação portugueza uma das maiores potencias do globo, ficasse no Brasil, accrescentando: "Aonde Vossa Magestade ficar será seu; a outra parte há de perder", ao que o Rei respondera: "POIS PERCA-SE PORTUGAL".

Foi esse homem pois, que, "havendo-se resolvido a nomeação de um brasileiro para ajudante do ministro assistente ao despacho, e que só depois de dar provas da sua fidelidade no exercicio deste novo emprego fosse elevado a Ministro de Estado em uma das repartições para a qual

se mostrasse mais habilitado, escolheu para seu ajudante a José Bonifacio de Andrada e Silva, que se achava então em Coimbra, para onde fez expedir ordem (sem dizer para quê) que fosse José Bonifacio enviado ao Rio de Janeiro. A Regencia de Portugal não obedeceu a tal ordem; representou, e fundava a sua representação no perigo que lhe parecia dever correr a paz publica se José Bonifacio voltasse ao Brasil. Era isso uma tradição antiga, que datava de Martinho de Mello, Ministro da Marinha e de Ultramar no reinado de D.^a Maria I, que a tinha calado no animo dos homens de Estado de Portugal. A regencia obedeceu contudo á segunda ordem que foi expedida em palavras terminantes, e José Bonifacio chegou ao Rio de Janeiro em 1819”.

Apezar de quanto pretendem affirmar certos chronistas de hoje, as aspirações separatistas de José Bonifacio, como se vê no escriptor portuguez que é Latino Côelho, em seu “Elogio Historico de José Bonifacio” paginas 36/37, apparecem reveladas já nos discursos academicos do grande san-tista e nos derradeiros tempos da sua morada em Portugal, convencido como sempre andou elle, de que a emancipação de sua terra, até alli estreitamente recatada pelo egoismo da metrópole, éra uma necessidade impreterivel, e para isso punha em paralelo as condições politicas da colonia americana com as enraizadas e abusivas instituições da velha Europa, certo de que lá, nenhuma influencia theocratica poderia empecer ou amesquinhar a civilisação.

Parêce, todavia, que a idéa fixa de José Bonifacio éra começar o seu trabalho pela Provincia natal, e, desta fórma, vemol-o naquelle mesmo anno em Santos, dando inicio com seu irmão Martim Francisco, á sua famosa “VIAGEM MINERALOGICA PELA PROVINCIA DE S. PAULO”, em premio do que, D. João VI agraciou-o com o titulo do Con-selho.

Achava-se em São Paulo, quando no dia 23 de Junho de 1821, o povo e a trópa, cansados de soffrer as tentativas recolonisadoras que o Governo de Portugal estava desenvolvendo e preparando depois da retirada de D. João do Brasil, reuniram-se em violento comicio no largo da Camara Municipal, procedendo por aclamação á eleição do Governo Provisório para dirigil-os. Exigida a presença de José Bonifacio, a elle foi confiada a indicação daquelles que deviam compor o novo Governo paulista. E então, da sacada do Paço Municipal elle foi dictando um por um dos nomes que julgava merecer tal honra, todos acceitos e vi-

ctoriados pela multidão. Coube-lhe ahi, a Vice-Presidencia impôsta por todos, desde que elle não acceitava a Presidencia, mas, de facto foi elle o Presidente, que a 24 de Dezembro do mesmo anno reunia todos os membros do Governo para em nôme do povo dirigir ao Principe Regente a enérgica representação que echoou por todo o Brasil como uma fulminação poderosa atirada á face do congresso luzitano, na phrase eloquente do illustrado Dr. Francisco I. M. Homem de Mello na interessante biographia que de José Bonifacio escreveu, representação que operou no animo do Principe Regente D. Pedro a resolução de ficar no Brasil (declarada no dia 9 de Janeiro de 1822) e de organizar o ministério de 16 do mesmo mez de Janeiro em que as pastas do Reino e Negócios Extranjeiros foram incumbidas a elle, José Bonifacio.

José Bonifacio não assistiu ao “Fico” entretanto, porque nessa occasião se achava em viagem de Santos para o Rio de Janeiro, em deputação da Provincia de São Paulo, afim de lhe reiterar o pedido de permanencia já feito anteriormente por escripto. Diz Mello Moraes em sua referida obra, que José Bonifacio seguiu correndo a cósta em canôa de vôga, até Itaguahy, onde chegou no dia 16. A princeza Da. Leopoldina que alli se achava, na Fazenda “Santa Cruz” foi quem primeiro deu a noticia a José Bonifacio da sua nomeação de Ministro, nomeação que elle não quiz acceitar, mas que acceitou por insistencia della.

Atravéz dessa mulhér, diz o Conselheiro Drummond. confidente da Princeza, que lhe confiava a correspondencia mantida com José Bonifacio, poudes elle realisar os seus ideaes como sonhára, fazendo a obra da independencia brasileira, tal como foi feita, sem fragmentação da nossa unidade territorial, a que elle chamava a “famosa peça inteira de architectura social”.

A 23 de Agosto de 1822 realisava-se no Palacio de São Christovão, a famosa reunião ministerial sob a presidencia de Da. Leopoldina, ausente o principe D. Pedro que se achava em São Paulo levado pelos ultimos acontecimentos e a conselho de José Bonifacio. Naquella reunião ficára resolvida a Independencia do Brasil, com D. Pedro ou sem elle, exactamente como diz a famosa carta da Princeza ao esposo e que foi alcançal-o nas collinas do Ypiranga, carta essa que junto á outra de José Bonifacio e aos despachos das Côrtes de Lisbôa, gerou a exaltação do Principe, creando o gésto separatista de 7 de Setembro.

Eleito depois Deputado á Assembléa Constituinte brasileira, foi José Bonifacio nomeado membro da comissão encarregada de elaborar o respectivo projecto da Constituição, que não foi adoptado em virtude dos acontecimentos sobrevindos, que trouxeram como resultado a quédá do ministério de que fazia parte, a 17 de Julho de 1823, collocando-o então em opposição ao novo governo. Outros queriam colher as palmas de tudo aquillo que elle preparára e fizera. Outros mais felizes heróes de ultima hóra, acabavam de apparecer, como sempre e como ainda hoje aconteçe.

De José Bonifacio partiu a primeira vóz abolicionista, verberando a crueldade da escravidão e os males que ella fatalmente causaria á formação da nossa raça, á nossa Sociedade e á nossa propria evolução. São da sua famosa "REPRESENTAÇÃO SOBRE A ESCRAVATURA" apresentada á Assembléa Constituinte do Império do Brasil em 1823 e impressa em Paris em 1825, as seguintes sábias e prophéticas palavras:

"Mas, como poderá haver huma Constituição liberal e duradoura em hum paiz continuamente habitado por huma multidão immensa de escravos e inimigos?

.....

Hé tempo, e mais que tempo, que acabemos com um trafico tão barbaro e carniceiro, he tempo tambem que vamos acabando gradualmente até os ultimos vestigios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações huma Nação homogênea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitáveis e felizes. He da maior necessidade ir acabando tanta heterogeneidade physica e civil; cuidemos desde já em combinar sabidamente tantos elementos discórdes e contrarios, e em amalgamar tantos metaes diversos, para que saia um TODO homogeneo e compacto, que se não esfarelle ao pequeno toque de qualquer nova convulsão politica.

.....

Que educação podem ter as familias que se servem destes entes infelizes sem honra nem religião? De escravas que se prostituem ao primeiro que as procura? Tudo porém se compensa nesta vida; nós tyranisamos os escravos e os reduzimos a brutos animáes, e elles nos

inoculação toda a sua immoralidade, e todos os seus vícios.

Qual é a Religião que temos, apesar da belleza e santidade do Evangelho que dizemos seguir? A nossa Religião he pela mór parte hum systema de superstições e de abusos anti-sociaes; o nosso Clero, em muita parte ignorante e corrompido, he o primeiro que se sérve de escravos, e os accumúla para enriquecer pelo commercio, pela agricultura, e para formar muitas vezes, das desgraçadas escravas um HAREN TURCO.

Senhores, quando me emprégo nestas tristes considerações, quasi que perco de todo as esperanças de ver o nosso Brazil hum dia regenerado e feliz, pois que se me antolha, que a ordem das vicissitudes humanas está de todo invertida no Brazil. O luxo e a corrupção nascerão entre nós antes da civilisação e da industria; e qual será a causa principal de um phenómeno tão espantoso? A escravidão, Senhores, a escravidão, porque o homem que conta com os jornaes de seus escravos, vive na indolencia, e a indolencia traz todos os vícios apóz si.

As artes não se melhorão: as machinas que poupão braços, pela abundancia extrema de escravos nas povoações grandes são desprezadas.

A lavoura do Brazil, feita por escravos boçaes e preguiçosos, não dá os lucros, com que homens ignorantes e fantasticos se illudem.

Mas dirão talvez que se favorecerdes a liberdade dos escravos será atacar a propriedade. Não vos illudaes, senhores, a propriedade foi sanccionada para bem de todos, e qual he o bem que tira o escravo de perder todos os seus direitos naturaes, e se tornar de *pessoa a cousa* na phrase dos jurisconsultos? Não he pois o direito de propriedade, que querem defender, he o direito da força, pois que o homem, não podendo ser *cousa*, não póde ser objecto de propriedade.

Se a lei deve defender a propriedade, muito mais deve defender a liberdade pessoal de homens, que não pôde ser propriedade de ninguém, sem atacar os direitos da Providencia que fez os homens livres e não escravos; sem atacar a ordem das Sociedades, que he a execução estricta de todos os deveres prescriptos pela Natureza, pela Religião e pela sã Política; ora, a execução de todas estas obrigações he o que constitue a virtude; e toda Legislação, e todo Governo (qualquer que seja a sua fôrma) que a não tiver por base, he como a estatua de Nabucodonozor, que huma pedra desprendida da montanha derribou pelos pés; he um edificio fundado em arêa solta, que a mais pequena borrasca abate e desmorona.

.....

Este trabalho monumental de José Bonifacio devia ser lido por todo o povo do Brasil, como licção e como exemplo. Elle retrata uma época e prevê males que haviam de durar mais de cem annos, visto que até hoje ainda pagamos as consequencias do atrazo social, do egoismo, da malvadez e dos vícios dos homens daquella época.

Se a Assembléa Constituinte do Imperio houvesse abolido desde aquelle anno de 1823, a escravisação dos negros no Brasil, a nossa raça seria outra agóra, e a nossa Sociedade como a nossa vida em todas as suas manifestações, não se resentiriam como se resentem agóra da sua influencia ainda périto.

Mas, os Constituintes da primeira Assembléa brasileira, com excepção da representação de São Paulo, recusaram quasi todos, reflectindo os grandes interesses escravocratas de todas as regiões, as nóbres suggestões do grande sábio santista, fazendo até da nobreza deste gésto do Andrada, um dos motivos da sua quêda, do seu desterro e de todos os soffrimentos que o esperávam.

Hoje concordamos em que o nosso grande progresso, começou com a substituição do braço escravo pelo braço livre, do negro pelo branco, do africano pelo europeu, mas não nos lembramos de que esse mesmo progresso, de que toda essa nòssa evolução, poderiam ter tido inicio sessenta anno antes, a tempo de sermos o dobro do que somos, se fossem ouvidas as palavras humanas e progressistas de José Bonifacio.

A 12 de Novembro de 1823, com a dissolução da Assembléa Constituinte, foram José Bonifacio e seus irmãos Martim Francisco e Antonio Carlos, presos e deportados para a França. As nossas gerações deviam conhecer os pormenores da tristissima via-sacra do "Luconia", levando a seu bordo os tres grandes santistas, olhados então, não mais como os vencedores da véspera, mas como verdadeiros leprósos, cujo contacto, convinha a todos, brasileiros e estrangeiros, evitar com repugnancia e com requintes de infamia...

Estas seriam as lições necessarias á formação do espirito das nossas crianças exigiveis em todos os collégios. A nobreza de character de José Bonifacio fizêra com que se visse elle envolvido na voragem em que se precipitou a Constituinte Brasileira, arrastada pela mascula energia de Martim e subjugada pela palavra eloquente de Antonio Carlos. José Bonifacio apenas compartilhou, como exemplo de fraternidade, de tudo aquillo que fatalmente haveria de provocar o exilio de seus irmãos. Seus inimigos tão cértos estiveram da bellesa e cavalheirismo do seu gésto, que nunca procuraram provar sua cumplicidade na imprudencia politica de seus irmãos, mas, a história para pronunciar a iniquidade do seu desterro não carêce de arrolar testemunhos e pesquisar documentos, basta o eloquente arrependimento do soberano que o sacrificára, e que na hora extrema da abdicação, quando tambem elle devia deixar a terra do Brasil, tangido d'elle, entregou a José Bonifacio a tutela de seus filhos.

Cinco annos passou em França o patriarcha, desafo-gando as saudades do exilio em sentidas poesias quasi todas sob o pseudonymo de Americo Elyseo, emquanto que para sustentar a familia, se desfazia das suas preciosas, das suas queridas collecções mineralógicas. O Governo imperial julgara necessario tão longo desterro, receiando sua grande e imponente presença, capaz só ella de derrubar um throno, prohibindo formalmente o seu regresso á patria, já no começo de 1828.

Sómente a 23 de Julho do anno seguinte, a galera "Phoenix" repatriava o exilado do "Luconia". Aguardava-o imperador, com manifestações de profunda ternura, no esforço de ostentar sincêro arrependimento da sua inqualificavel conducta.

Mas, as desillusões do venerando ancião, levaram-no a procurar discreto retiro onde a Abdicação o foi buscar para a tutela do novo imperante.

Amargas provações estavam ainda reservadas para elle. A regencia, nascida do prestigio militar, teve a combater, na indisciplina da trópa, o principal elemento da desordem que ameaçava a segurança do Estado.

A revolta e a insubordinação se alastravam pelas provincias, aggravando a difficil situação creada pela lucta partidária em que se dividiam os principaes dirigentes da politica.

Emquanto os "moderados" dirigidos por Evaristo da Veiga, pugnavam pela ordem com a sustentação da regencia, e os "exaltados" incitavam a sedição sob o pretexto de assegurar o processo, os homens mais eminentes da época, entre os quaes se destacavam José Bonifacio e Cayrú, só enxergavam o salvamento na restauração do passado. Diogo Feijó á testa do ministério da Justiça, em pouco mais de um anno de governo conteve a desordem revolucionária, firmando a autoridade civil. A' sua inflexibilidade devemos a salvação do Brasil no mais calamitoso periodo de nossa vida politica.

Mas, a energia do futuro regente não havia logrado o restabelecimento definitivo da ordem. Exaltados e restauradores successivamente se agitavam, até que aquelles em violento desforço contra estes, promovem desordens e assaltos a sociedades e jornaes, coroando suas façanhas a 15 de Dezembro de 1833, por uma marcha ao palacio imperial, onde prendem a José Bonifacio, que é enviado em custódia para a Ilha de Paquetá.

Destituído da tutela do joven soberano, foi o patriarcha da independencia processado e julgado como conspirador. Absolveram-no todavia. E' alli, por fim, na mesma ilha de Paquetá, que já lhe servira de prisão, que elle vae passar os seus ultimos annos, na paz e no esquecimento dos homens, dentro do seio amigo da natureza.

Vulto lendário, inacreditavel hoje e ainda mais amanhã, se não nos contassem os seus contemporâneos que elle existiu e quem elle foi, se não existissem ainda todas as suas obras e todas as Sociedades scientificas de que elle fez parte, e se não existisse por fim a propria independencia politica do Brasil feita por elle.

Morreu José Bonifacio na cidade de São Domingos de Nitheroy, a 6 de Abril de 1838, aos setenta e cinco annos de

idade, e suas cinzas foram annos depois, transferidas daquella cidade fluminense para Santos, onde se recolheram ao Convento do Carmo, ao que parece primeiro junto ao altar-mór, e depois na parte do convento onde ainda hoje descançam, no Pantheon que la existe, e onde uma lampada votiva annuncia aos visitantes que etérna será a sua memória na terra que lhe serviu de berço.

O artista equestre Antonio Carlos do Carmo, por occasião de uma excursão á Santos, piedosamente mandou fazer uma lápide para indicar aos pósteros a ultima morada do Patriarcha, que é a mesma que lá vemos, e, uma subscrição popular, promovida por estudantes da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, de passagem por Santos, adquiriu o mausoleu em que seu réstos repousam, obra confiada a Rodolpho Bernardelli, sendo de lembrar, como uma triste observação, que os caixões que a trouxeram da Európa, ficaram presos por muito tempo no armazens da Alfandega local, por falta de pagamento dos respectivos direitos, até que um grupo de commerciantes, quando já iam a leilão publico, comprou-os para definitiva erecção no atrio do convento! Cousas pequenas da História, para reacar os grandes!

Santos como não, podia deixar de ser, deu-lhe o nome a uma praça e deu-lhe outra em commum com seus irmãos e companheiros de glória, levantando-lhe por fim o grande monumento da praça da Independencia.

José Bonifacio foi o unico homem que teve a honra de possuir uma estátua inaugurada e descoberta pelo proprio Imperador D Pedro II, no dia 7 de Setembro de 1872, iniciativa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, occasião em que o grande Imperador pronunciou as seguintes palavras:

“As nações engrandecem-se com as homenagens prestadas a seus varões illustres. José Bonifacio de Andrada e Silva é digno da veneração que lhe tributam todos os brasileiros, e eu lhe consagro como grato pupillo”.

Em 1839, um anno apóz sua morte, o Dr. Venancio José Lisboa, primeiro Presidente da Provincia de São Paulo, em solenne homenagem á sua memória, elevou Santos, sua terra natal, á categoria de cidade “POR SER SUA PATRIA”. promulgando no dia 26 de Janeiro de 1839, a Lei N.º 122, a mais delicada commemoração que se podia fazer a um santista.

AS OBRAS DE JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

1 — “Memoria sobre a Pesca das Baleas, e extracção do seu azeite; com algumas reflexões a respeito das nossas Pescarias”.

2 — “Sobre o erro em que estavam os europeos a respeito das descobertas do diamante”. Trabalho lido na Societé de Histoire Naturelle de Paris — 1790.

3 — “Memoria sobre o fluido electrico”.

4 — “Caractères distinctivos dos mineraes Akantikone, Spodumene, Sahlite, Ichtyophtalma, Cocolite, Aphrisite, Allochroite, Indicolite, Wernerite, Petalite, Kryolite, Scapolite”. (Traduzida para o inglez, francez e o allemão).

5 — “Segunda Memoria sobre a pesca da balea, sobre os melhores processos para preparar o azeite e sobre as vantagens que o governo tiraria animando e favorecendo as pescarias que se poderiam fazer nas costas do Brasil.

6 — “Memoria sobre as minas de Carvão de pedra de Portugal”.

7 — “Viagem geognostica aos montes Euganeos, no territorio de Padua, na Italia”.

8 — “Viagem minerographica pela Provincia de Estremadura até Coimbra. 1800”.

9 — “Instrucções dadas para servirem de Regulamento ás obras futuras e policia do Mondego, e seus campos, segundo o Aviso de 7 de Julho de 1807, referente ao mesmo assumpto”.

10 — “O Patriota” — Jornal literario, politico, mercantil, etc.. Rio de Janeiro 1813/1814. (foi a primeira gazeta literaria do Rio de Janeiro e a segunda do Brasil) José Bonifacio éra um dos seus maiores collaboradores.

11 — “Discurso, contendo a Historia da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, desde 25 de Junho de 1812, até 24 de Junho de 1813” (Quando secretario da mesma Academia).

12 — “Experiencias chimicas sobre a Quina do Rio de Janeiro, comparada com outras”.

13 — “Relatorio dos Trabalhos da Academia Real das Sciencias de Lisboa do anno de 1815”.

14 — “Memoria sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal, particularmente de pinhaes nos areaes de beira-mar; seu methodo de sementeira, custeamento e administração”. Por José Bonifacio de Andrada e Silva, socio das Academias Reaes das Sciencias de Lisboa e de Stockolmo, da Sociedade dos Investigadores da Natureza de Berlin, da Mineralogica de Jena, da Geologica de Londres, Werneriana de Edinburgo, das de Historia Natural e Philomatica de Paris, etc.. — 1815.

15 — “Memoria Mineralogica sobre o districto metallurgico entre os Rios Alve e Zezerê”.

16 — “A Primavera”. Idyllo traduzido do grego em portuguez.

17 — “Discurso contendo a Historia da Academia Real das Sciencias, desde 25 de Junho de 1814, até 24 de Junho de 1815”, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da mesma Academia.

18 — “Memoria sobre a nova Mina de Ouro da outra banda do Tejo”.

19 — “Discurso Historico recitado na Sessão publica de 24 de Junho de 1818”, pelo Secretario da Academia Real de Sciencias, José Bonifacio de Andrada e Silva.

20 — “Memoria sobre as pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chacim, Souto, Ventozellos, e Villar de Rey na Provincia de Traz os Montes”.

21 — “Excursão montanistica em parte da Provincia de S. Paulo para determinar os seus terrenos metalliferos” (Em collaboração com Martim Francisco).

22 — “Discurso Historico Recitado na Sessão publica de 24 de Junho de 1819”, pelo Secretario da Academia Real de Sciencias, José Bonifacio de Andrada e Silva.

23 — “Apontamentos para a civilização dos indios bravos do Imperio do Brasil”.

24 — “Estatutos para a Sociedade Economica da Provincia de São Paulo”.

25 — “Plano da Obra” (Introducção dos “Annaes Fluminenses” de sciencias, artes e literatura, publicados por huma Sociedade Philo-Technica no Rio de Janeiro .

26 — “Parecer da Commissão encarregada dos artigos addiccionaes da Constituição para o Brasil”, lido pelo Deputado de São Paulo, o senhor José Bonifacio de Andrada e Silva, na sessão de 17 de Junho de 1822. (Mandado imprimir com urgencia).

27 — “Edital de 12 de Dezembro de 1822, assignado por José Bonifacio de Andrada e Silva, prevenindo ao povo e especialmente ao commercio, dos riscos e perigos a que se expunham pela continuação das relações commerciaes com os negociantes de Portugal”.

28 — “Manifesto de S. A. R. o Principe Regente Constitucional e Defensor Perpetuo do Reino do Brasil, aos Povos deste Reino”.

29 — “Representação que, á Augusta presença de Sua Alteza Real o Principe Regente do Brasil, levárão o Governo, Senado da Camara, e Clero de São Paulo; por meio de seus respectivos Deputados; com o discurso que em audiencia publica do dia 26 de Janeiro de 1822 dirigio em nome de todos ao mesmo Augusto e Secretario d’Estado dos Negocios do Reino e Estrangeiros”.

30 — “O Tamoyo” — Rio de Janeiro — 1823. (Inspirado e em parte escripto por José Bonifacio e Martim Francisco).

31 — “Projecto de Constituição para o Império do Brasil”. — 1823.

32 — “Discursos Parlamentares”. — 1823.

33 — “Poesias Avulsas de Américo Elysio”. — Bordéos — 1825. (contendo tambem traducções de Ossian, de Hesiodo, de Pindaro, e outros).

34 — “Representação á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil sobre a escravatura”. Por José Bonifacio de Andrada e Silva, Deputado á dita Assembléa pela Provincia de S. Paulo. — Paris — 1825.

34 A — “Extracto da Representação á Assembléa geral Constituinte e legislativa do Imperio do Brasil sobre a escravatura”, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Deputado á dita Assembléa pela provincia de S. Paulo (4 paginas numeradas).

35 — “Réfutation des calomnies relatives aux affaires du Brésil insérées par un Monsieur De Loy dans l'Independent de Lyon”; par-Messieurs José Bonifacio de Andrada, Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada et Martin Francisco Ribeiro d'Andrada. Paris — 1826.

36 — “Memory addressed to the General Constituent and Legislative Assembly of the empire of Brasil, on Slavery!” Translated from the portuguese by William Walton — Londres — 1826.

37 — “O reino da Estupidez”. Poema em colaboração com Francisco de Mello Franco. — Pará 1819 — Paris 1834.

38 — “Amérique Méridionale”. Voyage minéralogique dans la province de Saint-Paul du Brésil. — 1827.

39 — “A Poesia. A Amisade”. Odes. — Lisboa 1827.

40 — “Ode aos Gregos”. — 1828.

41 — “Protesto á Nação brasileira e ao mundo inteiro pelo cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva”, deputado pela Bahia. — Rio — 1831.

42 — “Manifesto do Grande Oriente do Brasil” — Por José Bonifacio de Andrada e Silva — Grão Mestre.

43 — “Manifesto do G.. O.. B.. a todos os GG.. OO.. LL.. LL.. RR.. MM.. de todo o mundo”. Rio — 1832. (dizem que este manifesto foi escripto por Joaquim Gonçalves Ledo e não por José Bonifacio).

44 — “Elogio Academico da Senhora D. Maria I”, recitado em sessão Publica da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, aos 20 de Março de 1817.

45 — “Viagem Mineralogica na provincia de São Paulo”. (Em colaboração com Martim Francisco). — Rio — 1846.

46 — Necessidade de uma Academia Agricola no Brasil”.

47 — “Cartas Andradinas”. Correspondencia de José Bonifacio, Antonio Carlos e Martim Francisco, com o Conselheiro Drumond, de 1824 a 1838.

48 — “Idéas sobre a organização politica do Brasil quer como reino unido a Portugal, quer como reino independente”. — Rio.

49 — “Decreto de 18 de Setembro de 1822 declarando o Brasil independente”. Rio.

50 — “Manifesto do Principe Regente do Brasil aos governos das nações amigas”, de 6 de Agosto de 1822. — Rio — 1822.

51 — “Instruções a que se refere o Decreto de 3 de Junho do corrente anno que manda convocar huma assembléa geral const. e legisl. para o Reino do Brasil”. — Rio, 1822.

52 — “Decreto de 16 de Fevereiro de 1822 creando o Conselho de Procuradores Geraes das Provincias do Brasil” — Rio.

53 — “Um esboço sobre as minas da Suecia, com especialidade sobre as minas de Uto, nas quaes descobri a substancia mineral “petalite”, que contem segundo as opiniões de Berzelius e Arfvedson, o alcali apellidado na technologia chimica “lithia”. — (Esta memoria e outras sobre as minas da Suecia, grangearam para José Bonifacio, o titulo de Membro da Real Academia das Sciencias de Stockolmo. Foi traduzida para o francez e para o Inglez.)

54 — “Descripção minuciosa das minas de Salha”. (vertida para o allemão.)

55 — «Petições acerca do seu regresso para o Brasil”, dirigidas: 1) a João Antonio Salter de Mendonça, Ministro do Reino e da Fazenda em Portugal; 2) ao Rei.

56 — “Discurso recitado perante S. M. I. por occasião da sua Acclamação, em nome dos povos da Parahyba do Norte”.

57 — “Discurso que o Doutor José Bonifacio de Andrada e Silva dirigio a S. A. R. em nome do Governo da Parahyba do Norte” (1822).

58 — “Instrucções dadas pelo Lente de Metallurgia da Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra”, o Doutor José Bonifacio de Andrada e Silva em 1806.

59 — “Cantigas Bucólicas”. (Rio.)

60 — “Memoria sobre a minerographia da serra que decorre do Monte de Santa Justa até Santa Comba”. (Lisbôa.)

61 — “Miscelanea”. Escriptos em prosa e verso.

62 — “Miscelanea”. Do tomo IV de varios papéis.

63 — “Elogio dos Reis de Portugal”. (Lisbôa.)

64 — “Ensaio de Historia contemporanea”. (Lisbôa.)

65 — “Jornal das minhas viagens”.

66 — “Tratado de Mineralogia”.

67 — “Traducção e commentario de parte das obras de Virgilio”.

68 — “Compendio de montanistica e docimasia”.

69 — Memoria sobre o trabalho e manipulação das minas de ouro”.

70 — “Testamento metallurgico”.

71 — “Observações sobre diversas minas da Europa”. e outros talvez que não pudéram ser collidos.

72 — “Geologia elemental applicada á agricultura e industria com um dictionario de termos geologicos ou manual de Geologia” — Traducção de Nereo Boubec.

Inéditos:

73 — “Jornal de viagens”.

74 — “Tratado de Mineralogia”.

75 — “A Dissolução” (?) — Poema em 8 cantos em versos soltos. Não se póde affirmar que seja esse o titulo do poema; seu assumpto

porem, é a dissolução da Assembléa Constituinte do Império; nelle há varios episodios relativos á Independencia do paiz, dos quaes alguns só foram testemunhados pelo Imperador e pelo autôr. Nelle finalmente, faz-se o esboço com severidade, de alguns homens notaveis da época, segundo affirmação do Conselheiro Drumond.

TITULOS E CARGOS DE JOSE' BONIFACIO

Bacharel em Philosophia e Bacharel em Direito Civil e Sciencias naturaes pela Universidade de Coimbra. (1787)

Membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa (1789.)

Membro da Sociedade Philomatica de Paris (1791.)

Membro da Sociedade de Historia Natural de Paris (1791.)

Membro da Sociedade dos Amigos das Sciencias Naturaes de Berlim. (1797.)

Membro da Academia Real das Sciencias de Stockolmo. (1797.)

Doutor em Direito, por carta régia de 15 de Abril de 1801, com capello offerecido pelo Rei.

Cavalleiro professo da Ordem de Christo, por carta régia de Agosto de 1801.

Membro da Academia Real das Sciencias de Copenhagem (1801).

Membro da Academia Real das Sciencias de Turim. (1801)

Membro da Sociedade Werneriana e Sociedade Lenneana de Londres. (1802)

Membro da Sociedade de Sciencias Physicas e Historia Natural de Genova (1802).

Membro da Sociedade de Sciencias Philosophicas, de Philadelphia (1802).

Lente de Metallurgica na Universidade de Coimbra (1803).

Intendente de Policia da Cidade do Porto (1806).

Desembargador da Relação e Casa do Porto (1806).

Coronel do Batalhão dos estudantes de Coimbra contra as forças de Napoleão na invasão de Portugal (1808).

Superintendente do Rio Mondego e Obras publicas de Coimbra. (1807).

Fundador da Sociedade Maritima de Lisboa. (1807).

Secretario Perpétuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa (1812).

Membro da Sociedade Geologica de Londres (1815).

Membro da Sociedade Werneriana de Edinburgo (1815).

Membro da Sociedade Mineralogica de Jena (1815).

Socio Correspondente do Instituto de França e Academia das Sciencias de Paris — 1819.

Conselheiro de Estado — Carta Régia de 1820.

Vice-Presidente do Governo Provisório da Província de S. Paulo (1821).

Ministro de Estado do Reino e Negocios Estrangeiros. Carta Régia de 16 de Janeiro de 1822.

Ministro do Imperio. Decreto de D. Pedro II (1822).

Conselheiro de Estado (1822).

Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil (1822, 1831 a 38).

Grão Mestre do Grande Oriente Unido do Brasil (1822/31.)

Vice-Presidente da Assembléa Constituinte (Maio de 1823) e depois seu Presidente (Junho de 1823).

Deputado á Assembléa Constituinte por S. Paulo (1823).

Deputado á Assembléa Geral pela Bahia (1824).

Tutor dos Filhos menores de D. Pedro I (6 de Abril de 1831).

Membro da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro (1832), e outros de menór importancia.

Nada menos de cincoenta ou sessenta grandes escriptores, scientistas, historiadores e poétas, discorreram sobre a grande personalidade de José Bonifacio de Andrada e Silva, em varias partes do mundo, como tambem sobre os seus irmãos Antonio Carlos e Martim Francisco, e entre ellés — Humboldt, Pierre Larousse, Azevedo Marques, Joaquim Manuel de Macedo, Barão do Rio Branco, J. F. Sigaud, Teixeira de Vasconcellos e Damasceno Vieira, e innumeras são as homenagens a elle prestadas em todas as latitudes, em praças, ruas e monumentos publicos, ou denominações de Escolas, Estabelecimentos profissionaes, scientificos, etc..

FREI JESUINO DO MONTE CARMELLO

(JESUINO FRANCISCO DE PAULA GUSMÃO)

Nasceu em Santos, a 25 de Março de 1764.

Dedicado desde seus mais tenros annos á pintura, transportou-se a Itú em companhia de um carmelita nomeado presidente do convento de Santos, e ahi residiu empregando-se na pintura da igreja, trabalho que na restauração que na segunda phase do século passado se fez na mesma igreja, foi quasi todo destruido.

Jesuino de Gusmão ahi demonstrou todo o genio de que era dotado. Seria longo descrever, diz Azevedo Marques,

miudadamente o plano de pintura que ideou e executou; basta dizer que o interior do templo era forrado de madeira e pintado a óleo; entre engenhosos arabescos viam-se representados diversos santos em tamanho natural; ao correr, do entablamento no tecto eram os apóstolos e evangelistas e no centro uma série de medalhões com emblemas mysticos ou instrumentos da paixão; no corpo da capella-mór viam-se diversos passos da Escriptura Sagrada (liv. 3.º e 4.º dos Reis) que se referiam aos prophetas Elias e Elyseu.

Da referida destruição escaparam e estavam retocadas na época em que Azevedo Marques recebeu do Snr. Joaquim Leme de Oliveira Cesar, residente em Itú, as notas biographicas de que fez uso, as pinturas dos santos personagens que pretenciam á Ordem Carmelita; no tecto, tambem retocado, ainda existiam pontifices, cardeaes e bispos, e, no centro, entre numerosos anjos, a Virgem do Carmello.

Em todo o tempo que Jesuino de Gusmão trabalhou nesta decoração não recebeu salario algum.

A bondade innata, a vida exemplar que observava, gran-gearam-lhe taes affeições e fama, que uma familia de Itú o solicitou para seu seio e o conseguiu, não sem alguma resistencia, para esposo de Da. Maria Francisca de Godóy, em 1784, contando, elle apenas 20 annos de idade. Viveu neste estado pouco mais de 9 annos, até enviuvar aos 13 de Abril de 1793.

Apenas viuvo e não obstante ficar com cinco filhos, Jesuino de Gusmão começou a usar um habito preto de algodão, cingido com uma tira de couro, e assim trabalhava e comparecia a toda parte.

Concluidas as pinturas do Carmo e da Matriz, queprehendera, dirigiu-se á capital afim de estudar o latim e outras matérias necessarias á realisação da idéa de ordenarse. Quatro annos e quatro mezes depois de viuvo, a 13 de Setembro de 1797 tomou ordens menóres, a 19 de Novembro as de epistola, a 10 de Dezembro as de Evangelho e a 23 do mesmo mez as de missa. Desde as primeiras ordens passou a assignar-se Jesuino do Monte Carmello, celebrando a primeira missa no dia em que a igreja solemnisa a Senhora do Carmo, no anno de 1798.

Meditava frei Jesuino erigir um convento de freiras em Itú, e communicando esta idéa entre outras pessoas ao padre Manoel Ferraz de Camargo, homem abastado, este forneceu-lhe os meios, doando-lhe não só o Engenho chamado

do Taques, com a respectiva escravatura como o terreno em que estava situada a igreja do Patrocínio com suas dependências. Frei Jesuino vendeu o Engenho a Antonio Leite de Sampaio, e, com o producto deu começo á obra da fundação desta igreja e convento. Alguns opulentos ituanos o auxiliaram ainda para a conclusão das obras de que elle mesmo foi o architecto, e, quando proxima estava a satisfação de seus mais caros desejos, quando já ideava a festa da inauguração do seu tempo, que ainda hoje perpetúa o seu nóme, a morte o ceifou, no dia 2 de Junho de 1819.

Em Novembro de 1820 teve logar com grande pompa a solemnidade da inauguração da SS. Virgem do Patrocínio, a que concorreu numerozo auditório. Dois annos depois, o padre Diogo Antonio Feijó, por occasião da trasladação dos restos mortaes do veneravel santista para a igreja que elle edificára, dizia no discurso necrológico:

“A invenção e a piedade daquelle sacerdote chamou mil vezes ao nosso paiz os povos circumvisinhos; vistes annualmente com prazer vossas casas pejudadas de hospedes desconhecidos, mas tornados vossos amigos pelos laços da gratidão...”

Um elogio do célebre Feijó, valia por uma consagração.

Graças ao incansavel zêlo de frei Jesuino, quando o venerando bispo D. Antonio Joaquim de Mello resolveu crear um collegio de meninas dirigido por irmãs de São José, que, a esforços seus, foram, mandadas para Itú, encontrou a igreja e a casa do Patrocínio que se prestaram á realização do pensamento que tanto favorecia á villa.

Em toda a antiga Provincia fallava-se nas grandes virtudes do frade santista, e a sua morte foi um golpe para a igreja, que perdeu nelle um dos mais vivos e legitimos propagandistas pelo exemplo e pelas acções.

MARECHAL JOAQUIM MARIANO GALVÃO DE MOURA LACERDA

(FIDALGO DA CASA REAL)

O Brigadeiro Galvão de Moura Lacérda, como é conhecido nas paginas da História paulista, foi um dos grandes militares da cidade de Santos.



Marechal Joaquim Mariano
Galvão de Moura Lacerda

Éra filho do Brigadeiro reformado, também santista, José Pedro Galvão de Moura Lacerda, moço-fidalgo da Casa Real com accrescentamento de Fidalgo escudeiro, e de D.^a Gertrudes Theresa de Oliveira Montes Moura Lacerda

Nasceu o Brigadeiro na cidade de Santos, segundo um dos seus biógraphos, a 5 de Fevereiro de 1770, e, pelos documentos existentes no Archivo Publico e constantes da sua fé de officio, assignada pelo Tenente Coronel João Affonso de Almeida, Commandante interino do 7.^o batalhão de Caçadores de 1.^a linha do

Exército, em 30 de outubro de 1829, vê-se que assentou praça de soldado na 1.^a Companhia do extincto Regimento de Infantaria da Praça de Santos, a 15 de Junho de 1789.

Cadete a 18 de Agosto do mesmo anno — Alféres a 30 de Setembro de 1796 — Tenente de Artilharia a 19 de Outubro de 1798 — Capitão na 5.^a Companhia da Brigada de Infantaria da Legião da Provincia, em 7 de Outubro de 1807 — Majór Commandante do 2.^o batalhão a 24 de Junho de 1817 com antiguidade de 25 de Abril do mesmo anno — Coronel effectivo e Commandante da Legião em 22 de Julho de 1819 — Brigadeiro graduado por Decreto de 17 de Julho de 1822 com antiguidade do dia 24 de Junho do mesmo anno. Teve dispensa do Commando da Legião por Decreto de 24 de Fevereiro de 1823, apóz os factos agitados da Independencia.

O Brigadeiro Galvão de Moura Lacerda, foi nomeado para marchar para a Campanha na Capitania de S. Pedro do Sul, em 6 de Março de 1801. Em 1811 e 1812 tomou parte na Campanha de Montevidéo na qualidade de Sargento-Mór, tendo sido encarregado do commando de uma partida destinada a surprehender a guarda inimiga que se achava estacionada no Arroio Genovez, no Passo Dias Velez, donde regressando e apresentando muitos prisioneiros e tomadias marchou com a infantaria escolhida para Salto, afim de conter a passagem do exercito inimigo para o Lado Orien-

tal do Uruguay, recolhendo-se com a sua columna para os dominios portuguezes em 1812.

No posto de Tenente Coronel tornou a marchar para a fronteira do Rio Pardo em Maio de 1816, commandando as guardas avançadas compostas de dois esquadrões de Cavallaria da Legião de São Paulo, 34 praças de Artilharia da mesma legião, que guarneciam duas peças de Campanha, de Calibre 3, e duas Companhias de Dragões. Assistiu neste ponto, a acção de Cassumbé em Outubro de 1816 e batalha de Catalã em Janeiro de 1817, sendo sub-commandante naquella.

Como commandante da Fronteira do Rio Pardo operou prodigios na occasião critica em que Artigas se dispunha a atacar a Capitania de S. Pedro do Sul, informando e dispondo as partes a tempo, pondo os meios de segurança a seu alcance, até reunir-se ao General Commandante em Chêfe Joaquim Xavier Corado, a quem entregou o commando de todas as forças. Preveniu então todos os preparativos para a marcha da Legião, apromptando pessoalmente as boiadas, cavalladas, mulladas e correames necessarios, que garantiram posteriormente o bom éxito das operações.

Na referida batalha de Catalã foi ferido em plena acção, sendo promovido.

Commandou depois a Sub-Divisão que foi a Paysandú, em cuja occasião abasteceu a toda a Divisão com gado que apanhou na campanha, quando estava a mesma divisão a inteira mingua de carne por estarem os inimigos senhores do campo.

Continuou sem interrupção as Campanhas, até ultimar a pacificação da Provincia de Montevidéo, tendo recebido a 17 de Junho de 1820 o commando da Divisão da Direita do General Corado, quando commandava as forças estacionadas no ponto de S. José do Uruguay.

Voltando para São Paulo em 1821, foi por Portaria da Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, destinado para servir nesta Provincia, no que fosse mais conveniente ao paiz. Desta forma foi mandado á Comarca de Curityba, inspeccionar o Regimento 18, de Cavallaria, e o Batalhão 39.º, de 2.ª linha, afim de tirar delles para o serviço da 1.ª os individuos que estivessem nesta circumstancia, o que realizou a inteiro contento da Secretaria, prestando tambem logo a seguir relevantes serviços á independencia brasileira, de onde lhe veio a ultima graduação.

Foi por fim, reformado no posto de Marechal, apóz 45 annos de serviço, fallecendo em São Paulo, a 13 de Setembro de 1834.

DR. ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA
MACHADO E SILVA

Antonio Carlos é um dos vultos da trilogia Andradina que tão alto elevou o nome da cidade de Santos, levando o nome do Brasil aos mais remotos recantos do mundo.



Conselheiro Antonio Carlos

Antonio Carlos nasceu em Santos, a 1.º de Novembro de 1773, do legitimo consórcio do Coronel Bonifacio de Andrada, e de D.^a Maria Barbara da Silva. Teve o mesmo inicio intellectual de seus irmãos, e como elles seguiu para Portugal onde começou a cursar a Universidade de Coimbra onde diplomou-se em Leis e onde deixou nome como orador e jurista consummado.

Voltando ao Brasil, foi nomeado Juiz de Fóra da cidade de Santos, e Ouvidôr Geral em São Paulo, seguindo depois para Pernambuco, nomeado como ouvidor da Comarca de

Olinda. Nessa época, não impediu o seu elevado cargo, de realizar uma das phases mais dramáticas de sua vida, tomando parte na famosa Revolução liberal de Pernambuco em 1817, que proclamou a Republica naquella parte do paiz, com nova bandeira. Essa revolução que produziu para a Historia do paiz, as figuras sagradas de tantos martyres nacionaes, como o PADRE ROMA, assassinado summariamente pelo Conde dos Arcos na tarde de 29 de Março de 1818; o PADRE JOÃO RIBEIRO, arrancado á sepultura para ser decapitado e exhibida sua cabeça em praça publica; o PADRE ANTONIO FERREIRA, enforcado apóz uma ultima

exhortação ao povo: o PADRE TENORIO, cuja cabeça e cujas mãos foram decepadas e cujo corpo foi atado á cauda de um cavallo lançado depois em disparada; JOSÉ DE BARROS LIMA — o Leão Coroado — cuja cabeça foi fincada num póste de Olinda e cujas mãos foram para exemplo pregadas nas portas do quartél; Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e o Padre Miguel de Castro arbutados no Campo da Polvora na Capital da Bahia, essa revolução, foi enconral-o como juiz no Recife.

Esposando os ideaes pernambucanos de liberdade, e adoptando a causa da Republica defendida por elles, logo apóz á tomada da Fortaleza do Brum foi Antonio Carlos eleito pelo povo e pela tropa, Conselheiro da Junta Provisória da Republica de Pernambuco, ao lado de Antonio de Moraes e Silva (o notavel autor do Diccionario da Lingua Portuguesa) que entretanto renunciou áquella honra; de Gervasio Pires Ferreira, do Deão Dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, e do Dr. Manuel José Pereira Caldas, secretariados pelo Padre Miguel Joaquim d'Almeida Castro, conhecido pelo apellido de Padre Miguelinho.

Debellada e vencida pelas trópas do Rei aquella revolução, foram todos os seus cabeças presos e processados ou julgados summariamente, sendo muitos remettidos para a Bahia onde receberam o julgamento final sob a Presidencia feróz do Conde dos Arcos.

Preso tambem nessa occasião, ANTONIO CARLOS foi remettido para os cárceres da Bahia. Condemnado á morte, quando já na Forca esperava o momento fatal, chegou uma ordem régia em seu favor, commutando-lhe a pena em prisão, passando então quatro longos annos no fundo de escuro calabouço.

Quando no famoso "oratorio" — a prisão da Bahia — esperava a consumação dos factos, antes de subir á forca, compoz Antonio Carlos o seguinte memoravel soneto que tão fórtemente estereotypou na pagina do Tempo a sua énea figura moral: (1) - (2) e (3).

(1) Sebastião de Vasconcellos Galvão — "Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco" — 1810 — pag. 66/75.

(2). Azevedo Marques — "Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, etc. da Provincia de São Paulo" — 1872 — Pag. 20.

(3) J. J. Ribeiro — "Chronologia Paulista" — II Vol. Pag. 392.

*Sagrada emanção da divindade
D'aqui do cadafalso, eu te saúdo,
Nem com tormentos, nem revezes mudo
Fui teu votario e sou oh Liberdade!*

*Póde a vida, feroz brutalidade
Arrancar-me, em tormento mais agudo
Mas da furia de um déspota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade!*

*Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura
Onde Imperio não tem mando severo;*

*Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror a um peito féro,
Que aos fracos tão sómente a morte é dura!*

Annistiado como outros, ao fim dos quatro annos de custódia, sahio Antonio Carlos da trêva para a glória luminosa da deputação brasileira ás CORTES CONSTITUENTES DE LISBOA.

Nomeado então Desembargador para a Relação da Bahia, não chegou a tomar posse desse lugar, porque foi eleito deputado ás Côrtes Constituintes de Portugal por sua provincia natal.

Como Deputado daquellas Côrtes, distinguio-se pela eloquencia de seus discursos, oppondo o poder de sua palavra á prepotencia dos Deputados portuguezes que pretendiam conservar o Brasil no estado de escravidão, negando-se a assignar a Constituição, por elles redigida e organizada.

Estava na Inglaterra ainda, para onde tinha fugido, quando em 1823 foi distinguido com sua eleição por São Paulo para Deputado á Constituinte Brasileira. Voltou então ao Brasil, e, naquella Assembléa coube-lhe o primeiro lugar como orador do Partido contra o poder do antigo absolutismo. Dissolvida a Constituinte Brasileira, foi Antonio Carlos preso e deportado para a França, juntamente com seus irmãos José Bonifacio e Martim Francisco, por culpa dos seus arroubos e excessos oratórios, em attitude hostile ao Governo. Voltando á Patria em 1828, foi preso e teve de soffrer um processo, de que foi absolvido pela Relação do Rio de Janeiro a 6 de Setembro do mesmo anno. Nomea-

do em 1832 Enviado Extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Côrte de Londres, declinou de si essa commissão.

Em 1833 voltou á Europa com o fim, segundo alguns, de trazer ao Brasil, o ex-imperador D. Pedro I, que havia abdicado em 1831; mas este passo não teve resultado. Voltando ao seu paiz natal em 1835, foi tres annos depois eleito Deputado por sua Provincia e, na sessão de 21 de Julho de 1840, propôz que o Imperador, então menór, fosse declarado maiór e tomasse immediatamente as rédeas do governo, o que se verificou depois da lufa mais memoravel que se registou no Parlamento brasileiro.

Proclamada a Maioridade, foi chamado para Ministro do Império, cargo que exerceu até o anno seguinte.

Foi ainda eleito Deputado pela sua Provincia, nas legislaturas que começaram em 1842 até 1845 e finalmente, eleito e escolhido Senador do Império pela Provincia de Pernambuco neste ultimo anno.

Agraciado com a grã-cruz da Ordem do Cruzeiro em 1822 pelo primeiro Imperador, foi tambem pelo segundo, distinguido em 1840, com as insignias de Gentil-Homem da Imperial Camara.

Falleceu no Rio de Janeiro, na noite de 5 de Dezembro de 1845, sendo sepultado no Mosteiro de São Bento daquela cidade, para onde os seus despojos mortaes foram conduzidos, com todas as honras devidas á sua alta gerarchia, acompanhados por extraordinario concurso de povo.

Antonio Carlos foi o maiór orador do Brasil segundo os testemunhos da época e a sua fama como tal, atravessou fronteiras. Como seus irmãos jogava com facilidade com muitas linguas vivas e mórtas, utilizando-as apenas nos momentos justos e necessarios.

Como curiosidade histórica, damos aqui o soneto que Antonio Carlos recitou em Santos, numa festa realizada a 7 de Setembro de 1829. Infelizmente, como se vê, perderam-se os dois primeiros versos do segundo terceto, ignorando-se porquê com essa falha chegou até nós, sempre assim reeditado:

*Do Itororó a nayade formósa
Eleva, ó pasmo, da urna mal lavrada
A cabeça gentil, engrinaldada
De madresilva, de mosqueta e rósa*

*Na lapa branca pondo a mão mimósa
De santo enthusiasmo arrebatado,
Com a face de jubilo orvalhada
Exclama a vóz erguendo sonóra:*

*— Exulta, Santos, villa nóbre, exulta,
Dos filhos teus, a não vulgar sciencia
Ganhou renóme pela Europa culta*

.....
.....
Fundáram filhos teus a Independencia!

OBRAS DE ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA — TRADUÇÕES, ETC.

1 — “Cultura Americana, que contem huma relação do terreno, clima, produção, e agricultura das colonias britannicas no norte da America, e nas Indias Occidentaes”, traduzida da lingua ingleza pelo bacharel Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. — Lisboa — 1799.

2 — “Propostas para formar por subscrição na metropole do Imperio Britannico, huma instituição publica para derramar, e facilitar a geral introdução das uteis invenções mechanicas, e melhoramentos”. Traduzidas do inglez por ordem de S. Alteza Real por Antonio Carlos Ribeiro d’Andrada Machado e Silva, Bacharel Formado na Faculdade de Leis, e Bacharel na de Phylosophia, pela Universidade de Coimbra. — Lisboa — 1799.

3 — “Tratado do Melhoramento da Navegação por canaes onde se mostram as numerosas vantagens que se podem tirar dos pequenos canaes e barcos de dois até cinco pés de largo que contenham duas até cinco toneladas de carga, com uma descripção das machinas precisas para facilitar a conducção por agua, por entre os mais montanhosos paizes, sem dependencia de comportas e aqueductos”. Lisboa — 1800.

4 — “Considerações candidas e imparciaes sobre a natureza do commercio do assucar; e importancia comparativa das ilhas britannicas, e francezas das Indias Occidentaes, nas quaes se estabelece o valor, e consequencias das ilhas de Santa Luzia e Granada”. Trasladadas do inglez debaixo dos auspicios, e ordem de S. Alteza Real, o Principe Regente Nosso Senhor, por Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, formado em Leis, e Bacharel em Phylosophia. Publicadas por Frei José Mariano da Conceição Velloso. — Lisboa 1800.

5 — “Reflexões sobre o Decreto de 18 de Fevereiro deste anno, offerecidas ao povo da Bahia, por Philagiosotero”. — 1821.

6 — “Discursos parlamentares” — Lisboa 1822/23.

7 — “Parecer da Commissão encarregada dos artigos addicionaes da Constituição para o Brasil, lido pelo deputado de S. Paulo, o

senhor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, na sessão de 17 de Junho de 1822".

8 — "Projecto de Constituição para o Imperio do Brasil" (de colaboração com José Bonifacio).

9 — "Defesa dos cidadãos Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada" — Rio 1828.

10 — "Discursos Parlamentares" — 1823.

11 — Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Machado e Silva ao illustre publico, ou resposta dada ao Snr. Redactor d'A Aurora" — 1832.

12 — "Esboço Biographico e Necrologico do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva". — 1838. (Há algumas duvidas sobre a historia deste esboço).

13 — "Discurso que não chegou a ser pronunciado por causa do prematuro encerramento da discussão, na Camara dos Deputados" — 1841.

14 — "Discursos Parlamentares". — 1845.

15 — "Soneto á Liberdade".

16 — "Defesa do Conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva por motivo dos acontecimentos politicos de 1817 em Pernambuco, sendo desembargador da Relação da Bahia e Ouvidor de Olinda".

17 — "Revolução de 1817 em Pernambuco". Auto de perguntas.

18 — "Cartas Andradinas". (Já citado na biographia de José Bonifacio).

19 — "Carta ao Conde de Suberra na qual recusou altivamente o seu apoio á idéa de ser novamente o rei de Portugal reconhecido como soberano do Brasil".

20 — "Esboço biographico de José Bonifacio". — Rio.

21 — "Correspondencia".

22 — "Biographias".

23 — "Inquérito da policia Norte Americana".

e outras que não foi possivel relaccionar.

II

TITULOS E CARGOS DE ANTONIO CARLOS:

Bacharel em Direito e em Philosophia pela Universidade de Coimbra.

Juiz de Fóra em Santos.

Ouvidor de Olinda, Capitania de Pernambuco (1815).

Desembargador da Relação da Bahia, cargo de que não tomou posse por ter sido eleito deputado ás Cortes Constituintes de Portugal, por S. Paulo. (1821).

Deputado á Constituinte Portuguesa — 1821.

Deputado á Constituinte Brasileira. (1823).
Deputado Geral pela Provincia de S. Paulo. (1838).
Ministro do Imperio — Gabinete de 24 de Julho de 1840.
Senador por Pernambuco. (1845).
Ministro Extraordinario e Plenipotenciario junto á Corte de Londres. (Nomeação recusada).
Conselheiro de Estado.
Membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro.
Deputado á Assembléa Provincial de S. Paulo.
Commendador da Ordem do Cruzeiro (Gran-Cruz).
Gentil-homem da Imperial Camara de S. M. I. D. Pedro II.

VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO

(JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO)



Visconde de São Leopoldo

Nasceu José Feliciano Fernandes Pinheiro na cidade de Santos, no dia 9 de maio de 1774, numa casa da rua que hoje tem o seu nome, quasi em frente á praça dos Andradas e junto á rua 15 de Novembro, do legitimo consorcio do coronel José Fernandes Martins e de d. Thereza de Jesus Pinheiro. Fez seus primeiros estudos em Santos, onde teve a felicidade de ouvir os sabios conselhos de frei Gaspar da Madre de Deus, o solitario monge da capellinha do Monte Serrate, que, pela vida adeante tanto lhe serviram. Aprendeu latim com o vigário de Santos, o doutôr em cânones, padre José Xavier de Toledo, seu padrinho de crisma, e francez com o mêtre régio José Luiz de Mello. Partiu depois para Coimbra, onde se graduou, annos mais tarde, em Direito. Sua passagem por aquella escola tradicional foi brilhantissima, deixando entrevêr desde logo o grande homem de

Estado que elle seria. Apenas formado foi despachado para o estabelecimento literario do Arco do Cego, dirigido por Frei José Mariano da Conceição Velloso, onde traduziu varias obras do inglez e produziu outros trabalhos.

Tornando á patria, após seus ultimos estudos na Europa, começou sua vida publica com a nomeação de juiz da Alfandega de Porto Alegre e dahi foi subindo para iniciar sua brilhante trajectory politica e scientifica.

De 1811 a 1812 serviu Fernandes Pinheiro o importante cargo de auditor geral das tropas do exercito pacificador em operações no Rio Grande, e como tal assistiu á campanha de que foi o fiel historiador em seus preciosos "Annaes da Provincia de S. Pedro do Sul".

Em 1837 foi nomeado presidente da commissão encarregada de averiguar os limites naturaes do Brasil e em desempenho dessa difficil tarefa escreveu uma luminosa memoria historica que o governo e o Instituto Historico possuem.

Foi uma das cinco figuras santistas que dominaram ao tempo do primeiro Império o scenario brasileiro desempenhado importante e decisivo papel na grande obra da nossa emancipação. José Bonifacio, Antonio Carlos, Martin Francisco, José Ricardo da Costa Aguiar e São Leopoldo foram as columnas mestras da nacionalidade assorberbada e periclitante.

Em 1821, entre cinco representantes do Brasil ás Côrtes Constituintes Portuguezas, quatro eram santistas (Antonio Carlos, José Ricardo, Antonio Manoel da Silva Bueno e São Leopoldo), e outro era portuguez, o eminente Senador Vergueiro. Lá, naquella augusta Assembléa evidenciou-se São Leopoldo como um grande espirito e um profundo conhecedor do Direito Internacional, peccando apenas, manda a verdade que se diga, pela fraqueza de haver assignado a Constituição elaborada pelos portuguezes.

Dois annos depois, feita a Independencia, teve assento na Constituinte Brasileira, como deputado, para elaboração da primeira Carta que marcou na Historia o inicio da nossa existencia de povo livre.

Naquelle anno de 1823, fazendo parte da Assembléa Geral Legislativa do Brasil, onde tinham assento tambem os irmãos Andradas, São Leopoldo por delegação da classe culta de São Paulo e sob a impressão da revolta que lhe causa-

vam os soffrimentos dos brasileiros que cursavam a Faculdade de Coimbra e que daquella fórma expiavam o crime da Independencia, atirou em plenario a famosa indicação de onde surgiram os Cursos Juridicos do Brasil.

A indicação de São Leopoldo, espirito supremamente avançado, ia além, propunha em época tão distante a organização em São Paulo, da Universidade, que só agora, cento e dez annos depois organizou-se.

O que representou e o que representa na vida paulista e na vida brasileira a Faculdade de S. Paulo, todo Brasil o sabe. Aqui damos para conhecimento do povo e de todos os estudantes, o patriotico discurso que o illustre santista produziu, fundamentando no seio da Assembléa Geral Legislativa, a indicação para a creação da Universidade de São Paulo no dia 12 de Junho daquelle anno de 1823:

“Senhores:

As disposições e efficacia desta Assembléa sobre o importantissimo ramo da Instrucção Publica, não deixam duvidar de que essa base solida de um governo constitucional ha de ser lançada em nosso codigo sagrado de uma maneira digna das luzes do tempo e da sabedoria de seus collaboradores. Todavia, esta convicção e ao longe as melhores esperanças, nem por isso me devem acanhar de submeter já á consideração desta Assembléa, uma indicação de alta monta e que parece urgir. Uma porção escolhida da grande familia brasileira, a quem um nobre estimulo levou á Universidade de Coimbra geme alli debaixo dos mais duros tratamentos e oppressões, não se decidindo apesar de tudo, a interromper e a abandonar sua carreira, já incertos de como será semelhante conducta avaliada por seus paes, já desanimados por não haver ainda no Brasil institutos onde prosigam e rematem seus encetados estudos. Nessa amarga conjuntura voltados sempre para a patria, por quem suspiram, lembraram-se de constituir-me com a carta que aqui apresento, seu advogado defensor; correspondendo, pois, quanto a mim cabe, a tão lisonjeira confiança, e usando ao mesmo tempo as faculdades que me permite o capitulo 6.º do nosso regimento interno, offereço a seguinte indicação:

“Proponho que no Imperio do Brasil, se cree quan-

to antes, uma universidade pelo menos, para assento da qual parece dever ser preferida a cidade de São Paulo, pelas vantagens naturaes e razões de conveniencia geral.

“Que na Faculdade de Direito Civil, que será sem duvida uma das que comporá a nova Universidade, em vez de multiplicadas cadeiras de Direito Romano, se substituam duas, uma de Direito Publico Constitucional, outra de Economia Politica.

Paço da Assembléa, 2 de junho de 1823 — Fernandes Pinheiro”.

Como consequencia dessa indicação, a 19 de agosto daquelle anno, o illustre santista tambem, deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrada, como relator da commissão de Instrucção Publica, apresentou á Camara o projecto de Lei, que foi approved em sessão de 4 de novembro, depois de longa e debatida discussão, em que a mentalidade paulista, fortemente representada naquella Assembléa por homens da envergadura de José Bonifacio, Antonio Carlos, Martim Francisco, José Bonifacio e Fernandes Pinheiro, teve de enfrentar e vencer a corrente contraria chefiada pelo visconde de Cayrú, dr. José da Silva Lisboa, o celebre conselheiro de d. João VI, que fez abrir os portos do Brasil a todas as nações amigas, que entre outros impedimentos para fundação da Faculdade em São Paulo, allegava “a pronuncia incorrecta e o dialecto desagradavel dos paulistas, que havia de influir para que a mocidade adquirisse o mesmo defeito”.

O projecto de Lei apresentado por Martim Francisco foi o seguinte:

1.º — Haverá duas universidades uma na cidade de São Paulo e outra na de Olinda, nas quaes se ensinarão todas as sciencias e bellas letras.

2.º — Estatutos proprios regularão numero e ordenados dos professores, a ordem e arranjo dos estudos.

3.º — Em tempo competente se designarão os fundos precisos a ambos os estabelecimentos.

4.º — Entretanto haverá desde já um curso juridico na cidade de São Paulo para o qual o governo convocará mestres idoneos, os quaes se governarão pro-

visoriamente pelos estatutos da Universidade de Coimbra, com aquellas alterações e mudanças, que em mesa presidida pelo vice-reitor, julgarem adequadas ás circumstancias e luzes do seculo.

5.º — S. M. o imperador escolherá dentre os mestres, um para servir interinamente de vice-reitor.

Paço da Assembléa, 19 de agosto de 1823.

(a. a.) *Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, Belchior Pinheiro de Oliveira, Antonio Gonçalves Gomide, Manoel Jacintho Nogueira da Gama*, membros da commissão de Instrucção Publica).

Em 11 de agosto de 1827, quatro annos depois, passada a indicação apresentada por São Leopoldo e approvedo o projecto de Lei Martim Francisco, elle mesmo São Leopoldo já então ministro do Imperio de d. Pedro I, assignava definitivamente a Lei que creava o formidavel templo juridico de São Paulo, commemorada todos os annos naquella data, mas com o quasi esquecimento do nome veneravel do seu creador.

O Visconde de S. Leopoldo costumava dizer que a criação dos Cursos Juridicos, éra o seu melhor titulo de orgulho e o seu maior merecimento, e isso mesmo declarou em suas "Memórias", registadas neste ponto pelo eminente Barão do Rio Branco nas "Ephemérides brasileiras" e por Spencer Vampré no vol. I das "Memórias para a Historia da Academia de S. Paulo", com as seguintes palavras:

"Ao tempo deste meu ministério pertence o acto que reputo o mais glorioso de minha carreira politica, e que me penetrou do mais intimo jubilo que pôde sentir o homem publico no exercicio de suas funcções. Refiro-me á installação dos dois cursos juridicos de S. Paulo e Olinda, consagração definitiva da idéia que eu aventára na Assembléa Constituinte, em sessão de 14 de Junho".

Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo, foi depois, senador do Imperio juntamente com José Ricardo, de quem era inseparavel, foi ministro do Imperio, e foi o fundador do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, a

grande instituição scientifica que sempre foi um orgulho do paiz, gravando ahi um padrão immorredouro para sua memoria.

Na fundação desse Instituto de conceito mundial, elle, Januario Barbosa e Cunha Mattos cimentaram, com sua intelligencia e seus esforços, os alicerces daquella academia superior, legando á patria o primeiro Instituto no genero, nos moldes dos melhores estrangeiros, que sempre teve á frene os homens mais illustres do paiz e o proprio imperador, que se orgulhava de ser seu membro.

Homem laborioso e illustrado, de talento superior, diz um seu biographo, o Dr. Moreira Azevedo, apaixonado pelo estudo, consagrava Fernandes Pinheiro suas vigílias ás letras, deixando trabalhos de grande valia em grande parte dispersos, alem dos que séguem em relação, ao fim desta biographia.

O visconde conhecia a fundo varias linguas vivas e mórtas, e, alem dos serviços prestados ao primeiro Imperador, de quem foi conselheiro, foi tambem mais tarde, do Conselho de D. Pedro II e presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, onde fundou a cidade de São Leopoldo, de onde lhe veio o titulo, installando ahi a primeira typographia e a primeira imprensa do sul do paiz.

O illustre santista foi ainda — Official da Imperial Ordem do Cruzeiro, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, Membro da Sodedade Auxiliadora da Industria Nacional, da Sodedade de Instrucção Elementar, da Sodedade Literaria do Rio de Janeiro, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Real Academia dos Amigos Naturalistas de Berlim, da Sodedade de Agricultura de Carlsruhe, da Sodedade Philomatica de Paris, do Instituto Histórico da França, do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro do qual foi fundadôr e primeiro presidente, da Sodedade de Agricultura de Carlswow, Desembargadôr honorario, Veador das Serenissimas Princezas, irmãs de D. Pedro II, e Grande do Império.

Falleceu o Visconde de São Leopoldo a 6 de Julho de 1847 na cidade de Porto Alegre.

Varios autores trataram pósthumamente, da personalidade illustre deste santista, sendo justo, entretanto, destacar o que escreveram sobre elle — Manoel de Araujo Porto Alegre, na "Revista do Instituto Historico" — Tomo II — o conego Fernandes Pinheiro na mesma "Revista", — Tomo 19 — o Barão Homem de Mello, ainda nessa "Revista" —

Tomo 23 e o Dr. Macedo no "Anno Biógraphico" — Tomo 2.º.

São as seguintes as suas obras conhecidas:

(TRADUÇÕES E ARRANJOS)

1 — "Cultura Americana" que contém uma relação do terreno, clima, produção e agricultura das colonias britannicas ao norte da América e nas Indias Occidentaes, com observações sobre as vantagens e desvantagens de se estabelecer nellas em comparação com a Gran-Bretanha e a Irlanda. Traduzida do inglez. Lisbôa 1799 — 2 tomos-in-4.º — Foi publicada por Frei José Mariano da Conceição Velloso.

2 — "Discursos apresentados á Mesa da Agricultura sobre varios objectos relativos á cultura e melhoramento interno do reino e construção de edificios ruraes". Traduzidos da lingua ingleza. Lisbôa — 1800-in-4.º.

3 — "Historia Nova e completa da America" colligida e completada de diversos autores, debaixo dos auspícios e ordem de S. Alteza Real o principe regente, etc... Publicada por Frei José Mariano da Conceição Velloso. Lisbôa, 1800, 2 volumes-in-8º — Teve segunda edição, feita pelo mesmo frei José Mariano — 1807-in-4º.

4 — "Collecção de memorias" sobre os estabelecimentos de humanidades. Traduzidas do francez. Lisbôa, 1801-in-4º.

5 — "Relação circumstanciada sobre um estabelecimento formado em Munich a favor dos pobres". Traduzida do allemão. Lisbôa, 1801-in-4º.

6 — "Systema Universal da historia natural" — incluindo a historia natural do homem-dos orang-útangs e de toda tribu de Himia Mexia. Traduzido do inglez — Lisbôa 1801 — 71 pags. in-8º.

OBRAS ORIGINAES

7 — "Academia dos Esquecidos" — Prósa. São Paulo.

8 — "Annaes da Capitania de S. Pedro" — Tomo I — Rio — 1819 — in-4º — com uma carta corographica da capitania e uma planta da batalha de 19 de Fevereiro de 1775.

9 — "Annaes da Provincia de S. Pedro do Sul" — Tomo II — Lisbôa — 1822 — in-4º — Este segundo tomo, teve alteração no titulo, como se vê, e toda a obra foi dada em segunda edição correctea e augmentada em um só volume e com o seguinte titulo:

10 — "Annaes da Provincia de S. Pedro do Sul" — Paris — 1839 — 480 pags. — in-4º — com 1 carta da provincia — Nesta edição accresce um resumo historico sobre a provincia de Santa Catharina. Na Revista do Instituto, tomo 1º-pags. 327 a 334 se acha um juizo critico firmado por R. de S. da S. Pontes, G. A. de A. Pantoja e C. J. de Araujo Vianna.

11 — “Resumo historico da Provincia de Santa Catharina” — annexo á obra anterior.

12 — “Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão” — Rio de Janeiro — 1841 — 114 pags. — in-4º.

13 — “O Instituto Historico e Geographico brasileiro é o representante das ideias de illustração que em differentes épocas se manifestaram em nosso continente” — Publicado na “Revista do Instituto” — Tomo 1º Pags. 77 a 97 da segunda edição.

14 — “Quaes são os limites naturaes e pactuados do Imperio do Brasil?” — Memoria lida na sessão de 16 de Fevereiro de 1839 do Instituto, Rio de Janeiro 1839 — 53 paginas — in-4º. O escriptor portuguez M. J. M. da Costa e Sá fez umas “Breves annotações” a essa memoria, que obrigaram o autor a dar á publicidade a seguinte:

15 — “Resposta ás Breves annotações feitas, etc...” — Esta memoria foi tambem publicada no volume com o titulo “Memorias do Instituto Historico e Geographico” — Tomo I, Rio de Janeiro 1839. Em seguida, da pag. 54 a 117, acha-se com um novo frontespicio: “Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. Rio de Janeiro 1841. É que então o Instituto, parece, cuidava em publicar separadas da Revista Trimensal as memorias de seus sócios.

16 — “Memorias do Visconde de São Leopoldo” — compiladas pelo Conselheiro F. I. M. Homem de Mello — Manuscripto de 149 folhas, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

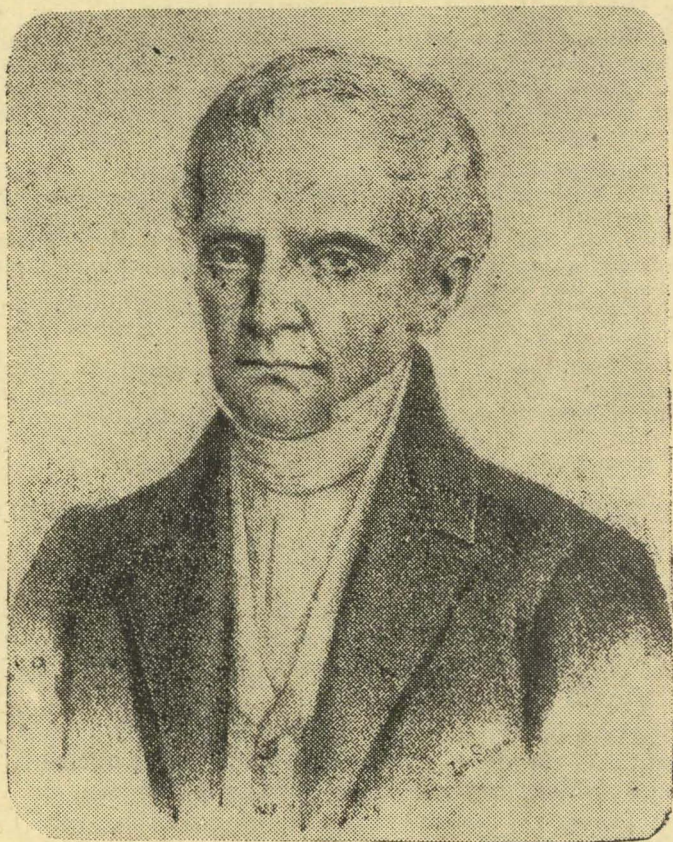
CONSELHEIRO MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA

Martim Francisco nasceu em Santos a 19 de Abril de 1775, do legitimo consórcio do Coronel Bonifacio José de Andrada com D. Maria Barbara da Silva, sendo baptisado a 27 de Junho do mesmo anno.

Feitos os principaes estudos em Santos e com seu proprio pae, passou depois para São Paulo como fizerá José Bonifacio, onde fez os estudos preparatórios sob as vistas do Frei Manoel da Ressurreição, seguindo então para Portugal onde matriculou-se na Universidade de Coimbra.

De sua passagem naquelle famoso instituto, não há in-fórmes precisos, é, porém, certo que em 1808 já possuia o diploma de bacharel em Mathematica. No anno de 1800, foi, com seu irmão José Bonifacio e o tenente-general Nacion, encarregado de uma viagem mineralógica da Extremadura a Coimbra, commissão que desempenharam satisfactoriamente. No anno de 1804 foi nomeado Inspector das

Minas e Bosques da Capitania de S. Paulo. Ahi, de volta á sua patria, emprehendeu uma viagem mineralógica, da qual escreveu um interessante diário, que foi publicado na Revista Trimensal do Instituto Histórico, Tomo IX. Em Março de 1820 fez com seu irmão José Bonifacio, ainda uma excursão montanística em parte da Província de S. Paulo, para



Conselheiro Martim Francisco

determinar os seus terrenos metalliferos; este trabalho foi impresso no JOURNAL DES MINES sob o titulo "UMA VIAGEM MINERALOGICA PELA PROVINCIA DE SÃO PAULO".

Desempenhou varias commissões de caracter scientifico, e depois, teve papel saliente nos acontecimentos que ante-

cederam a grande passagem da Independencia. Em 1820 foi eleito pelo povo e tropa de São Paulo para membro do Governo Provisório da Provincia, e, com seu irmão José Bonifacio redigiu essa gloriosa representação de 24 de Dezembro do mesmo anno, que foi o primeiro brado do patriotismo brasileiro contra a prepotencia da metrópole. Mas, em São Paulo, o partido retrógrado, chefiado pelo ex-capitão General João Carlos Augusto de Oeynhausen, então Presidente do Governo Provisório, conseguiu illudir o publico com mystificações tendentes em verdade a impedir a independencia brasileira; desta fórma, Martim Francisco como representante das nóvas idéas foi expulso do Governo Provisório e conduzido preso para o Rio, allegando-se ser elle o responsavel pelos acontecimentos de Francisco das Chagas, o infortunado soldado santista, autor da revolta do anno anterior. A derróta apparente de Martim Francisco tornou-se entretanto, numa verdadeira victória, pois que chegando ao Rio de Janeiro foi immediatamente chamado a occupar a Pasta da Fazenda, cargo em que se houve com probidade, honra a desinteresse, que sempre o caracterizaram durante toda a sua vida, de modo que, ao retirar-se do Governo tendo feito a despesa com a guerra da Independencia, deixou nos cófres do Thesouro Publico, uma somma de valores sufficientes para resgatar a divida. A' sua probidade e bons serviços, quando ministro, deveu elle a eleição para Deputado á Assembléa Constituinte Brasileira pela Provincia do Rio de Janeiro.

Cahindo a 17 de Julho de 1823 o Ministério de que fazia parte, Martim Francisco, como seus irmãos, alistou-se nas fileiras da opposição, e a 12 de Novembro do mesmo anno, com a dissolução da Constituinte, foi preso e deportado para a França, como resultado da attitudo a que o levou bem como a seu irmão Antonio Carlos, uma sagrada exaltação.

Apenas em 1828 voltou Martim Francisco, e foi então, encerrado em uma prisão no Rio de Janeiro, para responder ao processo a que deu causa a devassa mandada instaurar por Decreto de 24 de Novembro daquelle anno, do qual foi absolvido pela Relação do Districto, a 6 de Setembro do mesmo anno.

Dir-se-ia diante do acontecido aos irmãos Andrada, que elles, diante do proprio Imperador respondiam debaixo dos ódios inimigos, pelo grande crime da Independencia!

Em 1830 foi Martim Francisco eleito Deputado pela Provincia de Minas Geraes, recusando nesse anno fazer par-

te do Ministério para que fôra convidado pelo Imperador. O seu nóbre character revêla-se nestas memoráveis palavras proferidas na Camara Temporaria no sessão de 12 de Maio de 1832, com relação a D. Pedro 1.º:

“Tacito dizia, segundo minha lembrança, fallando de Tibério: Não lhe devi beneficios e nem lhe soffri injurias! Eu direi mais do que Tacito: Recusei beneficios e nunca lh’os pedi; soffri-lhe comtudo offensas, mas por estas não éra elle responsavel aos ólhos da Lei, e sobre este crime de seus agentes responsaveis muito tempo há que havemos lançado um espesso véo!”

Eleito deputado por sua Provincia na Legislatura de 1837 a 1840, Martim Francisco, apesar de alquebrado pelos annos e pelos soffrimentos, tomou parte nas discussões como Membro da opposição, sendo a ultima por occasião do projecto que declarava maiór o Imperador D. Pedro II. Consummado este facto Martim Francisco e seu irmão Antonio Carlos foram chamados pelo novo imperante, para reorganizarem o Ministério, ficando este com a pasta do Império e aquelle com a da Fazenda, onde permaneceram por espaço de nóve mezes apenas, para de novo se alistarem na opposição ao Governo.

Retirado ao lugar de seu nascimento, ahi viveu os ultimos annos que lhe restavam.

O “NACIONAL” de 6 de Março de 1844, dando noticia do fallecimento do grande vulto santista, dizia:

“Depois do attentado da dissolução prévia da 5.^a legislatura de que tambem formava parte, retirou-se o Dr. Martim Francisco para sua casa de Santos, contristado com a previsão dos males que iam despejar-se sobre sua malfadada patria.

“Ahi cresceu a sua magua com os desgraçados movimentos de São Paulo, tão mal dirigidos e tão fataes em seus resultados (a revolução de 1842). O seu espirito de liberdade e de justiça abraçava a opinião da legitimidade da resistencia para salvar os direitos do povo e os verdadeiros interesses do throno constitucional atacados violenta e vitalmente; podia duvidar da conveniencia do tempo e da occasião, mas censurou amargamente a conducta de tão momentoso aconteci-

mento, crescendo ainda mais sua afflicção á vista dos desvarios atrozés do Ministério depois de suffocada a sedição, postos em execução pelos pro-consules, que governavam a Provincia, á excepção do Snr. José Carlos, de quem nada houve a dizer.

“Até veio accrescentar o seu desgosto um acontecimento ridiculo e sério ao mesmo tempo, a sua exautoração de Gentil Homem da Camara de S. M. Imperial. Só nas orgias do delirio podia isso lembrar.

“Irrisória éra a mesquinha medida, e só tinha por fim ultrajar a Martim Francisco. Elle não pedira a honra de que o despiam; tinha-a recusado no reinado anterior, ignorou que se lhe destinava semelhante honra nóvamente, pois si o soubesse, certo a recusaria com acatamento, mas com firmeza, ao menos enquanto durasse o seu Ministério; como pois feril-o? Si porem por esse lado causa dó e move o riso o pouco tino dos ministros, é comtudo muito sério e de importancia maior o luxo do arbitrio odioso desenvolvido por elles, é um palmo mais, ganho na carreira do despotismo; e mais um artigo da Constituição despedaçado!

“As honras do Paço são como as outras honras, não se pódem perder sem crime e sentença que o verifique e imponha essa pena; é inadmissivel a confusão dos criados de honra, dos companheiros do monarcha, com os servos meneiaes do homem, é ardimento criminoso rebaixar os gentis homens ao nivel dos varredores.

“Tantas dores moraes amontoadas sobre um velho já gravemente enfermo, dores que a sua imaginação ferida fazia mais avolumar, não podiam deixar de apressar o fim derradeiro do Snr. Martim Francisco. Assim succedeu, morreu o homem probo, morreu o patriota, e morreu na cruel incerteza de que o Brasil sahisse victorioso dos combates que lhe armavam a violencia com a sanha arteira de seus inimigos. Exultai monstros, que tendes sorvido com prazer o sangue brasileiro derramado em Minas e São Paulo; cantai hozannas de alegria, corruptoras da moral, depreciadores da liberdade e dignidade do homem; não existe mais, graças aos tormentos e amargores que sobre elle entornastes, aquelle que éra a censura viva do vosso procedimento!

“O Snr. Martim Francisco era alto de estatura, de construcção robusta, membros bem fornidos e feições regulares. Era facil no commercio da vida, de trato civil e polido, sua conversação era amena, elegante e instructiva, e até ás vezes jovial, não se furtando mesmo ao picante horaciano; era capaz de todos os sentimentos nobres de amor e de amizade; de costumes austeros, severo para si, mas indulgente para com os outros, salvo para com os corruptores do homem, e para com os inimigos da honra, prosperidade e dignidade do Brasil. Era marido amante, pae affectuoso, irmão carinhoso e amigo desvelado. Como homem publico era estadista prudente, habil, financeiro, exacto e vigoroso administrador. E, como parlamentar, orador elegante e florido, patético e artificioso, mais semelhante a Cicero que a Demosthenes entre os antigos, mais visinho a Pitt do que a Fox e Gratton a Vergniaud do que a Mirabeau entre os modernos.

“Nunca foi pesado ao Estado de quem não teve mais que a sua aposentadoria do logar de Inspector das mattas, concedida pelo Snr. D. João VI e de honras a patente de Coronel Honorario, a simples condecoração de Cavalheiro de Christo, dadas pelo mesmo Senhor e a Chave de Camarista do actual monarcha, a qual, depois tão illegalmente lhe arrancaram os Ministros de 23 de Março, por não fallarmos de honras inherentes ao cargo que occupava.

“Viveu sempre com os rendimentos de seus poucos bens e de seus ordenados, sem que a malevolencia pudesse nunca manchar a honradez e a limpeza de suas mãos. Deixa viuva e cinco filhos, dos quaes já dois se apromptaram para servir ao Brasil, um como Magistrado e outro como soldado, tendo sentado praça de cadete de Artilharia e frequentado a Academia militar. Seus amigos que o conheciam, choram a perda que o Brasil sóffre com a sua morte; os seus inimigos que o não o conheciam, conhecel-o-ão algum dia, na frieza das paixões, e lhe farão justiça”.

Estas palavras da imprensa, publicadas junto da sua morte, melhor do que outras palavras definem o homem.

Martim Francisco falleceu em Santos, no dia 3 de Fevereiro de 1844, na idade de setenta annos incompletos.

TITULOS POSSUIDOS E CARGOS EXERCIDOS POR
MARTIM FRANCISCO

Bacharel em Philosophia e em mathematicas pela Universidade de Coimbra. Inspector das Minas e Bosques da Capitania de São Paulo (1804.)

Membro do Governo Provisório da Provincia de S. Paulo. (1821)

Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda. (1822)

Presidente do Thesouro Publico (1822).

Vice-Presidente da Assembléa Constituinte do Brasil (1823) Setembro.

Presidente da Assembléa Constituinte do Brasil (1823) Outubro.

Gentil-Homem da Camara de S. M. I. D. Pedro I.º.

Deputado á Assembléa Constituinte do Brasil pela Provincia do Rio de Janeiro (1823).

Deputado Geral pela Provincia de Minas Geraes (1830).

Ministro da Fazenda — Gabinete de 24 de Julho de 1840.

Coronel Honorario de Engenheiros.

Cavalleiro da Ordem de Christo de Portugal.

Membro Honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

RELAÇÃO DE SUAS ÓBRAS:

1 — “Tratado sobre o canhamo”, composto em Francez por Mr. Marcandier, Conselheiro na Eleição de Bruges. Traduzido de ordem de S. A. Real o Principe do Brasil, nosso senhor em beneficio d’Agricultura, e Marinha do Reino e Dominios Ultramarinos, por Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Bacharel em Philosophia, e Mathematica, publicado por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Jubet amor patriæ, natura juvat, sub numine crescit. — Lisboa 1799.

2 — “Manual do Mineralogico, ou Esboço do reino Mineral”, disposto segundo a analyse chimica por Mr. Torbem Bergman, Cavalleiro da Ordem de Wassa, Professor de Chimica em Upsala, membro de muitas Academias, Publicado por Mr. Ferber, professor de Chimica em Mittaw, traduzido e augmentado de Notas por Mrs. Mongez, e De La Metherie, ultimamente traduzido de ordem de S. A. Real o Principe do Brasil Nosso Senhor por Martim Francisco Ribeiro de Andrada, formado em Mathematica, e Bacharel em Philosophia. Publicado por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa 1800.

3 — “Jornal das viagens por differentes villas desde Sorocaba até Coritiba”, principiada a 27 de Novembro de 1802.

4 — “Falla, que o illustrissimo e excellentissimo ministro e secretario de Estado dos Negocios da Fazenda e Presidente do Thesouro publico, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, dirigiu aos negociantes, e capitalistas desta praça relativa ao emprestimo de quatro centos contos de réis para urgencias do Estado”. — Rio. 1822.

- 5 — “Amerique Meredionale”.
- 6 — “Defesa dos cidadãos Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada”. — 1828
- 7 — “Refutação da defesa do snr. Joaquim Estanislau Barbosa”, — 1829
- 8 — “Discursos parlamentares”.
- 9 — “Discurso propondo o projecto de Lei para o restabelecimento e reforma do Banco”.
- 10 — “Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na Sessão de 12 de Maio pelo Deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrada” — 1832.
- 11 — “Resposta dada pelo Deputado Martim Francisco em sessão de 15 de Maio, por occasião de hum parecer da mesa, e segundo discurso pronunciado no mesmo dia discutindo-se o voto de graças” — 1832.
- 12 — “Discurso pronunciado na camara dos deputados na sessão de 17 de Maio, continuando a discussão do voto de graças” — 1832.
- 13 — “Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 19 de Maio pelo Deputado Martim Francisco” — 1832.
- 14 — “Discurso pronunciado depois do Relatorio de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Ministro da Justiça” (na Camara dos Deputados) — 1832.
- 15 — “Discurso do Illustre parlamentar o Senhor Martim Francisco Ribeiro de Andrada, proferido na sessão de 20 de Julho de 1836, contra a suspensão das garantias propostas pelo governo”.
- 16 — “Discurso do illustre parlamentar o snr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, relativo á discussão do Tractado com Portugal, pronunciado na sessão de 23 de Agosto” — 1836.
- 17 — “Discurso do illustre parlamentar o senhor Martim Francisco, pronunciado na sessão de 11 de Maio de 1837 sobre o Voto de Graça”.
- 18 — “Discurso pronunciado na sessão de 16 de Maio de 1837, pelo illustre parlamentar o Senhor Martim Francisco”.
- 19 — “Diario de uma viagem mineralogica pela Provincia de São Paulo no anno de 1805, pelo Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada”.
- 20 — “Discurso proferido pelo Dr. Martim Francisco, na Assembléa Legislativa Provincial de S. Paulo, na sessão do dia 20 de Março, por occasião da discussão do projecto da Força Policial”.
- 21 — “Diario de uma viagem Mineralogica pela Provincia de S. Paulo. No anno de 1805”.
- 22 — “Jornaes das Viagens pela Capitania de S. Paulo, de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, estipendiado como Inspector das Minas e Mattas e Naturalista da mesma Capitania em 1803 e 1804”.
- 23 — “Cartas Andradinas”.
- 24 — “Memoria sobre a estatistica ou analyse dos verdadeiros principios desta sciencia e sua applicação á riqueza, força e poder do Brasil”.

- 25 — “Viagem ao Tibagy”.
 - 26 — “Viagem ao Sul de S. Paulo”.
 - 27 — “Philosophia de Kant”.
 - 28 — “Expedição Montanistica”.
 - 29 — “Viagem em Portugal”.
 - 30 — “Correspondencia”.
 - 31 — “Biographias”.
- e outras que não conseguimos relaccionar.

MARECHAL JOÃO OLINTHO DE CARVALHO E SILVA

A historia deste militar santista, prende-se ao histórico da segunda phase da Fortaleza do Itapema de Santos, fundada pelos annos de 1660 e reconstruida por seu bisavô o Sargento-Mór Torquato Teixeira de Carvalho, cavalleiro da Ordem de Christo, pelos annos de 1734/1735, o qual recebeu então, pela Provisão de 24 de Setembro de 1738, o posto de commandante da alludida Fortaleza, com soldo e Habito de Christo por tres vidas, verificando-se a primeira na pessoa de um seu filho, João Teixeira de Carvalho, a segunda na pessoa do seu bisneto, Capitão Francisco Olintho de Carvalho, e a terceira na pessoa do nosso biographado, filho como se vê, deste ultimo, e feito então, por motivo da morte de seu pae, Capitão commandante da Fortaleza do Itapema e Cavalleiro da Ordem de Christo.

O Marechal João Olintho de Carvalho e Silva nasceu em Santos, no anno de 1780. Fez os seus primeiros estudos com o Coronel Bonifacio de Andrada, velho amigo da sua familia, recebendo os conselhos do illustre progenitôr e guia dos famosos irmãos santistas, assentando praça de cadete no Regimento de Infantaria aquartelada em Santos no anno de 1800, com a idade de vinte annos. Dois annos depois já era Alfêres do seu Corpo.

Em 1801 seguiu para o Sul, ás ordens do então Tenente de Artilharia, Joaquim Marianno Gálvão de Moura Lacerda, para a campanha da pacificação da Provincia de S. Pedro do Sul, e, em 1811 e 1812 tomou parte na Campanha de Montevidéu, na Legião de São Paulo, voltando para sua terra com o posto de Tenente. Logo depois, por morte de seu velho pae, tornava-se Commandante do Fôrte de Itapema, antigo Vera-Cruz.

Por ocasião da Independencia uniu-se aos partidarios da separação politica do Brasil, merecendo a visita do Principe D. Pedro em 1822, ocasião em que foi mais uma vez promovido.

Este illustre militar, cuja fé de officio tambem está sendo conseguida por nós, falleceu em Santos, pouco antes da guerra do Paraguay, cerca de 1855, aos 75 annos de idade, deixando grande e distincta descendencia por seu casamento verificado ainda em sua terra.

Por sua morte desapareceram as prerogativas obtidas em 1738, por seu trisavô, sobre a vêlha Fortaleza do outro lado do estuário.

MARECHAL DE CAMPO JOSÉ OLINTHO DE CARVALHO E SILVA

Este grande militar nasceu em Santos, no anno de 1782, como filho legitimo do Capitão Francisco Olintho de Carvalho, Governador do Fôrte de Itapema, e foi irmão do Marechal João Olintho de Carvalho, Commendador da Ordem de Christo e ultimo Governador do Forte de Itapéma por direito de herança e successão.

Fez seus estudos em Santos onde sentou praça de cadete no mesmo Regimento de Infantaria em que o fizêra seu irmão, a 20 de Setembro de 1797 (como consta de seus assentamentos, passando a furriel a 13 de Março de 1798, e a sargento a 9 de Janeiro de 1811. Graduado Capitão por decreto de 13 de Maio de 1813. A effectivo na 2.^a Companhia a 18 de Abril de 1816. Graduado Major por decreto de 30 de Junho de 1819 com a antiguidade de 6 de Fevereiro de 1818. A effectivo, commandante do 3.^o Corpo de Artilharia de Posição por Decreto de 22 de Abril de 1822. Tenente Coronel Commandante do mesmo Corpo que organizou, por Decreto de 18 de Junho de 1823. Passou no mesmo posto para o Estado Maior do Exercito, por Decreto de 12 de Outubro de 1827. A Coronel graduado, por Decreto de 18 de Outubro de 1829 e a effectivo por decreto de 27 de Fevereiro de 1840.

José Olintho de Carvalho, como se vê ainda dos seus assentamentos, em 1809 marchou de S. Paulo para o Rio Grande do Sul onde fez as Campanhas de 1811 e 1812, em que assistiu a acção de Paço d'Alcorta, no posto de Ajudante, e

bem assim as Campanhas de 1816 até 1821, achando-se na Batalha de Catalan. Marchou da Praça de Santos para a Capital commandando uma Divisão em 1821. Foi nomeado Inspector das Fortificações da mesma Praça por Portaria da Secretaria de Estado de 8 de Setembro de 1822. Inspector do Hospital Militar da mesma Praça, por Portaria de 14 de Março de 1823. Governou interinamente a Praça de Santos, por determinação de S. M. Imperial, de 11 de Junho de 1824 até 11 de Janeiro de 1825. A 3 de Maio de 1826 tornou a tomar conta do mesmo Governo, interinamente, do qual entrou na effectividade, por Decreto de 12 de Outubro de 1827. Por portaria do Exmo. Snr. Presidente da Provincia, de 1.º de Dezembro de 1836 foi encarregado da Inspecção das Fortalezas e Fortes da Praça de Santos. Por Portaria do Governo da Provincia, de 7 de Maio de 1841, foi nomeado Commandante do Deposito de recrutas estabelecido na cidade de Santos.

Em 1822, por ocasião da visita do Principe D. Pedro a Santos, José Olintho éra o Sargento-Mór commandante do Corpo de Artilharia aquartelado na cidade, e foi então um dos pontos de confiança em que se firmou o futuro Imperador para contar com S. Paulo em caso de independencia. Na Acta da Acclamação de D. Pedro, como primeiro Imperador Constitucional do Brasil, lavrada na Praça da Matriz, em Santos, a 12 de Outubro do mesmo anno, encontra-se a assignatura de José Olintho.

Falleceu este illustre santista em sua terra natal, a 7 de Fevereiro de 1863, no elevado posto de Marechal de Campo, deixando descendencia numerosa do seu casamento com D.^a Maria Rosa de Carvalho.

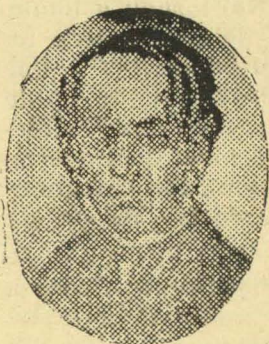
J. Jacintho Ribeiro, em sua "Chronologia paulista" dá o Marechal José Olintho como nascido na Capital de S. Paulo, mas erroneamente, e levado ao que parece pelos seus assentamentos, que dizem: "natural de S. Paulo", sem se lembrar que essas palavras apenas se referiam á Capitania ou Provincia em que elle nascera e de que toda a geração do grande militar éra santista. Éra o que nos cumpria ainda dizer, como esclarecimento aos leitores e á posteridade.

O Marechal José Olintho possuia diversos titulos honorificos e medalhas de mérito, inclusive a Gran-Cruz da Ordem de Christo, e a Commenda da Ordem de Aviz.

CONSELHEIRO JOSÉ RICARDO

(JOSÉ RICARDO DA COSTA AGUIAR DE ANDRADA)

José Ricardo foi um dos mais notáveis santistas do século passado, em paralelo com seus tios, os famosos Andradas.



Conselheiro José Ricardo

Nasceu José Ricardo na cidade de Santos, a 15 de Outubro de 1787, do legítimo consórcio do Capitão-Mor Francisco Xavier da Costa Aguiar e de D. Barbara Joaquina de Andrada (irmã de José Bonifácio).

Feitos os seus primeiros estudos em Santos sua terra, seguiu depois para Portugal onde ingressou na Universidade de Coimbra, bacharelando-se a 9 de Junho de 1810, com vinte e três annos de idade.

Durante o seu curso universitário verificou-se a invasão de Portugal pelas forças de Napoleão, e ahi, sob o commando de seu tio José Bonifácio, então investido do cargo de Coronel Commandante do Batalhão Academico, pelejou José Ricardo contra os francezes.

Dois annos depois de formado foi nomeado Juiz de Fôra de Belem do Pará, de onde o removeram para a Ouvidoria Geral de Marajó, da qual foi o creador, sendo logo depois provido no cargo de Desembargador da Relação da Bahia, funcções que estava desempenhando quando sua Provincia natal o distinguiu com a eleição de Deputado ás Côrtes Constituintes de Lisboa, ao lado de Fernandes Pinheiro de seu tio Antonio Carlos, de Nicolau Vergueiro e de Diogo Feijó, onde seu papel como se sabe foi notavel.

Logo em seguida, em 1823, foi eleito Deputado á Constituinte Brasileira ao lado de José Bonifácio, Antonio Carlos, Martim Francisco, Nicolau Vergueiro, Velloso de Oliveira, General Arouche, Diogo de Toledo Lara e outros grandes paulistas.

Seus notáveis serviços á Independencia e á Nação, diz Azevedo Marques, foram premiados por D. Pedro com a Dignataria da Ordem Imperial do Cruzeiro.

Em 1828 foi promovido ao mais alto posto da Magistratura, como Ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Viajou antes por toda a Europa e pela Asia, visitando os Santos Logares tambem, a Palestina, para cujo fim estudára antecipadamente as linguas orientaes, das quaes se tornou profundo conhedôr. Falava e escrevia proficientemente quasi todas as linguas mórta e vivas. Escreveu uma gramática da Lingua Turca e outra da Lingua Arabe, que, por occasião da sua mórte, ainda se conservavam em manuscritos; os Annaes da Provincia do Pará, cujo original, 66 folhas in-folio, acompanhadas de documentos e notas, pertence á Bibliotheca Nacional, e a "Viagem ao Oriente", que se extraviou ainda em manuscrito, parte na Typographia do "Diario Official" e parte entre as mãos do escriptor portuguez Augusto Emilio Zaluar.

José Ricardo foi tambem Deputado Geral por São Paulo, na 1.^a legislatura, de 1826/1829.

O Conselheiro José Ricardo da Costa Aguiar — dizia delle o poéta Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo — "éra um homem prodigioso, éra um homem da mais alta civilisação, um homem do futuro, prematuro para a nossa civilisação". Não se podia dizer mais, nem melhór desse egrégio typo de santista do passado, talento peregrino, illustração quasi que absurda, de ameno character, exemplo de probidade publica e particular.

Quando se occupava José Ricardo em revêr e polir seus trabalhos literarios para dar-lhes publicidade, morreu inesperadamente na Côrte do Rio, a 23 de Junho de 1846, contando apenas 58 annos de idade. Os religiôso do Santo Sepulchro carregaram-lhe o corpo, desde a porta do Templo até o tumulo, sendo sepultado na Capellinha de Jerusalem, á Rua dos Barbonos, hoje Evaristo da Veiga.

Suas óbras conhecidas são as que já citamos e vamos repetir, accrescida de mais uma em collaboração com Antonio Carlos e José Bonifacio; tendo desaparecido as demais:

1 — «Projecto de Constituição para o Imperio do Brasil» — Rio 1823. (de collaboração com aquelles dois santistas)

2 — "Viagem ao Oriente" — Parte dessa obra foi pelo senador F. Octaviano deAlmeida Rosa enviada ao "Diario Official" para ser ahí publicada; outra parte foi ter, não se sabe como, ás mãos de Augusto Emilio Zaluar, ignorando-se o destino que depois lhe foi dado. Possuía o Dr. Sacramento Blake sobre esta obra, uma nota que lhe fôra dada por alguém, nos seguintes termos: "As notas sobre a viagem ao Oriente por José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada foram entregues a Augusto Emilio Zaluar para redigil-as e com effeito este

apresentou um trabalho a este respeito que esteve no Archivo da Secretaria do Imperio e foi entregue por mim, de ordem do Director da mesma Secretaria, ao padre Joaquim Pinto de Campos. As notas nunca mais foram restituídas pelo Zaluar, que as perdeu, segundo me disse, e por isso não lhe pagaram o trabalho. O Padre Pinto de Campos me disse que era cousa insignificante. Não sei si delle aproveitou-se; mas o que é certo é que nunca mais o restituiu á Secretaria do Imperio, hoje do Interior”.

3 — “Annaes da Provincia do Pará” ou historia politica da descoberta, fundação e povoação, descripção, divisão, população e forças; governo, commercio e agricultura, fabricas e industria; sciencias e artes; administração, arrecadação e fiscalização das rendas publicas da mesma provincia, com algumas observações criticas ácerca dos successos mais notaveis, assim na comarca do Pará, propriamente dita, como nas do Rio Negro, Ilha Grande de Joannes, etc...” — Foram escriptos no reinado de D. Pedro I, e offerecidos á S. Magestade. O original de 66 fols. in-folio, a que se seguem varios documentos e notas, pertence á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

4 — “Grammatica da lingua turca”.

5 — “Grammatica da lingua arabe”.

COMMENDADOR MARTINS

(ANTONIO MARTINS DOS SANTOS)

Nasceu o Commendador Martins na cidade de Santos a 16 de agosto de 1792, do legitimo consórcio do Licenciado, Cirurgião-Mór do Iguatemy, Manoel Martins dos Santos Rego e de D.^a Angela Ferreira Prestes, de distincta familia de Sorocaba.

Seus primeiros estudos foram feitos em S. Paulo, onde tambem cursou as escolas superiores da época. Depois voltou para Santos onde entrou a desempenhar os mais importantes cargos publicos ao mesmo tempo que geria sua casa comercial e sua fazenda em São Bernardo. Em 1821 foi eleito capitão de Milicia, pelo Governo Provisorio da Provincia.

Após os agitados dias da Independencia, pelos serviços prestados á causa e por sua actuação nos acontecimentos de Santos, foi agraciado com o gráu de Cavalleiro professo da Ordem de Christo. Foi nomeado administrador do contracto e barreira do cubatão em 1827, no acto da inauguração da estrada de rodagem de Santos para São Paulo, cargo de confiança do Governo provincial, e cujo primeiro projecto até então, era feito por agua, do Vallongo até o porto

do Cubatão, sendo nomeado tambem administrador de toda as obras executadas.

Tendo sido creados pela Constituição do Império, artigos 71 a 89, da Lei de 27 de Agosto de 1828, os Conselhos Geraes das Provincias, que duraram por tres legislaturas e até o anno de 1834, cujo fim éra orientar o Governo Provincial e dar conselhos ao Imperadôr sobre as conveniencias do Império relativamente às Provincias que representavam, foi o Commendador Martins eleito Conselheiro por S. Paulo na 2.^a e 3.^a legislaturas, ao lado do santista Marquez de S. Vicente e de outras grandes individualidades, de S. Paulo, como Diogo Feijó, Marquez de Caravellas, Marquez de Monte Alegre, Brigadeiro Jordão, Vicente Pires da Motta, Brigadeiro Tobias, Gavião Peixoto e outros.

Com a organização dos municipios, foi eleito para a Primeira Camara de Santos em 1829, chamada "a Camara dos Padres" por conter quatro sacerdotes, dos quaes um éra irmão dos Andradas, o padre Patricio Manoel de Andrada e Silva, e da qual tambem fazia parte o Capitão Francisco Xavier da Costa Aguiar, pae de José Ricardo da Costa Aguiar. Ahi ficou o Commendador Martins até 1834, quando passou para o conselho Provincial onde foi membro de destaque. O Commendador Martins foi vereador municipal em Santos, na legislaturas de 1829 (1.^a) a 1834, de 1841, 1842/1844, 1844/1847, 1849/1852, 1852/1854, 1854/1855 e 1856, sendo Presidente da Camara algumas vezes.

Extinctos os Conselhos de Provincias e creada a Assembléa Provincial pelo acto Addiccional de 12 de Agosto de 1834, foi o Commendador Martins eleito Deputado á 1.^a legislatura, entre os 36 membros de que se compunha a referida Assembléa. Foi Provedor da Misericordia de 1832/1833 e de 1835/1836, e nessa qualidade realizador do hospital Provisório e do definitivo da velha Irmandade, o 1.^o inau-



Commendador Martins

gurado em 1833 e o 2.º em 1836, apesar da opposição que faziam a essa idéa, grandes vultos da Irmandade.

Em 1846, por ocasião da visita do Imperador a Santos, foi encarregado pelo Governo da Provincia de recebê-lo com todas as honras, a que fez em companhia do commendador Antonio Ferreira da Silva, sendo agraciado logo depois em S. Paulo, com o gráu de commendador da ordem de Christo, e com o titulo honorifico de Guarda da Serra da Maioridade, nóme que lembrava, posto á Serra do Cubatão, a proposta paulista de Antonio Carlos que determinou a coroação de D. Pedro II.

Foi Eleitor de Paróchia durante muitos annos, com a attribuição de eleger os Deputados regionaes ás Legislaturas Estaduaes, e, commercialmente foi matriculado no Tribunal do Commercio do Rio de Janeiro.

O Commendador Martins falleceu em sua fazenda do Ponto Alto em São Bernardo, para onde seguira pouco antes, a 24 de Abril de 1861.

MARQUEZ DE SÃO VICENTE

(JOSÉ ANTONIO PIMENTA BUENO)

Segundo alguns biógraphos e a propria tradição, nasceu Pimenta Bueno nesta cidade de Santos, em Dezembro de 1803 (ou 1804) (1). Fez seus primeiros estudos em São Paulo, onde, muito póbre como éra luctou sempre com todos os tropeços e dificuldades.

Ao finalizar o seu curso de humanidades, desempenhava Pimenta Bueno o simples emprego de amanuense do Thesouro Provincial, para o qual fôra nomeado em 12 de Abril de 1824. Desde essa época porem, elle já vinha revelando suas naturaes possibilidades, tomando parte saliente na redacção da primeira folha paulista, o "Pharol Paulistano" de propriedade de José da Costa Carvalho o futuro Marquez de Monte Alegre, de quem éra amigo intimo.

Installando-se em São Paulo os Cursos Juridicos, creados em consequencia dos esforços e da vontade de Fernan-

(1) Spencer Vampré em suas "Memorias para a Historia da Academia de S. Paulo", dá o Marquez como nascido em S. Paulo, de paes desconhecidos, engeitado á porta do cirurgião-mór José Antonio Pimenta Bueno. Deixamos tal controvérsia ao julgamento do publico, publicando esta biographia com as devidas reservas.

des Pinheiro, matriculou-se nelles a 20 de Novembro de 1828, sendo nesse mesmo anno promovido a official do Conselho Geral da Provincia, funcção que exerceu até 7 de Novembro de 1832. Neste anno, já formado pela Faculdade de S. Paulo, foi nomeado Juiz de Fôra de Santos e Juiz da Alfandega da mesma Villa, e no anno seguinte, juiz de direito e chefe de policia. Neste cargo colheu louvores, pelo acerto, prudencia e critério revelado e a presteza com que restabeleceu a ordem e harmonisou, na freguezia de Xiririca, os partidos em agitação e lucta exaltadissimas.

De 1840 a 1842 Pimenta Bueno foi Provedor da Santa Casa da Misericordia de Santos, ahi prestando relevantes serviços á população.

Removido em 1842 como juiz de Direito para a Comarca do Paraná; promovido a Desembargador da Relação do Maranhão em 1844 e em seguida para a Côte em Agosto de 1847, aposentou-se dez annos depois, em 1857, com as honras de Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, encerrando desta fôrma a sua carreira de magistrado.

Diz um dos seus melhóres biógraphos: "Este varão insigne, não sómente enche de gloria a Faculdade de Direito de São Paulo. Resplandece, como luz fulgentissima, na magistratura brasileira, de que se mostrou modelo, pela elevada cultura intellectual e pela integridade espartana do character, "sendo o mais glorioso nome da primeira turma academica".

Cérta vez como juiz em Santos, chegou a esta cidade o padre Antonio Feijó, obrigado pelo Governo imperial a ausentar-se de São Paulo; visitou-o então Pimenta Bueno, queixando-se o grande Feijó de que estava sendo coagido de forma illegal e inconstitucional, motivo por quê preci-



Marquez de S. Vicente

sava de um "habeas corpus" que ninguem lhe queria dar, e Pimenta Bueno deu-lh'o, embora contra as iras do Ministério, dizendo-lhe que um Senador do Império não podia estar em semelhante situação sem grande vergonha para os fóros de civilisação da gente brasileira.

A vida do futuro Marquez de São Vicente foi uma série ininterrupta de triumphos de toda a espécie, originados todos por sua capacidade. Occupou sempre as mais elevadas posições, figurando entre os grandes juriconsultos, magistrados e publicistas, produzindo obras de valor que até hoje são consultadas como proveitosas lições de um mestre proecto e abalisado.

De 1835 a 1837 exerceu a presidencia da Provincia de Matto Grosso. Foi Deputado á Assembléa Geral Legislativa da Provincia de São Paulo, na 5.^a legislatura de 1842, previamente dissolvida, e na 6.^a de 1846 a 1847. Representou sua provincia na Camara temporaria, antes de entrar na Camara vitalicia; serviu como encarregado de negocios e Consul geral do Brasil no Paraguay, de 1844 a 1846, desempenhando depois outros cargos importantes da diplomacia. Foi Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros em 29 de Janeiro de 1848, no Gabinete presidido pelo Visconde de Macahé; Ministro da Justiça em 8 de Março do mesmo anno. Foi o organisador do gabinete de 29 de Setembro de 1870, occupando a pasta dos Estrangeiros novamente e a Presidencia do Conselho. Enviado extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto ao Governo da Republica do Paraguay apóz a famosa guerra. Foi tambem Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul em 1850, Senador do Império escolhido pelo Imperador de uma lista sextupla, offerecida pela Provincia de São Paulo, honrando-o ainda o Imperador com os seguintes titulos: Official da Ordem da Rosa; Conselheiro de Estado Extraordinario em agosto de 1859; Conselheiro de Estado, Ordinario, em 1866: Visconde de São Vicente, em 1867, e Marquez de São Vicente, em 1872.

Pimenta Bueno foi companheiro dos grandes santistas Martim Francisco, Antonio Carlos, José Bonifacio, Visconde de São Leopoldo e Conselheiro Nébias, participando com alguns delles nas legislaturas Provinciaes de 1834/37 e na de 1840/1841.

Seu nome está ligado a muitos melhoramentos materiaes do paiz, e notadamente da sua Provincia, como a organização em sociedade com o Marquez de Monte Alegre e o Visconde de Mauá, da Estrada de Ferro de Santos a Jun-

diahy, sobre os primitivos planos e privilégios de Frederico Fomm, o veneravel allemão victimado pelos desgostos das proprias iniciativas em favor do Brasil, a terra que abraçára e que tão ingrata lhe foi.

Incumbido de importante missão diplomatica junto ao Presidente do Paraguay, Carlos Solano Lopes, pae do célebre dictador Francisco Solano Lopes, de tal maneira conquistou a amizade e a sympathia do velho e atrabiliario Presidente, que este não dispensava os seus conselhos nos negocios de importancia, ainda que fossem de politica e administração internas do paiz.

Collaborou, desta forma, Pimenta Bueno, em varios projectos de Lei, e regulamentos paraguayos, chegando a ser padrinho de chrisma de um dos filhos de Carlos Lopes, de nome Benigno, e a ver-se solicitado pelos Governos da França e da Inglaterra, a intervir, com a sua grande influencia e habilidade para a solução de questões pendentes com o Governo do Paraguay.

De indole grandemente liberal, aconselhava Pimenta Bueno ao velho Carlos Lopes, medidas democraticas, que eram, assim, quasi sempre póstas em prática.

Demersay, na "Historia do Paraguay", vol. 2, pag. 437, confirmando a influencia exercida por Pimenta Bueno sobre o presidente paraguay, diz:

"O Snr. Pimenta Bueno não tardou a adquirir, por sua habilidade e pericia, uma grande influencia sobre o espirito sombrio e desconfiado do presidente Lopes, e esta influencia contribuiu poderosamente, a que fossem por este adoptadas algumas medidas liberaes: — tarefa laboriosa e cheia de obstaculos, pois os jornaes de Buenos Aires não poupavam ironias e sarcasmos contra o presidente, lançando-lhe em rosto a vergonha de haver perdido toda a iniciativa, e a baixeza de se deixar guiar por uma potencia estrangeira".

Joaquim Manoel de Macedo, disse a seu respeito:

"Na Camara temporaria, e no Senado, primou como orador substancioso, logico e de palavra sempre serena. Na tribuna parlamentar foi sempre orador doutrinario, em seus discursos nunca procurou mover paixões nem excitar enthusiasmo; frio e reflectido, era mais conselheiro do que politico de partido, e si pecca-

va, era pelo tom um pouco dogmatico, que parecia muitas vezes mais lição de mestre do que argumento de discutidor”.

Os projectos de Pimenta Bueno eram sempre bem recebidos pelo Imperador, e, durante o Gabinete Zacharias, mandou o Imperador a este que estudasse devidamente os ultimos apresentados por aquelle, a ponto de Nabuco pensar que representavam a propria vontade do soberano. Assim, em 1866 discutia-se a abertura do Amazonas; em 1867 a Emancipação dos escravos; em Dezembro desse mesmo anno os Conselhos de Presidencia e em Fevereiro de 1868 a Reforma do Conselho de Estado. Esses magnos problemas, diz Spencer Vampré, “cada um dos quaes bastante para encher de glorias uma existencia, impunham-se-lhe ao espirito clarividente, e encontrava argumentos tão fascinantes, e tão opportunas soluções, que os proprios adversarios, como Zacharias e Nabuco, não podiam eximir-se a discutil-os e acceital-os, depois de acalorados debates.”

O Marquez de São Vicente falleceu no Rio de Janeiro, a 19 de Fevereiro de 1878, apóz 75 annos de vida consagrada á sua patria.

Entre as obras que produziu, conhecem-se as seguintes:

- 1 — “Apontamentos sobre as formalidades do processo civil” — Rio 1850 1 vol-in 8º Segunda edição em 1858 126 pags. in-8º.
- 2 — “Considerações relativas ao beneplacito e recurso á corôa em matéria de culto” — Rio 1873 — 87 páginas in-8.º. Em refutação a este trabalho, o Dr. Ernesto Adolpho de Freitas publicou um opusculo em Lisboa.
- 3 — “Reforma eleitoral” — Projectos offerecidos á consideração do corpo legislativo desde o anno de 1860 até 1870— Rio 1871 in-8º. Os projectos por elle apresentados nesta obra, serviram de base para as primeiras discussões do conselho de Estado sobre a reforma do elemento servil, que o autor defendeu no Senado, fallando por tres vezes. Seus discursos se acham nos annaes do parlamento e no livro citado a seguir, o 1º em extracto da pag. 129 a 130, o 2º da pagina 315 a 332, e o 3º e ultimo da pagina 479 á pagina 485, todos no segundo volume dos Annaes referidos.
- 4 — “Discussão da reforma do Elemento Servil” — Tres discursos em 26 paginas de sua autoria.
- 5 — “Discurso pronunciado na sessão do Senado, de 26 de Junho de 1855” relativamente aos limites com o Paraguay, discutindo-se a fixação de forças de mar. Rio 1855 — 23 paginas in-8º.
- 6 — “Algumas considerações ácerca da divisa entre o Brasil e a Republica do Paraguay” — Existe o autographo no Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

7 — “Discurso proferido na qualidade de Presidente da Provincia de Matto Grosso, na abertura da Assembléa Legislativa em o dia 1 de Março de 1837” — Uma parte deste discurso “Indios, populações e mineração” foi publicada na “Revista” do mesmo Instituto, Tomo 2º Pags. 170 a 175.

8 — “Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro” — Rio 1857 — 1 Vol. in-8º. Segunda edição em 1857 — 10 pags. in-8º.

9 — “Direito publico brasileiro e analyse da Constituição do Império” — Rio 1857 — 1 vol. in-8º. Foi publicado em duas partes com frontispicio especial, mas de numeração seguida — 586 paginas e mais as da introdução.

10 — “Direito Internacional” privado, e applicação de seus principios com referencia ás leis particulares do Brasil — Rio, 1863, 169 pags. in-8º.

11 — “Considerações relativas ao beneplacito e recursos á Corôa, em matéria de Culto” — Rio 1873 — 87 pags. in-8º.

12 — “Reforma eleitoral. Projectos offerecidos á consideração do Corpo Legislativo desde o anno de 1869 até 1870” — Rio 1871 in-8º.

Estas obras, deixam avaliar a grande cultura de Pimenta Bueno, não só nas sciencias juridicas, como em geographia e história brasileiras.

CONSELHEIRO NÉBIAS

(JOAQUIM OCTAVIO NÉBIAS)

O Conselheiro Nébias foi um dos grandes vultos de São Paulo no século dezenove. Nasceu Joaquim Octavio Nébias na cidade de Santos, a 1.º de Junho de 1811, filho legitimo de João Octavio Nébias e de D.^a Emericiana Pissarra, gente principal da antiga villa.

Dotado de intelligencia não vulgar com uma grande propensão para as sciencias e as letras, apenas adquirida a instrução primária passou a frequentar em sua propria terra e com aproveitamento notavel, aulas de latim, francez, rhetorica e philosophia, ministradas por professores particulares. Passou depois para a capital onde concluiu os preparatórios, matriculando-se então no 1.º anno da Academia de Sciencias Sociaes e Juridicas em 1830, depois Faculdade de Direito de São Paulo, cursando com distincção os



Conselheiro Nébias

cinco annos lectivos e tomando o gráu de bacharel em fins do anno de 1834, tendo por companheiros de romagem literária, homens como Antonio Thomaz de Godoy, Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, Teixeira de Macedo, Bernardino Ribeiro, Sayão Lobato (depois Visconde de Nictheroy), João Chrispiniano, Joaquim Ignacio Ramalho (depois Barão de Ramalho), José Alves dos Santos, Souza Ramos (depois Visconde de Jaguary), Andrade Camara, Nascimento Silva, e tantos outros que para logo assumiram posição brilhante na politica do paiz.

Joaquim Octavio Nébias começou a sua vida publica em sua propria terra, para onde, logo depois de formado foi nomeado Juiz Municipal, e, logo no anno seguinte, de 1835, foi eleito Deputado á Assembléa Provincial, na 2.^a legislatura (1836/1837) pelo Partido denominado Liberal, tendo por companheiros os famosos Andradas, Nicolau Vergueiro, Paula Souza, Pimenta Bueno, Carneiro de Campos, Silveira da Motta, e outros que com elle tanto abrilhantaram a Assembléa Provincial de S. Paulo em suas primeiras legislaturas.

Ainda nas 3.^a e 4.^a legislaturas (1838 a 1841) foi Nébias eleito por seu Partido á mesma Assembléa Provincial, onde a sua palavra facil e enérgica, rica de idéas e de convicções, o collocou em posição saliente e respeitavel. Na segunda sessão da 4.^a legislatura, porem, desgostos e scisões no seio do seu Partido, abalaram-no fundamente, levando-o a passar para os arraiaes contrarios, e, assim, a começar de 1841, entrou a militar no chamado Partido Conservador, ao qual prestou relevantes serviços e onde sempre foi considerado como um dos seus mais firmes, notaveis e prestigiosos membros.

Deputado geral a seguir, de 1843 a 1844, de 1850 a 1856 e de 1869 a 1870. — e Deputado Proyincial na 6.^a na 12.^a — na 13.^a — na 14.^a — na 15.^a e na 19.^a legislaturas — supplente na 8.^a e na 11.^a, sua figura austéra e digna tornou-se obrigatória nas sessões daquellas duas casas, como um dos maiores servidores da nação.

No intervallo de 1841 a 1843 fôra nomeado Juiz de Direito de Paranaguá, e dahi para o Maranhão, logar que não accitou, voltando de Paranaguá para a Camara Geral do Rio de Janeiro. Foi mais tarde nomeado juiz do Termo de Itú e depois da Comarca de Sorocaba. Foi nomeado Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul em 1852, e de lá subiu por ter sido nomeado Presidente da Provincia de São Pau-

lo, cargo que assumiu a 30 de Setembro do mesmo anno de 1852, sendo o 34.º Governador da mesma Provincia, e ahi, nesse lugar em que a furia das paixões ou os interesses partidarios podiam envolvel-o, demonstrou a pureza do seu character e a rectidão dos seus actos.

Em 1854 recebeu do Imperador o habito de Christo por serviços prestados á Nação. Em 1856 foi eleito Senador em lista triplice; foi Presidente da Assembléa Provincial várias vezes e Vice-Presidente e Presidente da Camara dos Deputados no Rio de Janeiro. Foi Ministro da Pasta da Justiça em 1870, chamado a occupar a vaga do Conselheiro José de Alencar; Juiz dos Feitos da Fazenda em 1871, e Conselheiro Imperial de D. Pedro II.

Se da vida publica passarmos para a particular do grande homem, dizem os chronistas do seu tempo, ahi encontraremos o cidadão honesto e probo, bom e simples, dedicado aos seus a ponto de não trepidar em despir-se do proprio patrimonio para assegurar a seu irmão o goso de melhores recursos.

Atacado de grave moléstia, e não podendo em consequencia della continuar a desempenhar o cargo de Conselheiro da Corôa, o Snr. Nébias deixou por algum tempo o exercicio da sua pasta.

Não obstante aggravarem-se-lhe os incommodos, sua importancia politica permaneceu inalteravel até o fim, a ponto de que, mostrando elle desejos de retirar-se do governo, foi este facto motivo para que o Gabinete inteiro se julgasse impossibilitado de gerir os negocios do Estado, e pedisse immediatamente a sua demissão.

Membro da opposição parlamentar, de 1871 a 1872, o Snr. Conselheiro Nébias a despeito do seu estado seguiu com fidelidade a causa de seus amigos, que éra então a do Império.

Ficou sempre solteiro o grande santista, e nesse estado morreu no Rio de Janeiro, a 16 de Julho de 1872, com 61 annos de idade, apóz demorados padecimentos que não merecia.

A Camara Municipal de São Paulo perpetuou-lhe o nome com a doação delle a uma das ruas importantes da Capital, e a de Santos perpetuou-o numa das suas principaes avenidas, que, antes de ter o seu nome chamára-se — Rua Octaviana — ainda em sua homenagem.

O Conselheiro Nébias, além de jurisconsulto eminente que foi, era versado em linguística, expressando-se com facilidade em vários idiomas, jogando também com algumas linguas mortas, tendo deixado alguns trabalhos juridicos e sociaes que não conseguimos colligir.

BRIGADEIRO JOSÉ FERREIRA

José Ferreira nasceu nesta cidade de Santos a 7 de Abril de 1820, do legitimo consórcio do Brigadeiro José Ferreira e de Da. Anna Ferreira. Haverá trinta annos, ainda vivia numa pequena casa da antiga rua do Rosário a sua mulhér, sempre no estado de viúva.

Tendo feito algum estudo em sua propria terra, na idade de 17 ou 18 annos sentou praça num dos regimentos de São Paulo, até attingir o posto de Tenente quando verificou-se a guerra do Paraguay.

Encarregado naquella occasião do serviço de recrutagem, desempenhou-se a contento da missão recebida, e logo depois partia para o campo da luta, chefiando um daquelles corpos hecterogeneos que o instincto de conservação talvez ou o proprio espectaculo da crueldade paraguaya transformaria em verdadeiras legiões de heróes.

Em tres annos de guerra conquistára elle varios galões por actos de bravura — Passo da Patria, Tuyuti, Humaytá, cada batalha era um elogio em ordem do dia e um começo de promoção, até que ao final de 1868, era já Coronél.

Verificou-se então, a famosa passagem de Itororó. Commandava a columna brasileira o general Argolo. Na manhã de 6 de Dezembro de 1868 a artilharia paraguaya devastava os batalhões brasileiros, collocada a cavalleiro da ponte e do desfiladeiro cuja transposição era reputada impossivel por todos os technicos inglezes, francezes e americanos que na época emittiram opinião. As companhias cahiam quasi completas como se todos os camaradas estivessem ligados entre si por uma mesma corrente fulminante. Inimigos eram tão perto de inimigos, que de lado a lado ouvia-se o rumôr confuso dos commandos e dos gritos que o estrondo da acção dominava. Varias cargas de infantaria e de cavallaria foram tentadas, mas a todas repelliram as baterias paraguayas superiormente collocadas sobre o pequeno morro do outro extremo. Accorrendo ao sector tornado vital para toda a campanha, o Mar-

quez de Caxias ordenou que o General Osório seguisse com o 1.º corpo de exercito pela direita do inimigo e fosse contornal-o, a ver se podia colhel-o pela retaguarda, mas nada decidia a situação, o terreno vencia qualquer plano. O 51.º corpo de voluntarios commandado pelo bravo coronel Frias Villar foi o primeiro que transpôz a ponte, formando quadrado e sustentando o fogo; poucos escaparam entretanto á aventura heróica porque a acção não podia ser parcial. A derróta brasileira parecia irremediavel. Foi então que o Marquez de Caxias com o seu grande tino de guerra e inexcedível coragem, desembainhando a espada gritou para os soldados:

— O vosso general vai transpor a ponte! Se sois soldados brasileiros, conto convosco! (sic).

Conta o Capitão F. Ferreira de Araújo, elemento do 2.º corpo do Exercito da Vanguarda, que não se pôde descrever precisamente o effeito daquellas palavras; dir-se-ia que o sólo, oscillado por um tremor subterraneo, fizera estremecer e rodar a multidão dos bravos; um viva enórme ao Brasil, ao Imperador e ao General Caxias reboou como um preságio de victória. Duas detonações paraguayas precipitaram os acontecimentos. As primeiras trópas a embaraftar pelo desfiladeiro a marche-marche foram as do então coronel José Ferreira cujo cavallo no primeiro avanço teve as pernas cortadas a metralha.

De roldão, aquella massa formidavel atirou-se a bayonetas caladas contra as posições paraguayas, e, quando os primeiros soldados do Brasil já transpunham os entrincheiramentos inimigos, o heroico e precipitado commandante santista entregava seu sangue á victória, abatido por traiçoeira machadinha paraguaya.

Dahi a momentos, a bandeira brasileira tremulava no alto da posição inimiga. Estava dado o passo definittivo para o triumpho de 1870, mas estava morto tambem o heroico commandante santista como mortos estavam o major Eduardo da Fonseca, o Tenente-coronel Azevedo, o Tenente-coronel Guedes, o coronel Fernando Machado e tantas outras patentes, confundidos no mesmo chão onde centenas de anonymos brasileiros pagavam o seu tributo ao futuro da pátria.

Depois de môrto e como homenagem do Império a tão valoroso soldado, é que o Cel. Ferreira foi promovido a Brigadeiro, ou general de Brigada.

Um dos escriptores militares inglezes, contemporaneos daquella guerra, não titubeou em affirmar que a passagem de Itororó podia ser considerada como um dos maiores feitos militares do mundo, e isso déve pôr em relevo as figuras primaciaes do mesmo feito.

Lamenta o biógrapho do Brigadeiro José Ferreira, o saudoso santista Cel. Constantino Xaviér, de quem obtivemos parte destas nótas, que até hoje Santos não tenha rendido a um tão illustre filho o tributo do seu respeito e da sua veneração.

VISCONDE DE EMBARÉ

(ANTONIO FERREIRA DA SILVA JUNIOR)

O Barão, depois Visconde de Embaré nasceu em Santos, a 21 de Dezembro de 1824. Como seu honrado pae, o Com-



Visconde de Embaré

mandador Antonio Ferreira da Silva, figura importante na sociedade santista, seguiu a carreira commercial, onde poudes salientar-se, já pela actividade e pela intelligencia, como por seu espirito de justiça e proverbial honradez, revelados nos menóres actos de sua vida publica e particular, tornando-se um dos vultos mais importantes da cidade.

Foi Coronel Comandante da antiga Milicia, e mais de uma vez Delegado de Policia, fazendo parte de varias Camaras santistas, na de 1862 pela primeira vez, substituindo o Dr. Henrique da Cunha Moreira, e nas de 1863, 1864, 1865, 1866, 1867, 1868 e 1869/1873.

Foi Deputado Provincial na legislatura de 1854 a 1855, e mereceu sempre o respeito e o acatamento de toda gente.

Amante acérrimo da instrução popular, sempre repetia que a instrução era o thermómetro que marcava o grau de adiantamento de um povo e que sem ella não podia haver progresso e engrandecimento da patria. Desta fórma procurou sempre, á medida de suas forças auxiliar a administração publica, com o não menos benemérito Visconde de Vergueiro. Fez para tal fim, varias doações, e entre ellas a d'um excellente prédio para installação de um grupo escolar municipal, onde esteve até a pouco tempo o Grupo Escolar Olavo Bilac, séde da Inspectoria da Instrução, agóra derrubado para construcção do edificio da Caixa Economica Estadual.

Espirito progressista elle foi com o Visconde de Vergueiro, Dr. Cochrane, seu pae, Henrique Leubá e outros, um dos fundadores principaes da antiga "Praça do Commercio" hoje "Associação Commercial de Santos", a benemerita e acatadissima entidade que assiste e protège os grandes interesses commerciaes da cidade.

Foi Provedor e grande bemfeitôr da Santa Casa de Misericórdia, em 1880, em 1881 e 1882, ahi deixando seu nome ao lado de outros beneméritos da velhissima casa de caridade e soccorro, vinculado aos grandes melhoramentos com que se dotou aquelle hospital.

Em 1846, moço ainda, recebeu com seu pae o Commendador Ferreira da Silva e mais o Commendador Martins Presidente da Camara, SS. Altezas os Imperadores do Brasil, então em viagem a varias Provincias.

Em 1876, sendo já morto seu pae, por occasião da nova visita imperial a Santos, o já então Barão do Embaré recebeu novamente a D. Pedro II em seu solar da Rua Direita e em sua chacara da Barra, em character official.

Na Igreja de Santo Antonio do Vallongo, em Santos, existe ainda hoje, uma curiosa lembrança do Visconde; uma bengala symbolica, collocada ao lado da imagem daquelle Santo, lembrando os factos milagrosos occorridos em 1860, por occasião da desapropriação do antigo Convento para construcção da Estrada Ingleza.

Foi o Visconde, quem, no anno de 1875, construiu a primitiva capella de Santo Antonio do Embaré, inaugurada a 19 de Outubro daquelle anno pelo vigario de Santos o Conego Scipião Junqueira, que procedeu á sua benção. A an-

tiga capella hoje está transformada em bella igreja pelos franciscanos mas lembra sempre a figura do seu fundador.

Antonio Ferreira da Silva éra um homem culto, de caracter purissimo e grande coração, caracterisando-se por actos constantes de caridade e uma vontade firme de promover o progresso de sua terra.

Atacado de grave enfermidade, falleceu o Visconde de Embaré, na cidade do Rio de Janeiro, para onde se transferira nos ultimos annos, a 21 de Dezembro de 1887, deixando illustre descendencia.

CORONEL JOAQUIM ANTONIO DIAS



Cel. Joaquim Dias

Nasceu este illustre santista a 15 de Agosto de 1825, nesta cidade, sendo seus paes: o Major Joaquim Antonio Dias e D.^a Eugenia Maria de Albuquerque Dias.

Aos dezesete annos, em 1842 portanto, obtido o consentimento patérno, assentou praça em um dos Batalhões de Infantaria do Exército, onde serviu pelo espaço de 33 annos.

Da sua brilhante fé de officio, passada por Eugenio Augusto de Mello, official da Imperial Ordem da Rosa, Cavalleiro da Ordem de São Bento de Aviz e Capitão Comandante da Cia. de Infantaria da Provincia de São Paulo, consta o seguinte, em resumo:

Assentou praça em 21 de Março de 1842. A 15 de Abril era reconhecido cadete de segunda classe. Logo em seguida marchou para a Provincia de Minas, a debellar a revolta iniciada lá e em São Paulo pelo Brigadeiro Tobias e outros militares, e de lá, pacificada a Provincia, rumou para a

Côrte, onde passou a pertencer ao Depósito de recrutas, e dahi para o 8.º batalhão de caçadores, por officio do Quartel General do Rio de Janeiro.

A 25 de Outubro de 1842 marchou para a Provincia do Rio Grande do Sul. Em 1844 fez toda a campanha da referida Provincia até sua completa pacificação, assistindo a derrota do inimigo, feita de surpresa a 14 de Novembro, em Porongos.

Em 1846 é promovido a segundo sargento. Em 1848 é reconhecido cadete de 1.ª classe. Em 1849 marchou com o Batalhão de que fazia parte para Pernambuco, a 9 de Fevereiro. Nesse anno é promovido a Alfêres. Reuniu-se ao 9.º batalhão de Infantaria, seguindo para o Sul da Provincia, onde tomou parte em diversos ataques. Em 1850 seguiu para a Provincia de Alagôas, a 25 de Março, e, em fins de Abril voltou para Pernambuco, seguindo para a barra de Natuba na provincia de Parahyba, sempre em trabalhos de guerra.

Voltou então para a sua Provincia onde prestou serviços vários em várias unidades. Em 1860 estava em sua terra, Santos. Nesse periodo sóbe a Tenente e a Capitão. A 18 de Novembro desse anno faz parte da comitiva do Governador da Provincia em sua visita a Santos. Em 1861 era commandante da 2.ª Companhia para ir em diligencia ao interior da Provincia, sendo encarregado depois, de Serviço de Recrutamento do exercito. Reassume depois o commando da 2.ª Companhia, deixando-a logo apóz para occupar o lugar de Ajudante de Ordens da Presidencia da Provincia. Em ordem do dia da mesma Presidencia, sob N.º 41, de 24 de Setembro de 1862 é elogiado pelo Governador e louvado pela lealdade e correcção dos serviços prestados. A 26 de Maio de 1865 é promovido a Major em comissão para a sétimo Corpo de Voluntarios, sendo elogiado por ordem do Governo Imperial pela organização desse Corpo de Voluntarios da Patria destinado aos campos do Paraguay.

Aqui começam os seus melhores serviços. Marchou da Capital da Provincia com destino a Matto Grosso, em 26 de Julho de 1865. Desembarcou em Corrientes a 26 de Dezembro desse anno. Seguiu para Falacorat em Fevereiro de 1866, e acampou nas margens do Rio Paraná a 2 desse mez. Occupou a Ilha da Redempção de 5 a 9 de Março. A 20 de Abril de 1866 seguiu a occupar o Passo da Patria. Entrou em combâte no dia 2 de Maio, avançada de 20, reconhecimento de 22, batalha de 24 e combâte de 28 desse mez.

Foi elogiado em menção honrosa pelo Commandante em chefe do Exército Brasileiro, pela bravura que mostrou durante a batalha. Assistiu em seguida a todos os bombardeios feitos sobre o exercito em Tuyuti. Occupou a ilha em frente ao forte de Itapirú a 5 de Junho, assistindo a todos os bombardeios feitos pelo dito forte sobre a Ilha, até o dia 9 de Junho. Marchou a 21 de Julho de 1867 com o Exército de Tuyuti, chegou a Tuyu-coé a 30. Seguiu para S. Solano a reunir-se ao 50º de Voluntarios a 14 de Agosto. Assistiu no 3º corpo do Exército da vanguarda, a 15 de Novembro, todos os bombardeios feitos pelas baterias inimigas no Passo-pocú sobre o acampamento do exército. Em 1868, a 20 e 21 de Fevereiro tomou parte nos reconhecimentos sob fogo, feitos junto ás forças paraguayas. Em 20 de Março idem. Marchou com o exército e chegou a Pancõe em Abril. Fez parte dos reconhecimentos de 16 de Abril sobre as fortificações de Humaytá. Assistiu todos os bombardeios desta passagem, feitos sobre o exército da vanguarda. Entrou no Humaytá a 25 e passou o rio para o Chaco a 26 do mesmo mez. Tomou parte no reconhecimento de 27 e combate de 28 de Julho, e assistiu á rendição daquella guarnição no dia 25 de Agosto.

Mais tarde assistiu ao ataque e passagem da ponte de Itororó a 6 de Setembro, onde foi gravemente ferido. Tomou parte logo apóz na batalha de 11, e na rendição da Fortaleza da Angustura, sendo elogiado pela bravura e intrepidez. Em 1869 fez parte da expedição que occupou a cidade de Assumpção onde desembarcou na tarde de 1.º de Janeiro.

Foi mandado elogiar novamente em nome de Sua Magestade o Imperador, conforme officio do Snr. Marquez de Caxias, de 13 de Janeiro de 1869, no qual o grande Marechal expunha os brilhantes feitos realizados pelas forças sob o commando do Capitão Joaquim Antonio Dias, desbaratando o inimigo nos dias 6 e 11.

A 19 de Março entrou para a Divisão expedicionaria ao mando do General João Manoel Menna Barreto, e, nessa occasião a Camara dos Deputados, conforme aviso do Ministério da Guerra, em sessão de 5 de Junho consignou na acta, um vóto de felicitação e reconhecimento por "ter alcançado para a Patria glorias immorredouras e para si renome e gratidão do paiz", o que foi publico em ordem do dia do Commando em chefe, numero 23.

Foi condecorado com os Habitos de Aviz, de Christo e da Rosa, e com a Medalha de Mérito Militar a 28 de Junho.

Após o final da campanha, com a victoria das forças alliadas voltou para o Brasil, a 31 de Março de 1870, sendo por Decreto de 23 de Abril daquelle anno, agraciado com o titulo imperial de Cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Em 11 de Novembro foi promovido a Majór, e reformado posteriormente no posto de Coronél.

O Coronél Joaquim Antonio Dias, falleceu em São Paulo, a 23 de Janeiro de 1901, deixando uma filha unica, D. Maria Dias Moura, que se uniu naquella capital com o Dr. Ernesto Moura.

Lendo a sua fé de officio comprehende-se o grande valor deste militar, que tanto honrou seu berço, e de quem sua terra hoje se orgulha.

BARÃO AGUIAR DE ANDRADA

(DR. FRANCISCO XAVIER DA COSTA AGUIAR DE ANDRADA)

Nasceu o Barão Aguiar de Andrada na cidade de Santos, cerca do anno de 1825, do legitimo consórcio de Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada, e Da. Maria Zelinda de Andrada, sendo sobrinho néto do "Patriarcha" José Bonifacio, sobrinho e genro do Conselheiro José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, e irmão do Tenente José Ricardo da Costa Aguiar, illustre official da marinha brasileira, morto em combate na guerra do Paraguay.

O Barão Aguiar de Andrada fez seus primeiros estudos em Santos, seguindo depois para São Paulo, onde completou-os, formando-se depois em Direito. Abraçou então a magistratura. Em 1850 já estava em Santos, onde de 1851 a 1852 foi administrador do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, o tradicional estabelecimento santista, por onde passaram quasi todos os homens importantes da cidade. Foi nomeado Juiz Municipal de sua terra, cargo em que permaneceu por muitos annos, até cerca de 1858 quando ingressou na Diplomacia, onde estava a sua verdadeira carreira, occupando sempre os mais altos postos, servindo importantes missões no Rio da Prata, no Chile e nos Estados Unidos.

“Para essa carreira (1) entrou como Addido de legação em Washington, passando depois para Londres como Secretário. Nomeado encarregado de negocios na Colombia e Venezuela em 9 de Outubro de 1863, no Chile em 26 de Dezembro de 1866, foi Ministro residente nesse paiz em 21 de Dezembro de 1871, e do Uruguay em 19 de Setembro de 1873, e serviu como enviado extraordinario e Ministro plenipotenciario no Uruguay a 25 de Novembro de 1874, na Republica Argentina em Dezembro de 1875, na Austria Hungria em 27 de Julho de 1878, no Chile em 11 de Dezembro de 1886, em Portugal a 20 de Agosto de 1888, na Suissa a 2 de Agosto de 1890, na Italia (Santa Sé) a 2 de Março de 1891 e nos Estados Unidos a 30 de Abril desse mesmo anno.

“Varias vezes, no desempenho desses cargos, interveio em delicadas questões de grande alcance internacional. Na Republica Argentina, como plenipotenciario, tomou parte nas negociações para os tratados entre esse paiz e o Paraguay, assignados a 3 de Fevereiro de 1876; definitivo de Paz, de Limites e Arbitramento, e de Amizade, Commercio e Navegação. Ahi, de accordo com ordens do Barão de Cotegipe, o Conselheiro Barão Aguiar de Andrada procurou obter de Bernardino Irigoyen, então Ministro das Relações Exteriores, a troca das ractificações do Tratado de Limites de 14 de Dezembro de 1857, que fora celebrado pelo Conselheiro Paranhos (Visconde do Rio Branco) com o governo do General Urquiza.

“Quando encarregado de negocios no Chile, havendo o Presidente Perez, na mensagem de 1 de Junho de 1867 ao Congresso, declarado, em confirmação ao protesto apresentado pelo Perú, por si e pelos seus allia-dos Chile, Bolivia e Equador, que a guerra da Triplique Alliança, Brasileira, Argentina e Uruguayana prejudicava interesses vitaes e communs ás nacionalidades do continente, Aguiar de Andrada reclamou contra essas palavras em nota de 6 do mesmo mez, respondida a 15 pelo ministro Alvaro Covarrubias.

(1) Alberto Souza — “Os Andradas” .Vol. III. Pags. 258/259. “Apontamentos genealógicos da Familia Andrada” — pelo Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, deputado federal por Minas.

“Nessa mesma Republica do Chile esteve mais tarde, em 1886, o Barão Aguiar de Andrada como ministro plenipotenciario em missão especial para presidir ás commissões mixtas encarregadas de resolver as questões resultantes da guerra entre o Chile, de um lado, Perú e Bolivia do outro. Essas commissões eram compostas de arbitros nomeados pelos governos de cada um dos paizes reclamantes e do Chile, sendo o terceiro arbitro nomeado pelo Imperador do Brasil. Nessa missão serviram Lopes Netto, Lafayette Rodrigues Pereira e o Barão Aguiar de Andrada.

“No Uruguay, tambem no desempenho do alto cargo de Enviado extraordinario e Ministro plenipotenciario, assignou com o Ministro Ambrosio Velasco e o Encarregado de negocios da Argentina em Montevideu, Jacintho Villegas, o protocollo de 30 de Julho de 1877 para a garantia effectiva da independencia, soberania e integridade territorial do Paraguay.

Pelo Tratado de 7 de Setembro de 1889 devia ser submettida ao arbitramento do Presidente dos Estados Unidos da America do Norte a questão das Missões; foi então escolhido para 1.º plenipotenciario, chefe da missão especial incumbida da defesa dos direitos do Brasil, o illustre Snr. Aguiar de Andrada, que apresentou ao presidente Harrison a sua credencial em 18 de Janeiro de 1892. A morte não lhe permittiu prestar ao seu paiz mais esse notável serviço, confiado á competencia, ao patriotismo e tino diplomatico de que sempre déra eloquentes provas”.

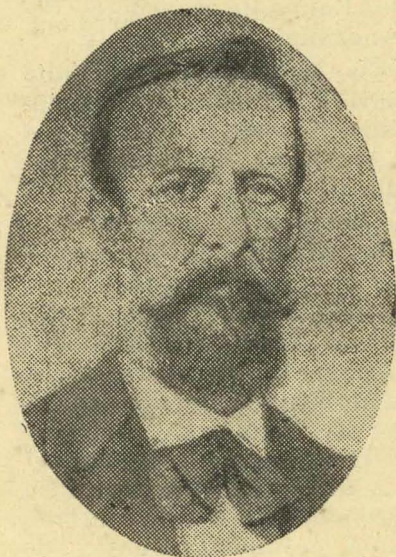
“O Barão Aguiar de Andrada terminou sua brilhante carreira diplomatica nos Estados Unidos, onde falleceu em 28 de Março de 1892, com a idade approximada de 67 annos.

O Barão foi casado com D.^a Jesuina da Costa Aguiar de Andrada, filha do Conselheiro José Ricardo e sua prima portanto, deixando regular geração.

Era homem de grande illustração e talento, versado em varios idiomas e doutissimo em sciencias sociaes, sendo a sua capacidade reconhecida immediatamente pela Republica, que manteve a consideração a elle dispensada pelo Imperio, do qual fora titular, lamentando-lhe profundamente a morte.

AUGUSTO FOMM

Augusto Fomm nasceu nesta cidade, a 25 de Abril de 1827, do legitimo consórcio de Frederico Fomm, eminente cidadão da Prussia Rhenana, e de D.^a Barbara da Cósta Aguiar, filha do Tenente-Coronel João Xavier da Costa Aguiar, Presidente do Senado da Camara de Santos, e sobrinha dos Andradas.



Augusto Fomm

Muito jovem ainda, quando seu pae seguiu para a Inglaterra afim de tentar a vinda dos vapores inglezes ao porto de Santos, elle seguiu tambem para aquelle paiz, acompanhando-o naquella viagem, lá permanecendo até á idade de 18 annos, recebendo durante déz annos, esmerada educação literaria e scientifica nas melhores escolas de Londres e depois Berlim.

Habilitava-se para o curso de estudos superiores, quando por mórté de seu pae, occorrida prematuramente, teve necessidade de abandonar-os, regressando a Santos. Ahi, teve que enfronhar-se rapidamente nos assumptos

commerciaes que envolviam a liquidação da casa commercial do seu progenitôr, ameaçada de completa ruina com o seu desaparecimento.

Com vinte annos apenas, era-lhe concedido pelo Imperador, a 17 de Novembro de 1847 e por intermédio do Presidente da Provincia, Brigadeiro Gavião Peixoto, o imperial beneplácito á nomeação recebida do Imperador da Austria, para que elle fosse Vice-Consul daquelle paiz em Santos.

A 23 do mesmo mez, nova honra cumulava o jóven santista; o Presidente da Provincia communicava á Camara de Santos, a nomeação de Augusto Fomm para Vice-Consul da Cidade Livre de Lubeck, e, logo no anno seguinte, quando elle mal completára os 21 annos, o novo presidente da Provincia, Dr. Domiciano Leite Ribeiro, communicava tam-

bem á Camara santista, a sua nomeação para o cargo de Vice-Consul da Dinamarca.

Taes honras, de elevado alcance naquelle tempo, merecera-as Augusto Fomm por suas grandes qualidades de intelligencia e cultura, apezar da pouca idade, mas, principalmente por fallar as principaes linguas europeas como o inglez, o francez e o allemão.

Casado em 1840 com illustre dama santista, já em 1850 seguia para o Rio de Janeiro á procura de mais vasto ambito para a sua grande actividade, onde pudesse exercer suas multiplas habilitações.

Entrou para o "Jornal do Commercio", o vélho organ fundado por Plancher, então pertencente a Emilio Adet, e onde estadeavam sua capacidade os cidadãos Villeneuve e Picot, considerado naquella época o mais importante jornal da América do Sul, incumbindo-se da redacção da sua parte commercial, ahi permanecendo até 1852, quando foi nomeado Correcor official da Praça do Rio de Janeiro.

Durante esses dois annos, emquanto trabalhava na praça e adquiria os fóros de melhor corretôr da Capital, cursou tambem a Escola Polytechnica, em continuação aos estudos iniciados na Europa, não chegando a formar-se porém, por incompatibilidade do sustento da familia com a attenção exigida pelo difficil curso frequentado.

Em 1864, declarada a guerra com a Republica do Uruguay, e, logo no anno seguinte com o Paraguay, foi elle um dos arautos patrióticos em favor do voluntariado, ao mesmo tempo que sugeria medidas para sustar a crise, que, em consequencia das guerras, paralysára as transacções commerciaes da Côte, levando á fallencia o banqueiro Souto e outras casas importantes da Capital.

Nessa occasião, foi elle nóvamente procurado por Villeneuve e Picot, chéfes do "Jornal do Commercio" então atravessando uma situação delicada, que lhe vinham pedir a volta ao antigo logar da folha. Voltou ao vélho organ da imprensa, assumindo não só a sua Parte commercial como a secção dos Debates da Camara dos Deputados.

Fallecendo Emilio Adet, proprietario do jornal, como não lhe dessem a gerencia do mesmo, promettida antes por aquelles dois gerentes, abandonou a imprensa, voltando ás suas actividades da praça, sendo então convidado pelo General Polydóro, Director da Escóla Militar desde que terminára a guerra e desde a sua reabertura, para Lente de

inglez daquelle estabelecimento tradicional, cargo que recusou, allegando ser republicano e não acceitar favores do governo da monarchia.

Em 1871 elle éra o Presidente da Junta dos Corretores do Rio de Janeiro, deixando-a para voltar nóvamente ao "Jornal do Commercio" a convite do Dr. Luiz de Castro e do Commendador Leonardo de Araujo, mas então como gerente.

Quando agitou-se no Brasil, iniciado em sua terra natal, e por seu proprio páe, o problema dos caminhos de ferro, de que a Lei N.º 24, de 30 de Março de 1838, era o melhor testemunho, passada que fôra em favôr da Companhia Aguiar, Viuva & Filhos, Platt & Reidd, de que seu páe havia sido sócio e gerente em Santos, Augusto Fomm tornou-se um dos seus grandes entusiastas, prevenhendo o progresso que a introdução de tal melhoramento traria á sua patria. Foi então o incorporador e um dos principaes organisadores da Estrada de Ferro Leopoldina, cujo concessionario o Dr. Antonio de Mello Barreto, que sempre foi seu grande amigo, a elle deveu a realisação do seu capital no Rio de Janeiro.

Não ficou ahi a sua actividade, tambem a Estrada de Ferro Sorocabana e os Engenhos Centraes de Capivary e Porto Feliz tivéram seus capitaes levantados por elle, a custa de suas grandes relações e do prestigio da sua palavra convincente e leal, o mesmo acontecendo com a Estrada de Ferro do Rio Verde, cujos orçamentos e parte financeira organisou de sociedade com o Engenheiro Dr. Benjean, que primeiro explorou, estudou e projectou essa via-férrea. Outros, entretanto, colheram as glorias da realisação de todos esse grandes estabelecimentos nacionaes, aproveitando-se da sua excessiva e criminósa modéstia.

Quando pronunciou-se em Santos a forte e decisiva campanha abolicionista, voltou elle á sua terra para incentivo dos compatriótas que a ella se dedicavam de corpo e alma, com prejuizo total dos proprios interesses. Foi ahi, um poderoso auxiliar da campanha contra a traficancia dos negros, formando com seu cunhado o eminente Dr. Miranda Azevedo, Antonio Bento, Luiz Gama e outros a grande força libertadora, cujas raizes extendiam-se de Santos e São Paulo á sua casa do Cattete, onde as reu-

niões dos abolicionistas do Rio, completavam as grandes acções nobremente reivindicadoras dos santistas.

Foi nas diligencias do seu papél de decidido protector dos escravos, que ficou conhecendo o commandante do Cruzador inglez "Rifleman", o qual, insensivelmente poz-se a ajudar o trabalho dos abolicionistas, acabando por entrar na intimidade da familia de Augusto Fomm e por esposar uma das suas irmãs. O trabalho de Augusto Fomm foi notável na campanha da abolição, e até nessa phase memoravel da vida nacional, a sua acção foi totalmente esquecida pela posteridade, guardada a sua lembrança apenas pelos que a assistiram e até hoje a transmittem aos seus descendentes.

Apezar de não militar activamente em politica, quando em 1870, no Rio de Janeiro, fundou-se o Partido Republicano, foi um dos seus primeiros filiados, não poupando esforços e não se esquivando a riscos, desde ahi, em pról da idéa republicana, como companheiro constante do seu eminente cunhado o Dr. Miranda Azevedo, que em thèse publica, de apreciação scientifica, chegára a proclamar e provar a incapacidade physica do Imperador para continuação do reinado.

Em 1871, depois do apedrejamento do jornal "A Republica", foi um dos que entraram com o capital necessario para a reorganisação dessa folha, e, nessa occasião fundou em sua propria casa, no referido bairro do Cattete, séde de abolicionistas e republicanos, o 2.º Club Republicano do Rio de Janeiro, mais tarde - Club Federal, do qual foi Presidente até seu fallecimento, quando conviveu e privou com os maióres vultos da victória de 89, que elle não poudé assistir como não assistiu a de 88, porque a mórte não lh'o permittiu.

Em 1872, apezar das suas idéas avançadas, ainda fazia parte do "Jornal do Commercio" como redactor dos Debates da Camara dos Deputados.

Augusto Fomm, foi colléga de Garcia Redondo, o notável escriptor, e de Francisco Picanço da Costa, com quem fundou o "Echo Academico", publicação academico-literaria, em 1872 no Rio de Janeiro, e o proprio "Centro Academico" no mesmo anno, onde tiveram origem tantas iniciativas importantes da época, inclusive as propagandas abolicionistas e republicanas, numa época em que ninguem ainda cogitára desses ideaes, e onde começaram a brilhar mui-

tas das futuras notabilidades do mundo scientifico, literario e politico do Rio de Janeiro.

Datam dessa época as suas poucas obras publicadas, salvas dentre os seus innumerados trabalhos dispersos e desaparecidos, e que vão descriptas abaixo.

Como polemista deixou também diversos trabalhos dignos de serem lidos, attestados vivos de sua vasta erudição, e ainda até pouco tempo consultados, como a sua campanha contra o acto do Visconde de Ouro Preto, Ministro da Fazenda, que se negara ao pagamento dos engenheiros, encarregados por elle proprio, do levantamento da planta cadastral do Rio de Janeiro.

Augusto Fomm falleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 30 de Março de 1887.

São os seguintes os seus trabalhos conhecidos:

1 — “As estradas de ferro do Brasil” — propaganda da bitola estreita. Série de artigos na imprensa do Rio de Janeiro — 1871. Publicados em folheto. Trabalho bem recebido até pela critica profissional.

2 — “A circulação fiduciaria no Brasil” — Estudos 1871.

3 — “Sciencia economica e finanças” — Estudos 1872.

4 — “As tontinas e os seguros de vida” — Calculos, tabellas e estudos para introdução do seguro de vida no Brasil. Rio 1872. Trabalho que impressionou favoravelmente o publico do Rio de Janeiro pelas ideias sustentadas.

5 — “O Governo do Brasil e os credores do Estado” — Critica ao Visconde de Ouro Preto, Ministro da Fazenda, e commentarios politicos.

TRADUÇÕES

6 — “O Brasil na exposição de Philadelphia” — Traduzido do portuguez para o inglez, para diffusão nos Estados Unidos e Inglaterra.

7 — “O anno biographico brasileiro” — de Macedo — Traduzido do portuguez para o inglez.

8 — “Corographia do Brasil” — de Macedo — Traduzido do portuguez para o inglez.

Estas obras e outras foram traduzidas afim de serem apresentadas na Exposição de Philadelphia, realizada naquella época.

9 — “Grammatica de Economia Politica” — Traduzida do inglez para o portuguez. Esta traducção foi prefaciada pelo Conselheiro Ferreira Vianna, que a considerou uma obra de grande mérito.

JOÃO CARDOSO DE MENEZES E SOUZA

(BARÃO DE PARANAPIACABA)

João Cardoso de Menezes e Souza, agraciado pelo segundo Imperador com o titulo de Barão de Paranapiacaba, por lembrar esse titulo a linda serra verde-azul que circumdava sua terra, nasceu nesta cidade a 25 de Abril de 1827, (não a 27 como pretendem alguns).

Fez seus primeiros estudos nos melhores collegios de Santos e de S. Paulo, ingressando aos 17 annos na Faculdade de Direito da Capital, onde aos vinte e um, em 1848, recebia o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Já na Faculdade se distinguira elle como orador formoso e eloquente, apparecendo como um valor numa época em que os valores se multiplicavam, e brilhando como excellente poéta. Foi nesse periodo da sua vida, em plena quadra academica que elle publicou o seu primeiro livro de versos, a "Harpa Gemedora".

Depois, luctando pela vida, dedicou-se João Cardoso por algum tempo ao ensino, em escolas e aulas particulares, até que transferiu residencia para Taubaté, onde residiu alguns annos e em cujo lyceu foi professor de geographia e historia. Passou depois para o Rio de Janeiro, onde teve banca de advocacia, até 1857 ou 1858. Ahi a convite de alguns admiradores de sua intelligencia, de sua cultura e principalmente do seu character, entrou a fazer parte do functionalismo publico, como ajudante do Procuradôr Fiscal do Thesouro Nacional, onde percorreu todos os postos superiores, desempenhando varias commissões dessa Repartição, no Rio, em São Paulo e em Pernambuco, empre apontado como servidôr extraordinario, até aposentar-se como Director Geral do importante estabelecimento.



Barão de Paranapiacaba

Os longos annos que o retiveram á sombra do Contencioso Nacional, embóra apparentemente o arrancassem ao convívio literario e scientifico do Rio de Janeiro, não conseguiram suffocar-lhe o genio e impedir-lhe as manifestações, porquê ainda mesmo durante esse tempo, publicou elle algumas obras.

Residindo embóra no Rio de Janeiro, o barão vinha amiudadas vezes a Santos, para "matar saudades" como dizia, e nessas visitas, como proprietario de muitas terras em Santos, fez varias doações de terrenos á Municipalidade para abertura de ruas necessarias ao desafogo e ao progresso da cidade.

Na legislatura de 1873 a 1876 serviu João Cardoso como Deputado pela Provincia de Goyaz. Mais ou menos na mesmo época era elevado a dignatario da Ordem da Rósa, chamado para o Conselho do Imperadôr e eleito membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, onde se reunia o escól scientifico do paiz com o proprio Imperador á frente.

Tambem o Conservatório Dramatico do Rio de Janeiro fel-o seu membro e Presidente pouco depois, por sua colaboração em favor do theatro brasileiro e pelas obras produzidas por elle em seu favôr.

O Barão de Paranapiacaba tinha uma figura austéra, e, como disse Medeiros e Albuquerque, "éra um homem solemne" mas, na intimidade o seu espirito surgia em sua verdadeira feição, infantilisava-se, deixando vêr um temperamento alegre e communicativo, simples.

A literatura nacional deve-lhe serviços inestimáveis, tanto por suas obras, como pelas traducções que effectuou de grandes obras estrangeiras até então inexistentes em nossas livrarias, mercê do conhecimento profundo que tinha de varias linguas vivas e mórtas, notadamente o inglez, o francez, o italiano, o grego, o latim e o hebraico.

Pelo livreiro Mendes foi-nos offerecido um exemplar do periódico illustrado brasileiro "O Novo Mundo", de Janeiro de 1878, publicado em New-York, sob a direcção do Dr. J. C. Rodrigues, e ahi, nesse orgam de propaganda brasileira nos Estados Unidos, deparámos com uma excellente biographia do Barão de Paranapiacaba, acompanhada da sua photographia dos quarenta annos. Nesse trabalho, entre muitos dados interessantes sobre a vida deste santista, encontram-se apreciações ao seu talento, que muito o recommendam á posteridade. Vamos transcrever dois pequenos trechos desse trabalho antigo:

“Depois de Byron era natural que o poeta de sua communhão intima fosse Lamartine. E’ uma idiosyncrasia das naturezas ardentes dos filhos dos trópicos ter n’alma as paixões que esses dois grandes poetas tiveram...

Byron já tivera no traductor brasileiro um fiel interprete do seu sentir; mas dizer com que verdade foi Lamartine traduzido é cousa quasi impossivel para este rapido esboço. Consubstanciou-se o traductor com o original, sentiu-o e manifestou-o tão profundamente que será de hoje em diante cousa litigiosa o dizer-se como fica Jocelyn melhór, si no verso francez, si no portuguez; é fóra de duvida que onde o traductor não igualou o original quasi sempre o excedeu”.

“Traduzira os poemas de Byron”, Oscar d’Alva e Giaour”, e escrevera o drama “Byron” que ainda hoje passa como uma das creações mais originaes e bem acabadas da nossa moderna literatura. Mas o que firmou bem a espontaneidade de seu engenho poético e a solidez de seus estudos de direito foi a publicação da sua excellente poesia “A Serra de Paranapiacaba” e os artigos insertos na parte juridica do “Jornal do Commercio”, da qual foi redactor, escriptos com proficiencia tamanha que não faltou quem os attribuisse ao Snr. Conselheiro Pimenta Bueno, actual Marquez de S. Vicente, outro paulista que honra a sua Provincia e é considerado como um dos nossos primeiros jurisconsultos e publicistas”.

Este illustre santista falleceu no Rio de Janeiro, onde residiu metade de sua vida, a 2 de Fevereiro de 1915, na avançada idade de 88 annos, legando á sua terra além dos escriptos que publicou no antigo “Correio Mercantil” de que foi por muito tempo collaborador, e no “Jornal do Commercio” em 1857, sob as iniciaes O. J., mais as seguintes obras:

1 — “Harpa Gemedora” — poesias — primeiros versos, 1849 — 118 pags. in-4º — Collecção do tempo de estudante, dividida em tres partes: Monodias — Romances e ballatas.

2 — “Oração Funebre” — 1848 — Pronunciada nas exequias do Irmão Constancio José Xavier Soares, Grau 3º da Maçonaria.

3 — “O Christianismo” — 1851 — Publicado antes na “Tribuna Catholica” revista redigida pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro.

4 — “Necrologia” — 1852 — 11 pags. in-8º — Elogio pósthumo ao Coronel Victoriano Moreira da Costa.

5 — “Christo e o Racionalismo” — Meditação — 1845 — Publicado tambem no “Jornal do Commercio” do Rio de Janeiro em seu N.º 87.

6 — “O Sacrificio do Golgotha” — Publicado pelo “Jornal do Commercio” na Sexta-feira da Paixão do anno de 1857.

7 — “Theses de colonisação do Brasil” — 1875 — Projecto de solução ás questões que se prendiam a este difficil problema. Relatorio apresentado ao Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras publicas naquelle anno de 1875 — cerca de 500 pags. in-4º acompanhadas de varios annexos. Obra de grande valor.

8 — “Byron” — Drama, calcado sobre a vida do poeta inglez.

9 — “Theses de Colonização do Brasil” — 1876 — in-8º — Resposta ao critico analytico da obra anterior.

10 — “Relatorio da commissão encarregada de rever e classificar as rendas geraes do Império” — Rio.

11 — “Auxilio á Lavoura” — 1875 — 35 pags. in-4º — Discursos proferidos na Camara dos Deputados sobre o projecto de bancos territoriaes e fabricas centraes de assucar.

12 — “Parecer” sobre as Caixas economicas e Montes de soccorro, apresentado pela commissão incumbida de verificar as causas de seu atrazo e indicar providencias tendentes a desenvolver estas instituições no Império. Rio 1882 — 142 pags. in-4º, com alguns mappas e tabellas.

13 — “Homenagem a Camões” no tricentenario de sua morte: versos na Revista Brasileira — tomo 4º — 1880 — pags. 512 a 549.

14 — “Camoneana brasileira” — Homenagem a Camões no tricentenario de sua morte. Rio 1880 — 170 pags. in-8º — São varios episódios dos Luziadas explicados em metrificacão variada.

15 — “Bibliotheca Escolar” — Camoneana brasileira — homenagem a Camões — Rio 1886 — -56 pags. — in-8º. Segunda edição em 1889 — 156 pags. in-8º tambem.

16 — “Recordação” da visita de SS. AA. Imperiaes ás officinas da Imprensa Nacional em 9 de Janeiro de 1888. (Rio — 1888) Versos.

17 — “Saudação ao Imperador” — Partida e regresso — Versos — Rio 1888 — in-8º.

18 — “A marmita” (Aulularia) — Comedia em 5 actos, de Marco Accio Plauto, vertida em versos portuguezes — Rio 1888 — 102 pags. in-4º.

19 — “Lyceu literario portuguez” — Sessão solemne. Elogio fúnebre de Camillo Castello Branco — 1891 — vol. in-8º.

20 — “Um sermão na capella imperial” — Artigos Publicados no “Correio Mercantil” de 26 de Outubro de 1854 e 27 de Agosto de 1855.

21 — “A serra de Paranapiacaba” — Versos — Publicados na “Sémana” revista literaria do Rio de Janeiro, em 1856 — N.º 11, pag. 18 e depois nas “Harmonias brasileiras” do Dr. A. J. de Macedo Soares.

22 — “Babylonia” — Versos — Na “Tribuna Catholica” N.º 15.

23 — “Imprecação do Indio” — Poesia lyrica no livro “Festa literaria por occasião de fundar-se no Imperio a associação de homens de letras do Brasil” — Rio 1883 — pags. 31 a 44.

24 — “O Imperador” — Saudade — Poesia recitada pelo joven A. S. Souto-Maior no collegio Menezes Vieira, etc... — Regresso. Estas duas poesias acham-se no volume “Partida e Regresso”. Saudação á S. M. o Imperador no dia 22 de Agosto de 1888.

TRADUCÇÕES

Alem da “A marmita”, comédia já citada, o Barão de Paranapiacaba fez mais as seguintes traducções, altamente reputadas e consideradas obras primas no genero.

25 — “Oscar d’Alva” — Poema de Byron. Vertido do inglez.

26 — “Jocelyn” — de Lamartine — Poema traduzido do francez — Rio 1875 in-18°.

27 — “O primeiro livro de Fábulas” — de La Fontaine — Vertidas do francez e offerecidas ao governo imperial para uso das escolas de instrucção primária — Rio 1883 — in-8° — Trabalho primoroso em todos os sentidos.

28 — “Fabulas de La Fontaine” — Volume 2° do mesmo autor — Rio 1887 — in-8°.

29 — “O christão moribundo” — de Lamartine — Traducção do francez publicada no numero 31 da “Tribuna Catholica”.

30 — “A lampada do templo ou a alma perante Deus” — de Lamartine — Traducção do francez, publicada no mesmo numero da folha citada.

31 — “Leonor e Rodolpho ou o castigo da blasphemia” — Ballata do tempo das Cruzadas — de Lamartine — Idem.

32 — “Os Companheiros de Ulysses” — Fabula de La Fontaine — Ao meu amigo o Conselheiro Franklin Doria — Publicada no “Journal do Commercio” de 24 de Dezembro de 1882.

33 — “Masepa e Corsario” — Traducção de Lord Byron — Vertido do inglez.

34 — “Giaour” — Poema de Byron. Vertido do inglez.

35 — “Prometheu” — Traducção de Eschylus — Vertido do grego.

36 — “Antigone” — Traducção de Sophocles — Vertido do grego.

37 — “Alceste” — de Euripedes — Vertido do grego.

38 — “Nuvens” — de Aristophanes — Traduzido do grego.

Sua ultima obra é de 1910, um grosso volume em prosa e verso, intitulado :

39 — “Poesias e prosas selectas” — 1910 Rio. Com prefacio de Quintino Bocayuva.

DR. ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA

(O SEGUNDO) (1)

Antonio Carlos nasceu em Santos, a 13 de Outubro de 1830, do legitimo consórcio do Conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva e de sua esposa D.^a Anna Josephina de Andrada.



Dr. Antonio Carlos Ribeiro
de Andrada

Estudou humanidades em Paris, bacharelou-se no Collegio D. Pedro II e matriculou-se depois na Faculdade de Direito de São Paulo, onde concluiu o curso de Sciencias Juridicas e Sociaes, bacharelando-se em 1855.

No seu tempo de estudante revelou raros dotes oratórios. Elle e Ferreira Vianna eram tidos como os primeiros oradores da Academia. Mostrou tambem o seu éstro de poeta, e os seus versos conseguiram um logar elevado nentre os bons poétas do seu tempo.

Em 1856 defendeu thèse perante a Faculdade de S. Paulo, doutorando-se, e tres annos depois, por Decreto

de 3 de Agosto de 1859, foi provido no cargo de lente substituto da mesma Faculdade, passando em 1864 a cathedratico de Direito Commercial substituindo o Dr. Falcão. Em 1885, 1896 e 1890 foi Director interino da Faculdade de Direito, sendo jubilado neste ultimo anno, por decreto de 17 de Dezembro. Logo depois foi nomeado Inspector do Thesouro, e em 1892 Procurador Geral do Estado com assento no Tribunal de Justiça.

(1) Esta biographia é quasi toda do Dr. Spencer Vampré, em sua "Historia da Academia de S. Paulo.

Espirito, lucido, talento prompto, levemente satyrico, Antonio Carlos teve uma phase brilhante no jornalismo, na qualidade de collaborador literário d'“A PROVINCIA DE SÃO PAULO”, em cujas columnas publicou sob pseudonymo de D. Gigadas, innumerous folhetins que causaram verdadeira sensação naquella época. O seu nome foi sem demora acatado no meio literario e jornalístico, chegando José de Alencar a considerá-lo o primeiro folhetinista brasileiro.

Em 1877, de parceria com outro notavel juriconsulto, o Dr. Inglez de Souza, Antonio Carlos fundou em Santos, a “Revista Nacional”, o que de melhor havia no paiz naquella época, onde estadeou durante algum tempo o seu talento e as suas subtilezas de escriptôr consummado.

Esmerado na vernaculidade dos vocábulos e das phrases, tinha vasta cultura literaria e artistica, e em familia ou em ródas intimas deleitava os ouvintes com sua espendida vóz de barytono.

Na politica, militou nas fileiras do antigo Partido Liberal, que o elegeu Deputado Provincial em muitas legislaturas — na 6.^a como Supplente, de 1844/1845 — na 7.^a de 1846 a 1847 — na 15.^a, de 1862 a 1863 — na 16.^a de 1864-1865, e na 17.^a de 1866 a 1867. Foi tambem Deputado Geral por São Paulo na Camara do Rio de Janeiro, em diversas legislaturas, na de 1846 a 1847, na de 1867 e 1868 e outras.

Na modestia de sua vida soube honrar o nome dos seus antepassados, nome que é um patrimonio nacional, seguindo aquella tradição de honradez incorruptivel, altivez e dignidade que se léga aos filhos como principal e precioso bem.

Antonio Carlos falleceu no Rio de Janeiro, aos 72 annos de idade, victimado pela arterio-sclerose, no dia 19 de Outubro de 1902, deixando algumas obras que não conseguimos anotar.

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA AGUIAR DE ANDRADA

Nascido em Santos a 30 de Junho de 1832, filho legitimo de Joaquim Maria da Costa Aguiar de Andrada e de D.^a Miquelina Solano Aguiar de Andrade, sobrinho do Conselheiro José Ricardo Aguiar de Andrada, sobrinho neto do “Patriarcha” José Bonifacio e primo do Barão Aguiar de Andrada, a illustre geração santista de tanto nome na historia brasileira.

Fez seus primeiros estudos em Santos, seguindo depois, para São Paulo onde cursou a Faculdade de Direito, obtendo

a carta de bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes em 1855, em 21 annos de idade, e o gráu de doutor lógo em seguida.

Antonio Augusto fez os seus primeiros estudos em Santos, seguindo depois, ainda em tenros annos para a Inglaterra onde realizou toda a sua educação scientifica e litteraria, sem comtudo formar-se em faculdade alguma, realizando viagens pela Europa e versando-se em varios idiomas.

Muitos annos mais tarde regressou a Santos, onde casou com uma filha de José Bonifacio (O moço) e limitou então suas actividades entre as cidade de Santos, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Versado em linguistica, como dissémos, realizou varias traducções, principalmente do inglez, mas, de tudo quanto produziu, alem das obras inéditas que se sabia existirem, foram impressas apenas as seguintes:

1 — “A guerra do Paraguay” (Traducção) — com uma resenha historica do paiz e de seus habitantes — Original de Jorge Thompson, tenente-coronel de engenheiros do exercito paraguay, ajudante de campo do Presidente Lopes, cavalleiro da Ordem do Mérito do Paraguay — Vertido do inglez — Rio de Janeiro 1869 — 189 paginas, in-8º.

2 — “Algumas considerações sobre o programma do Ministério” — Santos. 1851 — 15 paginas, in-8º — Opusculo politico.

3 — “Apontamentos historicos a respeito do grande Ministro da Independencia, José Bonifacio de Andrada e Silva” — Rio de Janeiro 1872 — 31 paginas, in-8º.

4 — “O Brasil e os brasileiros” — Idéas e these sobre colonisação.

5 — “Historia do Marquez de Barbacena” — 2 volumes — Obra escripta á vista de documentos authenticos que esclarecem pontos muito interessantes da nossa historia, e factos que se passaram com o fundador da monarchia. (Até 1883 ainda não havia sido publicada, mas, paréce que o foi depois).

Antonio Auguto da Costa Aguiar, talento de escól e santista amantissimo, falleceu em Santos, a 11 de Maio de 1877.

DR. ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS

(JOSÉ ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS)

Nascido em Santos, a 21 de Dezembro de 1834, como filho legitimo de Manoel Pereira dos Santos.

Fez seus primeiros estudos em sua terra, seguindo depois para S. Paulo onde cursou a Faculdade de Direito,

obtendo a carta de Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes em 1855, com 21 annos de idade, e o gráu de doutôr lógo em seguida.

Voltando para Santos installou sua banca de advocacia, sendo feito vereador em 1857 e dahi por diante em varias legislaturas, como 1858, 1859, 1860, 1861, 1862, 1863, e, finalmente, de 1873 a 1876, em companhia dos homens mais eminentes da cidade, como o Visconde de Vergueiro, o Visconde de Embaré, o Commendador Ferreira Netto, o Dr. Cochranne, Hygino Botelho de Carvalho, João Octavio, o Commendador Martins, Dr. Alexandre Rodrigues, Xavier Pinheiro, Azevedo Marques e tantos outros.

O Dr. Antonio Pereira dos Santos foi um talento de es-cól votado inteiramente á sua terra. Adquiriu pela altura de 1857 a "Revista Commercial" o mais antigo e o mais bem organizado jornal da cidade, ahi exhibindo a sua intelligencia até cerca de 1872.

Alem dos seus innumeros trabalhos de imprensa, foram publicados mais os seguintes:

1 — "Os grandes da época ou a febre eleitoral" — Comedia original em 3 actos — Santos 1860 — Parece que foi levada á scena com muito applauso.

2 — "A divisibilidade dos corpos" — 1855.

3 — "Scenas destacadas da vida scolastica" — Estudo de costumes 1857 — publicados no periodico "Ensaio Literario" de S. Paulo.

4 — "O clima de São Paulo 1857" — Publicado pelo "Correio Paulistano" e reproduzido pelo "Correio da Tarde" do Rio de Janeiro.

5 — "A embriaguez no direito penal" — 1860.

6 — "Parallelo critico entre Alexandre Dumas e Eugenio Sue" — 1860.

7 — "Duas palavras sobre "Le Brésil de C. Reybaud" — 1860. Publicados pelo "Guaycurú", revista da Academia de Direito de S. Paulo.

8 — "O nordeste em Santos" — "O theatro no Brasil" — "Criticas theatraes" "A natureza e o homem" — "O riso e as lagrimas" — trabalhos publicados pelo "Commercio" de Santos, e enfeixados em volume em 1862.

9 — "O Itororó" — Revista politica, litteraria, scientifica e artistica — Santos 1859/1860. Sahiram desta revista, de que fôra redactor o doutor Pereira dos Santos, 17 numeros, de 1º de Fevereiro daquelle anno a 1º de Maio do ultimo.

O Dr. Antonio Pereira dos Santos foi Deputado á 16.^a legislatura estadual, de 1864 a 1865, ao lado de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Dr. Americo Brasiliense, Martin Francisco Ribeiro de Andrada, Dr. João Theodoro e de outros eminentes cidadãos fallecendo pela altura de .. 1880 (data incerta), em sua propria cidade natal.

MAESTRO AMARO PINTO DA TRINDADE

Amaro Pinto da Trindade pertenceu a uma geração de artistas, e nasceu nesta cidade a 19 de Abril de 1836, do legitimo consórcio de Luiz Arlindo da Trindade e D.^a Maria Luiza da Trindade.



Maestro Amaro Pinto da Trindade

Já seu pae, tambem nascido em Santos em 1808, éra um grande mestre de violoncello e de outros instrumentos, director de orchestra de muita competencia e especialista em arranjos de musica, e, como elle, todos os seus irmãos fizeram nóme na divina arte, tornando-se eximios professores, como Manoel Pedro Nolasco da Trindade, grande executor

de requinta, clarineta, violino e piano; Geremias Propheta da Trindade, excelente pistonista, e Henrique Paulo da Trindade, renomado maestro, compositor inspirado e excellente director de bandas e orquestras.

Os Trindade resumem e synthetizam quasi um século de vida artistica da cidade de Santos, quando Santos possuiu de facto um grande ambiente musical proprio. Cerca de 1860 a unica banda de musica existente na cidade era a do "Luiz Musico", apellido dado a Luiz Arlindo, pae de Amaro Pinto, e, mais tarde, a mesma banda passou a chamar-se "banda dos irmãos Trindade" por nella figurar toda a grande familia. Depois da Guerra do Paraguay surgiu a Sociedade Musical União dos Artistas, pertencente á colonia portugueza e fundada então por Manoel Pedro Nolasco da Trindade, que, ao deixar tempos depois a sua direcção passou-a a Antonio Damião Mendes da Silva, o illustre musico que fizéram toda a guerra do Paraguay como regente da banda de musica do 7.º batalhão de Voluntarios Paulistas.

Com o correr do tempo, outras Sociedades musicaes foram apparecendo, mas todas estimuladas pelos musicos santistas, como a "Sociedade Musical XV de Abril", fundada sob a orientação do professor Fernando Bento de Amorim, eximio clarinetista; a "Sociedade Musical Commercio e Arte", sob a regencia do professor João Narciso do Amaral; a "Sociedade Musical Luso-Brasileira", fundada sob a direcção e regencia do professor Ricardo Henrique da Rocha Lima, com elementos do alto commercio e de distinctas familias de Santos, da qual fizéram parte o Capitão Afonso Porchat de Assis, em requinta e clarineta, Victorino Proost de Souza, em ophicleyde, Luiz Antonio da Silva, em clarineta, Antonio Domingues Martins (Totó Martins), em bombardino, Benedicto Calixto de Jesus (mais tarde famoso pintôr e conhecido historiador), em bombardon, Virgilio Marcondes e João Vicente Marcondes, em bombo, Aurelio Prado em pistão e Luiz Venancio da Rosa, como porta-estandarte; banda essa que se tornou famosa e venceu alguns concursos musicaes fóra da cidade; a "Sociedade Musical Lyra de Apollo", fundada por Henrique Paulo da Trindade; a "Banda Musical da Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio", fundada pelo mesmo professor Henrique Paulo da Trindade, que teve depois por successores, Aurelio Prado, Patricio Soares e o Professor Paulino do Sacramento; e finalmente a "Sociedade Musical Co-

lonial Portugueza”, fundada sob a regencia do professor João Gonçalves Loyo, substituido depois pelo professor Camillo dos Santos, eximio violinista, que com sua competencia e esforço, conseguiu fazer a referida banda, ganhar o primeiro premio em um concurso de bandas em São Paulo, em 1908.

Depois destas fundações todas occorridas entre 1850 e 1890, e já como ultimas manifestações da primitiva quadra musical da cidade, fóra do periodo “trindadino”, apenas verificaram-se os apparecimentos da “Banda de Musica do Corpo de Bombeiros”, a 7 de Outubro de 1899, creada pelo professor Aurelio Prado, substituido mais tarde por Patricio Soares; a “Sociedade Musical União Portugueza”, organizada pelo professor Augusto Messias de Burgos, e, por fim a “Banda de Musica do Instituto D.^a Escholastica Rosa” fundada pelo maestro Patricio Adriano Soares, e que teve tres phases, sendo regida na segunda phase pelo professor Henrique Escudeiro e na terceira pelo professor Aurelio Prado, o ultimo dos abnegados vindos do século anterior.

Tal foi o ambiente em que viveu Amaro Pinto da Trindade, o grande concertista de saxofone e clarineta e excelente violinista. Sobre este grande musico santista, vamos buscar na chronica local, os elementos para a sua incompleta biographia. São de José Ignacio da Gloria, o inesquecível abolicionista vicentino, contemporaneo dos Trindade as seguintes linhas, publicadas em 1908, no “Indicador Santista” daquelle anno:

“Na historia da arte musical foi dado a Amaro Pinto da Trindade o poder tirar do seu espirito ideal, uma absoluta independencia, não só as formas das suas obras, mais ainda o modo completo da execução dellas.

“Era talvez o mais venerado dos professores de musica de Santos alem da sympathia do seu trato, passava por ter uma grande pratica de educação de vozes e por possuir as boas tradições de seu pae o maestro Luiz Arlindo da Trindade.

“Na terminação da guerra do Paraguay, compoz um hymno, que foi executado e cantado durante essas festas, escripto pelo fallecido Antonio Manoel Fernandes.

“No dia 13 de Agosto de 1872, Amaro Pinto realizou um espectáculo concerto no theatro de Santos (no

antigo Largo da Coroação, hoje Praça Mauá), coadjuvado pelos actores dramaticos Domingos e João Eloy e pelos diletantes Theotonio e Venancio Anta. O salão repleto de entusiastas e admiradores estremeciam ás melodias do saxophone, e erguiam-se nas ondas dos applausos ao ouvir os magicos e tremulos suspiros do "canto-grego", os brandos e mimosos volteios da "sere-nata", arrebatados por um raio do nosso céu esplendido e depositada na cabeça intelligente do artista que traduziu a expressão de sua alma nas melodias de seu saxophone.

"Amaro Pinto, compositor mimoso e agradável, não podia deixar de merecer a coadjuvação de seus admiradores que o cercavam de applausos, e o coroavam com o entusiasmo que despertou o filho que amontou glorias para o seu paiz natal.

"No dia 15 de Março de 1873, foi para Campinas, no berço de Carlos Gomes, aonde deu um concerto de saxophone e clarineta, coadjuvado pelo seu velho pae o maestro Luiz Arlindo, em tão nobre empenho, sendo entusiasticamente victoriado pelo distincto povo da-quella cidade.

"No dia 2 de Março de 1874, Amaro Pinto, coadjuvado pela Banda Musical Lyra Paulistana, deu um concerto na capital de São Paulo, em o qual tomaram parte o seu velho pae Luiz Arlindo e Monsieur Pons. O "Correio Paulistano" assim se exprimiu: "NO DOMINGO DEU-SE O ESPECTACULO CONCERTO EM BENEFICIO DO TALENTOSO ARTISTA SNR. AMARO PINTO DA TRINDADE, O QUAL TEVE UMA NOITE DE COMPLETO TRIUMPHO VENDO SEU MERITO FRENETICAMENTE APPLAUDIDO PELO ILLUSTRADO PUBLICO DESTA CAPITAL.

"O CANTO GREGO PARA CLARINETA, AS VARIAÇÕES PARA SAXOPHONE, ENTRE AS QUAES MERECEM ESPECIAL MENÇÃO AS DO "CARNIVAL DE NAPOLES", FORAM MAGISTRALMENTE EXECUTADAS PELO NOTAVEL ARTISTA, CUJAS HABILITAÇÕES MUSICAES O TORNAM CAPAZ DE APPARECER DESASSOMBRADO DIANTE DE QUALQUER PLATÉA POR MAIS EXIGENTE QUE SEJA.

"HONRANDO SANTOS SUA PATRIA, ASSIM COMO CAMPINAS SE ORGULHA DE TER SIDO

BERÇO D'UM ANTONIO CARLOS GOMES, PELO QUE PERTENCE A MUSICA, PÓDE SANTOS TER O MESMO JUBILO DE O TER SIDO DE AMARO PINTO DA TRINDADE”.

“No dia 31 de Julho de 1875, deu um beneficio no theatro de Santos, e, ás ovações com que o povo o acolheu nessa noite, este nosso patricio juntou mais um florão á sua corôa de artista.

“Gostei de vel-o no vago aspirar das scismas do artista quando passava o talento derramando concepções suaves como as auras matinaes, harmoniósas como o canto do sabiá á tarde, quando a luz despede-se do mundo e as sombras descem ás serranias.

“Licinio Torres, Emilio do Lago, Joaquim Macuco, Henrique Paulo, Manoel Nolasco, Jeremias e Patricio, passaram rapidos como a sombra, e o paiz não registrou seus nomes na galeria da arte immortal do propheta rei, a relembrar as agonias daquelles talentos que se esfacelaram na obscuridade.

O destino tem os seus oraculos.

“Abria-se a Amaro Pinto a carreira de empregado publico, acceitou-a. Nesses felizes tempos a carreira unica aberta ás ambições da mocidade santista, era a carreira de empregos publicos.

“Os annos mais brilhantes e que podiam ser mais fecundos de sua mocidade, passou-os a copiar officios, e a fazer contas de multiplicar.

“Nunca abandonou a musica mas nunca poude tambem realizar as suas aspirações.

“Já os annos lhe tinham nevado largamente a fronte, e comtudo, a sua paixão pela arte era cada vez mais intuitiva.

“Ás vezes, no ardor do seu trabalho, no fogo da inspiração, sentia uma punhalada subtil varar-lhe o flanco e lembrar-lhe que á beira da encosta, que se sóbe para encontrar a gloria, caminha tambem a móрте.

“Emfim, um dia, depois de breve doença, que mal deu tempo aos seus amigos para conhecerem o perigo Amaro deixou cahir da mão inerte a sua batuta e resvalou na campa.

São Vicente, 1908.”

Em 1874, houve uma grande festa na Chacara dos Dois Rios, na praia da Barra e Amaro Pinto da Trindade, convidado, compareceu com sua orchestra; essa reunião tornou-se inesquecível em Santos, porquê interpretando a "Serenata" de Schubert, então em grande evidencia, provocou profundas scismas no refinado auditório, a ponto de commover o seu grande amigo Xavier da Silveira, que retirou-se do salão e foi desabafar-se em lagrimas e confidencias junto ás aguas banhadas de luar. Amaro Pinto chegou a desculpar-se da sua interpretação, que traduzia exageradamente o seu proprio módo de sentir, e, alguns dias depois, éra elle que chorava no côro da Matriz, ao acompanhar com a mesma orchestra, secundando o órgão tocado por seu pae, a missa tristissima que marcava o 7.^o dia da morte do poeta santista, o grande tribuno Xavier da Silveira, "o Silveirinha" como elle o chamava. Só então elle pudéra comprehender em sua plenitude, a significação daquella retirada e daquellas lagrimas do amigo, na reunião da vêlha Chacara de poucos dias atraz.

Existem ainda pessoas, e entre estas o jornalista Octavio Veiga, que affirmam ter sido realmente admiravel a capacidade artistica de Amaro Pinto e extraordinaria a sua interpretação ao saxofone.

Amaro Pinto da Trindade leccionava varios instrumentos, harmonia e canto, e compunha quasi sempre á noite, aproveitando a inspiração que lhe vinha no silencio do recolhimento, e, as suas composições, muito inspiradas ficaram quasi todas em manuscripto, distribuidas pelas igrejas de Santos e casas de familias aparentadas ou simplesmente amigas.

Compoz muitas "Missas", sempre executadas na Matriz de Santos, "Ave Marias" e "Gloria Patri", muito inspirados e gabados pelos contemporaneos.

De sua autoria, existem hoje impressas sómente seis valsas, ainda em uso nas familias antigas, e tocadas tambem pelas orquestras santistas actuaes, nunca esquecidas pela grande melodia e inspiração que as caracterizam:

"Ultimas Rosas" "Depois do Baile" "Antes do baile"
"Roubando um beijo" "Pensativa" e "Olga".

bastantes para conservarem a memória do seu pranteado compositor, que não teve a felicidade de merecer as graças

de uma viagem de estudos e aperfeiçoamento á Europa, para aproveitamento do seu genio musical.

Tivesse Amaro Pinto da Trindade o habito da bajulação ou alguém que se lembrasse de ir buscá-lo em sua modestia para apresentá-lo nos grandes centros e custear o seu preparo na Italia, contaria hoje o Brasil, na figura do Maestro santista com mais um titulo de orgulho e de glória. Como o seu colléga ituano, o velho Elias Lobo, grande cerebração musical, não teve tambem Amaro Pinto, por assim dizer, a sorte de Carlos Gomes, e perdeu-se o seu talento entre as malfadadas paredes de uma repartição publica.

Amaro Pinto da Trindade falleceu em Santos, sua terra, no dia 29 de Maio de 1901, na idade de 65 annos.

DR. VICTORINO DE BRITO

(VICTORINO CAETANO DE BRITO)

O Doutor Victorino de Brito nasceu nesta cidade, no anno de 1838, sendo seus paes: Joaquim Caetano de Brito e D.^a Maria Josepha de Souza.

Diz o Dr. Joaquim Augusto de Camargo em sua "Memoria Historica da Faculdade de Direito do anno de 1877" com referencia a este santista:

"Ainda correm as lagrimas e sahem do peito esses soluções de dôr que apareceram não há muito tempo no cemitério da Consolação ao se collocar a pedra que occultou para sempre o cadaver do nosso collega Doutor Victorino Caetano de Brito. Moço ainda, talentoso e dotado dessa qualidade rara, que tanto eléva os homens — a força de vontade — o Doutor Victorino teria um futuro bello, si a morte o não arrebatasse com tanta presteza.

O doutor Victorino, bem cedo, nessa idade em que o mundo parece sorrir-nos com todos os seus encantos, viu-se só e em lucta continua com os innumerados obstaculos que á sua vida se apresentaram. A morte havia penetrado em seu lar, e tirando-lhe o melhór dos amigos, deixou-o orphão e na miséria.

Aquella alma varonil, porem, não se deixou abater. Aproveitando-se com discreção dos auxilios que corações no-

bres e caridócos começaram a dar-lhe, o Doutor Victorino estudou com verdadeiro fervor os preparatórios exigidos para o Curso Juridico, e tão serios foram esses estudos que em brêve se habilitou para transmittil-os a collegas, e em casas particulares aos seus numerosos discipulos. Em 1857 matriculou-se no 1.º anno da Faculdade e em 1861 recebeu o grão de Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes. Em 1872 defendeu these e recebeu o gráu de Doutor. Assim aquelle que tão infeliz fôra no começo da sua vida, a ponto de viver da caridade dos amigos, pela sua constancia e estudo conseguiu o maior grau que a Faculdade concede e que por isso mesmo elêva e nobilita o homem.

“O Doutor Victorino exerceu os seguintes cargos: Professor interino das cadeiras de inglez, francez e Latim da Faculdade; professor substituto das mesmas cadeiras, e finalmente Cathedrático da cadeira de Latim, nomeado por Decreto de 22 de Abril de 1865. Alem destes, exerceu os cargos de Ajudante, e mais tarde de Procurador Fiscal do Thesouro Provincial, e de Curadôr Geral dos Orphãos da Provincia.

Victorino de Brito conseguiu uma cultura e erudicção simplesmente notáveis, á custa de uma vontade sobrehumana de vencer e compensar a dedicação dos amigos que o ajudaram quando tudo era trêva e abandono em seu redór, chegando a derrotar eminentes professores e polyglottas no provimento das cadeiras que occupou na Faculdade de Direito de S. Paulo”.

No dia 10 de Dezembro de 1877, falleceu o Dr. Victorino de Brito, apóz longa e penósa enfermidade, lá mesmo na cidade de S. Paulo, deixando vaga a Cadeira de Latim da Faculdade.

De quanto escreveu o Dr. Victorino foram publicadas apenas as seguintes obras:

1 — “Theses e dissertação para obter o grão de doutor” — Apresentada á Faculdade de Direito de S. Paulo — 1872 — 20 pags. in-4º — A dissertação versou sobre o ponto: O que é furto, roubo e estellionato? Em que se assemelham, e em que differem? Analyse das disposições respectivas do Codigo.

2 — “Relatorio da Commissão encarregada de examinar as colonias de Martyrios e São Lourenço na provincia de São Paulo em 1873 — S. Paulo 1874 — 188 paginas in-4º, com varios annexos.

XAVIER DA SILVEIRA

(DR. JOAQUIM XAVIER DA SILVEIRA)

Nasceu Xavier da Silveira a 7 de Outubro de 1840, nesta cidade de Santos, do legitimo consórcio do capitão de milicias Francisco Xavier da Silveira, natural de São Bernardo, com D.^a Leocadia dos Reis Xavier da Silveira, natural de Santos, sendo o sexto filho dos oito que teve o casal.



Xavier da Silveira

Fructo da época romantica da cidade, em que a sociedade ainda fazia uso de certas praticas eminentemente familiares e aristocraticas, sabendo ver nos individuos a expressão espiritual que differenciava uns homens dos outros, dando-lhes valor a começar por ahi, Xavier da Silveira foi um

desses predestinados, que, na phrase do poeta "são como a flor do lotus, que em cem annos florésce apenas uma vez", relumbrando no firmamento social do Estado como um maravilhoso bolido, nunca mais esquecido.

Aos cinco ou seis annos, sem que a propria familia soubesse como, visto que ainda não frequentára escólas, Silveira começou a ler artigos de jornaes, fazendo-o em vóz alta, orgulhosamente, para que os irmãos ouvissem. Resolveu então seu pãe que elle frequentasse a escóla publica regida pelo professor Thomaz Rufino de Saes, onde, comquanto fosse o alumno de menór idade, conquistou logo o primeiro logar entre todos, tornando-se ao cabo de algum tempo, conhecido pela alcunha de "Doutor Tintim".

Dahi dessa primeira escóla, passou elle para os cuidados do Padre Joaquim José de Sant'Anna, sacerdote de excepcionaes virtudes e grande illustração, que, affeiçoando-se extraordinariamente ao menino, proporcionou-lhe todos os ensinamentos necessarios ao preparo secundário com que havia de se apresentar á Academia de Direito de São Paulo mais tarde. Dizia então o padre Sant'Anna, que o seu pupillo ainda seria um grande homem, pelas qualidades de talento que apresentava.

Apesar de quasi toda a familia ser pela sua ida para a famósa escóla da Capital, resolveu seu pãe, cujos recursos não dariam para sua manutenção nos cursos juridicos paulistanos, encaminhal-o no commercio, obtendo-lhe um emprego na Casa Vergueiro & Cia, da qual participava o Visconde do mesmo nóme, amigo da familia, onde o jovem caixeiro poderia fazer carreira e ter garantias para o futuro.

Em pouco tempo era Xavier da Silveira o mais bem-quisto entre os membros da classe dos caixeiros do commercio de Santos, revelando-se então os dótes oratórios que possuía; e, o enthusiasmo que deante de tal revelação se despertou entre os companheiros foi tamanho, que logo nasceu entre todos, a idéa de garantir a Silveira, por meio de uma subscripção, os meios necessarios para elle fazer o curso juridico em São Paulo.

Assim, seguiu Xavier da Silveira para a Capital, matriculando-se na Faculdade. Alguns mezes depois, alguns ou muitos dos subscriptores não pudéram continuar a concorrer com as suas quótas antecipadamente estabelecidas, e Silveira, delicadamente, suppondo o sacrificio com que muitos luctariam para cumprir a obrigação assumida, resolveu

mentir-lhes, dizendo haver encontrado meios para proseguir seus estudos sem ser necessaria a contribuição dos amigos de Santos, começando então as suas luctas e as suas privações em demanda do ambicionado titulo academico. Fez-se guarda-livros de algumas pequenas casas commerciaes, e, á custa de muitos jejuns forçados e de uma vida extremamente sacrificada, poudes manter durante os tres primeiros annos de Faculdade. Nessa altura entrou como auxiliar do escriptorio de advocacia do velho Dr. Falcão, do qual começou a receber muitas provas de affecto e manifestações de confiança e protecção. Nesse escriptorio, em que se manteve até o fim do curso academico, fez as suas primeiras provas forenses, elaborando trabalhos que o seu velho mestre, proficientissimo jurisconsulto, não desdenhava assignar. Teve então a seu cargo a direcção de alguns pleitos e chegou a ser pessoalmente procurado e incumbido de processos crimes, militando no jury da capital com uma certa assiduidade.

No decurso do seu terceiro anno, foi-lhe entrégue o patrocínio de varios réos envolvidos num processo de homicidio, entre os quaes o banqueiro Pereira Pinto, e tal maestria desenvolveu como patrono dos accusados, que, embóra luctasse contra o seu proprio lente o Dr. Clemente Falcão de Souza Filho e com o illustre advogado, depois lente tambem, Dr. Benevides, encarregados da accusação, obteve completo exito, merecendo dos seus dois contendores os mais francos elogios, abraçado por elles enthusiasmicamente ao terminar a defesa.

Por essa occasião, Maio de 1862 ouviu-o pela primeira e unica vez, o eminente Campos Salles, e, quarenta annos mais tarde, conservava bem viva a lembrança do espectáculo oratorio de Xavier da Silveira, porque escreveu então ao seu filho, o Dr. Xavier da Silveira Junior, uma longa carta em que, entre outras cousas disse o seguinte:

“Foi ahi que ouvi, pela unica vez a palavra fluente e inspirada de Xavier da Silveira. Lembro-me bem de que elle começou recitando estes versos de Felix da Cunha, cujas tradições eram ainda frescas na Academia:

*“Porque do enthusiasmo a tuba santa
Trôa, festiva, nos bastiões da patria?”*

E seguiu-se uma oração arrebatadora, ardente de liberalismo e opulenta de imaginação. Nunca ouvi um

accento de voz tão emocionante e uma declamação tão communicativa. A multidão, encantada pela espontaneidade de sua eloquencia apaixonada, applaudiu-o com delirio. Foi o estrepitoso successo daquella noite, cuja reminiscencia me desperta as mais fundas saudades.

Depois disto nunca mais tive a fortuna de ver a bella figura de Xavier da Silveira na tribuna; mas, não deixei, jamais, de seguir com carinhoso interesse, nas noticias da imprensa e nas tradições da fama, a série brilhante dos seus continuos triumphos tribunicios."

Sua vida mudára muito, e já então, leccionando em varios collégios particulares e fazendo escriptas de casas commerciaes de maiór vulto, acceitando algumas causas, conseguia elle, recursos sufficientes para o custeio fácil de seus estudos finaes até 1865, anno em que recebeu o gráu de bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Consagrado como o primeiro orador academico do seu tempo, elle fora em regra, o orgão da Academia em todas as festas, solemnidades e commemorações realisadas pela mocidade do curso juridico ou pela propria congregação, e ainda na cerimonia da collação do gráu pelos bacharelados de 1865, fôra elle designado para pronunciar o discurso final, facto que marcou época nos fastos academicos, porquê, tendo sido praticada uma injustiça contra um dos companheiros por parte do corpo docente da Faculdade, o seu discurso, algo violento e por demais sincero e nóbre, fôra impedido pelo director da Escóla, provocando o desmantelamento da festa costumeira e tradicional, que, no dizer dos seus biógraphos "nunca mais se realizou collectivamente, passando desde então, a ser feita a capucho, sem discurso official, sem pompa ou solemnidade e por turmas diarias de tres ou quatro estudantes, em acto seguido ao de suas approvações nas matérias do quinto anno."

Xaviér da Silveira, "o Silveirinha" como todos o chamavam, tornou-se famoso, apontado por grandes e pequenos, como o maiór orador brasileiro. Contam-se a este respeito, cousas apparentemente lendárias, mas testemunhadas pelos maióres vultos de São Paulo daquelle tempo, como vamos ver. Poéta inspirado e repentista, jornalista vigoroso, jurisconsulto, orador e tribuno eloquente, abolicionista convicto, elle tornou-se a figura mais popular da antiga Provin-

cia, disputado e exigido por todos, amado pelos pequenos, temido e respeitado pelos grandes.

No fôro conquistou tal situação que não havia uma causa por assim dizer em que não figurasse como advogado constituído. Por muitas vezes viu-se em sérios embaraços, porque procurado e instado pelas duas partes litigantes, era obrigado a servir de árbitro por fim, dando elle mesmo a sentença, com que, antecipadamente, obrigavam-se os contendores a se conformar.

Combatendo os erros governamentaes tomava attitudes desassombradas como a de 1868, quando foi inaugurada a situação conservadora na Província, sob a presidencia paréce do Visconde de Itaúna, sendo chefe de Policia o Dr. Sebastião Pereira. Naquella occasião encabeçou sósinho e por conta própria a reacção em nome dos perseguidos e opprimidos de Santos e de São Paulo, convocando comícios e fazendo representações publicas contra o governo.

Proibida ahi uma grande reunião popular, convocada para os vastos armazens de J. Elias, na antiga Rua de São José (hoje Libero Badaró) e tomadas as portas destes por praças de bayonetas cruzadas, dirigiu-se elle, á hora aprazada para o local do comicio á frente do povo que o acompanhava, até defrontar os guardas da policia. Mediu-os apenas jogando para traz a basta cabelleira, e, levantando os braços num gésto largo e vigoroso descruzou as bayonetas dos soldados, sem dar uma palavra, penetrando no edificio seguido por grande numero de companheiros que deveriam secundal-o na tribuna determinada.

A energia que desenvolveu elle nessa phase agitada da sua vida politica, exaltou-o por tal forma aos olhos dos seus adversarios, que estes se acercaram de Silveira, procurando e propondo um conagração com os liberaes, promettedo-lhe um logar de Deputado caso consentisse. Reputavam-no capaz de fazer uma revolução ao primeiro gésto nesse sentido e temiam-no por isso. Nessa occasião, a respôsta do eminente santista foi a seguinte, conservada pelo testemunho da época:

“Agradeço-lhe muito, Conselheiro, a sua manifestação de sympathia e de confiança, mas, sou altivo demais para sujeitar-me ás exigencias de um compromisso partidario, e, se algum dia fôr deputado, desejo achar-me preso apenas pela delegação directa do elei-

torado paulista, sem outros entraves á minha acção, que não sejam os derivados das minhas relações politicas com a opinião publica da minha Provincia.”

Começava naquella época, a grande agitação social da emancipação do elemento servil, e, desde o primeiro momento, achou-se Xavier da Silveira entre os radicaes, ou seja, entre aquelles que, aliás em numero exíguo, proclamavam a necessidade da immediata abolição do captiveiro, o que lhe custou amargos dissabôres. Juntando a acção á palavra elle foi por assim dizer o iniciadôr do movimento de humanidade e patriotismo que terminaria com a maravilhósa victoria de 13 de Maio de 1888. Foi o advogado que maiór numero de causas de libertação pleiteou nos dois fôros, da Capital e de Santos, a ponto de, quando falleceu, em 1874, ter a seu cargo em juizo, a defesa de mais de quarenta captivos, muitos dos quaes, fugidos do poder dos senhores, se achavam homiziados em sitios e casas particulares do municipio de Santos. Éra a epopéa de Jabaquara que se iniciava.

Tal foi a acção de Xavier da Silveira em favor do grande ideal de humanidade iniciado em sua terra natal, que Luiz Gama, o maior dos apostolos da causa, teve estas palavras a seu respeito:

“Emquanto Xavier da Silveira viveu, a luz vinha de Santos, porque elle éra o porta-bandeira da abolição na provincia de São Paulo, e nós todos esperavamos sempre a palavra de ordem, que vinha d'elle”.

De facto, apóz a mórte de Silveira, a chefia directa da campanha passou a pertencer ao proprio Luiz Gama e a Antonio Bento, seus antigos companheiros.

Em Santos, fundou Xavier da Silveira, o matutino “A Imprensa”, cuja redacção exerceu effectivamente durante tres annos, quantos ainda lhe restavam de vida, pertencendo esse jornal a José Ignacio da Glória. Ahi pugnou elle pela abolição da escravatura, como já pugnára em São Paulo pela liberdade da consciencia, na questão Ganganelli, e pela reforma judiciaria, que veio a realizar-se em parte, sendo ministro da Justiça o Conselheiro Duarte de Azevedo.

Durante annos elle foi o apóstolo da realisação em sua terra das obras necessarias ao seu saneamento, escrevendo series inteiras de artigos subordinados ao titulo “CAES DE

SANTOS” em que, preconizando o regimen da Lei de 13 de Outubro de 1869, insistia com ardor crescente pelo grande melhoramento, verberando as vacillações e a inércia do poder central diante do grande problema que tanto interessava ás industrias e ao commercio de toda a grande Província. A esse tempo, assumiu conjunctamente, a direcção do “Diario de Santos” a pedido do respectivo director o illustrado Dr. José Emilio Ribeiro Campos, por impedimento deste, moléstia e ausencia temporaria.

De 1868 a 1874, Xavier da Silveira, foi o vulto que empolgou a opinião publica de todo São Paulo. Nos jornaes, na tribuna do jury nos auditórios judiciarios, no escriptorio, nas reuniões commerciaes, nos serões familiares, nos saraus publicos e aristocraticos, em todas as manifestações da sociedade e do povo, era reclamada a presença do jovem santista. Nada era considerado completo se lhe faltasse a figura impressionante e sympáthica do Silveirinha.

Um dia, por espontanea indicação do eleitorado santista, foi Xavier da Silveira levado para a arena politica, feito candidato a um logar de deputado á Assembléa Provincial. Como porem não prestasse servil obediencia aos chefes supremos do partido liberal, incorreu desde logo em prevenção, que, sem tardança, se converteu em franca hostilidade á inclusão do seu nome na chapa official do partido, o que por igual aconteceu a Quirino dos Santos e a alguns outros moços, evidenciados depois, e que se não conformavam com a orientação dominante no seio da politica paulista, dirigindo-se por isso directamente á opinião da provincia, pregando a necessidade de uma energica acção liberal que não podia limitar-se á simples affirmacção platonica de idéas destinadas a ornamentar programmas sempre sem execução.

A reacção assim iniciada sob os auspicios dos moços liberaes, encontrou largo apoio no corpo eleitoral, sendo seus promotores vantajósamente suffragados nas urnas, conseguindo Xavier da Silveira derrotar a olygarchia no proprio collegio da Capital. Os elementos que se congregaram nessa dissidencia ficaram conhecidos pela denominação de “prévios” com referencia ao grande movimento republicano que quatro annos depois começou a operar-se na Provincia e com o qual, obedecendo á força da gravitação de um sincero sentimento verdadeiramente liberal, commungaram, na maior parte, os moços e os principaes chefes que se haviam insurgido em 1867, contra a prepotencia dominadora do falso li-

beralismo official. Apesar de tudo, Xavier da Silveira foi sacrificado pelo despeito do Conselheiro Carrão, chefe da politica dominante, o que provocou d'elle a publicação de um "Manifesto" ao povo de São Paulo, Santos e Campinas, em jornaes das tres cidades, feito de periodos incisivos e causticantes através dos quaes adivinham-se o seu character e o seu espirito de independencia. Aqui vão alguns trechos:

"Fez-se a luz! Estão consumados os desejos do Snr. Conselheiro João da Silva Carrão! Fui excluído pelo directorio do Partido Liberal do numero dos candidatos á Assembléa Provincial pelo 1.º districto da minha Provincia!

Não me agasto por isso; nada perdi, tudo lucrei!

Lucrei porque ficou "ipso facto" provada a independencia do meu character; lucrei, porque fui implicitamente julgado incapaz de fazer côro aos coripheus da situação; lucrei, porque a situação é de lama, e, de outro modo, poderia talvez, parecer que se salpicavam as minhas vestes de moço nas ondas pardacentas da corrupção; lucrei, finalmente, porque mais perfeito é o meu direito de hostilizar, de hoje em diante, os Quasimodos Moraes e os anões politicos.....

Póbre Constituição! Mutilados os principios liberaes, violados os dogmas do governo representativo, conspurcadas e rotas as paginas do codigo social — lá vão os tartufos da epocha gritando sempre em nome do povo que illudem!

.....

Não fui eu o derrotado, não fui eu o excluído, foram os senhores, eleitores paulistas!

.....

Que homens e que liberaes! Até quando será isto um feudo usufruido pelos parentes, adherentes e aduladores de certos grupos?

.....

Materia quæ causa mortis fuerat, esset remedium sanitatis!

.....

Parae, parae, por Deus, que no firmamento politico o vosso giro é incerto, a vossa direcção perigosa! Caminhâes na razão invérta da luz, sereis sempre, portan-

to, um antipoda da liberdade. Homem, conheceis pouco a theoria das esphéras e turbaes, por isso, o movimento de perfectibilidade de um gremio social inteiro.

Deverieis ter vivido no tempo do direito divino, e, cobertos com o estandarte, hoje esfarrapado, do “sic volo, sic jubeo sit pro ratione voluntas”, terieis, talvez, monocratisado a suprema direcção dos publicos negócios. Agóra não é mais tempo; a carunchosa doutrina cahiu, muitos tyranos succumbiram, e a soberania popular por tanto tempo abafada rasgou as camadas que a envolviam, e, embóra baptisada em sangue, chrismouse NO GOVERNO DO POVO PELO POVO.

Erga-se Snr. conselheiro, erga-se mais, ainda mais, no meio do apostolado do silencio, e creia que ainda assim, — do alto da montanha há de um dia vir a torrente e v. exc. será levado nas aguas revoltas até um abysmo tão fundo, d’onde não mais encherá as urnas. Eu aguardarei um céu sereno, um mar calmo e ventos propicios — para demandando a democracia — pedir ás urnas aquillo que hoje não posso, não devo e não quero esperar, porque as urnas estão abastardadas pela mão dos olygarchas!

São Paulo, 18 de Outubro de 1867.”

Vinte e dois annos antes, verberando os actos de homens que comprometiam um regime, prophetisava Xavier da Silveira a vinda do advento republicano de 89.

A cultura de Xavier da Silveira andava a par da sua eloquencia, abrangendo todos os generos, literario, juridico ou scientifico, a ponto de ser elogiado por alguns médicos eminentes da época, pela felicidade com que abordava certos themas de alta medicina-legal.

Nas letras gregas, que considerava o manancial fecundo e inexgotavel de todas as literaturas, Eschylus, Homero e Petrarcha eram os seus autores predilectos.

São de Martim Francisco III.º saudoso tribuno, sobrinho do Patriarcha, as seguintes palavras relativas aos dons oratorios de Xavier da Silveira:

“Ia em meio a guerra do Brasil contra o Uruguay; annunciava-se a lucta contra o Paraguay. No Rio de Janeiro o tribuno Dias da Motta proferira dois bellissimos discursos, em reuniões populares effectuadas no

theatro de S. Pedro de Alcantara, incitando o povo a auxiliar o governo na defesa da Patria.

Convocada terceira reunião, a multidão, por falta de espaço, mudou-se para o largo do Rocio. A' direita da estatua de Pedro I foi collocada uma mesa, onde subiram e d'onde falaram o Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior e mais dois ou tres oradores cujos nomes não recórdo; falou tambem, dizendo varias parvoices, que foram aliás, respeitósamente ouvidas, um caipira de Guarantiguetá (Fulano Cordeiro Guerra). Repentinamente, e como que empurrado para cima da mesa pelo Dr. Pinto Junior, appareceu n'essa original tribuna um moço imberbe, quasi menino, olhos vivissimos, gesto mesclado de correcção e de audacia, exordiado brilhantemente um discurso que, durante tres ou quatro dias deu assumpto a todas as conversações do Rio de Janeiro.

Foi a primeira vez que vi Xavier da Silveira, o Silveirinha, nome pelo qual já era então conhecido e ainda o é na lenda que lhe conserva a fama.

Reconheci-o em S. Paulo em 1868. O partido liberal deixára o poder. Na capital da Provincia, cidade que teria pouco mais de vinte mil almas, começára a agitação radical, que, tres annos mais tarde, produziria a organização do partido republicano. O corpo academico que ennumerava talentos provados na imprensa, na tribuna do jury, na poesia e na aptidão juridica patenteada nas aulas, como Martim Cabral, Salvador de Mendonça, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Francisco Dianna, Bernardino Pamplona etc., que animava, posso assim dizer, superioridades incipientes como Aureliano Coutinho, Ruy Barbosa, Oliveira Bello, João Monteiro, etc., annexava-se agóra, de Ferreira de Menezes, o estylista impecavel, Luiz Gama, o preto, o poeta das trovas de Getulino, o homem mais popular da cidade, e do Silverinha, o orador sempre applaudido e sempre eloquente: bachareis em direito o primeiro e o terceiro, advogado provisionado o segundo. Circunstancia distincta, e que nunca mais tive a felicidade de encontrar em minha terra: esses moços eminentes, formando uma aristocracia intellectual apreciadissima pela população de S. Paulo, eram extremamente ligados pela amizade. Eram muito e muito amigos. Ap-

plaudiam-se, elogiavam-se, desconhecendo as preocupações da inveja. Ouvi então o Silveirinha, de 1868 a 1871 na tribuna do jury, na tribuna popular por ocasião dos festejos promovidos em homenagem aos voluntarios paulistas que voltavam da campanha do Paraguay (o 17.º e o 42.º batalhões, cujos restos formavam o 45.º) e em brindes de mesa nas tradicionaes festas de S. João, na chacara do bondoso capitalista João Ribeiro da Silva — chefe dos “cumbas” como nós o denominavamos, ligando a esse termo uma significação de energia e superioridade, independente de qualquer etymologia.

Na tribuna Silveirinha não éra homem, era musica, musica forte, vibrante, estridente, amedrontando as vacillações do auditório, luctando vantajosamente com Arthur Guimarães (o promotor publico mais pertinaz e logico que o fôro paulista tem tido), amarrando e escravizando o voto e a consciencia dos jurados na defesa de João Carapuça, o assassino do infeliz João Marinho, meu valente companheiro de rolos nas novenas da Penha.

Musica elevada, patriótica, verdadeiro e amplo hymno de grandeza, divinamente tocado nas teclas da alma popular, agitando a multidão agglomerada no largo de S. Francisco, obrigando as cabeças e os olhares de duas ou tres mil pessoas a moverem-se acompanhando os gestos do orador, como que exigindo e obtendo um applauso em cada virgula desse eloquentissimo discurso proferido diante dessa bandeira rasgada pelas balas que o batalhão 45.º de voluntarios hasteára em signal de gratidão ao corpo academico, em frente ao casarão da Faculdade de Direito.

.....

Subia calmamente á tribuna, aproveitando-se quasi sempre de um incidente para dar ao exordio fórma indirecta. Decorridos tres ou quatro minutos a eloquencia vinha chegando em catadupas; nenhuma repetição de palavras, nenhuma pausa incabivel lhe afejavam o discurso. Servido por uma voz não extraordinariamente volumosa, mas agradabilissima, mesmo quando, dominado pela imaginação, o orador a elevava, os periodos arredondados, fluentes, enriqueciam-se de imagens. O gesto harmonisava-se á palavra, como

que a pontuando. A phrase começava a ficar nervosa. A irrequietação physionômica do orador já não tolerava disfarces. O auditório emocionava-se. Abria-se o fecho da peroração. Os espectadores applaudiam. O triumpho era completo”.

Martinho Prado Junior disse um dia, que a maior impressão que lhe haviam causado oradores, tivera-a de Xavier da Silveira, e elle, além dos grandes predica-dos oratórios que possuia, acabára de ouvir na Europa de onde viéra recentemente, os maiores oradores do velho mundo.

Saldanha Marinho, Theophilo Ottoni, Francisco Octaviano, José Bonifacio, Martim Francisco II, Quirino dos Santos, Clemente Falcão, Dutra Rodrigues, Rubino de Oliveira, Francisco Glycério, Paulo Egydio, Sizenando Nabuco, Vieira de Carvalho, Americo de Campos, Francisco Veiga, Ubaldino do Amaral, Antonio Manoel dos Reis, Vaz de Mello, Peçanha Póvoa, Luiz Gama, Martinho Prado Junior, Augusto Alvares de Azevedo, M. Cintra, Campos Carvalho, Fernandes de Oliveira, F. Abranches, Joaquim Nabuco, Martim Francisco III, Julio Maria, Rodrigues Alves, Oliveira Coelho, Lucio de Mendonça, Carlos Ferreira, Cardoso de Menezes, Eduardo Prado, Carlos França, Copertino do Amaral, uma por uma de todas as grandes figuras do Brasil seu contemporaneo, testemunharam e affirmaram, que Xavier da Silveira, era uma das mais perfeitas organisações de orador judiciario que é dado imaginar.

Isto é bastante como biographia, e todos reconheceram sempre, que, falando o Silveirinha, não se sabia se o orador cedia ao poeta, ou se o poeta cedia ao orador, porquê as suas duas individualidades se duelavam em primôres e se fundiam por fim, numa peça inteira.

Tornou-se célebre o ultimo aparecimento de Xavier da Silveira no jury de São Paulo. Um escravo attentára contra a vida de um feitor deshumano, e elle tomára a sua defesa, assistindo por fim á condemnação do réu. Proferida a sentença, tomado de revólta profundamente christã, num assomo de sublime e santo despeito, uma vez interposto o recurso de appelação para o Tribunal Superior, de posse da palavra exclamou cheio de amargura:

“Sê infeliz! Cumpre o teu destino angustioso e funesto, pária desherdado de toda protecção social! Sê infeliz!

A tua defesa foi feita: — se houve n’ella sombras foram devidas á immensa noite de minha propria nihilidade intellectual; se houve luzes, foram devidas ás chammas da caridade em que me abraço!

Senhores jurados, (acrescentou, num immenso grito, voltando-se para elles) eu nunca mais voltarei ao jury de São Paulo!”

E Xavier da Silveira, fiél ás suas convicções nunca mais voltou lá, de facto, apesar das instancias de amigos como os Drs. João Mendes, Clemente Falcão, Duarte de Azevedo e outros.

José Bonifacio, o Moço, que na opinião commum foi o maiór de quantos oradores tiveram assento no seio da representação nacional, concluindo certa vez a narração de um dos grandes triumphos oratórios de Xavier da Silveira, disse:

“Xavier da Silveira numa tribuna, não éra um orador — éra um phenómeno!”

Realmente, as descripções de suas actuações, accusam isso, a ponto de serem obrigados a transferir o local das sessões do Jury de S. Paulo, para a sala das sessões da Assembléa Provincial por falta de capacidade para receber a massa popular que accorria a ouvir as defesas de Xavier da Silveira.

Fazendo rir ou fazendo chorar a assistencia, elle, transformado em artista cómico ou trágico, vencia sempre, através de uma riqueza incrível de palavras e de imagens.

Silveira, a exemplo de Alvares de Azevedo, previa a própria mórté em plena mocidade. São innumeras as suas poesias em que elle se refére á aproximação da Parca, em plena saúde, em pleno vigôr, sem que nada autorizasse os seus preságios. Por isso é que um dia, ante o espanto dos circumstantes que contemplavam a sua pujança physica conquistada nos annos em que passára nas aventuras do mar e da floresta e na practica de todos os exercicios athleticos, elle, ao findar-se uma sessão do jury santista, tomado de estranha emoção dirigiu-se a todos os collégas, companheiros

e amigos, despedindo-se e affirmando que, aquella, seria porventura, a ultima vez em que lhe seria dado fallar em publico, pelo quê, exprimia os seus vótos de coração pelo progresso da sua querida terra santista e pela grandeza do Brasil, cujos destinos traçou então como numa verdadeira despedida de quem estivesse fallando sobre as bordas da propria sepultura.

Dias depois, appareceu o surto de variola que assolou a cidade em 1874, e todo o povo lembrou-se do acto dramático realizado pelo Silveirinha naquella ultima sessão do jury, receiando que se realizasse aquillo que todos julgavam producto de mórbida phantasia

A variola! A variola! Éra a exclamação de terror de toda uma população ceifada pela epidemia. E Xavier da Silveira foi de facto, tängido pelo dedo infame da doença. Durante a sua enfermidade, e apezar da sua natureza, a casa delle nunca poudo comportar os amigos e os homens do povo, que procuravam conhecer os pormenóres da marcha da moléstia, e, dia e noite, centenas e centenas de populares escravos e humildes, gente que sempre recebera delle o carinho e a protecção, permaneciam lá fóra, na rua, consecutivamente, aguardando em attitudo afflictta, as noticias que lhes eram a todo o momento communicadas pela familia.

No 12.º dia da molestia, cerca das 2,30 da tarde, circulou a noticia de que o tribuno despedia-se dos seus parentes e dos seus conterraneos. Fez-se um grande silencio entre a multidão augmentada que estaccionava na rua, e dahi a momentos todos rezavam pela salvação do grande filho da cidade.

Finalmente, no dia 30 de Agosto de 1874, aos 34 annos de idade, incompletos, fallecia Xavier da Silveira, truncando todo um futuro de esperanças que lhe aureolava a figura.

Mais de cincoenta jornaes de todas as cidades de São Paulo, e de Provincias visinhas, teceram commentários sobre o desaparecido e lamentaram de forma especial o seu desaparecimento, e, o seu enterro foi uma dessas cousas inesqueciveis, commovente e soberbo espectáculo jamais excedido em outras mórtés e nunca esquecido pela gente do seu tempo, realizado á noite, com o acompanhamento de toda a população da cidade, moços, velhos e crianças, de todas as côres e crêdos, ao côro de extranhos cantos religiosos, cortado do pranto de centenas de criaturas. de lamentações de es-

cravos, tudo num conjuncto phantástico, á luz de mais de quinhentas tóchas accesas ladeando o cortejo. (1)

* * *

Xaviér da Silveira o merecia, porque éra um simples e um bom, a ponto de não haver um caboclo humilde, um mateiro dos socavões paulistas, um caçador ou um pescadôr das solidões littoraneas que não o conhecesse, não houvesse privado com elle e não o estimasse pelo trato e profunda sympathia; elle foi o poeta errante das mattas e das praias santistas, e, em 1883, nóve annos depois de sua mórte, quando o Dr. Xavier da Silveira Junior pescava na região do Monduba, um velho praiano, reconhecendo nelle o filho do seu antigo protector, abraçou-o chorando entre as recordações por elle uma a uma desfiadas, das aventuras do poeta, por aquelles mesmos mares que ali tinham diante dos ólhos.

“Quando elle morreu, disse o pescadôr do Monduba, não houve pescador que deixasse de acompanhar o enterro, e os mesmos que na occasião estavam ausentes ou doentes, logo que pudéram, foram visitar o tumulto daquelle amigo de nós todos, que éra a nossa providencia e o nosso anjo bom e que nós conhecemos desde o tempo em que éra ainda um diabinho e nos dava tantos sustos e cuidados, todos os dias, com as suas diabruras no mar.”

Xavier da Silveira nunca se preocupou com o seu proprio futuro, porquê a preocupação dos destinos da sua patria e dos seus amigos e protegidos, nunca lhe permittiu lembrar-se de si mesmo, e ainda menos de ambições ou egologias. Dahi talvez a falta quasi absoluta de escriptos que o impuzessem á posteridade e o immortalizassem em sua lembrança como acontece com a generalidade dos literatos e homens de cultura. Por isso, de tudo que produziu, existe hoje apenas o livro “POESIAS”, collectanea pósthuma dos seus versos, organizada piedosa e benedictinamente por seu filho, o illustre Dr. Xavier da Silveira Junior, em 1902.

(1) As notas biográficas de Xavier da Silveira não contêm exageros, embora pareça, visto que limitam-se a reproduzir impressões e descrições de testemunhas, de biógraphos e de jornaes contemporâneos. Está vivo ainda o Cel. Feliciano Bicudo em cujos braços elle expirou.

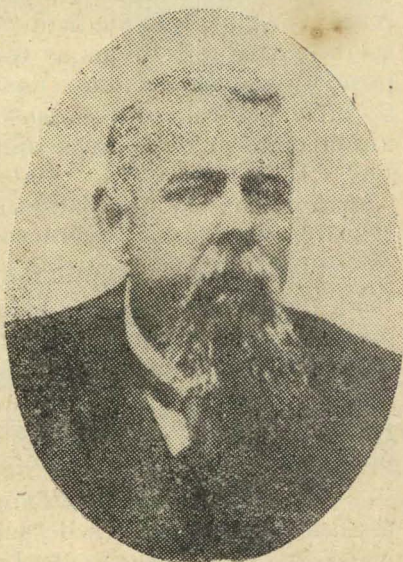
Basta-lhe porem o cabedal formidavel das cartas expontâneas reproduzidas no preambulo da referida óbra, firmadas pelos nômes mais autorisados do principio deste século e e as noticias antigas publicadas no mesmo, além dos depoimentos pessoaes de toda uma geração cultural ahí estampados, para que a grandiosidade da sua figura de oradôr, poeta jurisconsulto, patrióta e hómem de grande character e coração, consérve sempre, na eternidade dos annos, a forma e o tamanho que ella teve, e do que dá palida idéa o monumento publico que sua terra natal plantou em seu coração abérto em praça.

MAESTRO HENRIQUE PAULO DA TRINDADE

Nasceu Henrique Paulo da Trindade nesta cidade de Santos, a 4 de Janeiro de 1842, do consórcio do Maestro Luiz Arlindo da Trindade e D.^a Maria Luiza da Trindade.

A exemplo de seu irmão Amaro, Henrique Paulo da Trindade nunca sahiu de sua terra, nella realizando todos os seus estudos e todo o seu preparo musical, ministrado este por seu pae, profundo conhecedor de musica, harmonia e technica instrumental.

Compositôr inspirado, todas as suas produções conservaram-se manuscritas e em poder de igrejas e casas de familias, onde são mantidas até hoje. O genero sacro, principalmente, absorvia sua inspiração, e, desse genero escreveu paginas bellissimas, que até pouco tempo eram constante e diariamente executadas nas igrejas locaes, com especialidade na Igreja do Coração de Jesus, mas, agora, com a resolução de só serem executadas as composições officiaes, vão ficando esquecidas nos archivos, ameaçadas de queima e desaparecimento.



Maestro Henrique Paulo da Trindade

Cerca de 1862, já elle fazia parte da banda de seu pae, chamada então "a banda do Luiz Musico" e mais tarde "dos irmãos Trindade", tocando todos os instrumentos de sopro, principalmente saxofone, clarineta, pistão e flauta. Em 1885 elle era o regente da "Sociedade Musical União dos Artistas", fundada por seu irmão Manoel Pedro Nolasco da Trindade, importante banda santista. Alguns annos depois, fundou a "Sociedade Musical Lyra de Apollo" organizada nas mesmas bases da anterior, tendo sido também, antes disso o fundador e organizador da "Banda Musical da Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio", passando mais tarde a sua direcção ao professor Aurelio Prado.

Finalmente, sete annos antes de morrer, no anno de 1900, quando ainda os jesuitas funcçionavam na Igreja de Santo Antonio do Vallongo, Henrique Paulo, fundou lá, o Côro do Apostolado do Coração de Jesus, do qual foi director até morrer, quando já funcçionava então na nova igreja construida tres ou quatro annos antes, na rua da Constituição. A essa organização dedicou elle as suas ultimas actividades, a ella entregando todas as suas numerosas e inspiradas composições sacras. Apesar das musicas estrangeiras que hoje se officialisaram em nossas igrejas, no Coração de Jesus, ainda cantam em nossos dias, os seus ultimos: "Gloria Patri", "Padre Nosso" e "Ave Maria", sendo famosas as suas "Jactatórias do Bom Jesus de Iguape", pouco usadas mas sempre respeitadas e veneradas pelas Igrejas e Confrarias.

O Maestro Henrique Paulo da Trindade, escreveu também algumas musicas de salão mas quando o fazia era para offerecel-as a alguém ou para bolir com seu irmão Amaro. Assim, quando este escreveu a sua famosa valsa "Ultimas Rosas", Henrique escreveu a sua "Primeiras Rósas" em resposta, e logo depois "Christina", finissima pólka de salão, dedicada a uma sua parenta.

As suas "Missas" e "Tantum Ergo" existentes como tantas outras composições de sua lavra no archivo do "Côro do Apostolado do Coração de Jesus" por elle fundado, demonstram o seu profundo conhecimento musical e a sua grande inspiração, deixando-nos a certeza, de que, também neste caso, a falta do auxilio official e do cuidado dos governos e sociedades de então, perdeu São Paulo como perdeu o Brasil uma corôa de glorias artisticas que tanto fallam de um paiz, nos centros mais adiantados do mundo.

Henrique Paulo da Trindade falleceu em Santos, sua terra, no dia 13 de Julho de 1907, sendo enterrado no Cemitério do Paquetá, em jazigo da Ordem Terceira do Carmo.

DR. JOAQUIM JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO

O Dr. Joaquim José Vieira de Carvalho nasceu nesta cidade, a 18 de Maio de 1842, como filho legítimo do Capitão José Antonio Vieira de Carvalho, santista, Governador da Fortaleza de Itapema, e de D.^a Anna de Jesus Vieira. Aqui fez os seus estudos primários, seguindo depois para S. Paulo onde fez os preparatórios até matricular-se na Academia de Direito. Nessa Academia foi dos mais brilhantes estudantes, recebendo o grau de bacharel em 1862 e um anno depois, a laurea de doutor, defendendo these brilhantemente, sob applausos de lentes e condiscipulos. Salientou-se como orador e jornalista.



Dr. J. J. Vieira de
Carvalho

Lógo depois de formado, em 1864, foi nomeado Juiz Municipal em Campinas, onde foi um dos fundadores do Colégio "Culto á Sciencia" com vultos eminentes do momento scientifico e literario de São Paulo.

Por Decreto de 9 de Novembro de 1881 foi Vieira de Carvalho nomeado cathedratico de Economia Politica da Faculdade de Direito de São Paulo, com pósse a 26 do mesmo mez, passando lógo depois a a docente em Direito Ecclesiastico substituindo a Martim Francisco (licenciado) e em Direito Civil substituindo o Dr. Falcão e outro eminente mestre, temporariamente afastados.

Desde moço filiou-se ao Partido Conservador, tendo desempenhado cargos de confiança e mandatos politicos inumeros, apesar do quê, foi um dos grandes protectores do abolicionismo paulista, auxiliando e orientando seus paladinos, ou defendendo-os ainda sempre que foi necessário.

Foi Deputado Provincial na 22.^a legislatura, de 1876 a 1877 e na 23.^a de 1878 a 1879, ao lado do Barão de Jaguára,

Barão do Parahytinga, Martinho Prado, Cesário Motta, Prudente de Moraes, Martim Francisco Filho, Estevam de Rezende e tantos outros illustres vultos de São Paulo. Foi vereador á Camara Municipal de Santos em varias legislaturas, e, acceitando a Republica, em respeito a seus méritos, teve assento como Deputado á Constituinte Paulista de 1891, sendo eleito no mesmo anno, Senador Estadual á primeira legislatura. Nessa occasião, solidário com o Presidente do Estado, Dr. Américo Brasiliense, apoiou o golpe de Estado dado pelo Marechal Deodóro da Fonseca.

Derrotado com seus companheiros, retirou-se á vida privada, consagrando-se aos mistéres da sua profissão.

Sua ultima nomeação verificou-se em 1896, quando o Decreto de 7 de Fevereiro daquelle anno, fel-o cathedratico á primeira cadeira de Economia Politica, Sciencia das Finanças e Contabilidade do Estado, logar em que falleceu tres annos depois, em S. Paulo, a 23 de Setembro de 1899.

O Dr. Joaquim José Vieira de Carvalho éra pae do grande médico e notavel scientista paulista Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, já fallecido, nascido em Campinas, durante o tempo em que elle lá passára.

De suas obras, apenas chegaram até nós as seguintes produções impressas:

1 — “Theses e Dissertação” — para obter o gráo de doutor perante a Faculdade de Direito de S. Paulo 1863 — 23 pags. in-4º — O Ponto da Dissertação foi: Qual a influencia que exercem nos actos criminaes as differentes especies de alienação mental?

2 — “These e Dissertação” — apresentada á Faculdade de Direito de S. Paulo, para concurso á vaga de lente substituto em 12 de Agosto de 1872 — S. Paulo 1872 — 19 pags. in-4º — Ponto da Dissertação: O dôte constituido á filha em casamento pelo negociante que posteriormente á sua morte é declarado fallido, está sujeito ás dividas mercantis?.

3 — “These e Dissertação” — apresentada á Faculdade de Direito de S. Paulo para concurso á vaga de lente substituto em 13 de Março de 1874 — S. Paulo 1874 — 35 pags. in-4º — Ponto da Dissertação: Em que se distingue a sociedade civil da commercial?

4 — “Faculdade de Direito de S. Paulo” — Memória histórica, academica, do anno de 1874, apresentada em sessão da Congregação de 1º de Março de 1875. Rio de Janeiro 1875 — in-4º

Na “Revista Juridica” do Rio de Janeiro, tambem existem varios trabalhos do Dr. Vieira de Carvalho, affirmando a sua capacidade de grande mestro de Direito.

MARECHAL PÊGO JUNIOR

(ANTONIO JOSÉ MARIA PÊGO JUNIOR)

O Marechal Pêgo Junior foi uma das figuras marcantes do segundo Império, talhado nos mesmos moldes moraes dos grandes homens do seu tempo, como o Barão Almirante de Jaceguay, o Barão de Teffé, o Marechal Floriano e tantos outros.

Nasceu o Marechal Pêgo Junior na cidade de Santos, a 2 de Julho de 1842, na chacara de seus paes, á antiga Rua da Penha.

Éra filho de Antonio Maria Pêgo, chefe politico liberal que foi Delegado de Policia e ocupou outros logares de confiança do Partido; e de D.^a Maria Angélica da Silva Pêgo, natural de Santos.

Cursava Pêgo Junior a Escola Militar da Praia Vermelha frequentando o curso de artilharia, quando rebentou a guerra com o Paraguay. Naquella occasião mandou o governo fechar a referida Escóla, fazendo seguir os alumnos do curso superior para as frentes de combate.

Nos bancos da Escola tinha elle como companheiros, Floriano Peixoto e Tiburcio Ferreira de Souza, considerados inseparaveis pela grande amizade que os unia; assim, seguiram os tres para o Paraguay como sargentos. Nos campos de batalha não se poudé distinguir qual fôra mais valente, tendo tomado parte na Tomada do Passo da Patria, na batalha de Tuyuti, em Humaytá sob as ordens do Coronel Joaquim Antonio Dias tambem santista, no ataque e passagem da ponte do Itororó, obtendo elogios diversos dos vários commandos a que serviu, e na famosa batalha de Perebebuy em que foi ferido. Terminada a Guerra, voltou Pêgo Junior coberto de glórias com a satisfação de ver vivos a seu lado os dois amigos de tanto tempo, já no posto de Capitão.

Reabérta a Escóla Militar sob o Commando do grande cabo de guerra o General Polydóro da Fonseca (Visconde



Marechal Pêgo Junior

de Santa Theresa), foi Pêgo Junior honrado pelo governo imperial com a nomeação para professor de Geometria descriptiva naquella Escola, matéria em que éra profundo.

Durante esse tempo conquistára elle diversás graduações, até que a Campanha da Republica e factos decorrentes, viêram surprehendel-o como commandante do Fôrte de Santa Cruz, e em campo opposto a seu amigo Floriano. Monarchista fervoroso e sincêro, amigo dedicado da familia imperial; no dia da proclamação, receiando os republicanos a acção contrária da Fortaleza famosa sob o commando daquelle homem lançaram mão de uma artimanha, simulando um chamado a Pêgo Junior de parte do Ministro da Guerra, e, quando elle saltava no antigo Arsenal foi preso inesperadamente pelos militares conjurados. Santa Cruz estava sem seu commandante e os republicanos contavam agóra com mais uma possibilidade. A este propósito disse mais tarde o Visconde de Ouro Preto: "Se o Coronel Pêgo Junior estivêsse em Santa Cruz naquelle dia, não se faria a Republica como se fez!"

Pêgo Junior foi o que se póde chamar um honêsto um homem de convicções e de carácter. Feita a Republica, nunca tirou elle a farda da monarchia á espêra que alguém lh'a mandasse tirar para que renunciasse então á sua carreira. Ninguém entretanto mandou-lhe que a tirasse, e assim, foi elle o unico militar que se conservou no exercito da Republica, com a farda, as insignias e os galarções da Monarchia.

Quando estourou a revólta da Armada em 93, chefiada pelo Almirante Custódio de Mello com o concurso dos federalistas do Rio Grande que conflagráram os Estados do Sul, seu vêlho amigo o já então Marechal Floriano solicitou seus serviços na qualidade de General, como o unico que naquelle momento, sem ódios ou paixões ou obrigações assumidas, podia manter o prestigio do Exército que Pêgo Junior considerava como uma continuação da sua familia. Foi nomeado Commandante dos exércitos do Paraná, para dar inicio ao cerco dos federalistas sob o commando do famoso caudilho Gumercindo Saráiva. Nessa campanha foi elle victima de uma intriga dos seus inimigos, que o accusaram de um acto de traição á Republica para desmoralisal-a. Voltou elle preso para o Rio de Janeiro, apóz muitos dias de prisão incommunicavel na Fortaleza da Conceição, onde foi submettido a Conselho de guerra, sendo então condemnado como réu de alta traição ás instituições republicanas, á pena de mórte.

Todos os seus amigos lá estavam assistindo ao acto, horrorisados pela idéa de vel-o executado, e sem poderem acreditar no que lhe imputavam. Foi-lhe concedida a palavra como acontecia aos condemnados, e Pêgo Junior, produziu então uma bellissima oração que arrancou lágrimas a vêlhos soldados que se achavam no Tribunal. Analysou depois, um por um dos seus julgadores, suas vidas como homens e como militares, e terminou dizendo que morria satisfeito por se ver julgado por um Tribunal como o que lhe lavrara a sentença, deixando apenas que o futuro trouxesse ás suas consciencias o caustico da verdade que certamente appareceria.

Levada a sentença ao Marechal Floriano para dar-lhe a chancélla, negou-se a isso o Marechal, declarando que só a assignaria desde que lhe trouxéssem tambem a condemnação do Coronel Pimentel, para haver equidade na justiça. Era um simples pretexto como se viu depois.

Os amigos do General Pêgo recorreram ao Supremo Tribunal Militar onde elle possuia um grande amigo o Ministro Almirante Barbósa, que, relatôr do feito conseguiu descobrir um telegramma assignado pelo Marechal Floriano e dirigido a Pêgo Junior quando ainda em campanha no Sul, dando-lhe ordens terminantes relativamente á attitude que o mesmo devia tomar no caso que havia gerado o supposto crime de alta traição de que o accusavam.

Para não comprometter a seu antigo camarada, então chefe quasi dictador, Presidente da Republica, o Marechal Floriano, silenciára elle sobre aquelle segredo que o livraria immediatamente das imputações criminosas.

Foi então que o Tribunal solemne e unanimemente reformou a sentença, absolvendo o grande servidôr do Exército brasileiro.

O prestigio do General Pêgo Junior cresceu depois desse facto, para desgosto dos seus inimigos que não lhe perdoavam a sinceridade do trato, a rispidez nos actos de commando, o desassombro de homem que atacava de frente, sem medir consequencias ou receiar prejuizos.

A Ordem da Santa Cruz dos Militares, naquella occasião, estava em situação de fallencia, e a sua Mesa viu em Pêgo Junior o homem que devia salvar-a. Foi-lhe feito o convite para occupar a Provedoria e elle aceitou-o, operando immediatamente uma revisão de todas as rendas da Irmandade, que se destinavam ao soccorro das familias dos

militares, como aluguéis de prédios, mensalidades, etc., obtendo immediatamente um augmento de duzentos contos em toda a receita, o que restaurou-a em pouco tempo e collocou-a numa invejável situação de prosperidade.

Pêgo Junior falleceu no posto de Marechal, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 7 de Fevereiro de 1907.

Em nosso poder temos um manuscripto do Marechal, que nos foi offerecido por seu grande amigo o Cel. Constantino Xaviér, primo do autôr desta obra, distincto e antigo santista que foi Delegado de Policia em Santos, pelos annos de 1880, e que foi, aliás, quem nos forneceu as nôtas para esta biographia; em que o mesmo conta, como uma nôta de familia, que na manhã de 21 de Janeiro de 1882, ao despertar, encontrou em seu lençol, a bala que havia treze annos e onze mezes, desde a tomada do Estabelecimento, na Republica do Paraguay, a 19 de Fevereiro de 1868, tendo então como commandante o Capitão Pedro Guilherme Mayer, estava em seu corpo sem poder ser extrahida por receio dos médicos.

Pena é que não tenhamos conseguido a fé de officio do Marechal, documento pelo qual a posteridade poderia conhecer o melhor para seguir seus exemplos. As medalhas e condecorações que, nesta photographia que publicamos apparecem a pender-lhe do peito, revêlam melhor do que as nossas palavras os feitos de tão illustre militar santista.

A morte do Cel. Constantino Xaviér, occorrida há cerca de 2 annos, privou-nos de mais alguns pormenôres a seu respeito.

Alguns annos depois da morte deste santista, quando era prefeito da cidade o Cel. Joaquim Montenegro, por indicação do mesmo Cel. Constantino Xaviér, foi dada á antiga Rua Predial o nome de MARECHAL PÊGO JUNIOR, pallida mas significativa homenagem a tão illustre memória.

Pêgo Junior possuia a grande Medalha de Mérito Militar os Habitos de Aviz e da Rosa e a superior condecoração de Cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Por muito gratas á familia do illustre militar, reproduzimos aqui, as palavras que a seu respeito pronunciaram dois distinctos sacerdotes, secundando o grande concerto de elogios que de todos os lados se elêva á sua memória. São essas palavras, do seu confessôr Padre Affonso Castaldo e de Monsenhor Celso Itiberê da Cunha, Vigario Geral de Curi-

tyba, ambos conhecedôres de suas minucias e riquezas moraes:

“A morte arrebatou-lhe a existencia, mas não poudo arrebatá-lhe a existencia moral que ainda perdura na galeria dos homens illustres”.

“O venerando Antonio José Maria Pêgo Junior, digno Marechal do Exercito Nacional, sempre honrou sua farda e o nome que deixou impoluto”.

ANTONIO MANOEL FERNANDES

Nascido em Santos, a 5 de Setembro de 1843, do legitimo consórcio de Manoel Fernandes e de D.^a Etelvina M. de Jesus Fernandes.

Estudou as primeiras letras em sua terra, e, na idade de 15 annos seguiu para São Paulo afim de fazer os estudos preparatórios no “Collegio Paulistano”, de onde sahio em 1861 para matricular-se no primeiro anno da Academia de Direito. Extranhamente, porem, deixou de formar-se, abandonando a Faculdade quando já cursava o seu terceiro anno.

Voltando a Santos, sujeitou-se a concurso de primeira e segunda entrancia para provimento de um cargo na Alfandega local, cargo esse que exerceu algum tempo.

Amigo da instrucção, auxiliado por alguns cidadãos e companheiros, fundou e sustentou por quasi cinco annos a “Escola do Povo”, aula nocturna, frequentada por todas as classes, sendo um dos professores gratuitos da mesma escola.

Occupou mais tarde o cargo de Juiz de paz, por indicação do Dr. Americo Brasiliense quando presidiu o Estado.



Por ocasião dos movimentos da Abolição e da República, figurou entre os seus melhores elementos de acção e propaganda, formando ao lado dos chéfes e dos moços ao mesmo tempo, entrégue a fecundas actividades jornalísticas. Fundára "O Pyrilampo" pela altura de 1876, depois, em companhia de Hyppolito da Silva, Sacramento Macuco e do padre Francisco Gonçalves Barroso, todos figuras de relevo nas duas campanhas, fundou "O Raio", hebdomadário que fez época na cidade, como um dos grandes semeadores da idéa abolicionista e do ideal republicano durante os primeiros annos, antes de 1878. Mais tarde fundou "O Popular", órgão noticioso, "O Lyrio", e por fim o "Jornal da Tarde", noticioso e diário.

Fez parte tambem, como redactor e collaborador, do "Diario de Noticias" de João Guerra, cuja duração fora ephemera, do "Diario de Santos" com o Dr. Oliveira Braga Filho, e do "Diario da Manhã" com o Dr. Vicente de Carvalho, Candido de Carvalho e Alberto Souza, tres notáveis santistas.

Depois de proclamada a Republica, em 1894, foi eleito vereador, sendo um dos signatários da Constituição Municipal, occupando o cargo de 1.º Secretario da Camara até principios de 1895, ocasião em que assumiu a Presidencia da mesma, para deixal-a a 7 de Janeiro do anno seguinte de 1896, empossando os nóvos eleitos.

Como vereador, apresentou e sustentou na Camara o projecto de lei sobre o legado Barnabé para a construcção da Escola, e, aproveitando as boas intenções e offerecimentos do Dr. Cesario Motta, então secretario do interior, que se promptificava, em nome do governo, a concorrer em auxilio da Camara para que se erigisse um edificio de instrucção com maiores proporções, cumprindo igualmente as determinações do testador sobre a denominação de "Escola Barnabé", indicou que ficasse á disposição do Secretario do interior a importancia total do legado, entrando o governo na posse da mesma, logo que dêsse começo aos trabalhos, garantida á Escola o nome do legatario, segundo sua expressa vontade e ao logar onde ella fosse levantada, o de: Praça Corrêa de Mello.

Convidado em 1896 pelo Presidente da Municipalidade, exerceu o cargo de Director da Secretaria da Camara, retirando-se d'elle tres annos depois, com a entrada da Camara de 1899, tendo recebido por essa ocasião, honrósos do-

cumentos dos vereadores Iguatemy Martins, Almeida Moraes, Narciso de Andrade, Joaquim Montenegro e João Baptista de Castro Jobim, os quaes lhe agradeciam o importante auxilio que lhes prestára, reconhecendo a intelligencia, critério e honestidade de que déra provas no desempenho do mesmo cargo.

Em Outubro de 1901, foi Antonio Manoel Fernandes, nomeado Secretario da Capitania do Porto de Santos, exercendo este cargo até Dezembro do mesmo anno, quando acceitou a nomeação de Official da Camara Municipal, do qual exonerou-se algum tempo depois, mudando-se para São Paulo.

Quando ainda estudante em São Paulo, publicára Antonio Manoel Fernandes um pequeno romance, o seu livro de estréa — “Paulo e Flóra”, obra delicada, com alguns defeitos então, mas reveladora do que seriam seus futuros trabalhos.

Na phase jornalística da sua vida publicou elle varias obras, alem dos trabalhos de imprensa, como “Crepusculos”, “A Villa de Conceição de Itanhaen”, “Pontal da Cruz”, “Diversões”, “Pelo Littoral” e outras que escapáram á nossa indagação, sendo notavel ésta ultima obra, que não é outra cousa senão a descripção e história da fundação das cidades de São Sebastião e Villa Bella, e que mereceu um artigo da penna magistral de Julio Ribeiro, o eminente philólogo e romancista que então redigia o “Correio de Santos”, bem como a transcripção de algumas paginas pelo illustrado cientista Dr. Von Ihering, em um opusculo sob o titulo “A Ilha de São Sebastião” publicado por elle quasi na mesma época.

Não temos a data exacta do seu fallecimento, sabemos apenas que o illustre santista morreu em São Paulo, cerca de 1910.

Repetimos aqui, devidamente especificadas, as suas obras já citadas:

- 1 — “Paulo e Flora” — Romance — 1861.
- 2 — “Crepusculos” — Versos — 1870.
- 3 — «A Villa de Conceição de Itanhaen” — Impressões de viagem — 1871.
- 4 — “Pontal da Cruz” — Romance — 1882.
- 5 — “Diversões” — Collecção de contos — 1883.
- 6 — “Pelo Littoral” — Descripção e historia da fundação das cidades de S. Sebastião e Villa Bella — 1884.

MARECHAL JOÃO JOSÉ DA LUZ

Este illustre militar nasceu em Santos no anno de 1844. Não nos tendo chegado ás mãos a sua fé de officio, não podemos dar uma noticia mais complêta sobre a sua vida limitando-nos por isso a esta pequena nota sobre tão importante figura da cavallaria brasileira.

João José da Luz fez seus primeiros estudos em Santos, seguindo depois para São Paulo, onde sentou praça no Regimento de Cavallaria aquartelado naquella Capital.

Com 21 annos de idade, declarada a guerra com o Paraguay seguiu com as primeiras forças regulares de São Paulo para as linhas de combate, fazendo parte alli, do 3.º Corpo do Exército da Vanguarda.

A 20 de Abril de 1866 tomava com as forças brasileiras o famoso Passo da Patria, participando logo depois, da avançada de 2 de Maio e combates subsequentes, de 24 e 28. Em 1867 participava das arrancadas successivas de Tuyuti, Tuyú-coé e Passo-pocú. Em 1868 participou do avanço sobre as fortificações de Humaytá, como parte do Exército da Vanguarda. No fim desse anno, sob o commando do General Argôlo participou da arremettida heróica da Ponte de Ito-roró, onde foi promovido por actos de bravura e elogiado em ordem do dia.

Ao fim da guerra famosa, João José da Luz era 1.º tenente da sua arma.

Em 1893 já como majór, commandante do 10.º Regimento de Cavallaria, estaccionado em São Paulo, seguiu por ordem do governo a combater os Federalistas na Revolução do Rio Grande do Sul.

Depois daquelle anno, occupou varios postos de commando, avançando em promoções, até fallecer na cidade do Rio de Janeiro, no anno de 1931, reformado no posto de Marechal do Exercito brasileiro.

GENERAL AFFONSO PINTO DE OLIVEIRA

Este illustre militar nasceu em Santos, a 14 de Março de 1848, do legitimo consorcio do Major Gabriel da Silva Oliveira com D.^a Ignacia Carolina Pinto de Oliveira.

Fez os seus primeiros estudos em Santos até a idade de 17 annos; ahi, sentindo uma natural propensão para a carreira das armas ausentou-se da casa paterna sem consentimento tentando ingressar no exército, e, exactamente quando encontrava óbices á sua pretensão declarava-se a guerra com o Paraguay, e elle aproveitando o augmento de idade, cerca de 1866 alistou-se no 7.º Batalhão de Voluntarios Paulistas, composto em grande parte de elementos de Santos, seguindo pouco depois para os campos de batalha.

Ahi tomou parte nos mais encarniçados combates dos que caracterizaram aquella

guerra, apparecendo sempre como um valente nos momentos mais arriscados da campanha, constando da sua fé de officio, a sua participação nas Batalhas de Tuyuti, na passagem de Humaytá, na ponte de Itororó e no Passo da Pátria onde foi ferido em um joelho, cobrindo-se de gloria por actos de bravura, recebendo os maiores elogios em ordem do dia do Commando geral das tropas brasileiras, começando as suas promoções com o posto de Alféres.

Ao terminar a guerra do Paraguay, era já tenente por merecimentos de campanha, e ahi foi classificado no 21.º batalhão de infantaria estaccionado em Cuyabá, Estado de Matto-Grosso.

Em 1890, já capitão, esteve em Santos, em visita á sua terra e aos seus parentes, voltando logo depois para a sua circumscripção.



General Affonso Pinto de Oliveira

Em 1892 tomou parte na Revolução de Matto Grosso, e em 1893 participou da Revolução Federalista do Rio Grande do Sul.

Em 1896, no posto de Majór, commandando o 38.º batalhão de Infantaria, seguiu de Nictheroy para a Bahia, com destino a Canudos, como parte da 3.ª expedição militar, para combater os jagunços de Antonio Conselheiro. Ahi, o batalhão sob o seu commando foi um dos primeiros a penetrar no terrível arraial tomando o famoso reducto, a par das forças paulistas e rio-grandenses. Depois desses seus ultimos feitos, foi promovido a General de Brigada, devendo ainda essa promoção como todas as anteriores a legitimis merecimentos de guerra.

Sempre em Cuyabá, onde constituiu familia, alli falleceu o illustre santista, já reformado no posto de General de Divisão, no dia 27 de Agosto, de 1930, na avançada idade de 82 annos, deixando grande descendencia naquella cidade.

Interessante typo de militar, as suas horas de lazer empregava-as na aprendizagem de qualquer officio, e assim, tornou-se ao mesmo tempo, habil ferreiro, pedreiro, carpinteiro e pintôr, do que deu varias provas.

Homem de grande coração e caracter inalmogavel, no seu enterramento, como demonstração inilludivel do quanto era estimado e venerado pelos contemporâneos, tomou parte quasi toda a população da capital matto-grossense, formando o maior cortejo funebre de que alli houve memoria.

CESARIO BASTOS

(DR. JOSÉ CESARIO DA SILVA BASTOS)

Nasceu em Santos, a 16 de Setembro de 1849, sendo filho legitimo de Antonio José da Silva Bastos e de D.ª Maria Placida da Costa Bastos.

Fez seus primeiros estudos em Santos, seguindo depois para São Paulo, onde foi discipulo do illustre santista Dr. Victorino de Brito, entrando depois para a Faculdade de Direito na qual formou-se em 1872.

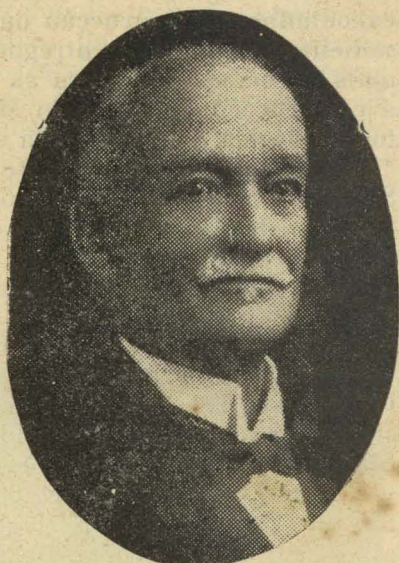
Pouco tempo depois era nomeado Promotor Publico em Araraquara, cargo que deixou para poder ingressar na corrente republicana, visto que, segundo suas proprias pala-

bras — “o órgão da Justiça não devia se envolver em politica de partido”, formando então naquella cidade e em companhia de vários amigos do mesmo ideal, o Partido Republicano local, que chefiou até proclamar-se a republica.

Passou então para Santos onde assumiu importante papel na politica local, continuando a servir abnegadamente a corrente recém-vencedora, onde foi eleito para o Conselho de Intendencia, a 14 de Março de 1891, em companhia de Julio Conceição, Ricardo Pinto de Oliveira, Narciso de Andrade, José Augusto Pereira e outros.

Nesse mesmo anno foi eleito Deputado á Constituinte Paulista, ao lado de Vicente de Carvalho, onde fez parte da Commissão de Fazenda, apresentando com alguns companheiros da mesma Commissão, o primeiro Orçamento do Estado. Fez parte tambem, da Commissão de Legislação, apresentando ahi, de collaboração com os demais membros da mesma, a importante Refórma Judiciária.

A 29 de Setembro de 1892, éra eleito para a Camara santista, na legislatura de 1892-1896, sendo feito Presidente da mesma. Nessa occasião deveu Santos a esse filho, o primeiro grande impulso da sua instrucção primária official. Conseguiu Cesario Bastos a creação do primeiro Grupo Escolar, que recebeu o seu nome, Grupo que elle mesmo fez entregar á competencia do mestre que éra Carlos Escobar, e que hoje funciona em um dos maiores e mais bellos edificios da cidade, em Villa Mathias. Conseguiu tambem a creação definitiva da “Escola Barnabé”, com a justa applicação do legado Barnabé e a observancia das clausulas do seu testamento, escola essa, onde uma grande parte da actual geração santista recebeu as primeiras luzes intellectuaes, como Ribeiro Couto, hoje membro da Academia Brasileira de Letras; e o “Grupo Escolar do Macuco”, uni-



Dr. Cesario Bastos

cos existentes durante muitos annos, marcos iniciaes da instrucção publica municipal.

Como administrador dos negocios publicos municipaes, caracterisou-se Cesario Bastos por uma probidade acima de qualquér suspeita, salientando-se entre os serviços por elle executados, a construcção das Avenidas Anna Costa e Conselheiro Nébias, que entregou concluidas ao Municipio, sem mais preocupações para as administrações subseqüentes, e a construcção do Mercado Municipal, que saneou e drenou toda a região da Villa Nôva e Cemitério dos Inglezes.

Cesario Bastos foi chefe do Directorio Republicano de Santos durante muitos annos, conservando sempre sua reputação de homem inatacavel, de rigidos preceitos, bom cidadão e excellente chefe de familia, creando por seu prestigio a chamada corrente "cesarista", evidenciada em memoráveis pleitos.

Em 1894, a 1.º de Dezembro desse anno, foi Cesario Bastos eleito pela primeira vez, Senador Estadual, na 3.ª legislatura, de 1894/1897, em companhia de Lopes Chaves, Lacerda Franco, Peixoto Gomide, Araujo Abranches, Jorge Tibiriçá, Ezequiel Ramos, Jorge Miranda e outros.

A 31 de Dezembro de 1900, éra nóvamente eleito para o Senado Estadual, na 5.ª legislatura, de 1900/1903, sendo-o ainda, na 7.ª de 1907/1910, ao lado de Candido Rodrigues, Fernando Prestes, Cerqueira Cesar, Bento Bicudo, Ignacio Uchôa, Bernardino de Campos e outros eminentes cidadãos, e, finalmente, na 1.ª de 1922-1925, depois da refôrma constitucional com Reynaldo Porchat, Candido Motta, Bento Bueno, Galeão Carvalhal, Antonio Carlos da Silva Telles e outros.

O Dr. Cesario Bastos reside actualmente em São Paulo, na idade de 88 annos incompletos, sendo um dos ultimos vultos da primeira geração republicana.

COMMENDADOR ALFAYA RODRIGUEZ

(JOÃO MANOEL ALFAYA RODRIGUEZ)

Figura das mais representativas da cidade, nasceu o Commendador Alfaya Rodriguez em Santos, a 13 de Abril de 1850, do legitimo consórcio de Don João Manuel Alfaya Rodriguez, fidalgo hespanhol com carta de braços, vindo para o Brasil em 1830, que foi muitos annos Consul da Hes-

panha em Santos e pessoa de grande conceito na sociedade local — com Dona Camilia Lelis de Oliveira Alfaya.

Seus primeiros estudos foram feitos em S. Paulo, no Seminario Episcopal, da Luz, fundado pelo Bispo D. Antonio de Mello, do qual foi um dos primeiros alumnos, aos 10 annos de idade. Anno e meio depois, fechado aquella Escola temporariamente, por motivo da epidemia reinante, passou para o afamado Collegio Galvão, onde estudou cerca de 2 annos. Deste Collegio passou para o Curso annexo da Faculdade de Direito, aos 13 annos e pouco de idade, visto não haver então Gymnásios; ahi fez o Curso de Preparatórios durante dois annos. Voltou então para Santos onde ingressou na vida commercial, como ajudante de seu pae, na tradicional casa que este mantinha, seguindo os desejos d'elle.

Suas actividades innumeraveis muito cedo tiveram inicio em sua terra. Estava escripto que a sua vida seria uma série de dedicações ao próximo e ás instituições, e assim, aos dezeseis annos de idade, mal de volta a Santos e criança ainda, ingressava no quadro social da Santa Casa da Misericordia, então a braços com uma tremenda crise, sem patrimonio e sem rendas, no anno de 1866, quando os lares e as economias particulares estavam



Comm. Alfaya Rodrigues

abaladas pela Guerra com o Paraguay. Todas as quartas-feiras corria o alto commercio de Santos, recolhendo donativos para o velhissimo Hospital, em listas sempre abertas por seu pae, por Nicolau Vergueiro e o Visconde do Embaré, a 10\$000 cada um, que naquelle tempo, representava importante quantia. E assim poudeser manter o Hospital da Misericordia durante aquelles negros annos de 1866 a 1871.

Aos 23 annos de idade, pela Carta Patente de 19 de Abril de 1873, o Imperador D. Pedro II nomeava-o Capitão Secretario do Commando Superior do Municipio de Santos e annexos da Provincia de S. Paulo.

Nesse mesmo anno, a 4 de Agosto éra nomeado delegado de Policia da cidade, logar que occupou durante dois annos, voltando a reoccupal-o tres annos depois. Foi durante a sua gestão nesse cargo, e em pleno anno de 1874, que manifestou-se em Santos, a terrivel epidemia de variola e febre amarella conjugadas, que tantas vidas ceifou, sem esquecer a do grande orador e tribuno santista Xavier da Silveira, e em que tão grande papel lhe coube em favor da população flagellada.

Vamos reproduzir aqui, por insuspeita, a biographia publicada pelo "Diario de Santos", então dirigido pelo Dr. Isidoro Campos, em seu numero de 25 de Janeiro de 1908, quando se inaugurou na Praça da Republica a estatua de Braz Cubas, resultado dos esforços e da tenacidade do biographado Snr. Alfaya Rodriguez.

"Julguem agóra os nossos patricios do muito que ha feito por sua terra natal aquelle cujo retrato honra, entre outros, as nossas paginas.

O Snr. João Alfaya Rodriguez foi tres annos Delegado de Policia desta cidade (em 1873, 1874 e 1877); durante o exercicio deste cargo atravessou uma época de epidemia de variola e de febre amarella, sendo incumbido pelo governo de installar as enfermarias e deu ao encargo cabal desempenho, organisando a de variolosos no Convento de S. Bento e a de febre amarella no edificio da Sociedade de Beneficencia Portuguesa, que na occasião estava concluido mas ainda não funcionava e cuja Directoria teve a gentileza de ceder-lhe o edificio.

Ao lado dos clinicos assistentes destas duas enfermarias e acompanhando-os sempre nas visitas feitas aos enfermos, dirigiu os dois hospitaes, indo em pessoa ver os acomettidos dessas epidemias para prestar-lhes promptos soccorros e fazel-os rémover das respectivas enfermarias.

Fechadas estas, apóz extinctas as epidemias, o Governo Imperial em termos os mais honrósos, louvou-o pela sua dedicação e agradeceu os serviços prestados, agraciando-o com a venera de Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, por serviços prestados á Humanidade.

Essa condecoração cravejada de brilhantes recebeu-a em publica manifestação, tendo-se cotisado para isso o povo, que fôra o offertante, factó passado em 1874. (Nessa occasião, fallou em nóme do povo, enaltecendo o grande feito humanitário de Alfaya Rodriguez e offerecendo-lhe a riquissima commenda de ouro e diamantes adquirida em subscri-

pção pela cidade, o Padre Francisco Gonçalves Barroso, notável orador sacro, que foi Capellão de Santo Antonio do Vallongo e teve escola de bom nome, tornando-se depois, jornalista e activo propagandista da Abolição e da Republica).

Funcionou muitos annos como Capitão Secretario Geral do Commando Superior desta cidade e districtos annexos da Provincia, posto em que foi reformado, com accesso a major, pelo Marechal Floriano Peixoto, a 4 de Outubro de 1894.

Exerceu durante um triennio (em 1875, 1876, 1880) como Juiz Municipal, as varas de Commercio, Orphãos, Provedoria, etc... funcionando tambem como substituto do Juiz de Direito da Comarca.

Foi Inspector da Instrucção em Santos (pelo Officio 485 da Inspectoria Geral da Instrucção Publica de S. Paulo, de 27/6/1876) attendendo sempre aos pedidos dos professores publicos na acquisição de moveis, livros, etc., cujos fornecimentos fazia a expensas suas.

Por nomeação do Governo Provincial (de 1885 a 1886), conjunctamente com o fallecido coronel Francisco Martins dos Santos, collaborou em relatorios e estatisticas enviadas ao mesmo governo sobre a qualidade dos terras do municipio, sua producção e propriedades mineraes. (Realizando tambem, na mesma occasião, o recenseamento do municipio)

Foi fundador (com o Visconde de Vergueiro, o Barão do Embaré, Azurem Costa e outros) da Praça do Commercio (hoje Associação Commercial de Santos, da qual é, actualmente, o unico fundador vivo — fundação iniciada em 1870) á qual prestou no seu inicio muitos serviços, tendo sido por expontanea gentileza de suas directorias dispensado de contribuições annuaes, continuando a gosar das mesmas regalias de socio effectivo, attento ao facto de ser fundador.

Quando foi extincta a escravidão e organisou-se na Capital deste Estado a Sociedade Propagadora, accedeu ao convite que lhe fizéram os illustres paulistas Conselheiro Rodrigo Silva e Conselheiro Rodrigues Alves, para exercer nesta cidade as funcções de Director official encarregado de receber e expedir os immigrants chegados da Europa (cargo esse que, mais ou menos já occupava desde 1887, quando mereceu da Princeza Izabel a nomeação de Agente Official da Immigração no Estado de S. Paulo, em 6 de Março); aceitou a incumbencia aqui organisando esse serviço e dispensando aos immigrants chegados, todo bem estar e agasalho do nosso hospitaleiro paiz. Só num anno foi essa entrada alem de 150.000, na maior parte familias italianas. Quando

a commissão tinha este serviço bem encarreirado e facil era ao governo geral tomar a sua direcção, fez delle entrega. O saudoso Imperador D. Pedro Segundo conhecendo os relevantes serviços que prestára, houve por bem condecoral-o com a Commenda da Imperial Ordem da Rosa, tendo o Decreto Imperial a data de seu anniversario natalicio.

Foi vereador da Camara Municipal desta cidade muitas vezes, Vice-Presidente e Presidente. As suas indicações para melhoramentos locaes foram sempre bem acolhidas, muito concorrendo como relator das commissões para os melhoramentos de Villa Mathias, prolongamento da Rua Senador Feijó e collocação de linhas de bondes não só nessa villa como nas Ruas Xavier da Silveira, Paquetá, São Francisco e outras de que foi concessionario o cavalheiro Dr. João Éboli. Na vereança foi o santista que teve a iniciativa de propôr os meios de perpetuar a memoria de Braz Cubas, a elle se devendo o projecto de lei apresentado á Camara em 1877, para que tornasse exequivel a sua indicação. Esse projecto teve o apoio da patriotica Assembléa Provincial daquella época e foi sancionado pelo então Presidente, Snr. Visconde de Parnahyba. (Tratava-se da creação de um imposto para esse fim).

Sendo portador da Lei para a Camara, encontrou em seu collega tenente-coronel Felix Bento Vianna, que era o Presidente, reluctancia de a pôr em execução, pois receiava fosse mal recebida pelo commercio exportador. Vendo este a sua insistencia propoz-lhe passar a presidencia por ser o Vice-presidente; acceitou o alvitre, e, no exercicio da presidencia, executou a lei, que, acolhida com sympathia, nenhuma reluctancia encontrou.

Este imposto de cinco décimos de real por kilo nos productos do Estado, que sahisses pelo nosso porto, attingiu somma superior a seiscentos contos de réis, cessando a sua cobrança quando veio o novo regimen, que julgou o imposto prejudicado em face da nova constituição do Estado.

Essa quantia arrecadada foi desviada para outras applicações pelas Camaras que se succederam, nenhuma dando andamento á indicação para perpetuar a memoria desse fundador da cidade, applicando o producto do imposto em fins extranhos e nem siquer figurava nos balanços como depósito, nem tão pouco se cogitava, nos orçamentos, de designar uma porcentagem, qualquer que ella fosse, para constituir annualmente um fundo de reserva que viesse repôr a somma desviada.

Esta foi a causa constante da sua lucta durante 20 annos em que pelo "Diario de Santos" e depois pela "Tribuna" insistia para que fosse dada uma solução á sua indicação. Os annos decorreram com indifferentismo até que afinal um velho patriota dos que ainda pertenciam á geração passada, santista de coração, o illustre Snr. Coronel Almeida Moraes, deu-lhe todo o apoio e poudo então apresentar a proposta do esculptor Lorenzo Massa para que fosse perpetuada a memoria de Braz Cubas, por occasião de solemnisar-se o quarto centenario do nascimento do fidalgo luzitano, podendo ver-se assim, realizado, o que não passava de uma méra aspiração.

Sendo o mais velho irmão da Santa Casa de Misericórdia, á qual vem desde a sua mocidade prestando serviços como mordomo, director, consultor, etc... alli tambem suggeriu a idéa de se mandar fazer o busto de Braz Cubas para collocar no Salão nobre do hospital por ser o fundador daquella meritória obra de caridade.

Approvada a indicação por unanimidade, tornou-se morosa a sua realisação sob o pretexto de que o hospital estava em obras, mas realizou-se por fim.

Em Junho de 1904, tendo de seguir para a Europa offereceu á Mesa os seus serviços para obter em Portugal documentos relativos á vida de Braz Cubas e insistindo para que fosse aquella deliberação levada a effeito mediante a verba fixada para execução do busto e despesas de certificado de documentos que pudessem ser encontrados nos archivos portuguezes e fosse permittido photographar. Assim que chegou á Europa deu andamento a tudo e adeantou os pagamentos e despesas que fez, dando disso minuciôsa conta á Santa Casa, que, dentro do limite estipulado o reembolsou.

Por occasião de commemorar-se o quarto centenario do Descobrimento official do Brasil, foi o seu nome lembrado e acclamado para Presidente da grande commissão de festejos na primeira Capitania do Brasil, e escolhido com sympathia pelo distincto paulista coronel Fernando Prestes, que era então o presidente deste Estado, teve de S. Excia. e do seu patriotico governo toda a coadjuvação e boa vontade para desempenhar-se destes festejos, aos quaes o Governo compareceu abrilhantando as festas de modo memoravel, inaugurando-se então o momento que lá está na Praça principal de São Vicente, idéa velha deste paulista defendida annos antes na imprensa e na Camara.

Muito cooperou, nesta cidade, para o desenvolvimento das Sociedades "Centro Hespanhol" e "Socorros Mutuos Hespanhola", sendo dellas socio benemérito e bemfeitor. E' muitissimo estimado de toda a colonia por ser um espirito conciliador que a harmonisa particularmente nas divergencia que se suscitam. Quando estava ausente desta cidade seu venerando pae, foi designado para substituil-o interinamente como Vice-consul de Hespanha e por occasião das grandes inundações em Andaluzia promoveu bando precatorio e outras festas em favor dos infelizes, conseguindo enviar para a Hespanha, a quantia de 20:000\$000, que foi arrecadada e o Governo hespanhol agradecendo-lhe tão valioso serviço, o agraciou com a Real Ordem de Izabel a Catholica.

Foi muitos annos Ministro da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, e, da sua criteriôsa gestão conseguiu terminar com uma velha demanda que já havia absorvido 18 apolices do patrimonio e conseguiu edificações em terrenos da mesma Ordem, a prazos, que depois reverteram em propriedade della, elevando-lhe o patrimonio a 100 contos de réis; fez obras ao lado da Igreja de Santo Antonio, fundando um collegio para meninas sob a invocação de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, tendo á direcção desse estabelecimento a saudosissima senhora D.^a Marianna Hamberg, ex-directora do Asylo N. Senhora do Amparo, em Petropolis, e de quem teve o valioso concurso para a fundação do Apostolado do Coração de Jesus, desta cidade, com ella iniciando a construcção da actual Igreja, cujo terreno, de propriedade de seu irmão, foi em grande parte doado ao Apostolado pela sua familia, conforme consta da respectiva escriptura de venda e compra desse terreno. Por estes e outros actos que tem prestado ao Catholicismo foi agraciado pela Santa Sé com a Commenda da Cruz Pró-Ecclesie et Pontifice, pelo Papa Leão XIII

Fez parte em Roma, do Grande Congresso Mundial, por occasião da commemoração do cincoentenario da Proclamação do Dogma da Immaculada Conceição, representando a Ordem III.^a de S. Francisco, de Santos, assim como o Apostolado do Coração de Jesus da Capital, e, por essa occasião grangeou a particular estima do Papa Pio X, de seu secretario do Estado, e de outras dignidades do Vaticano onde deixou sympathias.

Foi 10 annos consul da Republica Argentina nesta cidade, fazendo relatorios e estatisticas annuaes que eram

distribuidas na Praça do Commercio de Buenos Ayres e muito influíram para o desenvolvimento das nossas relações commerciaes com aquelle paiz.

E' actualmente Consul da Guatemala nesta cidade, com jurisdição em todo nosso Estado, tendo no ultimo relatorio do Ministro Eduardo Poirier merecido as mais honrosas referencias pela competencia com que exerce estas funcções consulares".

Vamos agóra fazer uso de nossas proprias palavras.

O Comm. Alfaya gosou sempre de prestigio e teve posição na politica do paiz.

Foi muito intimo do Conde de Parnahyba e dos Conselheiros Antonio Prado, Rodrigo Silva, Rodrigues Alves e Duarte de Azevedo.

Foi, no tempo do Imperio, chefe politico e presidente do Directorio do Partido Conservador.

Estava em Genebra (Suiça), quando, em 15 de Novembro de 1889, foi proclamada a Republica. Chegando a esta cidade, dois annos depois, foi procurado por Antonio Lacerda Franco, Antonio Carlos da Silva Telles e Camillo Ratto que, em nome do Dr. José Cesario da Silva Bastos o convidaram para ingressar nas hostes do Partido Republicano Paulista. Accedendo, fez parte do seu Directorio, e mais tarde foi seu presidente.

Devido ao seu estado de saude, e mui principalmente a sua idade avançada, abandonou a politica quando a sua estrellla ainda scintillava.

Alguns annos antes do advento da Republica, andavam quasi todos os municípios em pessima situação económica, não escapando entre elles o de Santos, cuja receita não dava para cobrir a despesa. Lembrou-se então o Commendador de crear para Santos, um imposto predial, razoavel, que livrasse o municipio de certas despesas urbanas que pesavam muito no orçamento. Valendo-se da influencia de amigos conseguiu crear e estabelecer aquelle imposto em sua terra, imposto esse que tirou Santos das difficuldades em que vivia a cada anno, e que provocou imitadores, visto que as municipalidades da Capital, de Campinas, e outras da antiga Provincia, vendo as grandes vantagens trazidas por elle, obtiveram depois identica autorisação. Esse imposto dá hoje ao municipio mais de 5 ou 6 mil contos annuaes.

Poucos annos mais tarde, já no advento da Republica, como membro principal da Camara, conseguiu para Santos,

um empréstimo de 1000 contos, levantado em Londres, em bases convenientíssimas para o município, e de tal forma suave, que em breve foi resgatado, deixando ainda um saldo, mercê do imposto que elle mesmo creára annos antes, de cerca de dois mil contos de réis ao fim do resgate.

O Commendador Alfaya Rodriguez, de 1899 em diante, emprehendeu viagens por todo o velho mundo, em verdadeira peregrinação cultural, tendo mais tarde residido dois annos em Paris, onde completou a educação artistica de seu dilecto filho, o notavel pintôr santista Wladimir Alfaya, que figura tambem nesta galeria.

Fez parte do Congresso Marianno em Roma, como Deputado Catholico ao Vaticano, por occasião do solemne jubileu da coroação da Immaculada Conceição, recebendo por essa occasião, quando se retirava de Roma, em despedida do Santo Padre Pio X o seu retrato, cujos dizeres de offerta, escriptos pelo punho de S. Santidade, com o seu autographo, são de um valor apreciavel e gratissimo ao venerando santista.

Depois de 1908, fez parte das Camaras Municipaes de 1913, de 1916, de 1919, 1922 e 1925, figurando como Vice-presidente e Presidente em algumas .

A 5 de Junho de 1912 estava Alfaya Rodriguez em Toledo, assistindo a collocação da Lapide commemorativa de alli se achar sepultado o santista Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, fâmosa figura do século dezesete, para o que muito concorrera junto ás autoridades e governos da Hespanha. Dez dias após, a 15 de Junho de 1912, S. Santidade o Papa Pio X, condecorava-o com a Dignataria da Cruz de Benemerencia, distincção dê numero, raramente concedida, pelo seu grande valor e mérito, sendo ao que parêce, o unico brasileiro que recebeu em vida daquelle Papa, essa distincção honorifica.

Bartholomeu de Gusmão, esse grande vulto da cidade, deve-lhe, exclusivamente, a elevação de sua estatua em Santos, para o que conseguiu até donativos de Sociedades scientificas e Aero-clubs estrangeiros, sem contar a collaboração nacional.

Tambem os famosos irmãos Andradas, dévem á sua iniciativa e esforço, o bellissimo monumento da Praça da Independencia, para o qual tanto trabalhou, demonstrando o seu grande espirito de santista amante de sua terra, ansioso por crear monumentos á gloria dos grandes conterraneos ou de seus grandes beneméritos.

Em 1923, fez parte da grande Commissão que foi á Argentina e ao Chile afim de retribuir a gentileza daquelles paizes enviando suas representações ás commemorações brasileiras do Centenario da Independencia, em 1922, commissão em que figuravam importantes figuras politicas do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Em Buenos Ayres foi feito Presidente da mesma commissão por sua habilidade diplomatica e conhecimento profundo do idioma castelhano. Em Valparaíso fez o discurso official da inauguração do monumento ao Almirante Cochrane, declarando ao povo do paiz amigo, que a figura do famoso Almirante inglez, éra particularmente grata ao seu paiz, porquê a historia brasileira incluia o seu nóme, entre os nómes daquelles que mais concorreram para a Independencia do Brasil.

Em Santiago do Chile a sua actuação foi tão grata á municipalidade da Capital chilena que mereceu della o titulo de Membro Honorario do Conselho Municipal da cidade e a insignia do Mérito de Primeira Classe da Republica.

Enthusiasta da Aviação, foi um dos fundadores e Presidente da Escola de Aviação Santista, mais tarde desaparecida.

Foi em 1889 um dos fundadores do Asylo de Orphãos de Santos, sendo mais tarde seu Vice-Presidente, cargo que occupa até hoje e há cerca de quarenta annos.

Muitas cartas e documentos honrosissimos figuram no importante archivo deste santista, actualmente existentes na Bibliotheca da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, junto ao Convento de Santo Antonio, onde effectuamos as nossa pesquisas, auxiliados por esse paciente pesquisador de assumptos históricos, que é o seu irmão bibliothecário João Luiz Promessa, santista de residencia e de coração. Esses documentos recommendam o Commendador Alfaya á gratidão da posteridade, desde que a dos seus contemporaneos elle já a têm, e entre outros, salientaremos as cartas da Prefeitura de Santos e a do Dr. João Theodóro, presidente da Provincia de S. Paulo, agradecendo-lhe em termos eloquentes os seus grandes trabalhos na epidemia de 1874, com a cooperação do Visconde de Vergueiro e de Camillo de Andrade, igualmente beneméritos da cidade naquelle triste transe e um officio da Camara santista de 1875, datado de 16 de Junho, em que a mesma o designava para com o Barão de Embaré, Nicolau Vergueiro (depois Visconde do mesmo nóme) Tenente Coronel Francisco Martins dos Santos, João Octavio dos Santos, Dr. Cunha Moreira e alguns outros, for-

mar a comissão de recepção aos Imperadores do Brasil, em sua visita á cidade.

A Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, concedeu-lhe na qualidade de Ministro Jubilado da mesma Ordem, por ocasião de haver completado 50 annos de Irmandade e pelos relevantes serviços que lhe prestou, enriquecendo e engrandecendo seu patrimonio, uma medalha de ouro, a elle entrégue em secção solemne, especialmente convocada para esse fim.

Tambem a Associação Commercial de Santos, por ocasião de seu jubileu, e na qualidade de socio fundador, fez-lhe entréga em festiva solemniidade, de uma medalha de ouro commemorativa.

Da mesma forma procedeu a Santa Casa de Misericórdia de Santos, agraciando-o com a Cruz de Ouro e Diploma de Honra, em secção solemne, como Grande Benemérito e Irmão Jubilado, por ser o unico irmão em toda a existencia do Hospital, entre outros merecimentos, que teve a sôrte de completar cincoenta annos de Irmandade.

Este venerando santista, cuja cultura é a mais ampla e a mais variada possivel, e cujas relações se prendem a todos os pontos da America e do Velho Mundo, conta no momento, 86 annos de idade; achando-se infelizmente privado quasi inteiramente da vista e do ouvido.

Ultimamente, procurou um individuo qualquer, prejudical-o em sua honra, sentimento que sempre presou acima de tantos outros, envolvendo-o numa complicação de titulos, que se desfez inteiramente em juizo, trazendo a desmoralização do perverso individuo, que intentava com aquillo apenas um assalto á fortuna e á honra do santista illibado e de honradez tradicional. Não lhe faltou pois em sua velhice, esse calice amargo, mas não lhe faltou tambem a justiça dos homens e uma esplendida compensação social, transformada em conforto moral muito justo.

E' a seguinte a relação dos seus titulos e distincções, alem dos que já citámos no decurso desta biographia, demonstrativas por certo, dos seus grandes serviços prestados á Patria, a Santos e á Humanidade.

TITULOS

1 — Membro de honra da Sociedade dos Estudos Portuguezes de França.

2 — Membro de Honra da Sociedade União Latino-Americana de França.

- 3 — Membro da Academia de Historia Intenacional de Paris.
- 4 — Socio honorario do Aero Club de Portugal (Lisbôa).
- 5 — Socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisbôa.
- 6 — Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.
- 7 — Membro honorario da Academia Aeronautica Bartholomeu de Gusmão, de Paris.
- 8 — Representante da Santa Sé em missão protectora da immigração italiana no Estado de S. Paulo.
- 9 — Membro honorario do Conselho Municipal de Santiago do Chile (Tendo recebido em secção solemne do mesmo Conselho, no Paço Municipal daquella Capital, a honrôsa medalha da Ouro, que lhe confere distincções especiaes).
- 10 — Presidente honorario da Associação de Paes e Mestres do Grupo Visconde de São Leopoldo.
- 11 — Socio honorario do Real Centro Portuguez.
- 12 — Socio honorario da Sociedade Beneficente dos Chauffeurs de Santos.
- 13 — Socio bemfeitor da Sociedade Portugueza de Beneficencia de Santos.
- 14 — Socio honorario da Sociedade Recreio Juvenil de Campinas.
- 15 — Socio honorario da Associação Beneficente dos Empregados da Companhia Docas de Santos.
- 16 — Socio bemfeitor do Real Centro Hespanhol de Santos.
- 17 — Socio benemerito da Sociedade Hespanhola de Soccorros Mutuos e Instrucção de Santos.

CONDECORAÇÕES

- 1 — Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa do Brasil (Em 12/12/1874).
- 2 — Commendador da Imperial Ordem da Rosa do Brasil (Em 13/4/1889).
- 3 — Cavalleiro da Real e Distinguida Ordem de Carlos III da Hespanha (Em 18/1/1896).
- 4 — Commendador da Real Ordem de Izabel a Catholica de Hespanha (Em 15/1/1883).
- 5 — Medalha de Benemerencia e Diploma do Papa Pio X (Em 15/6/1912).
- 6 — Commendador da Cruz pró-Ecclesie et Pontifice, de Leão XIII.
- 7 — Commendador da Real Ordem da Corôa de Italia — pelo rei Vittorio Emanuele III e Benito Mussolini (Em 1/7/1926).
- 8 — Insignia do Mérito de primeira Classe da Republica do Chile (Em 21/9/1923).

JOSÉ ANDRÉ DO SACRAMENTO MACUCO

Sacramento Macuco é um dos santistas que a cidade republicana esqueceu. Poéta, escriptor, jornalista, abolicionista histórico, homem publico, orador, a todos esses merecimentos demonstrados em publico, reuniu tambem o nosso biographado o titulo de — maiór dramaturgo brasileiro de sua época.

Sacramento Macuco, como o chamavam, nasceu nesta cidade, a 30 de Novembro de 1851, do legitimo consórcio do Tenente José Apolinario da Silva com Da. Luiza Macuco (Luiza Maria do Sacramento Macuco).



José André do Sacramento
Macuco

Seus estudos primarios e em parte os secundarios foram feitos em sua propria terra, e, desde cedo começaram as suas actividades intellectuaes, em obediencia aos seus imperativos interiores, pois que, com Hypolito da Silva e Antonio Manoel Fernandes, os futuros vultos da Abolição, fundou no anno de 1871, o organ noticioso denominado "O Pyrilampo". A sua intelligencia porem, precisava voar mais largo. Pouco depois seguia para os Estados Unidos, onde durante alguns annos cursou a Universidade de Pensilvania, e onde

de obteve apóz brilhante curso o diploma de bacharel em Direito. De lá seguiu para a Europa, percorrendo os principaes paizes da vélha civilisação demorando-se mais em Paris e em Lisbôa, onde privou com alguns homens de valôr e fama literaria e scientifica, preparando o seu espirito para a futura jornada.

Voltando para Santos, cerca de 1877, nesse mesmo anno e ainda de parceria com os seus antigos e brilhantes collaboradores do "Pyrilampo", fundou um organ de ideologia e combate "O Raio", rubro como o nome, iniciando a cam-

panha abolicionista chefiada em S. Paulo por Luiz Gama, que havia tres annos substituíra Xavier da Silveira, e atacando impenitentemente todos aquelles que se tornavam nocivos e odiosos aos ideaes da liberdade e da igualdade.

Não valendo no Brasil o titulo obtido na Universidade americana, teve Sacramento Macuco que submeter-se a um exame em Santos, obtendo então a provisão de solicitador, mas, logo em seguida, em novo exame prestado perante o Tribunal da Relação de Direito, obtinha o titulo de advogado provisionado entrando no exercicio da profissão em sua terra.

Sua actuação no jury local foi brilhante, e, pouco depois éra nomeado promotor publico da cidade e Delegado de Policia mais tarde, de 27 de Novembro de 1885 a 11 de Junho de 1886, como tambem de 25 de Janeiro de 1899 a 17 de Julho do mesmo anno, caracterisando-se pela grande facilidade oratoria naquelle primeiro cargo e pelo seu espirito de justiça e democracia no segundo. Foi tambem vereador da Camara santista de 1894 a 1895 e, nessa qualidade foi um dos redactores e um dos signatarios da Constituição Política do Municipio, promulgada a 15 de Novembro de 1894, em companhia do Dr. Manoel Maria Tourinho, de José Caetano Munhoz, Alexandre José de Mello Junior, Alberto Veiga, Antonio Manoel Fernandes, João Braz de Azevedo, Antonio Vieira de Figueiredo e Augusto Figueiras; a primeira que teve sua terra natal. Naquelle anno foi eleito Intendente municipal, de Vice-Presidente que éra, cargo que equivalia ao de Prefeito actual.

Durante a Campanha abolicionista a sua acção foi simplesmente notavel, tendo redigido com Vicente de Carvalho o importante organ local "O Diario do Commercio", cerca de 1885, fazendo parte da importante organização da mocidade santista que foi a "Bohemia Abolicionista", de tão grande significação na historia da Abolição na Provincia de S. Paulo.

Nessa occasião, ao lado de Antonio Augusto Bastos, Guilherme de Mello, Pedro de Mello, Arthur Andrade, Felix Carneiro, Constantino Mesquita, Candido de Carvalho, Alberto Souza, Heitôr Peixoto, Gastão Bousquet, foi um dos agitadores populares da campanha da libertação dos escravizados, collaborando assiduamente e de forma efficiente em todos os actos principaes da propaganda e em todos os organs de combate e reivindicação creados a contar de 1881, "O Embryão", "O Porvir", "O Pirata", "O Alvôr",

“O Piratiny”, “O Patrióta”, “A Idéa Nova”, assim como nos grandes jornaes locaes, principalmente no que dirigia com Vicente de Carvalho e no “Diario de Santos” e mais tarde na “Cidade de Santos”, sob a chefia de Martim Francisco.

No “Theatro Guarany” e no “Theatro Rink” levavam-se á scena, dramas da autoria de Sacramento Macuco, representados pela mocidade amadora e idealista de Santos, cujo producto servia para libertar escravos.

A ultima péça escripta por Sacramento Macuco e representada com grande successo e concorrência para aquelle fim, foi “A Sombra da Cabana”, cuja estréa marcou a libertação de um escravo mulato, quasi branco, que tivera antes a sua liberdade reputada pelo valor da renda total do espectáculo.

A carta de liberdade foi entregue ao pobre homem, em scena aberta no “Theatro Guarany”, e nessa occasião, emquanto Sacramento Macuco e os rapazes abolicionistas recebiam delirante ovação, o Dr. Rubim Cesar pronunciava uma das suas mais bellas, patéticas e violentas orações.

Sacramento Macuco, poéta, vive nas folhas dos antigos jornaes e revistas de Santos, pois nunca reuniu as suas produções, e o mesmo quasi, podemos dizer do escriptor, que publicou apenas o seu opusculo “O 15 de Novembro” no mesmo anno de 1889, que é uma synthese do movimento moral que gerou a Proclamação da Republica. Do seu romance “Os preconceitos”, apenas publicou alguns trechos escolhidos em jornaes de S. Paulo e Santos, como se vê do “Diario Mercantil” de 3 de Janeiro de 1889, do “Diario de Noticias” de 23 de Outubro de 1888, do “Diario Popular” de 20 de Outubro desse mesmo anno, e de mais alguns, chegando mesmo a annunciar a entrada da obra para o prélo sem comtudo effectivar a sua publicação, promettida agóra por sua filha, em beneficio de uma das nossas casas de caridade.

O seu drama de estréa foi o “CRIME DE MÃE” levado a scena no “Theatro Rink” na noite de 29 de Maio de 1880. O “Diario de Santos” desse dia, annunciando a representação do primeiro drama santista, dizia:

“E’ a primeira vez que esta terra de tantos homens celebres, vai baptisar um seu filho dramaturgo; ao Rink, mocidade ao Rink! Sacramento Macuco é um dos fundadores da Escola do Povo, e tambem da Sociedade

Humanitaria dos Empregados do Commercio. Ao Rink, e silencio; nem o tinir de um tacão; é uma festa de estréia, que seja solemne!

Flores! flores! e flores; que seja uma noite — a primeira da Historia Santista! Ao Rink! Ao Rink!”

O mesmo “Diario de Santos”, dois dias depois, a 1.º de Junho de 1880, referindo-se a essa primeira representação do “Crime de Mãe”, dizia:

“A 1.ª representação deste drama original do santista o Snr. Sacramento Macuco, foi uma verdadeira noite de festa de que este nosso conterraneo guardará a mais grata e doce recordação.

Nunca se olvidam momentos como aquelles, e a alma encontra sempre indizível prazer em recordal-os.

O Snr. Sacramento Macuco terá innumeradas occasiões de ver o seu espirito preso ás scenas que se passaram naquella noite e de que elle foi o protagonista.

Se essas recordações o assaltarem de preferencia nas horas de desanimo, serão, nesse caso, o mais benéfico balsamo, e animal-o-hão a trabalhar e a progredir; se ellas, porem, se apresentarem ao seu espirito com as garridas galas, com que a vaidade humana sabe enfeitar estes acontecimentos para satisfazer o nosso amor proprio e transtornar a nossa razão, serão perigosas porque dispol-o-hão mais ao encovador descanso do que ao trabalho salutar.

A estreia do Snr. Sacramento Macuco foi felicissima e agradou geralmente.

Acceite os nossos parabens, e os votos sinceros que fazemos para termos em breve occasião de applaudir de novo um trabalho seu, onde a experiencia adquirida e mais demorado estudo, nos deixe melhor apreciar a vocação de s. s. para este difficil ramo da litteratura.

O salão do Theatro Rink regorgitou de espectadores.

Ao levantar-se o panno para dar começo á representação do drama, um estremecimento geral percorreu os assistentes: iriam presenciar um fiasco horrivel ou apreciar um amadurecido fructo da muita constancia no trabalho, e do muito poder da vontade?

Eram os juizes e sabiam que delles dependia a vida ou morte litteraria do autor; convictos do poder de que estavam revestidos — receiavam.

Findo porem o primeiro acto, romperam os applausos, e desapareceu a incerteza; se não assistiam á obra de um genio, o autor mostrou-lhes um producto modesto, mas digno de ser apreciado, da sua immensa vontade de saber.

Dahi em diante choveram os “bouquets”, e repetidas salvas de palmas festejaram o novel dramaturgo, que immensas vezes foi chamado ao proscenio.

Da platéa, um orador, o Snr. Luiz Borges de Sampaio dirigiu-lhe uma bonita allocução, a que o Snr. Sacramento Macuco respondeu agradecendo a manifestação de apreço que o publico lhe prodigalisáva.

S. s. offertou ás actrizes que tomaram parte no seu drama e ao Snr. Couto Rocha bonitas corôas de flores, tendo pendentes fitas de seda com dedicatorias em letras de ouro.

Recebeu o Snr. Sacramento Macuco varios brindes, entre elles os seguintes:

1 abotoadura de brilhantes — 1 tinteiro de prata e 2 canetas de ouro. Ao terminar o ultimo acto, muitos espectadores invadiram a scena e foram abraçar o autor.

Finalisado o espectaculo, uma banda de musica e varios amigos acompanharam o estreiante ao Salão da Escola do Povo, onde estava preparada uma ceia que lhe éra offerecida.

Guardamos para a segunda representação o que terá lugar na proxima quinta-feira, fallarmos do drama e da sua interpretação por parte dos actores a quem foi confiado o seu desempenho”.

Dahi por diante, a carreira artistica e litteraria de Sacramento Macuco foi ascendendo sempre, de triumpho em triumpho, caracterisando-se suas peças, quasi todas em 4 e cinco actos, pela belleza do phraseado, pela riqueza dos conceitos, das scenas, e pelo aprofundado da observação social e philosophica. O seu primeiro drama foi representado innumeras vezes em Santos e S. Paulo, passando depois a ser levado á scena em varias cidades e capitães de outros Estados, então Provincias do Brasil, do Sul e do Norte, como Porto Alegre, Florianópolis, Paranaguá, Curityba, Fortaleza,

Recife, Bahia, e São Luiz do Maranhão, sempre com muito applauso e excellentes apreciações de toda a imprensa, cujos recórtés possuimos em mãos.

Depois viéram seus novos dramas: o "SER PENSANTE, SER SENSIVEL", recebido pela critica de todo o Estado e de todo o paiz como uma joia da litteratura brasileira. "A Regeneração", orgam de Florianopolis, a 24 de Maio de 1883, dizia encerrando os commentarios deste drama: "Si Sacramento Macuco estivesse aqui para ouvir taes opiniões e pudesse ver o optimo desempenho que tu e teus companheiros deram ao seu drama (referia-se ao artista Joaquim Augusto), com certeza orgulhar-se-ia e sonharia com a gloria com que a litteratura patria há de dotal-o". Veio o drama "CELESTE" com que inaugurou-se o "Gremio Dramatico João Caetano", com Tico Proost, Carlitos Affonseca, Alice Portugal, Carlos Beyrodt, José Constantino, Estacio Marques e Luiz Augusto da Silva, recebido com festas pela cidade e pela imprensa, e em seguida "MOÇOS DISTINCTOS", "CARLOTA", "A CARTA" e afinal "A VISCONDESSA", levado este, pela primeira vez, em beneficio do Asylo de Orphãos. A respeito deste ultimo drama, as criticas foram simplesmente honrosas para o illustre santista, e o "Correio Paulistano" de 28 de Janeiro de 1896 referiu-se desta forma á grande peça litteraria-theatral de Sacramento Macuco:

"Esse bonito trabalho, que é sem duvida o melhor entre os varios que o talentoso escriptor santista tem produzido, filia-se á eschola moderna, intima, e estuda uma these social com muita observação, critério e inteiro conhecimento do coração humano. A "Viscondessa" sob o ponto de vista de arte, é de notavel effeito, e acreditamos que na prova scenica deixará plenamente comprovadas as incontestaveis habilitações do autor, que já tem colhido bons e merecidos applausos do publico no vasto terreno da litteratura dramatica. Felicitamol-o sinceramente pelo seu bellissimo trabalho".

O grande theatro "São José", de S. Paulo levava os dramas de Sacramento Macuco, precedendo as apresentações de elogios ao escriptôr e á sua obra, e em recórte da "Gazeta do Povo" de 3 de Janeiro de 1884, (que temos em mãos) vemos o annuncio do seu grande drama "A Carta", para a semana seguinte, em espectaculo de gala, em honra á chegada

e visita de ss. Altezas Imperiaes D. Pedro e D.^a Theresa Christina.

“O Conservador” de Porto Alegre, numero de 13 de Novembro de 1887 commentava e elogiava o drama “CARLOTA”, levado no principal theatro da Capital sul-riograndense, o “Santa Izabel” pela Companhia Guimarães e Brandão, referindo-se ás difficuldades que a literatura dramatica offerecia aos escriptores, que exigiam muito talento e muito trabalho, e terminando por dizer: “Eis dito, qual mais ou menos, o desenvolvimento da peça. Nella se reconhece que o Snr. Macuco é um moço de talento e que soube sahir-se da prova”.

A estréa deste drama “Carlota” realizou-se em Santos, no “Theatro Rink” no sabbado, 25 de Outubro de 1884, em beneficio das Sociedades infantis “Julieta dos Santos” e “Xavier da Silveira”, pela Companhia Ribeiro Guimarães & Brandão, presentes as Directorias dos dois gremios, autoridades, representantes da imprensa de Santos e S. Paulo e grande assistencia. No intervallo do 3.º para o 4.º acto fallaram os jovens santistas Francisco Vicente e Gastão Bousquet, em nome das Sociedades beneficiadas, e em seguida o Snr. V. Ferraz, fallando ainda no ultimo intervallo o Dr. Rubim Cesar, que, em nome da Sociedade musical “15 de Abril” fez entrega de um ramo de flores ao autor do drama.

Tanto enthusiasmo provocou na cidade a apresentação desta nova peça santista, que varios amigos do autor, em nome da cidade de Santos editaram um jornal (numero unico) que circulou naquelle mesmo dia 25, polyanthéa onde figuravam apreciações de criticos e literatos de varias partes do Brasil, e cartas e elogios de escriptores, poétas e jornalistas, locaes e de outras cidades. Desse jornal especial em que se cantava a gloria do illustre santista, destacamos a commovente carta do actor Joaquim Augusto, escripta de S. Paulo, ao ver o annuncio da nova peça theatral do escriptor de Santos:

“Sei que brevemente se representa o teu novo drama “Carlota” essa mimosa producção do teu elevado engenho e invejado talento. Felicito-te daqui, da obscuridade em que vivo pelas novas glorias que hão de sobrevir desse grande acontecimento, motivo de verdadeiro jubilo e orgulho para os teus conterraneos.

.....

O teu talento vale um bravo, a tua modestia eleva-te ao infinito. Eis ahi tambem o teu grande mérito. Escreve sempre, trabalha, dá vida aos teus pensamentos, acção ás tuas idéas, não páres, e o teu nome será glorificado e inscripto ao lado dos grandes nomes dos grandes homens de letras do nosso paiz. Sel-o-ia hoje e com justiça, se não imperasse o egoismo, e se a inveja não tivesse um altar, se nós, os brasileiros, fossemos mais patriotas, irmãos amigos de seus irmãos.

.....

O grande dia vae chegar. Sê feliz!

E quando esse publico que te vae ouvir, proromper em bravos e exclamações festivas, quando as flores juncarem o palco, quando te achares no apogeo da gloria, e houveres esquecido o mundo, enebriado pelo successo brilhante, esplendido, invejavel desse padrão literario a que chamaste um drama, sellando-o com o teu glorioso nome, lembra-te que aqui fica um amigo, que fez da tua a sua gloria, que admira o teu talento, que se curva ante a tua esclarecida intelligencia, e que, mesmo de longe, nesse grande dia para os que te pressam e admiram, sentirá as pulsações do teu coração, partilhará das tuas emoções, e que, apesar da distancia, te enviará um "bravo" proeureando ensombrar o seu modesto nome de artista debaixo das folhas da primeira corôa que te cahir aos pés.

S. Paulo, 21 de Outubro de 1884.

Joaquim Augusto

Outros dramas produziu Sacramento Macuco, levados á scena, até que o genero dramatico começou a decahir no Brasil, a ponto de desaparecer totalmente no paiz esse genero theatral que immortalizou João Caetano e que ainda hoje faz parte integrante da grande cultura artistica da Inglaterra, da Allemanha e de outros paizes europeus. Talvez fosse isso, a revelação da decadencia social brasileira, pelo menos da decadencia espirital das sociedades do paiz, que, indiscutivelmente, começou a contar da entrada do século vinte.

Folhetinista emérito, muitos trabalhos do genero publicou Sacramento Macuco em jornaes de Santos e de S. Paulo, assim como alguns trabalhos históricos, entre os quaes "O

município de Iguape”, “Gumercindo Saraiva”, “José Mauricio” e outros que não foram reunidos. Como poeta frequentou muito o epigramma, o género zombeteiro-acrimonioso que fazia a tortura de tantos figurões, e que estava então muito em moda, sob o pseudonymo de “Juvenal”, e já naquella época, criticando uma certa personalidade de muita basófia e pouca acção, pouco valor, mas que trajava-se a rigor, pelos ultimos figurinos, cousa commum ainda hoje, dizia elle:

*A epocha é só da fazenda,
Da basófia e da commenda;
Tudo o mais é phantasia,
Loucura, sonho, mania!
Não ha culto p'ra o civismo
Onde luz o pedantismo.
Que vale o advogado,
O Esculapio illustrado,
O Engenheiro fecundo
que estuda as voltas do mundo?
Se tudo fica na pôpa
De um “doutor” formado em roupa?*

Dir-se-ia Luiz Gama, o grande preto, azorragueando a sociedade de então.

Sacramento Macuco, foi tambem um grande coração e um grande character. Como Promotor Publico honrou a tribuna do jury santista, como advogado honrou as tradições da oratória de Xavier da Silveira, como Delegado, em 1899 (2.^a vez) moralisou a policia de Santos e saneou a cidade de ladrões e meretrizes mandando por em liberdade individuos presos sem culpa formada e mandando cessar as perseguições aos regenerados; como abolitionista ajudou a realisação do 13 de Maio, como jornalista secundou a acção de Vicente de Carvalho e semeou imprensa como factor de progresso e reivindicação, como homem publico beneficiou a cidade, como liberal honrou sua terra, como coração protegeu a pobreza, ajudou e fundou instituições, como cultura fundou escolas e incentivou o ensino primario e gratuito, e como literato honrou a literatura nacional como o seu maior dramaturgo. Assim, multiplas foram as feições da sua individualidade e varios os aspectos da sua capacidade.

Embora não houvesse sido impresso o seu romance “Os Preconceitos”, ainda assim, pela sua leitura em manuscripto e pela publicação de alguns excerptos, mereceu esse livro a

pre-critica dos literatos do “Diario Popular”, do “Correio Paulistano”, do “Diario Mercantil”, do “Diario de Noticias”, do “Correio de Santos”, da “Revista de S. Paulo” e de outros orgams de Santos e S. Paulo, entre 1886 e 1888, sempre com os termos mais elogiósos como elogiado foi tambem o seu opusculo “15 de Novembro” pelos mesmos jornaes. Falleceu este illustre santista no dia 5 de Novembro de 1901, com grande sentimento de toda a cidade, que accorreu ao seu enterro numa solemne demonstração de carinho e respeito, com a idade de 50 annos apenas, o que alliado á sua grande e quasi criminósa modéstia impediu que a sua individualidade, se impuzesse como podia. De accôrdo com o que já dissémos, a óbra de Sacramento Macuco, que chegou até nós é a seguinte:

- 1 — “Crime de Mãe” — Drama em 5 actos — 1880.
- 2 — “Ser pensante, ser sensivel” — 5 actos — 1882.
- 3 — “Celeste” — Drama.
- 4 — “Moços distinctos” — Drama.
- 5 — “Carlota” — Drama.
- 6 — “A carta” — Drama.
- 7 — “A viscondessa” — Drama.
- 8 — “O municipio de Iguape” (Memória histórica).
- 9 — “Gumercindo Saraiva” (Memória historica)
- 10 — “José Mauricio” (Memória histórica)
- 11 — “Estrella da tarde” — Drama.
- 12 — “A sombra da cabana” — Drama.
- 13 — “O escravo” — Drama.
- 14 — “O capitão do Matto” — Drama.
- 15 — “O 15 de novembro” — Opusculo histórico — 1889.
- 16 — “Os preconceitos” — Romance de costumes (Inédito).
e outros que ainda não chegaram ao nosso conhecimento.

AMERICO MARTINS DOS SANTOS

Américo Martins nasceu em Santos, a 7 de Abril de 1852, do legitimo consórcio do Commendador Martins (Antonio Martins dos Santos) com D.^a Carolina Mariana Galvão Bueno, de illustre familia paulista.

Fez seus primeiros estudos em S. Paulo, e, lógo apóz a terminação da guerra do Paraguay seguiu para o Rio de Janeiro onde ingressou na Escola Militar, então reabérta, na qualidade de cadete, estudando alguns annos sob a direcção do General Polydóro.

Do Rio de Janeiro voltou para sua terra, preferindo a carreira do commercio á qual inteiramente se dedicou, trabalhando até seus ultimos dias de vida, fazendo uma verdadeira religião do trabalho.

Apaixonado pelo ideal da abolição, entregou-se completamente á sua propaganda, não olhando nem bens nem vida, arrastando por fim com seu grande amigo Guilherme Souto (1), todo o Partido Republicano para o campo da sagrada idéa. Evaristo de Moraes em sua preciosa obra sobre a campanha abolicionista, frisa este facto histórico da cidade, citando estes dois santistas como autores delle.



Americo Martins dos Santos

Como as duas Campanhas se pronunciaram quasi ao mesmo tempo — da Abolição e da Republica — Americo Martins dividiu-se em dois para attendel-as efficientemente, na primeira secundando Antonio Bento, na segunda secundando Silva Jardim. Tornou-se o realisador immediato de todas

as idéas partidas dos tribunos. Alexandre Martins Rodrigues ex-juiz tudo lhe facilitava, Miranda Azevedo parlamentar e scientista o aconselhava, Vicente de Carvalho como jornalista impávido o animava, formando o circulo de ferro da idéa emancipadora, onde se contavam os élos fortes dos abolicionistas-republicanos: Antonio Augusto Bastos, Theophilo de Arruda Mendes, Luiz de Mattos, Arthur de Andrade, os irmãos Mello, Felix Carneiro, Candido de Carvalho, Affonso Veridiano, Joaquim Fernandes Pacheco, Constantino Mesquita, Sacramento Macuco, Vieira do Couto, Roberto Bicudo, Brasílio Monteiro, Joaquim Monte, Campos Moura, Gastão Bousquet, João Guerra, Lacerda Franco, Guilherme

(1) Evaristo de Moraes — “A Campanha Abolicionista” — pag. 273.

Souto, Martim Francisco, Henrique Porchat, o ardoroso Rubim Cesar e o valente Quintino de Lacerda.

Foi então, Americo Martins, um dos principaes creadores das duas paginas mais bellas e mais agitadas da cidade.

Foi um dos fundadores da Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro e um dos principaes creadores do Jabaquára, o reducto fortificado onde se acoutavam os escravos fugidos de todas as regiões do Estado e limitrophes d'elle, a "Channan" immortal dos versos de Vicente de Carvalho, onde ninguem ousava penetrar para rehaver a propriedade humana.

O Jabaquara ficava atraz do Monte Serrate, na várzea que se estende hoje para alem da Estação dos bondes, caminho de Nova Cintra, e por occasião da sua idealisação, ao cogitar-se de um commandante para os negros, Américo Martins lembrou-se do negro valente e decidido que conhecera em casa de Lacerda Franco. Quintino de Lacerda éra esse negro, cosinheiro e homem de confiança do eminente paulista então residente em Santos. Américo Martins foi buscal-o com assentimento de Lacerda Franco, e, dalli em diante, a vida de Quintino de Lacerda foi toda ella uma successão de rasgos de heroismo e abnegação, de bravura e de arrojo, em favor de seus irmãos de côr e de sangue, commandando como poucos a trópa luzida que lhe entregaram á chefia, fazendo augmentar dia a dia a população do grande quilombo santista. A tudo provia Americo Martins, e, emquanto os seus negros sob a valente chefia de Quintino disputavam no coração da serra e no alto do Zanzalá, aos capitães do matto, a posse de infelizes transfugas, elle vigiava o porto, quotizando-se com os outros capitalistas do movimento para resgatar os escravos de passagem para o Rio de Janeiro. De uma dessas passagens, résta ainda hoje uma lembrança, uma escrava branca resgatada de bórdo de um daquelles barcos, onde elle a vira atada ao mastro de ré. Deu-lhe liberdade e ainda arranjou-lhe casamento em Santos, onde ella vive ainda, no estado de viuva dos dois maridos que teve e que a deixaram bem. No dia da morte de Américo Martins, essa mulher lá esteve, para derramar sobre o desaparecido uma lagrima de gratidão, emquanto em torno, quasi todos ignoravam a história que ella revivia chorando.

Cérta vez, a pedido dos escravocrátas de São Paulo, che gou a Santos uma força imperial.

Antes mesmo de fundear o navio em frente á ponte do Belmarço já Américo Martins estava a bordo valendo-se das autoridades que secretamente o apoiavam, e procurava conhecer o commandante da luzida força que tão sériamente ameaçava o trabalho abolicionista. Qual não foi seu espanto, quando ao olhar disfarçadamente o major que a commandava, pensando na forma de abordá-lo, o proprio major correu para elle de braços abertos, numa exclamação amiga:

— Oh Américo, desde 74!

Era o major Dom Joaquim Balthazar da Silveira, companheiro dos bancos da Escola Militar, que o reconheceu immediatamente. O destino talvez, mudára repentinamente a face das cousas, em favor dos soffredores e em favor do ideal santista. Affirmou-lhe D. Joaquim, que viéra para garantir a escravidão, mas que ficava a seu dispôr e da sua gente para fazer o contrario — a sua força seria então, uma força abolicionista. Américo Martins contava, como chegou a dizer em publico, em artigo publicado no antigo “Commercio de Santos” que essa foi uma das maiores emoções da sua vida, e que não pudéra conter as lágrimas então.

Feita a Abolição, foi elle ainda, quem se lembrou de consagrar a Quintino de Lacerda como vulto histórico da cidade, em commemoração publica fazendo com que, após a sessão solemne, ante toda a força armada dos negros de Jabaquára, sua filha Carula pregasse na lapella de Quintino, a grande medalha do Mérito que em nome da cidade elle lhe offerecia, e não ficou ahi, porquê desejando dar a Quintino uma profissão de accôrdo com os seus merecimentos, comprou a sua custa um trem de carroças, no valor de 14 contos de réis, para o serviço de transportes, de que lhe fez presente, e com o qual Quintino passou a ganhar a vida.

Succedendo a seu pae e seu tio na politica de sua terra, Américo Martins foi sempre um dos chefes do republicanismo local, tendo sido um dos principaes fundadores do antigo Partido Republicano Municipal, e eleito vereador em diversas legislaturas até ser Presidente da Camara.

Muitas ameaças de morte teve Américo Martins durante as duas campanhas referidas como na chefia das primeiras eleições, periodos que consumiram tudo quanto elle possuia pelo alevantado dos seus idéaes.

Sendo admirador fervente de D. Pedro II, de quem conservava como lembrança, uma arma de caça, chapeada a ouro e diamantes, era comtudo republicano ardoroso por uma questão de patriotismo e evolução, ponto de vista de

que parece ter-se arrependido mais tarde quando as instituições começaram a ser deturpadas pelos politicos dominantes.

Por occasião da fêbre amarella de 1889 sendo vereador, foi tal a sua dedicação ao bem publico, que até aos cemitérios elle ia, irmanado aos coveiros, humildes empregados municipaes, abrir com suas proprias mãos as vallas communs onde ás centenas atiravam-se os ceifados pela péste, ao mesmo tempo que providenciava a vinda de especialistas para sua debellação, com o seu parente o Dr. Miranda Azevedo que organisou e chefiou o hospital installado no Rink, á rua General Camara (antiga Aurea) e seu tio o Dr. Carlos Galvão Bueno, scientistas eminentes em São Paulo, a quem, opportunamente a cidade de Santos prestou as homenagens do seu reconhecimento. Nessa occasião o Dr. Miranda Azevedo recusou o convite do Governo, por ser republicano, declarando acceitar porem o de seu parente tambem republicano como elle.

Mais tarde ainda como membro da Camara, reconhecendo a necessidade de sanear Santos, concebeu a idéa de dotal-a com um serviço de enxugo que afastasse as epidemias, transmittindo essa idéa a Vicente de Carvalho, então secretario do interior, que a fez incluir no programma do Dr. Bernardino de Campos, vindo dahi o saneamento da sua terra. Nessa occasião, quando o Dr. Fuertes, o grande especialista americano chamado por Vicente de Carvalho chegou a São Paulo, já encontrou um projecto completo do Dr. Garcia Redondo, parente de Américo Martins, que, a seu pedido o fizêra, projecto reputado excellente pelo eminente scientista e por elle approvado em todas as suas linhas. Data dahi e dos primeiros trabalhos anteriores effectuados pela Companhia Dócas, o progresso de Santos, logar tido sempre como pestifero e improprio para moradia de estrangeiros.

Homem de grande coração e character adamantino, dedicou-se sempre ás organizações de soccorro e caridade, sendo um dos fundadores em 1888 do Asylo de Orphãos, em companhia de Carvalho de Mendonça, Sacramento Macuco e tantos outros, protector do asylo Anália Franco em seu inicio, bemfeitor da Sociedade Portuguesa de Beneficencia da qual possuia um diploma e de tantas outras instituições santistas. A pobreza em geral, éra a sua segunda familia, tendo mesmo a sua illimitada bondade e boa fé, lhe acarretado muitos e profundos dissabôres.

Fez parte da ultima Camara do Império e da primeira da Republica, tendo sido Presidente da 3.^a no novo regimen.

* Nestes ultimos 15 annos, ainda que afastado das lides politicas, tomou parte saliente na campanha pró-Nilo Peçanha, como um dos chéfes e thesoureiro do Directório santista, até que definitivamente desilludido da propria Republica que ajudára a fazer, pelo rumo que lhe haviam dado os encarregados da sua manutenção, recolhera-se á sua propria vida, limitando-se a escrever de vez em quando, sob anonymato geralmente, para varios jornaes, e a exercer nas occasiões de voto os seus direitos de cidadão.

Um dos ultimos serviços que a cidade lhe déve, é a salvação das praias santistas, cujo aforamento a estrangeiros já havia começado a exemplo do Guarujá. Pela intimidade que possuia com o Engenheiro da Alfandega que encaminhava os processos de aforamento, soube de tudo quanto se passava, e então calculando o desastre que esperava a sua Santos, procurou immediatamente o Dr. Vicente de Carvalho que se achava em São Paulo, relatando-lhe o que occorria, o qual, como santista amante que tambem éra, desceu a Santos lavrando seu protésto junto ao prefeito de então, o Coronel Joaquim Montenegro, illustre cidadão que por sua vez, muito trabalhou naquelle sentido e que por fim fazendo imprimir e acondicionar luxuósamente a famosa carta aberta do grande poeta, entregou-a ao Presidente da Republica o Dr. Epitacio Pessoa, cuja visita a Santos naquella época, foi o remedio necessario á situação. As praias de accôrdo com a deliberação do Presidente, foram aforadas de preferencia á Municipalidade santista, escapando ao retalhamento como já acontecera havia muitos annos com o pedaço do José Menino, onde está o Hotel Internacional. Hoje, no mesmo chão em que haviamos de ver por força dos aforamentos, fréges-moscas, cabinas de banho, fundos de quintaes e quejandos attentados, estão surgindo os formózos jardins e lindos logradouros, que o Dr. Aristides Machado, prefeito santista iniciou para embellesamento da cidade, dando ás praias locaes um aspecto admiravel e quasi unico.

Américo Martins éra membro de varias corporações e sociedades de todo o genero, e sua casa commercial, a mais antiga da cidade no ramo, éra respeitada e acatada por seus fóros de honradez e probidade.

Falleceu Americo Martins dos Santos em sua terra natal, aos oitenta annos de idade, sob benção especial de S. Santidade o Papa, no dia 23 de Setembro de 1931.

Registamos aqui, com a verdade de chronista-biographo algumas noticias de jornaes, por occasião de sua morte, que authenticam as nossas expressões e notas sobre este santista.

Do "Diario de Santos — de 24/9/1931

"A morte venceu o campeão da causa abolicionista, o lidador de quantas campanhas nobilitantes se desenvolveram em Santos. Americo Martins dos Santos, que morreu aos oitenta annos, era um desses varões inatacáveis. Homem de bem na mais lidima acceção do vocabulo. Character sem mácula. Patriota que punha ácima de qualquér conveniencia ou resguardo os interesses da sua terra. Passar em revista a vida desse santista digno por todos os titulos é alliar a sua actividade incançavel e proficua a todos os grandes commettimentos realisados em Santos nestes ultimos sessenta annos. A sua casa foi asylo dos escravos que fugiam ás perseguições nefandas e desciam a serra do Cubatão em busca da Jerusalem dos captivos.

Santos admirava-o, devotando-lhe o mais profundo respeito, porquê a sua vida foi um exemplo de integridade e devotamento á causa publica".

Da "Gazeta" de São Paulo — de 26/9/1931.

"Com Américo Martins dos Santos, o venerando ancião cujos despójos baixaram na tarde de hontem á sepultura, desaparece uma figura de singular relevo e gloriósa tradição nos fastos da cidade. Elle foi na terra de Braz Cubas, um dos chéfes das duas campanhas nacionaes, que decidiram dos destinos do paiz, a Abolição e a Republica...

Parodiando uma phrase célebre, poderíamos dizer, que Américo Martins dos Santos, trazia *Santos* mais no coração do que no nóme".

Do "Jornal da Noite" — de 24/9/1931.

"Falleceu ás 16 horas de hontem, Américo Martins dos Santos, o venerando santista, cujo nóme está indissoluvelmente ligado á historia da cidade.

Não esqueçamos nunca que as paginas mais bellas da Historia de Santos, as que nos mereceram, no dizer de Martins Fontes, o cognome de "suprema gloria da Patria", devemol-as em grande parte a Américo Martins dos Santos..."

Da mesma forma se referiram a Américo Martins dos Santos, a "Tribuna" local, a "Platéa", o "Diario Popular" de São Paulo, e outros jornaes, deixando bem frisado o que elle representára para Santos durante a vida.

BERNARDINO FERREIRA DA SILVA

Bernardino Ferreira da Silva nasceu em Santos, a 12 de Agosto de 1854, filho de outro de igual nome, que foi camarista nas legislaturas municipaes de 1858, 1859 e 1860, sendo sobrinho do Commendador Ferreira da Silva e primo do Visconde de Embaré.

Fez todos os seus estudos iniciaes em Santos, seguindo depois, com a idade de dezesseis annos, para o Rio de Janeiro onde matriculou-se como cadete na Escola Militar, em sua reabertura, logo apóz a guerra do Paraguay, sob a direcção do General Polydóro da Fonseca. Alli ficou tres annos, voltando para São Paulo ao fim desse tempo, onde começou a frequentar a Faculdade de Direito, bacharelando-se após um curso brillantissimo, no anno de 1879.

Em 1880 estava no Rio de Janeiro, occupando o lugar de Delegado de Policia da Capital, cargo em que prestou bons serviços.

Monarchista por principios de familia, demonstrou comtudo, logo no inicio da campanha republicana no Rio de Janeiro, bastante sympathia pela propaganda em favor do novo regimen, e assim, sentindo-se intimamente incompatibilisado com o cargo que occupava, demittiu-se delle, installando banca de advogacia, na qual, dentro de pouco tempo grangeava um nóme respeitavel, como profundo conhecedor que éra da sciencia juridica.

Proclamada a Republica, adheriu immediatamente ao novo regimen, desincompatibilisado para isso como estava, sendo pouco depois convidado para occupar o cargo de Chéfe de Policia do Rio de Janeiro, lugar em que se notabilizou pela exactidão da sua conducta e a profunda justiça dos seus actos, num periodo perfeitamente propicio a vio-

lencias. Era esse o cargo que occupava ainda, quando se deu a Revolta da Armada, sob a chefia do Almirante Custódio José de Mello, em 1893, durante o governo do Marechal Floriano. Prestou nessa occasião relevantes serviços á sociedade e ao paiz, sendo pouco depois nomeado Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, cargo que desempenhou até sua morte, cercado do respeito e da admiração dos seus contemporaneos.

Bernardino Ferreira da Silva falleceu no Rio de Janeiro, no dia 24 de Outubro de 1905, com descendencia.

ARTHUR BASTOS

Arthur Bastos nasceu em Santos, a 26 de Julho de 1858. No commercio viveu, mas, nascera antes para a literatura e para o jornalismo. Póbre, lutando pela vida, empregou-se muito cedo nos armazens da Estrada de Ferro, e fóra do serviço, todo o resto do seu tempo dedicou-o aos estudos, lendo e escrevendo muito.

Tendo recebido pouca instrucção nas escolas primárias desta cidade, de onde nunca sahiu, Arthur Bastos, talento de eleição, cultivou de tal fórma, no recesso do gabinete o seu espirito privilegiado, que se tornou uma penna de primeira ordem, quer na poesia para a qual tinha verdadeiro éstro, quer na prosa onde abordou diversos generos com facilidade e correcção.

Collaborou por muito tempo no "Diario de Santos" e fundou varios periodicos literarios e humoristicos que foram de franco successo em sua época. Vive até hoje esparso o seu escriptorio literario.

Foi um dos fundadores do Indicador Santista, em 1884 — o primeiro livro no genero, apparecido na cidade, e que hoje, dentro do progresso espantoso do século não encontra simile em nosso paiz.

Dando o seu retrato, o "Indicador Santista" de 1886, assim se referiu ao seu fundador:

"Temperamento verdadeiro de artista, Arthur Bastos luctou durante os poucos annos de sua vida curtissima, com todos os obstáculos, arcou com todos os sacrificios, mas, atravez de tudo conservou sempre na alma o culto pelo ideal que o deslumbrava, e queimou sempre incenso no thuribulo que agitava deante dos altares da Arte.

Como poeta, ahí deixou esparsas pelos jornaes, perolas soberbas: Há naquellas estrophes,, incorrectas ás vezes, resentindo-se da falta de trabalho acurado que lhe não concedia a laboriosa vida, rasgos admiraveis de sentimento e de espontaneidade. A poesia jorrava da alma de Arthur Bastos, espontanea, viva, transparente com um lyrismo verdadeiro e suave. Seus versos não eram simples variações sobre themas envelhecidos; eram a poesia sempre nóva da mocidade, cantos de amor em que a ternura murmurinhava, num tom plangente de adoração concentrada, de sofrimento sincero. As vezes um raio de sol rompia as tristezas intimas, e um verso alegre gargalhava; mas, empannava-se-lhé a alegria e expirava o riso no dolorido epilogo de uma lagrima. Era a vida, aquillo; era aquella alma de poeta que se retratava nos versos como num crystal purissimo. Entretanto, curioso contraste! Si nos versos de Arthur Bastos predominava a sombra de suas tristezas intimas, na prosa o seu espirito delicado adejava levemente sobre o papel em periodos burilados cuidadósamente, em phrases cheias de "verve", com um modo seu de dizer as cousas, original, gracioso, pitoresco. Não falava de si, em prosa cantava espontaneamente o que sentia; mas, descrevia conscienciosamente o que via, tinha minucias de analysta, quando largava mão da lyra para empunhar a penna severa de critico e de jornalista.

Infelizmente o jornalismo absorveu aquella existencia e aquelle talento: nenhum trabalho de folego resta de tantos que ideára a phantasia de artista de Arthur Bastos".

A seu respeito escreveu Vicente de Cárvalho, tambem no mesmo Indicador:

"Succedo hoje a Arthur Bastos, nestas paginas que sua ausencia descóra: é justo, pois, que seja uma lagrima o primeiro commentario desta chronica. Arthur Bastos! Este nome simples e modesto, symbolisa um conjuncto extraordinario do que há de nobre, de generoso, de intelligente e de trabalhador. E comtudo passou entre nós, desaperecebido na multidão, occulto na capa andrajósa de uma modestia exagerada, elle, que podia envergar a purpura da realieza do talento. Morreu quando alcançava pleno desenvolvimento na força da vida, quando tudo se podia esperar de seu espirito brilhante e de sua actividade infatigavel. Foi elle o escolhido pela morte, quando ahí pullula pelo mundo a multidão insectivora dos inuteis..."

Em 28 de Dezembro de 1885, alguns amigos de Arthur Bastos inauguraram sobre o seu tumulo um modesto monumento á grandêza do seu espirito e do seu coração.

No mais — bem poucos ainda guardam hoje a memória no seu nome! Não admira, elle proprio escrevera num dia de Finados:

“Os mortos vão depressa, disse Musset!

Quem se recorda delles, dos pobres que desapareceram para sempre na viagem negra da morte? Egoistas que nós somos! Os nossos mortos descansam no esquecimento, e nós que nos primeiros momentos julgamos impossivel a separação, deixamos que durmam o seu eterno somno no silencio do tumulo.

Vamos uma vez por anno, no dia marcado pela folhinha, enfeitar de custosas galas as sepulturas ricas, não por amor daquelles que emp Rehenderam a longa jornada da morte, mas para mostrarmos ainda ahí a nossa vaidade.

“O tumulo engrinaldado! A rethórica da Mórte...

Arthur Bastos falleceu em Santos, a 28 de Dezembro de 1884, quando ainda muito esperava delle sua terra.

EDUARDO FERREIRA

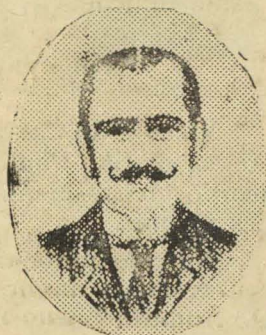
(EDUARDO CARLOS FERREIRA DA SILVA)

Nasceu Eduardo Ferreira na cidade de Santos, no dia 19 de Fevereiro de 1858, como filho legitimo de Antonio Ferreira da Silva Junior, Visconde de Embaré.

Fez seus primeiros estudos em Santos, seguindo mais tarde para São Paulo, onde, após o curso de preparatórios ingressou na Faculdade de Direito, realizando um curso brilhantissimo, recebendo em 1885 o titulo de Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Voltando para Santos, aqui desenvolveu sua actividade, trabalhando em sua profissão em favor dos desfavorecidos da fortuna.

Grande apaixonado e cultivador da musica, foi exímio pianista e compoz innumeradas peças que alcançaram enorme exito em sua época.



Eduardo Ferreira

Caracterizou-se porem pela philantropia, porquê, tornando-se herdeiro da grande fortuna deixada por seu pae, fazia muitas esmólas, procurando sempre occultar a mão bemfazeja, levando o soccorro ás casas pobres dos arredóres da cidade, onde o seu auxilio chegava inesperadamente e em occasiões desesperadas. Em 1889, logo apóz a fundação do Asylo de Orphãos, fez Eduardo Ferreira doação do grande prédio da Rua Xavier da Silveira 124, que fôra de seu pae, á Associação Protectora da Infancia Desvalida, afim de ser nelle installado aquelle Asylo, o que foi feito immediatamente, até que tornando-se elle pequeno para o numero crescente de asylados, realizou-se a construcção do novo prédio do Macuco, no anno de 1898, operando-se para alli a mudança definitiva daquella casa de caridade.

Eduardo Ferreira éra dotado de grande talento, de grande cultura, versado em linguas e possuia o gráu de Moço Fidalgo com exercicio na antiga Casa Imperial.

Falleceu na cidade do Rio de Janeiro, cerca de 1905, no estado de solteiro, legando quasi toda a sua fortuna a instituições de caridade santistas.

Annos depois do seu fallecimento, seus restos mortaes foram transferidos para Santos e recolhidos ao mausoléo que a Municipalidade mandou erigir em sua memória, no cemiterio do Paquetá, dando o seu nóme, na mesma occasião, a uma das ruas centraes da cidade.

VICENTE DE CARVALHO

(DR. VICENTE AUGUSTO DE CARVALHO)

Vicente de Carvalho foi uma das figuras mais representativas de São Paulo dos ultimos tempos, avultando em seu acervo civico-scientifico-literario, como um dos seus grandes valores.

Nascido nesta cidade, a 5 de abril de 1866, do legitimo consorcio do major Hygino José Botelho de Carvalho com D.^a Augusta Bueno de Carvalho, foi destinado ainda em tenros annos á carreira do commercio por seus digno e respeitavel pae. Assim, esteve empregado em uma casa commercial de 1877 a 1878, deixando-a, logo depois, para matricular-se no curso de preparatorios em São Paulo, deante da sua decidida vocação literaria.

Em 1882, tendo obtido dispensa de idade, matriculou-se elle no primeiro anno de Direito, na Faculdade de São Paulo, com 16 annos apenas, para obter a 8 de novembro de 1886, e com vinte annos sómente, o gráu de bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Durante sua vida academica foi redactor da "Idéa", e da "Republica" — onde só escreveu versos, tendo estreado na prosa durante o seu terceiro anno de curso, numa polemica com o poeta Dias da Rocha, fallecido alguns annos depois.

Em 1885, antes de bacharelar-se publicára o seu primeiro e brilhante livro de versos — "Ardentias" — recebido enthusiasmicamente pela critica, e em 1888 publicava outro livro tambem de versos — "O Relicario" — que teve dentro de pouco tempo duas edições.

Formado, voltou para Santos, sua terra, onde agitava-se desde annos a campanha da Abolição á qual entregou-se enthusiasmicamente, redigindo folhas abolicionistas, subscrévendo artigos e folhetins de propaganda, secundando fortemente o trabalho de Antonio Bento em São Paulo e correspondido com firmeza e denodo na cidade de Santos. Nessa occasião, phase heroica da historia santista, os chamados velhos trabalhavam de um lado na propaganda das idéas emancipadoras, nos debates das Camaras e nos grandes meios officiaes, e os moços de outro, na realização violenta dos ultimos passos. Vicente de Carvalho começou a escrever em dois pequenos jornaes da mocidade, a mocidade ardente da "Bohemia Abolicionista", cujas reuniões se realizavam, ora no predio onde hoje está o Cine-Paramount, ora nos bancos dos jardins por impedimentos policiaes. "O Patriota" e "Idéa Nova", eram aquelles jornaes; o primeiro, de Guilherme Mello, Antonio Augusto Bastos e Arthur



Vicente de Carvalho

Andrade (o fundibulario imberbe como o chamavam — menino de 16 annos), e o segundo, de Constantino Carvalho em collaboração com o notavel santista Candido de Carvalho. Póde-se affirmar que Vicente começou a escrever nesses jornaes. Escrevia em todos os numeros, em prosa e verso. No famoso "Piratinhy" escreveu elle o primeiro artigo de critica politica sob o titulo "Um transfuga", artigo vibrante de indignação contra o dr. Rodolpho Fabrino, republicano que depois de formado se bandeára para o Partido Conservador, sendo premiado então com um gordo emprego publico. Assim terminava Vicente o referido artigo:

"Abandonem o Partido Republicano os que não têm a coragem de suas convicções; vendam-se aquelles cuja honestidade tem preço! Deixando á margem essas podridões que a maculam, a corrente republicana engrossa dia a dia! O futuro é nosso!"

As grandes passagens da defesa escrava, as bellas paginas que representou sempre na historia aquella época de dedicação heroica do branco pelo negro; a eliminação daquella pustula moral dos nossos fóros de civilizados, devem indistinctivamente a Vicente de Carvalho uma grande parte da sua realização.

Em Maio de 1889 redigiu o "Diario de Santos", e, em 1890 fundou o "Diario da Manhã", tendo na direcção desse jornal, conquistado os fóros de consummado polemista.

Em 1902 publicava Vicente o seu poema lyrico "Rosa, Rosa de amor", que obteve três edições successivas; em 1908 publicava a sua obra mestra "Poemas e Canções", que o consagrou o maior poeta lyrico do Brasil; conjunto de preciosidades de fôrma e de inspiração. Dessa obra, é celebre o importante poema "Fugindo ao captiveiro", em que elle descreve a odysseia do escravo atravessando as agurras da Serra do Mar, acossado pela matilha humana dos capitães de matto, em busca do Jabaquara, o pedaço de terra santista onde elle seria livre e onde ninguem ousaria ir buscá-lo. E Jabaquara só existiu um, em Santos, ponto claro na tréva do captiveiro, eternizado daquella fôrma.

"A ternura do mar" em alexandrinos, o "Poema do Mar" em decasyllabos soltos, "Pequenino Morto", "A invenção do diabo", "Velho Thema", e tantas outras composições que apparecem naquella obra, são pedaços de ouro que jámais

poderão desaparecer da historia litteraria do Brasil, porque jamais serão igualados talvez pelo tempo adeante, dada a tendencia de franco abastardamento de forma e inspiração que vem caracterizando a poesia moderna.

Vicente de Carvalho foi director do velho Partido Republicano Municipal por mais de uma vez, sendo a primeira em 1885, quando ainda cursava o seu 4.º anno de Direito, e com dezenove annos de idade.

Durante a propaganda republicana, acção conjuncta com a da Abolição, de que elle foi tambem um dos grandes paladinos em Santos, usando a força e o fulgor da sua pena, secundou Vicente o verbo poderoso de Silva Jardim — o veneravel apostolo da idéa — formando com Rubim Cesar, Miranda Azevedo e Augusto Fomm a corrente formidavel que ia ligar-se ao meio propicio e effervescido do Rio de Janeiro; foi então candidato do partido á antiga Assembléa Provincial e enviado municipal ao grande Congresso Republicano da Provincia, realizado em São Paulo com a presença de mais de cem representantes de todos os municipios paulistas.

Em 1888 assignou com quase todos os republicanos de Santos, o grande livro de bronze e ardosia offerecido a Silva Jardim, subscrevendo a proclamação republicana com que o mesmo se iniciava, livro esse que hoje se encontra na Biblioteca da Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio de Santos.

Foi deputado á Constituinte Paulista de 1891, sendo nomeado para a commissão de redacção da Constituição do Estado, assim como um dos oito deputados que resignaram o respectivo mandato, após a approvação da proposta de apoio ao golpe de Estado do marechal Deodoro, acompanhado pelos drs. Julio de Mesquita, Rivadavia Corrêa, Cincinato Braga, Bueno de Andrada, Paula Novaes, Manoel Antonio Gonçalves Bastos e dr. Eduardo Guimarães.

Tendo tomado parte no movimento para a deposição do dr. Americo Brasiliense, então presidente do Estado, foi quem apparelhcou os elementos revolucionarios da cidade de Santos, transformando o "Diario da Manhã", o órgão da imprensa por elle fundado, no quartel general dos revolucionarios santistas.

Assumindo depois o governo estadual — o vice-presidente, dr. José Alves de Cerqueira Cesar, em consequencia da retirada do dr. Americo Brasiliense, foi Vicente de Carvalho, chamado insistentemente e nomeado para a pasta

do Interior na primeira organização secretarial de São Paulo, servindo durante toda a administração interina do dr. Cerqueira Cesar e nos primeiros mezes da presidencia do Dr. Bernardino de Campos.

Na sua administração infelizmente pouco duradoura, salientaram-se ainda assim os seguintes e importantes serviços para São Paulo:

1.º — Estudos para um plano completo e definitivo do saneamento do Estado, tendo sido elle quem recorreu aos serviços profissionaes do especialista americano, dr. Fuertes.

2.º — Organização do serviço sanitario e montagem dos primeiros hospitaes de isolamento e estufas de desinfecção nas localidades flagelladas pela peste, especialmente Santos e Campinas.

3.º — Reforma da instrucção primaria e profissional do Estado (Lei n. 88).

4.º — Organização da estatística estadual.

5.º — Fundação do Instituto Vaccinogenico.

Nessa occasião elaborou tambem e assignou com o dr. Bernardino de Campos, após approvação pelas Camaras, a lei n. 90, de 12 de setembro de 1892, que mandava dar por três annos uma subvenção annual de 10 contos e mais as despesas de viagem e primeira installação no estrangeiro, aos moços que revelassem grandes aptidões para a musica, pintura e esculptura, a criterio de uma commissão competente, para aperfeiçoamento e estudo.

Da sua passagem pelo governo de S. Paulo nessa occasião, colheu Santos, sua terra, os preciosos frutos que ahi temos desde muitos annos, e que della afastaram os antigos fantasmas da febre amarela e outras epidemias que mal afamavam-na lá fóra e que impediam seu progresso e desenvolvimento — a realização dos canaes.

Em virtude de divergencias no seio do governo de que fazia parte, ou mais propriamente — de desgostos colhidos em meio da gente que o cercava, pouco tempo depois Vicente abandonou a vida politica sob a égide do principio latino de moral publica — “*Impavidum ferient ruinae*”; e, em 1895 publicou no Estado de São Paulo, uma “Carta Aberta”, na qual, sob a influencia das doutrinas positivistas declarou tambem abandonar o jornalismo.

Tornou-se então, agricultor e advogado, mantendo fazenda de café no municipio da Franca e banca juridica na cidade de Santos.

Um grande desgosto esperava-o na vida agricola. Um anno após a compra da sua propriedade da Franca, começou a pronunciar-se a crise cafeeira que, em 1899 assumiu tão graves aspectos — e Vicente foi arrastado pelo desastre, sahindo todavia como entrára, de cabeça erguida e nome limpo. Dedicando-se então ao problema da salvação de toda a grande classe que ameaçava ruir, o paladino de tantas campanhas e ideaes, tornou-se tambem o paladino da reacção agricola-economica de São Paulo, concluindo um plano de aquisição pelo governo das sóbras do café e respectiva queima, realizando então, immediatamente, a grande representação ao Congresso do Estado, de 11 de maio de 1901, subscripto por mais de duzentos agricultores de todas as zonas do Estado, entre os quaes alguns dos grandes nomes do São Paulo actual.

Não contente com isso, publica em livro o seu grande projecto, apparecendo naquella mesmo anno de 1901 a sua importante obra, "Solução da crise do café", que resolveria de facto o grande problema, mas que não foi tomado em consideração (naturalmente como coisa inexequivel), para o ser quasi que inteiramente e com pouca differença para peor, trinta annos depois, por occasião da que ainda hoje perdura. Para uma tal affirmacão, nos valem os factos verificados em 1929, anno em que, uma commissão de technicos ingleses foi á residencia da familia de Vicente de Carvalho, em São Paulo, pedir-lhe a cessão, por algum tempo, da grande obra citada, "Solução da Crise do Café", com a qual ficaram em estudo durante alguns meses, devolvendo-a tempos depois. Esse facto nada revelaria, se as medidas tomadas posteriormente para defesa do producto em todo o Brasil, não fossem as mesmas estudadas e preconizadas por Vicente naquella obra de trinta annos atrás.

Ainda no terreno agricola, elle se revelára o mesmo gigante de todas as idéas e campanhas.

Em 1908, por motivo de molestia, Vicente transferiu sua banca de advogado para S. Paulo. Ali, após alguns meses, coincidindo sua transferencia com a criação das Varas Criminaes da Capital, foi elle nomeado juiz criminal da 3.^a vara, da qual passou depois para a 1.^a vara civil, chegando em certa occasião a desempenhar as três varas,

por impedimento ou ausencia de seus collegas, despachando em todas.

Ao cabo de algum tempo, foi nomeado ministro do Tribunal de Justiça, cargo que desempenhou com grande brilho e competencia, abandonando-o finalmente pela sua banca de advogado. Tornou-se então apenas consultor juridico e advogado de grandes organizações commerciaes e industriaes de S. Paulo, estendendo cada vez mais sua fama de jurisconsulto eminente.

Grande propugnador da instrucção, Vicente de Carvalho foi um dos fundadores do "Lyceu Feminino Santista", com sua mulher D.^a Ermelinda Mesquita de Carvalho, tendo sido o redactor dos Estatutos da velha e afamada escola de professoras municipaes.

Era membro da Academia Brasileira de Letras, onde occupava a cadeira n. 19, que tinha como patrono Martins Penna, tendo tido assento tambem na Academia Paulista, para onde entrou após sua fundação, apresentando a sua obra, "Paginas Soltas", occupando a cadeira N.º 37.

Em 1909 publicou "Verso e Prosa", e em 1918 "Luisinha", comedia em 2 actos. Na imprensa publicou Vicente de Carvalho muitos trabalhos literarios, que até hoje permanecem occultos em suas folhas, entre os quaes, um romance humoristico, de muita época, "Frei Juca", pelas columnas da "A Tribuna", que não chegou a terminar.

Poéta do mar, como o chrismára o povo, era Vicente de Carvalho um grande amante da Natureza, com muito de contemplativo, e possuia uma bella estancia de verão na Bertioga, ao fim da praia da Enseada o famoso "Indayá", onde buscava a inspiração e o descanso, e onde passou, segundo elle mesmo dizia, os melhores bocados de sua vida. Era por força do habito das pescarias, um insigne pescador, fazendo vida quase commum e simples com os praianos da Bertioga e de outras regiões, nos seus dias de esparecimento e alheimento á vida tumultuaria das leis e dos negocios. E, do seu refugio maravilhoso do "Indayá", que os antigos frequentadores nunca mais esqueceram, fazia elle o seu paraíso na terra, em alegres e numerosas reuniões ás vezes ou em prolongados retiros e silencios outras vezes.

O seu pantheismo de artista nato e o seu grande amor ás marinhas paulistas, deram-lhe um dia uma condecoração. Arrancaram-lhe o braço esquerdo, deixando-lhe como lembrança de uma pescaria, apenas um tóco além do hom-

bro, que muito serviço ainda lhe prestava no exercício da pesca.

Contam-se coisas incríveis da sua simplicidade, factos que não cabem no espaço acanhado de uma biographia, cada qual mais característico do homem fino, educado, accessível e bom que elle era, incapaz de gestos bruscos ou attitudes insólitas. Era o homem da familia, e os seus melhores amigos estavam sempre dentro do seu lar, não frequentando rodas, restaurantes, ou mesas de cafés com poucas excepções.

Em materia de character era intransigente, e o unico gesto violento que se conhece a seu respeito com relação a outro homem, prende-se a uma offensa feita ao de leve á sua honestidade, por um collega de governo no secretariado de que ambos faziam parte.

O ultimo serviço prestado por Vicente de Carvalho á sua terra, ainda não é de muito tempó.

Estavamos em 1921, e, no Guarujá, iniciado o movimento por um tal Sousa, começára o aforamento a oito, dos terrenos de marinha da praia das pitangueiras e da praia da enseada. Concomittantemente operára-se o mesmo movimento em Santos, onde estrangeiros tambem, como no Guarujá, dentro em pouco ficariam donos de toda a preciosa belleza das praias da cidade, sacrificando sua esthetica, seus dotes naturaes e enriquecendo criminosamente do dia para a noite. Mais uma vez, Vicente, avisado por um dos seus grandes amigos e parentes de Santos, do assalto que se estava tramando á sua terra, sentiu reverter em seu intimo aquelle santo entusiasmo pelo pedaço de chão em que nascera. Desceu á Prefeitura de Santos onde teve immediato entendimento com o prefeito de então, o coronel Montenegro; e dispunha-se já a começar a campanha contra aquelles planos criminosos, quando annunciou-se em Santos a vinda do presidente da Republica, o dr. Eptacio Pessoa, para receber as homenagens do commercio santista em agradecimento ás medidas por elle adoptadas em favor do café. Publica então a sua famosa "Carta aberta ao presidente da Republica" — a 22 de agosto de 1921, carta que o chefe do Executivo municipal mandou enfeixar em custoso estojo, do qual fez entrega ao dr. Eptacio Pessoa no momento da sua chegada.

Em conclusão; o Presidente Eptacio recommendou á Prefeitura deante do que estava vendo, que requeresse immediatamente o aforamento para si das mesmas terras, sob

o direito de preferencia. Desta fôrma e pelo grande trabalho tambem desenvolvido pelo Prefeito Cel. Joaquim Montenegro, salvou-se o grande patrimonio da cidade, que esteve a ponto de ser retalhado, para a repetição do que ainda hoje se vê no José Menino, a occupação da nossa marinha por um hotel de aspecto antigo e casebres que produzem bôa renda por sua situação e que por isso mesmo não evoluem, roubando toda a belleza local e retardando o progresso. Consequentemente, o Guarujá foi salvo ao mesmo tempo e do mesmo golpe.

Vicente de Carvalho, o illustre filho de Santos, falleceu em sua terra no dia 22 de Abril de 1924, nesse Abril que elle chamára "o claro mez das garças forasteiras" em seus versos de ouro.

Rematando esta pallida biographia do illustre santista, vamos transcrever alguns trechos da conferencia pronunciada no trigésimo dia da sua mórte pelo Academico Oscar Stevenson, a 22 de Maio de 1924, no "Centro Onze de Agosto" em São Paulo, transcrita por inteiro na importante obra do Dr. Spencer Vampré — "Memorias para a Historia da Academia de São Paulo" — vol. II, paginas 457/459 e 465:

"Podem as linguas rolar no passado, sepultadas sob os escombros das civilisações decahidas; póde a furia guerreira afogar, no sangue e no exterminio, a maravilha das artes plasticas; póde o tufão devastador de Tamerlão ou de Gengis Khan, aviltar, no pó da terra, civilisações soberbas, ao tropear dos ginetes da Ukania, ou ao brandir do franquisque selvatico.

Mas, enquanto o coração humano se enamorar da suprema belleza, sobreviverão os poétas aos cataclysmos do seu povo, e ficarão, nas estradas da historia, como indices ao viajor curioso e surpreso.

Esta Academia, que guarda, como em relicario, a lembrança de quantos a illustraram, na peregrinação pela vida, não esquecerá o teu nóme. Ella o inscreverá, com honra para si, mais do que para tua glória, entre os dos maióres poétas academicos.

Porque, quando a lembrança dos jurisconsultos se houver apagado, pela fatal mudança das instituições quando tantos homens, que hoje celebramos, e que honraremos amanhã jazerem, esquicidos, na poeira dos tempos, — tu. viverás, poeta maximo, para gloria de tua raça e de tua gente, e para renóme desta Academia, que o teu genio illuminou.

O coração de Vicente de Carvalho, tinha muito das vibrações deste oceano, e da tranquillidade silenciosa deste jardim, perdido no mais fundo dos mares.

E esta lingua portugueza, tão póbre em nosso humilde carpintear, pulsava, tremia, chorava em cascatas de sons, em harmonias suavissimas, como si, em vez do poeta nos falasse um "stradivarius", como um violino maravilhoso que synthetisasse, de repente, as sonoridades inspiradas, que lhe tem reboado no bojo.

Sobre as orlas queridas de suas praias de Santos, ou da Bertióga, inclinou o ouvido privilegiado, para recolher os segredos imperscrutaveis, que a natureza só revela aos apaixonados de suas graças, aos mimos do seu capricho, e com ella conversou esses longos collóquios mudos, que são o extase dos poetas, sentindo-se numa communhão com as cousas, intraduzivel na póbre lingua humana.

A ultima impressão, gravada em sua retina, foi esse bello mar selvagem, sobre o qual sonhou a "Rosa, rosa de amor", a pagina mais peregrina da poesia lyrica brasileira".

Em Santos, no Estado de São Paulo, no Brasil inteiro e na Republica Argentina, o nome de Vicente de Carvalho é devidamente cultuado e homenageada a sua memória, como justo galardão aos seus merecimentos.

De accordo com o texto desta biographia, são as seguintes as obras conhecidas, de Vicente de Carvalho:

- 1 — "Ardentias" — S. Paulo 1885 — vol. de versos.
- 2 — O relicário" — S. Paulo — 1888 — versos.
- 3 — "Rosa, rosa de amor" — S. Paulo 1902 — Poema lyrico. (3 edições).
- 4 — "Poemas e Canções" — S. Paulo 1908 — Versos. Obra mestra do poeta, incluindo "Rosa, Rosa de amor", "Fugindo ao captivo", "Velho Thema", "Ternura do mar", "Poema do mar", "A invenção do diabo" e outras composições que lhe valeram o titulo de principe dos poetas lyricos do Brasil. (4 edições).
- 5 — "Projecto da Constituição do Estado de S. Paulo" — de collaboração com os demais Deputados da Commissão incumbida da sua redacção pela Assembléa Constituinte paulista de 1891.
- 6 — "Solução da Crise do café" — S. Paulo 1901. Estudos para salvação da Lavoura paulista.
- 7 — "Verso e prosa" — S. Paulo. 1909 — 1 volume.
- 8 — "Luisinha" — (Theatro) Comédia em 2 actos. 1919.

9 — “Frei Juca” — Romance humorístico, que não chegou a terminar, publicado em folhetins n.º “A Tribuna” de Santos.

10 — “Páginas Soltas” — S. Paulo 1908 — (Contos, critica e commentários) — Trabalho com que se apresentou á Academia Paulista de Letras.

11 — “Carta aberta ao Presidente da Republica” — Agosto de 1921.

Alem destes trabalhos, innumerados são os que deixou esparsos, nas columnas de varios jornaes e revistas, em prosa e verso, trabalhos de critica, humorismo, combate, jornalismo e literatura, como o “Piratiny”, a “Idéa Nova”, “O Patriota”, “Diario da Manhã”, “Diario de Santos”, “A Tribuna” e “O Estado de São Paulo”, sendo que neste collaborou durante trinta annos sem a menor remuneração.

Deixou tambem uma obra inédita “Alma Errante”, em versos de alto quilate, que a familia ainda não resolveu editar, “Fausto”, “Arte de amar” e “Historias praianas”.

MARECHAL CLAUDIO DA ROCHA LIMA

Nascido nesta cidade, a 7 de Julho de 1864, como filho legitimo de Ricardo Henrique da Rocha Lima e D.^a Adelaide Augusta da Rocha Lima, da familia dos Munguatas, gente antiga de Santos.

O Marechal Claudio da Rocha Lima fez seus primeiros estudos em Santos, sua terra, no velho Instituto Santista e no Collegio Rentscheller, os melhores que havia então na cidade. Mais tarde continuou seus estudos em São Paulo, no Collegio Ypiranga e no Seminario Episcopal, matriculando-se finalmente na Escola Militar do Rio de Janeiro, em 22 de Fevereiro de 1882.

Em consequencia da propaganda abolicionista reaccionada pelo governo imperial, foram os seus estudos interrompidos em 1884, com o fechamento da famosa Escola, que só se reabriu em 1886, verificando-se ali a nova matricula do cadete santista, que tres annos depois completava os cursos de infantaria, cavallaria e artilharia, iniciando então o curso da Escola Pratica do Exercito, nesse anno de 1889.

Abolicionista, desde o inicio da propaganda, tomou parte activa nos trabalhos orientados pelos chefes do movimento libertador do captivo, e logo em seguida, quando se processou a campanha da Republica, abraçou a idéa, dedicando-se á grande causa que visava impedir o terceiro reinado.

Cursava a Escola Pratica do Exército, no Realengo, quando se processaram os ultimos factos da campanha republicana, e ahi, no mesmo dia 15 de Novembro, como alumno daquella escola, investido no commando de uma bateria mixta de tiro rapido (canhão e metralhadora) marchou para o Quartel General do Exercito, onde se reunira o Gabinete



Marechal Rocha Lima

Ouro Preto, assistindo a Proclamação, como parte das forças de Deodoro, ahi estacionando durante a crise, por 15 dias.

Espirito independente e incapaz de bajulações politicas ou subservencias sempre vantajosas em todas as carreiras, o Marechal Rocha Lima caracterisou-se por uma carreira de estudos e merecimentos, e suas promoções, por isso, foram fructo apenas da justiça e dos seus direitos.

Sua primeira promoção verificou-se a 4 de Janeiro de 1890, quando tomou as divisas de 2.º Tenente de Artilharia. A 18 de Março de 1892 é promovido a 1.º Tenente da mesma arma, e tres annos depois, a 18 de Setembro de 1895 ao posto de Capitão.

Por sua actuação directa em épocas diversas, frustrou o surto de movimentos armados para deposição de governos estaduaes do Maranhão, como os dos Drs. Lourenço de Sá, Dias Vieira e Luiz Domingues.

Notavel foi a sua efficiencia e precioso o seu apoio aos governos de Deodóro da Fonseca, de Prudente de Moraes, de Campos Salles e de Rodrigues Alves, impedindo e desfazendo manifestações armadas de deposição, que elle, antes de mais nada, julgava injustas e iniquas, sem considerar ahi a sua qualidade apenas de servidôr de governos, mas principalmente os dictames de sua consciencia e os seus devêres de cidadão.

Por convicção e por principios sempre foi contra todos os movimentos revolucionarios que têm agitado o paiz, desde os primeiros, e que se processaram sem uma base profundamente ideologica, excepção feita aos casos de revolta contra a oppressão reconhecida e a tyrannia exercida por certos governadores.

Entre 1895 e 1920 subiu aos postos de Major, Tenente-Coronel e Coronel, todos por merecimento e principio de antiguidade, sendo promovido a General de Brigada a 14 de Novembro de 1922.

Durante toda a sua vida preocupou-se sériamente em honrar as tradições da familia, da terra natal, do Estado de S. Paulo e da Patria.

Foi no Rio de Janeiro o original fundador do Centro Paulista, com um pequeno nucleo de jovens paulistas, entre os quaes se achava o insigne poeta e escriptor Mario Villalva, que ainda figura em seu quadro, e foi assim, que, na primeira assembléa geral convocada para a fundação daquelle Centro, foi presente o projecto de Estatuto de sua autoria, que, com ligeiras modificações é ainda o mesmo e tem servido de norma para os de outros Centros estaduaes. Durante muitos annos elle foi seu Presidente.

Nos serviços militares procurou sempre o auxilio e colaboração dos paulistas, dispensando aos de menor graduação a protecção necessaria e aos mais graduados a maior consideração, a sua dedicação e a sua lealdade.

Em geral como soldado teve sempre, muito particularmente em vista, contribuir para a formação e consolidação no Exército, de uma mentalidade militar convenientemente inspirada no princípio de systematica subordinação ás leis, aos Regulamentos e ás autoridades. Todavia, soube também systematicamente ensinar aos subordinados e até mesmo a superiores mal orientados, quando e em que circumstancias a desobediencia também é virtude militar das mais preciosas, o que, aliás, custou-lhe alguns e fundos dissabôres.

Sempre interpretou o serviço militar como uma modalidade de sacerdócio, dentro do aparelhamento de defesa nacional, pregando a abstinencia do cultivo de actividades politicas partidárias, servindo-se do exemplo, motivo por que declinou por duas vezes de posições politicas, uma vez no primeiro Congresso Constituinte republicano, e outra vez na Camara Estadual de São Paulo, ao tempo do Governo Hermes da Fonseca, como Deputado.

Tambem ha poucos annos, após os acontecimentos da revolução de 1930, quando lhe ascenaram, por manejo politico, com a Interventoria paulista durante o governo Provisório, visando agradar São Paulo, desautorizou os conchavos que se formavam em torno do seu nome, declarando sua insufficiencia para tão elevada investidura. Em contraste, porem, outros capitães, majóres e coronéis, acceitaram-na, sem a cogitação da competencia e da responsabilidade que tal nomeação significava.

Pensava o Marechal Rocha Lima, que, em muitas circumstancias, a virtude está muito mais no que não se faz, do que no que se faz apenas para satisfação de méras vaidades ou ambições.

Desde o seu tempo de simples praça de "pret", o illustre santista exerceu logares de importancia, e, como official ainda nos primeiros postos, muitas incumbencias superiores e chefias lhe foram dadas, e tudo com referencias elogiósas, pondo-lhe em relevo — a competencia, o zelo, a intelligencia, o interesse, a disciplina, a lealdade e a actividade nos desempenhos.

No antigo 2.º Regimento de Artilharia a Cavallo, numa mostra realizada por occasião da visita do Imperador, teve a honra de despertar a attenção do monarcha, que se deteve no exame de serviços a seu cargo, muito minuciosamente, discreateando satisfeito sobre particularidades dos mesmos, resultando dahi, uma ordem imperial para que elle voltasse á Escola Militar, afim de aproveitar suas qualidades, com a

continuação de estudos que não tivéra. Serviu como amanuense do Commando Geral de Artilharia e Commissão de Melhoramentos do Material do Exercito, sob S. A. o Principe Conde d'Eu, merecendo-lhe a attenção pessoal, não só pela correcção no serviço como particularmente, porque, quando de uma passagem do Marechal por Santos, tocáralhe a incumbencia, como militar e como santista, de fallar numa manifestação das escolas locais, dirigindo uma saudação de boas vindas ao illustre e imperial itinerante.

Como alumno e como militar, sempre fez parte da "élite" intellectual e esportiva do Exercito, exercendo como official, innumeradas commissões de destaque em todo o territorio nacional. Percorreu o 1.º, 4.º e o 6.º batalhões de Artilharia de Posição, sendo o 4.º no Pará, de onde destacou para o Amazonas, no commando de uma bateria isolada, e os outros no Rio de Janeiro, nas Fortalezas de S. João e Santa Cruz. Commandou o 2.º e o 5.º Regimentos de Artilharia de Campanha, no Rio de Janeiro. Exerceu na Escola Pratica do Exercito, na Escola de Sargentos, na Escola Militar do Realengo e no Collegio Militar, da Praia Vermelha, diversos cargos no corpo docente e administrativo. Foi por muito tempo, director do Tiro Nacional, por especial nomeação interina, como Capitão, embora fosse o cargo de official superior. Ahi, na direcção desse Departamento federal, muito contribuiu para a organização das Sociedades de Tiro de todo o Brasil, depois confederadas, nas quaes se deu, como se dá ainda a instrucção militar aos cidadãos, sem os precalços da arregimentação nos corpos de tropa e sem prejuizo das actividades civis, que a caserna prejudicaria.

No Maranhão, esteve a serviço do Governo estadual, commissionado em ajudante de ordens do Governador, e naquelle Estado, foi chefe da secção local da Commissão de estudos de fortificações da costa, apresentando projecto. Ainda alli, foi chefe do serviço de Material Bellico, e depois, Chefe do Estado Maiór da Região. No Estado Maiór da Artilharia e na Direcção Geral da Arma, por duas vezes occupou o cargo de Adjunto do Gabinete do Director.

Na Fabrica de Polvora sem fumaça de Piquete, em São Paulo, durante a sua construcção, foi delegado da Direcção Geral de Artilharia, assistindo a montagem do machinario, e depois da inauguração foi por nomeação, Chefe do grupo de serviços em dois grupos (fabrico de acidos e nitração).

De Capitão a Tenente-Coronel foi membro, quasi que constante, de todas as commissões de estudos de Material

de Guerra (armamento e munições). Exerceu os commandos da Fortaleza de Imbuhy, do 2.º Grupo de fortificações da Córsta, os de Sector de Leste no 1.º Districto, do 1.º Grupo e da Fortaleza de Santa Cruz. Occupou os commandos do 2.º Regimento de Artilharia Montada no Rio de Janeiro, do 5.º Regimento, em São Gabriel, no Estado do Rio Grande do Sul, da 3.ª Brigada de Artilharia e ainda, interinamente, o da 8.ª Região Militar, no Maranhão e Piauí.

Foi por duas vezes nomeado director de manobras annuaes em São Paulo e no Estado do Rio, e foi por quatro vezes membro do Jury do Campeonato annual de Tiro no Rio de Janeiro e muitas vezes de concursos regionaes de Tiro.

Foi tambem designado para varias commissões technicas de character reservado no Ministerio da Guerra e um na Marinha, para escolha de canhões para o Forte de Obidos, com estudo e relatorio technico do material recebido

Teve algumas designações para inqueritos e Conselhos de Justiça Especiaes, exigentes de especialisação technica e grande tacto, na intercurrencia de conflictos de jurisdicção.

Em 1922, concorreu á frente do 2º Regimento de Artilharia Montada, á parada do Centenario da Independencia Brasileira, e no fim do mesmo anno, a seu pedido, passou para a Reserva de 1.ª classe da 1.ª linha do Exercito, com a graduação de Marechal.

Embóra na Reserva, acompanhou todos os progressos militares verificados desde então, mantendo-se em estado de efficiencia para retomar a actividade em qualquer emergencia, e, ainda mesmo liberado definitivamente pela Reforma, concedida só agora em começo de 1936, pretendia continuar attento aos progressos da technica militar, emquanto lhe restasse energia e capacidade, porquê, segundo elle mesmo dizia, queria ser até o fim um soldado digno do nome e prompto para servir a Patria, honrando-se com a sua conducta e com a sua fé de officio, e honrando assim a sua terra natal da qual nunca se esquecia, legando á sua gente um nome de que ella se orgulhasse.

O Marechal Claudio possuia a grande medalha de Ouro do Mérito Militar, que conservava como uma reliquia do seu serviço activo, e muitos documentos extremamente honrosos, que fazem o histórico de sua vida de soldado, cheia de dedicações á sua carreira.

Ainda há pouco tempo, como Presidente do Centro Paulista no Rio de Janeiro, ainda que justificando o movimento paulista, do qual só dissentiu no modo pelo qual se manifestou, e cuja inefficacia militar e decorrentes danos previu nitidamente, demonstrando-o com abundancia de detalhes no mesmo Centro, em memoraveis reuniões, sem tibieza de animo e despertando por isso, por sua franqueza e coragem civica, descabida animadversão, impediu com sua força moral, embora apoiando o ponto de vista paulista, que o Centro se desmantelasse a serviço da falsa pretensão de servir á revolução de S. Paulo, que, em verdade, abrigava o desejo de alguns, de delapidarem o patrimonio social, como ficou patente, depois que a tempestade passou.

O Marechal Cláudio da Rocha Lima casou-se em Maãos, a 22 de Outubro de 1902, com D.^a Zelinda Araripe da Rocha Lima, da familia Alencar Araripe Sucupira, ramo do Ceará, da qual possuia diversos filhos, e falleceu há poucos mezes na cidade do Rio de Janeiro, no dia 13 de Março de 1936 em consequencia de uma operação. Como se previsse a propria morte e num ultimo gesto quizesse demonstrar o seu amor ao seu Estado natal, desprezou os grandes hospitaes do Rio de Janeiro, para operar-se num hospital de bairro, modesto, mas que trazia um grande nome — o “Hospital São Paulo”. O Marechal Rocha Lima morreu cercado do respeito geral e da estima de quantos o conheceram de perto, sendo-lhe prestadas as honras militares a que tinha direito, pelo governo da Republica e Estado Maior do Exército brasileiro.

DR. REYNALDO PORCHAT

Reynaldo Porchat nasceu em Santos, na Villa Nova, a 23 de Maio de 1868, como filho legitimo de Victorino Porchat e de Da. Prudencia da Silva Porchat.

Aos sete annos de idade foi para S. Paulo onde iniciou seus estudos no collegio Ypiranga um anno depois. Aos 15 annos entrou para o commercio, trabalhando na Casa Nothman & Cia. em sua terra natal, de 1883 a 1884, anno em que voltou para São Paulo. Entrou então para o curso annexo á Faculdade de Direito onde proseguiu seus estudos, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, onde estudou no Mosteiro de São Bento. No “Curso annexo” da Faculdade teve elle como professores, Julio Ribeiro,

Padre Chico, Galvão Bueno, João Kopke, Lapa Trancoso e outros cidadãos de renóme.

No Mosteiro de São Bento no Rio, travou conhecimento com o Dr. Milciades de Sá Freire, com quem seguiu fraternalmente o curso juridico, matriculando-se ambos na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1888. Collou o gráu de bacharel naquella Academia em 26 de Dezembro de 1891.

Em sua phase academica, Reynaldo Porchat foi um dos membros entusiastas do "Club Republicano Academico"



Dr. Reynaldo Porchat

propagandista das idéas em favor do novo regimen, sendo ahi, um dos redactores do periódico politico da Faculdade "A Republica", organ dos estudantes de Direito, e reconhecido como um dos arautos da campanha contra o terceiro reinado.

Em 1891, havendo uma vaga de lente substituto na Faculdade que frequentára, entrou em concurso para provimento da mesma, apresentando a dissertação "DA POSIÇÃO JURIDICA DOS ESTADOS FEDERADOS PERANTE

O ESTADO FEDERAL". Aprovado unanimemente, foi nomeado para aquelle cargo, por Decreto de 18 de Outubro de 1892, do qual tomou posse a 23 do mesmo mez e anno. Os membros da Congregação que o approvaram foram os eminentes professores: Cro. Leoncio de Carvalho, Brasílio Machado, Brasílio dos Santos, João Monteiro, Vicente Mamede, Pedro Lessa, João Mendes Junior, Oliveira Escorel, M. P. Villaboim, Almeida Nogueira, Pinto Ferraz, Candido Motta, Alcantara Machado, Amancio de Carvalho, Ulpiano de Souza, Gabriel de Rezende e Veiga Filho, sendo director da Faculdade e presidente da Congregação o Barão de Ramalho.

Depois foi promovido a lente cathedratico de Direito Romano na mesma Faculdade na vaga aberta com a aposentadoria do Dr. Frederico Abranches, por Decreto de 20 de Julho de 1903, tomando posse do novo cargo a 27 do mesmo mez, e, no periodo presidencial do Dr. Fernando Prestes exerceu as funções de 1.º delegado auxiliar, durante dois annos.

Foi Fiscal do Governo Federal no Collegio de São Luiz dos Jesuitas, em Itú, nomeado pelo Dr. Epitacio Pessoa, então Ministro da Justiça e Negocios Interiores da Republica. Eleito Senador Estadual em 1923, serviu por dois annos, renunciando o mandato em 26 de Dezembro de 1925, por occasião dos debates em torno da famosa "invernada dos Bombeiros", como protesto solemne e publico contra a sua alienação pelo governo paulista; renuncia e protesto esses que acabaram por provocar o afastamento da idéa e do prejuizo certo do Estado.

Em 1930 foi o illustre santista nomeado pelo Dr. Getulio Vargas, para o elevado cargo de Director da Faculdade de Direito de São Paulo. Foi presidente do Rotary Club de São Paulo e foi um dos fundadores com o Conselheiro Antonio Prado, do "Partido Democrático".

Quando estudante ainda, fôra Reynaldo Porchat professor de Historia Patria no Lyceu de Artes e Officios de São Paulo, e, annos mais tarde chegou a ser seu Presidente, sendo hoje Presidente Honorario do mesmo renomado Instituto.

Por ter sido um dos advogados indicados pelo Tribunal de Justiça de S. Paulo, foi nomeado Membro do Tribunal Regional da Justiça Eleitoral em S. Paulo, ali servindo como juiz por mais de dois annos, tendo deixado o cargo quando foi nomeado Reitor da Universidade de São Paulo, pelo Dr. Armando de Salles Oliveira, interventor federal, em 1934,

honra indisfarçavel que, merecidamente o collocou no elevado pedestal da fama.

E' o membro mais antigo do Conselho Nacional de Educação, fazendo parte delle desde a sua fundação em 1911, quando ainda se denominava Conselho Superior de Ensino, unanimemente eleito pela Congregação da Faculdade de Direito de S. Paulo, sendo actualmente seu Vice-Presidente, eleito tambem em unanimidade pelos membros do Conselho.

Foi membro do Comitê correspondente do "Groupement des Universités et Grandes Écoles de France" que fundou em S. Paulo o "Lyceu Franco Brasileiro", e é hoje, membro do "Comité França-America", sendo membro tambem da Sociedade de Geographia de Lisbôa, e da Academia Paulista de Letras, e, ultimamente, titular da Ordem da Educação da Republica Portugueza.

Os seus multiplos affazeres e os grandes estudos a que constantemente se submette, em favor do ensino juridico de S. Paulo, tem impedido a Reynaldó Porchat o publicismo volumoso que seria de esperar de sua capacidade, mas, os seus trabalhos, embóra em pequeno numero, sobresaem pelo grande valor, revelando o profundo mestre que elle é, e a sua extraordinaria cultura.

A personalidade de Reynaldo Porchat tem sido tratada em obras e jornaes diversos, sendo de notar as referencias a seu respeito, existentes na "Historia da Faculdade de Direito", de Spencer Vampré, no "Folheto Commemorativo da Academia Paulista de Letras" e nas "Figuras e phrases" de Netto Campello, significando o seu nome, a continuação das glorias Moraes e scientificas da cidade de Santos, ao lado de outros filhos illustres, do momento.

Ainda agora acaba o eminente santista, de chegar do Velho Mundo, para onde fôra em fins de Setembro de 1935 em caracter privado, a percorrer os seus centros scientificos mais ligados ao Brasil. Poude elle, em cinco mezes de peregrinação verificar o que havia de novo e digno de nota nas Universidades da Inglaterra, França, Portugal e Hespanha, só deixando de ir á Allemanha por falta de tempo, enviando para lá, porém, seu filho e secretario particular, o Dr. Alcyr Porchat, afim de estudar por si o ensino superior daquelle grande paiz, onde, aliás, já estivera em 1930, em contacto com as summidades allemãs. Na França visitou detidamente tudo quanto achou mais interessante, collocando-se em contacto directo com as maiores personalidades do

mundo intellectual francez, tendo sido recebido com a maior cordialidade pelo reitôr e pelos professores da Sorbonne, tendo occasião de palestrar varias vezes, não só com o grande amigo de S. Paulo, o professor Georges Dumas, como com os mestres Martinenche, Pierre Janet e outras sumidades do pensamento francez contemporaneo. Há a salientar nesta visita, a especial homenagem que lhe prestou o "Comité France-Amerique" que foi incansavel em provar o seu interesse pelas cousas do ensino no Brasil, e em cujos salões se realizaram conferencias dos professores Deffontaines e Garric, de assumptos brasileiros, tendo o Dr. Reynaldo assistido a todas ellas e muitas vezes assumido a presidencia da reunião.

Ainda em Paris, visitou tambem, em companhia do professor Martinenche, a Cidade Universitaria, cujos planos lhe foram explicados pelo seu presidente, o professor Honnorat, antigo Ministro da Educação da França.

Na Inglaterra, não foi menos brilhante a sua estadia, tendo sido recebido pelo reitôr da Universidade de Londres, verificando ahi, mais uma vez, a elevada linha de espiritualidade e educação que caracteriza o ensino inglez. Teve então a oportunidade de retribuir a visita que fez á Universidade de S. Paulo, Lord Mac Milan, o qual recebeu-o com as maiores attensões, tendo o prazer de, a seu convite, almoçar com elle na Camara dos Lords, e assistir a uma reunião da Suprema Côrte de Justiça da Inglaterra.

Na Hespanha, visitou a Universidade de Madrid, que, funcçãoando em antigo predio, já improprio para accudir ás necessidades do ensino, estava sendo mudada para o local da Cidade Universitaria em construcção.

Nesse paiz, o nosso Embaixador, Snr. Alcibiades Peçanha e o secretario da Embaixada, Snr. Fernandes Pinheiro, foram prodigos em attensões para com o illustre santista, facilitando-lhe os meios de conhecer pormenorissadamente a Cidade Universitaria, onde lhe foi dado conhecer pessoalmente o autorizado professor Posada. Ainda na Hespanha visitou a tradicional cidade de Salamanca, que meréce a attenção dos forasteiros devido ao estylo medieval de suas construcções. Teve occasião ainda de travar conhecimento com o notavel professor Unamuno, que embóra velho estava ainda em pleno vigor physico e intellectual.

Antes de ir a Salamanca, esteve o Dr. Reynaldo Porchat em Portugal, em Lishôa, no Porto e em Coimbra. Nesta ulti-

ma foi elle recebido com as maiores provas de acatamento, tendo podido assistir ahi, por feliz coincidência, a duas interessantissimas festas universitarias, sendo uma a inauguração da sala da França na Bibliotheca da Universidade, e outra, a collação de grau de doutor "honoris causa" de um notavel medico de Strasburgo. A convite da Congregação tomou lugar em uma tribuna da tradicional sala dos Capellos, de onde poude contemplar todo o ceremonial complexo, desde a procissão pelo pateo da Universidade, que acompanhava o futuro doutor, até a collação de grau pela imposição do "capello" que foi feita pelo Director da Faculdade de Medicina.

Na cidade do Porto recebeu-o com as expansões mais fidalgas o professor Mendes Corrêa, muito conhecido dos brasileiros, visitando em sua companhia a Universidade, tendo tomado parte num almoço com que o honrou o Director da mesma Universidade.

Em Lisbôa recebeu manifestações muito cordiaes do Director da Faculdade de Direito, o jurisconsulto Abel de Andrade, e ahi, tendo demonstrado o desejo de assistir a uma prelecção na Faculdade, o Director lhe apresentou o professor de Direito Administrativo Fezar, a cuja aula teve o prazer de assistir, fazendo-lhe este, ao terminar a sua licção, uma saudação em termos enaltecedores, que encerravam tambem grandes louvôres a S. Paulo e á sua terra.

E assim, cumpriu o eminente santista, uma das suas varias peregrinações aos vélhos centros de cultura, elevando perante as maiores summidades europeas, o renóme cultural de S. Paulo e do Brasil.

Ultimamente o governo francez concedeu-lhe por merecimentos o gráu de Cavalleiro e a condecoração da Legião de Honra.

Alem dos numerosos artigos, trabalhos didacticos e pareceres sobre assumptos juridicos, o Dr. Reynaldo Porchat escreveu e publicou o seguinte:

1 — "Da posição juridica dos Estados federados perante o Estado Federal" — (Dissertação com que concorreu á vaga de lente, havida na Faculdade de Direito de S. Paulo. — 1897).

2 — "Curso Elementar de Direito Romano" — 1 grosso volume in — folio, (Esta obra foi reputada pelo Dr. Spencer Vampré, tambem notavel jurisconsulto, como a mais importante contribuição romanistica em lingua portugueza.)

3 — "Retroactividade das Leis civis" — Monographia.

4 — “A pessoa physica em Direito Romano” — Um volume in — folio.

5 — “Discursos” — (Pronunciados em diversas solemnidades da Faculdade e tachygraphados para a imprensa) — 1 Vol. in — folio.

DR. ADOLPHO PORCHAT DE ASSIZ

(DR. PORCHAT)

Adolfo Porchat de Assiz nasceu em Santos, no dia 20 de Julho de 1868, como filho legitimo do Commendador Antonio Justino de Assiz e de Da. Maria Carlota Porchat. Estudou as primeiras letras na escola do padre mestre Francisco Gonçalves Barroso, o conhecidissimo padre Barroso, republicano e abolicionista violento, de muita tradição em Santos.



Dr. Adolpho Porchat de Assiz

De intelligencia viva e sagaz, logo venceu as primeiras difficuldades da instrucção, tornando-se decurião da classe, isso em 1878. Esse collegio do Padre Barroso funcionou na Rua do Rosario esquina da Rua Itororó.

Mais tarde Adolfo Porchat transferiu-se para Itú onde cursou o afamado Collegio São Luiz, mudando-se depois para o Rio de Janeiro onde terminou o curso secundario, matriculando-se por fim na Faculdade de Medicina da capital do paiz.

Ahi, durante o tempo academico dedicou-se ao jornalismo, tendo militado na imprensa carioca, no jornal “O Paiz”, no “Diario de Noticias”, sob a direcção de Alcindo Guanabara e Ruy Barbósa.

No Rio de Janeiro, naquella época a “colonia santista” era diminuta e foi preciso reforçal-a com alguns rapazes de São Paulo para constituirem uma “republica”. Tal “republica” respondia pelo nome de “Gopichilogranos”, porque, no primeiro almoço, reunida toda a “companhia”, foi pedida

uma syllaba a cada um dos sete principaes comparsas, ficando assim denominada a inolvidavel "republica" da rua Princesa Imperial, em 1887, onde se debatiam problemas importantes da actualidade brasileira, onde se trocavam idéas, onde se diziam versos e se commentavam autores, entre phrases arrebatadas, discursos inflammados, pilherias e tiradas philosophicas, tendo como "dictador da casa" e "leader" da "academia particular" o nosso biographado.

Morigerado, de maneiras apuradas, Adolpho Porchat fazia-se estimar de todos, honrando a sua geração academica com o seu apurado talento e refinada galanteria.

Em seu segundo anno de Academia, deu uma fugida á Europa, percorrendo os principaes paizes do velho mundo, o que muito aproveitou ao seu espirito arguto e observador.

Voltando ao Rio de Janeiro, quando cursava o 3.º anno medico, por desfastio resolveu prestar exames da série na Bahia, o que fez com brilhantismo, e, de volta ao Rio, continuou seus estudos na Faculdade, cultivando ao mesmo tempo e com ardor os estudos de linguistica, que por algum tempo havia deixado. Collou gráo em 1895, apóz um curso brilhantissimo, apresentando á Congregação da Faculdade, para obtenção do titulo de doutor em Sciencias Medico-Cirurgicas, sua these versando sobre o thema "EMOÇÕES".

Por essa época contrahiu nupcias no Rio de Janeiro, com Da. Diva Ferreira De Lamare, voltando em seguida para sua terra natal, onde abriu consultório.

Em Santos, suas actividades foram de um filho digno e progressista. Foi Consul da Republica do Uruguay, medico da Camara Municipal, da São Paulo Railway Company, da Associação Beneficente dos Empregados da Companhia Docas, da Santa Casa da Misericordia e de outras instituições publicas ou particulares, assistindo as epidemias de peste bubonica e de fêbre amarella, occasião em que prestou relevantes serviços ao povo, soccorrendo principalmente aos pobres e necessitados.

Dedicou-se em sua terra tambem ao jornalismo, mas especialmente ao magisterio, onde exerceu verdadeiro sacerdócio, tendo sido um dos primeiros directores da "Academia de commercio José Bonifacio", afamada escola por onde passaram muitas das figuras mais importantes do commercio e das finanças actuaes; da "Associação Instructiva "José Bonifacio" e do "Lyceu Feminino Santista", do qual tambem foi fundadôr, sendo que nesta, ao lado de sua mulher, uma das grandes benemeritas da importante Escola.

Foi também professor do Instituto D.^a Escolastica Rosa e de outros estabelecimentos de instrução locais.

Exerceu por muitos annos o cargo de director e professor de varias escolas, sempre com a mesma dedicação e a mesma proficiencia. Leccionou geographia, matéria em que era versadissimo, a ponto de merecer o titulo de Socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Foi fundador e director do "Atheneu Santista", conhecido e conceituado estabelecimento de ensino primario e complementar, por espaço de quasi quatro lustros. Mais tarde, quando se tivér de aferir o merecimento dos responsaveis pelo adiantamento da nossa cultura e pela ausencia do analphabetismo em alta porcentagem em Santos, a figura de Adolpho Porchat, há de resaltar entre as figuras notaveis dos apóstolos da nossa instrução, como credor da estima e da veneração da posteridade.

Sua dedicação e seu carinho por este problema social foram tão grandes, que chegou a ser cognominado de "O pae da Instrução".

Adolpho Porchat de Assiz foi o organisador do serviço da fiscalisação do leite em Santos, no tempo em que esse precioso alimento ainda podia ser tomado com alguma confiança.

No terreno da imprensa, collaborou o Dr. Porchat em diversos jornaes santistas e redigiu com Henrique Porchat de Assis o "Annuario Santista", publicação do "Diario de Santos" pelos annos de 1902-1903.

Foi o organisador dos "Jogos Floraes" em Santos, verdadeiros certamens literarios, de muita época, que muito depunham em favor da sociedade santista e que, infelizmente, não continuaram. Desses "Jogos Floraes", realizados com grande pompa e extraordinaria frequencia no "Colyseu Santista", nos annos de 1912, 1913, 1914 e 1915, conservam-se hoje, como lembrança de tão brilhantes certamens, alguns exemplares da "Polyanthéa", onde apparecem trabalhos de alguns autores, hoje grandes poétas, escriptores e jornalistas do Estado e do Brasil, tudo producto do esforço de um homem, que não teve quem o substituisse e levasse avante tão importante commettimento.

O Dr. Porchat era uma das figuras obrigatórias em iniciativas de todo o genero em sua terra, sendo estimadissimo e acatado por todas as camadas, que viam nelle sempre o mesmo coração aberto, humanitário, o mesmo espirito pro-

gressista, o mesmo homem culto, bom pae, bom amigo, esposo exemplar e excellente cidadão.

Seu fallecimento deu-se no dia 31 de Julho de 1933, sendo sepultado no cemitério do Paquetá, no coração da terra que elle tanto amou e de que se orgulhava, constituindo o seu enterro uma extraordinaria homenagem popular ao illustre santista desaparecido.

De tudo quanto produziu sem a preocupação da sua propria pessoa, em favor do próximo, ficou apenas reunida em volume, a sua

“Emoções” — These de Doutoramento — apresentada á Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — 1895.

ALBERTO SOUZA

Alberto Souza nasceu em Santos, a 20 de Junho de 1870, como filho legitimo de Francisco Antonio de Souza e de D.^a Constança Josephina de Souza.

Fez seus primeiros estudos em sua terra, no antigo collegio “Juvenato Santista” do conceituado professor Tiburtino Mondim Pestana, por onde passaram tambem seu irmão, o poeta Angelo Souza, o jornalista e escriptor José Baptista Coelho, Gastão Bousquet e tantos outros vultos illustres da sua geração.

Desde a idade de quinze annos, seguindo uma natural propensão dedicou-se ás luctas da imprensa, trabalhando no “Diario de Santos” e em outros jornaes locais desde aquelle tempo. Com dezesete annos brilhava entre os jornalistas da

Abolição, fundando com Gastão Bousquet “A Revista”, folha literaria e republicana, e defendendo a libertação dos escravos, ao lado de Vicente de Carvalho, Gastão Bousquet, Arthur Andrade, Candido de Carvalho, Constantino Mesquita, Antonio Augusto Bastos, Felix Carneiro, Sylvério Fontes, Julio Ribeiro e tantos outros, pelas columnas do “Alvor”, do “Piratiny”, do “O Patrióta”, do “A Idéa Nôva”, do “Diario de



Alberto Souza

Santos", o grande paladino da causa, e do "Jornal da Tarde", como parte da mocidade brilhante da cidade, que secundou a grande acção de Geraldo Leite, Americo Martins, Ricardo Pinto, Rubim Cezar, Santos Garrafão, Quintino de Lacérda, Julio Conceição e mais vultos eminentes da campanha ajudando a realisação da mais bella pagina de sentimento e civismo da America do Sul. Vêm desde ahi, desse periodo agitado da historia da cidade, a sua grande admiração e a sua amizade por Vicente de Carvalho, manifestadas sempre, em todos os periodos de sua vida, na recordação por elle mesmo feita de passagens communs a ambos; na critica por elle realizada de varias obras poéticas do grande vate conterrâneo, e, finalmente, no desempenho de um cargo da confiança de Vicente de Carvalho, quando este occupava a Secretaria do Interior do Estado de S. Paulo, em 1892.

O merecimento de Alberto Souza na campanha abolicionista é cousa incontestavel, e, o que não deixa de ser interessante, nunca foi por elle allegado em conversas ou em trabalhos escriptos, motivo porquê sempre passou muito despercebido.

Em 1888 redigia "O bisturi", folha de combate, e logo no mesmo anno tornava-se um dos collaboradores de fundação da "Platêa", ambos em São Paulo.

Nesse mesmo anno entrava para a redacção da "Provincia de São Paulo", sob a direcção de Rangel Pestana e Julio Mesquita.

Em 1892, sendo Vicente de Carvalho nomeado Secretario do Interior, no Governo Cerqueira Cesar, cargo que desempenhou tambem em parte do governo Bernardino de Campos, foi Alberto Souza convidado por elle para seu secretario de gabinete, cargo que desempenhou por todo o tempo em que lá permaneceu o jurisconsulto e poeta santista.

Antes disso, em 1890, trabalhára, ainda com Vicente de Carvalho, no "Diario da Manhã" em Santos, orgam fundado pelo "Centro Republicano" a grande corrente republicana formada pela scisão havida no seio do Clube Republicano Santista, em consequencia da discordancia havida na apresentação do candidato official á deputação pelo Districto, em apoio á candidatura Julio de Mesquita.

Voltou depois para S. Paulo, onde com Antonio de Godoy, Carlos de Campos e Herculano de Freitas trabalhou no "Correio Paulistano"; dirigiu mais de uma vez o "Commercio de

S. Paulo”, fundou “A Nação”, o “Iris” e “O Rebate”, collaborou na “A Gazeta” no “S. Paulo Imparcial” no “Gil Braz” e por fim dirigiu com muito brilho o “São Paulo Jornal”, collaborando porem em grande parte dos jornaes de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, como em quasi todas as grandes revista nacionaes. Tornou-se intimo amigo de Julio de Mesquita, Rangel Pestana, José Maria Lisboa e de outros grandes jornalistas, sendo os seus trabalhos muito conhecidos e estimados. Era mestre na polemica e arrazava os seus contendores a golpes de jornalismo brilhante, mercê dos seus profundos conhecimentos philosophicos e sociâes como da sua expontaneidade de inspiração.

Foi tal a sua habilidade jornalistica, que ainda aludindo ás manifestações violentas e até certo ponto reprovaveis de algumas campanhas a que inexplicavelmente desceu Alberto Souza, dizia Vicente de Carvalho “que éra uma honra ser agredido por Alberto Souza”.

As suas primeiras produções em prosa e verso, como dissémos, foram feitas em 1886/1887, quando ainda contava apenas dezeseis ou dezesete annos e não havia feito, como fez mais tarde, os seus estudos superiores, mas, os seus primeiros livros appareceram sómente a começar de 1898, quando já senhor de todas as suas faculdades e quando publicou o seu opusculo “Espiritualismo e Positivismo” que tanta época fez em São Paulo; occasião em que adoptou para todas as suas obras, a divisa literaria “DROIT ET AVANT”.

Em 17 de Janeiro de 1895 em artigo publicado na “Platéa” declarou Alberto Souza retirar-se do jornalismo por ter adherido ao Positivismo, do qual se separou em 1898, encarregando-se da fundação da “Cidade de Santos”, orgam do Partido Republicano de sua terra.

Vamos deixar que elle mesmo conte, uma parte das suas actividades bohemias e literarias em São Paulo, pelo seguinte trecho do seu livro “Amadeu Amaral”, de 1918:

“Com Amadeu Amaral, e ao lado de outros galhardos talentos e corações generózos, percorri um dos melhores e mais bellos trechos da mocidade; sejam por isso, quaes forem os successos occorridos no contradictorio e tumultuário perpassar dos tempos, enquanto no meu peito os estos da emoção pulsarem hei de evocar saudosamente essa risonha quadra de visões utópicas, amortalhada no sudario glacial dos dias idos.

Eramos eu, o Julio Ramos, o Simões Pinto, o Amadeu Amaral, o Alberto Azevedo, o Arthur Andrade, o Adalgiso Pereira, o Pereira da Silva e o Antonio Sattamini de Oliveira, reformado, por ferimentos recebidos durante o cerco da Lapa, no posto de sargento da Republica.

Faziamos ponto habitual de reunião n' "A Paulicéa", confeitaria que existiu há cerca de vinte annos, á rua Quinze, nas proximidades do local onde foi outróra estabelecida a casa de pianos do velho Levy. O seu proprietario, o Samuel de Mattos, um incorrigivel bohemio carióca, já entrado em annos, magro, caréca e palrador, dotado de intelligencia viva, mas inculta, tinha uma quéda fatal pelas letras e pelos moços que ás letras se dedicavam. Intervinha, a cada momento, nos nossos quotidianos debates, com grave e damnosos esquecimento dos seus interesses profissionais. Aconteceu, portanto, o que não podia deixar de acontecer; enquanto os jovens artistas prosperavam literariamente, estudando, produzindo, conquistando applausos, conseguindo nome, elle, embebido na eloquencia de nossas acaloradas palestras e deliciando-se com o requintado sabor dos nossos paradoxos imprevistos, arruinava-se vertiginosamente, até que um dia, achando-se ás portas da insolvencia, fechou o estabelecimento. Nesse ruidoso cenáculo, onde as horas de nossa juventude transcorriam placidas e venturósas, além do pão material que recobria as delgadas lascas de presunto inglês, das nossas parcas refeições nocturnas, devoravamos, com aguçado appetite, o symbolico pão espirital de que se nutriam nossas aspirações sempre famélicas. ,

Quando Vicente de Carvalho ou Francisco de Escobar vinham a São Paulo, a orgia literaria tomava proporções inauditas, incompativeis com os estreitos recursos monetarios de que dispunha cada um dos outros. Iamos então, jantar ao Guarany, no restaurante annexo ao café; e as nossas confabulações prolongavam-se pela noite a dentro.

Ás vezes reuniam-se todos á mesa de jantar de minha casa; e, após o ágape, modesto e sóbrio, mas jovial e fraterno, passavamos para o gabinete de trabalho, a permutar impressões, a provocar disputas, a architectar projectos grandiosos, a celebrar os mystérios

da Arte glorificadora, que nós amavamos, na belleza, na majestade e na supremacia de suas complexas manifestações e formas. Foi ahi que, numa noite memoravel, nos deleitou Vicente de Carvalho com as primicias de sua "Rosa, Rosa de amor..." uma das suas virides coroas de triumpho eterno; foi ahi que Jacomino Define, já medico formado, de regresso da Europa, onde fizera o curso e frequentára clinicas e laboratórios de fama, nos deu a conhecer, sua extraordinaria novella "Sanie", não publicada até hoje, e seu conto magnifico "Mãe d'agua", inédito até então".

Poéta primoroso e escriptor elegante, faltou apenas a Alberto Souza um titulo, um Dr. talvez, precedendo seu nôme para que elle se projectasse a alturas inauditas, porque nesta terra, a capacidade apenas realiza cincoenta por cento do futuro, cabendo os outros cincoenta aos titulos, ao ambiente e ás bajulices do individuo. Entretanto, quando Alberto Souza escreveu a sua penultima obra "Os Andradas", Rocha Pombo e Capistrano de Abreu, os grandes mestres de Historia, escreveram-lhe do Rio de Janeiro, honrosissimas cartas, aliás publicadas pela "A Tribuna" de Santos, em que diziam ser a mesma obra um dos trabalhos mais completos e mais brilhantes, que se havia até então escripto no Brasil sobre Historia e genealogia.

Alberto Souza na ultima phase de sua vida jornalistica trabalhou algum tempo para "A Tribuna" local, onde fez época com seus escriptos sempre brilhantes e magistrães, demonstrando os profundos conhecimentos philosophicos, scientificos, literarios, históricos e sociaes do autôr.

Pouco tempo antes de sua morte, a Universidade de Virginia nos Estados Unidos, tendo em alta conta o seu grande preparo em sciencias sociaes, conferiu-lhe o grão de doutor "in honoris causa".

Alberto Souza era tambem, Membro do Instituto Historico de Pernambuco e do mesmo Instituto de Bello Horizonte.

Sua bagagem literaria, regularmente numerosa, diz bem, pela qualidade, da sua grande cultura e da sua capacidade de escriptôr e poeta.

Alberto Souza falleceu em São Paulo, no dia 28 de Setembro de 1927, resolvendo a Camara de Santos realizar á sua custa, os funeraes do illustre morto.

São as seguintes além das suas centenas de trabalhos esparsos, as suas obras impressas:

1 — “Espiritualismo e positivismo” (Carta a um cidadão positivista) — Opusculo de 20 paginas — 1.^a edição impressa em S. Paulo. 1898. 2.^a edição impressa no Rio de Janeiro — 1901.

2 — “Espiritualismo e positivismo” — (Polemica philosophica) Opusculo de 44 paginas. 1898.

3 — “Brasil — Paraguay” — (Apreciação histórica e philosophica da campanha contra o Paraguay) — 1 volume de 176 paginas. 1898.

4 — “A Antonio de Godoy” — (“Plaquette” de 10 páginas, edição especial). 1898

5 — “Memoria Historica sobre o “Correio Paulistano” — 1 volume de 78 paginas, com 2 retratos e 1 planta. (1904)

6 — “Excursão á Ilha dos Búzios” — de collaboração com Antonio de Godoy. 1 volume de 123 paginas. (1906)

7 — “Pontos de vista” (Episódios de critica e de história) — 1 volume de 152 paginas. (1909)

8 — “De tudo para todos” — Prósa — (1912).

9 — “Livro dos amores” (Versos) — 1 volume de 94 paginas. (1914)

10 — “A Municipalidade de Santos perante a comissão de saneamento” (Polemica com o Dr. Saturnino de Brito) — 1 volume de 255 paginas, com uma planta da cidade. (1914)

Esta polemica fez época em Santos, dividindo a opinião publica em duas partes, uma favoravel ás suas idéas, e outra favoravel ao grande hygienista.

11 — “A População de Santos” (Recenseamento Municipal de 31 de Dezembro de 1913) — 1 volume de 248 paginas, com muitas photographias e 1 planta. (1914)

12 — “Estudos Demographicos” (A população de S. Paulo no decenio de 1907-1916.) 1 volume de 111 paginas. (1917)

13 — “Amadeu Amaral” (Urzes, Névoa, Espumas) Opusculo de 45 paginas, composto de artigos publicados na “A Gazeta” de S. Paulo, em Junho de 1918, reproduzidos no mez seguinte pelo “São Paulo Imparcial” e editados por essa Empreza em caprichoso volume encadernado, sob esse titulo.

14 — “Os Andradas” (Grande obra commemorativa do 1.^o Centenario da Independencia do Brasil) — Executada por encomenda e por conta da Municipalidade de Santos. 3 grossos volumes, illustrados, com mais de duas mil páginas. (1922)

15 — “O chapéu do lobishomem” (Chronicas, criticas e excerptos de polemicas) — 1 volume de 210 paginas. S. Paulo. (1926)

16 — “Epidemia do Parahyba” no “Brasil Médico”, e “Da proteção legal aos desamparados” — conferencia realisada na Ass. Christã dos Moços.

GASTÃO BOUSQUET

(GASTÃO RAUL DE FORTON BOUSQUET)

Gastão Bousquet, nasceu em Santos a 23 de Setembro de 1870, como filho legítimo do Dr. Alexandre Bousquet, Consul da França em Santos e médico de muito conceito e reconhecido valor.

Os primeiros estudos deste santista foram feitos com o professor Tiburtino Mondim Pestana, no collegio que o antigo pedagogo mantinha em Santos, frequentado então pela melhor gente da cidade e pela mocidade que se evidenciaria desde as campanhas da abolição e da republica, como Arthur Andrade, Alberto Souza, José Baptista Coelho e tantos outros.

Muito moço ainda, iniciou elle a vida de imprensa revelando-se desde logo, dotado de excellentes qualidades de jornalista, tomando parte no ultimo periodo das duas campanhas, abolicionistas e republi-

cana, ao lado dos seus grandes cultos como Antonio Bento, Rubim Cezar, Vicente de Carvalho, José Theodoro dos Santos Pereira, Julio Conceição, Americo Martins dos Santos, Quintino de Lacerda, Joaquim Fernandes Pacheco, Silva Jardim, Henrique Porchat, Victorino Porchat, Ricardo Pinto de Oliveira, João Bernardino de Lima, Geraldo Leite, Affonso Veridiano e tantos outros, realisando acções notáveis que já foram tratadas no historico das duas Campanhas, collaborando em todos os jornaes da época, inclusive nos orgams da mocidade da "Bohemia Abolicionista", no "Piratinny", na "Idéa Nôva" e redigindo pamphletos republicanos de parceria com Alberto Souza.

E' do final desta época, 1887, a fundação, por elle e Alberto Souza, da "Revista" folha literaria e republicana.



Gastão Bousquet

Vencedoras as duas campanhas, o moço idealista tinha então, apenas dezanove annos de idade e já era olhado como um veterano campeão da imprensa. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1889, onde entrou a fazer parte da redacção do "Diario de Noticias" ás ordens de Ruy Barbosa seu redactor-chefe, sendo logo após, redactor dos jornaes cariocas "O Tempo" e "O Paiz", neste sob a chefia de Quintino Bocayuva. Passou em seguida para a "Gazeta de Noticias" de Ferreira de Araujo e dahi para a "Cidade do Rio" onde pontificava José do Patrocínio, seu director, de quem tornou-se intimo e grande amigo, merecendo as maiores atenções do grande jornalista da abolição e grande vulto da republica.

Algum tempo depois era redactor-chefe do "Correio da Manhã" e finalmente redactor-secretario do "Jornal do Commercio", edição da tarde.

Possuidor de peregrinas qualidades de humorista, tornaram-se notaveis e muito apreciadas as secções por elle creadas em diversos diarios do Rio, nas quaes usava o pseudonymo de "J. Reporter".

Gastão Bousquet foi assim, um eminente vulto da imprensa brasileira.

Não se limitou elle porem, apenas á vida jornalística. Durante o tempo em que se afastava dos jornaes, trabalhava sempre, aproveitando o socego do lar, creando tambem um nome de escriptor theatral e romancista, com as suas produções estimadas e bem recebidas, de que trataremos ao final desta breve biographia.

Espirito extremamente religioso, dedicou-se com devotamento a muitas questões religiósas relativas ao crêdo que professava, tendo occasião de publicar uma série de artigos que pretendia reunir em volume ,com o titulo "O mez de Maria", sob o pseudonymo de "Conde de Santa Maria".

Nos seus ultimos annos foi redactor do "Correio da Manhã" e correspondente d'"A Platéia" de São Paulo, cargos que occupava quando morreu.

No periodo do Governo Provisório da Republica em 1889, quando se encontrava na chefia da policia do Rio de Janeiro o Dr. Sampaio Ferraz, Bousquet foi delegado de uma das circumscripções policiaes da cidade, e, quando governava o Estado do Rio o Dr. Alfredo Backer, foi convidado a occupar uma cadeira de Deputado á Assembléa Legislativa do Estado, recusando delicadamente o convite, para não abandonar as suas lidas jornalisticas.

Gastão Bousquet ainda voltou á sua terra em 1901, entrando para a redacção do "Diario de Santos", onde permaneceu poucos mezes, tornando á Capital do paiz, onde durante dezeséte annos foi um dos vultos principaes da imprensa.

Gastão Bousquet falleceu em Nictheroy, a 17 de Março de 1918, sendo sepultado no cemitério de Maruhy.

Alem dos seus innumerados trabalhos da imprensa, são conhecidos mais os seguintes:

- 1 — "Guanabarina" — Revista, de collaboração com Arthur Azevedo.
- 2 — "Santo Antonio" — Burleta.
- 3 — "Nenem" — Revista.
- 4 — "Tá fechado" — Revista de costumes santistas.
- 5 — "O barba azul" — Romance. (Seis edições consecutivas).

Escreveu tambem, chronicas e peças theatraes com o pseudonymo de Felicio Mendes. Bom poeta que éra, publicou muitas poesias em muitos jornaes e revistas de Santos, S. Paulo e Rio de Janeiro, não chegando porem a reunil-as em volume.

O "Jornal do Commercio" do Rio, commemorando o primeiro centenario da sua fundação a 1.º de Outubro de 1927, referindo-se á sua Edição vespertina, cujo primeiro numero appareceu no dia 1.º de Dezembro de 1909, sendo secretario da redacção Gastão Bousquet, fez elogiosas referencias ao seu saudoso secretário, salientando a sua figura como abolicionista e republicano, homem de talento e de character, qualidades principaes que o fizeram estimado por quantos o conheceram.

ANGELO SOUZA

Do legitimo consórcio de Francisco Antonio de Souza com Da. Constança Josephina de Souza, nasceu Angelo Souza nesta cidade de Santos, a 8 de Dezembro de 1871.

Os seus primeiros estudos foram feitos no collegio do professor João Anta e paréce que no do Commendador Tiburtino Mondim Pestana, como João Phoca, Bousquet e outros moços da mesma geração literária.

Angelo Souza porém, não sahiu de Santos, ingressando muito cedo na imprensa local onde consumiu toda sua vida.

Elle foi o typo acabado do poeta antigo, despreoccupado e bohemio, alheio a todas as idéas ou pensamentos utilitários ou materialistas, produzindo versos em qualquer lugar onde estivesse, num bonde ou numa mesa de café, onde muitas vezes deixava sobre o marmore as suas melhores produções expontaneas.

Quando deixou o collegio, Angelo empregou-se no escriptorio commercial de Cezario Coimbra, casa commissaria, como praticante. Algum tempo depois, entretanto, já não supportava mais a disciplina commercial para que não tinha



Angelo Souza

nascido. Nessa occasião, estando desempregado, tomou parte numa assembléa do Club Xavier da Silveira, salientando-se com um discurso que pronunciou, fazendo com habilidade, vingar a eleição do seu grupo, em opposição ao seu irmão Alberto Souza, Constantino de Mesquita, Francisco Marques e outros moços intelligentes da época. Resolveu seu velho pae, deante disso, mandal-o estudar Direito em S. Paulo, matriculando-o na Academia e estabelecendo-lhe uma mesada para seu sustento. Angelo, porem, não parou. Ao fim de um anno via seu pae que era inutil arrancar-o á vida bohemia, porque

Angelo faltava muito ás aulas preferindo a rôda despreoccupada que se formava diariamente no velho "Terraço Paulista", um bilhar que havia no Largo de São Bento. Foi então, que, cortada a mesada costumeira por seu progenitor, empregou-se elle num jornal vespertino do Dr. Jesuino Cardoso, organ de propaganda republicana, como noticiarista, ganhando ahi, o necessario para sua subsistencia. Algum tempo depois, fechando aquelle jornal, Angelo voltou para Santos, onde, durante dois ou tres mezes de desemprego, escreveu uma opereta, em collaboração com o professor Eugenio Assis, opereta que infelizmente não chegou a ser orquestrada e encenada, não obtendo por isso divulgação. Nessa mesma época escreveu um livro de versos, intitulado "CAMPANULAS", collocando-se depois como noticiarista da "Tribuna do Povo", trabalhando ao lado do jornalista Fran-

cisco Pereira que ficou com esse jornal, e depois na "A Tribuna".

Na "Tribuna do Povo" Angelo publicou muitos dos melhores versos de sua lavra, como tambem no "Diario de Santos" do qual era collaborador.

Natureza fragil, adquiriu na vida da imprensa a pertinaz molestia que o arrebataria tão cedo.

O "Indicador Santista" precioso almanach antigo da cidade, editado pelo "Diario de Santos" e que sempre teve os melhores talentos da cidade em sua direcção, começando por Arthur Bastos e Vicente de Carvalho, publicou em 1903 umas notas a seu respeito, de onde extrahimos as seguintes:

"Desde muito cedo, menino ainda, Angelo Souza entregou-se á vida jornalística — foi este o seu viver e resume-se nelle... trabalhos, privações, talento e desgostos — a vida de todo homem de imprensa".

Sabia fazer um jornal como ninguem. Elle só o enchia. Traçava o artigo de fundo, passava a ser o noticiaria, sabia para a reportagem, elaborava um soneto para o centro da pagina e fingia muita vez annuncios quando elles não appareciam no balcão.

Fundou e redigiu uma dezena de periódicos literarios que logo definhavam, como é de ver-se, á mingua de leitores ou de recursos — collaborou no "Diario de Santos" e nos ultimos annos de sua vida trabalhava assiduamente, primeiro na "Tribuna do Povo" e depois na "Tribuna".

Deixou uma collectanea de boas poesias que os amigos cotisados tratam de dar á publicidade, estando já encarregado disso o seu irmão Alberto Souza, cultor de letras tambem.

Na galeria artistica e literaria de Santos, Angelo Souza deve, como poeta, figurar ao lado de Xavier da Silveira.

Angelo Souza era de um lyrismo adoravel, não um lyrico piégas da antiga escola, a chorar amores "ás horas mortas da noite", a inventar tristezas para chorar endeixas...

Filiado á escola naturalista, Angelo Souza era desses poetas da moderna geração, que, nephelibatas por excentricidade, cantam em versos masculos a natureza em lucta, ao mesmo tempo que têm no coração,

um crysol que purifica a dureza da verdade nisto que é o agridoce da Arte nua, do “Nu au salon” dos nossos dias.

O seu mestre predilecto era Guerra Junqueiro, cujos versos elle os dizia como ninguem, sabendo de cór, as estrophes sentimentaes de “Patria”, para não dizer todo o volume de “A Morte de D. Juan”, e, é por isso que em alguns versos delle, ha a virilidade poética de Guerra Junqueiro, no cantar do verso, na fórmula extraordinaria, na verdade do sentir, na pureza do dizer. Cantava Guerra Junqueiro, ou dizia Bilac — e fica assim assignalada uma nova face da poesia de Angelo Souza, pois que tinha na estrophe o sentimento de Bilac, alliado á nudeza dos versos de Junqueiro.

Dando-lhe aos versos, a musica das poesias de Olavo Bilac e o valor dos versos meridionaes de Guerra Junqueiro — precisamos mais dizer de Angelo Souza como poeta?

Erros, tinha... quem não os commette? Demais disso, em Santos nasceu, em Santos se fez, em Santos morreu — foi só um poeta santista.

Viveu da inspiração apenas, das nossas praias, morreu, apenas, sonhando o azul do nosso céu”.

Damos a seguir a ultima producção do poeta dedicado parece á mulhér ideal; — nem de longe decerto se compara ás demais poesias que deixou, mas tem o grande valor de serem os seus ultimos versos, de Setembro, no leito de morte, onde o prostrára voraz tuberculose. Como poeta de raça, nem a typica molestia lhe faltou.

DESCENDO AO TUMULO

*Eis-me chegado ao pé da sepultura,
Desappareço para o mundo agóra.
Entre as névoas mortaes da noite escura
Só tu scintillas, immortal, auróra!*

*Minha existencia, cheia de amargura
Foi um poema singular, senhora:
— Viçosa flor que ao galho se pendura
E que ao rigor do tempo se descóra.*

*Que importa a morte da infeliz matéria
Misto de dor, de fome e de miséria,
E que a tumba, afinal, resume e encerra?*

*Cesse da vida o lugubre escarcéu...
Eu subirei cantando para o céu,
Tú ficarás chorando sobre a terra!*

A fatalidade não consentiu que o seu unico livro de versos lhe perpetuasse melhor a memória. Estava o seu "CAMPANULAS" já impresso na Typographia Andrade Mello, em São Paulo, com alguns exemplares já promptos mas não entrégues, quando violento incendio irrompeu naquella officina, devorando tudo quanto lá se achava.

Angelo Souza falleceu em São Paulo, em casa de seu irmão Julio Souza, a 4 de Outubro de 1901, sendo enterrado lá mesmo na Capital. Tempos depois, um grupo de seus amigos e admiradores, com autorisação do seu referido irmão, mandou fazer uma urna onde foram collocados os seus restos mortaes e que se acha no cemitério do Paquetá, em Santos.

JOSE BAPTISTA COELHO

(JOÃO PHÓCA)

José Baptista Coelho foi um dos literatos e homens de salão mais populares do Estado, sob aquelle pseudonymo, e foram seus paes, Francisco de Paula Coelho, natural de Matto Grosso e D.^a Barbara Bueno Coelho, natural de Santos, da estirpe de Amadôr Bueno, tendo nascido nesta cidade, a 1.^o de Janeiro de 1877.

Os primeiros estudos de João Phóca o "Cavalleiro do Riso" como o chamou um dia a imprensa de Lisboa, foram feitos no melhor collégio de Santos naquela época, a afa-mada escola do Commendador Tiburtino Mondim Pestana, frequentado pela melhor gente da cidade; onde elle foi companheiro de bancos de Gastão Bousquet, Angelo Souza e outros moços que se reveláram mais tarde como representantes da nova geração literaria santista.

Passando a S. Paulo continuou seus estudos no Collégio "Culto á Sciencia" de muita fama, e dali rumou para o Rio de Janeiro onde entrou para a Escola Polytechnica. Sua

vocação, entretanto, éra a Marinha, para a qual nunca poudé entrar, por força do Destino talvez.

No Rio de Janeiro já começára elle uns ensaios jornalísticos quando teve que voltar para sua terra e ingressar no commercio sem o menór pendór. Foi então que elle começou a collaborar no "Diario de Santos" sob o pseudónimo de "João Phóca", para cuja redacção entrou mais tarde abandonando definitivamente a vida commercial.

Naquella occasião havia em Santos, organizado por seu irmão Chico Vicente, moço de muito espirito tambem, um gremio dramatico do qual faziam parte, alem d'elle, Carlito



José Baptista Coelho

Affonseca. Quincas Mendes, Aprigio Macedo e outros elementos da sociedade de então. Começou a produzir peças para serem apresentadas pelo referido gremio e a representar papéis das proprias peças, fazendo época com a sua revista musicada de critica e humorismo "O COMPADRE", musica de Juca Campos, irmão de Isidoro Campós, santista como elle e moço de grande e variada cultura, conhecido pela alcunha de Poscampine. Essa revista foi apresentada no Theatro Guarany com retumbante acceitação, sendo levada á scena por mais de déz vezes.

A comicidade, a graça e a sympathia de João Phóca tornaram-se famósas. Éra elle apparecer em qualquer logar, em palco ou fóra d'elle, e o riso apparecia nos circumstantes, irresistivelmente. De toda a parte reclamavam a sua presença, e ahi começaram as suas viagens por todo o Estado, e por todo o Brasil, em conferencias divertidas e interessantes, eivadas como éram de espirito, intelligencia e cultura.

Não resistimos aqui, ao desejo de reproduzir as palavras que, sobre este santista, teve a escriptora Julia Lopes de Almeida, prefaciando posthumamente o livro "Caiçáras". Eil-as:

O CAVALEIRO DO RISO

Esperava-me uma lancha no cais Pharoux para um passeio na baía, quando Baptista Coelho entrou pela primeira vez em minha casa em Santa Tereza, trazido por uma carta amiga de João Luso, que ficara em Santos esparrinhando talento e tinta num jornal da cidade. Foi isso ha uns bons quinze anos ou mais...

A simplicidade jovial e simpática com que o, então jóven, escritor se apresentou, autorizou-me a confessar-lhe que a sua visita não chegava em momento oportuno, porque as minhas crianças não lhe perdoariam o te-las feito perder um passeio no mar... Querendo, entretanto, conciliar as cousas, perguntei-lhe se não gostaria de ir também connosco, ao menos travaria conhecimento com a nossa linda Guanabara...

— Que sim! respondeu com alegria visível, naquele gesto trêfego e tão seu de sacudir a cabeça em afirmativas amáveis. E logo nos braços magros suspendeu a minha caçula, estourando-lhe no rosto um beijo fraternal.

Foi na lancha, ao largo das aguas que ele nos contou a sua adoração panteísta pelo mar e as grandes vagabundagens a que se afisera nas suas praias santistas, de um pitoresco tão especial e tão encantador. Desde as férias de colegial que as melhores horas da sua vida tinham sido as que passara galgando rochedos solitários, nadando para ilhotas visinhas ao litoral; caminhando pela orla da praia, de pés descalços, calças arregaçadas e chapelão de palha de coqueiro, a trocar impressões com os pescadores humildes, seus amigos, arrancando ostras a ponta de faca das rochas limosas, ou deitando-se na areia de papo para o ar a olhar para o ceu.

O seu melhor, o seu grande sonho, era o de poder fixar em páginas, as suas páginas mais amorosas e mais completas, as impressões desses instantes inesquecíveis de liberdade e de êxtase.

E, confessava, tinha tentado alguma coisa nesse sentido, por uma simples experiência, que não considerava senão como um mero ensaio para obra mais penetrada pela sua emoção e aperfeiçoada pela sua prática no trabalho das letras. Esse ensaio era um livro de contos, de que já tinha publicado alguns.

Escolhera para seu batismo o lindo nome indígena de *Caçaras*, e seria todo de historias praianas em que se reflectissem aspectos diferentes de luz, de gente, e de mar...

Conhecia a fundo os costumes, os termos, as cantigas da população marítima de Santos; ainda era menino e já gostava de ir puxar a arrastão para ajudar os pescadores. Bebera assim a lar-

gos sôrvos o gosto por tudo quanto se relacionava com o mar. Depois de homem iniciara naquela vida de poesia selvagem varios companheiros de estudo, de boémia ou de trabalho, como o Emilio Ruéde, o Cunha e Costa e o João Luso... Algumas das figuras mais interessantes dos *Caíçaras* tinham saltado da vida para o seu livro a pés juntos, num ímpeto irreprimível de poesia ou de pitoresco.

E todo ele irradiava na esperança de poder espelhar nas páginas destes contos a graça e a beleza das praias e dos mares da sua terra.

E' esse livro, que a familia encontrou entre outros manuscritos, nas suas malas de eterno viajante, que hoje é dado á publicidade como um memento para o público, por cuja atenção distraída toda as imagens passam e desaparecem com rapidez...

A deste escritor de coração boníssimo e espirito vivaz, a quem a imprensa de Lisbôa armou com o lindo titulo de — *Cavaleiro do Riso* — quando por dois anos ele se demorou em Portugal fazendo teatro, amigos e conferências, merece ser lembrada por nós todos, seus contemporâneos, seus colegas e seus patrícios, com uma grande saudade e uma imensa gratidão... Humorista, a sua graça espontânea e leve não feria nem magoava ninguem. A lança de batalhador que nervosamente empunhou na mão adestrada não a quiz nunca tingir no sangue azedo de inimigos, nem vibra-la em arremessos provocadores contra quem quer que fosse. O Cavaleiro do Riso não soube brandir armas senão contra os fantasmas da Indiferença e da Tristeza, e nesse combate aliviou penas alheias sem iludir talvez as suas próprias...

Este livro dos *Caíçaras*, ha tanto tempo guardado, esperava ainda o aperfeiçoamento que o autor almejava dar-lhe quando a sua mesa de trabalho não fosse uma mesa de hotel, e quando o seu espirito, cuja reflexão e ironia transpareciam na graça das suas conferências e das suas crônicas, lhe pudesse imprimir todo o carinho do seu amor.

Determinara Baptista Coelho dividir o seu trabalho em duas ordens distintas, devendo a melhor delas ser assinada pelo seu próprio nome e a outra pelo seu pseudónimo: João Phoca. Responsabilizar-se-hia o primeiro pela obra literária e o segundo pela feita sobre o Joelho, na apressada necessidade de atirar para o forno do jornal o pão cotidião. Pois foi exatamente esta a que lhe deu mais nome, pela graça espontânea com que era tecida e o sabor imprevisito dos seus ditos e dos seus conceitos. Chegou-lhe a ser tamanha a popularidade nessa espécie de literatura, que ele teria pelo menos enriquecido, como na América enriqueceu o humorista Marc Twain, se o Brazil, em certo sentido, se parecesse com os Estados Unidos.

Baptista Coelho tinha assim aspirações que o seu talento tornava absolutamente legítimas e que não pôde ver satisfeitas. E, de resto, a sina da maior parte dos seus irmãos de ideal... O seu sonho era poder um dia voltar os olhos para páginas de criação, apurar estes contos dos *Caíçaras*, escrever muito para o teatro, a que aliás deixou algumas peças finas e ainda inéditas, e fazer talvez um romance, cuja visão já se esboçava em scenas palpitantes de realidade, em que retiniria o ouro sobre as mesas de jogo do Guarujá, e deslizariam automóveis doidos pelas areias duras e pardas da praia do José Menino...

Mas o Destino não quiz que o alegre e ruidoso João Phoca pudesse conseguir um lugar plácido para as meditações de Baptista Coelho e enguliu-os no mais ardente momento do duelo em que ambos se empenhavam, sem misericórdia para nenhum dos dois...

E esse, é que é afinal o mais indecifrável e o mais amargo de todos os humoristas — o Destino!"

Após alguns annos de jornalismo e evidencia literária e social em todo o Estado de S. Paulo, voltou ao Rio de Janeiro onde os seus serviços foram reclamados pelo "Jornal do Brasil" como por outros órgãos da imprensa carioca, trabalhando então em diversos delles. Sua preferencia entretanto era pelo "JORNAL DO BRASIL" onde exhibia toda a sua capacidade, até que em 1912, mandou-o aquelle jornal á Europa onde esteve elle pelo espaço de quasi dois annos, percorrendo varios paizes, de onde enviava para a sua folha impressões e reportagens sensacionais e variadissimas, as primeiras talvez que se publicaram naquelle caracter pela imprensa da Capital do paiz, e que dariam juntas um ou dois volumes de boa e divertida prosa.

Alem das conhecidas peças "O COMPADRE", "FADO E MAXIXE" e "Não venhas", estreada no Theatro Apollo, produziu João Phoca muitas outras peças de theatro que fizéram época, e muitas traducções de obras estrangeiras. Muitos manuscriptos, esboços de obras, chronicas, romancetes, contos e criticas deixou elle, alem de uma grande bagagem jornalística, em grande parte inaproveitados e dispersos. Só restou de tudo quanto elle produzia, nas estantes das livrarias para aproveitamento publico, a sua obra "OS CAIÇARAS" collectânea de contos do littoral que ainda hoje é o que existe de melhor no genero. A morte de João Phoca, occorrida na Casa de Saúde de São Sebastião, no Rio de Janeiro, a 3 de Julho de 1916, foi um

desses golpes prematuros, que privou uma sociedade inteira de uma figura indispensavel dentro d'ella, causando um vácuo por longo tempo sentido, no Rio e em sua terra.

Ainda agóra, no Rio de Janeiro, a 2 de Novembro de 1936, por iniciativa do "Centro Carioca", com o concurso da Associação Brasileira de Imprensa e da Santa Casa de Misericórdia, foi prestada uma significativa homenagem á sua memoria, recolhendo-se os seus restos mortaes a um jazigo perpetuo no cemiterio de S. João Baptista.

Descrevendo a solemnidade, vemos no "Correio da Manhã" do dia 3, estas palavras, com as quaes encerramos esta biographia: "Na occasião de ser recolhida ao jazigo a urna, o professor Eustorgio Wanderley, official de gabinete do prefeito municipal, disse algumas palavras, recordando a figura do escriptor extincto.

João Phóca pertenceu á bohemia carioca, que se reunia á tarde na Colombo e no meio da qual se viam as figuras de Bilac, Guimarães Passos e Emilio de Menezes. Como bohemio, era um grande dissipador. GANHOU muito dinheiro e nada deixou.

Veu de Portugal com Chaby e Jesuino Saraiva. Percorreram varios Estados, realizando elle conferencias e representando os outros dois, pequenas peças, com duplo exito artistico e material. Com Abigail Maia e Luiz Moreira esteve varios mezes em São Paulo e o successo não foi differente. O gesto do Centro Carioca de recolher a logar definitivo os ossos de Baptista Coelho repercutiu na cidade com sympathia".

WLADIMIR ALFAYA

(MIMI ALFAYA)

Wladimir Alfaya nasceu em Santos, a 23 de Dezembro de 1879, do legitimo consorcio do illustre santista Comendador João Manoel Alfaya Rodrigues e de D.^a Ida Deolinda de Assis Alfaya.

Desde menino revelou vocação especial para as artes tendo-se dedicado á pintura e ao jornalismo.

Wladimir estudou as primeiras letras em Santos, cursando depois, o Collegio "João de Deus" em São Paulo, passando mais tarde para o "Lyceu Literario Brasileiro", e depois ainda para o "Mackenzie College" onde fez todo o curso secundário, aprendendo tambem o inglez.

Cerca de 1903 mantinha Wladimir, com Anatólio e Cícero Valladares a revista de critica e humorismo "Santos Illustrado", cujo alto espirito os numeros existentes revélam, caricaturas, "charges" e perfis interessantissimos, acompanhados de excellentes "blagues" literarias, anedotas proprias e reportagens humoristicas de excellent effeito.

Parte integrante da formósa geração que produziu os espiritos brilhantes de Angelo Souza, Alberto Souza, Gastão Bousquet, João Phóca e tantos outros, Wladimir foi uma das figuras obrigatórias das ródas refinadamente bohemias da cidade, e, naquella mesma época da Revista fazia parte do "Gremio Dramatico Arthur Azevedo" com Pio Coelho, Quincas Mendes, Chico Vicente, José Baptista Coelho (João Phóca), Aprigio Macedo, Carlito Affonseca, todos moços das melhores familias locais, que davam vida á sociedade de então com as suas primorosas e espiituosissimas representações no Theatro Guarany e em salões particulares e festas de beneficencia.



Wladimir Alfaia

Em 1907, a expensas de seu pae o venerando santista Commendador João Manoel Alfaya Rodrigues seguiu para a Europa, frequentando em Paris a Academia de Bellas Artes, estudando ahi com os melhores mestres de pintura da Capital da França ao tempo de Henri Martin, Jean-Paul Laurens, Julien Le Blant, Busson, Collins, Bonnat e outros mestres de genero, figura e paysagem, em cujo ambiente firmou parte da sua personalidade artistica, mantendo seu estudio naquella grande cidade e frequentando as suas grandes galerias. Dalli viajou quasi toda a Europa, em estudo de estylos. Esteve em Antuerpia, na famosa "Escola Flamengo", esteve em Berlim, em Londres, em Dresden, em Bruxellas, em Amsterdam, em Genova e finalmente em Roma, onde fixou-se durante cerca de um anno, e onde o novo ambiente de Rapetti, Mentessi, Bignami, Pogliali, Victorio

Corcas, Francisco Cioli, Trentacorte e do grande Mancini, acabou de crear nelle o grande pintôr que indubitavelmente devia ser, se a morte o não ceifasse prematuramente, aos 34 annos de idade incompletos.

Ao cabo de tres annos de estudos applicados, voltou para Santos, realizando então no antigo "Bar Chic", ponto de reunião da Sociedade santista, uma grande exposição das télas realizadas em Paris, muito gabadas na época e adquiridas por preços bem reputados.



Wladimir Alfaya em seu "atelier" em Paris.

Depois dessa exposição elle realizou varias outras aqui, em São Paulo e em Campinas, sempre com muito exito, referindo-se elogiósamente á sua capacidade de artista, varios pintores de renóme e jornaes que as visitaram.

Wladimir especializou-se em figura, natureza mórtta e paysagem, revelando-se sempre o mesmo artista que a cidade já se habituára a admirar atravez das mais varias manifestações, como caricaturista, como illustradôr, humorista e escriptôr.

Lógo apóz sua chegada, em 1911, foi nomeado professor da afamada "Escola de Commercio José Bonifacio", como o foi tambem do "Lyceu Feminino Santista", antigo e renomado estabelecimento de ensino secundário, logares que

desempenhou proficientemente, fazendo-se estimar profundamente por todos os alumnos que alli teve.

Wladimir Alfaya éra dotado de grande intelligencia e tinha muita facilidade para idiomas, fallando correntemente o francez, o inglez, o hespanhól e o italiano, como tambem o dialecto genovez. Em Paris, julgavam-no parisiense, tal o apuro com que se exprimia no idioma de Voltaire.

Trabalhou na ultima phase de sua vida, para o "Diario de Santos" e para outros jornaes da terra, collaborando tambem para a "Revista Illustrada" do Rio de Janeiro, que, por occasião de sua mórte publicou a sua photographia acompanhada de sentido necrológico, como homenagem ao artista e ao amigo desapparecido. Representou ainda a "Revista da Semana" do Rio e mantinha na Rua 15 de Novembro a conhecida "Casa Rembrandt", optima officina typographica, ponto de reunião da espiritualidade moça de Santos, onde as conversas ouvidas, atrahiam mais do que os artigos vendidos, a freguezia sympathisante.

Em 1913 preparava elle uma nóva exposição de quadros em sua terra, mas, não poude realizal-a, porquê era chegado então o termo de sua curta e preciosa existencia.

O illustre artista conterrâneo, coração grande e character illibado, bom filho, bom esposo, bom pae e bom cidadão, falleceu em Santos, cercado da estima de toda a população, a 11 de Agosto de 1913, com a idade de 34 annos incompletos, deixando obra selecta e numerosa, na qual figuram a sua producção do "Santos Illustrado" e mais algumas dezenas de télas esparsas, das quaes pudémos ver, annotando-as, apenas as seguintes:

"Pedras do Guarujá" — Grande téla (Paysagem) — Em poder da Prefeitura Municipal, que adquiriu-a numa das exposições publicas feitas pelo artista.

"Estudo de cabeça" — Em poder da familia Sylvio Caldeira até 1932. Offertado nesse anno ao "Ouro da Victória" para o bem de São Paulo, e com paradeiro agóra desconhecido.

"Vicio" (Allegoria) — Téla em poder da familia Paulo Filgueiras.

"Natureza morta" — Téla em poder de sua Viuva, Da. Maria Josephina Alfaya.

"Pedra dos ladrões" — (Paysagem) — Idem. Idem.

"Praia das tartarugas" — (Paysagem) — Idem. Idem.

"Ponta da praia" (Paysagem) — Téla em poder de Arthur Bitencourt.

"O marinheiro" (Figura) — Em poder de Juventino Malheiros.

"Ilha urubuquicaba" — (Paysagem) Em poder de seu pae, o Comendador João Manoel Alfaya Rodrigues.

"Canôa" (Marinha) — Em poder de seu pae.

"Busto de mulher" — (figura) Cópia do original de L. Sório, existente no Museu do Louvre, em Paris. (em poder de seu pae).

Como esta ultima, possuia Wladimir Alfaya muitas outras cópias de obras célebres, tidas como perfeitas, mas esparsas por todo o Estado como de resto tudo quanto elle produziu sem a preocupação de anotar para a posteridade.

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA

Descendente de antiga e distincta familia santista, nasceu o Dr. Luiz de Campos Moura, a 16 de Agosto de 1883, nesta cidade.

Aos déz annos, feitos os seus primeiros estudos essenciaes em sua terra, seguiu para a Europa, onde, na Suissa, continuou os estudos deixados em principios. Alli, annos depois matriculou-se na Academia de Sciencias e Letras, bacharelando-se em Direito. Quasi ao mesmo tempo cursou a Faculdade de Medicina de Genébra, formando-se tambem nesta.

Seus cursos foram brilhantissimos, principalmente no de Medicina, do primeiro ao ultimo anno, a ponto de mais tarde occupar na propria Faculdade em que se formou, a cathedra de Lente na sua especialidade.

Apóz dois annos de exercicio na Faculdade de Genébra foi nomeado professor da Universidade de Berna, passando depois a Director do afamado Sanatório de Laisin.

Ao fim de quasi vinte annos de ausencia, regressou á sua terra natal, estabelecendo consultório em Santos, onde clinicou por longos annos, cercado do respeito e do acatamento dos seus collégas e conterrâneos.

Passou depois a São Paulo, onde ainda prestou bons serviços profissionaes como médico da Força Publica, não chegando porem, apezar de varias vezes convidado, a exercer o ensino profissiona, nos Institutos brasileiros, como fizéra na Suissa.

O illustre santista falleceu em São Paulo, aos 22 de Dezembro de 1926, na idade de 43 annos, sendo sepultado em Santos confôrme seu desejo, manifestado antes de morrer.

DR. ABRAHÃO RIBEIRO

Abrahão Ribeiro nasceu em Santos, a 17 de Janeiro de 1883, como filho legítimo de Francisco de Paula Ribeiro e de D.^a Maria Izabel Coutinho Ribeiro.

Seus primeiros estudos foram feitos em sua terra com os notáveis professores Tarquinio da Silva e D.^a Francisca Faria (D. Chiquinha). Mais tarde cursou durante dois annos, como interno, o "Collegio João de Deus" em S. Paulo, sob a direcção dos professores Augusto Cezar Barjonas e Domingos Augusto do Nascimento. Dahi passou para o "Instituto de Sciencias e Letras", dirigido pelo professor Luiz Antonio dos Santos, onde concluiu os preparatórios.

Matriculou-se então na Faculdade de Direito de São Paulo (1901), cujo primeiro anno cursou como alumno de Reynaldo Porchat e Pedro Lessa. Mudando-se para o Rio de Janeiro passou a estudar na "Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes", da qual era director o grande jurisconsulto Dr. João da Costa Lima Drummond, e professores: Bulhões Carvalho, Rodrigo Octavio, Sylvio Romero, Martins Junior, Affonso Celso, Inglez de Souza, Sá Vianna Souza Bandeira e Candido Mendes.

Formou-se em 1906, como alumno laureado, recebendo a medalha de ouro, Premio Portella, juntamente com os collegas igualmente classificados, Alvaro Goulart de Oliveira, Eugenio de Lucena e Affonso Celso Parreiras Horta.

Formado, foi para a Allemanha, onde cursou a Universidade de Berlim, como alumno de Franz von Lizst, Joseph Kohler e Riesser, casando-se na Capital allemã com Marta Schlesinger. Voltou para o Brasil em 1910, instal-



Dr. Abrahão Ribeiro

lando em São Paulo sua banca de advogado, profissão que vem exercendo ininterruptamente desde então.

Abrahão Ribeiro é em São Paulo, grande centro de cultura, um dos brilhantes valores da actual geração, realçando seus elevados méritos intellectuaes com sua linha moral impecavel, reveladora de um caracter por todos gabado e reconhecido.

Foi durante dois annos lente cathedratice de Direito Commercial na extincta Universidade de São Paulo, fundada pelo Dr. Eduardo Guimarães. Tem militado assiduamente na imprensa paulista, em artigos doutrinarios, de critica, de literatura e polemica, sem entretanto ter reunido em livro os seus escriptos desses generos.

Quando São Paulo atravessava um momento delicadissimo de sua vida, sob o regime das Interventorias que succedeu ao desfecho da Revolução de 1930, foi Abrahão Ribeiro chamado pelo Dr. Laudo de Camargo, a occupar a Secretaria da Justiça do Estado, cargo esse que patrioticamente acceitou e honrou durante sua curta gestão.

Actualmente é vereador Municipal em S. Paulo, eleito pelo tradicional Partido Republicano Paulista.

Abrahão Ribeiro, apesar de jurista consummado, não tem publicado trabalhos systematicos de Direito, mas apenas trabalhos forenses, referentes a causas do seu grande escriptorio.

Reproduzimos aqui, as palavras com que o "Diario da Noite" commentou ultimamente a passagem do anniversario deste santista, e que demonstram a insuspeição das nossas referencias biographicas: "Advogado dos mais notaveis do fôro de S. Paulo, onde a sua cultura juridica lhe creou a mais justa e a mais solida das reputações, homem de sociedade, perfeito "gentleman", escriptor, homem de Estado, jornalista, em todas as multiplas actividades do seu brilhante e culto espirito, o Dr. Abrahão Ribeiro marcou uma personalidade de elite, que S. Paulo admira e respeita. Na sua vida publica, quasi toda dedicada ao mistér de advogado, a que se entregou com o amor com que se professa um apostolado, tem o Dr. Abrahão Ribeiro, solicitado em razão de seus meritos de cultura e de intelligencia, e de sua fortissima personalidade moral, occupado postos na politica e na administração, para confirmar sempre o valor que, nos seus labores normaes, lhe creou o alto conceito em que o têm os seus concidadãos, etc..."

MARTINS FONTES

(DR. JOSÉ MARTINS FONTES)

Martins Fontes, o “Zézinho Fontes” como carinhosamente o chama uma parte da população da cidade, nasceu em Santos, a 23 de Junho de 1884, do legítimo consórcio do Dr. Silverio Martins Fontes e Da. Isabel Martins Fontes, santista de distincta estirpe.

Os seus primeiros estudos foram-lhe ministrados em sua casa, por sua mãe, assim como mais tarde todos os preparatórios estiveram a cargo de seu pae, illustre médico, sociólogo, jornalista e philantropo, que tão importante papel tivera nas lutas da Abolição, homem de grande talento e erudição.

Após seus primeiros estudos, frequentou Martins Fontes, os melhores collégios do seu tempo, como a Escola de Dona Leopoldina Thomaz Coelho, a Escola de Eugenio Porchat de Assis, a do eminente professor Tarquinio Silva, todas em Santos, tranferindo-se depois para o Collegio Nogueira da Gama, em Jacarehy, e mais tarde para o Collegio Alfredo Gomes, no Rio de Janeiro.



Martins Fontes

No Rio de Janeiro entrou Martins Fontes para a Faculdade, defendendo these para doutoramento em 20 de Dezembro de 1906, produzindo para isso um trabalho que foi aprovado com distincção e louvado por toda a congregação da Faculdade, sob o título: “DA IMITAÇÃO”.

Martins Fontes começou a rimar muito cedo, aos oito annos de idade, em 1892, publicando os seus versos num jor-

nal manuscripto, chamado "A Metralha" "para explosão aos domingos" do qual sahiram nove numeros. O cabeçalho desse jornalsinho, a tres cores, era feito por seu avô, o coronel Francisco Martins dos Santos, illustre santista, que sempre adorou este neto, assim como sua avó D.^a Josephina Olympia de Aguiar Andrada Martins dos Santos, animadora do menino poeta, a quem foram dedicados os seus primeiros versos recitados numa festa memoravel. Estreou o moço poeta, nesse mesmo anno, no Centro Socialista, organização marxista criada em Santos por seu pae, recitando, a primeiro de Maio, um hymno a Castro Alves, que começava assim: "Primeiro de Maio é a grande data do futuro! Na phrase do poeta immortal, do divino Castro Alves, a Mocidade representa o porvir por antecipação, e eu que sou esse porvir ainda mais remoto, porquê sou uma criança, etc..." Toda a familia ainda se recorda deste inicio de discurso.

Por ocasião da inauguração do monumento commemorativo do 4.^o centenario do Descobrimento official do Brasil, levantado em São Vicente, proximo á Biquinha, leu Martins Fontes, então com dezeseis annos, uma óde de sua lavra, cheia de imagens que elle hoje considéra ridiculas pela inversão de conceitos a que o levára seu arrebatamento, embóra em versos perfectos. Essa óde, como os discursos e mais actos officiaes da solemnidade, foi encerrada em uma urna e enterrada na base do alludido monumento, sendo provavel que um dia, ao fim de algumas dezenas de annos, ao ser por qualquer motivo, removido dalli aquelle marco commemorativo, seja encontrada a urna e dentro della a óde do poeta de dezeseis annos, e isso, como diz Martins Fontes, lhe produz arrepios...

A vida de Martins Fontes no Rio de Janeiro foi uma vida agitada e mais ou menos bohemia, e o seu maior prazer hoje, é recordar a epoca em que viveu na sua roda literaria do Rio, entre homens como Olavo Bilac, Coelho Netto, Emilio de Menezes e tantos outros espiritos brilhantes dessa geração.

Durante o tempo de estudante trabalhou na "Gazeta de Noticias", no "Paiz", na "Caretta", no "Diabo", na "Kosmos", no "Tagarella", no "Esparadrapo" e por fim, no "Serviço de Bromatologia", no Serviço de Recenseamento da Prefeitura Federal, no Instituto de Manguinhos, no Hospital Nacional, na direcção da Revista do Hospicio Nacional, e na Casa de Saude de São Sebastião, tendo sido sempre optimo

empregado e companheiro, pontual, proficiente, methodico, esclarecido e estimadissimo por todos.

Depois de formado, foi médico da Comissão das Obras do Alto Acre, sob a direcção do notavel paulista Dr. Bueno de Andrada, interno da Santa Casa da Misericordia de Santos, interno da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, Chefe do Serviço de Assistencia Escolar da Prefeitura Federal, Assistente do Professor Abreu Fialho, auxiliar de Oswaldo Cruz na Prophylaxia suburbana, medico da Beneficencia Portuguesa, Inspector sanitario em Santos, e finalmente, Director do Serviço Sanitario, em substituição ao benemérito Dr. Guilherme Alvaro.

Há tempos foi-lhe offerecida a Cadeira de Physiologia na Faculdade de Medicina de São Paulo, pelo Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, o que era uma honra para o illustre santista, mas, a necessidade de partir, precipitadamente, para uma longa viagem, não lhe permittiu tomar posse da cadeira, embóra a tivesse acceito e se preparasse para occupal-a.

Hoje, Martins Fontes é um sobrecarregado, tendo a sua vida marcada a relógio, sempre fallando e sempre correndo; é médico da Beneficencia Portuguesa, da Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio, da Santa Casa da Misericordia, da Companhia Segurança Industrial, da Companhia Brasil, da Repartição de Saneamento na parte de Accidentes no Trabalho, e da Casa de Saude de Santos, sendo ainda o Director do Serviço Sanitario e dando tambem uma hora de consultório. Apesar disso, de uma actividade pasmósa, escreve aos domingos, depois das duas horas da tarde, coordenando ou compondo com assombrosissima presteza, com instantaneidade, parecendo improvisar,

Durante a epidemia de gripe de 1918 elle tornou-se um dos beneméritos da cidade, desdobrando-se em soccorros aos bairros do Macuco e Campo Grande, onde legiões inteiras da pobreza local padeciam por falta de recursos; extendendo ahi sua grande acção á cidade de Iguape, para onde o destacou o benemérito Dr. Guilherme Alvaro.

Martins Fontes é a personificação da bondade, bom filho, bom irmão e bom amigo, desdobrando-se em carinhos com todos e com tudo. A sua vida não é cousa que caiba no espaço acanhado de uma simples biographia, porque póde encher um volume de paginas innumeráveis. Há muitos factos interessantes occorridos com elle, muitos dos quaes, estão contados em character jocoso nos seus proprios livros.

Caracter illibadissimo, um dos caracteristicos de Martins Fontes, é o grande amôr que elle tem por sua terra, proclamando-o a todos os momentos, na exaltação do passado, do presente, das cousas e dos homens santistas, que elle faz apaixonadamente, a ponto de esquecer-se de si mesmo, e da conveniencia de outro meio para sua pessoa.

E' livre pensador, e tem horror á politica, da qual conserva duas experiencias amargas e bastantes para a desillusão de um homem da sua qualidade. Temperamento apaixonado, ama o Bello e a Natureza, gosta de conversar e tem conversa para todos. Fez da Amizade uma verdadeira Religião. E' perdulario. Não conseguiu nunca ter economias, porque dá tudo quanto ganha e quanto tem, pensando mais nos outros do que em si mesmo. Tem viajado muito, e, no Rio de Janeiro, chamavam-no "Fontes o Radiante", appellido justo, que traduz a sua apparencia e o seu hábito de estar sempre com uma pilhéria, uma anecdotia á flor dos labios, ainda mesmo nos momentos em que uma tristeza ensombra o seu coração e amarga os seus pensamentos. Sua mocidade, em sua propria expressão, foi um carnaval ardente, um fogo de vista, um deslumbramento, uma illuminação de festa "a giorno".

O brilhante escriptor e historiador brasileiro, Luiz Edmundo, em suas bellissimas reminiscencias escriptas para o "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro, sob o titulo "O Rio de Janeiro do meu tempo", entre tantas passagens interessantes das suas antigas rodas, onde appareciam os melhóres espiritos reunidos na Capital, refére o apparecimento de Martins Fontes entre a bohemia literaria da cidade, com estas palavras:

"Em 1907 o Rio de Janeiro era ainda uma cidade em transicção; e, segundo a formula lançada por Figueiredo Pimentel, — civilizava-se.

A cidade de ruas coloniaes do tempo do brigadeiro Onça, com predios do tempo do "Cortiço" de Aluizio de Azevedo, transformava-se nos costumes e nas fachadas, a rua do Ouvidor era ainda a "gran-via" do parnasianismo que se reunia as quatro horas da tarde em volta do marmore de uma mesa redonda da "Confeitaria Colombo". Bilac, o chefe dessa caravana brilhante, pontificava, Emilio de Menezes, fungando atraz dos bigodes, soltava de vez em quando um trocadilho celebre que corria immediatamente ao Flamengo e que era

logo fisgado pelo Raul Pederneiras caça-trapos de todas as piadas. Coelho Netto dava á luz o seu 45.º volume e Bastos Tigre emborcava com o metodo das quatro em diante na "Colombo", o seu 43.000.º chopp duplo.

.....

Foi por esse tempo que um dia surgiu entre a roda brilhante da Confeitaria Colombo, um moço, quasi adolescente, de olhar faiscante, cabellos ondedados e palheta bohemia. Bilac fez as apresentações:

— José Martins Fontes, academico de medicina... Bastos Tigre, engenheiro nas horas vagas...

O moço maravilhou logo a róda com a sua verve, rutilante. Não se fallava, escutava-se. Era um continuo desfilar de idéas coloridas, como vidros de cathedral: citações, anedotas, estrophes de poeta indú, considerações sobre a luz fria e detalhes sobre os colletes românticos de Gauthier. Tudo isso entre-meiado de datas, pormenores e commentarios de tão refulgente brilho, que, por um momento fazia lembrar a vitrine de jóiãs do Rezende, illuminada a arco voltaico.

— Como é o nome desse moço? Perguntou Emilio de Menezes assim que Fontes sahiu.

O Principe dos poétas tirou o "pince-nez", limpou os crystaes cuidadósamente no lenço de seda e recollocou-o:

— Fontes, José Martins Fontes; e accrescentou: uma das mais brilhantes intelligencias da nova geração!

— Emilio de Menezes fungava:

— Fontes não... cachoeira! Esse moço parece cachoeira e do "Marimbondo" em tempo de chuva!...

Seis mezes depois, Martins Fontes éra um dos nomes mais conhecidos do Rio de Janeiro. Bilac, o commedido Bilac, enthiasmado, considerava-o seu discipulo querido; o artista do "Inverno em flôr", prophetizava por toda a parte o advento de um grande poéta, e toda a mocidade doirada que fazia ponto na porta do Cavè e do Paschoal, toda a literatura nacional que escorava a porta do Garnier ás 5 da tarde, proclamavam as phrases do Fontes, as idéas do Fontes, as anedotas do Fontes".

Foi a phase azul e oiro de sua esplendida mocidade. Guanabara, no esplendor tropical do Oceano, do verde e da luz era bem o scenario radioso para a inspiração desse pantheista lyrico. As tardes cor de cobre illuminando a massa verde escura das palmeiras imperiaes, as noites brancas de luar branqueando praias e ilhas que boiavam como tufos de folhagem na bahia azul, toda essa festa illuminada e colorida que é a paigazem carióca, deslumbrava e envolvia o poeta.

Uma vez Oscar Lopes em Paris, apprehensivo porque aqui ficára o pae doente, recebeu no hotel, á noite, um telegramma urgente do Brasil, que encerrava, talvez, o motivo da morte de seu pae. Lopes, livido, abriu tremulo, o envelope azul. Meio tonto de duvida, leu: — "Copacabana — luar de ballada — penso em ti — Fontes".

Era a alegria, era um clarão de luar brasileiro que Fontes enviava ao amigo distante..."

Martins Fontes, é indiscutivelmente, o grande poeta brasileiro da actualidade, como o maiór conferencista. Quando apparece em publico para dizer seus versos ou suas conferencias, surgem nelle grandês intérpretes de todos os generos theatraes, desde o tragico, o dramatico, o melodramatico, até o comico e o caricato, e a sua vóz como a sua mascara, tóma todos os feitios, todas as subtilezas da interpretação e todas as entonações necessárias. De uma riqueza estonteante e admiravel de phraseado, maravilhas de linguagem cascadeiam sobre o auditório quando elle falla. tornando-o senhor de todos os assistentes fundidos num só bloco espirital, fazendo-os rir e meditar a seu bel-prazer, a ponto de fazel-os ter um suspiro de pena, ao levantarem-se todos a custo, das cadeiras onde elle os retivera absortos, como um vulcão que flammejasse maravilhas.

Zézinho Fontes é uma chronica viva, sabe de tudo, lembra-se de tudo, e tudo conta com grande precisão e riqueza de detalhes.

Alem dos jornaes e revistas já citados ao principio desta biographia, trabalhou mais o grande santista, no "Malho" do Rio de Janeiro, na "A Gazeta" e no "Diario Popular" de São Paulo, no "Diario de Santos" e na "Cidade de Santos" nesta cidade.

Quando o Dr. Julio Prestes, Presidente do Estado de São Paulo e candidato á Presidencia da Republica seguiu para a Europa, em visita aos paizes do velho mundo. Martins Fontes foi convidado para seguir como médico da caravana paulista, realizando o mesmo cruzeiro effectuado pelo ex-presidente páulista.

Muito viajado, como dissémos, elle conhêce o Brasil inteiro, de Sul a Norte, em suas minúcias territoriaes e ethnológicas, conhecendo ainda a Argentina, o Uruguay, os Estados Unidos, a França, a Inglaterra, a Hespanha, a Italia e Portugal, possuindo vários titulos a que se refêre pittorescamente, como um homem a quem não commovem as commendas, continuando o mesmo simples, o mesmo coração abêrto, o mesmo amigo do povo, que cumprimenta o aristocrata e acarinha o negro vêlho que encontra pelas ruas. Elle é commendador da Ordem de São Thiago da Espada, possuindo a Gran Cruz dessa Ordem portugueza, concedida pelo Presidente da Republica de Portugal, e Cavalleiro da Hespanha e Par da Inglaterra, sendo ainda Titular da Academia das Sciencias de Lisbôa a multi-secular instituição scientifica de Portugal.

Não resistimos ao desejo de reproduzir aqui, para conhecimento da posteridade, o inteiro theôr da Resolução com que o Presidente da Republica Portuguesa, tornou commendador da Ordem de S. Thiago da Espada o illustre filho de Santos.

“Republica Portuguesa. Ordem Militar de São Thiago da Espada.

O Presidente da Republica Portuguesa, eleito pelo voto do Congresso, Grão Mestre da Ordem Militar de S. Thiago da Espada, confêre sob proposta do Ministro dos Negocios Estrangeiros e approvação do Conselho da Ordem, ao Dr. José Martins Fontes, o grau de Commendador da Ordem Militar de S. Thiago da Espada.

Nos termos do Regulamento da mesma Ordem, são-lhe concedidas as honras e o direito do uso das insignias que lhe correspondem.

Dado em Lisbôa e Paço do Governo da Republica, aos 5 de Setembro de 1925.

(assign.) *Manoel Teixeira Gomes — Vasco Borges.*”

Commentando a concessão desta honraria a Martins Fontes o "Commercio de Santos" de 16 de Setembro de 1925, rematava desta forma suas palavras a respeito:

"Raros são os que ingressam na Ordem de Christo e sobretudo na de S. Thiago da Espada em grau superior ao de Cavalleiro, é portanto essa, uma homenagem toda especial a Martins Fontes".

Sua obra, bastante volumosa, compõe-se de muitas obras em prosa e verso, consideradas verdadeiras joias da nossa literatura.

Por duas vezes, amigos seus e admiradores do seu genio privilegiado, pertencentes á Academia Brasileira de Letras, candidataram-no a um mais do que merecido logar naquelle cenáculo de illustres, sem exito porem, porque, alli, como em tantas organizações, a politica então assentára arraiaes, impedindo que aquella Academia se honrasse com a presença do grande poeta e literato santista.

São as seguintes as obras existentes de Martins Fontes:

- 1 — "Da imitação" — (These scientifica, definida na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, para doutoramento) 1907.
- 2 — "O Acre" — (Estudos de hygiene Rural) Escripito sobre as observações da Missão Bueno de Andrada — Rio — 1908.
- 3 — "A gripe em iguape" (Trabalho scientifico) — 1920.
- 4 — "A meningite cerebro espinhal, em Villa bella" — (Estudos scientificos) — 1922.
- 5 — "A transformação das classes parasitarias em classes productivas" — Estudos sociaes) — 1920.
- 6 — "Verão" (versos) — 1924 — 2.^a edição extrahida pouco depois.
- 7 — "As cidades eternas" (versos) — 1925.
- 8 — "Volupia" (versos) — 1920.
- 9 — "Vulcão" (versos) — 1922.
- 10 — "Rosiclér" (Versos) — 1923.
- 11 — "Marabá" (Versos) — 1924.
- 12 — "Pastoral" (Versos) — 1925.
- 13 — "Prometheu" (Versos) — 1926 (Vertida para o francez em 1927, por Augusto Maia em 2.^a edição).
- 14 — "Escarlate" (Versos) — 1926.
- 15 — "O céu verde" (Versos) — 1926.
- 16 — "Schahrazade" (Versos) — 1927.
- 17 — "Arlequinada" (Versos) — 1928.

18 — “Partida para cythéra” — Versos (Theatro — 1929) — Levada á scena no Theatro Municipal do Rio de Janeiro por Leopoldo Fróes, grande amigo do poéta.

19 — “Bohemia galante” — (Versos) Collectanea. — 1920.

20 — “A fada bombom” (Versos) — 1921.

21 — “A laranjeira em flôr” — (Versos) — 1928.

22 — “A flauta encantada” — (Versos) — 1930.

23 — “Sombra silencio e sonho” — (Versos) — 1930.

24 — “Contos” (Prósa)

25 — “Segredos profissionaes” (Prósa)

26 — “A cigarra e a formiga” (Versos) Edição da “Gazeta” de São Paulo.

27 — “Pastoral” (Versos) — Separata da “Revista do Brasil”.

28 — “Decameron” (Contos) 1921.

29 — “O mar” (Conferencia).

30 — “A terra (Conferencia).

31 — “O céu (Conferencia).

32 — “A alegria” (Conferencia).

33 — “A dança” (Conferencia) 1.^a edição separada.

34 — “A cavallaria” (Conferencia).

35 — “A neuróse” (Conferencia).

36 — “Bakounine” (Conferencia).

37 — “O parnasianismo” (Conferencia)

38 — “Olavo Bilac poéta comico” (Conferencia).

39 — “Eça de Queiroz” (Conferencia).

40 — “Coelho Netto e Olavo Bilac” (Conferencia).

41 — “Randenbach” (Conferencia).

42 — “Maupassant” (Conferencia).

43 — “Flaubert” (Conferencia).

44 — “Claude Bernard” (Conferencia).

45 — “Pasteur” (Conferencia).

46 — “Nós, as abelhas” (Aos poétas da minha geração) (Conferencia).

47 — “O lirio” (Conferencia)

48 — “Luiz Delfino” Conferencia).

49 — “Era uma vez” (Conferencia).

50 — “Santos” (Conferencia).

51 — “O que os cégos veem” (Conferencia).

52 — “O que os passaros dizem” (Conferencia).

Todas estas conferencias foram enfeixadas num volume publicado em 1924, sob o título “No Templo e na officina”.

- 53 — "Granada" (Poema) — 1918.
- 54 — "Sevilla" (Poemas) — 1929.
- 55 — "O collar partido" (Conferencias) — 1924.
- 56 — "Terras da fantasia" (Conferencias) — 1933.
- 57 — "Nos rosaes das estrellas" (Poesia) — 1933.
- 58 — "Guanabara" (Versos) 1934.
- 59 — "Fantastica" (Chronicas) prósa — 1935.
- 60 — "Theatro" (Comédia) — 1935.
- 61 — "Kropotkine" (Epopéa) Theatro. 1935.
- 62 — "Paulistania" (Versos) Edição de luxo. 1935.
- 63 — "Nós, as abelhas" — (Conferencia) 1935.
- 64 — "Sol das almas" (Versos) — 1936.
- 65 — "Rosa negra centifolia" — (Em preparo).
- 66 — "Canções do meu vergél" — Versos (1936).
- 67 — "Guanabára" Versos ardentes (1936).
- 68 — "São Francisco de Assis" (I fioretti). (Versos) 1936.
- 69 — "Romances rimados" (Versos) Em preparo.
- 70 — "Os pomos de ouro da amizade" (Versos) Em preparo.
- 71 — "Poesias completas" — 1937 — VERSOS (REUNIÃO DE SEIS OBRAS JA' PUBLICADAS) — Offerecida á Soc. Humanitaria dos Empreg. no Commercio.

DR. ALCIDES LOBO VIANNA

Lobo Vianna nasceu em Santos a 14 de Abril de 1884, como filho em segundas nupcias, do illustre e humanitário clinico Dr. José Lobo Vianna com D. Clara de Camargo Lobo Vianna.



Dr. Alcides Lobo Vianna

Feitos os seus estudos preliminares em sua terra, matriculou-se no Collegio Pedro II no Rio de Janeiro, onde fez brilhante curso de preparatórios, bacharelando-se em sciencias e letras. Entrou então para a Faculdade de Medicina daquela Capital, concluindo primeiramente o curso pharmaceutico e depois o de médico, doutorando-se em 1908, depois de brillantissima defesa de thèse. Ainda no curso médico secreveu "Noções de Technica Histológica" destinado

principalmente aos estudantes, e que revelou desde logo o devotado cultor da sciência que elle éra. Foi tambem por esse tempo que entrou para a clinica do illustre Dr. Moncorvo Filho, director fundador da obra de Assistencia á Infancia, apostolado ao qual, desde então se consagrou inteiramente.

Ainda como estudante representou a Escola de Medicina do Rio de Janeiro em varios Congressos Sul-Americanos, fazendo parte de embaixadas academicas.

Terminado o curso médico, regressou á terra natal, iniciando aqui a sua clinica com esplendido exito e alevantados propósitos.

Coração bonissimo, alliado a uma ferrea energia, deliberou fundar nesta cidade, com alguns amigos, essa importante instituição que é a "Assistencia á Infancia" (Gotta de Leite), que tantos e incalculáveis serviços tem prestado á infancia santista. Devotou-se com abnegado ardor a essa grande obra de caridade, sustentando luctas memoraveis para leval-a avante, como ainda é da lembrança do povo de sua terra, creando nessa benemérita instituição, hoje transformada em palacio, o seu monumento de glória imperecível.

Combalido pelas arduas labutas em pról do seu ideal de humanidade, que sustentou com as energias do seu character inalmogavel, falleceu nesta cidade, aos 38 annos de idade, a 9 de Julho de 1922.

Os seus funeraes constituiram uma eloquente e commovida consagração que lhe fizeram os seus conterraneos e o povo em geral.

Muitos trabalhos foram escriptos por este santista, principalmente sobre puericultura, quando pouco se conhecia ainda no Brasil, e pouco se fazia em nossos Estados em matéria de assistencia infantil e prenatalidade, mas a sua morte occorrida prematuramente impediu que elles viessem a lume, constando-nos apenas a publicação da sua "These e dissertação" para collação de Grau e da obra anterior: "Noções de Technica Histológica".

FABIO MONTENEGRO

Fabio Montenegro nasceu em Santos a 26 de Maio de 1891, como filho legítimo de Fabio Maximo de Carvalho Montenegro e D.^a Christina Ayres Montenegro.



Fabio Montenegro

Todos os estudos de Fabio foram feitos em sua propria terra, e, como tantos espiritos de eleição teve sua vida applicada ao commercio que, entretanto, não conseguiu inutilisar os seus pendôres e as suas manifestações de intellectualidade, apesar da força absorvente desse ramo de actividade humana, que em nossa terra tem suffocado tantos talentos e tantas vocações.

Fabio Montenegro foi, na opinião dos competentes uma das mais completas organizações de poeta que a terra santista produziu. O seu "curriculum vitae" foi breve mas brilhante, lembrando o grande Alvares de Azevedo paulistano e o bohemio Angelo Souza, santista, figura poética de muito sensibilidade, que, surpreendido pela avareza da Parca, não teve tempo para recolher as jóias de inspiração que o seu espirito derramára pelas gavetas, pela imprensa e pelas mesas de cafés.

Disse Oscar Thompson, e nós já o repetimos uma vez, que "pódem as linguas rolar no passado, sepultadas sob os escombros das civilizações decahidas; póde a furia guerreira afogar, no sangue e no exterminio, a maravilha das artes plasticas; póde o tufão devastador de Tamerlão ou de Gengis Khan aviltar no pó da terra, civilizações soberbas, ao tropear dos ginetes da Ukrania, ou ao brandir do franquisque selvatico. Mas, emquanto o coração humano se enamorar da suprema belleza, sobreviverão os poetas aos cataclysmas do seu povo, e ficarão nas estradas da historia, como indices ao viajor curioso e surpreso". Assim é de facto, e Fabio Montenegro, o humilde funcionario da Companhia Docas de Santos, suave aedo, cuja morte prematura, roubou-o á gloria maior do futuro para honra mais dilatada de sua terra, jamais desaparecerá do culto da cidade, porquê os seus versos, mais do que a sua herma, pósta á sombra amiga das velhas arvores da Praça dos Andradas, hão de gritar sempre o seu nome sob o céu santista.

O poeta santista, que era um caracter puro e um coração grande, morreu em sua terra, em 1920, a 21 de Agosto, no esplendor de seus vinte e oito annos, deixando publicado apenas um livro de versos, "JORNADA LYRICA", filigranas de alma e ouro, que mereceu da critica abalisada os melhóres louvôres, além de uma série numerosa de composições esparsas. Apóz sua morte, um grupo de amigos seus, e entre elles Galeão Coutinho, Agenor Silveira, Alvaro Augusto Lopes, Mariano Gomes, Jayme Franco e o editor Heleno Santiago, no intuito muito louvavel de homenagear-lhe a memoria, reuniu os seus versos esparsos, enfeixando-o num volume, o livro posthumo de Fabio Montenegro, que recebeu o nome de "FLAMMULAS".

O caracter fundamental da poesia do vate santista, éra a naturalidade, o que quér dizer: a inspiração, a espontaneidade, e ahi, debaixo desse aspecto de sinceridade espiritual, na phrase de um seu biógrapho, "o verso foi para elle, o palacio encantado, onde se isolava para entregar-se a orgias maravilhosas de sons e coloridos. A sua Musa era de tal modo orientalesca, luxuosa e refulgente, que, em a contemplando, todos a suppunham favorita de um Rajah".

Osorio Duque Estrada, o mais severo e terrivel critico que poderia encontrar um poeta ou um escriptor de qualquér estatura, ao receber o livro de Fabio Montenegro no Rio de Janeiro, escreveu o seguinte a seu respeito:

"... abri a pequena brochura, e logo refulgiram magnificamente diante dos meus olhos extasiados estas duas bellissimas quadras, esculpidas no portico do livro:

*Has de sempre florir, has de sempre cantar
Neste amor que não teve humana queixa alguma
oh coração de arminho em amphora de luar,
frio como a bromélia aberta pela bruma!*

*Serás sempre immortal! Não murcha o sentimento,
que é uma rosa cantando em meio dos abrolhos,
e tu serás um anjo a applicar-me o tormento
e o verso um lenço branco enxugando os meus ólhos..."*

Escreveu em seguida Osorio Duque Estrada: "Não me pareceram versos de qualquer literatello em vespas de se inscrever no rol dos candidatos á Academia de Letras. Passei avidamente á pagina seguinte, e foi ainda mais que li-songeira a impressão recebida com a leitura deste soneto..."

(e transcrevia o soneto por inteiro). “Não diminue — continua Osorio — antes aumenta, a emoção despertada pela leitura das paginas adeante, onde fulgura a belleza dos versos “A’ Zélia” (seguiam-se os versos em questão). Presenti desde então — prosegue o critico — que me achava diante da obra de um grande poéta, e tão certo é que não me enganei, que estou, já agóra, no firme propósito de lhe dedicar todo este “Registro Literario” — homenagem que só muito raramente e por excepção costume conceder a escriptores nóveis”.

Terminava o illustre critico a sua apreciação sobre o livro do poéta santista, com as seguintes palavras:

“Ahi está a bella obra de um poéta que desapareceu do mundo antes de haver completado trinta annos. E’ realmente, admiravel; mas, o que nella me pareceu ainda mais extraordinario foi a perfeição que lhe notei em todos os aspectos, a ponto de lhe não haver surprehendido um unico deslize de metrica, de linguagem, ou, sequér, “de pontuação”!”

Isto, vindo de quem veio, é uma consagração para o poéta essencialmente santista que elle foi e cuja inspiração nunca teve a influencia de outros ambientes.

Como homenagem ao artista tão prematuramente furtado ás glorificações terrenas, damos aqui, pedaços da sua alma, colhidos ao acaso, na seára explendida que é a sua “Jornada Lyrica”:

PÓRTICO

*És a alta religião do meu anseio,
Arte pura e subtil, que mal revélo,
Sacrosanta, intangivel, no meu seio,
Ante a gloria mirifica do Bello.*

*Entre os males soffridos, quasi em meio
Da romagem da vida, existe um élo
Que é teu, porque me prende, porque o creio
Sempre em ti, na eclosão do mesmo anhelio.*

*Visionário apollíneo, nunca eleito,
Amo-te sempre, em lagrimas immerso
Da prisão dolorósa do imperfecto.*

*Sinto-te em mim, na luz, no céu risonho,
Para o officio sagrado de teu verso
E o sacerdócio augusto de meu sonho!*

(fecho do soneto "Alpheu")

*Nisto, num sonho, tudo se dilata,
Rasgam-se véos na altura, e o céu se estrélla,
Num diluvio de lagrimas de prata!*

fecho do soneto "Ao coração")

*Vibráe! Sonhae ainda o que se encerra
Em todas as tristezas e alegrias
Que ficam palpitando sobre a terra!*

(2.º quarteto e 2.º terceto do soneto "A Martins Fontes")

*Sacerdóte apollíneo! O teu estylo
Pontificando o Bello, na finúra
Da Idéa — é brilho na aurea cinzeladura
E sol fulgindo num crysoberilo!*

*E entre um halo de musicas opimas
Sobes, e vae teu verbo reboando
Numa rajada esplendida de rimas!*

e finalmente transcrevemos por inteiro, o soneto "Introspecção"

*Muita vez ouço em mim o ruído de outras vózes,
e tenho uma lembrança escassa de outras éras
um sonho em ruína, um gozo vago, ansias atrózes,
o fluido do que fui em longinquas espheras.*

*O' reflexo exterior, embóra não espóses
as verdades da vida, esplendidas, sincéras,
sou um fruto que vem de outras metempsychóses,
o esboço espiritual de mortas primaveras!*

*Em meu intimo sinto, ora a magua esquisita
de alguém que desdobrou sudarios e sudarios,
ora a alegria suave, e óra a saudade afflicta...*

*Emfim, que sou? que fui? Forças já desdobradas,
ser de outro ser, consciencia em desesperos varios,
a tristeza e o fulgor de outras vidas passadas!*

Os unicos livros pois, que nos ficaram de Fabio Montenegro, alem dos esparsos que não foram recolhidos, foram os dois citados:

1 — “Jornada lyrica” — (versos).

2 — “Flammulas” — (versos).

AFFONSO SCHMIDT

Affonso Schmidt nasceu em Santos, no bairro histórico do Cubatão, a 29 de Junho de 1894, sendo filho legitimo de João Affonso Schmidt (já fallecido) e de D.^a Odila Brunccken Schmidt.



Affonso Schmidt

Fez os seus primeiros estudos em Santos e São Paulo, manifestando desde a meninice irresistivel vocação para a vida da imprensa, á qual, aliás, devia consagrar-se inteiramente mais tarde. Aos doze annos já distribuia jornaesinhos manuscriptos, de um só exemplar, que fazia na escola com alguma collaboração dos companheiros mais talentosos, e, aos treze annos installou uma typographia no porão da casa de seu pae, publicando ahi o seu primeiro jornal impresso, do qual era, a um tempo, director, redactor, gerente, typographo, impressor e distribuidor.

Um anno mais tarde fundou em São Paulo, com Oduvaldo Vianna, um semanário que não teve longa duração. Aos quinze éra secretario do “Commercio de São Paulo”, cujos directores eram Affonso Celso Garcia da Luz e o illustrado santista Alberto de Souza. Dahi por diante passou pela redacção de todos ou de quasi todos os jornaes de Santos e São Paulo, e de alguns do Rio de Janeiro, deixando em todos elles os melhores signaes de seu talento e de sua capacidade literaria.

Criança ainda, partiu sósinho para a Europa, embarcando em curiosas circumstancias, perambulando pelo velho mundo na mais aventurosa e arrojada das peregrinações, como um espirito ancioso por embeber-se nos ensinamentos naturaes da velha civilisação, passando então, privações e difficuldades, cadinho em que temperou as suas idéas, desenvolvendo as suas faculdades de sociólogo e livre-pensador.

Mais tarde, depois dessa primeira peregrinação que durou mais de um anno, tornou á Europa, dirigindo-se desta vez á Italia, onde residiu alguns annos frequentando os meios bohemios e cultos da cidade eterna e de outras provincias daquelle paiz. Levado por sua immensa sympathia para com os explorados e opprimidos, interessou-se desde a adolescencia pela questão social, tornando-se um dos estudiosos e conhecedores das doutrinas populares, o anarchismo e o socialismo, e isso num tempo em que, por não haver ainda se processado a revolução russa, eram esses assumptos pouco conhecidos no Brasil.

Fez parte da redacção d'“A PLEBE”, e d'“A LANTERNA” ao lado de Edgard Leuenroth e Orestes Ristori. Foi um dos fundadores da “Voz do Povo” jornal proletario do Rio de Janeiro, tendo sido preso varias vezes por delictos de pensamento. Vem se consagrando há muitos annos e com o maior enthusiasmo á luta contra o clericalismo e o fascismo, fazendo intensa propaganda por meio de artigos em jornaes, livros, peças theatraes, pamphletos, etc.

Affonso Schmidt, na opinião de Martins Fontes é uma das grandes capacidades do Brasil, e muitos outros escriptores, assim como jornalistas, têm se expressado a seu respeito com bastante elogio, reputando-o um escriptor e poeta primoroso, figura notavel das letras pátrias.

Presentemente Affonso Schmidt faz parte da redacção d'“O Estado de São Paulo” onde disfructa de excellente situação e grande conceito, occupando logar de bastante destáque.

Os primeiros vérsos, publicou-os Schmidt, ainda incipiente, aos 15 annos de idade, em dois pequenos volumes intitulados “Lyrios Roxos” e “Miniaturas”, que elle mesmo procura occultar ao conhecimento de todos por julgal-os muito de accordo com a idade em que os escreveu...

A sua verdadeira bibliographia porém, teve inicio com “Janellas abertas”, que considéra os seus primeiros versos,

e desdobra-se hoje em vinte e poucas obras de valôr, e sobre varios generos de literatura, como mostramos a seguir:

1 — “Janellas abertas” — Versos — 1912 — (Teve duas edições.)
Óbra publicada aos 16 annos e premiada pela Academia Brasileira de Letras.

2 — “Mocidade” — Versos — 1921. (Teve duas edições).

3 — “Garôa” — Versos — 1931.

4 — “Brutalidade” — Prósa — 1921 (Teve duas edições.)

5 — “Os impunes” — Prósa — 1923 (Teve duas edições.)

6 — “O Dragão e as Virgens” — Prósa — 1926.

7 — “Pirapóra” — Prósa — 1932.

8 — “As levianas” — (Theatro) comédia em 3 actos. 1923.

9 — “Passarinho Verde” (Theatro) — Comédia. 1 acto em prósa.

10 — “Ao relento” — (Theatro) 1 acto lyrico.

11 — “Conto de Fadas” — (Theatro) — Scena em verso.

12 — “Kellani” — (Theatro) — 1933 — Opereta, em collaboração com Oduvaldo Vianna, sob o pseudonymo de Moacyr Marques.

13 — “A Revolução brasileira” — 1930 — Pamphleto.

14 — “A nova conflagração” — 1931 — Pamphleto.

15 — “O Evangelho dos Livres” — 1919. (Sociologia e combate).

16 — “Os negros” — 1932 — (Sociologia e combate).

17 — “Carne para canhão” — 1934 (Sociologia e combate) — Esta obra foi traduzida em varios idiomas, inclusivé o esperanto, e diffundida em varios paizes, como obra de propaganda contra a guerra.

Em 1918, por encommenda da colonia portuguesa de Santos e em commemoração á entrada de Portugal na Grande Guerra, escreveu Schmidt o poema em 3 actos se não nos enganamos; executado numa só noite, a mesma do dia em que elle foi encommendado:

18 — “Lusitania” — óde a Portugal, homenagem da colonia portuguesa de Santos.

Ultimamente, em meados de 1934, reuniu Schmidt todas as suas producções poéticas de “Janellas abertas”, “Mocidade” e “Garôa”, melhoradas e accrescidas, em um volume:

19 — “Poesias” — Versos de varias épocas.

20 — “Curiango” — Prósa — Selecção de excerptos de varias obras publicadas. (1935).

21 — “A sombra de Julio Frank” — Romance histórico. Este romance foi publicado em folhetim no “Estado de São Paulo”, desde Março de 1936, ás sextas-feiras, mas ao ser lançado em livro, no mez de Setembro ou Outubro, toda a edição foi apprehendida pela policia.

Muito espéra ainda desse illustre filho a sua terra natal, que, carinhósamente espreita e acompanha seus passos,

vendo-o formar ao lado de Reynaldo Porchat, Martins Fontes, Ribeiro Couto e outros, a constellação dos vivos, que no firmamento cultural do paiz, enalteece o n6me santista, elevando-o 6 altura do seu passado.

PAULO GONÇALVES

(FRANCISCO DE PAULA GONÇALVES)

Paulo Gonçalves foi um poeta em toda a accep6o do voc6bulo, desde os seus g6stos e apparente alheimento 6 vida 6s suas rimas f6ceis e repassadas de ternura.



Paulo Gonçalves

Paulo Gonçalves nasceu em Santos, a 2 de Abril de 1897, do legitimo cons6rcio de Manoel Alexandre Gonçalves, e de Da. Bem-vinda Fogaça Gonçalves.

Iniciou seus estudos na Escola Uni6o Operaria com o professor Alcides Luis Alves. Trabalhou algum tempo no Telegrapho Inglez, o qual abandonou para dedicar-se ao jornalismo, ingressando no "Diario de Santos" orgam da opposi6o, passando-se depois para "A Tribuna" como revis6r. Mais tarde passou a trabalhar no "Commercio de Santos", de onde sahiu a chamado para o "Jornal do Commercio" de S. Paulo, tambem como revis6r.

No inicio da "Folha da Noite", Paulo Gonçalves lhe foi prestar seu concurso, ao lado de velhos camaradas de Santos.

6 funda6o da "Folha da Manh6" est6 ligado o nome desse escriptor e poeta, que por muito tempo foi seu redactor secretario, cargo que abandonou chamado pelo "Estado de S. Paulo", para a sua sec6o de Theatro, em cujo posto a morte o colheu.

Paulo Gonçalves foi um dos fundadores do Partido da Mocidade, fructo de seu idealismo, impraticavel numa 6poca como a que atravessavamos, como elle mesmo viu.

Em Santos, quando ainda professor do Collegio Pedro Borba, parece ter tido Paulo Gonçalves um romance na vida, de onde nasceu grande parte da sua inspiração e do seu lyrismo. Havia em suas palavras, uma vaga tristeza, que transmittiu aos seus versos, como se vê em muitas das suas poesias, no seu maravilhoso "Yára", flagrantemente offerecido á sua inspiradora.

As demonstrações de character e sentimento de Paulo Gonçalves foram innumeradas, contando conferencistas e literatos que com elle priváram, passagens notaveis verificadas em sua vida.

Se vivesse muitos annos, Paulo Gonçalves seria, no entender da generalidade dos nossos poetas, o maior dos lyricos brasileiros, e a obra que deixou vale bem pela confirmação dessa affirmativa literaria.

Temos delle o seguinte:

- 1 — "Yára" — Versos — livro de estréa — 1922.
- 2 — "1830" comédia em versos em 3 actos — Premio de Theatro da Academia Brasileira de Letras — 1925 — representada dezenas de vezes e com retumbante successo, por Abigail Maia e Apollonia Pinto.
- 3 — "O Cofre" — 1 acto em versos.
- 4 — "As noivas" — 3 actos em prosa.
- 4 — "As mulheres não querem alma" — 3 actos em prosa.
- 6 — "A Comédia do coração" — 3 actos em prosa.

Além desses, Paulo Gonçalves tinha ainda inéditos, mas, parece que já impressos agora:

- 7 — "Nupcias de D. Juan" — alta comédia em versos — em 4 actos.
- 8 — "Quando as fogueiras se apagam" — 1 acto em versos — escripto a pedido de Coelho Netto, principe dos prosadores brasileiros.
- 9 — "Lyrica de Frei Angélico" — versos.
- 10 — "Marcha Heroica" que ficou em inicio.
- 11 — e "Marilia de Dirceu".

Paulo Gonçalves, artista nato, alma de eleito, morreu na flor da idade, na tarde de 8 de Abril de 1927, minado por essa molestia insidiósa que timbra em caracterisar o fim de todos os poetas sentimentalistas e soffredores, como consequencia talvez de castigos Moraes e immerecidos da vida.

RIBEIRO COUTO

(DR. RUY RIBEIRO COUTO)

Ribeiro Couto é um dos literatos da chamada “nova geração”, e sua carreira se fez rapida entre os valores reaes da cultura brasileira.

Nasceu Ruy nesta cidade, a 12 de Março de 1898, sendo seus paes — José de Almeida Couto, vereador municipal em 1897 — e Da. Nizia da Conceição Lopes Ribeiro, tendo frequentado os primeiros annos da Escola Barnabé, passando depois para a Escola de Commercio José Bonifacio, onde diplomou-se em 1914.

Em 1913 iniciára Ribeiro Couto suas primeiras collaborações na imprensa local, publicando artigos e pequenos trabalhos na “Cidade de Santos”, no “Diário de Santos” e na revista “A Fita”.

Em 1915 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, passando a residir naquella cidade, trabalhando então como revisôr no “Jornal do Commercio” em 1916 e depois, em 1917, na redacção do “Correio Paulistano”.

Em 1918 transferiu-se Ribeiro Couto para o Rio de Janeiro, terminando lá, na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, em 1919, o seu curso de Direito. Trabalhou então, successivamente, em “A Noite”, “A Epoca”, “A Gazeta de Noticias”, “Rio-Jornal” e “A Noticia”, collaborando ao mesmo tempo em diversas revistas.



Ribeiro Couto

Em 1922, transferiu-se para Campos do Jordão, em tratamento de saúde, para repouso.

Em 1923 foi nomeado Delegado de policia de S. Bento do Sapucahy, de onde foi removido para Cunha em 1924, seguindo depois para S. José do Barreiro como Promotor publico, passando dahi e sempre no mesmo cargo, para S. Bento do Sapucahy, Santa Branca e Areias. Em 1926, residindo em Pouso Alto, Estado de Minas Geraes, foi Ribeiro Couto nomeado Promotor de Justiça da comarca, onde serviu até 1928, anno em que foi designado para o Consulado geral do Brasil em Marselha, como auxiliar extra-numerario. Em 1929, já no posto, foi effectivado no cargo. Serviu como vice-consul honorario até 1931, anno em que foi transferido para o Consulado geral em Paris, de onde, sendo promovido a consul de terceira classe, veio para o Ministério das Relações Exteriores. Em 1934 foi promovido a consul de segunda classe e logo em seguida transferido para o corpo diplomatico, como segundo secretario de legação.

Durante sua primeira permanencia na Europa foi correspondente do "Jornal do Brasil" e do "Globo", e, de regresso ao Rio em 1932, entrou para a redacção do "Jornal do Brasil" á qual até bem pouco pertencia.

Em 1933 foi Ribeiro Couto condecorado pelo Governo Português, com o gráu de Cavalleiro da Ordem de S. Thiago, e, a 10 de Março de 1934 recebeu a maiór distincção talvez que lhe foi conferida — foi eleito para Academia Brasileira de Letras, em primeiro escrutinio, por 22 vótos, na vaga de Constancio Alves, tomando posse da cadeira em Novembro do mesmo anno. Em Setembro de 1935 foi agraciado pelo Papa com o gráo de cavalleiro da Ordem de São Gregorio. Os primeiros versos de Ribeiro Couto foram produzidos aos 11 annos, em 1909, quando ainda cursava os bancos para elle saudósos da Escola Barnabé, mas data o seu primeiro soneto de 1912, quando trabalhava no escriptorio commercial de Freitas, Lima, Nogueira & Cia. em Santos; era um soneto humoristico que hoje provóca arrepios ao autor, toda a vez que lhe occórre á lembrança, como costuma dizer.

Ribeiro Couto possúe apreciavel bagagem literária onde se encontram óbras de subido valor, como as que citaremos ao final destas linhas, e actualmente collabóra em revistas da Argentina, Uruguay, Portugal, França, Italia e outros paizes, sendo numerósos os estudos que a respeito de suas óbras têm sido publicados no Brasil e no estrangeiro, des tacando-se entre elles, no Brasil: Tristão de Athayde, Agrip-

pino Grieco, Antonio de Alcantara Machado, Manoel Bandeira, Mucio Leão, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, etc... e no estrangeiro: — Jean Duriau, Georges Raeders, Marcel Brion (França) — Adolfo Casais Monteiro, Osorio de Oliveira (Portugal) — Lionello Fiumi (Italia) — Enriquez Diez-Canedo (Hespanha) — Enrique Bustamante y Ballivian (Peru) — e J. Torrendell (Argentina).

O traço sympathico do caracter de Ribeiro Couto é a amizade indisfarçavel que o prende á sua terra, traduzida a cada passo em trechos de suas obras, como por exemplo em "Noroeste e outros poemas do Brasil" onde há toda uma parte chamada "Santos", e elle mesmo diz a quem quer que o provoque neste sentido, que: Santos estará por toda parte onde elle esteja.

Muito já produziu Ribeiro Couto e certamente muito produzirá ainda para honra crescente de sua terra, e orgulho de sua gente.

São as seguintes as suas obras:

POESIA

- 1 — "O Jardim das Confidencias" — 1921 — Esgotada.
- 2 — "Poemetos de ternura e de melancholia" — 1924 — Esgotada.
- 3 — "Um homem na multidão" — 1926 — Esgotada.
- 4 — "Canções de amor" — 1930.
- 5 — "Noroeste e outros poemas do Brasil" — 1933.
- 6 — "Correspondencia de familia" — 1933 (Em collaboração com Adolpho Casais Monteiro).
- 7 — "Idyllio" — 1933.
- 8 — "Provincia" — 1933.
- 9 — "Poesia" — 1934 (Contendo "O Jardim das Confidencias" e "Poemetos de ternura e de Melancholia").
- 10 — "Sagrêdo" — A sahir brevemente.
- 11 — "Nau Catrinêta" — 1934.

PRÓSA

- 12 — "A casa do gato cinzento" (contos) — 1922 — Esgotada. Segunda edição em 1925 também esgotada.
- 13 — "O crime do estudante Baptista" — (contos) — 1922. Esgotada. Nova edição em preparo.
- 14 — "A cidade do vicio e da graça" — 1924 — Esgotada. (Chronicas do Rio nocturno).
- 15 — "Prima Bellinha" — Romance.
- 16 — "Baianinha e outras mulhéres" — 1927. Esgotada. Segunda edição em 1933. Premio da Academia Brasileira de Letras.

- 17 — “Cabocla” — 1931 — Romance. Esgotada. Segunda edição em preparo.
 18 — “Espírito de São Paulo” — 1932 — Ensaio.
 19 — “Club das esposas enganadas” — 1933 (contos).
 20 — “Presença de Santa Theresinha” — 1934. Impressões de Lisieux.
 21 — “Circo de cavallinhos” — 1922 — Contos.
 22 — “Instincto do Brasil” — Ensaio.

THEATRO

- 23 — “Nossos papás” — Comédia em 3 actos. 1921.

CRITICA

- 24 — “Manuel Bandeira” o poeta tysico — 1921.

TRADUCÇÕES

- 25 — “Quando eramos dois” — Romance, de Huguette Garnier. — 1932.
 26 — “Guia do Tuberculoso e do predisposto” — Tratado de tuberculose pulmonar, pelo Dr. Jacques Stephani. — 1933.
 27 — “A Conversão de Eva Lavallière” — de Per Skansen — 1934.

Referindo-se ao ultimo livro de versos publicado por Ribeiro Couto — “Poesia” — disse um dos maiores orgams da imprensa do Rio de Janeiro, o “Correio da Manhã”, logo após seu apparecimento:

“De inicio deve-se dizer que este livro é a reunião de “Jardim das Confidencias” e “Poemetos de ternura e melancolia”, os livros com que o Snr. Ribeiro Couto projectou o seu nome no céu mais alto da poesia brasileira. Assim que surgiram esses versos consagraram o poeta; é que, alem das qualidades de lyrismo e harmonia, elles eram uma voz nova, talvez a primeira manifestação de poesia livre no Brasil.

O volume é bonito, o autor é dos mais admirados homens de letras do Brasil”.

Esse é pois, o conceito de que gósa em todo o paiz, o illustre poeta e escriptor conterrâneo, que segundo informações que nos forneceram, proségue victoriosamente sua carreira diplomatica, estando agora como Secretario da Embaixada do Brasil em Haya.

GENTIL GARCEZ

Gentil Garcez nasceu nesta cidade, a 7 de Junho de 1903, como filho legitimo de Rodrigo Garcez e de Da. Laudelina Garcez.

Seus primeiros estudos foram feitos, modestamente, no Grupo Escolar "Dr. Cesario Bastos", e já ali, nesse estabelecimento, manifestaram-se as suas tendencias artisticas.



Gentil Garcez

Antes de terminar os seus estudos primários, Garcez que se iniciára na pintura sob os cuidados de sua propria mãe, que éra habil desenhista, já ia bem adiantado na arte suprema de Raphael, Rubens e Velasquez. Mais tarde passou elle a estudar com uma conhecida pintora local, cujos cuidados deixava pouco depois, levado pelo seu temperamento de liberdade artistica e pelas suas manifestações naturaes apuradas que exigiam um mestre superior, de

recursos mais amplos e que melhor comprehendesse a sua natureza abrindo campo á sua ansia febril de avançar através de uma interpretação propria e de seu módo particular de sentir. Foi então que elle começou a frequentar o "atelier" de Benedicto Calixto, o venerando méstre, de cujos ensinamentos resultaram os seus conhecimentos actuaes, em grande parte, fructos tambem de sua persistencia e de sua grande vocação.

Alma de artista, elle apurou suas qualidades no contacto constante com a natureza, nella bebendo toda a inspiração que o levou tão depressa ás perfeições desse difficil genero de arte.

A primeira exposição particular, realizou-a Garcez ainda com a idade de dezeséis annos apenas, com a apresentação de cerca de quarenta télas onde já se revelava o seu grande temperamento e a sua grande qualidade de artista nato, sendo bem recebido ahi, pelo publico e pela imprensa, que não lhe regatearam applausos e encorajamentos.

Cumprido o primeiro contacto com o meio social, dois annos depois, em 1921, realizava o pintôr santista, uma segunda exposição no "hall" do antigo Polytheama Rio Branco. Eram 33 télas de valôr que vinham integrar o jóven artista na galeria dos bons pintôres que a cidade teve occasião de apreciar. Visitando a exposição, manifestou-se a critica da "Tribuna" local da seguinte forma:

"No "hall" do Polytheama Rio Branco visitamos hontem interessante exposição de trabalhos devidos ao pincél de Gentil Garcez.

Esta segunda apresentação do jóven pintôr santista, é já uma fôrte affirmação de arte perante o nosso publico. Gentil Garcez é um precóce. Os seus trabalhos impressionam pela belleza e novidade dos motivos, tanto quanto elle procurou transportar para as suas télas aspectos e paisagens das nossas praias tornadas pastichadas horriavelmente por quanta mediocridade aqui se arvora em pinta-monos.

Bastava essa projecção de personalidade, esse renascimento de emoção criadora, para pôr em fóco o bello talento que é Gentil Garcez, se em seus trabalhos não se observasse já a preocupação do rigôr technico. "Tarde de Santos", "Nocturno" e varios outros trabalhos que podem ser destacados, evidenciam em Gentil Garcez um bem equilibrado sentimento da natureza,

sabendo reproduzir fielmente toda a emoção artistica experimentada, seja deante daquelle velho muro (S. Sebastião), seja em face de alguns objectos em um canto de mesa”.

Angelo Guido, o excellente artista e escriptôr, inimigo de criticas de pintura, visitando a exposição desse pintôr de dezoito annos, não resistiu á vontade de dizêr ao publico quem éra Garcez atravéz de sua opinião franca e desinteressada, e assim, vemol-o numa columna inteira da “Tribuna” de 30 de Maio daquelle anno de 1921, expressar-se desta forma:

“Gentil Garcez é mais uma alma que accorda para os tormentos da arte e do sonho. Para mim a ultima exposição desse moço cheio de esperanças e dotado de



“Retirando o Barco” — Notavel téla de Garcez.

bello talento, foi uma revelação. Não julgava que num meio tão ingrato para a arte como Santos, se pudesse em tão pouco tempo progredir tanto. Venho seguindo ha dois annos os progressos artisticos de Gentil Garcez e cada vez mais me convenço de que esse jóven artista é uma grande promessa para a Arte no Brasil.

Sou avesso ás criticas de arte, especialmente quando se trata de pintura, por ser tão explorada por quanta mediocridade existe, incapaz de ganhar a vida por

um meio mais honesto do que o de impingir á humanidade borões com titulos pomposos. Escrevo a respeito de Gentil Garcez porque trata-se de um moço despretencioso que se está desenvolvendo com esforços inauditos e que, acima de tudo é sincero, porque ama mais a sua arte do que toda a gloria futil, tão facil de se conquistar aqui no Brasil, quando não se tem talento mas dispõe-se de amigos na imprensa ou de uma bôa garganta. Sirva-nos de exemplo aquella bailarina no Municipal de São Paulo, cujo "fiasco" escandaloso provou mais uma vez quanto esses "almofadinhas" da "bôa imprensa" illudem-se ou fingem illudir-se quando "convem" ou quando se trata de grangear "agradecimentos expressivos".

Gentil Garcez é timido, incapaz de mendigar um pouco de gloria, eis porque o admiro e tenho como que uma ingenua ternura pela sua arte tão cheia de bellas promessas.

Elle ainda não é um artista feito porque ainda vacilla entre diversas escolas, mas adivinha-se nos seus trabalhos um talento admiravel que se está manifestando, indeciso como as claridades de um crepusculo, que promettem um magnifico alvorecer; adivinha-se o artista que se está fazendo e que em breve vencerá todas as difficuldades e exprimirá maravilhosamente toda a belleza que já sente e tenta exteriorisar pela magia do colorido.

Os quadros de Gentil Garcez resentem-se de varios defeitos, mas revelam um temperamento artistico pouco commum, e já manifestam qualidades preciosas, que, se forem bem orientadas farão do jovem estudante de hoje uma gloria do futuro.

Percebe-se que elle procura pintar fielmente o que vê e sente o que pinta. Toda a arte deve traduzir a verdade quér seja objectiva quér seja subjectiva. Além disso toda obra de arte deve dizer alguma cousa; o artista deve ver algo que os outros não viram, deve ter uma visão sua, completamente sua, para nol-a revelar: e traduzir assim com sua obra, aquillo que muitas vezes sentimos sem poder explicar. Gentil Garcez vive nos seus quadros; transmite ás suas télas alguma cousa que elle viu e sentiu, uma parte da sua alma sensivel á belleza, a essa belleza que nem sempre é possivel transmittir como é sentida.

“Tarde”, “Manhã brumosa”, “Noite de luar”, “Tarde chuvosa”, “Canto de praia” e outras paisagens, são cheias de poesia comunicativa, e repassadas de uma suavidade quasi melancolica, que traduz perfeitamente um temperamento sentimental, capaz de sentir essas vibrações subtis da natureza que são as que elevam para uma arte nobre e aprimorada”.



Outra tela de Gentil Garcez

Estas palavras, ditas por Angelo Guido, valem por uma consagração.

De 1921 em diante, mais e mais se aprimorou Garcez na sua arte, desvendando todos os segredos da technica até então irrevelados á sua capacidade e eliminando as arestas de sua interpretação muito moça.

Em 1922 tomou parte na primeira Exposição Geral de Bellas Artes, em São Paulo, com tres ou quatro telas.

Em 1923 realizou nova Exposição em Santos, a terceira de sua brilhante trajectory artistica, com trinta e poucas telas.

Com intervallos de dois annos, realizou ainda mais duas Exposições de varios generos.

Em 1934 participava do Primeiro Salão Paulista de Bellas Artes, com as telas “Meditação”, “Fugitivo” e “Para a pesca”.

No anno seguinte, 1935, figurava tambem no Segundo Salão Paulista de Bellas Artes, agora com as telas “Barqueiro”, “Longe da Patria”, “Volta do Trabalho” e “Manhã

de Abril", merecendo destaque entre os concorrentes e optimas referencias de toda a imprensa paulistana, que o qualificou entre os grandes pintores de São Paulo.

Em Setembro deste anno de 1936 realizou Garcez sua sexta exposição em Santos, exhibindo 40 télas primorosas, entre as quaes:

"Mendigo" — "A onda" — "Luz e Sombra" — "Ultimos raios" — "O quinhão" (adquirido por Jayme L. Vianna) — "O fugitivo" — "Longe da patria" — "Dia de Sól" (adquirido por Benjamin Mendonça) — "O Velho" — "Volta do Campo" (adquirido pelo Dr. Edgard Boturão) — "Vendedora de fructas" (adquirido por Jayme L. Vianna) — "Sol na estrada" (adquirido por Walter Waenny) — "Brumas da manhã" — "Caricias de sól" (adquirido por Rocha e Silva) — "Mimosa" (adquirido pelo Dr. Oscar Cox) — "Troncos" (adquirido pelo Snr. Francisco Boturão) — "Na feira" (adquirido pelo Dr. Oscar Cox) — "Volta do Trabalho" — (adquirido pelo Snr. Ulysses L. Vianna) — "Manhã de Sól" (adquirido pelo Dr. Oscar Cox) — "No pasto" (adquirido pelo Centro de Cultura Paulo Gonçalves) — "Praiano" — "Sol e Sombra" (adquirido por Francisco Boturão) — "Cachimbandô" (trabalho de espátula) "Reflexos" — "Mãe pobre" — "Amigos". (adquirido por Jayme L. Vianna) — "Retrato do Snr. Lucovich" (encomenda do mesmo) — "Meditação" (adquirido por Da. Ruth V. Barros), "Para a pesca" (adquirido pela mesma senhora), e a grande téla "Retirando o barco", adquirido por 2:500\$000 pelo Dr. De Placido e Silva, do Paraná. Gentil Garcez lecciona pintura e desenho em Santos, e, nesta sua ultima exposição apresentou ao publico de sua terra os primeiros trabalhos de sua melhor alumna — a senhora Walter Waenny — com cerca de vinte trabalhos. Conta-se já por centenas de quadros, a obra artistica de Garcez, sobresahindo entre tantos o "Retrato do pintor Benedicto Calixto" adquirido pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em cujas salas figura, e mais alguns de identica importancia.

Conhecemos ainda de sua autoria, as seguintes télas:

"Tarde de Santos" — "Rancho de pescadores" — "Crepusculo" (Itararé) — "Frutas" — Paisagem" — "Apóz a pesca" — "Manhã brumosa" — "Effeitos de luar" "Pê de vento" — "Poente" — "Nocturno" — "Verdi" — "O anoitecer" — "Manhã" — "Canto de praia" (Guarujá) — "Rochas" (Iha Porchat) — "Framboião da fonte" (São Sebastião) — "Tarde chuvosa" — "Vista da cidade" (São Sebastião) — "Choupana de pescadores" (São Sebastião) — "Ao longe" (São Sebastião) — "Velho tamarindeiro" (S. Sebastião) — "Paisagem" (São Sebastião) — "Velho muro" (São Sebastião) "Canto de praia" (São Sebastião) — "Ruinas" (Villa Bella) — "Pôr de sól" (S. Sebastião) "Noite de luar" (S. Sebastião) — "Ruinas" (S. Sebastião) — "Ultimos raios" (São Sebastião) — "Estudo" — "José Menino" (Santos), "Retrato de Francisco Dalmonte", feito por encomenda de Figueiredo Lima & Cia, e "Carneiros", adquirido por Decio F. de Vasconcellos.

Tal é o artista, nascido em Santos, feito em Santos, e em Santos desenvolvido, cujo valor os factos ahi estão testemunhando, e que com todo o direito faz parte da galeria dos filhos de que se orgulha a cidade.

APPENDICE

(Alguns documentos)

TRANSCRIPÇÃO DE JOÃO DE BARROS — DÉCADA I.^a
I, 2.^o — PAG. 148

“Tambem se descobrio a ilha de S. Thomé, Anno Bom e a do Principe por mandado de El-Rei D. Affonso, e outros resgates, ilhas das quaes não tratamos em particular por não termos quando e porque capitães foram descobertas; porem sabemos na voz commum serem mais cousas passadas e descobertas no tempo desse rei de que temos escripto; *assim como uma ilha que ainda hoje por nós não é sabida e que foi achada no anno de quatrocentos e trinta e oito annos*; e por não parecer extranho o que digo, trarei um testemunho, em que entram muitas testemunhas desta verdade.

Atravessando o anno de quinhentos e vinte cinco uma armada de Castella, da costa de Guiné para a costa do Brasil, a qual ia para as nossas ilhas do Maluco, de que era capitão-mór Fr. Garcia de Loaisa, commendador da Ordem de S. João, da qual viagem nós houvemos um roteiro, conta o autor delle umas razões, que nesta paragem houveram um D. Rodrigo da Cunha, fidalgo andaluz, capitão da náó S. Thiago daquella armada, e S. Thiago Guevara, Biscainho, capitão de uma patara chamada tambem S. Thiago.

Isto sobre competencia de quem levaria ante o capitão-mór um navio portuguez a que ambos arribaram, o qual vinha da Ilha de S. Thomé carregado de negros; e de palavras vieram estes capitães ás bombardadas, e comtudo a caravella foi levada ante o capitão-mór, o qual teve pratica com o piloto para o levar comsigo,

etc do qual piloto (segundo conta o autor do roteiro) souberam como os denodados portugueses estavam em Maluco, onde tinham feito uma fortaleza; e que seguindo elles sua viagem, sendo dois grãos da parte do Sul, acharam uma ilha despovoada de gente, chamada S. Matheus, em que haviam duas aguadas, uma muito boa e outra não tal; em duas arvores estava escripto que havia 80 annos que nella estiveram portugueses, e tinha maneira de ser já aproveitada por haver nella muita fruta, especialmente laranjas doces, palmeiras e gallinhas como as desta parte de Hespanha, de que mataram muitas a bésta, que andavam por cima do arvoredor. Conta mais outras cousas que acharam nella, de que sómente tomei estas por testemunho do que acima dissemos, terem as nossas mais terras descobertas naquelle tempo, do que achamos na escriptura de Gomes Eanes de Azurara.

E não é novidade achar-se esta memoria de escriptura em arvores, porque naquelle tempo o costumavam muito; alguns por louvor do infante D. Henrique escreviam o motte de sua divisa, que como vimos atraz, era — *Talent de bien faire* — porque sómente esta memoria escripta na casca dos dragoeiros haviam que bastava por posse do que descobriram em algumas arvores de páo. Depois (como adiante veremos) El-Rei D. João II em seu tempo mandou pôr padrões de pedra com letreiro em que diz o tempo e por quem aquella terra foi descoberta, e isto bastava por posse real, e ao presente ainda as fortalezas feitas na propria terra não bastam, porque veio a cobiça dos homens inventar leis conforme a ella.....”

ESCRITURA DE DOAÇÃO DAS TERRAS DE JARABATYBA A BRAZ CUBAS

(Publica Fôrma offerecida ao Instituto Historico de São
Paulo, pelo socio M. Pereira Guimarães)

("Revista do Instituto Historico e Geographico de
São Paulo" — 1902 — Vol. VI — Pags. 297/298).

"Saibão quantos este instrumento de doação virem
"que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus
"Christo de mil quinhentos e trinta e seis annos, em
"vinte e cinco dias do mez de Setembro na Cidade de
"Lisbôa juncto do Mosteiro de São Francisco dentro nas
"casas de morada da Senhora Dona Anna Pimentel,
"mulher do Senhor Martim Affonso de Souza, que anda
"na India, que nosso Senhor, traga a este Reino-Amem-
"estando ahi presente a dita Senhora Dona Anna como
"procuradora bastante e abondosa do dito Senhor Mar-
"tim Affonso, segundo logo amostrou e fez certo por
"um publico instrumento de sua procuração do qual o
"traslado he o que ao adiante se segue. — PROCURA-
"ÇÃO. — Saibam os que este instrumento de procura-
"ção virem que no anno do Nascimento de Nosso Se-
"nhor Jesus Christo de mil quinhentos e trinta e quatro
"annos em tres dias do mez de Março na cidade de
"Lisbôa nas casas do Duque de Bragança, em que ora
"pousa o Senhor Martim Affonso de Souza do Conse-
"lho de El Rei nosso Senhor, morador na dita Cidade,
"estando elle ditto Martim Affonso de Souza, hi a isto
"presente e por elle foi dito que elle fazia como logo
"de feito fez por seu certo procurador abastante na
"melhor forma e modo que o elle pode e devesse e por
"direito mais valer a Senhora Dona Anna Pimentel....
"e posto que esta escriptura fosse continuada em tres

“dias do mez de Março não foi assignada senão aos seis
“dias do ditto mez de Março do ditto anno nas casas
“sobreditas — Testemunhas que presente foram Jaco-
“me Luiz morador em Bragança e Diogo de Meirelles,
“seo Criado e Antonio Gonçalves, morador nesta Ci-
“dade e eu Antonio do Amaral Tabaliam Publico por
“El-Rei Nosso Senhor nesta Cidade de Lisbôa e seus
“termos que este instrumento escrevi e assignei
“aqui do meu publico signal a qual prôcuração fica na
“mão da ditta Senhora; e trasladada a ditta procura-
“ção como já vai declarado logo por ella Senhora Dona
“Anna foi ditto que ella em seu nome e em nome e co-
“mo procurador que hé do ditto Senhor Martim Affon-
“so e pelo poder e virtude da dita prôcuração por este
“publico instrumento e do seo prazer e bôa e livre von-
“tade por muita obrigação em que o dito Senhor Mar-
“tim Affonso e ella senhora são a Bras Cubas seo crea-
“do, que no presente estava e por lhe querer todo ga-
“lhardoar e satisfazer, disse que lhe fasia ora como de
“feito logo fes ao dito Bras Cubas livre e pura e irrevo-
“gavel dôação entre vivos valedoira deste dia para todo
“o sempre para elle e para todos os seus herdeiros e
“successores que depois delle virem de toda a terra que
“tinha e possuia no Brazil hum Henrique Montes, que
“matarão no Brazil a qual terra está na Povoação de
“S. Vicente do dito senhor Martim Affonso e a ditta
“terra poderá ser de grandura de duas legoas e meia
“pouco mais ou menos até tres legoas por costa e por
“dentro quanto se puder estender, que fôr da conquista
“de El-Rei nosso Senhor e que está onde chamão Ja-
“rabatyba, assim que pelo braço de mar dentro e mais
“lhe faz dôação de hua Ilha Pequena que lhe está junta
“da ditta terra, que outro sim, era do ditto Henrique
“Montes que tudo lhe assim dôa e faz delle mercê por
“suas direitas confrontações com que parte e de direito
“deve de partir com todas suas entradas e sahidas e
“direitos pertencas-serventias e logradouros possessoens
“assi e pelo modo e maneira que todo está par a elle
“e para todos os seus herdeiros e successores que de-
“pois delle vierem e com tal condicção e declaração
“que nem o ditto Bras Cubas nem os seus herdeiros
“que ao diante succederem a não poderão vender dar
“ou doar, nem trocar nem escambar nem faser della
“nenhum partido, mas sempre andará na geração e

“linha assi transversal como direita do ditto Bras Cubas
“e mais com outra condição que se acaso fôr, o ditto
“Bras Cubas ou quem quer que á ditta terra succeder,
“fizerem alguma cousa que não fôr em serviço do ditto
“Martim Affonso ou do Senhorio que á ditta terra suc-
“ceder, que por este caso as terras d’esta doação se
“perderão p.^a o senhorio e poderão dar a quem quizer.
“E porem logo a ditta Senhora em seu nome e em nome
“do dito Martim Affonso e por poder, e virtude da d.^a
“procuração tirou logo e dimittio e renunciou de si todo
“o direito e acção, posse e propriedade, uso e fructo, e
“util dominio, e senhorio, que ambos tinham e podião
“ter na terra desta doação e em todas as suas pertencen-
“ças, e todo jus. E se deu logo e transpassou em mam
“e poder do d.^o Bras Cubas, e em todos seus herdeiros,
“successores, q. depois d’elles vierem p.^a que hajão, e
“logrem e possuão de hoje em diante p.^a sempre, e que
“fação nella bemfeitorias, e aproveitem; e lhe deu logo
“lugar e poder p.^a q. elle por poder e virtude deste ins-
“trumento, e sem mais sua auctoridade della Snra. nem
“do ditto Martim Affonso possa della tomar posse real-
“mente com effeito por instrumento publico. E por este
“mandou Gonçalo Mont.^o vigario, e feitor do ditto Se-
“nhor Martim Affonso, e assim quem seu cargo tiver, e
“este instrumento fôr apresentado que lhe entreguem
“a ditta terra, e lhe demarquem, e o deixem metter
“posse della, p.^a q. a ditta terra seja do ditto Bras Cubas,
“e prometteu e se obrigou a lhe fazer boa esta doação,
“e lha guardar e defender a fazer boa, livre e segura e
“de paz e de quem lhe sobre ella algum embargo puzer
“e lhe será elle autor e defensor p.^a o qual obrigou
“todos seus bens do ditto Senhor Martim Affonso por
“poder da ditta procuração e em testemunho da ver-
“dade assim e outorgou e lhe mandou delle ser feito
“este instrumento e qual Bras Cubas que presente es-
“tava a todo assim pedio e acceitou e ella Senhora pro-
“metteu a mim Tabelião, como pessoa estipulante e
“assistente em nome a quem isto pertence, de lha toda
“assim cumprir, manter como este instrumento se con-
“tem; e disse mais a ditta Senhora D. Anna que ella
“faz mercê e doação ao ditto Bras Cubas posto caso
“que o ditto Henrique Montes não tivesse titulo nem
“escrittura da dita terra porque Henrique Montes tinha
“do ditto Senhor Martim Affonso sem ter delle escriptu-

“ra e que por este caso que a elle Hemrique Montes
“tivesse e a tivessem seos herdeiros que com todas estas
“clausulas ella fas mercê e doação ao dito Bras Cubas
“de todas ditas tres legoas de terras por costa e p.^a
“dentro quanta terra puderem q. sejão da conquista del
“Rey nosso Senhor, e mais a ditta Ilha declarada, que
“está defronte della, a qual terra está onde chamão Ja-
“rabahitybassú, e ella deo com a condição e declaração
“da doação e foral, por onde el Rey nosso Snr. deo ao
“ditto Martim Affonso a terra, que elle tem no Brazil
“e suas povoações; e pelas tais condições haja a ditta
“terra, e depois seus herdeiros, e posto que este instru-
“mento fosse continuado no dia do mes e anno e onde
“des foi pela dita Senhora Dona Anna a isto presente
“outorgado na ditta cidade dentro nas casas de sua mo-
“rada aos vinte e sete dias do mes de Outubro do ditto
“anno testemunhas que presentes foram Antonio de
“Freitas, Mestre de Gramatica, que ensina ao Senhor
“Pedro Lopes filho da dita senhora Dona Anna, e An-
“tonio seo creado e eu Antonio Luiz Publico Tabellião
“de El-Rei Nosso Senhor da Cidade de Lishôa e seus
“termos que este instrumento escrevi e assignei e meo
“publico signal fis que tal hé.”

AUTO DE POSSE DAS TERRAS DE JARABATYBA
E ILHA PEQUENA LAVRADO EM FAVOR DE
BRAZ CUBAS

“Saibam quantos este publico instrumento publico
“de demarcação e posse dado por authoridade de jus-
“tiça virem que no anno do Nascimento de Nosso Se-
“nhor Jesus Christo de mil quinhentos e quarenta annos
“aos des dias do mez de Agosto em esta Villa de S.
“Vicente Costa do Brazil em a Capitania em que he
“Governador o Senhor Martim Affonso de Souza e pe-
“rante Antonio de Oliveira Capitão e logo Tenente por
“o ditto Senhor e seu auxiliar com alçada pareceu Bras
“Cubas moço da Comarca de El-Rei Nosso Senhor mo-
“rador em ella e a elle Capitão apresentou hum Ins-
“trumento publico de dadas de terras que a senhora
“Dona Anna Pimentel deo ao dito Bras Cubas... reque-
“ria elle Bras Cubas a elle Antonio de Oliveira Capitão
“lhe demarcasse a dita terra e metter de posse della por

“quanto ora vinha para aproveitar com gente e fazenda
“sem embargo de passar já de tres annos que gastara
“cô sua fazenda para a aproveitar o que não se pudera
“fazer por a terra que lhe assi é dada ser povoada de
“gentios e para os lançar fóra e se povoar a dita terra
“há mister muito custo o que agora trasia para isso, e
“visto por elle Capitão mandou logo em dito dia a de-
“marcar a dita terra e ao metter de posse della.....
“em a qual terra por boca desde o ditto rio de Jerebati
“até o ditto outeiro elle Capitão fes pergunta a Antonio
“Rodrigues o lingua desta terra e a Mestre Bartholo-
“meu Ferreira e a Rodrigo de Lucena feitor do Senhor
“Governador aos quaes pelo juramento dos Santos Evan-
“gelhos..... e com esta dita terra já demarcada lhe
“foi tambem dada a dita Ilha que na sua data disse a
“qual está defronte das ditas suas terras e de fronte
“nesta Ilha de S. Vicente onde chamão Emguaçú das
“ditas terras assi da terra firme como da outra elle
“Capitão lhes houve por demarcados pelas demarca-
“ções já ditas e metheu logo de posse dellas realmente
“em feito visto já a obra que na dita Ilha tem de ca-
“naveaes e mantimentos.... e porelle ditto Bras Cubas
“foi tambem pedido a elle Capitão mandasse a mim
“Tabellião que desse aqui minha fé em como haviam
“tres annos que João Pires Cubas, seu pae viera a esta
“terra com fazenda e gasto para aproveitar as ditas ter-
“ras e tomado posse dellas e aproveital-as o que toda
“deixou de fazer por a dita terra ser habitada por gen-
“tios nossos contrarios e por esse respeito as não pudera
“nem podia aproveitar e porem que sempre fes fazenda
“nesta terra por elle Bras Cubas a sua custa, compran-
“do as roças e mantimento muito caro e o Capitão lha
“mandou dar e eu Tabellião em cumprimento do seu
“mandado digo e faço fé que o ditto João Pires Cubas
“pae de Bras Cubas vira a esta dita terra haverá tres
“annos pouco mais ou menos e lhe vi traser muita fa-
“zenda para esta terra a qual devia ser do ditto seu
“filho e que vinha para aproveitar a dita terra e trasia
“a propria carta de terras que ora apresenta de Bras
“Cubas e requereo alguas veses que o mettesse de posse
“das ditas terras e sei que a dita terra hé mui perigosa
“por parte do gentio que nella habita que são nossos
“contrarios por esse respeito elle João Pires não ousou
“nem pode fazer obra em a dita terra e porem sempre

“fes por outras partes e terras aqui nesta Ilha e fassen-
“da e canaveaes todo em logar do dito seo filho; hé
“verdade que aquelle tempo que o ditto João Pires
“Cubas aqui veio os mantimentos e canas valiam mui
“caros e nisso fes muitos gastos por povoar e aprovei-
“tar a dita terra até que ora veio o dito Bras Cubas seo
“filho a quem entregou todo, o que todo passa em ver-
“dade e portal e por verdade tambem o assignei com
“os mais que aqui assignarão que foram as testemu-
“nhas atras escriptas e o dito Capitão o assignou. E
“eu Antonio do Välle Tabellião Publico Judicial pelo
“Senhor Governador em estas suas terras que este ins-
“trumento fis em este meo livro de Notas por mandado
“do dito Capitão.”

CARTA DE CONFIRMAÇÃO E DOAÇÃO DE
TERRAS A PERO CORRÊA, DADA NA VILLA
DE SÃO VICENTE AOS 25 DIAS DE
MAIO DE 1542, PELO CAPITÃO MÓR
ANTONIO DE OLIVEIRA

(Transcrição em J. Jacyntho Ribeiro — “Chrono-
logia Paulista” — 1.º Vol. Pag. 342).

“ANTONIO DE OLIVEIRA, capitão e ouvidor com
“alçada pelo Snr. Martim Affonso de Souza, governador
“d’esta Capitania de S. Vicente, na costa do Brasil, etc..
“Faço saber aos que esta minha carta de confirmação
“virem, como por Pedro Corrêa, morador n’esta villa
“de S. Vicente, me foi feita uma petição em que diz
“que por Gonçalo Monteiro, que aqui foi capitão, lhe
“foram dadas umas terras da outra banda d’esta ilha,
“que é o porto das náos, terra que era dada a um mestre
“Cosme, bacharel, e outra d’onde chamam Perohybe, e
“é dez ou doze leguas d’esta villa, das quaes terras
“elle Pedro Corrêa tinha carta e lhe cahira no mar, as
“quaes estavam registradas em o livro do Tombo que
“o escrivão de datas tem em seu poder, e me pedindo
“pelas ditas confrontações, que no dito livro do tombo
“estavam, lhe mandasse passar nova carta das ditas
“terras que me pedia, mais uma ilha de tres que estão
“defronte da dita terra de Perohybe para seu aposenta-

“mento de carga e descargas das naos, convem a saber:
“das ditas tres ilhas a maior d’ellas, e visto seu pedi-
“do, digo que eu lhe dou a dita ilha que assim me pede,
“entendendo-se a dada d’ella de hoje por diante, e lhe
“confirmo as mais terras de hoje por diante, e isto será
“pelas confrontações conteudas no livro do Tombo, as
“quaes o escrivão as declarará na carta, assim e da
“maneira que no dito livro e registro é conteúdo, con-
“vem a saber: as demarcações dellas, as quaes eu es-
“crivão dou fé e digo ser verdade, que no dito livro
“do tombo, são duas cartas registradas da terra que
“Gonçalo Monteiro, sendo capitão deu ao dito Pedro
“Corrêa, e partem em esta maneira: a 1^a, que foi dada,
“que é defronte d’esta ilha e villa de S. Vicente, que
“era antes dado pelo governador a um mestre Cosme,
“bacharel, que o dito Pedro Corrêa houve por devolu-
“tas; começa a partir do porto das náos, partindo com
“terras de Antonio Rodrigues até ir partir com terras
“de Fernão de Moraes, defunto, ou com cujos forem
“d’aquí por diante, e a melhor declaração, assim como
“se achar que o dito bacharel mestre Cosme partia,
“porque pelas proprias demarcações que lhe era dada,
“a deu ao dito Pedro Corrêa, e onde começou a partir
“que é no dito porto das náos; ficará um rocio de tiro
“de arco, assim o foi mandado e ordenado pelo Snr. go-
“vernador, que fique livre e desembargado para quan-
“do as náos alli ancorarem. A 2^a terra, que dizem
“Perohybe foi dada ao dito Pedro Corrêa pelo dito Gon-
“çalo Monteiro, nomeadamente para elle Pedro Corrêa,
“e para um seu irmão que esperava vir a esta terra, e
“que não vindo ficasse toda a elle dito Pedro Corrêa,
“e parte n’esta maneira trasladada letra por letra do
“dito registro de terras seguintes:

“Em Perohybe, convem a saber: d’onde foi aldêa
“dos indios, indo desta villa de S. Vicente para a dita
“aldêa dos indios, Perohybe começa a partir de um re-
“gato que está áquem da dita aldêa, que chamam em
“lingua dos indios Tapyramma, que é desta banda do
“levante, e da outra banda do poente passando o rio
“grande que se chama Guaraype, e em nosso nome lhe
“puzeram Santa Catharina, partindo pelo mar, assim
“como vai á costa, e pela banda de terra entrará tanto
“a dentro quanto tem de costa, de maneira que tanto
“haja na boca pelo mar e costa, como na estrada pela

“dita terra, as quaes terras dou ao dito Pedro Corrêa
“novamente, e mais lhe dou a dita ilha que já atrás
“digo, a qual eu escrevão dou fé, e o dito Antonio de
“Oliveira, capitão, apresentou á Camara e povo d’esta
“villa um instrumento publico de poder e procuração,
“que parece ser feito em Lisbôa em os 16 dias do mez
“de Outubro de 1538 annos, por um tabellião por nome
“Antonio do Amaral, em o qual disse que dá fé em
“como a Snra. Da. Anna Pimentel, mulher do dito Snr.
“governador, tem sua procuração bastante para por
“elle dito Snr. Governador ella fazer o que bem lhe pa-
“recer, em administração de suas terras e fazenda, com
“poder de substabelecer em quem a dita senhora quizer,
“em virtude da qual substabeleceu ao dito Antonio de
“Oliveira por procurador em nome de ambos, e o fazem
“capitão e ouvidor com alçada em toda a dita capita-
“nia, etc.. Por virtude da qual dou as ditas terras e
“confirmo com o dito é no dito Pedro Corrêa, n’esta
“villa de S. Vicente, aos 25 de Maio de 1542. — ANTO-
“NIO DE OLIVEIRA.

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo, em Junho de 1937.*